



Barco - Óleo sobre tela de Nilda Silva, 1,00m x 1,33m, 1981, acervo do Senado Federal.

.....

VIAGENS PELO AMAZONAS
E RIO NEGRO



Mesa Diretora
Biênio 2003/2004

Senador José Sarney
Presidente

Senador Paulo Paim
1º Vice-Presidente

Senador Eduardo Siqueira Campos
2º Vice-Presidente

Senador Romeu Tuma
1º Secretário

Senador Alberto Silva
2º Secretário

Senador Heráclito Fortes
3º Secretário

Senador Sérgio Zambiasi
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador João Alberto Souza
Senador Geraldo Mesquita Júnior

Senadora Serys Slhessarenko
Senador Marcelo Crivella

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim
João Almino

Carlyle Coutinho Madruga
Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 17

VIAGENS PELO AMAZONAS E RIO NEGRO

Alfred Russel Wallace

Notas de
Basílio de Magalhães



Brasília – 2004

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 17

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2004

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF

CEDIT@senado.gov.br

<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

.....

Wallace, Alfred Russel, 1823-1913.

Viagens pelo Amazonas e Rio Negro / Alfred Russel

Wallace ; notas de Basílio de Magalhães. -- Brasília :

Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

630 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 17)

1. Brasil, descrição. 2. Vale amazônico, descrição.
3. Rio Negro, descrição. 4. Índios, Vale amazônico. I.
Título. II. Série.

CDD 918.11

.....

.....

Sumário

Alfred Russel Wallace – (Algumas notas sobre a sua vida, bibliografia e contribuição para a teoria do transformismo) – por Basílio de Magalhães

pág. 13

Prefácio do autor à 1ª edição

pág. 31

Prefácio do autor à 2ª edição

pág. 33

CAPÍTULO I

Belém do Pará

Chegada a Belém do Pará – Aspectos das cidades e seus arredores –
Os seus habitantes e seus costumes – Vegetação – Plantas sensitivas
– Sáurios – Formigas e outros insetos – Pássaros – Clima
– Alimentação dos habitantes

pág. 35

CAPÍTULO II

Pará

Festas – Padrões monetários português e brasileiro – Sítio do Sr. Borlaz
– Excursão aos engenhos – Floresta virgem – Plantas e insetos
– Árvore-vaca – Engenho de serra e máquina de beneficiar arroz
– Caripé ou árvore para cerâmica – Seringueiras – Flores e árvores
em florescências – Formigas saúvas, vespas e bichos-de-pé – Passeio
por água a Maguari – Macacos – O comandante de Laranjeiras
– Morcegos-vampiros – Comércio de madeiras
– *Boa constrictor* – Preguiças

pág. 53

CAPÍTULO III

O Tocantins

Canoa, provisões e tripulação – Rio Moju – Igarapé-Mirim – Cameté
– O Sr. Gomes e a sua propriedade – Procurando recursos para o jantar – Jambuaçu – Polidez epistolar – Baião e seus habitantes – Um exame de vespas – Penetrando as zonas rochosas – A mutuca
– Dificuldade para arranjar homens – Uma aldeia sem casas
– Apanhando um jacaré – Caçando patos – Aroiás e as cachoeiras
– Concerto noturno – Araras azuis – Ovos de tartaruga
– Um pequeno acidente – Possibilidades da região
– Regresso a Belém do Pará

pág. 87

CAPÍTULO IV

Mexiana e Marajó

Visita a Olaria – Hábitos das aves – Excursão a Mexiana – Chegada – Pássaros – Descrição da ilha – Sua população – Os escravos, seu tratamento e seus costumes – Excursão ao lago – Um bonito rio – Peixes e aves do lago – Caçada de jacarés – Ruídos curiosos – Abundância de vida animal – O regresso – Carne de jaguar – Visita a Juncal, em Marajó
– Embarque de gado – Ilha das Flechas

pág. 121

CAPÍTULO V

Rios Guamá e Capim

Luís, o caçador a serviço de Natterer – Pássaros e insetos – Preparativos para uma excursão – Primeiros sinais da pororoca – São-Domingos
– O Sr. Calixto – Escravos e escravatura – Anedota – Canavial – Excursão à floresta – Explicação da pororoca – Regresso a Belém do Pará
– Arapongas e papagaios verde-amarelos

pág. 153

CAPÍTULO VI

Santarém e Monte-Alegre

Deixando Belém do Pará – Entrando no Amazonas – Seus aspectos característicos – Chegada a Santarém – A cidade e seus habitantes
– Viagem a Monte-Alegre – Praga de mosquitos e meios de combatê-los

- Excursão às serras – Uma fazenda de criação de gado – Rochas, inscrições e grutas – A vitória-régia – Roças de mandioca – Uma festa
 - Regresso a Santarém – Belos insetos – Curiosos fenômenos de maré
 - Partida de Santarém – Óbidos – Vila-Nova – Um padre bondoso – Serpa – Dia de Natal no Amazonas
- pág. 179*

CAPÍTULO VII

Barra do Rio Negro e o Solimões

- Aspectos do rio Negro – A cidade da Barra – Seus habitantes e comércio local – Excursão pelo rio Negro acima – A língua geral – O “gavião-de-penacho” – Modo de vida dos índios – Regresso a Barra
- Estrangeiros na cidade – Excursão ao Solimões – O igapó
 - Manaqueri – Vida de campo – Araçarís de cristas aneladas
 - Urubus e onças – Cultura e preparo de tabaco – O peixe-boi
 - O Sr. Brandão – Uma pescaria com o Sr. Henrique
 - Cartas da Inglaterra
- pág. 213*

CAPÍTULO VIII

Alto Rio Negro

- Deixando Barra, em demanda do alto rio Negro – A canoa e seu carregamento – Grande largura do rio – Carvoeiro e Barcelos – Rochas graníticas
- Castanheiro – Um velho polido – São-José – Uma nova linguagem
 - As cachoeiras – São-Gabriel – Nossa Senhora da Guia
 - o Sr. L. e sua família – Excursão ao rio Cobati
 - Uma aldeia indígena – A serra – “Galos-da-Serra” – Volta a Guia
 - Frei José dos Santos-Inocentes
- pág. 249*

CAPÍTULO IX

Javita

- Partidas de Guia – Marabitanas – Serra de Cucuí – Entrando no território de Venezuela – São-Carlos – Passando o Caciquire
- Antônio Dias – Índios construtores de barcos – Trabalhos de penas
 - Maroa e Pimichim – Uma onça preta – Serpentes venenosas

– Pescando – A caminho de Javita – Demora ali – Índios construtores de estradas – Língua e costumes – Descrição de Javita – Fuga dos índios – Coleções feitas em Javita – Regresso a Tomo – Um tumulto doméstico – Marabitanas e seus habitantes – Alcançando Guia

pág. 297

CAPÍTULO X

Subindo, pela primeira vez, o rio Uaupés

Forte correnteza – Uma taba indígena – Os seus moradores – Uma festa – Pinturas e ornatos – Doenças – São-Jerônimo – Passando as cachoeiras – Juarité – O *tuxana* Calixto – Curiosa palmeira – Pássaros – Provisões baratas – Comendo formigas – Vermes terrestres – Uma grande dança – Ornatos de penas – A “dança-da-cobra” – O *capí* – Um enorme cigarro – Ananá-rapicôma – Peixes – Bichos-de-pé – Descendo as cachoeiras – Caçando pássaros – Orquídeas – Os *piuns* – Comendo terra – Um envenenamento – Volta a Guia – Manuel Joaquim

– Demoras enervantes

pág. 345

CAPÍTULO XI

No rio Negro

Dificuldades para a partida – Descendo as cachoeiras – Pescando um jacaré – Papagaios mansos – Quinze dias em Barra – Diplomacia de frei José – Salgando um peixe-boi – Tempestade no rio – Veracidade brasileira

– *Uananaca* – Possibilidades da região – Uma cobra enorme

– São-Gabriel – São-Joaquim – Acessos de febre

pág. 397

CAPÍTULO XII

As cachoeiras do Uaupés

Partida para o Uaupés – São Jerônimo e Juarité –

Numerosas cachoeiras – Alcançando Caruru – Acesso difícil – Maloca pintada – “Música-do-diabo” – Outras quedas mais – O ucuqui – Rochas curiosas – Alcançando Uarucapuri – Índios cobeús – Alcançando

Mucura – A casa de um índio e sua família – Altitude acima do nível do mar – O tenente Jesuino – Voltando a Uarucapuri
– Aprisionando índios – Viagem até Juaurité – Corrigindo um engano da data – Parada em São-Jerônimo
pág. 427

CAPÍTULO XIII
De São-Jerônimo para baixo

Descendo o rio Negro – Chegada a Barra – Obtenção de passaporte
– Administração da cidade – As transações de portugueses e de brasileiros – Sistema de crédito – Comércio – A imoralidade e suas causas
– Partida de Barra – Lenda da morte – Belém do Pará
– A febre amarela – Partida para a Inglaterra – Incêndio do navio
– Dez dias em botes – Livres de apuros – Ventos contrários
– Falta de provisões – Tempestade no Canal – Chegada a Deal
pág. 459

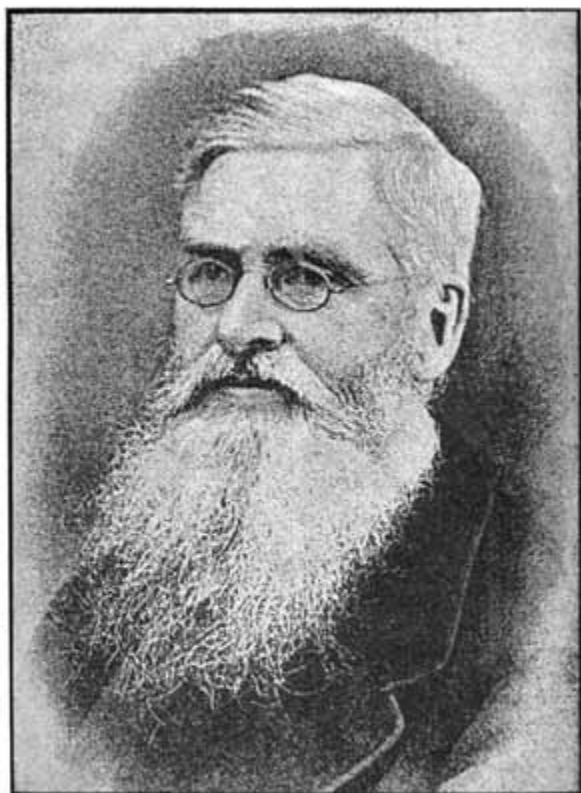
CAPÍTULO XIV
Geografia física, geologia e clima do vale do Amazonas
pág. 501

CAPÍTULO XV
Vegetação do vale do Amazonas
pág. 533

CAPÍTULO XVI
Observações sobre a zoologia do vale do Amazonas
pág. 547

CAPÍTULO XVII
Aborígenes do vale do Amazonas
pág. 575

APÊNDICE
Sobre as inscrições do Amazonas
pág. 625



Alfred R Wallace

Estampa I

.....

Alfred Russel Wallace

*(Algumas notas sobre a sua vida, bibliografia
e contribuição para a teoria do transformismo.)*

N

ASCEU Alfred Russel Wallace a 8 de janeiro de 1823, em Usk, localidade de Monmouthshire. Foi educado na Escola de Hertford. Tendo passado a residir com um irmão mais velho – arquiteto que também se fizera fiscal de impostos –, andou por vários pontos da Inglaterra e do País-de-Gales, com o que não somente adquiriu certos conhecimentos de agricultura, mas também se inteirou das condições sociais e econômicas a que estavam então sujeitas as classes trabalhadoras das terras britânicas. Em 1840, achando-se ao sul do País-de-Gales,

começou a estudar a história natural, ao mesmo tempo que lia relatos de viagens. Apaixonou-se desde logo por esses assuntos. Transferindo-se em 1844 para Leicester, onde lecionou num colégio público, relacionou-se imediatamente com Henry Walter Bates (1825-1892), entomologista de renome, ali nascido e residente. Não tardou a tornar-se presa do ardente desejo de visitar as regiões tropicais, a fim de estudar-lhes a fauna e a flora, pelo que propôs ele a Bates organizarem uma expedição ao Amazonas, na qual, além de fazerem coleções de tudo quanto interessasse à história natural, pudessem também reunir fatos, “com o fito (assim se exprimia ele, numa das suas cartas ao amigo) de resolver o problema da origem das espécies”. Sobre essa matéria já haviam conversado bastante e dela haviam também tratado em sua freqüente correspondência. Resolvida a expedição, partiram de Liverpool, num pequeno navio, a 27 de abril de 1848, alcançando a foz do Amazonas cerca de um mês mais tarde, isto é, a 26 de maio.

Os dois naturalistas iniciaram juntos as suas excursões de estudos, feitas, a princípio, nas circunvizinhanças de Belém do Pará, e, depois, pelo rio Tocantins. Em 1849, cada um deles tomou rumo diverso, tornando a avistar-se em Barra do Rio Negro, onde estiveram juntos de fevereiro a março de 1850. Ali, os dois cientistas novamente se separaram, não mais se encontrando em território brasileiro.¹ Bates resolveu efetuar sozinho a exploração do resto da bacia amazônica, por ele denominada “o paraíso do naturalista”, e ali permaneceu até 1859. Colecionou naquela vasta e diviciosa região cerca de 15.000 espécies zoológicas, das quais pelo menos 8.000, segundo a sua própria asserção, eram novas para a ciência.

Em começos de julho de 1849, chegou a Belém o irmão mais moço de Wallace, a fim de ajudar este em seus trabalhos científicos. Pelo navio que lhe trouxera esse prestimoso auxiliar, despachou Wallace para a Inglaterra as coleções de peixes e insetos, feitas até aquela data, e que,

1 Os dois amigos separaram-se sem o menor desentendimento pessoal, e apenas porque Wallace queria, sobretudo, colher fatos de toda espécie que interessassem ao estudo da origem e evolução dos seres vivos, ao passo que Bates cogitava exclusivamente da entomologia. As relações entre ambos continuaram cordiais, como se infere do que se lê à pág. 266 dos “Travels” de Wallace.

acrescidas de um caixote enviado em agosto de 1850 (como consta do final do capítulo VII), foi tudo quanto se salvou do intenso e arriscado esforço do grande cultor da ciência.

Wallace encarregou-se de explorar outra zona – a do rio Negro e a do alto Orenoco –, reunindo depois todos os dados e observações num livro, aparecido em 1853, e que foi muito bem recebido pelo aplauso dos competentes. Essa obra é a que ora se entrega ao público, vestida para a nossa língua.

Bates, em 1863, também deu a lume o resultado das suas explorações, em dois volumes subordinados ao título de *The naturalist on the river Amazon*, obra da qual existem muitas edições.

Wallace escapou de morrer e sofreu considerável prejuízo, durante a viagem de regresso para a Inglaterra. O navio em que ele embarcara, a 12 de julho de 1852, pegou fogo em pleno mar, a 6 de agosto, perdendo-se os animais e as plantas que o sábio inglês havia colecionado na região amazônica, e ele mesmo andou dez dias à mercê das ondas, curtindo fome e sede, até ser tomado, felizmente, a bordo de outro veleiro, que o conduziu até ao porto de Deal, em 1º do outubro de 1852. Leia-se, na parte final do capítulo XIII, a contristadora narração, feita por ele próprio, dos seus sofrimentos e prejuízos.

Isso, entretanto, não o impediu de pensar desde logo em outra viagem científica a uma nova região tropical – a do Arquipélago Malaio ou Insulíndia. A sua preocupação máxima era sempre a solução do problema da origem das espécies, e ele pensava que só a exuberância de vida da zona tórrida lhe permitiria elementos que o levassem a bom caminho.

Tendo chegado a Singapura, em julho de 1854, deixou-se ficar naquelas regiões do extremo-oriental até ao começo de 1862. Visitou todas as principais ilhas do vasto perímetro malaio: Bornéu, Java, Sumatra, Timor, Celebes, Molucas (com razão chamadas outrora “ilhas de Maluco”), Aru, Ke e Nova-Guiné. Além dos materiais que ali colheu para tantos e tão interessantes trabalhos de biologia, ainda lhe deve a geografia uma contribuição não despreciable, qual a da linha – que se tornou geralmente conhecida por “linha de Wallace” – que dividiu o arquipélago malaio em duas partes, a Indo-Malásia e a Austro-Malásia, devendo-se-lhe também a outra divisória entre a Malásia e a Papuásia. Foi também dali que dirigiu a

Darwin² a comunicação, lida na *Linnean Society* a 1º de julho de 1858, ao mesmo tempo que a do seu preclaro amigo, pelas quais chegaram ambos a estabelecer a teoria da evolução biológica.

É tão interessante o assunto, que vale a pena ficar esclarecido pelo depoimento do próprio Wallace, que é todo o capítulo XIII “págs. 134-142” do seu precioso volume (merecedor de maior divulgação entre os nossos professores de Ciências), intitulado “The wonderful century”. Ei-lo, traduzido bem ao pé da letra:

2 A obra de Charles Robert Darwin (1809-1882), a qual se tornou a pedra fundamental do “transformismo”, por isso mesmo também chamado “darwinismo”, foi dada à estampa em 1859, com o título seguinte: “Origin of species means of natural selection, or the preservation of favored races in the struggle for life”. Tão sensacional foi o êxito desse livro, que a expressão “struggle for life” passou a ser corriqueiramente matraqueada em todo o mundo culto, desde os últimos quarenta anos do século XIX para cá, por quem quer se haja aprazido com citações de estrangeirismos. Mereceu Darwin a admiração das mais conceituadas mentalidades contemporâneas, entre as quais as de Herbert Spencer e Thomas Huxley (1825-1895), tendo sido este último, respeitado anatomista, um dos mais eficientes propagadores da doutrina do transformismo. Sabe-se também que o “darwinismo” teve no Brasil um operoso e fecundo colaborador, que foi Fritz Müller (1822-1897), migrado para Santa Catarina onde dorme o sono derradeiro. Contribuiu ele consideravelmente para a nova doutrina evolucionista não só confirmando a “lei de recapitulação embriológica”, atribuída ao francês Serres, mas formulada por Haeckel sob a forma de que “a ontogênese repete a filogênese” (ou “lei biogenética fundamental”). Como ainda completando a teoria do ‘mimetismo’ já exposta, em linhas gerais, por Darwin, Wallace e Bates, mediante o novo tipo, que ficou batizado com o seu nome, o ‘mimetismo mülleriano’ que é o mimetismo circular. As suas cartas, enviadas da nossa pátria a alguns dos mais reputados sábios da Europa, notadamente as que endereçou a Flaeckel e Darwin, contendo dados então novos para a ciência, não só lhe granjearam o mais alto conceito por parte do respeitado biologista alemão, como também deram ensejo a que o autor da “Origin of species” o consagrasse com o epíteto de “príncipe dos observadores”. Para informações mais amplas sobre a biobibliografia do insigne cientista tudesco, sepultado em Blumenau, há o exaustivo e documentado trabalho de Alfred Moeller Iena, 1921, em 4 vols., e, em nossa língua, dois opúsculos sobremaneira interessantes: o de Roquette-Pinto, “Glória sem rumor” (Rio, 1929); e o de J. Ferreira da Silva, “Fritz Müller” (Rio, 1931). Dos nossos mais competentes compatriotas, que nos últimos anos se referiram ao ‘darwinismo’, analisando-o em linhas gerais e elevadas, merecem citados os Drs. Rodolfo Paula Lopes, em seu trabalho “Elementos de biologia” (Rio, 1911), e Pedro A. Pinto (com o pseudônimo de Paulo Augusto), no seu “Preciso de Sociologia” (Rio, 1938), este às págs. 40-58 e 65-66.

“EVOLUÇÃO E SELEÇÃO NATURAL

Chegamos agora ao assunto que, no conceito vulgar, e, talvez, por sua verdadeira importância, pode ser considerado como a maior conquista científica do século XIX: o estabelecimento da teoria geral da evolução, por meio da mais especial do desenvolvimento do mundo orgânico, através da luta pela existência, e seu imprescindível corolário, a seleção natural. Não obstante haverem sido formuladas, no século anterior, várias alusões e sugestões, por Buffon,³ pelo Dr. Erasmo Darwin⁴ e pelo poeta Goethe,⁵ assinalando a evolução do mundo orgânico, a qual eles indubitavelmente acreditavam ter ocorrido, nenhuma exposição da teoria aparecera até ao princípio da centúria atual, que foi quando Laplace⁶ expôs o seu ponto de vista sobre a evolução do universo astral e dos

3 Buffon (1707-1788), em sua monumental “Histoire naturelle, générale et particulière” (publicada de 1749 a 1789, em 32 vols.), pressentiu o transformismo, como se vê principalmente pelas idéias que expendeu no tomo V, consagrado às “Époques de la nature” (*Nota de Basílio de Magalhães*).

4 Erasmus Darwin (1731-1802) era avô de Charles Darwin. Além de um poema, em que descantou os amores das plantas, publicou, em 1794-1796, a “Zoonomia, or the laws of organic life”, e, em 1799, a “Phytologia, or the philosophy of agriculture and gardening”. O criador da teoria do transformismo foi, portanto, “um caso de atavismo intelectual” (*Nota de Basílio de Magalhães*).

5 Goethe (1749-1832), afirmando que a flor é a folha modificada, foi um precursor do evolucionismo. A. R. Wallace, além do grande poeta, deveria ter citado outro notável alemão que foi também um dos pioneiros da lei de seleção natural: Lorenz Ockenfuss.

Com efeito, Lourenço Ocken (como passou a ser conhecido) desenvolveu todo um sistema biológico em grande número de livros, nos quais deixou patente a infixidez das espécies: “Lehrbuch der Naturgeschichte” (em 3 vols., 1813-1827), “Lehrbuch der Naturphilosophie” (em 3 vols., 1843) e “Allgemeine Naturgeschichte für alle Stände” (em 7 vols., 1833-1845). Foi quem fez entrar no domínio científico a origem vertebral dos ossos cranianos (*Nota de Basílio de Magalhães*).

6 A hipótese das nebulosas ou hipótese cosmogônica de Laplace (1749-1827) foi lançada em sua “Exposition du système du monde” (1796). Conta-se que, ponderando-lhe um dia Napoleão Bonaparte que em dita monografia não se lhe deparara nem uma vez o nome de Deus, o insigne cientista respondera ao terrível curso que “não tinha tido necessidade de mais essa hipótese”. A obra de fôlego de Laplace foi a “Mécanique céleste” (publicada de 1802 a 1805 e de 1823 a 1825), tendo sido vertida para o inglês por Nathaniel Bowditch (*Nota de Basílio de Magalhães*).

sistemas solar e planetário, com a sua célebre hipótese das nebulosas; e, pela mesma época, publicou Lamarck a *Filosofia zoológica*,⁷ contendo uma exaustiva exposição da sua teoria do desenvolvimento progressivo dos animais e das plantas. Essa teoria, porém, granjeou poucos adeptos entre os naturalistas, não somente porque Lamarck se antecipara ao seu tempo, como também porque as causas, que ele arrolara, não pareciam idôneas a produzir as maravilhosas adaptações, que por toda parte se nos antolham no seio da natureza. Durante a primeira metade do presente século – pelo fato de se haverem tornado então, pela primeira vez, acessíveis aos colecionadores ingleses o Brasil, a África meridional e a Austrália –, os tesouros dos três reinos da natureza foram entornados sobre nós tão rapidamente, que o número, relativamente pequeno, de naturalistas ficou completamente ocupado em descrever as novas espécies e esforçando-se por descobrir métodos certos de classificação. A necessidade de qualquer teoria geral de como as espécies vêm à existência era, então, dificilmente sentida; e havia uma impressão geral de que a esse tempo, era insolúvel o problema, e de que nós precisaríamos de gastar, pelo menos, outros cem anos colecionando, descrevendo e classificando, antes que adquiríssemos qualquer decisivo clarão sobre a origem dos seres vivos. O problema da evolução, todavia, preocupava sempre os pensadores mais saturados de estudos filosóficos, apesar de que os naturalistas e homens de ciência, em sua grande maioria, se conservavam absolutamente fiéis ao dogma de que cada espécie de animal ou planta era uma criação distinta, admitindo-se a produção de tais seres como totalmente desconhecida, e quase, se não completamente, impossível o imaginar-se-lhes o surto na face da terra.

7 A “*Philosophie zoologique*” de Lamarck (1744-1829), com a qual criou ele o “lamarckismo”, pedra basilar do “transformismo” foi dada a lume em 1809. Aí foi que chegou ele à seguinte conclusão: “A natureza não nos oferece, entre os corpos vivos, senão indivíduos que se sucedem uns aos outros; mas as espécies têm entre si uma constância relativa, e só são invariáveis temporariamente” (*Nota de Basílio de Magalhães*).

As vagas idéias daqueles que estudavam propiciamente a evolução foram primeiramente expostas, em forma sistemática, com muita habilidade literária e conhecimento científico, pelo falecido Robert Chambers, no seu volume anônimo, *Vestiges of the natural history of creation*, aparecido em 1844.⁸ Passou ele em revista os sistemas astral e solar, adotou a hipótese das nebulosas e esboçou a história geológica do planeta humano, reconhecendo progressões contínuas das formas de vida inferiores às superiores. Depois de descrever as peculiaridades das espécies vegetais e animais inferiores, demorando-se sobre aquelas feições que pareciam indicar um processo natural de produção, em oposição a uma origem por criação particular, expôs o autor, com muita cautela, a doutrina do desenvolvimento progressivo, resultante de um impulso que foi comunicado às formas de vida, promovendo-se em linhas definitivas, por geração, através de graus de organização, e terminando nas plantas e animais superiores. A racionalidade desse ponto de vista consolidou-se no restante do trabalho; e ficou patente como muito melhor concordava ele com os vários fenômenos da natureza e com a distribuição geográfica dos animais e das plantas, da que a idéia da criação especial de cada espécie distinta.

Infere-se desse breve esboço que não houve qualquer tentativa de mostrar como ou por que as várias espécies de animais e plantas adquiriram os seus caracteres peculiares, mas meramente um argumento em favor da racionalidade do fato do desenvolvimento progressivo de uma espécie para outra, mediante processos ordinários de geração. O livro era o que agora qualificaríamos de moderado ao extremo. Sério e até religioso no tom, e calculado, a esse aspecto, para desarmar a censura dos teólogos mais ortodoxos, encontrou, entretanto, exatamente a mesma tempestade de oposição e de abusiva indignação, que, quinze anos mais tarde, se desencadeou sobre o trabalho de Darwin. Como

8 Robert Chambers (1802-1871) era escocês e deixou diversos trabalhos, dos quais o de maior erudição foi o citado acima por Wallace, “*Vestiges of the natural history of creation*”. Publicado anonimamente em 1844, só se lhe descobriu a autoria em 1884, isto é, já depois do falecimento de Chambers (*Nota de Basílio de Magalhães*).

ilustração de qual era o estado dos mais altos espíritos a esse tempo, cumpre notar que um homem tão eminente, qual sir John Herschel,⁹ numa reunião de sábios, em Londres, falou com veemência contra o referido livro de Chambers, por defender este uma tão grande heresia científica, isto é, a teoria do desenvolvimento das espécies.

Bem me lembro da sensação causada pelo aparecimento dos *Vestiges* e do ardoroso prazer com que li essa obra. Embora verificasse que Chambers realmente não oferecia nenhuma explanação do processo da transformação das espécies, não obstante a perspectiva de que a mudança se efetuava, não através de qualquer meio imaginável, mas de acordo com leis conhecidas e métodos normais de reprodução, considerei o mencionado livro como perfeitamente satisfatório e como marcando o primeiro passo em direção a uma teoria mais completa e explicativa. Causa-nos hoje maior espanto o ter sido esse primeiro passo, como sabemos, considerado como uma heresia, a qual era quase universalmente condenada, por oposta aos ensinamentos, quer da ciência, quer da religião.

Os *Vestiges* de Chambers tiveram um sucesso tão auspicioso, quanto, mais tarde, a *Origin of specie* de Darwin. Quatro edições daquele livro foram esgotadas nos primeiros sete meses, e, por volta do 1860, havia ele chegado à décima primeira tiragem, de sorte que cerca de 24.000 exemplares tinham sido já vendidos. É certo que aquela obra prestou um grande serviço, qual o de familiarizar os seus numerosos leitores com a idéia da evolução, preparando-os, assim, para a teoria mais completa e eficiente, apresentada depois por Darwin.

Durante os quinze anos subseqüentes à publicação dos *Vestiges*, muitos naturalistas exprimiram a sua crença no desenvolvimento progressivo das formas orgânicas; a seu turno, em 1852, Herbert Spencer

9 Sir John Frederick William Herschel (1792-1871), filho do célebre astrônomo alemão, naturalizado inglês, Friedrich Wilhelm Herschel (1738-1822), foi também cientista de nomeada. Além de alguns outros trabalhos sobre a especialidade que herdara do pai, deixou um interessante “Study of natural philosophy” (1830) e “Familiar letters on scientific subjects” (1866) (*Nota de Basílio de Magalhães*).

estampou um ensaio,¹⁰ no qual comparou as teorias da criação e do desenvolvimento dos seres vivos, fazendo-o com tanta habilidade e força de lógica, que levou a convicção a todos os leitores despreocupados; mas nenhum desses escritores sugeriu qualquer teoria definitiva de como se operava atualmente a transformação das espécies. A primeira notícia dessa descoberta só se deu em 1858; e, em conexão com ela, posso abalançar-me, talvez, a fornecer uns poucos informes pessoais.

Desde que li os *Vestiges*, capacitei-me de que o desenvolvimento das espécies se realizava por meio dos processos ordinários de reprodução; mas, malgrado achar-se isso largamente admitido, ninguém tinha ainda exposto as várias razões de evidência, que o tornavam quase uma certeza. Esforcei-me por fazer isso num artigo, escrito em Sarawack no mês de fevereiro de 1855, o qual foi inserto, em setembro do mesmo ano, nos *Annals of Natural History*. Confiando principalmente nos fatos, bem conhecidos, da distribuição geográfica e da sucessão geológica, deduzi deles a lei, ou generalização, de que “cada espécie vem à luz em coincidência, tanto espacial, quanto temporal, com espécies preexistentes, estreitamente aliadas”; e mostrei como muitas peculiaridades nas afinidades, a sucessão e a distribuição das formas de vida, eram explicadas por essa hipótese, à qual não se opunha nenhum fato importante.

A esse tempo, entretanto, eu não tinha ainda a concepção do como ou por que cada nova forma tinha vindo à existência com todas as belas adaptações à sua feição especial de vida; e, apesar do assunto estar sendo continuamente ponderado, nenhuma luz me veio sobre isso até três anos mais tarde (fevereiro de 1858) por circunstâncias um tanto

10 Herbert Spencer (1820-1903), um dos mais fecundos e reputados pensadores do século próximo findo, criou o sistema a que ele próprio deu a denominação de “filosofia sintética”, o qual, por haver recebido a influência da teoria da evolução biológica, passou a ser chamado depois “evolucionismo”. Os escritos de Herbert Spencer, que o conduziram à mesma luminosa senda onde se encontrou com Darwin e Wallace, foram notadamente os seguintes: “Social statics” (1851), “The factors of organic evolution” (reimpresso em 1887) e os “Principles of psychology” (1855), que, aparecidos cerca de quatro anos antes da “Origin of species” de Darwin, já se baseavam na teoria da evolução. A Herbert Spencer e ao alemão, seu contemporâneo, Ernst Haeckel (1834-1919), o sistematizador da descendência das espécies, é que deve o evolucionismo e sua mais intensiva e extensa divulgação no mundo cultural (*Nota de Basílio de Magalhães*).

peçoais. Eu morava, então, em Ternate, nas Molucas, e estava sofrendo do um ataque grave de febre intermitente, a qual me prostrava por várias horas, todos os dias, durante os acessos sucessivos de frio e calor. Por ocasião de um desses acessos, quando eu novamente meditava no problema da origem das espécies, alguma coisa levou-me a pensar no *Essay on population* (o qual eu lera dez anos antes), de Malthus,¹¹ e nos “reveses positivos”, guerra, epidemias, fome, cataclismos etc., – aos quais atribuía ele se conservarem mais ou menos estacionárias todas as populações selvagens. Ocorreu-me, então, que tais reveses deviam também influir nos animais e diminuir-lhes o número; e, como eles aumentam muito mais rapidamente do que o homem, cujo número sempre é quase ou absolutamente estacionário, claro era que tais reveses, no caso daqueles, deviam ser muito mais poderosos, desde que havia de ser cortado por eles, cada ano, um número igual ao aumento inteiro. Enquanto vagamente pensava eu como era que isso atingiria a qualquer espécie, eis que me iluminou subitamente a idéia a sobrevivência dos mais capazes, isto é, de que os indivíduos, removidos pelos ditos reveses, deviam ser, na totalidade, inferiores àqueles que lhes sobreviviam. Então, considerando as variações, que continuamente ocorrem em cada geração nova de ani-

11 Thomas Robert Malthus (1766-1834), pastor protestante, granjeou extraordinária fama, em todo o mundo culto, com a sua hipótese sobre o crescimento excessivo da população do mundo. Lançou-a anonimamente em seu trabalho “An essay on the principle of population as its affects the facture improvements of society”, publicado sem nome do autor em 1798. Depois de uma viagem de estudos pela França, Escandinávia e Rússia, tirou em 1803 uma edição aumentada e melhorada do seu referido livro, tentando demonstrar a hiperdemia do ecúmeno, como resultante de uma progressão geométrica, enquanto as víveres somente cresciam em progressão aritmética. A hipótese do Malthus foi objeto de crítica por parte de alguns notáveis cientistas brasileiros, como sejam os Drs. Eugênio de Barros Raja Gabaglia, Francisco Campos e Pedro A. Pinto. Em sua tese “Economia política – A doutrina da população” (Rio, 1916), Francisco Campos afirma que o darwinismo “não é mais do que o malthusianismo, aplicado aos seres vivos inferiores”. Confronte-se semelhante asserto, não só com a confissão de Darwin, mas também com o depoimento de Wallace, sobre a influência da leitura do ensaio de Malthus, por ele recebida, para iluminar-se-lhe a concepção definitiva do princípio da evolução biológica e seleção natural, e ver-se-á a segurança com que o nosso eminente compatriota analisou o importante problema científico. Tanto ele, quanto Pedro A. Pinto (este, com o pseudônimo de Paulo Augusto, em seu “Preciso de sociologia”, págs. 60-67) criticaram as idéias errôneas do célebre escritor britânico (*Nota de Basílio de Magalhães*).

mais ou plantas, e as mudanças de clima, de alimentação, e inimigos sempre em aumento, – o método integral de modificação específica tornou-se nítido para mim, e, nas duas horas do meu acesso, tinha eu elaborado os pontos principais da teoria. Nessa mesma noite, lancei num papel o esboço da minha descoberta; nas duas noites seguintes, eu dei-lhe redação definitiva, e enviei os dois escritos, pelo correio imediato, ao Sr. Darwin.¹² Contava eu que ela fosse para este tão nova, quanto o era para mim próprio, porque Darwin me havia informado, em carta, achar-se empenhado num estudo, destinado a mostrar de que maneira as espécies e variedades diferem umas das outras, acrescentando o seguinte: “Meu trabalho não fixará ou estabelecerá coisa alguma.” Fiquei, por conseguinte, surpreendido, quando soube que ele tinha realmente chegado à mesma teoria que a minha, e isso muito antes (em 1844), a qual havia terminado com todas as minúcias, tendo mostrado o respetivo manuscrito a *sir* Charles Lyell¹³ e a *sir* Joseph Hooker¹⁴ e, em virtude de recomendação desses sábios, a minha monografia e suficientes extratos da de Darwin foram lidos em sessão da *Linnean Society*, em julho do mesmo ano (1858), que foi quando a teoria da seleção natural, ou da sobrevivência dos mais capazes, foi, pela primeira vez, dada a conhecer ao mundo. Mereceu ela, porém, pouca atenção, até que aparecesse o grande livro de Darwin, assinalador da época, nos fins do ano seguinte.

Podemos calcular algum tanto melhor a grandeza e a perfeição do livro de Darwin, considerando a profunda mudança da opinião pública educada, a qual ele rapidamente e permanentemente causou. O que era essa opinião culta, antes que surgisse tal obra, patenteia-o o fato

12 Esses dois escritos foram reimpressos em meu trabalho “Natural selection and tropical nature” (*Nota de A. R. Wallace*).

13 *Sir* Charles Lyell (1797-1875) era escocês. A sua grande obra, à qual se refere Wallace algumas linhas abaixo, é a intitulada “Principles of geology” (em 3 vols., 1830-1833). Tendo corrigido a arbitrária noção da antiguidade do mundo e estabelecido a teoria das “causas atuais”, foi um dos que mais propiciaram o surto do transformismo (*Nota de Basílio de Magalhães*).

14 *Sir* Joseph Dalton Hooker (1817-1911), filho de outro afamado fitologista inglês, *sir* William Jackson Hooker (1785-1865), deixou uma excelente classificação sistemática das plantas (*Nota de Basílio de Magalhães*).

de que nem Lamarck, nem o autor dos *Vestiges*, tinham sido capazes de produzir qualquer impressão nela. A verdadeira idéia do desenvolvimento progressivo das espécies em outras espécies era tida como uma heresia por homens de cérebros tão elevados e liberais, como *sir* John Herschel e *sir* Charles Lyell; este último sábio havia até declarado, nas primeiras edições da sua grande obra, que os fenômenos geológicos eram “fatais à teoria do desenvolvimento progressivo”. O mundo científico e literário, uníssono, opôs-se violentamente a tais teorias, e descreu totalmente da possibilidade de virem elas a ser estabelecidas. Era tão velho o costume de considerar as espécies vivas como criações particulares, e a maneira do seu surto como o mistério dos mistérios, que passara a ser encarado não somente como presunçoso, tuas também como um indivíduo quase ímpio, quem quer que ousasse confessar ter levantado o véu do que era tido em conta do maior e mais indecifrável dos segredos da natureza.

Qual é, entretanto, o estado da opinião literária e científica educada, nos dias que correm? A evolução é agora universalmente aceita, como um princípio demonstrado, e nenhum escritor, mesmo de medíocre destaque, um só que eu saiba, haverá que declare não acreditar nela. Isto, sem dúvida, é devido em parte ao colossal trabalho de Herbert Spencer; mas, para um leitor das obras deste, há, provavelmente, dez para a de Darwin; e o estabelecimento da teoria da origem das espécies por meio da seleção natural é exclusivamente da autoria de Darwin. O livro deste, corroborado pelos que lhe sucederam, estabeleceu tão firmemente a doutrina do desenvolvimento progressivo das espécies, pelos processos ordinários de multiplicação e variação, que, presentemente, creio eu, há apenas um naturalista vivo que a põe em dúvida. O que era uma grande heresia para *sir* John Herschel, em 1845, o que era o mistério dos mistérios até à data em que apareceu o livro de Darwin, tornou-se agora conhecimento comum a qualquer inteligente menino de escola e a quem quer que leia ainda os jornais. A única coisa discutida hoje em dia é, não o fenômeno da evolução – o qual todo o mundo admite –, mas meramente se as causas alegadas por Darwin são suficientes, ou não, para explicar, por si mesmas, o evoluir das espécies, ou precisam ainda ser

suplementadas por outras causas, conhecidas ou ignoradas.¹⁵ Decerto tão completa mudança da opinião educada, num assunto de tão árdua dificuldade e vasta complexidade, nunca se viu produzida antes, em tão curto espaço de tempo. Ela não somente eleva o nome de Darwin ao nível do de Newton, como também o trabalho daquele será sempre considerado um dos maiores, se não o verdadeiramente maior, dentre as produções científicas do século XIX, não obstante haver sido esta centúria muito enriquecida por grandes descobertas em cada uma das especialidades didáticas da física.

* * *

Eis a bibliografia (quicá incompleta) de Wallace, organizada por mim, de acordo com as suas próprias declarações, com catálogos que manuseei e com a “Biographical introduction” de G. T. Bettany à 2ª edição (1889) da obra agora trasladada a português:

- 1 – “Travels on the Amazon and rio Negro” (Londres, 1853);
- 2 – “Palm-trees of the Amazon” (ib., id.);
- 3 – “On the law that has regulated the introduction of new species” (“Annals and Magazine of Natural History”, n. de setembro de 1855);

15 Vem a ponto citarmos aqui três nomes de raro fulgor nas altas esferas da ciência, os quais se vinculam ao relevante descobrimento de Darwin e Wallace. O primeiro foi um frade alemão, Gregório Mendel (1822-1884), botânico erudito, que criou a lei chamada da “mendelismo”, a qual, embora ainda controversa nos dias que correm, estabeleceu “a descontinuidade do átomo e a descontinuidade das variações na forma viva”. Uma vez aceita a descoberta de Mendel, o darwinismo sofrerá profundo golpe. Sobre isso, cumpre ler o substancioso trabalho de Punnett, “Mendelism” (Cambridge, 1911, 3ª ed.). O segundo foi o naturalista francês, Edmond Perrier (1844-1921), que, com o seu magnífico trabalho “Les colonies animales et la formation des organismes” (Paris, 1881), veio a constituir-se um dos mais esclarecidos defensores do transformismo (leia-se a introdução do seu mencionado livro, págs. 1-30). O último, *last but not least*, foi o holandês Hugo de Vries (1848-1929), cuja teoria, chamada das “mutações repentinas”, serviu de natural complemento à lei do transformismo. Sobre o abalizado cientista neerlandês, há um interessante opúsculo do nosso ilustre compatriota, o prof. Bruno Lobo, sob o título “Jubileu de Hugo de Vries” (Rio, 1918) (*Nota de Basílio de Magalhães*).

4 – “On the tendency of varieties to depart indefinitely from the original type” (Ternate, fevereiro de 1858);

5 – “The Malay Archipelago” (Londres, 1869);

6 – “Contributions to the theory of natural selection” (Londres, 1871). – Foram traduzidas por L. de Candolle (Paris, 1872);

7 – “On miracles and modern spiritualism” (Londres, 1875);

8 – “The geographical distribution of animals” (ib., 1876), 2 vols.;

9 – “Natural selection and tropical nature” (ib., 1878);

10 – “Island life” (ib., 1880);

11 – “Land nationalization – Its necessity and its aims” (ib., 1882);

12 – “Dad times - An essay ou the depression of trade” (ib., 1885);

13 – “Forty-five years of registration statistics” (ib., 1885);

14 – “Romanes versus Darwin: an episode in the history of evolution theory” (ib., 1886);

15 – “Darwinism: an exposition of the theory of natural selection, with some of its applications” (ib., 1889);

16 – “Divergent evolution through cumulative segregation” (ib., 1890);

17 – “The problem of utility: are scientific characters always generally useful?” (ib., 1896);

18 – “The wonderful century – Its successes and its failures” (ib., 1899).

19 – “Tropical nature, with other essays” (ibi.);

20 – “Australasia” (ib.).

É fora de dúvida que a lei do transformismo foi divulgada simultaneamente por Darwin e Wallace, pela leitura das respectivas comunicações, efetuada perante a *Linnean Society*, de Londres, a 1º de julho de 1858. Entre os dois sábios ingleses, longe de haver qualquer baixo sentimento de invejosa competição, as relações se tornaram cada vez mais amistosas. Como Darwin soubesse da infecção palúdica sofrida por Wallace em Ternate, donde viera a pequena memória, coincidente com a do autor da *Origin*

of species, eis como aquele escrevia a este: – “Desejo-vos, muito de coração, saúde e pleno êxito em todas as vossas pesquisas, e, se um zelo e energia admiráveis merecem recompensa, Deus bem sabe que vós muito amplamente a mereceis” (25 de janeiro de 1859). Quem mais exaltou os trabalhos de Darwin foi Wallace, o que também contribuiu para pôr em destaque os seus próprios. Isso lhe valeu o seguinte juízo, com que o primeiro tão expressivamente reconheceu os méritos e a modéstia do segundo: – “Vós sois o único homem, que até hoje tenho conhecido, o qual persistentemente faz injustiça a si mesmo, e nunca pede justiça.”

Tendo ambos descoberto, ao mesmo tempo, a célebre lei do transformismo, houve, todavia, entre os dois, um ponto capital de divergência. É o que respeita aos limites da seleção natural, quando aplicada à espécie humana. Darwin não achou motivo algum para que a referida lei se não aplicasse ao homem, muito embora o enorme desenvolvimento deste quanto ao cérebro e à mentalidade, em confronto com os outros animais superiores. Wallace, porém, tendo em consideração o sistema nervoso, a capacidade intelectual e sobretudo o senso moral do *anthropo-pithecus erectus*, chegou à conclusão de que “uma força superior, agindo espontaneamente por meio de leis naturais e universais, guiou o desenvolvimento da espécie humana para uma direção definida e para um destino especial”. G. T. Bettany explica essa divergência de vistas pela circunstância, confessada pelo próprio Wallace, em 1881, em seu trabalho “On miracles and modern spiritualism”, da firme crença teológica, a que este havia chegado, depois de acentuado materialismo. Assim, ao contrário de Darwin, que aceitava a lei do transformismo para todos os seres vivos, sem exceção alguma – Wallace não admitia que o *homo sapiens* proviesse diretamente do antropóide, isto é, dos macacos superiores. O homem, no seu pensar, era um caso especial da criação, uma obra de Deus.

Há ainda uma feição especial do primoroso talento de Wallace, a qual não deve ser posta em olvido: é a sua influente cooperação, teórica e prática, na agitação social que culminou em toda a Grã-Bretanha no derradeiro quartel do século XIX. A crise econômica e industrial já havia feito aparecer na Inglaterra a Federação Social Democrática, fundada por Hyndman (discípulo de Karl Marx) em 1880, seguida pouco depois pela *Fabian Society*, planejada por um pugilo de jovens intelectuais, que queriam aplicar aos males da sua pátria o velho sistema estra-

tégico de *Fabius Cunctator*; isto é, a contemporização. Para enfrentar a crise agrária, os prosélitos ingleses do escritor socialista norte-americano Henry George, cuja obra-prima, “Progress and poverty” (publicada em 1879), causara forte impressão nos cérebros anglo-saxões, entenderam de instalar uma Liga para a restituição da terra, em 1880.

Foi aí que interveio então Wallace, não só editando o seu trabalho “Land nationalization – Its necessity and its aims” (Londres, 1882), como fundando, a seu turno, a Liga *para e nacionalização da terra*, no mesmo ano, e presidida por ele próprio.¹⁶ Levando mais longe o seu ponto de vista sobre assuntos de tão vital importância para a prosperidade pacífica da sua pátria, Wallace, dando a lume, pouco depois, uma terceira edição da sua obra acima referida, juntou-lhe um desenvolvido apêndice, no qual sugeriu a nacionalização da propriedade das casas de morada. E, finalmente, em 1885, por meio de um novo livro, “Bad times”, atribuiu a crise comercial, que assoberbava então a Grã-Bretanha, aos grandes empréstimos feitos por ela a outras nações, às excessivas despesas provocadas pelas guerras anteriores, ao aumento da especulação, que concentrava enormes fortunas em limitado número de mãos, e ao despovoamento dos distritos rurais. A sua autoridade e os seus impressionantes argumentos devem ter contribuído bastante para o novo caminho pelo qual logo depois enveredou a política britânica, a partir de 1885, quando Chamberlain lembrou ao parlamento a urgente necessidade de se adquirirem os vastos latifúndios dos *landlords*, a fim de serem vendidos em pequenos lotes aos trabalhadores do campo, tendo sido votadas com esse objetivo diversas leis, em 1887, 1891 e 1893.

Escusado é referir que Alfred Russel Wallace se tornou um nome respeitado na Inglaterra e no resto do mundo culto, vendo-se ele constantemente solicitado a colaborar em revistas e congressos de ciên-

16 Cumpre notar que Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), o autor da frase espetacular “La propriété c’est un vol!” já havia sugerido, em seu gritante opúsculo “Qu’est-ce que la propriété?” (1862), o resgate das terras de lavoura em proveito dos trabalhadores rurais.

E, muitos anos antes dele, o imortal patriarca da nossa independência em sua “Representação à Assembléia Geral Constituinte e ativa do Brasil sobre a escravidão” (Paris, 1825), como que influenciado pelas idéias geniais de Augusto Comte, havia posto em foco função social da propriedade, quando afirmou (pág. 21): “A propriedade foi sancionada para bem de todos.”

cias naturais. A sua capacidade de trabalho e o valor dos seus escritos não ficaram sem reconhecimento, nem despremiados. Assim é que a mais notável associação britânica de alta cultura, a *Royal Society*, concedeu-lhe, em 1868, a medalha régia, não só como galardão das suas contribuições, teóricas e práticas, em prol da zoologia, como principalmente por motivo dos seus escritos sobre a origem das espécies. Logo depois, em 1870, a *Société de Géographie* de Paris também lhe concedia a medalha de ouro. Em 1876, por ocasião do congresso científico da British Association, reunido em Glasgow, foi ele distinguido com o alto posto de presidente da Secção de Biologia. Já vimos que também foi o aclamado presidente da sua *Land Nationalization Society*. Em 1881, concedeu-lhe o governo britânico a pensão de £ 200 anuais, “em reconhecimento da quantidade e qualidade da sua obra científica”. E, em 1882, finalmente, concedeu-lhe a Universidade de Dublin o título de doutor *honoris causa*.

* * *

No ano há pouco findo, comemorou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o seu centenário, prestando aos homens de cultura um penhorante serviço, que foi a tradução da obra monumental de Spix e Martius sobre as suas viagens científicas em nossa pátria. Revisor (quase único) e anotador da dita tradução – o que me permitiu adquirir nova e não pequena soma de conhecimentos sobre o Brasil e tornar-me ainda mais fervoroso admirador do grande Martius –, posso dizer, agora, que a vernaculização do livro de Alfred Russel Wallace, “*Travels on the Amazon and rio Negro*”, vai constituir um valioso adminículo à riqueza entesourada por aqueles dois inesquecíveis sábios tudescos, em tudo quanto concerne à imensa e opulentíssima bacia do nosso rio-mar.

Aplaudindo, muito de coração, ao meu prezado amigo Dr. Orlando Torres a sua meritória iniciativa de tornar acessível aos que não manejam o inglês a obra de Wallace sobre o Brasil,¹⁷ – quero servir-me da feliz oportunidade, para deixar também expresso aqui o meu sincero desejo de ver em breve trasladados à nossa língua os dois excelentes

17 Como atingem a quase 180 as notas que não são da A. R. Wallace, traz cada uma das seis deste, entre parênteses, a declaração de “Nota do autor”.

30 Alfred Russel Wallace

volumes de Richard F. Burton, “The highlands of the Brazil” (Londres, 1869), um dos melhores trabalhos de amestrada pena alienígena, consagrado a múltiplos aspectos da nossa privilegiada e esplendorosa terra.

Rio, março de 1939.

BASÍLIO DE MAGALHÃES

.....

Prefácio do Autor à 1ª Edição

O

ARDENTE desejo de visitar uma região tropical, para contemplar a exuberância de vida, tanto animal como vegetal, que dizem existir ali, e ver, com os meus próprios olhos, todas as maravilhas que tanto me deliciavam, quando eu lia as descrições feitas pelos viajantes que as contemplaram, foram os motivos que me induziram a romper a trama de meus negócios, os vínculos que me prendiam ao lar, e partir para

*“alguma terra bem distante,
onde reina um sertão constante”.*

*Minha atenção voltou-se desde logo para o Pará e o Amazonas, por eu haver lido um livro de Edwards, intitulado *A voyage up the Amazon** e para lá decidi partir, não só em razão da facilidade de seu acesso, mas também pelo pouco que era conhecida aquela região, em confronto com outras da América do Sul.*

Propus-me fazer a viagem a minha própria custa, para o fim exclusivo de reunir coleções de história natural.

* O título completo da obra do norte-americano William H. Edwards, que realizou, de fevereiro a outubro de 1846, uma excursão à bacia do nosso rio-mar, é o seguinte: “*A voyage up the river Amazon, including a residence at Pará*” (Londres, 1847) (*Nota de Basílio de Magalhães*).

Consegui levar avante a minha idéia, realizando assim o meu desejado propósito.

E os deleites, que então experimentei, ante os belos e curiosos aspectos que continuamente se me deparavam, e o profundo interesse que despertavam em mim para o seu estudo, aquelas remotas paragens, habitadas por várias raças do gênero humano, foram tais, que eu, dali por diante, resolvi continuar firmemente no objetivo em que me embrenhara, excitando ainda mais o prazer e o desejo de percorrer de novo os selvagens e luxuriantes cenários, palpitantes de vida, dos trópicos.

Nas páginas que se seguem, fiz uma narrativa das minhas excursões e das impressões que recebi então.

A primeira e a última parte do livro, com poucas alterações, foram extraídas do meu diário de viagem.

Todas as outras notas, porém, feitas durante dois anos, bem como a maior parte das minhas coleções e esquemas, perderam-se, por ocasião do incêndio do navio, em que eu vinha de volta para casa.

Com as notas fragmentárias e outros papéis, que eu ainda pude salvar, escrevi a parte intermediária e os quatro últimos capítulos sobre a história natural da região e sobre as suas tribos de índios, das quais, se eu houvesse salvado todos os materiais que ali colhi, conforme era minha intenção, teria eu feito um trabalho separado sobre a história física do Amazonas.

Em conclusão: tenho certeza de que a grande perda de materiais, que sofri, os quais sem dúvida seriam devidamente apreciados pelos viajantes e naturalistas, possa ser tomada em consideração, para explicar as lacunas e imperfeições da presente narrativa, bem como a deficiência e esterilidade da outra parte do meu trabalho, tão pouco e tão pequeno em relação ao que era de esperar-se de uma residência de quatro anos em tão interessante e tão pouco conhecida região.

Londres, outubro de 1853.

.....

Prefácio do Autor à 2ª Edição

A

PRESENTE edição é, em sua essência, uma reimpressão do trabalho original; mas foi cuidadosamente revista, corrigindo-se muitas expressões verbais.

Poucas notas mais foram-lhe acrescentadas, e muitos vocábulos ingleses substituem os termos locais, que muito livremente foram empregados na primeira edição.

A única omissão, que há ainda a notar-se, é a dos vocabulários dos índios, bem como os comentários do Dr. Latham sobre os mesmos, os quais julgamos dispensáveis para os leitores em geral.*

Os editores, todavia, acrescentaram algumas estampas, que servem para dar melhor idéia dos aspectos do Amazonas.

Parksurne (Dorset), outubro de 1889.

ALFRED RUSSEL WALLACE

* Robert Gordon Latham (1812–1888), médico, filólogo, etnólogo e físico, chamou a atenção do mundo científico, em 1851, pondo em dúvida a procedência asiática dos árias. Além de dois outros trabalhos sobre a lingüística ameríndia, lucubrou as “Remarks on the vocabularies” (as quais saíram com o seu nome, “R. G. Latham, M. D.”), que enriqueceram a *editio-princeps* (págs. 525-541) da obra de Wallace (*Nota de Basílio de Magalhães*).

THE MINERVA LIBRARY OF FAMOUS BOOKS.
Edited by G. T. BETTANY, M.A., B.Sc.

A NARRATIVE OF TRAVELS
ON THE
AMAZON AND RIO NEGRO,
WITH AN ACCOUNT OF THE NATIVE TRIBES,
AND OBSERVATIONS ON THE CLIMATE, GEOLOGY, AND NATURAL
HISTORY OF THE AMAZON VALLEY.

BY
ALFRED RUSSEL WALLACE, LL.D.,
Author of "The Malay Archipelago," "Darwinism," etc., etc.

With a Portrait of the Author, a Map, and Full-page Illustrations.

WITH A BIOGRAPHICAL INTRODUCTION BY THE EDITOR.

WARD, LOCK AND CO.,
LONDON, NEW YORK, AND MELBOURNE
1889.

Titulo do original inglês

Estampa II

.....

Capítulo I
Belém do Pará

CHEGADA A BELÉM DO PARÁ – ASPECTO DA CIDADE E DE SEUS ARREDORES – OS HABITANTES E SEUS COSTUMES – VEGETAÇÃO – PLANTAS SENSITIVAS – SÁURIOS – FORMIGAS E OUTROS INSETOS – PÁSSAROS – CLIMA – ALIMENTAÇÃO DOS HABITANTES

COM 29 dias de rápida viagem, desde Liverpool, na manhã de 26 de maio de 1848 foi que ancoramos em frente ao braço sul do rio Amazonas, tendo assim ensejo de contemplar, pela primeira vez, as plagas sul-americanas.

À tarde, entrou a bordo de nosso navio um práctico, e, na manhã, seguinte, com vento favorável, navegamos rio acima, o qual penetra no Atlântico cerca de dez milhas, e deste se distingue tão-somente pela calma e descolorido das águas.

As praias do norte estavam invisíveis e as do sul achavam-se distantes de 10 a 12 milhas.

Ancoramos novamente na madrugada de 28.

Daí a pouco, num céu sem nuvens, surgia o sol, e avistamos, então, cercada de densa floresta, a cidade do Pará,¹⁸ com suas bananeiras e palmeiras, que se destacavam magnificamente, oferecendo aos nossos olhares um espetáculo duplamente belo, já pelo tom alegre da paisagem, já pela presença daqueles luxuriantes espécimes dos países tropicais, na sua esplêndida pompa nativa, os quais tantas vezes tivemos ocasião de admirar nas estufas de Kew e de Chatsworth.

Canoas, tripuladas por negros e índios, cruzavam as águas.

Urubus voavam lá no alto, ou, então, indolentemente, caminhavam na praia.

Em bandos numerosos, as andorinhas passavam voando, ou iam pousar nos telhados das casas e das igrejas.

Tudo isso, enquanto aguardávamos a visita dos oficiais da Alfândega e até que fosse permitido o nosso desembarque, servia para prender-nos a atenção.

A cidade do Pará conta cerca de 15.000 habitantes,¹⁹ e sua área, relativamente, não é muito grande.

Contudo, é a maior cidade do maior rio do globo, o Amazonas, sendo a capital de uma província, cuja superfície iguala à de toda a Europa ocidental.

É a residência de um presidente nomeado pelo imperador do Brasil, e também sede de um bispado, cuja diocese se estende duas mil milhas para o interior de um território, povoado por inúmeras tribos selvagens, ainda não convertida ao cristianismo.

A província do Pará está situada no extremo Norte do Brasil, e, conquanto já, pelas suas condições naturais, a parte mais rica do vasto império, é entretanto, a menos conhecida, e, presentemente, tem pouca importância comercial.

O aspecto da cidade, vista do rio, que é o melhor ponto de observação, não é mais estranho que o de Calais ou de Boulogne.

18 O autor escreve sempre “Pará”, em vez de “Belém do Pará”; algumas vezes, quando puder haver dúvida sobre se se trata da capital ou da província, faremos a necessária modificação no referido topônimo.

19 A cidade de Belém do Pará, segundo as últimas estatísticas, conta presentemente uma população de 503.000 almas.

As casas, em geral, são pintadas de branco, destacando-se dentre elas algumas igrejas e vários edifícios públicos notáveis, com as suas altas torres e cúpulas.

O vigor da vegetação evidencia-se por toda parte.

As platibandas e cornijas das casas revestem-se de pequenas plantas, e nos altos das paredes e nichos das igrejas vêem-se musgos, relvas e mesmo arbustos ou árvores de pequeno porte.

Para cima, para baixo e para além da cidade, tanto quanto a vista pode alcançar, estende-se a floresta virgem.

Em todas as ilhotas do rio, vêem-se árvores até à beira da água, e as pequenas praias, agora atingidas pela cheia, são cobertas de arbustos ou árvores baixas, cujas grimpas estão apenas acima da superfície das águas.

O aspecto geral da vegetação pouco difere do da Europa, excetuando-se as palmeiras, de abundante folhagem, e que ostentam graciosas formas.

Todavia, em nosso espírito, já prefigurando as admiráveis cenas que dentro em pouco deveríamos contemplar nos seus mais íntimos recessos, aguardávamos, ansiosos, a necessária liberdade, para melhor explorá-las.

Ao desembarcar logo nos dirigimos para a casa do Sr. Müller, consignatário de nosso navio, por quem fomos bondosamente recebidos e que imediatamente nos convidou para hóspedes de sua casa, até que pudéssemos instalar-nos em casa própria, como julgávamos mesmo mais conveniente.

Fomos apresentados aos ingleses e americanos ali residentes, os quais são em pequeno número, mas dedicando-se todos ao comércio.

Durante os quatro primeiros dias da nossa estada na cidade, empregamos o tempo em passeios pelos seus arredores, apresentamos nossos passaportes e obtivemos a necessária licença de residência. E, assim nos íamos familiarizando com a vegetação, com os costumes do povo, ao mesmo tempo que diligenciávamos arranjar uma casa com as necessárias e adequadas acomodações para os nossos propósitos.

Verificando, entretanto, que isso não poderia ser conseguido assim tão de pronto, transferimos a nossa residência provisória para

uma “rocinha” ou casa de campo, de propriedade do Sr. Müller, situada a cerca de meia milha da cidade, gentilmente posta à disposição, até que, com mais vagar, pudéssemos encontrar outra mais próxima.

Não há aqui camas, nem colchões, usando-se em seu lugar as redes, trançadas de fio de algodão, que oferecem bom cômodo para se dormir e que são mesmo muito convenientes, por causa da sua portabilidade.

As redes, algumas cadeiras, constituem todo o nosso mobiliário mais indispensável.

Contratamos logo, para o serviço de cozinha e outros mistéres caseiros, um negro velho, de nome Isidoro,²⁰ com a ajuda do qual iniciamos os arranjos da casa, a aprendizagem da língua portuguesa e as primeiras explorações dos produtos naturais da região.

Minhas anteriores excursões haviam-se limitado à Inglaterra e a um curto passeio pelo continente europeu, de sorte que tudo aqui para mim deveria ter o encanto de perfeita novidade.

Eu nunca tive, entretanto, tão grande e tão completo desapontamento.

A temperatura não era tão ardente, os costumes do povo não eram lá tão esquisitos, nem mesmo a vegetação era tão espantosa, como eu havia imaginado e conjeturado durante o tédio de uma viagem marítima.

É este o caso que geralmente sucede, ainda que se trate de um simples exame de um determinado objeto.

Uma paisagem, quando observada de um determinado ponto, poderá dificilmente ser sobrepujada, ao passo que, de outros muitos, não causará impressão alguma, mesmo ao mais esperto observador.

É o efeito geral que faz logo grande impressão e prende toda a atenção: as belezas estão todas diante de vós, não carecem de ser procuradas.

Com um distrito ou um país, o caso é muito diferente.

20 No original, acha-se o nome na forma feminina; trata-se, porém, de um homem, como se verifica pelos pronomes masculinos, que lhe aplica o autor. Por isso, aqui e alhures, corrigimos sempre para Isidoro.

Há objetos de particular interesse, que devem ser procurados, observados e apreciados em seguida.

Os encantos de um distrito aumentam à proporção que várias partes vêm surgindo, sucessivamente, em proporção também com a nossa educação, com os nossos hábitos, para podermos compreendê-los e admirá-los.

Este é, particularmente, o caso dos países tropicais.

Sem dúvida que algumas destas regiões poderão de pronto impressionar, como inteiramente inigualadas; mas, na maioria dos casos, somente depois que umas tantas particularidades, tais como os costumes do povo, as curiosas formas de vegetação e a novidade do mundo animal, apresentando-se por si mesmas, num determinado encadeamento, permitem que fixemos em nosso espírito uma impressão definitiva.

E assim, por vezes, acontece, quando certos viajantes, que amontoam em uma descrição todas as maravilhas, que eles levaram semanas e meses a observar, causam uma falsa impressão ao leitor, fazendo este experimentar muito desapontamento, quando visita o local.

Como testemunho do que isso possa significar, cumpre-me logo referir que, durante a primeira semana de nossa residência no Pará, embora constantemente embrenhado nas florestas de seus arredores, eu não vi sequer um beija-flor, um papagaio ou um macaco.

No entanto, como eu depois verifiquei, os beija-flores, os papagaios e os macacos são muito numerosos ali.

É preciso procurá-los, e, para isso, uma certa soma de familiaridade é necessária, para conhecer os seus *habitats*, bem como alguma prática para descobri-los na floresta, quando às vezes os pressentimos muito próximos.

Por isso mesmo, a este respeito, o Pará está inteiramente livre de imputações que a respeito dele poderíamos formular.

Cada dia que se passa, algo de novo se nos apresenta para nossa admiração, e podemos esperar outras surpresas, mais como o invariável acompanhamento de luxuriante território situado a um grau do Equador.

Ainda agora, enquanto estou a escrever, aproveitando os últimos vislumbres do crepúsculo, o morcego-vampiro está voando em

redor do meu quarto, ora pousando nos caibros do telhado (as casas aqui não têm forro), ora passando perto de meus ouvidos, e a produzir com as asas um ruído espectral.

A cidade espalha-se sobre uma planície muito extensa.

As igrejas e os edifícios públicos são vistosos; mas os estragos, causados pelas intempéries, e alguns retoques extravagantes, que neles têm sido feitos, muito os têm prejudicado, afeiando-os.

Vêem-se migalhas de jardim e terrenos baldios entre as casas, separados por cercas de madeira já apodrecida, os quais estão tomados por verdadeiros capinzais, vendo-se também, de permeio, algumas bananeiras.

Para um europeu, isso causará estranheza e parecerá até feio.

As ruas e praças públicas são pitorescas, quer por causa das bonitas casas e igrejas que as contornam, quer por causa das elegantes palmeiras, que, juntamente com as bananeiras, se encontram por toda parte.

Assim, elas mais parecem casas de campo do que mesmo vivendas de uma grande cidade.

Alguns caminhos estendem-se em várias direções, através de uma intrincada vegetação de cássias, arbustos de convolvuláceas, e as lindas *Asclepias curassavica*, de bonitas flores, cor de laranja – plantas essas que aqui tomam o lugar dos caniços, baldanas e urtigas da Inglaterra.

A artéria principal é a “Rua dos Mercadores” onde se encontram quase todas as boas lojas da cidade.

As casas, na sua maioria, só têm um pavimento, e as lojas, com todas as suas portas sempre abertas na frente, são conservadas limpas e esmeradamente arrumadas, tendo de preferência um variado sortimento de mercadorias.

Aqui se encontram, de quando em quando, trechos de calçada, de poucas jardas de extensão, porém tão poucos, que servem apenas para tornar a vossa caminhada sobre ásperas pedras, ou profunda areia, mais desagradável por comparação.

As outras ruas são todas muito estreitas.

Em algumas delas existe calçamento, consistindo apenas em pedras toscas, restos de antiga pavimentação, que nunca foi reparada, ou então areia movediça ou lamaçais.

As casas são irregulares e baixas, e, na sua maior parte, de alicerces construídos com uma pedra ferruginosa,²¹ muito comum nos arredores da cidade, e paredes emboçadas.

As janelas não têm vidraças e, em lugar destas na parte mais baixa, são tapadas com um engradado de pano, suspenso na parte de cima, de modo que o fundo é móvel, e pode-se obter um rápido golpe de vista para os lados, numa e noutra direção, por detrás dos quais vimos, muitas vezes, surgirem uns olhos negros, que resplandeciam, quando passávamos.

As cores amarela e azul são geralmente empregadas na decoração das pilastras, portas e janelas das casas e das igrejas, sendo estas construídas obedecendo a um adulterado e pitoresco estilo italiano.

O edifício, onde agora estão instalados o Quartel e a Alfândega, e que primitivamente foi um convento, é muito vistoso e amplo.

Adiante das atuais ruas da cidade, existe uma grande porção de terreno, cortado de estradas e de travessas, que se cruzam umas com as outras em ângulos retos.

Nos espaços por elas formados estão as “rocinhas” ou casas de campo, havendo uma, duas ou mais, em cada quarteirão.

São de um só pavimento, dispondo de várias salas e quartos, todos muito espaçosos, e uma grande varanda, que é utilizada como sala de jantar e é o cômodo mais apropriado para descanso ou para trabalho.

Os terrenos ou quintais contíguos são brejos, capinzais ou pomares.

Em alguns, há pequenos jardins, malcuidados, onde se vêem plantas e flores européias, em vez das ornamentais e magníficas produções da região, sendo aquelas as preferidas.

21 Deve ser a pedra vulgarmente conhecida pelos nomes indígenas de “*tapiocanga* ou *tapanbunacanga*”. Este último vocábulo, conforme Teodoro Sampaio, “O tupi na geografia nacional”, pág. 269, quer dizer “cabeça de negro”.

A impressão geral da cidade, para uma pessoa recém-chegada da Inglaterra, não poderá ser lá muito favorável.

Vê-se tanta falta de asseio e de ordem, uma aparência tal de descuido, de relaxamento, de negligência e de desânimo, que logo de princípio notamos que parecem torná-la uma cidade absolutamente intolerável.

Esta impressão, porém, logo desaparece, e verifica-se que algumas destas particularidades são decorrentes do clima.

Os quartos espaçosos e altos, com poucos móveis, tendo cada um meia dúzia de portas e janelas, a princípio poderão parecer pouco confortáveis, porém são muito bem apropriados a um clima tropical.

Quartos com tapetes, cortinas e almofadas seriam aqui intoleráveis.

Os habitantes do Pará apresentam a mais variada e a mais curiosa mistura de raças.

Vêm-se o inglês, de faces coradas, parecendo tão bem adaptado como nos climas frios de sua terra natal, o americano pálido, o português trigueiro, os brasileiros corpulentos, os sorridentes negros, os índios indolentes, de corpo em geral bem conformado, e entre estes umas cem sombras e misturas, que exigem vista esperta para as diferenciar.

Os habitantes brancos trajam-se geralmente com muito esmero, usando vestuários de fino e alvo linho, conservando-os sempre muito limpos.

Alguns usam casacas pretas e gravatas e, quando assim trajados, com o termômetro a 85 ou 90 graus, à sombra, parecem incomodamente vestidos.

O vestuário dos homens, se negros ou índios, consiste simplesmente em um par de calças de tecido branco ou listrado, ao qual, às vezes, acrescentam uma camisa do mesmo tecido.

As mulheres e moças, nos dias de mais pompa, costumam trazer de preferência vestidos brancos, o que produz um agradável efeito, pelo contraste de suas peles pardas ou de um negro lustroso.

Nestas ocasiões é que um estrangeiro fica deveras espantado ao observar que as jóias e colares, usados por estas mulheres, muitas das quais são simples escravas, são de puro ouro maciço.

Desde a completa nudez, que é a condição geral de toda a população de cor, de 8 a 10 anos, vêem-se crianças em todas as escalas de vestuário.

Os índios, recém-chegados do interior, parecem ser muito dóceis e pacíficos, e, por causa dos furos das orelhas bastante largos, podendo-se passar através deles grossas cordas, pelas suas maneiras e pela peculiar rusticidade com que contemplam tudo em derredor, distinguem-se dentre a multidão de mestiços, habitantes regulares da cidade.

Eu disse anteriormente que as produções naturais dos trópicos a princípio não corresponderam à minha expectativa.

Isto em parte é devido às narrações feitas por viajantes devaneadores, fantasistas, que, descrevendo somente as suas belezas, a sua pompa, a sua magnificência, quase fazem uma pessoa acreditar que nada de um caráter diferente possa mesmo existir sob o sol dos trópicos.

A nossa chegada ao Pará, coincidindo com o fim da estação chuvosa, pode em parte explicar também por que a princípio não vimos a vegetação no seu máximo esplendor.

A beleza das palmáceas só por alto pode ser descrita.

Elas são essencialmente característica dos trópicos.

De formas elegantes e variadas, e de linda folhagem, com os seus frutos tão úteis ao homem, despertam logo, não só aos naturalistas, mas também a todos aqueles que estão familiarizados com as descrições dos países tropicais, onde elas se encontram, um extraordinário e infalível interesse.

O resto da vegetação era rigorosamente o que eu esperava.

Vêem-se em profusão as trepadeiras e suas lindíssimas flores, mas muitos lugares há também tomados por tantas ervas daninhas, que, pelo seu aspecto, muito se parecem com as do nosso próprio clima.

Poucas árvores da floresta estavam agora em florescência, e, pela maior parte, nada havia de particular no seu aspecto.

O observador atento percebe, entretanto, numerosas formas tropicais na estrutura dos caules, na forma e disposição das folhas, não

obstante a maior parte delas serem muitíssimo parecidas com os nossos próprios carvalhos, olmeiros e faias.

Estas observações aplicam-se somente às imediatas vizinhanças da cidade, onde a primitiva vegetação foi toda devastada, existindo agora a de um segundo crescimento.²²

Prosseguindo-se umas poucas milhas para fora da cidade e penetrando-se de fato na floresta, que a cerca por todos os lados, contempla-se então outra cena, muitíssimo diferente.

Árvores de extraordinária altura erguem-se por toda parte.

A sua folhagem varia em cor, desde o claro mas esbelto ao escuro mas carregado.

As parasitas e trepadeiras, de grandes folhas luzentes, pregam-se-lhes os caules, elevando-se até aos mais altos galhos, enquanto outras, de enormes hastes, pendem, como cordas e cabos, de suas grimpas.

Frutos e sementes, curiosíssimos, espalham-se pelo solo, e muito há para prender a atenção e causar espanto a qualquer amante da natureza.

A par disso, mesmo ali, alguma coisa há que falta e que esperávamos encontrar: as magníficas orquídeas, tão apreciadas na Europa, que julgávamos fossem encontradas abundantemente nas florestas tropicais, não se vêem, a não ser umas poucas espécies de flores de um amarelo baço e pardo e muito mirradas.²³

A maior parte das parasitas, que cobrem com o seu manto verde os troncos de todas as árvores mais velhas ou das que se acham tombadas no solo, de um caráter inteiramente diverso, são fetos, *Tillandsias*, e as espécies *Pothos* e *Caladium*, plantas essas muito parecidas com o lírio da Etiópia, comumente cultivado em nossos lares.

Entre os arbustos das cercanias da cidade, que logo atraem a nossa atenção, figuram vários *Solanum*, a que pertence a nossa batata.

22 O autor quer referir-se às capoeiras, que substituem a primitiva vegetação.

23 De todos os países do mundo, é o Brasil o que possui maior número de orquídeas. O número das espécies brasileiras é de 1.060.

Uma destas atinge a uma altura de 8 a 10 pés, com grandes folhas velosas e de lindas flores, cor de púrpura, maiores do que as da batata, tendo espinhos, tanto nos caules, quanto nas folhas.

Outras espécies têm flores muito alvas, e uma destas bastante se parece com a nossa *dulcamara* (*Solanum dulcamara*).

Muitas lindas convolvuláceas trepam e estendem-se sobre as sebes de madeira, bem como muitas lindas *bignônias*, ostentando as suas flores amarelas, cor de laranja ou púrpura, em forma de trombeta.

As mais admiráveis de todas, porém, são as flores-da-paixão, que são abundantemente encontradas à ourela das florestas, de variegadas cores, purpúrea, escarlata ou rosa-pálida.

Algumas das de cor purpúrea têm um esquisito aroma e todas produzem um fruto agradável e muito apreciado: – a granadilha das Índias Ocidentais.

Além dessas, há numerosas outras, de vistosas flores e outras muitas menos notáveis.

As papilionáceas, ou ervilhas, são comuns.

As cássias são muito numerosas, algumas das quais meros arbustos, outras lindas árvores, tendo bonitas flores amarelas.

As mimosas, curiosas plantas sensitivas, cuidadas com tanto interesse em nossas estufas, são tão comuns, como o nosso joio, da beira das nossas estradas.

A maior parte delas são adornadas de flores globulares, alvas e purpurinas.

Algumas são muito sensitivas, bastando uma pessoa tocá-las levemente, para causar-lhes o fechamento ou a queda de muitas das folhas.

Para outras, é necessário um toque mais pesado, a fim de que elas exibam então as curiosas propriedades, enquanto algumas, por sua vez, dificilmente dão sinais de sensibilidade, mesmo rudemente tratadas.

Todas elas são providas de espinhos mais ou menos aguçados, que devem em parte corresponder ao propósito de defender as suas delicadas estruturas dos numerosos choques que de algum modo possam receber.

Nos arredores da cidade, as laranjeiras dão-lhe um interessante aspecto, e tão numerosas, que os seus deliciosos frutos são sempre abundantes e baratos.

Nas estradas públicas, alinham-se elas em extensas filas, e todo quintal é bem provido delas, de sorte que o seu custo é quase só trabalho de colher e levar para vender.

A manga também é muito abundante, e em algumas das avenidas da cidade as mangueiras são plantadas alternadamente com as mangabeiras, ou árvores de algodão-seda, que atingem a grande porte, mas são de folhas decíduas de modo que não servem para fazer sombra, como outras árvores de folhagem sempre verde.

Em todas as beiras de estradas, bosques, ou mato de segundo crescimento, vêem-se cafeeiros, geralmente carregados de flores ou de frutos, ou de ambos, algumas vezes; tal é, porém, a falta de braços aqui, ou a indolência do povo, que deles só se colhe uma pequena parte para o consumo particular, enquanto a cidade é abastecida com o café procedente de outras regiões do Brasil.

Voltando a nossa atenção para o mundo animal, o que logo nos atrai a curiosidade são os sáurios.

Eles são encontrados por toda parte.

Na cidade, vemo-los correr ao longo dos muros e sebes, ou aquecendo-se ao sol nos esteios das cercas, ou então subindo pelas goteiras das casas mais baixas.

Em todos os jardins, quintais, estradas e lugares de solo arenoso, eles correm, quando passamos.

Ora eles se rojam ao redor dos troncos das árvores, aguardando a nossa passagem e ocultando-se cautelosamente das nossas vistas, como fazem os nossos esquilos em idênticas circunstâncias, ora sobem por uma cerca ou muro tão serena e tão seguramente, como se estivessem pisando terreno plano.

Alguns são de cor de cobre, escura, outros têm o dorso dos mais brilhantes e sedosos, azul e verde, e outros assinalados com manchas e listras amarelas e pardas.

Neste solo arenoso sob os ardentes raios solares, eles parecem gozar todos os momentos de sua existência, aquecendo-se ao sol

na mais indolente satisfação, e, daí, desabalam numa carreira, como se a emanção solar lhes houvesse despertado vivacidade e vigor às suas friorentas constituições.

Bem diferentes do homem, os pequenos sáurios. Não podendo elevar o corpo acima do solo e arrastando os seus longos apêndices como um estorvo, estes curiosos seres, como que estrangeiros de um clima mais propício, transportam as suas caudas erguidas para o ar, e galopam com as suas quatro pernas, com muito mais liberdade e força muscular do que qualquer outro quadrúpede de sangue quente.

Pegar estes espertos seres, não é lá tarefa muito fácil, e todas as nossas tentativas para isso ficaram malogradas.

Uns negrinhos e uns indiozinhos, com os seus arcos e flechas, caçaram alguns deles, e, assim, conseguimos alguns espécimens.

Em seguida aos sáurios, as formigas não podem deixar de ser referidas.

Elas vos assaltam com a aparição de quaisquer fragmentos de papel, folhas secas ou penas.

São dotadas de poderosos membros de locomoção, e, em procissões, entregam-se a difíceis operações de engenharia estendendo-se em longas filas pelas estradas.

As flores, que colheis, o os frutos, que apanhais, estão quase sempre cobertos por elas, e em seguida espalham-se pelas vossas mãos em enxames, que vos obrigam a deixar a vossa presa precipitadamente.

À hora das refeições, trepam e caminham sobre a toalha da mesa, sobre os pratos e açucareiros, porém em menor número, não sendo tão sério obstáculo para perturbar-vos durante a vossa refeição.

Nesta situação e em muitas outras, vós as encontrareis, e em cada ocasião é uma espécie distinta.

Muitas árvores há que têm formigas que lhes são peculiares.

Os seus ninhos ou casas são encontrados nos galhos das árvores, formando enormes massas escuras.

Nas estradas, nos bosques, nos jardins, encontram-se, às vezes, as de uma espécie gigante, que costumam vagar isoladamente ou aos pares, medindo cerca de uma polegada e meia de comprimento, enquanto algumas espécies domésticas são de tamanho tão diminuto,

que é preciso ter caixas com tampas respectivas muito bem adaptadas para se poder preservá-las dos seus ataques.

Elas são grandes inimigas de qualquer substância animal em decomposição, principalmente insetos e pequenos pássaros.

Para secar os espécimens de insetos, que colhemos, verificamos ser necessário colocar as caixas presas ao teto da varanda; mas, mesmo assim, algumas desceram pelo cordel e nelas penetraram, e já haviam destruído em poucas horas lindos insetos de nossa colheita, quando as pilhamos nesse trabalho de destruição.

Daí por diante, como nos informassem que o óleo de andiroba, que é muito amargo, as afugentava, embebemos os cordéis no referido óleo e assim ficamos livres das incursões delas.

Tendo a princípio empregado o meu tempo principalmente na coleta de insetos, posso agora dizer alguma coisa a respeito de outras famílias desta numerosa classe.

Nenhuma das ordens de insetos era tão numerosa como eu esperava, com exceção da diurna *Lepidoptera*, ou borboletas.

Mesmo estas, se bem que o número de espécies fosse muito grande, não eram tão abundantes em indivíduos, como eu supunha.

Em cerca de três semanas, eu e o Sr. Bates capturamos para cima de 150 espécies.

Entre estas, havia oito espécies do notável gênero *Papilio* e três *Morphos*, lindas borboletas, de um azul metálico, que são as primeiras a ser notadas pelos viajantes da América do Sul, em cujo território somente são elas encontradas, e que ao longo dos caminhos das florestas, voando preguiçosamente, ora sob densa sombra, ora sob a brilhante claridade, constituem um dos mais admiráveis espetáculos, que o mundo dos insetos pode apresentar.

Entre as espécies menores, o bizarro colorido e a variedade de suas listras são admiráveis.

Estas espécies parecem inescotáveis, e provavelmente mais da metade das que existem no País estão ainda por descobrir.

Não vimos ainda nenhum dos notáveis e grandes insetos da América do Sul, os *rhinóceros*, ou escaravelhos-arlequins, porém encontramos numerosos exemplares do gigante *Mantia*, ou inseto rezador, e

também algumas das grandes *Mygale*, ou aranha pegadora de pássaros, que são aqui impropriamente chamadas “tarântulas”, e que dizem ser muito venenosas.

Vimos uma no seu ninho, em uma árvore de algodão-seda,²⁴ tendo o seu esconderijo formado de teias, como as das nossas aranhas domésticas, mas de uma fortíssima textura, quase como seda.

Outras espécies vivem em cavidades do solo.

Os escaravelhos e moscas eram geralmente raros, e, com poucas exceções, de tamanho diminuto; porém as abelhas e vespas eram comumente encontradas, sendo algumas grandes e bonitas.

Os mosquitos nas partes baixas da cidade e a bordo, são muito incômodos; mas nos lugares mais altos e nos subúrbios não aparecem.

O carrapato, uma minúscula espécie vermelha, quase invisível a olho nu, “bête rouge” de Caiena, é comumente encontrado nas relvas, e, alcançando as pernas, é muito irritante.

Mas isso são ninharias, com as quais logo nos acostumamos, e dificilmente poderá supor-se que trópicos houvessem de passar sem elas.

De pássaros, a princípio vimos poucos, e não eram lá tão notáveis.

O pássaro mais comum nos arredores da cidade é o guache amarelo (*Cassicus ictenorotus*), de plumagem de cores muito vivas e que constrói os seus ninhos em colônia, ficando estes suspensos das extremidades dos galhos das árvores.

Uma árvore, por vezes, fica cheia de seus ninhos, em forma de bolsa, e os pássaros, com as suas vivas cores pretas e amarelas, voando em torno, entrando ou saindo, produzem um lindo efeito.

Este pássaro tem um canto muito variado, de notas muito claras, e possui extraordinária facilidade para imitar o canto de outras aves, valendo-lhe isso o nome de “pássaro poliglota” da América do Sul.

Além destes, a comum tanagra de bico de prata (*Rhamphocelus jacamar*), algumas tanagras de plumagem de um azul-pálido, chamadas

24 É a nossa “paineira”, *Chorizja sp.*, da família das bombáceas.

aqui “sayis”, e os tiranos, apanhadores de moscas, de peito amarelo, são os únicos pássaros que mais se vêem nos subúrbios do Pará.

Na floresta, constantemente ouvimos os curiosos ruídos *tuuu-tuu-tu-tu-t* dos pica-paus, cada nota sucessiva, como as sucessivas percussões de malho sobre bigorna.

À tarde, ao escurecer, aparecem os caça-insetos, que ficam voando e soltando os seus curiosos e melancólicos cantos.

Um fica a dizer “peito ferido”, justamente como o “whip-poorwill”, o pássaro assim chamado na América do Norte, e outro com igual e notável clareza, fica perguntando “Quem é?”, e, como as suas vozes se alternam, trava-se então um interessante e monótono diálogo entre eles.

O clima, quanto até aqui temos experimentado, tem sido delicioso.

O termômetro não se elevou acima de 87° à tarde, e nunca desceu a menos de 74° durante a noite.

As tardes e as manhãs são agradáveis e frescas, e temos geralmente uma chuva, e aprazível brisa, à tarde, que purificam e refrescam a atmosfera.

Nas noites de luar, até às oito horas, as senhoras passeiam pelas ruas e subúrbios, sem qualquer manto na cabeça, em trajes leves, e os brasileiros, em suas “rocinhas”, ficam defronte a palestrar, com a cabeça descoberta e em mangas de camisa, até 9 ou 10 horas da noite, inteiramente despreocupados das frescas brisas noturnas e do orvalho das trópicos, de que tanto receamos e consideramos muito perigosos.

Acrescentaremos ainda algumas palavras a respeito da alimentação do povo.

A carne de vaca constitui o principal alimento.

As reses procedem das fazendas de criação, sitas alguns dias de viagem rio acima, de onde são trazidas em canoas.

Durante a viagem, recusam alimento e perdem a maior parte da gordura, chegando ao seu destino em deploráveis condições.

São abatidas logo, no dia seguinte, para o consumo diário, e são abertas a machado e a cutelo, sem nenhuma observância dos preceitos de higiene, deixando-se o sangue correr sobre a carne.

Diariamente, cerca das seis horas da manhã, vêm-se numerosas carroças seguindo em diferentes direções pela cidade, para fazer a distribuição da carne aos açougues, o que é feito em peças, tal qual a carne de cavalo, quando é levada para algum canil.

E isto, para uma pessoa de estômago delicado, não deixa de causar repugnância, quando, ao sentar-se à mesa outra coisa ali não vê, senão a carne de vaca.

Algumas vezes, tem-se o peixe, porém é um alimento muito caro.

A carne de porco só aparece aos sábados.

O pão é feito de farinha de trigo importada dos Estados Unidos.

A população branca da cidade geralmente faz uso de manteiga irlandesa ou americana, e outros produtos importados do estrangeiro.

A farinha, o arroz, o peixe salgado e as frutas, constituem o principal alimento dos índios e dos negros.

A farinha prepara-se da raiz da mandioca ou *cassava*, da qual se faz também a tapioca.

A farinha tem o aspecto de ervilhas do campo.

Talvez seja mais parecida mesmo com serragem de madeira.

Quando misturada com água, forma-se um caldo glutinoso, porém é um alimento muito nutritivo.

Isto, com um pouco de peixe salgado, bananas, pimenta, laranjas e açai (vinho tirado do coco de uma palmeira), constituem os principais alimentos da maior parte da população branca da cidade.

A nossa alimentação habitual compreendia: café, chá, pão, manteiga, carne de vaca, arroz, farinha, abóboras, bananas e laranjas.

Isidoro era um ótimo cozinheiro.

Ele fazia toda sorte de assados, guisados e cozidos, de carne de vaca, além dos pratos do trivial.

As bananas e laranjas eram para nós uma verdadeira delícia.

E, com o bom apetite que sempre tínhamos, devido aos nossos exercícios com caminhadas pela floresta, nada tínhamos de que nos queixar, no tocante ao nosso passadio.

.....

Capítulo II

Pará

FESTAS – PADRÕES MONETÁRIOS PORTUGUÊS E BRASILEIRO – SÍTIO DO SR. BORLAZ – EXCURSÃO AOS ENGENHOS – FLORESTA VIRGEM – PLANTAS E INSETOS – ÁRVORE-VACA – ENGENHO DE SERRA E MÁQUINAS DE BENEFICIAR ARROZ – CARIPÉ OU ÁRVORE PARA CERÂMICA – SERINGUEIRAS – FLORES E ÁRVORES EM FLORESCÊNCIA – FORMIGAS SAÚVAS, VESPAS E BICHOS-DE-PÉ – PASSEIO POR ÁGUA A MAGUARI – MACACOS – O COMANDANTE DE LARANJEIRAS – MORCEGOS-VAMPIROS – COMÉRCIO DE MADEIRAS – *BOA CONSTRUCTOR* – PREGUIÇAS

UNS QUINZE DIAS após nossa chegada ao Pará, realizaram-se várias comemorações religiosas ou “festas”, como elas se denominam aqui.

Eram as festas do Espírito Santo e da Trindade, durando cada uma nove dias.

A primeira realizou-se na catedral e a última em uma das igrejas dos subúrbios.

Algumas costumam ser celebradas com mais pompa, não variando, porém, a maneira de se realizarem.

Em frente à igreja, soltam-se foguetes e queimam-se fogos de artifício todas as noites.

Alguns negrinhos ficam vendendo “doços”, bolos e frutas.

Saem à rua as procissões, nas quais conduzem santos e crucifixos.

A igreja conserva-se aberta, celebrando-se ali os ofícios religiosos, e, findas estas cerimônias, os fiéis beijam as imagens e as relíquias.

Negros e índios, trajando roupas brancas e com ares da mais completa satisfação, e bem assim as mulheres, com os seus ricos colares e brincos, de ouro maciço, comparecem em multidão.

Além desses, vêm-se os representantes das classes mais elevadas e os estrangeiros, que emprestam, com a sua presença, maior graça e maior realce à solenidade.

Realizam-se procissões pomposas, no começo e no fim das festas.

No último dia, entretanto, queima-se grande quantidade de fogos de artifício, os quais são fornecidos por pessoas eleitas ou que voluntariamente aceitam o cargo de *“juiz da festa”*, – cargo esse considerado uma alta distinção, mas dispendioso, e o povo, não obstante esse desperdício e o gasto dos fogos de artifício, todas as noites, para fazer barulho e mesmo distúrbios, ainda se diverte soltando grande quantidade de foguetes, durante o dia.

Os foguetes são uma parte essencial das cerimônias, sendo considerado como que um ato religioso.

Certa feita, perguntando eu a um negro por que razão haviam pela manhã dado tantos tiros, ele, olhando para o céu e com ares muito graves, me respondeu: – “Por Deus”.

Três coisas são essencialmente do agrado do povo brasileiro: música, barulho e fogos de artifício.

Tivemos isso tudo durante quinze dias e, além desses divertimentos, há que enumerar ainda os tiros de espingarda, de garrucha e de canhão, que eram disparados desde a madrugada até à noite.

Depois de muitas indagações, conseguimos, afinal, arranjar uma casa, onde pudéssemos instalar-nos mais à vontade.

Era situada em Nazaré, cerca de milha e meia ao sul da cidade, defronte justamente de uma bonita capelinha, por detrás da qual fica a floresta, com boas localidades para coleta de plantas e para captura de pássaros e insetos.

A casa era de um só pavimento, com quatro cômodos, rodeada por uma varanda, que nos proporcionava um agradável passeio.

No quintal havia laranjeiras, cafezal, mandiocal, e muitas árvores frutíferas da floresta.

Nós a alugamos pelo preço de 25\$000 por mês (2 libras e 5 shillings), o que é relativamente muito caro para o Pará; como, porém, não encontrássemos outra mais conveniente, concordamos com o preço.

Isidoro instalou-se em um rancho velho de paredes barreadas, do qual tomou posse para as suas operações culinárias.

Nós trabalhávamos e tomávamos as nossas refeições na varanda e raramente íamos aos cômodos internos, a não ser para dormir.

Já estamos agora compreendendo melhor a língua portuguesa, tendo menos dificuldade para explicar e exprimir os nossos desejos.

Todavia, gastamos algum tempo para familiarizar-nos com a moeda portuguesa, isto é, a moeda brasileira, cujo sistema monetário é aliás esquisito e confuso.

Compõe-se de notas de papel, assim como moedas de prata e cobre.

O real é a unidade-padrão, porém o “mil-réis” é o valor da menor nota de moeda-papel, e este último serve como unidade em todas as transações.

De conformidade com o sistema decimal, seria muito simples o seu emprego, se não fosse complicado por outros padrões, tais como o vintém (moeda que vale vinte réis), a pataca (que vale 320 réis), e o cruzado que vale 400 réis, que também entram nas contas, quase sempre causando grande confusão, principalmente para um principiante, porque a pataca não é um valor integrante do mil réis (três patacas e dois vin-

téns fazem um mil réis), e o dólar espanhol, que é moeda corrente aqui, vale seis patacas.

Além disso, o mil réis valia primitivamente 5 shillings e 7 pences e agora o seu valor varia de 2 shillings e 1 penny para 2 shillings e 4 pences, o que não é bem a metade daquele valor, e isso devido provavelmente à depreciação do papel e a sua inconvertibilidade cunhada.

As moedas ficaram, desde aí, com um valor nominal menor do que o valor real, e deveriam ter sido imediatamente fundidas, para aumentar o seu valor; mas, em vez disso, foram apenas carimbadas, passando então a ter um valor duplo.



Estampa IV – Capela de Nazaré, situada nas proximidades de Belém do Pará

Um vintém carimbado passou a ter o valor de dois vinténs, meia pataca (160 réis) passou a valer 320 réis; a moeda de dois vinténs passou a valer quatro vinténs.

Em seguida, tendo sido diminuídas em tamanho as novas cunhagens, em consequência da depreciação, levantou-se tal confusão, que o tamanho de uma moeda não poderia servir mais de índice do seu valor.

Duas moedas podem ter o mesmo tamanho, porém uma delas pode ter o valor duplo da outra.

É preciso um exame atento de cada moeda, e isto torna a contagem de uma soma grande um trabalho fastidioso, e que exige não só muita prática, mas também muita atenção.

Nas cercanias de minha casa, estavam morando três negros, os quais cuidavam de plantações de café, de mandioca e de árvores frutíferas.

O chefe deles, um negro alto e robusto, de nome Vicente, tinha grande fama, como caçador de bichos, como são aqui vulgarmente denominados todos os insetos, répteis e animais pequenos.

De boa vontade, pegou e nos trouxe vários insetos.

Um destes era enorme aranha cabeluda, uma *Mygale*, que ele cuidadosa e habilmente tirou do esconderijo no solo, e que trouxe em uma folha.

Daí nos contou que, de uma feita, fora picado por um desses insetos e ficara passando mal durante algum tempo.

Quando falava a respeito desse incidente, disse que o “bicho” era “muito mau”, concluindo a sua história com um expressivo *ui! ui! ui!*, que corresponde ao “Ain’t it though?” dos nossos escolares, e afirmando categoricamente que, quanto a isso, ele não tem dúvida alguma.

Parece provável, por isso mesmo, que tal inseto não é em vão armado de tão poderosas presas, por intermédio das quais pode causar uma ferida venenosa.

Em uma das excursões exploradoras que fizemos, chegamos até a casa de campo de um francês, o Sr. Borlaz, que exerce as funções de cônsul suíço no Pará.

Muito para nossa surpresa, quando marchou ao nosso encontro, veio falando em inglês, e daí nos levou a percorrer os arredores da sua propriedade, indicando-nos o caminho melhor e mais acessíveis para a floresta.

A vegetação ali, nas margens do rio, uma milha abaixo do Pará, era muito pomposa.

O meriti (*Mauritia flexuosa*), linda palmeira com folhas em forma de leque, e outra espécie, mais débil, o marajá (*Bactris marajá*), de pequeno porte, de caule todo cheio de espinhos, e que produz um fruto de agradável sabor, mas um tanto ácido, eram vistos frequentemente.

Uma moita de cactos, de aspecto verdadeiramente tropical, de trinta pés de altura, crescia perto da casa, mas fora plantada ali.

Os matos estavam cheios de curiosas *bromeliáceas* e *aruns*, e bem assim de muitas árvores e arbustos isolados.

Debaixo dos seus sombrios recessos, apanhamos alguns bonitos insetos.

As lindas borboletas, de asas azul-laranja (*Epicalia ancea*), eram encontradas pousando nas folhas.

Nas suas idas e vindas, repetidas vezes, voltavam à mesma árvore, e sempre procurando a mesma folha.

Embora muito ariscas, e ser muito difícil capturá-las, cinco espécimens foram apanhados, sem sairmos do lugar.

Em nosso regresso à casa do Sr. Borlaz, este ofereceu-nos excelentes biribás, uma espécie de *anonas*, de polpa como que leitosa e de sabor um pouco ácido, uma agradável fruta-pão, que se parece em gosto às castanhas espanholas, e bananas secas ao sol, por sua vez muito parecidas com figos.

A sua casa estava situada em um delicioso local, em frente às ilhas do rio, local esse bastante alto, seco e saudável.

Os úmidos bosques, ao longo da margem do rio, eram tão produtivos para as nossas colheitas, que, depois disso, aproveitando as bondosas atenções do Sr. Borlaz, ali voltamos, sempre que nos sentíamos dispostos.

Como exemplo da voracidade das formigas, posso ainda referir que, tendo deixado no chão as minhas caixas de coleções, na varanda durante meia hora, em que estive de palestra, ao voltar para abri-las e colocar outra captura, fiquei horrorizado ao verificar que estavam enxameadas de umas pequenas formigas vermelhas.

Umás já haviam separado as asas de cerca de 12 insetos, que estavam sendo carregados para diferentes direções das caixas.

Umás estavam ainda entregues à tarefa de desmembramento, enquanto outras se haviam intrometido nas partes mais gordas, e ali estavam fazendo o seu delicioso repasto.

Tive grande dificuldade para fazê-las abandonar as suas presas, e ganhei com isso útil experiência, que me custou meio dia de traba-

lho de capturas, entre as quais a de algumas esplêndidas *Epicalias*, às quais dava eu grande estima.

Na madrugada de 23 de junho, fomos fazer um passeio até às máquinas de beneficiar arroz de Maguari, a convite de seu proprietário, o Sr. Upton, e de seu encarregado, o Sr. Leavens, ambos norte-americanos.

A uma distância de cerca de duas milhas da cidade, começamos a penetrar na floresta virgem, o que logo reconhecemos pelo alto porte das árvores e mais profundas sombras, que algo denunciavam de sua aproximação.

O elevado número e variedade de árvores de alto porte, com os seus troncos elevando-se freqüentemente de 60 a 80 pés de altura, sem um galho e perfeitamente retilíneos, as enormes lianas, que por eles se estendem obliquamente, como as escoras de um mastro, outras vezes enrolando-se-lhes pelos troncos, como fantásticas serpentes de bote pronto para apanhar a presa, eram os seus principais característicos.

Ali, os cipós, dois ou três, a um tempo, entrelaçando-se em espiral, em volta uns dos outros, formam um perfeito e vivo cabo, como se fosse para sustentar aqueles gigantes da floresta.

Acolá, outros formam um emaranhado de festões, que se cobrem de pequenas trepadeiras e parasitas, as quais os ocultam de nossas vistas.

Entre as árvores, várias espécies há que têm raízes salientes ao redor de suas bases, e são mais características e mais admiráveis.

Em algumas, as raízes formam um verdadeiro arcabouço, mais dilatado que alto, erguendo-se a uma distância de oito a dez pés da base e alcançando de 4 a 5 pés de altura, no tronco, enquanto em outras elas se projetam a uma altura de 20 a 30 pés, como se fossem as costelas do caule, que tem, por sua vez, a altura de 40 ou 50 pés.

Elas formam perfeitas e vivas cercas de madeira em torno do tronco, tendo cada uma dessas raízes de seis polegadas a um pé de diâmetro, das quais algumas ainda se ramificam em mais duas ou três, e todas projetando-se a uma distância tal do tronco, que, no espaço por elas formado, há sobra bastante para um confortável cômodo, como se fosse uma cabana.

Dessas raízes tiram-se diversos pedaços para manufatura de remos e outros empregos mais, sendo a sua madeira geralmente muito leve e macia.

Outras árvores por sua vez, são como que formadas de delgados caules, crescendo conjuntamente.

Elas são profundamente sulcadas e fendidas de cima abaixo, e em alguns lugares essas fendas as atravessam para o outro lado, como se fossem estreitas janelas ou seteiras de uma torre.

Todavia, apuram-se elas tão alto, quanto as mais gigantescas da floresta, com um caule retilíneo, de diâmetro uniforme.

Outra forma curiosíssima apresentam aquelas que têm raízes salientes e elevando-se acima do solo, parecendo apoiadas por inúmeras pernas, e, muitas vezes, formando arcadas com altura bastante para um homem caminhar por baixo.

Os troncos de todas essas árvores, bem como as trepadeiras que se espalham por sobre eles, suportam também uma infinidade de outras, deles dependentes.

Tillândsias e outras *bromeliáceas*, semelhantes a ananases, os grandes *aruns*, com as suas folhas verde-escuras, em forma de dardo e com os seus frutos como pimentas, em grande variedade, e fetos de enormes folhas, de distância em distância crescem ao longo dos seus troncos, caule acima, até atingirem aos seus derradeiros galhos.

Entre essas parasitas, fetos rasteiros e espécies delicadas, como as nossas *Hymenophilas*, encontram-se ali, e, nos lugares mais sombrios, as folhas deles cobrem-se, por sua vez, de miúdos e rasteiros musgos e *Hepáticas*.

Vêem-se assim parasitas sobre parasitas, e, sobre estas, mais parasitas ainda.

Olhando-se para cima, com as suas folhagens curiosamente espalhadas, em violento contraste com o céu claro, é este um dos admiráveis característicos das florestas tropicais, já repetidas vezes referido por Humboldt.

Muitas das gigantescas árvores da floresta têm folhas tão delicadas, como as trementes *Mimosas*, pertencendo, como estas mesmas, à numerosa família das *Leguminosas*, ao passo que as *Cecropias*, com suas

enormes folhas palmadas, e as *Clusias*, com as suas luzentes folhas ovais, e cem outras formas intermédias, proporcionam bastante variedade.

E a intensa luz solar, por cima das suas copas, tudo banhando, enquanto as mais densas sombras reinam por baixo, aumenta a grandeza e a solenidade do cenário.

As flores eram raras e esparsas, algumas pequenas orquídeas, ervas rasteiras, aqui e ali um arbusto fluorescente, foi tudo que vimos ao lado do caminho, quando íamos passando.

No solo jazem, apodrecendo, inúmeros e variados frutos: — acham-se ali, curiosamente misturadas e entrelaçadas, favas de uma jarda de comprimento, imensas frutas-pães, nozes de vários tamanhos e formas, e as enormes cabaças das árvores-potes, que têm tampas como os utensílios de que derivam os seus nomes.

As ervas e relvas consistiam principalmente em fetos, *Scitamineas*, minúsculas trepadeiras, e, no mais, as folhas caídas e mortas, os troncos e galhos apodrecidos, ocupavam a maior parte da superfície do solo.

Encontramos poucos insetos, mas quase todos eram novidades para nós.

O nosso maior tesouro foi uma borboleta, ornada de lindos padrões, de cor violeta, muito brilhante por baixo das asas, a *Haetera esmeralda*, — que só agora, pela primeira vez, vimos e capturamos.

Apanhamos muitos outros insetos raros, mas a gigantesca *Morphos*, de cor azul, que freqüentemente passava por nós, com o seu vôo ondulante e zigzagueante, tornou em vão todos os nossos esforços para apoderar-nos dela.

Não vimos nenhum quadrúpede, e de pássaros apenas alguns poucos, se bem que ouvíssemos a bulha destes últimos, para assegurar-nos que de todo não estavam faltando ali.

Nós não estamos de acordo com a generalizada crença de que os pássaros dos trópicos têm uma deficiência de canto, proporcional ao brilho de sua plumagem, crença essa que deverá ser modificada.

A maior parte das aves dos trópicos, de brilhante plumagem, pertencem a famílias e grupos que não são cantores, enquanto os nossos pássaros de plumagem mais colorida, como pintassilgo, o canário,

não são menos canoros, havendo aqui também pequenos pássaros, que igualmente assim o são.

Ouvimos uns cantos parecidos com os do nosso melro e com o do pintaroxo, e um pássaro soltou três ou quatro doces e queixosas notas, que atraíram muito a nossa atenção.

Os interessantes gorjeios de muitos deles prestam-se facilmente, graças à nossa fantasia, para formar verdadeiras frases e, no silêncio da floresta, produzem efeito encantador.

Quando alcançamos os moinhos, verificamos que já era uma hora da tarde, pois as curiosas e interessantes observações, que fizemos ao longo do caminho, nos obrigaram a demorar seis horas, num trajeto de apenas 12 milhas.

Fomos bondosamente recebidos pelo Sr. Leavens, que prontamente nos arranjou um lauto almoço.

Após a refeição, fomos percorrer o terreiro de madeiras e as casas das máquinas, tendo tido então ensejo de ver, pela primeira vez, os papagaios e tucanos, nos seus *habitats*.

Eles freqüentam de preferência certas árvores.

O Sr. Leavens tem muitos espécimens, que matou e embalsamou de maneira raramente igualada.

Há ali três engenhos: um de serra e dois para arroz.

Um dos destinados ao arroz funciona a vapor e os outros dois são movidos a água, que é obtida por intermédio de uma barragem, a qual represa a água de dois ou três córregos, formando um extenso açude, onde se armazena a água para a movimentação dos maquinismos.

O de serra foi instalado, há pouco, pelo Sr. Leavens, que é um perito construtor de engenhos.

É do gênero comumente usado nos Estados Unidos, e a maneira de aplicar água é bem diferente da que geralmente se vê na Inglaterra.

Com uma queda de cerca de 10 pés de altura, a água em vez de ser aplicada como em uma roda de cima, é conduzida por um bica-me inclinado, indo cair, no fundo, sobre as caçambas de uma roda de 22 polegadas de diâmetro, que assim gira com grande velocidade e põe em movimento por intermédio de uma manivela e de uma haste de co-

nexão, a serra, a qual, por sua vez, dá um golpe duplo a cada revolução da roda.

A despesa com a construção de uma roda de movimento lento fica, por essa maneira, bastante reduzida, dispensando-se todos os dispositivos para o aumento da velocidade necessária às serras, tendo o seu conjunto menor numero de peças intermediárias, muito menos sujeito a desarranjos e, por conseguinte, tendo poucos reparos a fazer-se.²⁵

A carreta, que suporta a tora e a leva para a frente, contra a serra, funciona pela maneira usual; mas o processo para fazê-la voltar ao ponto de partida é engenhoso.

A água é desviada da roda principal e encaminha-se para outro bicamente, indo atuar contra uma roda, na extremidade do eixo da qual existe outra roda dentada, que, movendo-se, solta, por intermédio de uma alavanca, a carreta, e esta, então, volta com grande rapidez ao ponto de partida, da maneira mais simples.

Vimos ali diferentes peças de madeira já beneficiada, tanto em vigas, como em tábuas, tendo-nos dado o Sr. Leavens explicações sobre os variados empregos das mesmas.

Algumas são muito duras e resistentes, semelhantes ao carvalho, e outras mais macias e menos duráveis.

O que mais nos interessou, contudo, foi uma partida de grandes toras de maçaranduba ou árvore-leiteira,²⁶ que se achavam ali.

25 Esses tipos de rodas são empregados até hoje, principalmente no Brasil central, para engenhos de serra.

26 Nos dois volumes de seu trabalho “À margem da visita pastoral” (Belém do Pará, 1933-1934), tão interessante para o nosso folclore, D. Antônio de Almeida Lustosa, um dos luminares do episcopado brasileiro, faz referências a essa árvore-leiteira, bem como a outras, cujo látex é empregado na Amazônia para diversos misteres. Assim, no vol. I, à pág. 48, denomina a *maçaranduba* (que é a *Mimusops elata*, *achras* ou *excelsa*) de “vaca-vegetal”, expressão correspondente à popular de “árvore-vaca”; e, no vol. II, às págs. 128-130, deixando à margem a seringueira, trata do “variado leite vegetal”, que se lhe deparou ali: o *leite de amapá* e o *leite de cuaxinguba* (esta da família das moráceas), ambos usados como medicamentos; o *leite de molangó* (ou *mangaba*), com que se fabrica o visgo destinado a apanhar passarinhos; o *leite de sorveira* (uma apocínea), que serve de cola para louça; o *leite de pocoró*, que serve para colar papel; e finalmente, o breu (látex tirado da árvore do mesmo nome), de que há mais de uma espécie, servindo o denominado *breu branco* para calafetar embarcações.

Nos caminhos, ao longo da floresta, já havíamos reparado em alguns de tais troncos, assinalados com entalhes, feitos para o propósito de se lhes extrair o leite.

É uma das árvores mais nobres e mais esbeltas da mata, elevando-se, com um caule retilíneo, a enorme altura.

A sua madeira é muito dura, de fina grã, muito durável, e própria para trabalhos expostos às intempéries.

Comem-se os seus frutos, que são muito saborosos.

São do tamanho de uma pequena maçã, sendo a sua polpa muito suculenta.

Mas, de tudo isso, o que é mais curioso é o leite que dela se extrai, em grande quantidade, quando se lhe corta a casca.

Ele tem a consistência de creme magro e apenas por seu sabor peculiar é que se pôde distinguir do genuíno leite de vaca.

O Sr. Leavens mandou um homem furar algumas toras, das que se achavam depositadas ali, no terreiro, há um mês, mais ou menos.

Fez ele vários entalhes na casca, com um machado, brotando logo a rica seiva, que corria em grande quantidade.

O leite foi recolhido em uma vasilha, diluído em água, coado e trazido à mesa, à hora do chá, e, no dia seguinte, ao almoço.

Misturado com chá, parece que melhora as qualidades deste último, ficando com aspecto e gosto de creme gordo.

No café, é também muito bom.

Informou-nos o Sr. Leavens que dele já havia feito um creme, de gosto agradável, embora tivesse uma cor muito escura.

O leite é empregado também como cola, que dizem ser tão durável e fixa, como a que os carpinteiros empregam.

Como prova de sua habilidade neste ramo, o Sr. Leavens mostrou-nos um violino, por ele feito, sendo a respectiva caixa formada por duas peças, que ele uniu com cola fresca, sem qualquer outro preparo, logo após ter sido extraída da árvore-vaca.

O instrumento foi confeccionado há dois anos, tem estado constantemente em uso, e a sua junta, em toda a extensão, estava tão perfeita, como quando ainda nova.

Como o leite endurece, quando exposto ao ar, tornando-se muito duro e ligeiramente elástico, muito semelhante à guta-percha, e não tendo a propriedade de ser diluído em água quente, o seu emprego como cola não tem tido grande aplicação.

Depois de deixar o terreiro das madeiras, visitamos em seguida os engenhos para arroz e tivemos ocasião de verificar o processo pelo qual o arroz é extraído da casca.

Várias são as operações para se conseguir isso.

O grão passa primeiramente entre duas mós, não como se fosse para moer farinha, mas somente para quebrar e extrair a sua casca externa, por simples atrito.

Daí é levado, entre duas tábuas, de forma e tamanho semelhantes, para as pedras assentes sobre fortes barras de ferro, de três oitavos de polegada de comprido, tão unidas umas com as outras, que o espaço pelas mesmas formado é apenas o bastante para um grão de arroz ser empurrado e passar entre elas.

As duas superfícies quase se tocam, de modo que o arroz é forçado a passar através dos espaços das barras, que tiram o resto da casca, polindo o grão.

Contudo, uma grande quantidade quebra-se nesta operação, de modo que o arroz é em seguida sacudido sobre peneiras de diferentes graus de finura, para separar-se o pó, bem como os fragmentos do arroz quebrado.

Em seguida, o arroz é novamente abanado, para tirar-se o pó remanescente, e passa finalmente entre escovas cobertas de pêlo de carneiro, que o limpam completamente, tornando-o apto para ser posto no mercado.

O arroz do Pará é muito bom, sendo igual em qualidade ao de Carolina; mas, devido à falta de capricho com que é cultivado, raramente é igual à amostra daquele.

Não há cuidado algum na escolha das sementes, e tampouco no preparo do solo.

Na ocasião das colheitas, uma certa porção é cortada ainda verde, porque, havendo falta de braços para apanhá-lo prontamente,

quando está maduro, e sendo o arroz um cereal que rapidamente se desprende do cacho, evita-se-lhe assim o desperdício.

Por essa razão, raramente é cultivado em grande escala, sendo as maiores safras produto dos índios e dos pequenos lavradores, que as trazem para os engenhos.

Pela manhã, após um refrescante banho de orvalho no arrozal, espingarda ao ombro, rede para apanhar insetos e sacolas, fizemos uma excursão à floresta, em companhia do Sr. Leavens.

Em caminho, vimos os pernaltas jacarés à beira do rio, os papa-insetos “bem-te-vis”,²⁷ e tucanos de bicos desmesurados, voando para o seu repasto matinal.

Ouviam-se por vezes os seus peculiaríssimos e rangentes pia-dos, de quando em quando as ruidosas pancadas dos bicos dos pica-paus e o extraordinário barulho feito pelos urros dos macacos, tudo isso indicando claramente que já estávamos nas solidões plenas das vastas florestas da América tropical.

Não conseguimos atirar nesse dia mas voltamos com ótimo apetite para o nosso café, leite de maçaranduba, pirarucu e ovos.

O pirarucu é um peixe seco, que se come com farinha, constituindo o alimento principal de população nativa.

Nas regiões mais remotas do interior, é muitas vezes a única coisa que se pode obter, de modo que cuidamos logo de fazer uso dele, para nos acostarmos de uma vez.

Assim, à primeira vista, parece que não se pode comê-lo, sendo muito parecido com couro de boi picado e assado em bolos, não havendo qualquer outra coisa que se lhe possa comparar.

Entretanto, quando se come, cozido ou assado ligeiramente, partido em pedaços e misturado com vinagre, azeite, pimenta, cebola e

27 “Bem-te-vi” (“eu bem te vi”), porque o canto do pássaro imita esta frase (*Nota do autor*) (a).

(a) O seu nome científico é *Pitangus sulfuratus*, L. – Eis o que dele nos conta Roquete-Pinto, em sua “Rondônia” (pág. 74):

“Em Mato Grosso, o seu nome indígena é *pitogue*; nos tempos da conquista, era chamado *pitagáa* (estrangeiro). Porque foi pelo seu canto, diziam os índios, que se tornou conhecida no país dos guaranis a chegada dos homens brancos de Espanha.”

farinha, é um succulento prato para uma pessoa que tenha bom apetite e também bom estômago.

Depois do almoço, carregamos o nosso velho negro (que veio conosco para mostrar o caminho) com planta que havíamos apanhado para as nossas coleções e um cesto para guardar tudo que encontrássemos de interessante pelo caminho, e dispusemo-nos a voltar para casa, com a promessa de fazer ali outra visita mais demorada, na primeira oportunidade.

Alcançamos Nazaré com a caixa cheia de insetos e a cabeça cheia de muitas coisas interessantes que havíamos visto, dentre as quais se destaca a árvore-leiteira, que é como que uma nova e curiosa fonte, capaz de suprir-nos de útil alimento.

Desejando obter espécimes de uma árvore chamada “caripé”, cuja casca serve para o fabrico de potes do país, perguntamos a Isidoro se ele a conhecia e onde seria encontrada.

Respondeu-me que a conhecia muito bem, mas só seria encontrada muito longe, na floresta.

Numa bela manhã, após frugal almoço, demos-lhe ordem para que pegasse o seu machado e fosse conosco à procura do “caripé”. Ele, no seu habitual traje caseiro, consistindo somente em um par de calças, pois aqui, neste esplêndido clima, se dispensam camisa, chapéu, sapatos e tudo mais, e nós, em manga de camisa, com os nossos aparelhos de caça ao ombro, saímos.

O nosso velho guia, ora entregue a ocupações domésticas, como criado ao serviço de dois cavalheiros estrangeiros, já havia trabalhado muito na floresta, estava bem familiarizado com as várias árvores, sabia dizer-lhes os nomes e conhecia todas as suas propriedades e empregos.

Era de temperamento um tanto taciturno, exceto quando tínhamos demasiada dificuldade para compreender o que ele queria explicar.

Nessas ocasiões, então, gesticulava veementemente executando uma mímica de uma minudência bem digna de grande auditório.

Todavia, assim prolixo, quando discorria sobre assuntos de que estávamos na mais completa ignorância, era ao mesmo tempo de

grande utilidade para nós, que estávamos muito desejosos de tudo aprender.

O seu método de ensino era por intermédio de uma série de acenos para as árvores, enquanto por elas ia passando, parecendo que falava mais para elas do que para nós mesmos.

Era preciso nessas ocasiões, interrompê-lo com ultteriores perguntas, alvitre que púnhamos em prática para tal propósito.

– “Esta (dizia ele) é uma *ocoóba*, remédio muito bom, que serve para dor de garganta” (o que ele explicava, imitando o ato de fazer gargarejos e mostrando-nos uma seiva aquosa, que corria livremente da incisão que lhe fez na casca).

Não só essa, mas muitas outras árvores, tinham sinais das incisões feitas por inúmeros pacientes, que delas tiraram a seiva medicinal.

– “Esta (dizia ele, apontando para uma árvore de alto porte e de caule retilíneo) é boa madeira para construção de casas e para forros, e chama-se *quarooba*.”

– “Esta (e apontava para uma curiosa árvore, com profundos sulcos, como se fosse uma moita de caules, enormemente longos, que houvessem crescido conjuntamente) é madeira boa para manufatura de remos (e, como não entendêssemos o que isto significava em português, ele imitou o gesto de remar canoa). O nome desta árvore é *pootiéka*.”

– “Esta (disse ele, mostrando-nos uma gigantesca árvore da floresta) serve para lenha e para fazer carvão, madeira dura e boa para tudo. Dela se faz o melhor carvão para forjas (o que ele explicava, indicando a madeira que faz o carvão para fundir o ferro e o machado que ele sustinha nas mãos). Esta árvore tem aqui o nome de *nowara*.”

Em seguida, veio o próprio “caripé”, mas era uma árvore tenra, sem fruto e sem flores, de modo que tivemos de contentar-nos com a amostra somente de sua madeira e de sua casca.

Ela cresce à beira dos brejos ou terrenos úmidos.

Aqui a palmeira açáí, tão comum nos arredores da cidade, atinge a enormes alturas, com um estípite liso, de quatro polegadas somente de diâmetro, tendo alguns espécimens 80 pés de comprimento.

Umás, com os troncos perfeitamente retilíneos, e outras, com eles recurvados e com a folhagem em coroa pendente, são muito bonitas.

Aqui, cresce também a “inajá”, uma bonita espécie, de caule delgado, no topo da qual se abre a sua enorme copa, de densa folhagem.

As folhas não desenvolvidas do broto desta palmeira, bem como de muitas outras espécies, constituem excelente alimento, aqui denominado *palmeto*,²⁸ e provavelmente muito parecido com a palmeira-couve das Índias ocidentais.

Uma palmeira de caule cheio de espinhos e de folhas em forma de leque, que vimos nos engenhos de arroz, também cresce aqui.

A mais admirável e mais curiosa de todas, porém, é a “paxiúba”, uma palmeira de caule perfeitamente liso, com elegante copa de folhas largas e curiosamente partidas.

A sua principal singularidade é que as raízes estão, pela maior parte, acima do solo e as que morrem são sucessivamente substituídas por outras novas, que vão brotando mais acima, e desta sorte a árvore toda é sustentada pelas suas três ou quatro raízes principais, retilíneas, fortes, algumas vezes tão acima da superfície do solo, que lhe cresce sobre a cabeça.

As raízes principais, algumas vezes, subdividem-se ainda, antes de alcançar o chão, em outras três ou mais raízes, menores, tendo cada uma menos de uma polegada de diâmetro.

Embora o seu caule seja perfeitamente liso, as raízes, entretanto, são cobertas de grandes tubérculos, todos cheios de espinhos.

Inúmeras árvores tenras, de um pé de altura, crescem-lhes em torno, cada uma mantendo-se sobre as suas raízes pela mesma maneira que a árvore principal, da qual são uma cópia fiel, em miniatura.

Isidoro cortou uma palmeira de açai, a fim de trazer um *palmito* para o nosso jantar.

Constitui ele um saboroso alimento, de sabor um tanto adocicado.

28 Assim está no original. Mas é o nosso *palmito*.

Quando estávamos para regressar e na ocasião em que reparávamos mais demoradamente numa das árvores que se achavam em nossa frente, ali perto, pareceu-nos que íamos ter a surpresa de ver a seringueira ou árvore-da-borracha.

Arremetemo-nos para ela, machado em punho, cortamos um pedaço de casca, e tivemos a satisfação de ver logo a sua extraordinária seiva a escorrer ao longo do tronco.

Guardamos um pouco desse precioso leite, na caixa que comigo trazia, e no dia seguinte verificamos que era de fato a genuína borracha, de cor amarela, possuindo todos os seus característicos.

Ao anoitecer, sendo dia santificado, vimos arder, em frente à nossa morada, no caminho, uma fogueira, à beira da qual estavam Isidoro e Vicente, aos quais nos juntamos, quando saímos de casa.

Enfileiradas, até alcançar a cidade, viam-se inúmeras outras, ao longo da estrada.

Tais fogueiras, ao que presumimos, são tidas como coisa muito importante, sendo acesas em sinal de respeito a alguns dos santos mais ilustres, e elas, juntamente com os foguetes e procissões, constituem a maior parte do culto religioso daqui.

As gloriosas constelações do sul, com as suas coroas de nebulosas, lá no céu, estavam intensamente a brilhar, enquanto a pouco e pouco se ia amortecendo o brilho das fogueiras.

Voltamos então para o interior da casa, em busca das nossas redes, bem satisfeitos deveras com tudo que tínhamos visto.

4 de *julho* – A vegetação, agora, enquanto a estação seca avança, melhora de aspecto.

As árvores estão continuamente soltando brotos e flores.

As folhas novas, muito verdes, substituem as murchas, que ainda restam da estação passada.

As trepadeiras, em particular, tornam-se notáveis, não só pela beleza da folhagem, mas também pela das suas flores.

Muitas vezes, vêem-se duas ou três lianas sobre uma árvore ou arbusto, entrelaçando-se na mais surpreendente, se bem que elegante confusão.

É difficílmo decidir a que espécie de planta as diferentes flores pertencem, e, se elas estão muito altas, torna-se impossível isso.

Vêem-se delicadas *convolvuláceas*, de flores alvas e amarelas, em grande profusão.

As de flores-trombetas, de cor purpúrea ou amarela, são as mais vistosas.

Algumas lianas, de folhas muito espessas, sobem à grimpa das mais altas árvores, abrindo em lindas espigas as suas flores, de um escarlate vivo e brilhante.

Entre as que não estão agora em florescência, vêem-se mais freqüentemente as *baubínias*, de formas variadíssimas.

As suas espécies são numerosíssimas.

Algumas são arbustos: outras, delicadas trepadeiras.

Uma, porém, é a mais extraordinária dentre as extraordinárias trepadeiras da floresta, com os seus enormes caules achatados e lenhosos, enrolando-se uns com os outros ou entrando e saindo da mais singular maneira, subindo às grimpas das mais altas árvores e em seguida pendendo de seus galhos em gigantescos festões de muitos pés de comprimento.

Vê-se comumente uma notável *Clusia*, de grandes folhas luzentes e flores de um fortíssimo e flagrante odor.

Ela desenvolve-se não só como árvore de alto porte, mas também como parasita de quase todas as árvores da floresta.

Os seus grandes e alvos frutos são denominados “cebola-brava” pelos nativos.

Os pássaros comem-lhe os frutos e são eles que lhe transportam as sementes para as forquilhas das mais altas árvores, onde, ao que parece, tornam raiz prontamente em qualquer substância vegetal ou no próprio esterco dos pássaros, o qual possa existir ali.

Quando atingem a regular desenvolvimento, necessitando de mais alimento do que possa ser obtido ali, enviam para baixo os seus longos rebentos, em busca do solo, onde eles criam raízes e desenvolvem-se, transformando-se então em novo caule.

Em Nazaré, ao lado da estrada, há uma, em cuja forquilha cresce uma grande palmeira “mucujá”, sobre a qual se vêem três ou qua-

tro *clúsias*, ainda tenras, e que sem dúvida têm ou terão orquídeas e fetos, também a desenvolver-se ali.

Poucas árvores da floresta estão agora em florescência. É um espetáculo verdadeiramente magnífico o contemplar-se uma grande árvore, que se cobre de flores em profusão.

Mas tudo isso está fora do alcance do curioso e extasiado naturalista.

É que tais flores somente se abrem por cima da enorme cúpula de verdura, exposta aos raios solares.

Em muitas dessas árvores, só se encontra uma única flor, no mínimo a uma altura de 80 ou 100 pés.

Estas florestas, em sua glória e esplendor plenos, apenas poderão ser vistas e devidamente reparadas, deslizando-se suavemente em um balão sobre a sua ondulante e florida superfície.

Tal privilégio, contudo, está reservado aos viajantes de eras vindouras.

Uma jararaca, que dizem ser uma das mais perigosas serpentes do Brasil, foi morta por um negro, no quintal de nossa casa.

Era pequena e não era lá muito pintada.

Em compensação, trouxeram-me também uma bonita cobra-coral, de cerca de uma jarda de comprimento, e toda assinalada com lindas listas pretas, vermelhas e amarelas.

Talvez, já sabendo, por experiência própria, a maneira pródiga pela qual os estrangeiros comprem tais raridades, o homem teve a frieza de pedir-me 2\$000 (ou 4 shillings e 6 pences) por ela, o que recusei, não tendo ele outra coisa a fazer, senão jogá-la fora e nada obter.

Um ou dois pences bastam para pagar esses bichos que para os nativos não têm valor algum pois que não se esforçam por fazer jus a tão exagerada recompensa, e todas as coisas, que vão encontrando pelo caminho eles as trazem, quando sabem que desejais comprá-las.

Neste tempo, encontram-se comumente cobras, o que não é muito agradável.

Eu quase pisei uma, de cerca de dez pés de comprimento, o que me assustou bastante, o mesmo lhe sucedendo, a julgar pela maneira com que sorratamente tratou de escapular-se.

Apanhei também uma pequena *amphisbena*, debaixo de um cafeeiro do nosso quintal.

É sabido que esta espécie não tem presas venenosas; mas os negros dizem que é muito perigosa e que a sua mordedura não tem cura.

É também muito sabido que, nas cobras de duas cabeças, dificilmente se distingue a cabeça da cauda, em virtude de ser esta embotada.

Eles ainda acreditam que se uma delas for partida em dois pedaços e estes atirados a algumas jardas de distância um do outro, voltam a juntar-se, convertendo-se em outro animal inteiro.

Entre as curiosidades, que se encontram na floresta, destacam-se uns grandes montes de terra e de areia, que se vêem algumas vezes ao lado das estradas, outras vezes estendendo-se de través, fazendo com que o pedestre neles suba e deles desça (o que é agradável divertimento, nessa região plana), parecendo os aterros de uma direta é "*Pará and Peru Railway Company*", que ali houvesse iniciado os seus serviços de terraplenagem.

Tais aterros são, por vezes, de 30 a 40 pés de comprimento, por 10 a 15 de largura; mas, ao invés de serem feitos pelos trabalhadores de uma estrada de ferro, verifica-se logo que é tudo devido à indústria de um inseto nativo: a muito temível formiga saúva.

Este inseto, de uma cor vermelho-clara, é aproximadamente do tamanho das nossas maiores espécies inglesas, a formiga dos bosques, porém é armado de garras muito mais poderosas.

Causa grandes danos às árvores tenras despojando-as das folhas, da noite para o dia.

Vêem-se pelas estradas, em longas fileiras, umas folhas verdes movendo-se precipitadamente, esbarrando-se umas com as outras.

São as saúvas, cada uma carregando um pedaço de folha, por elas cortada tão certo, como se fosse com uma tesoura, e por baixo do qual ficam completamente ocultas.

A laranjeira é muito sujeita a seus ataques.

No nosso quintal, as árvores tenras são plantadas no centro de um vaso de barro, do formato de um anel, que se enche de água, cercando o caule em toda a roda e evitando-se, assim, que as formigas o alcancem.

Alguns quintais são tão infestados por elas, que é inútil plantar-se o que quer que seja.

Não se conhecem meios para destruí-las, e o seu número é imenso, como se poderá inferir da grande quantidade de terra que removem.

Nas florestas, encontram-se também, muito freqüentemente, as casas de muitas espécies de vespas e de abelhas, com as quais, por precaução, não quisemos intrometer-nos.

Geralmente as suas casas se prendem ao dorso das folhas, especialmente à das palmeiras novas de “tucumá”, que são bastante largas e oferecem bom amparo.

Algumas delas são pequenas, de formato achatado, com uma única abertura, enquanto outras têm visíveis todas as suas celas.

Algumas têm somente duas ou três celas e outras grande número delas.

São feitas de uma substância delicada, semelhante ao papel.

Outras há, contudo, nas altas árvores, que são enormes casas, cilíndricas, feitas de um material tão duro como o papelão.

Outras espécies constroem as suas casas nas cavidades das árvores ou nas raízes destas, no solo, enquanto as espécies solitárias fazem pequenos buracos nas estradas ou furam as paredes barreadas das casas, donde surgem, precipitadamente como se dali fossem tocadas a pancadas.

As picadas desses insetos são muito dolorosas.

Algumas espécies são tão bravas, que, quando alguém se lhes aproxima das casas, dali saem voando, para atacar o descuidado intruso.

As maiores espécies de vespas têm ferrões muito longos, e podem distender bastante o corpo.

Por isso mesmo, fomos muitas vezes picados por elas, quando tentávamos segurá-las para as nossas coleções.

Eu fui um pouco importunado por outro inseto nosso inimigo, o célebre “bicho-de-pé”, que nos fez, afinal, a sua primeira visita.

Assim é que, notando um dia certo calombinho num lado de meu pé, e mostrando-o a Isidoro, disse-me ele que era um “bicho-de-pé”.

Eu mesmo quis extraí-lo, e dispus-me a fazer a operação com uma agulha; porém, não estando ainda acostumado, não consegui tirá-lo inteiro.

Logo após a extração, pondo um pouco de rapé na cavidade, não senti mais nada.

Este inseto é uma pequena pulga, que penetra na pele dos dedos dos pés, desenvolve-se ali, até tornar-se do tamanho de um grão de ervilha, ficando no meio de um saco de ovos, onde se distingue o inseto, como uma mancha preta.

Quando penetra, causa ligeira irritação na pele, e, sendo encontrado nessa ocasião, facilmente pode ser extraído; porém, se ele se desenvolve ali, até atingir a tamanho regular, é bastante doloroso conseguir-se tirá-lo; e, se essa operação for retardada, pode ocasionar uma ferida perigosa.

Com cuidado e atenção, consegue-se extraí-lo, e o respeitável inseto não é tão importuno como os mosquitos, ou mesmo como as nossas moscas domésticas.

Tendo feito os arranjos para outra e mais demorada visita a Maguari com as nossas redes, laços e malas, fomos para bordo de uma canoa, que faz regularmente a carreira para os engenhos, de lá trazendo arroz e madeiras e levando no seu retorno tudo que é preciso ali.

Deixamos Belém do Pará cerca das nove horas da noite, com a maré favorável, e, às cinco horas da manhã, encontramos um navio, que lançava âncoras, para esperar pela maré.

Fizemos a viagem em uma “montaria” ou pequena canoa, usada pelos índios, e, como éramos ao todo cinco pessoas, com os negros que eram os seus remadores, fiquei um tanto nervoso, devido ao peso, que era excessivo.

A canoa ficara somente duas polegadas fora da água.

Um movimento qualquer de um dos companheiros seria o bastante para nos pôr em sérias dificuldades.

Contudo, nada houve que temer, e prosseguimos favoravelmente a nossa viagem.

A canoa, entretanto, devido ao excesso de peso, fazia muita água, sendo necessário, de quando em quando, ser a mesma retirada, o que fazíamos com uma cuia, durante todo o tempo da nossa navegação.

A princípio, na verdade, isso não foi lá muito agradável mas, depois de algumas milhas, nós nos acostumamos, confiantes em alcançar o termo da nossa viagem, com as melhores probabilidades possíveis.

O pitoresco e a nova aparência das margens do rio, quando o sol se ergueu, atraíam toda a nossa atenção.

O rio, embora fosse um insignificante tributário do Amazonas, era mais largo que o Tâmisia.

As suas margens, por toda parte, vestem-se de densas florestas.

Em certos lugares, vêem-se numerosos “mangues”, com as suas raízes descendo dos galhos, até alcançar a água, ostentando aspectos curiosos.

Em alguns, vêem-se os frutos germinando na árvore; da qual pendem os seus rebentos até à água, a fim de formarem outras raízes para a própria árvore.

Além dessas, erguem-se grandes árvores da floresta, em promiscuidade com as palmeiras açáí e miriti e outras mais, enquanto as flores-da-paixão e as convolvuláceas pendem os seus festões até ao nível da água.

Enquanto íamos avançando, o rio tornava-se cada vez mais estreito, e, cerca das sete horas, saltamos em terra, para estirar nossas pernas, que já estavam tendo câimbras, em uma cabana, junto à qual havia uma árvore povoada de ninhos suspensos do guache amarelo e de inúmeros pássaros, que ininterruptamente entravam nos mesmos e deles saíam.

Com uma hora mais, passamos por Laranjeiras, um bonito sítio, onde havia algumas moradas, sendo ali a residência do Sr. C.,²⁹ comandante do distrito.

Pouco adiante, ganhamos um estreito igarapé, que corta a floresta, na extensão de uma ou duas milhas, quando, depois de uma volta repentina, avistamos enfim os engenhos.

Ali, uma recepção cordialíssima do Sr. Leavens e um bom almoço compensaram bem as nossas quatro horas de aperto na montaria e deram-nos ânimo para uma exploração aos bosques, caminhos e lagoas dos arredores.

O que fazíamos diariamente, durante a nossa estada nos engenhos, era como se segue:

Nós nos levantávamos às cinco e meia da manhã, hora em que ia tomar banho na bica do engenho quem o desejasse.

Depois disso, partíamos, geralmente com as nossas espingardas, para a floresta, muito cedo ainda, que é a ocasião mais favorável para caçar.

O Sr. Leavens, em muitas ocasiões, nos acompanhava, a fim de mostrar-nos as melhores árvores, onde a caça grande e os pássaros se alimentam.

Às oito horas, voltávamos, para almoçar, e daí de novo partíamos, à procura de insetos e de plantas, até a hora do jantar.

Depois do jantar, fazíamos quase sempre outro passeio, de uma ou duas horas, sendo o resto da tarde aproveitado para preparar e secar as nossas presas, ou, então, para palestrar.

Algumas vezes, inventávamos uma descida pelo igarapé, de montaria, só voltando muito tarde, à noite.

Isso, porém, só se fez nas minhas primeiras excursões à floresta, quando eu tinha ainda a minha curiosidade insatisfeita e voltada para os estranhos pássaros e outros animais, que se encontram ali.

Os tucanos e papagaios eram abundantes, e as bonitas araras azuis e vermelhas eram também muitas vezes encontradas.

29 Assim está no original, talvez porque o autor se haja esquecido do nome do oficial.

Os beija-flores passavam como dardos, desaparecendo nas profundezas das floresta.

Os pica-paus e cétias, de vários tamanhos e cores, corriam para cima dos troncos, ao longo das árvores.

Vêem-se, com penas vermelhas na cabeça e pufos no pescoço, muitas cotingas, cujas asas fazem forte ruído.

Parece impossível que tal ruído possa ser feito por um pássaro tão pequeno.

Mas a minha maior satisfação, entretanto, foi o meu primeiro encontro com os macacos.

Certa manhã, quando eu vagava sozinho pela floresta, percebi um movimento por entre as folhas e ramos, como se um homem estivesse caminhando cautelosamente por ali.

Eu esperava ver, de um momento para outro, surgir ali algum índio caçador.

Repentinamente, percebi que os ruídos provinham dos galhos de cima, e, para lá voltando os meus olhos, vi então um grande macaco, que estava a olhar-me cá embaixo.

Parecia estar tão espantado, quanto eu mesmo.

Desejei, naquele momento, ter a boa sorte de poder observá-lo mais demoradamente; porém julgou mais seguro bater em retirada.

No dia seguinte, tendo saído com o Sr. Leavens, ouvimos, quase no mesmo lugar, um barulho semelhante, tornando-se desde logo evidente que um numeroso bando de macacos vinha chegando ali.

Ocultamo-nos debaixo de algumas árvores, com as espingardas engatilhadas e levantadas, esperando que eles se aprumassem.

Vislumbramo-los logo após, quando saltavam por três as árvores, pulando de galho em galho.

Passavam de uma árvore para outra com a maior facilidade.

Afinal, um deles chegou demasiado perto de nós, para a sua desdita, pois o Sr. Leavens o visou bem, e ele veio abaixo.

O resto do bando pôs-se logo em *fuga*, a toda pressa.

O pobre animal não caíra morto.

Com os seus gritos, o seu inocente modo de olhar e as suas delicadas mãos, como que implorando proteção, parecia quase uma criança.

Tendo muitas vezes ouvido falar que a carne de macaco é muito boa, eu o levei para casa, onde o cortei e mandei fritar para o almoço.

Não é tão boa quanto a carne de galinha, sendo algum tanto parecida com a carne de coelho, sem que se perceba, contudo, qualquer gosto esquisito ou muito pronunciado.

Outra boa iguaria é a cotia ou “agouti”, animalzinho cujo tamanho fica entre o do porquinho de guiné e o da lebre, mas com membros muito mais longos. A sua carne é muito estimada para a mesa, sendo, porém, algum tanto seca e sem gosto.

Lá um dia, em uma “montaria”, fomos fazer uma visita ao comandante de Laranjeiras.

A manhã estava muito bonita.

As andorinhas e os alciões voavam adiante de nós como também o fazia o belo “pavio” (*Eurypygia helias*).

Este último, entretanto, que eu muito desejava possuir, prudentemente saía do alcance de tiro.

Às margens do igarapé achavam-se cobertas de uma espécie de ingá, que estava em florescência, e do qual o Sr. B. colheu alguns punhados de bonitas flores.

Viam-se movendo, por entre as raízes dos mangues, numerosos caranguejos.

Alguns tinham um aspecto verdadeiramente grotesco, com as suas enormes garras erguidas, como se estivessem fazendo acenos.

Em Laranjeiras, fomos cordialmente recebidos e tratados pelo comandante, em seu “palácio” de pau-a-pique e de paredes de barro.

Ele ofereceu-nos vinho e bananas.

Depois disso, mostrou-nos uma enorme fava, de casca muito grossa, que ele partiu com um martelo.

Havia, no interior dela, uma substância amarela, farinácea, que lhe envolve toda a semente.³⁰

30 Deve ser o “jatobá” ou “jataí” (*Hymenea courbaril*, *stigonocarpa* ou *stilbocarpa*).

Os índios comem-na e apreciam-na muito.

O seu sabor é um tanto adocicado.

Ao manifestarmos o desejo de ir à floresta, de boa vontade e muito atenciosamente dispôs-se ele a acompanhar-nos.

Chegamos logo a uma alta árvore, debaixo da qual encontramos muitos frutos semelhantes àquele, tendo eu então apanhado alguns muito bonitos.

O idoso cavalheiro levou-nos dali ao longo de vários caminhos, mostrando-nos outras árvores, algumas úteis, como material para vigas, e outras como “remédios” para diversas doenças.

Uma dessas árvores, ali muito comum, produz uma substância de forte odor, entre o da cânfora e o da terebentina.

Essa árvore denomina-se “pixe-branco” ou “abeto”, pois dela se extrai, em grande quantidade, a dita substância, que serve para o pixamento de botes, quando misturada com óleo.

Pelo seu forte cheiro, muito parecido com o da cânfora, pode vir ainda a tornar-se de grande utilidade em outros empregos.

Nos terrenos em redor da casa, via-se uma árvore de fruta-pão.

Viam-se também alguns algodoeiros e uma bonita castanheira ou árvore das nozes do Brasil, com os seus enormes frutos, e muitos ninhos do guache amarelo, que parece ser pássaro amigo das vizinhanças das casas.

Lendo o livro do Sr. Edwards, achei a notícia de que em Laranjeiras ele obtivera algumas conchas.

Falei a este respeito com o Sr. C. e este tirou prontamente, de uma caixa que se achava ali perto, dois ou três toleráveis espécimens.

Encarregamos a um seu filho, menino de onze para doze anos, de arranjar-nos um lote delas, pois pagaríamos à razão de um *penny* cada uma, devendo ser enviadas ao Sr. Leavens, nos engenhos.

Isso, entretanto, ele nunca fez.

Durante a nossa palestra, entretida com o nosso muito escasso vocabulário português, o Sr. C. freqüentemente nos perguntava qual era o significado de tal ou qual palavra em americano (assim se denomina

aqui a língua inglesa), e muito se divertiu à custa dos absurdos e incompreendidos termos, por nós usados na conversação comum.

Entre outros, nós lhe dissemos que a um “rapaz” chamamos em americano “boy”, palavra que em português significa “boi”.

Isso foi para ele um completo clímax de absurdos, tempo que riu à bandeira despregada. E até nos fez repetir várias vezes o caso, a fim de que não se esquecesse de tão bom gracejo.

Quando já estávamos remando para o meio do rio e lhe dizíamos nosso “adeus”, as suas últimas palavras, tão alto quanto ele nos pôde gritar, ainda foram as seguintes:

– “Como se chama *rapaz?*?”

Um ou dois dias antes de deixarmos os engenhos, tivemos oportunidade de observar os efeitos do morcego-vampiro,³¹ o qual havia sugado um potro, que o Sr. Leavens havia acabado de comprar.

Na primeira manhã, após a chegada, o pobre animal apresentava o mais lastimável aspecto, vendo-se grandes manchas de sangue coagulado, que lhe havia corrido do lombo e dos quartos.

O aspecto, contudo, arrisco-o eu a dizer, era pior do que a realidade, pois o morcego tem a habilidade de fazer a sugação sem causar dor, e o cavalo, como um paciente sob a ação do clorofórmio, nada ficará sentindo.

O perigo maior está em se repetirem todas as noites os ataques, até que a perda de sangue se torne séria.

Para prevenir novos ataques, esfregam-se umas pimentas vermelhas nas partes atingidas e em todos os lugares próximos.

Com semelhante precaução, pôde-se em parte obstar o sangüínivoro apetite dos morcegos, mas não de todo, porquanto, a despeito dessa providência, o pobre animal fora de novo sugado na noite seguinte, em outras partes do corpo.

O Sr. Leavens é natural do Canadá, onde esteve muito tempo lidando com o comércio de madeiras, do qual tem grande prática.

31 É um morcego sugador de sangue (*Phyllostoma sp.*), erroneamente chamado “vampiro”, pois os morcegos do gênero *vampyrus* são frugívoros (*Nota do autor*).

A possibilidade de obter-se um regular fornecimento de madeiras do Amazonas foi muitas vezes assunto das nossas palestras.

Na verdade, não deixa de ser estranhável que a maior parte das nossas madeiras sejam importadas de países onde a navegação é interrompida quase sempre durante a metade do ano pela congelação e onde os rios são a todo tempo obstruídos por cachoeiras, além de sujeitos a fortes tempestades, o que torna a descida das jangadas um negócio muito arriscado.

Outrossim, há ainda a considerar a pouca variedade das madeiras dessa procedência, muitas das quais são de tão pobres qualidades, que somente têm emprego por serem muito baratas.

Por outro lado, o vale do Amazonas, com os seus inúmeros tributários, é um território onde os rios têm navegação franca o ano todo, com centenas e mesmo milhares de milhas não obstruídas pelos rápidos e cachoeiras, e onde raramente ocorrem, em qualquer quadra do ano, tempestades violentas.³²

As margens de todos esses rios são cobertas de densa mata virgem, encontrando-se madeiras de lei em tão inexauríveis quantidades e de uma variedade tal, que, ao que parece, não haverá nenhum propósito para o qual a madeira possa ter aplicação, ao menos para um determinado fim, que não seja aqui encontrada.

Assim, por exemplo, o cedro,³³ que dizem ser encontrado abundantemente em determinadas localidades, por si só, tendo as vantagens acima referidas, poderá ser exportado para a Inglaterra, por um preço menor do que qualquer pinho branco, procedente do Canadá.

É madeira que pode ser mais ou menos tão facilmente trabalhada como o pinho; tem agradável odor, muito aromático, e, em aspecto, é igual ao jacarandá.

Desta sorte, é madeira que pode vantajosamente ser empregada para portas e todos os acabamentos internos das casas.

32 O Amazonas é francamente navegável num percurso de mais de 4.000 quilômetros, sendo também de muitos milhares de quilômetros a extensão francamente navegável dos seus tributários.

33 É o nosso *Cedrela brasiliensis*.

Devido à falta de um regular fornecimento, os negociantes, aqui, entretanto, são obrigados a importar pinho dos Estados Unidos, para os seus encaixotamentos.

Durante séculos, o madeireiro, com o seu machado, tem sido o pioneiro da civilização, nos sombrios recessos das florestas do Canadá, enquanto os tesouros desse grande e fértil país estão ainda intactos.

O Sr. Leavens foi informado de que o cedro se encontra no Tocantins, o primeiro dos grandes tributários do Amazonas meridional.

Ele está muito empenhado em fazer uma excursão para examiná-lo e estudar as possibilidades de trazê-lo em jangadas de madeira para o Pará.

Aproveitando a oportunidade, que assim se me oferece, decidi acompanhá-lo nessa sua excursão, com o propósito de fazer investigações de história natural naquele quase desconhecido distrito.

Ficou resolvido partirmos dentro de poucas semanas.

Após uma permanência de cerca de quinze dias nos engenhos, regressamos a pé para Belém do Pará.

As nossas bagagens e coleções vieram por água, numa canoa.

Alguns navios haviam chegado dos Estados Unidos e do Rio de Janeiro.

O governo imperial havia baixado ultimamente um decreto, de cuja aplicação era lícito esperar-se um grande benefício para o comércio e para a tranqüilidade da província do Pará, da qual era costume, até então, obterem-se quase todos os recrutas destinados ao Exército brasileiro.

Os índios, que desciam os rios para negociar os seus produtos, eram violentamente seqüestrados e coagidos a servir como soldados.

A isto é que se chamava “alistamento voluntário”.

Assim se procedeu durante muitos anos, até que, afinal, o temor tomado pelos nativos, que desciam para o Pará, chegou a ponto de ameaçar seriamente o comércio da província, que estava correndo o risco de paralisar-se.

Pela lei, agora decretada (em consequência de repetidas queixas das autoridades locais e mesmo ameaça de outra revolução), proíbe-se na província do Pará, por espaço de quinze anos, o tal “alistamento voluntário”.

Graças a essa providência, ficamos livres de quaisquer perturbações, que poderiam irromper por aquele motivo.

Nada me impressionou tanto aqui, como a calma e o espírito ordeiro da cidade e dos seus arredores.

Não se vê ninguém carregando facas ou outras armas. Há menos conflitos, brigas ou mesmo casos de embriaguez, nas ruas tanto de dia como de noite, do que em qualquer cidade da Inglaterra de igual população.

E, quando nos lembramos de que a população paraense é constituída, na sua maior parte, de gente ineducada, que se compõe de escravos, de índios, de brasileiros, de portugueses e de estrangeiros, e que o álcool é vendido em todos os cantos, a dois pences o quartilho, só isso diz tudo do bom natural e das disposições pacíficas da província.

3 de agosto – Tivemos nova inquilina em nossa varanda, na pessoa de uma bonita e ainda nova *boa constrictor*.

O homem, que a havia apanhado na floresta, ali a deixou para nós a examinarmos.

Estava ela com um apertado laço em volta do pescoço, por intermédio do qual ficava presa a uma comprida vara, que lhe tolhia a liberdade dos movimentos, e, nessa situação, parecia dificilmente poder respirar.

O seu comprimento era de cerca de dez pés, e era muito grossa, tanto como a coxa de um homem.

Ficou a contorcer-se ao longo de seus obstáculos, cerca de três dias.

Algumas vezes, abria a boca com um suspeito bocejo e levantava a ponta da cauda, que ficava dobrada como um gancho.

Depois de algumas entabulações, concordamos em adquiri-la por 2\$000 (ou 4 shillings e 6 pences), e fiz o seu vendedor passá-la para uma gaiola, que fora preparada com um caixote, tendo umas barras de madeira no topo.

Na sua jaula, ao que parece, ela começou logo a recuperar o tempo perdido, soprando com violência, fazendo ruidosas expirações, como o vapor, quando sai de uma caldeira de alta pressão da locomotiva da Great Western.

Isso continuou assim por algumas horas, fazendo a cobra cerca de quatro e meia inspições por minuto.

Em seguida, caiu em quietação, que manteve, a não ser quando provocada, pois então se tornava irritadiça.

Embora ela já estivesse sem alimento havia mais de uma semana, os pássaros, que lhe demos, foram recusados, mesmo quando vivos.

Dizem que os ratos são o seu alimento favorito, porém esses não os podíamos obter.

Tais serpentes são comumente encontradas, mesmo bem perto da cidade, porém são consideradas inofensivas.

Para apanhá-las, aperta-se-lhes a cabeça com uma vara de forquilha na ponta, na qual se enrolam imediatamente.

Depois, com toda a precaução, enlaça-se e prende-se a cabeça à vara.

Por essa maneira, pode-se facilmente transportá-las para casa.

Outro animal, muito interessante, e de pequeno porte, foi uma “preguiça” nova, que Antônio, um menino índio que se havia engajado para o nosso serviço trouxera viva da floresta.

Ela não é maior do que um coelho, tem um pêlo grosseiro, de um cinzento pálido, e uma cabeça, redonda e pequena, com a face de um aspecto quase humano, tanto como um macaco, mas com expressão muito sombria e melancólica.

Arrastava-se dificilmente ao longo do chão, parecendo sossegada em casa, numa cadeira, donde se dependurava, com as costas voltadas para baixo.

Era um animal pequeno, tranqüilo e inofensivo, que se submetia a toda espécie de exame, sem manifestar desprazer, senão um gemido tristonho.

Dormia sempre com as costas dependuradas para baixo e a cabeça entre as patas dianteiras.

O seu alimento predileto é a folha da *Cecropia peltata*,³⁴ da qual comia, por vezes, um pouco do galho que lhe fornecíamos.

34 É o nome científico da embaúba (*imbaúba* ou *ambaíba*), também chamada “árvore-da-preguiça”.

Após permanecer conosco três dias, fomos encontrá-la morta, no quintal, para onde se transportara, esperando sem dúvida alcançar a floresta.

Difícilmente aceitava o alimento que lhe dávamos, e parece que morreu de fome.

Estamos agora ocupados em empacotar a nossa primeira coleção de insetos, a fim de mandá-la para a Inglaterra.

Em dois meses justos, colhemos o elevado número de 553 espécies de *lepidópteros*, dos quais mais de 400 eram borboletas, 450 escaravelhos e 400 de outras ordens, fazendo ao todo 1.300 espécies de insetos.³⁵

O Sr. Leavens decidiu fazer a sua excursão ao Tocantins, e devemos partir dentro de uma semana.

Já tenho as minhas vistas voltadas, com muito prazer, para aquele novo e inexplorado sertão.

35 Segundo o professor Magalhães Correia, existem 60.000 espécies de lepidópteros, dos quais 30.000 são da América. Só o Amazonas conta 7.000 espécies. O maior lepidóptero do mundo é brasileiro e chama-se “imperador” (*Thysania agrippina*). Chega a ter 34 centímetros de envergadura, sendo de cor branca acinzentada.

.....

Capítulo III

O Tocantins

CANOA, PROVISÕES E TRIPULAÇÃO – RIO MOJU –
IGARAPÉ-MIRIM – CAMETÁ – O SR. GOMES E A SUA
PROPRIEDADE – PROCURANDO RECURSOS PARA O JANTAR –
JAMBUAÇU – POLIDEZ EPISTOLAR – BAIÃO E SEUS
HABITANTES – UM ENXAME DE VESPAS – PENETRANDO A
ZONA ROCHOSA – A MUTUCA – DIFICULDADE PARA
ARRANJAR HOMENS – UMA ALDEIA SEM CASAS –
APANHANDO UM JACARÉ – CAÇANDO PATOS – AROIÁS E AS
CACHOEIRAS – CONCERTO NOTURNO – ARARAS AZUIS –
OVOS DE TARTARUGA – UM PEQUENO ACIDENTE –
POSSIBILIDADES DA REGIÃO – REGRESSO À REGIÃO DO
PARÁ

A

TARDE de 26 de agosto, deixamos Belém do Pará,
em demanda do Tocantins.

O Sr. Leavens havia-se encarregado de todos os preparativos
para a viagem.

Para isso, alugou uma canoa, de tábuas toscamente aparelha-
das, das que comumente são feitas aqui, mas mesmo assim bem adequada
para a nossa viagem, tendo uma *tolda*, ou coberta, feita de folhas de pal-

meira, que formava a nossa cabine, na proa, e na parte dianteira tendo uma outra igual, porém mais baixa, sob a qual foram guardadas e acomodadas as nossas provisões e bagagens.

Sobre esta última, havia um convés tosco de tábuas de cedro, onde os homens se aboletavam para remar, e onde às vezes tomávamos as nossas refeições, quando o sol não nos incomodava muito ali.

A canoa era provida de dois mastros com velas, um na proa e outro na popa, e tinha um comprimento de 24 pés por 8 de largura.

Além das nossas espingardas, munições e caixas para guardar as coleções que fizéssemos, levávamos provisões para três meses, consistindo em farinha de mandioca, peixe, cachaça, para os nossos homens; chá, café, biscoitos, açúcar, arroz, carne salgada e queijo, para o nosso gasto propriamente.

Isso tudo, com as roupas, os utensílios de cozinha e um saco de moedas de cobre, a única moeda corrente no interior, constituía uma boa carga para a nossa pequena embarcação.

Compunham a sua tripulação: o velho Isidoro, como cozinheiro; Alexandre, um índio dos engenhos, que era apelidado de “Capitão”; Domingos, que já havia viajado rio acima e o conhecia bem, e que, por isso mesmo, devia ser o nosso piloto; e Antônio, o menino anteriormente citado.

Outro índio desertou na hora em que devíamos partir, e, como estávamos confiantes em que mais adiante, durante a viagem, poderíamos arranjar uns dois ou três, iniciamos logo a nossa jornada.

Em tão pequena embarcação, indo rio acima na mesma província, não nos foi permitido deixar Belém sem os necessários passaportes e pagamentos de direitos alfandegários.

Isso foi tão demorado, quanto dificultoso de realizar, como se fôssemos embarcar em um navio de 200 toneladas, que estivesse de partida para o estrangeiro.

As fórmulas a preencher, as rubricas e contra-rubricas em diferentes repartições, os selos, e outras providências, que devem ser observadas, para um estrangeiro levar a cabo, é muito complicado e difícil, se não quase impossível, tão numerosas e tão demoradas são essas formalidades.

Mas aqui o regulamento é esse, mesmo em se tratando de comércio interno, na província, e dele não se isentam os próprios súditos brasileiros.

Se o Sr. Leavens não se houvesse encarregado desses arranjos, provavelmente havíamos de desistir, em vista de tantos obstáculos, de nossa projetada viagem.

Logo após a saída da cidade, anoiteceu, e, achando-se a maré contra nós, fomos obrigados a ancorar e a pernoitar ali.

No dia seguinte, às cinco horas da manhã, levantamo-nos e verificamos, então, que já estávamos nas alturas do rio Moju, em cujo curso deveríamos prosseguir, pois que ele entra no rio Pará do lado do sul.

A manhã estava deliciosa.

As saracuras e uma espécie de codornizes estavam entoando os seus melancólicos cantos, que se ouvem quase sempre, de manhã e à noite, nas margens dos rios.

Altas palmeiras erguem-se ali, na beira do rio.

Quando o sol surgiu, com aquela manhã tão fresca e tão agradável, o espetáculo era realmente belo.

Cerca das oito horas, passamos por Jaguari, onde fica a propriedade do Conde Brisson, havendo ali 150 escravos, que tratam especialmente do cultivo da mandioca.

Almoçamos a bordo, e, cerca das duas horas da tarde, alcançamos Jigheri, um lindo lugar, com as margens do rio muito escarpadas, cobertas de capinzal, e onde se viam inúmeros cacaeiros, palmeiras e laranjeiras.

Ali paramos para esperar a maré e preparar, na praia, o nosso jantar.

Enquanto isso, eu e o Sr. B.³⁶ saímos, procurando alguns insetos.

Eles eram abundantemente encontrados ali, tendo nós logo apanhado duas novas espécies de borboletas, que ainda não havíamos visto no Pará, até então.

36 Seguramente, esta inicial representa aqui o nome de Bates.

Nós não esperávamos, em tão curta distância, achar tal diferença de insetos.

Mas se isso ocorre na Inglaterra, por que não haveria de suceder aqui?

Tive ocasião de ver uma cobra muito comprida e delgada, de uma cor pardo-escura, enrodilhada entre alguns arbustos.

Sem que ela se movesse, era muitíssimo difícil poder-se distingui-la do caule de uma trepadeira.

Os nossos homens, pela manhã, apanharam uma preguiça, quando ela estava atravessando o rio, que, naquele local, era de cerca de meia milha de largura.

Era ela diferente das outras, que já havíamos visto vivas lá em Belém.

Os índios prepararam-na para comer, e, como consideram a sua carne um delicado manjar, eu resolvi prová-la também, verificando que de fato era muito macia e saborosa.

À tarde, ao pôr-do-sol, o cenário era de uma admirável beleza.

Viam-se grupos de elegantes palmeiras, enormes árvores de algodão-seda, as casas dos negros rodeadas de mangueiras e laranjeiras, o majestoso rio com as suas margens alcantiladas, estendendo-se, lá no fundo, a eterna floresta.

Tendo isso, suavizado pelos pálidos clarões de um mágico crepúsculo de meia hora, formava um quadro indescritivelmente belo.

Às nove horas da manhã do dia 28, entramos no Igarapé-Mirim, que é um canal de cerca de meia milha, ligando o rio Moju com outro rio, que flui para o Tocantins, mais ou menos em frente a Cametá.

O dito canal forma uma passagem interior, mais segura do que a navegação pelo rio Pará, onde, em algumas ocasiões, as embarcações são sujeitas a fortes balanços e violentas tempestades, havendo também baixios rochosos, os quais oferecem perigo às pequenas canoas, que por ele fazem o comércio com Cametá.

Quando íamos a meio caminho desse canal, fomos surpreendidos pela maré, correndo contra nós, e como as águas eram pouco profundas, fomos obrigados a esperar pela sua passagem, amarrando a nossa canoa em uma das árvores da margem.

Dentro em pouco, rompeu-se o cabo por intermédio do qual a nossa embarcação estava atracada, e dali fomos levados para diversas direções, com sério risco de sermos violentamente atirados contra um baixio de pedra.

Felizmente, com os nossos próprios recursos e esforços, manobrando habilmente a canoa, conseguimos levá-la para uma pequena enseada, onde havia águas tranqüilas.

Saindo do canal, navegamos ao longo de um rio sinuoso, por vezes completamente murado de luxuriantes árvores e lindas trepadeiras.

Uma vistosa árvore, carregada de flores purpúreas, era ali muito comum, e os grandes aruns aquáticos, carregados de alvas flores e curiosos frutos, cresciam em todas as margens alagadiças, ao longo das praias.

A palmeira miriti cobre por vezes, aqui, extensos tratos de terras, atingindo a grande altura.

Às cinco horas da manhã, alcançamos Santana, povoação onde há uma bonita igreja, do pitoresco estilo italiano, usual no Pará.

Por causa de nossos passaportes, prevíamos alguma demora nesse lugar, porém tal não se deu, porque, não se encontrando ali nenhum oficial para examiná-los, resolvemos continuar a nossa viagem, o que fizemos imediatamente.

Afinal, alcançamos o braço principal do Tocantins, com inúmeras ilhas, cobertas de palmeiras.

No dia 30, logo ao clarear, atravessamos o rio, que ali tem a largura de oito milhas, em direção a Cametá, uma das principais cidades da província.

O seu comércio consiste principalmente na exportação de castanhas, cacau, goma-laca e algodão, que são colhidos em grandes quantidades nos distritos circunvizinhos.

É um pequeno empório comercial; entretanto, um objeto tal como uma peça para relógio, por exemplo, de que eu estava precisando, não encontrei ali.

A cidade tem um aspecto agradável; está situada à margem do rio, tendo o barranco deste 30 a 40 pés acima do nível das águas.

Visto do barranco, o rio, com as suas ilhas, umas adiante das outras, e tão longe quanto a vista pode alcançar, é muito bonito.

Almoçamos com o Sr. Le Roque, um negociante que já era conhecido do Sr. Leavens, em companhia do qual percorremos a cidade e os seus arredores.

Depois disso, de ofereceu-se ainda para acompanhar-nos, em sua canoa, até ao sítio do Sr. Gomes (cerca de trinta milhas rio acima), para quem levávamos uma carta de apresentação, e com quem pretendíamos arranjar alguns homens mais.

Voltando para a nossa canoa, um dos nossos homens, Domingos, que era o seu piloto, lá não se achava, e, estando favorável a maré, o Sr. Le Roque partiu sozinho, tendo-lhe nós prometido segui-lo, logo que encontrássemos o nosso piloto, o qual, sem dúvida, devia estar metido em alguma taverna ou casa de bebida da cidade.

Depois de muitas indagações, em vão, até quase à hora da maré acabar, resolvemos prosseguir sem ele, e mandar-lhe recado, pelo Sr. Le Roque, à sua volta, para que seguisse numa montaria, no dia seguinte, ao nosso encontro.

Se tivéssemos procedido de outro modo, ficaríamos pacientemente à sua espera, até ao dia seguinte, quando então, sem dúvida, haveríamos de encontrá-lo.

Todavia, nunca mais o vimos, durante o resto da viagem, tendo ele deixado na canoa as suas roupas e vários objetos.

Em consequência de tal demora, perdemos o vento, e os nossos homens remanescentes tiveram de remar em todo o trajeto, o que os pôs de mau humor.

No caminho, encontramos, já de volta, o Sr. Le Roque.

O Sr. Gomes recebeu-nos bondosamente, e em sua companhia permanecemos durante dois dias, esperando também pelos homens, que ele ficará de arranjar-nos.

Ali nós nos divertimos muito, caçando pássaros e preparando-os.

Perto de casa, havia uma enorme e bonita leguminosa, que estava carregada de flores amarelas, e era muito freqüentada pelos periquitos e beija-flores.

Num igarapé, acima, havia numerosos “ciganos” (*Opisthocomus cristatus*), pássaros muito curiosos e interessantes.

São do tamanho de uma galinha, com uma bonita crista móvel, no alto da cabeça, e têm uma plumagem branca e cinza.

Eu matei dois, porém não estavam servindo para coleções, e, como são comumente encontrados em todos aqueles rios, exceto no Pará, foi com pouco pesar que os pus fora.

Vivem em bando, nas árvores e arbustos das ribanceiras, alimentando-se de folhas e frutos dos grandes aruns, anteriormente mencionados.

Não descem ao solo, e o seu vôo é baixo e pesado.

Nos campos, uma milha além da floresta, encontrei os bicos-de-cera, pombos, tucanos e papagaios de asas azuis e brancas.

Na floresta, encontramos algumas bonitas e novas *Heliconias* e *Erycinidias*, e peguei duas cicadas,³⁷ que estavam pousadas no tronco de uma árvore.

Estas últimas, quando são apanhadas, fazem um barulho ensurdecedor.

Geralmente pousam no alto das árvores; e, se bem que ali fiquem o dia todo, seguidamente, a chiar, é muito difícil poder-se descobri-las e capturá-las.

Quando eu voltava para casa, encontrei um indiozinho, e, na mesma ocasião, uma iguana, de três pés de comprimento no mínimo, de dorso listado, com o papo erguido, olhando muito firme e que saiu a correr pela estrada.³⁸

O menino, correndo, pegou-a pela cauda, e, ali mesmo, com ambas as mãos, de um golpe, deu-lhe com a cabeça em uma árvore, matando-a e levando-a em seguida para casa, onde, sem dúvida, dela fez um bom repasto.

37 São cigarras, conhecidas cientificamente por *Fidicina manifera* e *Tympanoterpes gigas*.

38 É um grande lagarto, o *Lacerta iguana*, chamado pelos nossos índios *sinimbu* ou *senembi*. No tupi amazônico, segundo Barbosa Rodrigues (“Peranduba”), há também a forma “senemúe”.

Aqui, tivemos oportunidade de observar alguma coisa a respeito da administração e dos costumes de uma fazenda ou casa de campo brasileira.

Os prédios locais estão situados uns quatro ou cinco pés acima do nível das mais altas marés, repousando sobre resistentes pilares.

Uma estiva, feita de grossas peças de madeira, acima também do nível das marés, vai até alcançar, em frente ao prédio, uma escada de alguns degraus.

Por intermédio desta última, alcança-se a varanda, abrindo para a qual fica a sala, onde se recebem e se alojam os hóspedes e onde também todos os negócios são tratados, ficando unida a esta, no fundo, a casa do engenho de cana e do alambique.

Completamente apartada deste prédio fica a casa onde residem a dona, as filhas e os servos, sendo feito o seu acesso pela varanda e ao longo de um passadiço de madeira de 40 a 50 pés de comprimento.

As nossas refeições eram feitas na varanda, em companhia do Sr. Gomes, ali não comparecendo, nem uma vez ao menos, a dona da casa, ou suas filhas mais velhas.

Às seis horas da manhã, vinha o café; às 9 horas, o almoço, que consistia em carne de vaca, peixe seco com farinha de mandioca, esta como substituta do pão, e, como complemento, café, bolos de farinha e a algum tanto rara delícia, que é a manteiga.

Às três horas, era servido o jantar, no qual tínhamos arroz ou camarões ensopados, outra variedade de carne, caça ou peixe fresco, terminando com uma sobremesa de frutas, principalmente abacaxis e laranjas, cortados em fatias e servidos em calda.

Às oito horas da noite, chá, bolos de farinha.

Dois ou três negrinhos e indiozinhos ficavam próximos da mesa, para trocar os pratos, logo que ficassem vazios, e eram substituídos por outros, limpos, pois uma rapariga, ali perto, estava constantemente entregue à tarefa de lavá-los.

Nesse local, o nosso menino Antônio foi dispensado, por ter-se tornado muito preguiçoso e desobediente, e voltou em compa-

nhia de um grupo de homens, que passou por ali a caminho do Amazonas, especialmente para pescar pirarucu.

Dos homens que trazíamos, só um foi que ficou, e, com mais dois que o Sr. Gomes nos cedeu, para irem até Baião, deixamos Vista-Alegre na manhã do dia 2 de setembro.

O rio apresentava o mesmo aspecto, como mais abaixo, semeado de inúmeras ilhas, na sua maior parte de algumas milhas de comprimento, nunca se podendo ver, a só tempo, as praias das suas margens.

Como nós nada tivéssemos para comer ao jantar, fui com o Sr. Leavens, em uma “montaria”, na qual os nossos índios deveriam voltar a uma casa situada em um igarapé próximo para vermos o que poderíamos comprar.

Havia ali muitas reses, ovelhas, galinhas e patos.

Pensamos que tínhamos acertado bem com o lugar, mas estávamos muito enganados.

O seguinte diálogo travou-se entre o Sr. Leavens e uma negra, que nos recebeu e que foi a única pessoa que vimos ali:

– A senhora tem frangos ou galinhas para nos vender?

– Não!

– Tem patos?

– Não!

– E alguma carne, tem?

– Não!

– Que é que a senhora faz aí, então?

– Nada!

– E ovos, a senhora não terá alguns para nos vender?

– Não! As galinhas não têm posto ovos.

Não obstante as nossas declarações de que nada tínhamos para comer, fomos obrigados a retroceder tão vazios como chegamos, isso porque o seu senhor ali não se achava, e, durante a sua ausência, nada de seu poderia ser vendido.

Em outra casa, fomos melhor sucedidos, conseguindo comprar uma pequena tartaruga, que nos deu um excelente jantar.

Nós tínhamos de aportar a um sítio, Jambuaçu, 15 milhas abaixo de Baião, onde o Sr. Seixas,³⁹ para quem levávamos uma carta, costumava passar algum tempo.

A casa está situada no barranco de um estreito igarapé, cuja boca mesmo os nossos índios tiveram dificuldade para encontrar, porquanto já era noite, quando ali chegamos.

Eu e o Sr. Leavens fomos então, de montaria, pelo estreito igarapé, onde os galhos das árvores quase esbarravam em nossas cabeças, tornando ainda mais escuro o canal.

Havia apenas umas poucas centenas de jardas até à casa, onde encontramos o Sr. Seixas, ao qual entregamos a carta de seu sócio em Belém do Pará.

E, como tal carta é um interessante documento, que põe à mostra a polidez portuguesa e está redigida em bom estilo, faço da mesma, aqui, a sua literal transcrição:

“Sr. José Antônio Correia Seixas & Cia. – Baião. – Amigos e senhores. – Na certeza de que é sempre agradável a VV. SS. ter uma oportunidade de patentear os seus generosos e elevados sentimentos de hospitalidade com os estrangeiros em geral, e muito especialmente para com aqueles que visitam o nosso país, com o proposto de nele fazer descobertas e estender a esfera dos seus conhecimentos, eu não hesito em tomar a liberdade, neste ensejo que a excursão do Sr. Charles Leavens e seus dois esforçados companheiros apresenta, de recomendá-los à amizade e proteção de VV. SS. na empresa científica que ora empreendem para o propósito de estudar as nossas produções naturais, as quais tornam a nossa província uma terra clássica na história dos animais e das plantas.

“Nesta laboriosa empresa, que os ilustres (*elites*)⁴⁰ viajantes empreendem, eu desejo muito que possam alcançar de VV. SS. tudo que os limitados recursos do lugar permitam não só para que se lhes removam quaisquer dificuldades que encontrem, mas também que VV. SS.

39 O autor escreve sempre *Seixas*, aqui e mais adiante, onde, a exemplo do que fizemos com *Isidora*, corrigiremos sempre para *Seixas*.

40 O autor põe entre parênteses e em itálico essa palavra, mas o correto é mesmo *ilustres*.

possam tornar menos árduas as privações e trabalhos, que necessariamente não de passar.

“E, para homens como eles, inteiramente devotados à ciência, cujo verdadeiro alimento é a história natural, em um país como o nosso, onde se encontram as mais curiosas produções, será fácil a VV. SS. arranjar meios que disto os compensem.

“Eu, por isso, espero, e, acima de tudo, rogo a VV. SS. a fineza de satisfazer todos os meus desejos nas atenções que VV. SS. houverem por bem dispensar ao Sr. Leavens e a seus companheiros, dando-me assim mais uma prova de estima e de consideração. – De VV. SS. – Amigo servo obediente – *João Augusto Correia.*”⁴¹

Após a leitura da carta, o Sr. Seixas nos disse que estava de saída para Baião, dentro de dois ou três dias, e que nós lá poderíamos permanecer e alojar-nos em sua casa, até que ele regressasse.

Resolvemos prosseguir nossa viagem, porquanto tínhamos de mandar voltar os homens que o Sr. Gomes nos cedera, e fomos logo para a nossa canoa, a fim de partir com a maré próxima.

Pela manhã, eu ia adiante, de montaria, com Alexandre, para atirarmos alguns pássaros.

Viam-se muitos alciões e umas andorinhas pequenas, de penas verdes no dorso, e alguns lindos pássaros, de penas vermelhas na cabeça (*Tanagra, guaris*), aqui denominados marinheiros, estes últimos sempre encontrados próximos da água, nos arbustos e árvores baixas.

Desembarcamos em uma extensa praia arenosa, onde estavam voando muitas andorinhas e gaivotas, das quais, após inúmeras tentativas infrutíferas, conseguimos matar apertas duas a tiros.

Na nossa montaria, remando, fomos alcançar a outra canoa, quando esta já estava para ancorar em Baião, sendo o barranco do rio muito escarpado ali, com uns cem pés de altura, vindo com este aspecto desde umas poucas malhas para baixo.

Com umas 120 passadas irregulares, ganhamos o alto, vendo-se logo, em terreno plano, a povoação e a casa do Sr. Seixas, tendo

41 Tanto aqui quanto mais acima, o autor grafa erradamente *Correio*, em lugar de *Correia*.

esta um cercado na frente e sendo toda caiada, embora fosse de paredes barreadas e sem assoalho.

Como a casa estivesse completamente vazia, ali nos instalamos, levando a maior parte da nossa bagagem da canoa para lá, tarefa esta um tanto penosa, a qual se fez debaixo de sol ardentíssimo.

Não se vê na povoação uma casa sequer com assoalho de madeira, o que não é para admirar, quando se considera que uma coisa tal como uma serraria não existe nesta região.

A machado, abre-se uma árvore pelo meio, no seu sentido longitudinal, e daí, em seguida, as superfícies internas são acertadas com uma machadinha, fazendo-se de uma árvore apenas duas tábuas por essa maneira.

Todos os assoalhos de tábuas de Cametá, e muitos mesmo de Belém do Pará, assim se fazem, sem o emprego quer de uma serra, quer de uma plaina.

Permanecemos em Baião alguns dias, e ali tivemos vários e agradáveis passatempos.

Os pássaros eram toleravelmente encontrados.

Eu ali matei um jacamar,⁴² cinza-escuro, um papagaio de penas vermelhas na cabeça e alguns bonitos pombos.

Em toda a roda da povoação, por algumas milhas de extensão, nos terrenos altos e secos, há cafezais e matos de segundo crescimento, onde encontramos muitas borboletas algumas novas para nós, particularmente alguma brancas e amarelas, das quais capturamos seis ou sete espécimes, que ainda não havíamos visto.

A janela da casa, em que estávamos hospedados, e que dava para a rua, enquanto eu preparava os insetos ou depenava os pássaros, ficava quase sempre apinhada de meninos e de alguns homens, que ali permaneciam horas seguidas, com a mais infatigável curiosidade, acompanhando e observando as minhas operações.

Toda vez que viam um pássaro depenado repetiam e exclamavam:

42 Não há pássaro em nosso país com esse nome. Deve ser *jaçanã* ou *jacamim*.

– Oh, a paciência dos brancos!

Em seguida, um cochichava para outro:

– Será que ele tira toda a carne?

– Eu ainda não vi – respondia o outro:

– Olha como ele faz os olhos de algodão!

E travavam-se diálogos, quanto aos fins a que poderiam destinar-se aqueles bichos.

– Para mostrar – era a resposta quase sempre.

Mas, ao mesmo tempo, entretanto, parecia que julgavam isto pouco satisfatório, não acreditando que os ingleses fossem tão tolos assim, que quisessem ver só umas poucas de peles de papagaio ou de pombos.

Quanto às borboletas, de conformidade com o seu modo de pensar, uns diziam que eram para servir de modelo para novos padrões de tecidos e outros artigos mais, ou que os horríveis insetos eram destinados a servir como remédios.

Julgamos de melhor alvitre concordar com eles, a fim de evitar as suas inúmeras perguntas, mesmo porque outras explicações não lhes seriam inteligíveis.

Um dia, quando me encontrava no mato, à procura de insetos, fui inesperadamente atacado por um enxame de vespas das espécies menores, em cuja casa, que se achava dependurada de uma folha, inadvertidamente esbarrei.

Elas atacaram-me no rosto e no pescoço, picando-me brutalmente.

Na minha pressa, para delas me livrar, correndo, perdi os meus óculos, o que só percebi, depois que me achava a uma boa distância do local.

E como eu estivesse fora do caminho, seria inútil procurá-los.

A princípio, as ferroadas foram muito dolorosas; mas, em menos de uma hora, nada mais senti.

E, como eu tinha mais vidros sobressalentes, não lamentei a minha perda.

O solo aqui é de argila vermelha, tendo em alguns lugares uma cor muito brilhante, que poderá servir para pintura de louça vidrada.

Os igarapés estão se tornando mais raros do que mais embaixo, e, onde eles ocorrem, formam pequenos vales, ou vazantes, no alto do barranco do rio.

Quando o Sr. Seixas chegou, insistiu para que tomássemos as nossas refeições em sua casa.

Ele foi muito amável e muito prestativo para conosco.

Seu filho, um menino de 6 ou 7 anos, brincava em casa completamente nu.

Os vizinhos, uma vez ou duas por dia, ali apareciam para ver o que os *brancos* estavam fazendo e também para palestrar, o que faziam às mais das vezes com o Sr. Leavens, que sabia falar o português fluentemente.

Um perguntava se na América (significando os Estados Unidos) havia *terra firme*, pois que acreditava que lá fosse tudo uma manada de ilhas.

Outro inquiria se havia *campos* e se o povo cultivava mandioca e seringueira.

Ao ser-lhe dito que não havia nem uma coisa trem outra, quis saber ainda o motivo por que não eram plantadas, pois ele presumia que lá pudessem ser cultivadas as seringueiras e assim obter-se o leite fresco para a manufatura de sapatos de borracha.

Quando, retrucando-lhe dissemos que o clima é muito frio e que a mandioca e a seringueira, se lá fossem plantadas, não poderiam vingar, ficou deveras espantado, admirando mesmo como é que o povo pode habitar um país onde essas coisas tão úteis e tão necessárias não possam ser cultivadas.

Todavia, sentia ele, ao mesmo tempo, como que uma espécie de superioridade sobre nós, por causa da nossa vinda ao seu país, especialmente para comprar borracha e cacau, tal qual o modo de julgar dos habitantes do Celeste Império, que imaginam que somos realmente uns pobres e miseráveis bárbaros, e que, por isso mesmo, somos forçados a ir lá tão longe, para lhes comprar chá.

O próprio Sr. Seixas, que é um brasileiro educado e comandante do distrito, perguntou se o governo da Inglaterra era constitucional e despótico.

Ele ficou muito admirado, quando ouviu dizer que o nosso país é governado por uma mulher.

Conseguimos, afinal, arranjar dois homens mais, e dali prosseguimos a nossa viagem rio acima, depois de termos passado quatro dias agradavelmente em Baião.

Íamos morosamente, beirando a praia.

Em uma árvore, vimos então uma *iguana*, aqui chamada camaleão, em que o Sr. Leavens atirou e matou, tendo os nossos homens preparado carne para o seu jantar.

À tarde, ancoramos em uma linda praia de areia, debaixo de uma enorme leguminosa, que estava coberta de uma espécie de cravo, de alvas flores e compridas vagens de cor verde-escura.

Vênus e a lua brilhavam intensamente no céu.

Às nove horas da noite, estando o ar agradavelmente fresco voltamos para debaixo da nossa tolda.

Os mosquitos e moscas da praia, porém, lá não nos deixaram dormir, senão umas poucas horas.

No dia seguinte, com vento favorável, continuamos a nossa viagem satisfatoriamente.

O rio estava ficando mais estreito e tinha menos ilhas.

As palmeiras eram menos abundantes do que mais embaixo.

A vegetação das margens, porém, era igualmente luxuriante.

Viam-se no rio muitos porcos-marinhos.⁴³

Encontravam-se ali uns bonitos pássaros, muito parecidos com os verdelhões, tendo uma plumagem cor de ouro.

43 Trata-se do boto (*Sotalia brasiliensis*), que é característico do Amazonas e do Tocantins. Esse curioso peixe encontra-se no Alto-Tocantins, principalmente nas proximidades das corredeiras e águas de forte correnteza, vindo à tona, de quando em quando, a soltar bufos. Para fazê-lo vir à superfície das águas, é bastante arremedar-se o choro de uma criança. E, assim, acompanham, em longos trechos, as embarcações.

No dia 9, cedo ainda, chegamos a Jutai, uma fazenda de criação de gado, onde pretendíamos arranjar mais homens.

Não encontrando o seu proprietário, resolvemos esperar aquele dia, até que ele voltasse.

Conseguimos adquirir um galão de delicioso leite fresco, o que foi um verdadeiro festim para nós.

Atiramos em alguns pássaros e achamos algumas conchas, nenhuma, porém, bonita ou grande, e raramente encontrávamos insetos.

Como não chegasse o homem de que tínhamos precisão, continuamos viagem no dia 10, esperando encontrá-lo mais acima.

Passsei ao longo de uma extensa praia de areia, onde, cerca do meio-dia, sol a pino, a areia estava muito quente.

Encontravam-se na praia, em grande número, uns pequenos escaravelhos, muito espertos, cor de cinza e com listas escuras.

Isso fez-me lembrar dos insetos que freqüentam semelhantes sítios na Inglaterra.

À tarde, alcançamos uma casa de morada, e fazendo fogo ali, na praia, preparamos o nosso jantar.

Viam-se lá alguns homens, mulheres e crianças, estando estas nuas.

A casa era uma simples choupana aberta, com uma cobertura de folhas de palmeira, suportada por esteios, entre os quais estavam armadas as suas *redes*, servindo estas de camas e cadeiras.

A um dos cantos da casa, havia uma plataforma, cerca de três pés de altura acima do solo, na qual se subia por intermédio de profundos sulcos feitos em um esteio, em vez de escada.

Isto parecia ser uma espécie de “boudoir” ou cômodo das mulheres, pois unicamente elas é que o ocupavam, servindo também para guardar as roupas e cereais fora do alcance das galinhas, patos, leitões e cães, que livremente passavam por baixo.

O chefe do grupo era um brasileiro, que havia descido das minas.

Estava ali, cultivando algodão, fumo, cacau, mandioca e muitas bananeiras.

O Sr. Leavens forneceu-lhe pólvora e chumbo, de que ele estava precisando, a troco de fumo.

Ele disse que já fazia três meses que ali não chovia, e que as roças estavam, em consequência disso, ficando muito prejudicadas.

Em Belém do Pará, de onde já nos achamos distantes umas 150 milhas, no mínimo, nunca havia passado mais de três dias sem chuva.

As proximidades das grandes massas líquidas do Amazonas e do oceano, juntamente com as terras baixas, cobertas de densas florestas, em grande extensão, nas proximidades da cidade, são provavelmente as causas dessa grande diferença de clima em tão curta distância.

Prosseguindo a nossa viagem, ainda passamos por inúmeras ilhas, tendo o rio 4 ou 5 milhas de largura.

Cerca das 4 horas da tarde, avistamos os primeiros rochedos, que se encontram quando se navega rio acima e que se projetavam, em alguns pontos, com um aspecto vulcânico, como se fossem pequenas ilhas destacadas, no leito do rio, vendo-se também grandes blocos ao longo das praias.

Uma milha adiante, alcançamos Patos, uma pequena aldeia, onde pretendíamos arranjar mais homens, ali ancorando, para pernoitarmos.

Fiz um passeio ao longo da praia, para examinar as rochas, verificando serem elas efetivamente de origem vulcânica, tendo uma cor escura, muito ásperas, como escórias de uma fornalha de fundição de ferro.

Havia ali também um conglomerado grosseiro, contendo seixos esbranquiçados de quartzo, e, nas suas cavidades, uma finíssima areia quartzosa.

Ali permanecemos dois dias.

O Sr. Leavens foi mais acima, por um igarapé, para ver uns cedros, enquanto nós caçávamos pássaros e procurávamos insetos e conchas.

Eu matei a tiros vários lindos pássaros, vendo ali, pela primeira vez, as belas araras azuis, as quais, antes, já nos haviam dito que havíamos de encontrar, quando subíssemos o Tocantins.

A sua plumagem, muito brilhante, é inteiramente azul, como anil, sendo o seu bico esbranquiçado.

Voam muito alto, e não nos foi possível encontrar o local de sua alimentação.

De insetos, os mais abundantes eram as borboletas amarelas, que muitas vezes pousam na praia, em grande número, e, quando enxotadas, levantam-se todas a um só tempo, formando uma verdadeira nuvem flutuante, de cor amarela ou alaranjada.

As conchas eram toleravelmente abundantes, e acrescentamos mais algumas ao nosso reduzido estoque.

Desde que deixamos Baião, uma pequena mosca de asas curiosamente listadas de branco e preto, muito nos incomodou, pousando em nossas mãos e rosto, com os modos mais tranquilos possíveis, mas, depois, subitamente, picando-nos com o seu ferrão, como se fosse a físgada de uma agulha.

O povo dá-lhe o nome de “mutuca”, e dizem que é um dos tormentos do interior, sendo em muitos outros lugares mais abundante do que aqui.

O Sr. Leavens verificou que ali não se encontravam os cedros, senão a uma milha de distância da praia e, por isso, decidimos continuar a viagem no dia seguinte, tendo dois homens de Patos prometido acompanhar-nos até as cachoeiras.

Na manhã seguinte, entretanto, esperamo-los até às oito horas, e, não tendo ainda aparecido nenhum, mandamos chamá-los, tendo-nos eles então respondido que não poderiam mais acompanhar-nos.

Assim, depois de os havermos aguardado um dia, fomos afinal de contas obrigados a ir sem eles, esperando contudo, com os nossos próprios recursos, alcançar as cachoeiras, e dali, em seguida, regressar.

A questão do cedro, desde ali, ficou completamente de lado, pois, se não podíamos arranjar homens para trabalhar na canoa, muito menos para cortar e tirar madeira.

Até agora, já havíamos perdido nove ou dez dias, à espera de homens, e somente uma vez conseguimos fazer com que eles nos acompanhassem.

Esta é uma das grandes dificuldades com que os viajantes sempre lutam aqui.

Todos os homens, de que precisardes, deverão ser trazidos de Belém do Pará, e, se eles resolverem voltar ou fugir, como costumam fazer, outros mais não se conseguem.

Às 10 horas da manhã, alcançamos Tronqueira, na margem ocidental, onde há um pequeno igarapé, e no qual se encontram algumas cachoeiras.

Havia várias famílias residindo ali, e, todavia, não arranjavam uma casa sequer onde ficar, tendo apenas escolhido um agradável local, de solo limpo, sob algumas árvores, entre os troncos e galhos das quais estenderam as suas redes.

Numerosas crianças, nuas, estavam rolando e brincando nas areias da praia, enquanto as mulheres e alguns homens se balouçavam nas redes.

Viam-se na praia as suas canoas alçadas, as espingardas encostadas às árvores e grande panela de barro sobre o fogo, enquanto todos pareciam gozar, lá a seu modo, todas as delicias que um homem pode desejar.

Como, no inverno, esse lugar permanece tomado pelas águas, este é apenas um acampamento de verão, durante cuja estação colhem seringa, plantam um pouco de algodão, mandioca e milho, caçam e pescam.

Todos tinham precisão de munição e de cachaça, de que o Sr. Leavens os supriu, a troco de borracha.

Caminhamos cerca de uma milha, através da floresta, até alcançar as cachoeiras de um igarapé.

Em camadas, erguem-se ali rochas escuras, com grande inclinação no leito da corrente, em massas irregularmente estratificadas, por entre as quais as águas se rojam, espumantes, numa extensão de cerca de um quarto de milha.

– Que esplêndido local para um engenho de serra! – exclamou o Sr. Leavens.

Ali não havia palmeira ou quaisquer outras formas da admirável vegetação tropical.

Os musgos e pequenas plantas nada tinham de particular.

O local era parecido com muitos que eu tenho visto em nossa pátria.

As solidões das florestas virgens são solenes e grandiosas, mas nada, aqui, neste país, ultrapassa a beleza dos nossos rios e o cenário dos nossos bosques.

Aqui e acolá, viam-se alguns bizarros grupos de plantas cobertas de flores, ou, então, uma enormíssima árvore, tomada completamente por trepadeiras, carregadas de flores, que nos extasiavam deveras pelo seu aspecto verdadeiramente tropical.

Este, porém, não é o caráter geral do cenário.

Nas matas de um segundo crescimento, nos campos e em muitos outros lugares mais, nada há que desperte a atenção de uma pessoa qualquer, a não ser ao naturalista, que se acha fora da Europa.

Antes de deixar Tronqueira, atirei em alguns mochos, que estavam voando e pousando sobre os rochedos da praia sob o intenso calor do sol.

Seguimos dali para Panajá, onde havia uma casa de morada, então ocupada por um grupo de apanhadores de borracha; e lá ficamos para passar a noite.

De Brejão até aqui, seguimos a pista de lindas cássias, que se estendem ao longo das praias, formando freqüentemente uma barreira impenetrável.

Em alguns lugares, há espécies maiores de arbustos. Os aruns, de troncos muito dilatados, já desapareceram, e com eles os “ciganos”.

Na manhã seguinte, em companhia de Alexandre e de nossos índios fui a uma lagoa, distante meia milha, através de matas.

Em uma montaria, que só podia transportar justamente duas pessoas, embarcamos todos para ali fazer explorações e caçar pássaros.

Vimos inúmeros jacarés, apontando as suas cabeças aqui e acolá acima da água.

Alexandre atirou num deles, que desapareceu imediatamente, mas pouco depois surgiu na superfície das águas, meio virado sobre si mesmo, e com uma perna para o ar.

Julgando que estivesse bem morto, remamos em sua direção, para apanhá-lo.

Eu estava tentando suspendê-lo por uma perna, quando – tim! bum! – ele revirou e mergulhou, passando por baixo de nossa canoa, que se encheu de água e quase soçobrou.

Ele de novo voltou à tona, e, desta vez, nós o cutucamos com uma vara comprida, para verificar se estava de fato morto, ou assim fazia crer quando de novo mergulhou, não aparecendo mais.

Fomos até ao fim da lagoa, que era de cerca de uma milha de extensão, dali voltando, em seguida, ao lugar onde tínhamos embarcado.

Eu atirei num alcião, e estava carregando de novo minha espingarda, quando Alexandre, sem que eu o esperasse, atirou numa pequena codorniz, porém disparou uma carga tão forte, que eu me assustei e ia perdendo o equilíbrio, e, para me salvar, deixei minha espingarda cair na água, tendo a canoa, nessa ocasião, quase virado.

Lamentei, na hora desse acidente, a perda de minha arma de fogo, trazida para esta viagem; mas, felizmente, como a água ali era pouco profunda, tendo somente uma altura de três ou quatro pés, consegui pescá-la facilmente.

Empreguei o resto da manhã no desmonte de seus fechos, fazendo em seguida cuidadosa limpeza e lubrificação, ficando a arma, depois disso, tão perfeita como se fosse nova.

Com vento favorável, prosseguimos umas quatro horas de viagem, quando dois dos nossos homens se propuseram a passar a montaria, a fim de matar patos em uma lagoa próxima, onde são eles quase sempre encontrados.

Eu e o Sr. B. resolvemos ir também, enquanto o Sr. Leavens deveria prosseguir mais uma milha ou duas, rio acima, para preparar o jantar e lá esperar por nós.

Remamos cerca de meia milha para alcançar terra, caminhamos em seguida meia milha na areia da praia, depois do que os nossos índios mergulharam na floresta, seguindo um trilho, e nós, silenciosos, os acompanhávamos.

Após essa marcha de uma milha na floresta, saímos em um campo aberto, onde havia muitas relvas, vendo-se, espalhado, aqui e

acolá, grupos de árvores e de arbustos, no meio dos quais se viam também lindíssimas flores.

Caminhamos cerca de uma milha, ao longo de um trilho, que por vezes se tornava quase imperceptível para nós, até que, afinal, alcançamos um tremedal extenso, coberto de plantas aquáticas, com algumas moitas de arbustos e árvores de tronco enegrecido.

Os nossos índios, sem dizer palavra, imediatamente se foram afundando na água, até aos joelhos, para negociar os patos, que logo vimos, a certa distância, em promiscuidade com as garças e outras aves aquáticas.

Não tendo outra coisa a fazer ali na praia, nós os seguimos, patinando na água e no barro, entre árvores e arbustos imersos, num emaranhado de raízes de plantas aquáticas, que nos prendiam e nos puxavam, tolhendo a nossa caminhada, e sentindo-as quentes e viscosas.

Os patos, muito selvagens e ariscos, estavam longe do alcance de tiro.

Após umas duas tentativas de alcançar boa distância para matá-los, vi um deles pousado no topo de um toco seco, e, caminhando cautelosamente, ora rodeando os arbustos, ora passando por baixo destes, consegui aproximar-me bastante para alvejar a ave.

Fiz fogo, mas a ave voou, e eu pensei que ela sairia ilesa, porém logo caiu na água, onde eu a fui colher, já morta.

Ela fora atingida na cabeça e voara, suponho, da mesma maneira que fazem as galinhas, quando são decapitadas.

Dali ganhei terra firme e esperei pelos índios, que logo voltaram, mas de mãos vazias.

Na lagoa, viam-se bonitos lírios, de uma cor amarelo-clara, e algumas lindas ranunculáceas.

Dali voltamos, e, em seguida, tivemos de remar vigorosamente, para alcançar a outra canoa, que só fomos encontrar já em Jucaipué, onde reside o Sr. Joaquim, e com quem já havíamos falado, pedindo-lhe que fosse o nosso piloto até às cachoeiras.

Após um bom jantar de tartaruga, que tivemos, eu depenei os meus pássaros e saí em seguida, pela praia, fazendo um longo passeio.

Havia ali uma bonita rocha cristalina, arenosa, em leitos regularmente estratificados.

À noite, umas pequenas *Ephemeras*, em grande quantidade, rodeavam a nossa vela e caíam no papel, fazendo barulho qual o de chuva, enquanto outras penetravam no nosso cabelo ou desciam pelas nossas costas, mas em tal quantidade, que nos importunaram bastante.

Pela manhã, passamos pela devastada povoação de Alcobaça, onde antigamente havia um forte, e foi sede de uma vila de considerável importância, porém que hoje não tem qualquer sinal de habitação.

Os seus habitantes foram trucidados pelos índios, há cerca de cinqüenta anos, e nunca mais se repovoou.

O rio tinha agora cerca de uma milha de largura, com algumas ilhas, mas muito poucas. Via-se nele um bonito banco de areia, sendo esta muito própria para construções.

Ali nos mostraram também uma pedra, na qual dizem haver uma escrita, que nenhum homem é capaz de ler, com caracteres circulares e curvas do feitio de anzol, os quais tanto podem ser um trabalho de arte, como também da própria natureza.

A água do rio estava perfeitamente transparente, vendo-se ao fundo, nadando, alguns bonitos peixes, listados de manchas de cores variegadas.

Cerca do meio-dia, alcançamos a “Ilha-dos-Santos”, pequena ilha arenosa, situada no meio do rio, e onde havia uma casa, cujos habitantes insistentemente nos pediram cachaça.

Tivemos para o nosso jantar uma tartaruga terrestre, cuja carne é tão boa como a da tartaruga dos rios.

Com duas horas mais de viagem, saltamos em terra, para passarmos a noite.

O rio, cada vez mais ficava cheio de rochedos e de redemoinhos, o que tornava impossível continuar a viagem na canoa maior.

Na manhã seguinte, arrumamos as nossas redes e algumas provisões, e passamos de armas e bagagens para a montaria, dali partindo com dois homens e o Sr. Joaquim, deixando Isidoro e outro homem tomando conta da canoa, com ordem de ficarem ali até voltarmos.

Com uma hora de viagem, tivemos de saltar da montaria para que os homens a arrastassem sobre uma praia de pedra, fugindo assim de um pequeno salto.

O rio aqui é todo cheio de ilhas rochosas e de baixios também rochosos, abaixo e acima da água, no seu leito.

Na estação das águas, o rio sobe de quinze a vinte pés acima de seu atual nível, dando então, nesta parte, passagem para as grandes canoas.

Passamos pela barra de um igarapé, na margem oeste do rio, confrontando com o qual, na outra margem há outro. Dizem encontrar-se ouro em ambos.

Grandes árvores de algodão-seda aparecem em intervalo, sobreerguendo as suas copas semiglobulares e dominando o resto da floresta.

Vêm-se também castanheiras, que dão as nozes do Brasil, nas margens do rio, estando muitas delas carregadas de frutos.

Passamos pela “Ilha-das-Pacas”, que é muito abrupta, rochosa e inteiramente coberta de matas.

As rochas, no alto do rio, eram cada vez mais unidas, e frequentemente arranhavam o fundo de nossa montaria.

As canoas deste tipo são feitas cavando-se o tronco de uma árvore, tendo a parte do fundo bem espessa, de sorte que não há perigo de se danificar com qualquer choque.

Às três horas da tarde, alcançamos Aroiás, que fica situada uma milha abaixo das quedas.

Ali, os barrancos do rio se despenham de uma altura de cerca de 30 pés, e cobrem-se de espessas matas.

Havia, perto do rio, uma casa, com inúmeras laranjeiras, e, lá bem no alto, no chapadão, viam-se um mandiocal e um cafezal.

Jantamos ali, e, quando terminamos, a dona da casa trouxe uma bacia com água e uma alvíssima toalha para lavarmos as mãos — luxo este que de todo não esperávamos encontrar em uma casa desprovida de paredes e a tal distância da civilização.

Depois do jantar, fomos logo ver as cachoeiras.

O rio estava ainda com cerca de uma milha de largura, com aspecto mais selvagem e mais cheio de rochas do que dantes.

Perto das quedas, vêem-se enormes blocos de rocha, de origem vulcânica, e, em particular, um deles, do qual passamos bem próximo, despertou a nossa atenção, pelo seu formato, que é o de um cubo de 30 pés de face por 30 de alto.

Vêem-se ainda pequenas ilhas, inteiramente rochosas, elevando-se acima das águas, parecendo montes de escória, cheios de fendas e de buracos do mais curioso aspecto, apresentando assim evidentes provas de violentas ações vulcânicas, em eras passadas.

De ambas as margens do rio, tão longe quanto a vista pode alcançar, estende-se, em ligeiras ondulações de 400 a 500 pés, numa região coberta de mato, começando dali por diante os elevados planaltos do Brasil Central.

Junto às quedas, o canal principal reduz-se para cerca de um quarto de milha de largura, arremetendo-se o rio de encontro aos rochedos e despejando-se em volumosas e espumantes torrentes, numa ininterrupta esteira de águas verdes escuras, formando-se mais abaixo redemoinhos e sorvedouros mais perigosos para a navegação das canoas do que mesmo as quedas.

Quando o rio está cheio, estes rochedos são muito mais perigosos, tornando-se a correnteza das águas de uma força irresistível, e todo cuidado é necessário, a fim de evitar-se o perigo dos redemoinhos e dos rochedos, que se acham submersos.

O grande bloco cúbico, anteriormente referido, fica escondido nas águas, e tem sido a causa de muitas canoas se perderem ali.

As rochas, em estratos dobrados e confusos, emergem em várias direções, de cerca de 12 graus erguendo-se entre elas as massas vulcânicas.

Para cima, há ainda numerosos rápidos e quedas, logo após acabando-se a floresta e entrando-se então nos ondulantes plainos abertos.

Pelas distâncias já vencidas, estes rápidos devem estar situados, ao que presumimos, aproximadamente cerca de 4° na latitude sul, onde o rio faz uma curva de considerável desenvolvimento.

Do ponto que alcançamos para diante, a região torna-se muitíssimo interessante, e lamentamos deveras não podermos prosseguir, para melhor explorá-la.

Na nossa volta para Aroiás, os nossos remeiros, quando descíamos os pequenos rápidos, davam agudos gritos e cantavam da maneira mais desentoada e alta possível parecendo gozar com isso a maior satisfação.

Na verdade, este dia fora para eles de pesada lida, pois tivemos de remar e varejar, na subida, cerca de vinte milhas contra a forte correnteza das águas, que em alguns lugares, era tão impetuosa que era necessário o emprego de toda a sua força para remar e para manter-se a proa da canoa na direção de avante.

Em Aroiás, tomamos café, e, depois, caímos em nossas redes, em um rancho aberto, de cerca de 12 pés quadrados, nos fundos da casa, onde mais 6 ou 8 membros da família também se acomodaram para passar a noite.

Durante algum tempo, o nosso piloto, que havia bebido muita cachaça, nos importunou bastante, tornando-se violento e exaltado.

Para acalmá-lo, administramo-lhe então um ou dois cálices mais, que logo produziram eficaz efeito sedativo.

Na manhã seguinte ele estava com ares muito tristes e muito acanhado.

A maior parte dos “tapuios”, ou índios semicivilizados, consideram a embriaguez um ato muito desonroso, e ficam, depois disso, muito envergonhados.

Após ter gratificado a nossa hospedeira com biscoitos, chá e açúcar, que deviam ser para ela uma grande delícia, prosseguimos viagem, em demanda da nossa canoa que alcançamos já cerca do meio-dia, tendo no trajeto gasto uma hora, explorando ouro, mas sem resultado, num dos igarapés já referidos.

Chegando ao referido local lá estava o nosso velho Isidoro, que havia acabado de preparar um excelente guisado de tartaruga, ao qual rendemos ampla justiça.

Encontramos, entretanto, muito doente o homem que havíamos deixado em sua companhia, motivo por que seguimos imediata-

mente para Jucaipuí, onde poderia ser-lhe administrado algum “remédio” pelas mulheres dali.

Quando lá chegamos encontramos uma canoa, que estava de saída para Baião, na qual ele logo seguiu viagem, pois que assim poderia chegar mais depressa a seus penates do que se ficasse ainda em nossa companhia.

Enquanto caminhávamos pela praia, avistei um enorme *Poligonum*, de folhas delgadas e de alvas flores, muito parecido com algumas espécies inglesas, o que logo me fez lembrar de casa e de minhas coleções de botânica.

Vimos na praia muitas penas das araras azuis.

Com certeza, alguém havia tirado a carne para comer, ao passo que nós não havíamos conseguido obter nenhum espécimen.

Todas as noites enquanto estávamos na parte mais alta do rio, tínhamos um concerto de sapos, os quais faziam os mais estranhos e extraordinários ruídos.⁴⁴

Há três espécies, que se ouvem freqüentemente de uma vez.

Uma delas faz um ruído algum tanto parecido com aquele que só se pode esperar mesmo de um sapo, isto é, um triste e horrível coaxar.

As outras não o faziam semelhante aos de nenhum outro animal que eu já houvesse ouvido antes.

Um trem, correndo a uma certa distância, ou um ferreiro malhando com sua bigorna, eis o com que isso mais exatamente parecia.

As imitações eram tão perfeitas, que, quando eu estava deitado em minha rede, meio acordado, meio dormindo, e ouvia uma dúzia deles como que me imaginava em casa escutando os familiares ruídos de um trem de ferro a aproximar-se, ou um ferreiro a malhar em sua bigorna.

44 Conforme um escrito, que vimos, do prof. Magalhães Correia, os ginobatráquios compõem-se de 23 famílias (das quais 14 são do Brasil), com 48 gêneros e 189 espécies. A espécie gigante é a *intanha* (*Ceratophrys dorsata*), conhecida também pelas denominações de “sapo-boi”, “rã-de-chifre” e “jia”. É a maior das conhecidas no mundo, chegando a medir 23 centímetros de comprimento. Come pintos e pequenos animais vivos. O *Bufo marinus* atinge 22 centímetros de comprimento.

Às vezes ouvíamos também os graves e soturnos urros dos “guaribas”, o crescente zumbido do canto das cigarras, o cricri dos grilos, os cantos das saracuras e de muitos outros pássaros aquáticos.

Juntai agora a todos estes graves ruídos a importuna zoadá dos mosquitos bem perto de vós, e tereis assim uma bonita e boa idéia do nosso concerto noturno, no Tocantins.

Na manhã do dia 19 em Panajá, onde havíamos passado a noite, tomei da minha espingarda e fui à floresta.

Ali, todavia não encontrei caça alguma.

Vi, entretanto, uma enorme árvore de algodão-seda, de raízes arcobotantes que se estendiam cerca de vinte pés para fora do tronco.

Na praia, havia uma linda *Oenothera* amarela, que é muito comum ao longo de toda esta parte do rio, bem como uma “flor-da-paixão”.

O Sr. Leavens comprou aqui uma partida de borracha. Daqui, remando ou indo à vela, prosseguimos viagem o resto do dia.

À tarde, passei para a montaria, levando comigo Isidoro, para tentar matar uns bonitos verdelhões, de plumagem amarela.

Tive a sorte de matar um deles, porém ficou agarrado em uma árvore, muito emaranhada de cipós e de espinhos.

Fomos obrigados por isso mesmo a deixá-lo.

Passamos por Patos à tardinha.

Perto dali havia uma árvore coberta de flores amarelas, mais viçosas do que o *Laburnum*⁴⁵ e que tinha um aspecto realmente magnífico.

No dia seguinte deixamos a terra das araras azuis sem ter conseguido sequer um só exemplar delas.

Desse lugar até às cachoeiras nós as víamos diariamente, voando alto, sobre o rio, pela manhã ou à tarde.

Em quase todas as praias, encontrávamos as suas penas, comprovando assim que esta esplêndida ave é comumente morta para servir de alimento.

45 *Laburnum* é o nome latino de uma planta europeia vulgarmente conhecida por “abano-dos-Alpes”.

Alexandre teve a sorte de vê-las uma vez; mas a sua espingarda negou fogo, e foram-se logo embora.

Na parte mais baixa do rio, raramente são vistas, e nunca abaixo de Baião, enquanto desse lugar para cima são comumente encontradas.

Quais poderão ser as causas que lhes delimitam tão exatamente o campo do vôo, quando tal ave é tão fortemente adaptada para vôos longos?

Ela parece com a rocha, e com esta, não há dúvida, corresponde paralelamente certa mudança de frutos, dos quais se alimentam elas. Tendo os nossos índios visto um lugar na praia, próprio para procurar ovos de tartaruga, foram à terra, de montaria, e tiveram sorte de encontrar 130 deles, enterrados na areia. São oleosos e muito moles, como couro.

Tivemos assim uma colossal “omelette” para o jantar.

Os índios comem-nos também crus, misturados com farinha.

Jantamos na praia, onde havia muitas moitas de uma planta bastante parecida com a camomila.

A areia estava muito quente e, descalços como estávamos, era quase impossível poder-se caminhar sobre ela.

Os índios, quando têm de atravessar extensas praias, de quando em quando param e cavam buracos na areia, neles enfiando os pés, para esfriá-los.

Nós agora íamos muito vagorosamente, ficando a canoa virada de bordo e de través no rio, por causa do vento, que soprava águas acima, como sempre acontece nessa estação.

Onde nós paramos para almoçar, atirei e matei um lindo gavião, mas pequeno, com plumagens de listras muito bonitas.

Os insetos eram ainda freqüentemente encontrados, e capturamos algumas lindas *papilios* e duas ou mais três novas espécies de *belicônias*, de asas claras.

Alexandre achou uma colmeia de abelhas, na fenda de uma árvore, dela conseguindo tirar dois favos de mel, que, depois de exprimido e coado, ficou com aspecto viscoso e de sabor agridoce.

O favo compunha-se de celas ovais, de formato muito irregular, bem como o seu tamanho, de cera muito branca e pouco diferindo o seu mel do das nossas abelhas.

Na noite seguinte, já um pouco tarde, chegamos a Jambuaçu, sítio do Sr. Seixas, onde fomos bondosamente recebidos, e, cerca das nove horas, caímos em nossas redes na varanda.

Na manhã seguinte, saí a passeio para ver as suas lavouras.

A floresta toda, ali, por espaço de algumas milhas em roda da casa, está transformada em plantação de cacau, havendo cerca de 60.000 cacauzeiros, que foram todos plantados. Para formar esse cacauzal, foram derrubados as pequenas árvores e arbustos da floresta, mas as seringueiras e outras grandes árvores foram deixadas para sombra, da qual o cacau precisa.

O leite da seringueira é colhido todas as manhãs, em grandes vasilhas univalves, que se espetam e se encostam ao tronco da árvore, grudadas com pelotas de argila, fazendo-se uma pequena incisão na casca, logo acima.

O leite serve para a fabricação de sapatos ou de botas, moldados em barro, e em pedaços chatos, que são os destinados à venda.

Endurece em poucas horas, é enegrecido pela fumaça, que se desprende, queimando-se cocos da palmeira “uricuri”, e transforma-se finalmente em borracha.

Pouco antes de deixar este lugar, fui vítima de um acidente, que poderia ter sido de sérias conseqüências.

Eu deixara a minha espingarda carregada no topo da canoa, e, nessa ocasião, querendo atirar em alguns pássaros, ali perto da casa, puxei-a em minha direção pela boca do cano, o qual, por eu me achar nas pontas dos pés, para poder alcançá-la, no local do desembarcadouro, foi a única parte em que pude pegar. O gatilho estava preso numa junta das tábuas, e, como eu a puxasse em direção a mim, aquele levantou-se e bateu no ouvido da peça, disparando a espingarda.

Toda a carga de chumbo me atingiu, levando-me um pequeno pedaço de carne da parte inferior de minha mão, perto do pulso, e passando por debaixo de meu braço, a poucas polegadas de meu corpo.

Felizmente, não acertou em nenhuma das inúmeras pessoas que se achavam próximas de mim.

Nessa hora, apenas senti minha mão violentamente impedida e, olhando para ela, vi um fio de sangue a correr. Nada senti, porém, durante alguns minutos,

Como eu nada tivesse ali para pôr na ferida, apenas a envolvi, então, em um pouco de algodão.

Cerca de meio-dia, estando favorável a maré, apresentamos as nossas despedidas ao Sr. Seixas, que nos havia tratado tão bondosamente, quer aqui, quer em Baião.

No dia 24, paramos para esperar a maré, em uma casa situada numa ilha, onde se viam grandes lavouras de cacau e de seringa.

A água do rio tornou-se turva, mas não estava de mau gosto.

No dia 25, paramos em uma fazenda, onde havia um engenho de cana-de-açúcar, e onde vimos também uma árvore cheia de ninhos suspensos dos “japins” ou guaches amarelos.

Um bando de aves semelhantes a pelicanos, de grandes bicos, em forma de fragata, estava pousado na praia.

Fui de montaria, com Alexandre, para ver se os caçava, e, após alguns tiros, sem resultado, Alexandre teve a sorte de abater um deles.

Media 7 pés de comprimento, de ponta a ponta das asas. Os pés são muito pequenos, como os dos palmípedes, e o bico é longo e recurvado na extremidade.

Voam em pequenos bandos, sobre o rio, e descem, para pegar qualquer peixe, que avistem perto da superfície das águas.

O pescoço é paralelamente desnudo, e muito comprido, como os dos verdadeiros pelicanos.

Voam sempre aos pares, sendo um deles de plumagem inteiramente negra, e tendo o outro, na cabeça e no pescoço, penas brancas: dizem ser o macho e a fêmea daquela mesma espécie.

No dia 26, paramos, para esperar pela maré, em uma ilha baixa, coberta de palmeiras e de mato.

Quando estávamos para chegar à praia, vimos uma enorme serpente, enrolada num galho, que estava mesmo sobre as nossas cabeças.

Recuamos um pouco a canoa e o Sr. Leavens a matou.

Ela era de cerca de 10 pés de comprimento, com bonitas listras oblíquas, amarelas e pretas.

Nos matos, apanhamos cocos de açai, dos quais se faz uma bebida muito apreciada pelo povo, e que é, de fato, muito boa, quando a ela nos acostumamos.

Os cocos crescem em grandes cachos, na grimpada da graciosa palmeira, e são mais ou menos do tamanho e do sabor de ameixa.

Assim, à primeira vista, julga-se que esse fruto nada tem de aproveitável; mas logo por baixo de sua epiderme está um duríssimo coco, e a sua polpa, muito delgada e pouco perceptível, é que é aproveitada.

Para isso, o coco é posto de molho, em água quente, numa temperatura que a mão possa suportar, durante uma hora.

Em seguida, raspa-se e amassa-se com as mãos, para que a epiderme e juntamente a polpa se desprendam do coco, sendo tudo depois espremido e coado, ficando com a consistência de um creme de bonita cor vermelha, que se come com açúcar e farinha.

Com seu uso, torna-se muito agradável ao paladar, pois fica muito parecido com o creme de noz, e, sem dúvida, deve ser muito nutritivo.

No Pará, usa-se muito essa bebida, onde ela quase sempre é vendida nas ruas, durante todo o ano, pois os seus frutos amadurecem em qualquer tempo, de conformidade com a localidade.

A margem ocidental do rio, ao longo da qual fizemos a nossa viagem de volta, é mais cultivada do que o lado por onde subimos.

A curta distância da praia erguem-se, na sua maior parte, as habitações, que ficam situadas no alto do barranco, com os lançantes dos terrenos fronteiros conservados limpos, até às margens do rio.

Algumas dessas moradas são toleravelmente tratadas.

Vêem-se algumas em bom estado de conservação, havendo, também, muitas casas e choupanas abandonadas, com os terrenos em roda, anteriormente cultivados, transformados em matagais e capinzais.

Aquí, prefere-se mais fazer borracha, colher cacau e apanhar castanhas, em vez da cultura regular do solo.

Em todos os lugares, por onde passamos, podem ser cultivados vantajosamente a cana-de-açúcar, o algodoeiro, o cafeeiro e o arroz, em qualquer quantidade que se queira, e podendo produzir-se igualmente os das melhores qualidades.

A navegação é segura e ininterrupta, pois toda essa região é cortada de igarapés e rios.

Todos os estabelecimentos agrícolas poderão assim ter transporte fácil, por água, para a exportação de todos os produtos da lavoura.

A indolente disposição do povo e a falta de braços para a lavoura impedem o desenvolvimento e exploração de todas as possibilidades desta rica região, enquanto não se estabelecer colônias de norte-americanos e de europeus.

Não há no mundo nenhuma outra região com capacidade para produzir tão abundante e tão variadamente tudo que se queira, como aqui.

A cultura do milho, do arroz, da mandioca, do açúcar, do café e do algodão, e bem assim a criação de bois, de cavalos, de porcos, o cultivo de árvores frutíferas, como laranjeiras, bananeiras e muitas outras mais, poderão desenvolver-se e prosperar com pouco cuidado.

Tendo tudo isto com fartura, uma casa de madeira, cabaças e vasilhas de barro da região, pode-se viver na abundância, sem ser necessária uma única e qualquer produção exótica.

E quantas vantagens não resultam para uma região onde os trabalhos agrícolas não se interrompem durante o inverno, onde se podem fazer abundantes colheitas e bem desenvolvida criação de aves domésticas, com o mínimo de gastos com relação ao vestuário e mais outros confortos, e onde se desconhecem umas com pequenas necessidades dos climas frios, que são aqui inteiramente supérfluas!

Com relação ao clima, eu já disse o bastante, mas repito: “Um homem pode trabalhar tão bem aqui, como nos ardentes meses de verão na Inglaterra; e, trabalhando três horas de manhã e outras tantas à tarde, poderá produzir muito mais todas as coisas necessárias à vida do que um bom trabalhador, em doze horas de trabalho, em nossa pátria.”

Nada mais de importância ocorreu, e chegamos bem a Belém do Pará, no dia 30 de setembro, justamente cinco semanas depois da nossa partida.

Não tivemos um só dia de chuva, durante toda a nossa viagem, verificando, entretanto, muito para nossa surpresa, que aqui, como de costume, cai um aguaceiro, acompanhado de trovoadas, de 2 em 2 ou de 3 em 3 dias.

.....

Capítulo IV
Mexiana e Marajó

VISITA A OLARIA – HÁBITOS DAS AVES – EXCURSÃO A MEXIANA – CHEGADA – PÁSSAROS – DESCRIÇÃO DA ILHA – SUA POPULAÇÃO – OS ESCRAVOS, SEU TRATAMENTO E SEUS COSTUMES – EXCURSÃO AO LAGO – UM BONITO RIO – PEIXES E AVES DO LAGO – CAÇADA DE JACARÉS – RUÍDOS CURIOSOS – ABUNDÂNCIA DE VIDA ANIMAL – O REGRESSO – CARNE DE JAGUAR – VISITA A JUNCAL,⁴⁶ EM MARAJÓ – EMBARQUE DE GADO – ILHA DAS FLECHAS

LOGO após nosso regresso a Belém do Pará, minha mão ficou tão inchada, que me vi obrigado a conservar o braço em uma tìpõia e a procurar um médico, sob os cuidados do qual fiquei por espaço de quinze dias.

Durante esse lapso de tempo, passei muito mal, impossibilitado de fazer qualquer esforço, ainda mesmo o de alfinetar um inseto; cheguei, portanto, a um estado miserável.

46 No original, encontra-se a esquisita grafia *Jungcal*. O autor também prefere a forma *Frechas*.

Eu pretendia fazer, o mais breve possível, uma excursão à grande ilha de Marajó, para capturar algumas curiosas e raras aves aquáticas, que se encontram ali, tendo obtido, com esse fim, a permissão do Sr. C., um súdito inglês, para visitar-lhe as fazendas de criação de gado, localizadas na referida ilha.

Não havendo, entretanto, nenhuma canoa de saída para lá, não dali a algumas semanas, resolvi então passar intervalo da espera em Olaria, onde o Sr. Borlaz bondosamente pôs a minha disposição um quarto em sua casa e um lugar a sua mesa.

Ali passei a maior parte do tempo, caçando pássaros pequenos e estudando-lhes também os hábitos.

Destes, tanto em espécies, como em indivíduos, os que mais freqüentemente se encontram são os mochos, que se caracterizam pela mesma tonalidade de canto descrente, a que já fiz alusão anteriormente, embora cada um tenha uma particularidade qualquer, pela qual se distinguem uns dos outros.

Geralmente, ocupam-se nas mais intrincadas e impenetráveis moitas de arbustos, onde é quase impossível vê-los, a não ser que se vá por baixo, de rastros, até uma distância de duas jardas, ficando numa situação muito difícil de dar-lhes tiros, sem que estes os reduzam a pedaços.

Estes pequenos e curiosos pássaros têm penas muito compridas, sedosas e flutuantes, com lindas listas brancas e pretas.

Ficam constantemente nas moitas, trepados nas árvores, esperando apanhar quaisquer pequenos insetos, que lhes venham ao alcance.

Os tordos constituem outro grupo, intimamente ligado àqueles outros, e são igual e comumente encontrados.

Têm membros mais compridos e caudas muito curtas, caminham mais no solo, para apanhar insetos, de preferência formigas, o que fazem de maneira muito parecida à das nossas aves domésticas.

Quando se atira num deles, torna-se às vezes difícil apanhá-lo, pois o solo quase sempre está enxameado de formigas, que, com os seus ferrões e garras, atacam desapiedadamente o intruso.

Em todos os trabalhos de história natural, encontramos constantemente referências à maravilhosa adaptação dos animais, quanto aos seus alimentos, aos seus hábitos e às localidades onde são encontrados.

Só agora é que os naturalistas estão começando a ir além disso, compreendendo que deve haver outro princípio que regule as formas infinitamente variadas da vida animal.

Este reparo deve causar, de certo, alguma impressão, pois os numerosos pássaros e insetos de diferentes grupos, que rara ou dificilmente têm uma semelhança qualquer um com o outro, porém que, todavia, se alimentam pela mesma maneira e habitam as mesmas localidades, não poderiam ter sido tão diferentemente constituídos e adornados para aquele propósito somente.

Os machos, as andorinhas, os tiranos apanhadores de moscas e os jacamares, nutrem-se das mesmas espécies de alimento, e pela mesma maneira os procuram.

Todos capturam insetos, voando, e, no entanto, quão diferentes, tanto pela sua estrutura, como pelo seu aspecto, não são estes pássaros!

As andorinhas, com as suas poderosas asas, são quase que exclusivamente habitantes do ar.

Os mochos, aproximadamente seus aliados, mas de uma estrutura muito mais débil e de olhos grandemente desenvolvidos, são pássaros seminoturnos, voando algumas vezes, à tarde, em companhia das andorinhas, porém mais freqüentemente pousando no solo, para pegar a sua presa, o que fazem em vôos impetuosos, curtos, daí voltando ao mesmo local.

Os “meirinhos”, apanhadores de moscas, têm as pernas fortes, mas são pássaros de asas curtas, podendo empoleirar-se em lugares altos, não tendo, porém, as mesmas facilidades de vôo como as andorinhas.

Pousam freqüentemente numa árvore desnuda, seca, onde ficam a espreita de quaisquer insetos que venham ao alcance de seu rápido, mas curto abocanhar, e que seus largos bicos, num grande bocejo, lhes facilitam colher.

Com os jacamares, o caso já não é o mesmo.

Os seus bicos são largos e pontudos, – na verdade um frágil bico de caçador de peixes, – e, entretanto, tais aves têm hábitos semelhantes às precedentes.

Pousam nos ramos de árvores das clareiras da floresta, de onde se atiram em perseguição aos insetos, que apanham voando, voltando em seguida ao seu primitivo ponto de estacionamento, para devorá-los.

Em seguida, vêm os trogônidas,⁴⁷ com os seus resistentes bicos em forma de serra, e que têm hábitos semelhantes.

E os pequeninos beija-flores, embora procurem geralmente alimentar-se dos insetos que encontram nas corolas das flores, muitas vezes o pegam também voando, como qualquer outro pássaro fissiros-tro.

Que aves têm os seus bicos mais singularmente construídos do que as cegonhas, os colheireiros e as garças?

No entanto, podem estar ao lado umas das outras, devorando o mesmo alimento, nas rechãs das praias.

E, se lhes abrirmos os estômagos, encontraremos em todos eles os mesmos pequenos crustáceos, peixes e conchinhas, de que se alimentam.

Entre os frugívoros encontram-se os pombos, os papagaios, os tucanos e as araras, famílias tão distintas e tão amplamente apartadas umas das outras, quanto é possível, – e que se vêm juntos, alimentando-se na mesma árvore. De resto, nas florestas da América do Sul, certas frutas são favoritos de quase todas as espécies de pássaros frugívoros.

Alguns naturalistas têm afirmado que todo fruto selvagem serve de preferência como alimento de um determinado pássaro ou animal, e que as estruturais e variadas formas de seus bicos ou bocas devem ser adaptadas ao caráter especial dos alimentos que procuram.

A tal respeito, há mais fantasia do que mesmo verdade.

O número de frutos selvagens, que servem de alimento aos pássaros, é muito limitado, e vêem-se os das mais variadas estruturas e de qualquer tamanho procurando a mesma árvore, para alimentar-se.

Vêem-se muito freqüentemente, agora, os insetos, encontrando-se diariamente novas espécies.

47 *Trogônidas* é vocábulo derivado do grego *trógein*, “roer”. É denominação de uma família de aves trepadoras.

As pequenas e admiráveis borboletas, de asas ornadas de ouro, e que luzem como metal, escondem-se sob as folhas das árvores ou expandem as asas ao sol da manhã, enquanto as maiores e mais majestosas voam negligentemente pelos sombrios caminhos da floresta.

As escuras *hesperídeas* encontram-se freqüentemente, acontecendo por vezes que, dentre uma dúzia de espécies, capturadas num dia de excursão, somente duas são semelhantes.

Afinal, a esperada canoa já estava pronta para partir.

No dia 3 de novembro, deixamos Belém, em demanda da ilha de Mexiana, situada no braço principal do Amazonas, entre a grande ilha de Marajó e a praia setentrional.

Descemos o rio Pará e contornamos a ponta oriental de Marajó, onde ficamos plenamente expostos ao oceano, e, embora a maior parte do tempo estivéssemos em água doce, sofri muitos enjôos durante a viagem, que durou quatro dias.

A canoa, em que viajávamos, era empregada no transporte de gado, e, por isso, não tinha acomodações apropriadas para passageiros.

Havia ali somente uma pequena *cabine*, com duas camas, de cinco pés de comprimento, que de todo não me serviram (eu tenho seis pés e duas polegadas de altura), tendo preferido acomodar-me no porão.

A tripulação compunha-se de oito rapazes tapuios, de 15 a 20 anos de idade, que eram ótimos e ativos companheiros de viagem.

Todos eles vestiam somente umas calças muito apertadas e uma camisa muito curta, deixando à mostra uma seis polegadas de pele vermelha, que aparecia por entre as duas peças do seu vestuário.

As enxárcias da canoa eram somente simples escoras de cordas, sem quaisquer carlingas; trepavam por elas como macacos, firmando-se com os pés.

A ilha de Mexiana tem cerca de 25 milhas de comprimento por 12 de largura, com um formato regularmente oval, e está situada exatamente no equador.

Ela é absolutamente plana – e toda de *campo* ou solo aberto, com árvores e arbustos espalhados e um pouco de mato à beira da água.

É afamada por causa de seus pássaros, jacarés e onças, e é aproveitada como fazenda de criação de gado pelo seu proprietário.

Os jacarés são encontrados em um lago, no centro da ilha, onde são mortos em grande número, especialmente para tirar-lhes a banha e dela fazer-se óleo.

Fui acompanhado pelo Sr. Yates, um colecionador de orquídeas, que, após a demora de algumas semanas, regressou para Belém.

Na nossa chegada ali, fomos recebidos pelo Sr. Leonardo, um alemão, a quem apresentamos a carta do Sr. C., que levávamos.

Logo fomos guiados para os quartos, que nos haviam sido destinados na casa, a qual é espaçosa e tem um pavimento superior.

Depois de retirada a nossa bagagem da praia e conduzida para lá, logo nos sentimos como que em casa mesmo.

Em redor do edifício, viam-se muitas laranjeiras e mangueiras, e, mesmo em frente, uma fileira de choupanas, onde residem os vaqueiros, ou guardas do gado, os quais são, na sua maioria, negros e escravos.

Para adiante, tão longe quanto a vista pode alcançar, estende-se um campo chato, onde se vêem pastando bois e cavalos.

Falando a respeito das melhores localidades para capturar insetos e pássaros e fazer coleta de plantas, ficamos algum tanto sobressaltados, quando nos informaram que as onças ali eram muito numerosas e que, mesmo perto da casa, era perigoso andar só, ou sair desarmado.

Verificamos, entretanto, que, recentemente, nenhuma das reses havia sido atacada pelos jacarés, embora estes “pobres” animais não sejam lá tão ativos.

Alguns bonitos couros, que se achavam secando no terreiro, tendo ao lado as suas caveiras e os seus dentes, bem que o comprovavam.

Nenhuma dúvida há de que o encontro com essas feras não deve ser lá coisa muito agradável, pois os seus dentes e as suas garras são bem adaptados para matar a qualquer animal que encontrem.

Neste caso, pois, é melhor acautelar-se um pouco do que mesmo correr algum risco.

Por isso, pus meia dúzia de balas em minha espingarda, para prevenir qualquer possível mau encontro.

Viam-se alguns cavalos e reses em miserável estado, em consequência das feridas infligidas pelos morcegos, que lhes causam a perda

de muito sangue, e mesmo, algumas vezes, a morte, quando os ataques são sucessivos.

O Sr. Leonardo informou-me de que, em alguns lugares da ilha, tais bichos são muito abundantes, e que ele costuma ter alguns homens empregados especialmente em caçá-los, matando-se nessas ocasiões muitos milhares.

Há uma espécie maior, da cor de café torrado, a qual é provavelmente o *Phyllostoma hastatum*.

Na manhã seguinte, após a minha chegada, tomei da espingarda e saí em passeio, para ver os melhores logradouros da ilha.

Primeiro, fui a uma árvore muito próxima da casa, a qual o Sr. Leonardo me havia mostrado, e onde encontrei muitos beija-flores, que estavam voando em roda das folhas (ainda molhadas de sereno), parecendo que ali estavam a lavar-se e a refrescar-se com a humidade.

São de cor azul ou verde, com uma cauda em formato de forquilha (*Campylopterus hirundinaceus*).

Vagando pelo campo, encontrei muitos bem-te-vis, apanhadores de moscas, cucos e tanagras.

Atirei também num bútio e num gavião preto, este diferente de qualquer outro que eu já houvesse visto no Pará.

Os insetos eram raramente encontrados, talvez devido à secura da estação à ausência de florestas.

Em vista disso, desde logo deixei de colecioná-los, para atender exclusivamente aos pássaros, que eram algum tanto mais abundantes, embora não fossem raros, nem muito notáveis.

Em dez dias, obtive setenta espécimens, dentre os quais quatorze gaviões ou aves de rapina, várias espécies de garças, periquitos, pica-paus, e um tucano, das espécies maiores, de enorme bico amarelo (*Ramphastos toco*), que não são encontrados no Pará continental.

Tendo feito algumas excursões de algumas milhas pelo interior da ilha e ao longo de seu litoral, fiquei tendo uma sofrível idéia de sua geografia.

A ilha é, por toda parte, plana, sendo de muito poucos pés as suas maiores elevações.

Ao longo das praias, em muitos lugares, e estendendo-se ao longo das margens das enseadas, existe uma cinta de floresta, variando em média, na sua largura, de cem jardas a meia milha; vêem-se nela algumas palmeiras e altas árvores, moitas de bambus e trepadeiras, que tornam quase impossível poder-se atravessar de um lado para outro.

Todo o interior da ilha é de campo ou de plainos abertos, cobertos por uma erva ruim, em alguns lugares juncados de palmeiras de copa redonda e de árvores baixas e galhudas, que suportam uma profusão de flores amarelas.

Espalhados, aqui e acolá, com intervalos de poucas milhas, vêem-se grupos mais densos de árvores e de arbustos, sendo alguns muito exíguos, outros, porém, muito extensos, formando pequenas florestas.

Estes são geralmente conhecidos como “ilhas”, e muitas delas têm nomes distintivos, como “Ilha-de-São-Pedro”, “Ilha-dos-Urubus”, etc.

Na estação das chuvas, parece que uma grande parte da ilha é atingida pela águas, encontrando-se mortos caranguejos e conchas de água salgada, a uma boa distância, para dentro da ilha.

Estes bosques ou arvoredos serão provavelmente ilhas, se bem que se não percebam, por se acharem pouco acima do nível geral.

Um fenômeno, que se observa nas margens do Mississippi e de muitos outros rios, quando transbordam em suas margens, também ocorre aqui.

A terra é mais alta nas proximidades do barranco e gradualmente cai para o interior, originando-se daí os depósitos dos sedimentos mais pesados, durante as inundações, à mais curta distância das margens, enquanto os materiais mais leves somente é que são levados para o interior, espalhando-se sobre uma área mais larga.

O solo dos campos é muito desigual e, por isso mesmo, muito dificultoso para caminhar-se, sendo isto feito por intermédio de pequenos grupos de árvores ou pequenas iminências, sendo igualmente incômodo e fatigante, tanto para se andar em seus altos, como entre eles.

Todos os troncos das palmeiras estavam cobertos de orquídeas, porém estas estavam sem folhas e sem flores, parecendo também que havia ali poucas espécies.

Os terrenos alagadiços cobrem-se de arbustos das convolvuláceas, havendo, em outros lugares, vastas latadas de mimosas e de cássias, vendo-se entre elas as suas pequenas e delicadas flores.

Os cucos, de cauda longa e com plumagem de cores muito vivas, estão continuamente voando de árvore em árvores, soltando os sem piados, não como os dos nossos cucos, mas muito semelhantes ao rangido de um eixo ferrujento; daí o nome de *careru*, muito bem aplicado, com que são conhecidos aqui.

Encontram-se igualmente os cucos pretos, de bico pontudo, chamados *anus*.

Vêm-se, pousando em quase todas as árvores, um falcão ou um bútio, de que há grande variedade.

Em poucas semanas, obtive oito espécies diferentes.

Uns lindos periquitos, de listas brancas e penas alaranjadas nas asas, e outros, com topete vermelho, eram ali muito abundantes.

Eu muito me divertia, observando a rapidez com que trepavam nas árvores e como subitamente todos voam, quando são espantados.

A cor de sua plumagem é muitíssimo parecida com a da folhagem, e, por vezes, torna-se impossível distingui-los.

Podeis, às vezes, vê-los chegar à árvore, em numeroso bando, e então os ouvireis fazer barulho lá em cima: podeis ficar a procurá-los, até que se esgote a vossa paciência, quando, repentinamente, voam dali com um alarido de triunfo.

Em seguida, nas moitas, viam-se bandos de bonitos verde-lhões, de peito vermelho (*Icterus militaris*); estes, porém, não estavam infelizmente em boa plumagem, na ocasião de minha visita.

O comum urubu preto vê-se voando bem alto, ou então pousado em alguma árvore seca.

Grandes patos selvagens passam, fazendo um rangente ruído com suas asas, como se fosse máquina aérea, agitando o ar violentamente, para poderem suportar o pesado corpo, e oferecendo, assim, um no-

tável contraste com a grande cegonha da mata, que voa sem barulho e serena, em grupos de dez a doze.

Nas ourelas da floresta e nas ilhas maiores, encontram-se as vezes onças pretas e pintadas, enquanto as pacas e cutias, tatus, veados e outras pequenas caças, são também comumente encontrados.

A população total da ilha é de cerca de quarenta pessoas, das quais vinte são escravos e o restante se compõe de índios e de negros libertos, que desempenham várias funções na propriedade.

Cuidam do gado bovino e dos cavalos, cujo número varia, e que foram muito mais numerosos há três ou quatro anos.

Os cavalos foram quase todos exterminados por uma epizootia, que subitamente irrompeu ali.

Havia agora cerca de 1500 cabeças de gado bovino, além de elevado número de reses selvagens, que ficam escondidas nas partes mais remotas da ilha, e 400 cavalos.

Aos escravos e trabalhadores é permitido fazer farinha, cultivar todos os cereais e vegetais, para consumo próprio, fornecendo-se-lhes ainda pólvora e chumbo, para caçar, de mais que não passam mal de todo.

Permite-se-lhes também fazer plantações de fumo, e a maior parte ganha dinheiro fazendo jacás, cestos e outros objetos, ou matando onças, cujo couro vale de 5 a 10 shillings.

Além de cuidar do gado bovino e dos cavalos, têm eles ainda por obrigação construir casas e currais, caçar jacarés, para tirar-lhes a banha, e matar os morcegos, que causam grande dano ao gado, sugando-lhe o sangue, noites seguidas.

Os morcegos moram nas cavidades das árvores, onde são mortos em considerável número, tendo-me informado o Sr. Leonardo que cerca de 7.000 foram mortos, nos últimos seis meses.

– Dizem que milhares de reses foram mortas por eles em poucos anos.

Os escravos mostram-se contentes, e como que felizes, se é que escravos isso podem ser.

Todas as tardes ao pôr do sol, eles vêm dar “boa noite” ao Sr. Leonardo e a mim também sendo feita outra saudação semelhante, quando eles nos encontram pela manhã.

Se um negro sai durante o dia, para ir a uma distância qualquer, despede-se de todos aqueles que vai encontrando, como se estivesse a despedir-se dos seus mais caros amigos, na véspera de uma longa viagem, contrastando assim com o apático índio, que raramente dá mostra de qualquer sentimento de pesar, ao partir, ou de prazer, no seu regresso.

À noite, tocam música e cantam em suas casas.

O seu instrumento é uma espécie de guitarra, por eles fabricada, da qual obtêm três ou quatro notas, que são repetidas horas seguidas, na mais enfadonha monotonia.

A sua música juntam um canto improvisado, geralmente relatando alguns dos acontecimentos do dia.

Os feitos dos “brancos” muitas vezes constituem considerável parte de tais descantes.

Alguns deles cuidam da criação de aves e de patos, que vendem para comprar o que precisam.

Outras vezes vão também pescar, para suprir a casa.

E assim têm tudo.

Aos sábados, reúnem-se de noite para serviço religioso, que se realiza em seu quarto adaptado para esse fim, com uma capela e um altar, decorado pomposamente com a imagem da Virgem e de seu Filho, além de muitos outros santos dourados e pintados com cores muito brilhantes.

Algumas dessas imagens são da lavra do Sr. Leonardo, que é um excelente gravador-amador.

Quando se acendem as velas e tudo está em ordem, o efeito é igual de muitas capelas das vilas e das cidades.

Dois negros idosos dirigem a cerimônia, ajoelhados diante o altar.

O resto ajoelha-se ou permanece de pé em roda da sala.

O que eles cantam, assim o acredito, é uma parte do serviço de vésperas ou ladainhas da Igreja Católica Romana.

Todos os presentes acompanham a reza e respondem com muito fervor, embora não lhe compreenda as palavras.

Domingo é o dia destinado para o trabalho em seus quintais, para caçar, ou então descansar, como preferirem.

À tarde, por vezes, reúnem-se na varanda, para dançar.

Isto se prolonga até tarde, quando não consome a noite inteira. Enquanto eu estava na ilha, uma criança de poucos meses da cidade deveria ser batizada.

O batismo é considerado ali como uma das mais importantes cerimônias.

Assim, o pai e a mãe, com os avôs e as avós, saíram em uma canoa, para irem a Chaves, na ilha de Marajó o lugar mais próximo onde havia um sacerdote.

Gastaram três dias nessa viagem.

Na sua volta, trouxeram a notícia de que o padre estava doente, e não pôde, por isso, realizar-se a cerimônia.

E, desta sorte, foram obrigados a trazer a pobre criança ainda pagã.

De conformidade com as suas idéias se ela morresse, estaria na perdição eterna.

Na mesma noite cantaram, durante umas três horas, sua música habitual, toda a história daquela jornada perdida.

Eu assim presumo por ter apanhado algumas trechos, que eram aqui e acolá inteligíveis.

Sobre cada fato, entoam um verso, que é várias vezes repetido.

Assim, um deles repentinamente prorrompia:

“O padre estava doente, e não podia vir.”

“O padre estava doente, e não podia vir.”

O coro então repetia:

“O padre estava doente e não podia vir.”

“O padre estava doente e não podia vir.”

Daí, durante algum tempo, só a música é que continuava, sem as vozes, dando tempo assim para que encontrassem outro fato e ficassem sobre o mesmo mais um verso.

Afinal, lá um deles continuou o assunto:

“Ele disse para voltarmos no dia seguinte,

“Para vermos se ele estava melhor.”

E daí o coro:

“Ele disse para voltarmos ao dia seguinte,

“Para vermos se ele estava melhor.”

E, assim por diante, até ao fim da história, o que me causou impressão, como sendo provavelmente muito semelhante às tradicionais canções dos antigos bardos, que tornavam conhecidos por esse meio, interessantes fatos, os quais eram ao som de música de maneira entusiasmática e bem apropriada.

Em uma nação belicosa, o que logo era mais necessário relatar eram os feitos de guerreiros arrojados, a derrota do inimigo, cantar os troféus da vitória, com o propósito de elevar ao mais alto nível o entusiasmo do auditório.

Algumas destas canções foram transmitidas de geração a geração, com a sua linguagem cada vez mais melhorada, reduzindo-se depois a escrita, e, por fim, juntando-se-lhe a rima.

E assim, afinal, construía-se um poema regular.

Tendo agora atingido ao máximo do rigor a estação seca e estando as águas do lago muito baixas, o administrador alemão informou-me que ia fazer uma excursão até lá, especialmente para matar jacarés.

Resolvi acompanhá-lo.

Por duas maneiras, pode-se chegar a tal local.

Por terra, em uma linha mais ou menos reta, ou então, contornando o outro lado da ilha, em um bote, o daí subindo um rio, que dista umas poucas milhas do lago, e com o qual se comunica, no tempo das águas.

A maré permitia-nos partir à meia-noite.

Decidi ir de bote, julgando que assim poderia ver melhor a ilha.

O administrador deveria ir por terra, pela manhã.

À meia-noite, levantei-me e logo fui para a canoa, com três negros.

Acomodei-me nela da melhor maneira que me foi possível, para ver se passava por um sono, deitando-me sobre os cestos de farinha e de sal, de que estava atravancada a canoa.

Tal embarcação era grande e tosca, armada de uma vela.

Com a maré, fomos navegando favoravelmente.

Ao amanhecer, ficamos algum tanto afastados de terra para dentro do rio, que se assemelhava ao oceano, por causa dos seus desagradáveis e fortes balanços, o que me obrigou a levantar-me muito lânguido e muito cansado do meu esconso leito.

Cerca das dez horas, alcançamos a boca do igarapé, ou pequeno rio, pelo qual deveríamos entrar e subir. Fiquei, desde logo, muito contente de ter entrado em águas tranqüilas.

Paramos, para almoçar, em um bonito lugar, debaixo de uma linda árvore, onde saboreei uma xícara de café com biscoitos, enquanto os homens se fartavam de peixe e de farinha.

Dali prosseguimos rio acima, que era no seu começo aproximadamente de 200 jardas de largura, porém logo se reduziu para umas cinquenta ou oitenta.

Fiquei deveras encantado ante a beleza da vegetação.

Esta ultrapassava tudo que eu até então tinha visto.

A cada volta do rio, algo de novo se nos apresentava.

Ora um enorme cedro, que pendia sobre as águas, ora uma enorme árvore de algodão-seda que se destacava, como um gigante, acima da floresta.

Viam-se continuamente as esbeltas palmeiras açáis em vários grupos, muitas vezes erguendo os seus troncos uns cem pés para cima, ou se arqueavam então em graciosas curvas, quase encontrando as da margem oposta.

Comumente encontrávamos também a palmeira “muriiti”,⁴⁸ com os seus estípites retilíneos e cilíndricos, semelhantes a colunas gregas, tendo intensas copas de folhas em forma de leque, e de onde pendem os seus gigantescos cachos de cocos.

O espetáculo era na verdade imponente.

Alguns desses cachos são maiores do que quaisquer outros que eu antes já houvesse visto, tendo de 8 a 30 pés de comprimento e devendo pesar provavelmente uns dois, ou três quintais, com os seus inúmeros rosários de enormes e compridos frutos,

Essas palmeiras cobrem-se de trepadeiras, que sobem até alcançar as suas grimpas, onde soltam então as flores.

À beira da água, vêm-se numerosos arbustos em florescência, por vezes completamente cercados de convolvuláceas, “flores-da-paixão” ou begônias.

Toda árvore morta ou semi-apodrecida, torna-se de parasitas de singulares formas e de belíssimas flores, enquanto nas palmeiras, de menor porte o de caules de curiosas formas se entrelaçam os cipós, formando-se abrigos na floresta, por baixo dos seus emaranhados.

Para complemento, não faltam ali animação e vida.

As araras de plumagem de cor amarela e vermelha, muito vivas, passam continuamente, voando, lá bem no alto, enquanto os papagaios e periquitos, fazendo grande alarido, voam de árvores em árvore, a procura de alimento.

Dos galhos pensos sobre a água, aqui e acolá, vêm-se por vezes os bafouçantes ninhos de guaches (*Cassicus icteronotus*) de plumagem preta e amarela, nos quais esses curiosos pássaros continuamente estavam entrando, ou saindo deles.

O encanto da paisagem ainda mais se realçava pelo rio, todo cheio de curvas, ora para um lado, ora para outro, trazendo sempre à vista uma constante mutação de cenários.

48 O autor escreve *muriiti*. Há as formas *buriti* (esta mais vulgar), *muriiti* e *miriti*. É a *Mauritia vinifera* de Martius.

A cada volta, descobríamos diante de nós um bando das elegantes garças brancas, pousadas em alguma árvore seca, pendente sobre a água; porém, mal, lhes chegávamos a vista, elas levantavam vôo, procuravam outra volta, onde de novo as encontrávamos empoleiradas à nossa frente.

E isto ia se repetindo assim, até considerável distância.

Nas moitas de arbustos florescentes, viam-se lindas borboletas.

Por vezes, nas margens do rio, nos lugares de lama, um jacaré, confortavelmente repousando, aquecendo-se ao sol.

Por muitas horas, continuamos assim a nossa jornada.

Os homens remavam vigorosamente, receosos, como estavam, da maré voltar contra nós, antes de atingirmos ao ponto do nosso destino.

Ela vem justamente, quando estávamos para entrar em uma parte mais estreita do rio.

O cenário tornou-se agora muito mais sombrio.

Enormes árvores uniam, lá no alto, as suas frondes, como que para nos privar de qualquer raio solar.

As palmeiras entrelaçam-se e arqueiam-se em várias contorções.

Por vezes, dificilmente, conseguíamos arranjar passagem por baixo dos troncos caídos, que ficam atravessados de margem a margem, o que nos obrigava a sair da canoa e a fazê-la passar por cima, empregando para isso os nossos homens todos os seus esforços.

Íamos progredindo morosamente.

A correnteza do rio cada vez se tornava mais forte contra nós.

Havia ali um recanto preferido pelas aves aquáticas.

As cegonhas da floresta, inúmeras grus e garças fazem os seus ninhos em altíssimas árvores, lá em cima, enquanto cá mais em baixo era o local preferido pelos “bicos-de canoa”

À nossa aproximação, ouvia-se um contínuo sussurro do bater de asas dessas ariscas aves pernaltas, que voavam assustadas.

E, quando eu disparava algum tiro em alguma das grandes cejonhas da floresta, a confusão atingia então o seu auge.

Os alciões, em grande número, continuamente voavam, passando para baixo ou para cima, ou arremetendo-se das varas, onde posam, à beira da água para apanhar a sua presa.

Após umas duas horas de árduo e desagradável trabalho, alcançamos afinal, o nosso desembarcadouro, no local onde havia uma choupana velha e abandonada.

Ali, já se achavam à nossa espera o administrador, com alguns negros e alguns cavalos para a condução das provisões que havíamos trazido.

Saltamos logo e saímos a pé, trilhando extensa planície, que era em alguns lugares completamente desnuda e em outros cerradamente de árvores baixas.

Maior não poderia ser o contraste das cenas, que tínhamos acabado justamente de deixar, como a em que agora estávamos entrando.

Uma era de luxuriante verdura e outra de aspecto tão triste e tão estéril, quanto pode ser um triste e assolado pântano, agora tismado pelo ardente sol e que se cobre de tufos de uma erva feito arame, vendo-se aqui e acolá uns caniços e plantas sensitivas espinhosas, com algumas lindas e minúsculas flores entre estas e aquelas.

As árvores, em alguns lugares, eram mais abundantes, porém não atenuavam o aspecto de geral secura daquele trecho, pois muitas de suas folhas haviam caído ou estavam a desprender-se, devido ao rigor da estação calmosa, e as que ainda existiam nos galhos estavam amareladas e enrugadas.

Era muito desagradável a caminhada naquele solo composto de numerosos e pequenos montículos, tão unidos uns aos outros, que não era possível caminhar bem, nem sobre eles, nem por entre eles.

Ao que parece, são originados pelas chuvas e pelas marés, na estação das águas, que lambem a terra entre as raízes dos tufos de relva, ficando depois endurecidos pelo excessivo calor do sol, que também tosta quase inteiramente a relva.

Após umas quatro ou cinco milhas de caminhada em tal solo, chegamos ao lado, quando já estava principiando a escurecer.

A única casa, que havia ali, era uma pequena choupana, sem paredes, sob o teto da qual armamos as nossas redes, enquanto os negros aproveitaram algumas árvores e arbustos vizinhos, para o mesmo propósito.

Perto dali, ardia uma grande fogueira, vendo-se em roda dela numerosos e compridos espetos de madeira, com pedaços de carne e de peixe fresco ou da cauda de jacaré, que estavam sendo assados para o nosso jantar.

Enquanto se aprontava o jantar, fomos apreciar alguns peixes, que haviam sido apanhados e que jaziam no solo, para salgar e secar no dia seguinte.

Via-se ali o pirarucu (*Sudis gigas*), um esplêndido exemplar de cinco ou seis pés de comprimento, com enormes escamas, de mais de uma polegada de diâmetro, e de lindas manchas vermelhas.

No lago, há grande quantidade desses peixes, que são apanhados, salgados e secados, para serem vendidos em Belém.

É um peixe muito saboroso, principalmente a carne da barriga, que é a parte mais gorda e mais rica, a qual não pode ser salgada, e, por isso mesmo, come-se fresca.

A sua carne, com farinha e café, forneceu-nos excelente jantar, e a cauda de jacaré, que eu agora experimentei pela primeira vez, não era de forma alguma para menosprezar-se.

Logo depois, entramos em nossas redes e dormimos profundamente, em razão das fadigas do dia.

Os jaguares andaram ali em roda durante a noite, tendo carregado alguns peixes, uma noite ou duas antes.

Os jacarés, por sua vez, no lago, davam rabanadas e soltavam bufos, a uma vintena de jardas de nós.

Essas “bagatelas” nem por isso perturbaram o nosso sono.

Antes do romper do dia, peguei da espingarda, pulei ao ombro saí a fazer uma caçada de patos e outras aves aquáticas, que enxameiam nos arredores do lago.

Encontrei logo muitos deles, e, estando minha espingarda carregada de chumbo fino, consegui, com o primeiro tiro, matar uns sete ou oito.

São aves pequenas, porém muito bonitas, com penas brancas e de um verde metálico nas asas, que, além de fornecer-nos magníficos espécimens para coleções, ainda aproveitamos como carne, a qual é excelente e foi por nós saboreada no almoço.

Depois do primeiro tiro, elas tornaram-se muito ariscas, e daí saímos então à procura dos colhereiros de plumagem cor-de-rosa, das garças brancas e das pernaltas tarambolas, que eu havia visto do outro lado.

Estas, ao que parece, receberam de suas companheiras algum aviso, pois eu não pude aproximar-me bastante delas, para alcançá-las a tiros, não conseguindo, por maneira alguma, matá-las.

O que aqui tem o nome de “lago” é um longo e sinuoso trecho de terreno, coberto de água, de 30 a 50 jardas de largo e pouca profundidade.

É orlado de plantas e de arbustos próprios de terras úmidas, vendo-se em alguns lugares, cerradas moitas de ervas flutuantes e de lentilhas aquáticas.

Encontram-se ali inúmeros peixes, dos já referidos, e os jacarés ficam tão apertados e unidos uns com os outros, que é difícil ver-se um lugar qualquer, onde possam mover-se livremente.

Vêm-se também, em grande número, uns peixes pequenos, de cerca de duas polegadas de comprimento, os quais, ao que supponho, servem de alimento para os maiores, e estes, por sua vez, são provavelmente devorados pelos jacarés, pois parece quase um mistério como esses enormes animais possam achar a sua subsistência, acumulando-se em tão pequeno espaço.

Depois do almoço, o administrador iniciou a caçada de jacarés.

Alguns negros entraram na água, levando compridas varas, com as quais empurravam os animais para o lado, onde outros os esperavam com arpões e laços.

De quando em quando, um laço era jogado sobre as cabeças dos jacarés, ou, se algum já tivesse sido arpoado, outro laço era arremessado para prendê-lo, quer pela cabeça, quer pela cauda, e assim é facil-

mente puxado para a praia, pelos esforços conjugados de dez ou de doze homens.

Outro laço ainda é jogado, se assim for preciso, para ter o animal preso em ambas as extremidades.

Na ocasião de ser arrastado para fora da água, um negro, armado de machado, cautelosamente dele se aproxima, e, com um golpe seguro corta-lhe a cauda, tornando completamente inútil a formidável defesa do bicho, e, desfechando-lhe logo outro golpe, sobre o pescoço, separa a cabeça do tronco. Este é assim deixado ali no chão.

Em seguida, começa a perseguição a outro animal, que, pela mesma forma, dentro de pouco tempo, fica reduzido a idênticas condições.

Acontecia, às vezes, romper-se o laço, ou o arpão desprender-se, e os negros tinham então que patinhar na água, no meio dos feroces animais, de maneira horrivelmente arriscada.

Tinham aqueles bichos dez a dezoito pés de comprimento, alguns chegando mesmo a vinte, com enormes e disformes cabeças e horríveis fiadas de longas e aguçadas presas.

Depois de muitos deles já se acharem em terra, uns mortos, outros ainda morrendo, foram em seguida abertos, para extrair-se-lhes a banha, acumulada em torno das entranhas, em grande quantidade, e que era retirada e colocada sobre os couros dos menores, couros esses tirados especialmente para tal propósito.

Há outra espécie menor, aqui chamada “jacaretinga”, cuja carne é a preferida para se comer, sendo muito mais delicada do que a das espécies maiores.

Após ter matado uns doze ou quinze jacarés, o administrador e os seus homens foram dali para outro lago, situado a curta distância, onde tais bichos ainda são encontrados em maior número, e, até ao escurecer, já haviam matado cerca de 50.

No dia seguinte, foram mortos ainda mais uns 20 ou 30.

Em seguida, iniciou-se a extração da banha dos que foram mortos na véspera.

Diverti-me muito com a minha espingarda, ora serpenteando por entre altas ervas, para caçar as ariscas aves aquáticas, ora andando

pelo campo, onde encontrava um pica-pau ou uma arara, que recompensava a minha perseverança.

Fiquei muito contente, abatendo, pela primeira vez, uma bonita arara azul-amarela.

Em compensação, essa ave deu-me árduo trabalho para depe-ná-la e repará-la, no que gastei algumas horas, pois a sua cabeça é tão carnosa, tão cheia de músculos, que não é fácil limpá-la completamente.

Vêem-se ali os grandes *tujujus* (*Micteria americana*).

Embora eu caminhasse com toda a precaução possível, pé ante pé, não consegui ficar ao alcance de matá-los.

Viam-se também grandes e pequenas garças brancas, bem como as pretas e grisalhas cegonhas, os “bichos-de-canoe”, pelicanos azuis, patos de várias espécies, muitos verdelhões de plumagem preta e amarela, um estorninho de penas lustrosas, de todos os quais obtive onze espécimens.

Tive oportunidade de ver a maneira por que se salgam e se-cam os peixes.

São descamados parcialmente, extraindo-se uma grande posta de carne de cada lado, ficando a espinha dorsal e a cabeça presas à pele.

Em seguida, corta-se cada posta no sentido longitudinal, des-dobrando-se em uma grande manta chata.

Depois disso, salpica-e de sal, e é posta, então, sob uma tábua.

Outras mantas, sucessivamente, vão sendo postas sobre aquela.

Daí, após o sal haver penetrado bastante nelas, ficam as mantas dependuradas em varas, ou, então, colocadas no solo, para ficarem expostas ao sol, a fim de secar, o que não gasta mais do que dois ou três dias.

Em seguida, faz-se o seu enfardamento em lotes de 100 libras cada um, ficando assim prontas para serem vendidas.

As espinhas e as cabeças dos peixes fornecem aos urubus um fino repasto.

Por vezes, algum jaguar, durante a noite, também as carrega, dando, porém, preferência a um peixe inteiro, se encontra algum ao seu alcance.

Logo após a retalhação dos peixes, cada posta fica enegrecida por milhares de moscas, que não cessam o seu continuado zumbido, o dia todo, pousando ou voando em roda das mantas.

Os ruídos da vida animal, na verdade, nunca se interrompem aqui.

Logo após o pôr do sol, as garças e os grus começam a soltar os seus grasnados.

Os “bicos-de-canoas” e as rãs juntam ao daqueles o seu horrível coaxar.

O canto de uma rã merece um nome melhor:

É um agradável assobio, que, se fosse trazido para uma sociedade civilizada, haveria, sem dúvida, de encontrar tantos admiradores, como o rato que canta ou o ainda mais maravilhoso assobio de ostra, descrito pelo *Punch*.⁴⁹

Os jacarés e os peixes, incessantemente, e durante toda a noite, saltam sobre as águas, fazendo grande ruído com os seus mergulhos.

Ao romper da alva, começam, então, os mais extraordinários ruídos.

Repentinamente, uns dez mil periquitos, de penas brancas nas asas, iniciam os seus ruídos matinais, com agudos e penetrantes gritos.

A confusão é tal, que não se pode descrevê-la.

Cem amoladores de facas, em plena atividade, seriam apenas um arremedo, para dar idéia do barulho que fazem aquelas aves. Um pouco mais tarde, ouve-se outro ruído.

As moscas, que se amontoam nas folhas das ervas, fazendo vergá-las com o seu peso, esperam a essa hora.

Com o ininterrupto zumbido das asas, começam então o ataque às postas de peixes, que se acham depositadas no solo para secar.

Cada posta, dentro de poucas horas, fica coberta de seus saquinhos de ovos, que são do tamanho de nozes.

49 *Punch* é uma antiga e interessante revista londrina, cujos humorismos e caricaturas adquiriram celebridade em todo o mundo culto.

E causa-me mesmo admiração esta abundância de vida animal, de todas as espécies, amontoando-se em tão restrito espaço, comparadas à maneira como elas se acham distribuídas e disseminadas na floresta virgem.

Isso faz-nos chegar à conclusão de que a luxúria dos trópicos não é tão favorável ao desenvolvimento delas, nem pode, tão pouco, suportar tanta vida animal.

Os plainos povoam-se sempre mais densamente do que as florestas, e as zonas temperadas, como já foi observado pelo Sr. Darwin, são, ao que parece, melhor adaptadas do que os trópicos para suportar os grandes animais terrestres.

O administrador informou-me que neste lago ele já havia matado, em pouco dias, cerca de mil jacarés, ao passo que nos rios Pará e Amazonas seria difícil conseguir-se matar tantos assim em um ano.

Os geólogos, baseando-se no número dos grandes répteis, cujos restos se encontram sempre em consideráveis *strata*, descrevem uma era em que o mundo inteiro deveria ter sido povoado por tais animais, antes ainda de haver-se formado suficiente quantidade de terra firme, para suportar os quadrúpedes terrestres.

Ora, é evidente que, se por motivo de um cataclismo qualquer, que causasse a morte de todos esses jacarés, fossem os seus restos em seguida encontrados acumulados, parece que tais descrições dariam provas insuficientes, pois que consideráveis porções de terra já poderiam então existir, como hoje, tão altas e tão elevadas, como elas são no presente; não obstante, os numerosos restos dos répteis aquáticos parecem indicar que houvesse uma grande extensão de águas baixas para o seu habitat.

No dia seguinte, pela manhã, carregou-se a canoa, que já estava para o regresso.

A gordura dos jacarés e uma grande quantidade de peixes já estavam prontas, de modo que tratamos de voltar para casa.

Resolvi, desta vez, ir por terra, para poder observar o aspecto do solo no interior da ilha.

Com dois negros, voltei para o rancho em ruínas, a que já fiz referência, para dali então partirmos no dia seguinte por uma estrada de

cerca de dez ou doze milhas, que se estende através do campo até à fazenda.

No nosso regresso à choupana, passamos por uma parte do campo, que estava sendo queimada.

Tive então ensejo de observar o curioso fenómeno do fogo, avançando, ao mesmo tempo, de direcções opostas.

O vento ajudava o fogo a avançar rapidamente na direcção de oeste, enquanto, ao mesmo tempo, em outro local, obrigava as crescidas e altas relvas a dobrar-se para o lado das chamas, e estas, ainda que de modo mais brando, iam, por sua vez, adiantando-se na direcção de leste.

Queimam-se aqui, propositalmente, os campos, todos os anos, na quadra do verão.

Em seguida, logo após as primeiras chuvas, brota uma bonita pastagem, em substituição das ervas e relvas secas, que são consumidas pelo fogo.

Perto da cabana, matei uma bonita garça branca, que nos deu excelente jantar.

Armamos ali, depois, as nossas redes, para passar mais uma noite no velho rancho de paredes barreadas.

Pouco antes, um jaguar havia surrupiado dali grande cesto de peixes.

No dia seguinte, pela manhã, carregou-se a canoa para a viagem de volta.

Regressei por terra para a fazenda, ao longo de uma estrada, que estava com um aspecto verdadeiramente desolador.

A cena, agora, era de completa tristeza e de absoluta esterilidade.

Não se via, milhas a fora, em toda a roda, uma folha sequer das relvas que foram queimadas.

Tudo se havia transformado ali em um imenso leito de compridas varas, estendendo-se por todos os lados da ilha, de uma a outra ponta.

Em alguns lugares, jazem, em grandes leitos, as cinzas das numerosas mimosas, cheias de espinhos.

Em intervalos, viam-se consideráveis tratos de terrenos, cobertos de árvores desfolhadas.

Numerosos picanços trepavam por elas e trabalhavam diligentemente, em busca do seu repasto.

Os gaviões e urubus estavam também ali.

Os tucanos, com os seus enormes bicos vermelhos, iam passando, aos grupos de três e quatro com seu vôo ondulante.

O céu estava nublado.

Soprava um vento forte, como que parecendo que ia chover.

Nesta quadra do ano, entretanto, nunca ali cai chuva.

Por isso mesmo, não tive motivo para recluir, nem tão pouco apressar a minha volta.

Cedo ainda, porém, chegamos à casa algum tanto cansados, mas muitíssimo satisfeitos com a excursão que acabávamos de fazer.

Ia-me esquecendo de referir que, à noite, após a caçada dos jacarés, os negros cantaram vários hinos, como agradecimento por terem escapado ilesos das garras dos terríveis animais.

No dia seguinte, todos estavam muitíssimo ocupados, derretendo a banha dos jacarés, para preparar o óleo que abastece as lamparinas de todas as casas da propriedade do Sr. C.

O cheiro que se desprende, com esse serviço, é um tanto desagradável, porém não é pior do que o do preparo do azeite de baleia.

Depois do regresso de minha excursão, eu saía diariamente, armado de espingarda, em passeio pelo campo, ou, então, pelas moitas de árvores, que se denominam “ilhas”, e que ficam nas margens dos córregos.

As aves, que eu comumente encontrava, eram principalmente tucanos, papagaios, gaviões, bútiós, cotingas de penas vermelhas na cabeça, e, em numerosos bandos, os pequenos pintassilgos, bem como os apanhadores de moscas.

As mangueiras estavam carregadas de frutos maduros, vendo-se ali inúmeras tânagras e periquitos, que se deliciavam com as mangas.

Nessa ocasião, tive oportunidade de comer a manga, pela primeira vez, e, logo de começo, apreciei-a muito.

Em Belém do Pará, quase que não se pode comê-las, pois os negros, ao que parece, gostam delas demasiadamente, isto a julgar-se pela maneira com que toda a fruta logo se some, no momento de amadurecer.

Parece também que não há nenhum animal que delas não goste.

Os bois, as vacas, os carneiros, os porcos, os patos, as galinhas, comem-nas todos.

Quando tais frutos caem da árvore, todos se precipitam para apanhá-los.

Logo após o Natal, tivemos, de quando em quando, algumas chuvas.

A relva logo começou a brotar verdejantemente, – sinal de que o verão estava a terminar.

Algumas borboletas e larvas começam então a aparecer; as ourelas da floresta estavam cobertas de flores da paixão de convolvuláceos e de muitas outras flores. As abelhas e vespas, por sua vez, se tornam mais abundantes.

Várias aves aquáticas, que eu ainda não tinha visto, estão agora aparecendo.

Em janeiro, o Sr. C. e sua família, com alguns amigos, chegaram aqui, para o propósito de passarem uma semana na ilha.

Este tempo passou agradavelmente.

Vários negros foram caçar patos selvagens, veados, tatus, peixes, etc.

Além da carne de vaca e de carneiro, era sempre abundante em nossa mesa a daquelas caças.

Nessa ocasião, mataram-se vários jaguares, e o Sr. C. comprava cada pele a 8 shillings.

Certo dia, tivemos à mesa várias postas de carne de onça.

Achei-a muito branca, porém sem mau gosto algum. A idéia comum de que a alimentação de um animal lhe determina a qualidade da carne, é inteiramente errônea. As nossas aves domésticas e leitões são

os bichos mais nojentos, por causa da sua alimentação. A sua carne, entretanto, é altamente estimada, ao passo que os ratos e os esquilos, que se alimentam de vegetais, são em geral desprezados.

Os peixes carnívoros não são menos saborosos do que alguns das espécies herbívoras.

Não há razão, por isso mesmo, para que alguns animais carnívoros não nos forneçam alimento útil e mais agradável ao paladar.

Dos veados, tão altamente estimados em nossa pátria, é considerada a mais seca e a mais sem gosto das carnes que possa haver.

Para aproveitar-se a sua carne, é necessário que esta seja cozida dentro de doze horas, depois de morto o animal.

Uma pesada carga de chuva havia desabado, formando-se em alguns lugares pequenas poça de lama.

Nestas, via-se patinhando, entre outros pássaros, um pequeno bando das elegantes pernaltas tarambolas (*Himantopus*).

A curiosa alça passava voando, a roçar de leve a água com a ponta das asas.

De quando em quando, um grande tujuju se aproximava da casa, mas ficava sempre fora do alcance de tiro.

Embora eu me arrastasse, de rojo, para alcançá-lo, ele sempre me percebia ainda com tempo para a sua própria segurança.

Raramente conseguia eu obter insetos, e os pássaros não eram lá de muito valor.

Resolvi voltar para Belém em companhia do Sr. C.

Ele devia ainda passar uma semana em outra sua fazenda, na ilha de Marajó, e que ficava no trajeto da viagem.

A viagem, na escuna do Sr. C., durou poucas horas, pois entramos num rio, que nos levou logo à sua fazenda chamada “Juncal”.

Chegando ali, instalamo-nos numa casa de paredes barreadas, que ainda estava por acabar, e nos serviu de residência, enquanto permanecemos naquela fazenda.

Nos fundos da casa, a vista estira-se tão longe quanto pode alcançar, sobre um terreno perfeitamente plano ou de campo, onde se viam pastando numerosas reses.

Em roda da casa, ficam os “currais”, feitos de pau a pique e que servem para a apartação do gado.

Um pouco adiante, viam-se as moradas dos vaqueiros (ou guardas do gado).

Ao longo das margens do rio, viam-se capões de mato e moitas de bambus de compridas pontas.

No campo, havia numerosos brejos e estreitos fossos, onde vicejam numerosas, curiosas e lindas plantas aquáticas.

Os mosquitos eram muito abundantes ali, ao chegar a tarde, muito nos importunavam com as suas ferroadas.

Isso era justamente na hora em que nós mais desejávamos gozar da fresca da tarde, sentados na varanda.

Os negros e mulatos, empregados na fazenda, eram, na sua maioria, rapazes, porém todos eles muito robustos.

Levam ali uma vida em que se sucedem as alternativas de ociosidade ou de muito labor.

Mesmo assim, parece que estimam bem tal modo de existência.

O seu trabalho efetua-se todo a cavalo, nisso demonstrando eles grande habilidade.

Vestem somente calça e colocam um gorro à cabeça, o qual é preso por um cordel, que passa por baixo do queixo, ficando assim a descoberto a bonita simetria das linhas de seus corpos.

Divertimos-nos muito ali, assistindo às suas rudes lidas com o gado, ora forçando as reses a entrar no curral, ora jogando nelas os laços, quando alguma tinha de ser abatida.

Para esse propósito, jogam dois laços, que são atirados para pegar nos pés ou na cabeça.

As pontas dos laços são firmemente sustentados pelos cavaleiros.

O matador, então, salta do cavalo, e, num golpe rápido, jarreta o pobre animal, com uma certa cutilada.

Para mim, em verdade, foi esse um espetáculo bastante desagradável e brutal.

A rês cai imediatamente no solo e em vão tenta levantar-se; e, então, corre os olhos em roda, sobre os seus impiedosos atacantes.

Depois, com outro golpe, por fim, a faca é-lhes introduzida na garganta, penetrando até ao peito.

Ainda bem o animal não está morto, já começam a tirar-lhe o couro e a esquartejá-lo.

Os cães e os urubus ficam de lado, à espreita, aguardando o momento de se arremeterem ao festim, que vão ter onde se acham as entranhas da rês, numa poça de sangue, que demarca o local.

É um espetáculo muitíssimo desagradável de assistir-se, e eu não desejo testemunhá-lo mais do que uma vez.

Encontravam-se ali poucos pássaros que merecessem tiros.

Ainda não era o tempo de chegada das cegonhas dos colheireiros, que, bem perto dali, têm bons lugares para fazer os ninhos.

Em numerosos bandos, o mês de junho, é quando chegam eles ali.

Depois de passarmos uma semana em “Juncal”, embarcamos de volta para Belém.

Uma canoa para transporte de gado deveria acompanhar-nos, e algumas reses deveria também ser embarcadas a bordo de nossa escuna.

A canoa para o transporte do gado estava ancorada a umas 20 jardas da praia.

Havia ali um estrada, armado em declive, por intermédio do qual se suspendem as reses, para serem postas a bordo.

No curral, viam-se umas vinte ou trinta reses bravias, que estavam a escoicear-se e a corcovear, ficando atoladas no barro até à altura do joelho.

Alguns homens, manejando os laços, tentavam segurar as reses jogando as pontas dos mesmos para prendê-las pelos chifres.

As reses empregam todas as estratagemas para evitar semelhante aprisionamento; sacodem as cabeças e desembaraçam-se dos laços, antes que estes lhes apertem nos chifres.

Cada homem tem toda a sua atenção fixa em um determinado animal, e vai seguindo atentamente com o olhar, os movimentos da rê, por toda parte do curral.

Após algumas tentativas, o vaqueiro consegue então cerrar a laçada nos chifres.

Aí, meia dúzia dos seus companheiros vem ajudá-lo a tirar a rê do curral e levá-la para dentro da água.

A rê vai arrastada pelos fortes laços, enquanto outros homens a ferroam e dão-lhe pancadas com compridas varas.

Elas ficam irritadíssimas.

Caem ao solo, ou, então, dão furiosas arremetidas, com toda a força, contra os homens.

Com isso, ao que parece, nem tanto se alarmam os vaqueiros.

Pulam para um lado, ou trepam nos paus dos currais.

E recomeçam o ataque imediatamente.

Afinal, a rê vai arrastada ou empurrada para o rio e a ponta da corda é certamente arremessada na mesma hora para bordo da canoa, sendo a rê rebocada para um dos lados do navio.

Enrola-se-lhe em seguida uma forte corda nos chifres, por intermédio da qual é suspensa para bordo, debatendo-se irremediavelmente, como faz uma gata, quando erguida pelo pescoço.

Dali é baixada para o porão, onde logo depois se acomoda, não sem ainda fazer algum distúrbio.

Uma após outra, foram assim postas a bordo todas as reses, cada qual oferecendo algum interesse, quer pela sua crescente fúria, quer pela grande habilidade ou intrepidez dos vaqueiros.

Por uma ou duas vezes, o laço, que é trançado de couro, foi arremessado para perto da canoa.

Eu admirava a rapidez com que um índio se precipitava na água, nadando adiante da rê, não parando, nem mesmo, para tirar o boné da cabeça.

E, lesto, entregava a ponta da corda aos homens de bordo, montando em seguida no dorso do animal, que cavalgava em triunfo até a canoa.

Não se conseguiu embarcar todas as reses sem acidente.

O vaqueiro-chefe, um robusto e esperto mulato, estava no curral, empurrando o gado para um canto do mesmo, quando um boi furioso investiu então contra ele, e, com uma rapidez do relâmpago, jogou por terra.

Aparentemente morto, caiu de comprido no solo.

Os outros homens, imediatamente, retiraram-no dali.

O Sr. C. e sua senhora correram à praia, para prestar-lhe a necessária assistência.

Fora ferido no peito, por uma cabeçada do animal, porém os chifres não o atingiram, tanto que dentro em pouco voltou ao curral, como se nada lhe houvesse acontecido.

Depois de embarcadas todas as reses, foi ele para bordo e comeu muito bem, demonstrando que seu apetite nada havia sofrido com o acidente.

Começamos logo nossa viagem. Alcançamos bem depressa o Amazonas, e eu não tardei a experimentar a desagradável sensação de enjôo, embora estivéssemos a navegar em água doce.

Na noite seguinte, tivemos fortes ventos, que reduziram a frangalhos as nossas velas.

No dia seguinte, aportamos a uma pequena ilha, chamada “Ilha-das-Flechas”, por causa da grande quantidade de uns caniços de espécie característica, usada pelos índios para fazer as suas setas, e que se encontram abundantemente ali.

Demoramos ali quase o dia todo.

Jantamos à sombra das árvores, percorremos os arredores e colhemos umas frutas silvestres, que têm na sua epiderme uma pequena pluma e existem ali em grande quantidade.

Encontram-se também ali vários outros frutos curiosos e interessantes flores, que nos atraíram a atenção.

Dizem que, alguns anos atrás, a ilha era infestada por inúmeros porcos do mato.

Atualmente, entretanto, já estão quase exterminados.

No dia seguinte, passamos pela ponte ocidental da ilha de Marajó, onde se nota uma súbita mudança no colorido das águas do Amazonas e do rio Pará.

As águas do primeiro são de cor amarelada e doces, ao passo que as do último são esverdeadas e salgadas.

Elas misturam-se apenas um pouco, em sua junção, num pequeno trecho, de modo que passamos num momento de uma para outra espécie de águas.

Com dois dias mais, alcançamos Belém do Pará.

.....

Capítulo V
Rios Guamá e Capim

LUÍS, O CAÇADOR A SERVIÇO DE NATTERER – PÁSSAROS E INSETOS – PREPARATIVOS PARA UMA EXCURSÃO – PRIMEIROS SINAIS DA POROROCA – SÃO-DOMINGOS – O SR. CALIXTO – ESCRAVOS E ESCRAVATURA – ANEDOTA – CANAVIAL – EXCURSÃO À FLORESTA – EXPLICAÇÃO DA POROROCA – REGRESSO A BELÉM DO PARÁ – ARAPONGAS E PAPAGAIOS VERDE-AMARELOS⁵⁰

EU HAVIA ESCRITO ao Sr. Miller, pedindo-lhe me arranjasse uma pequena casa em Nazaré, e ali, uma vez instalado, comecei a trabalhar regularmente na floresta, tanto quanto permitia o tempo inconstante.

Um português idoso, que mantinha na casa próxima uma taberna, fornecia-me alimentação, e, assim, pude dispensar o criado para este mister.

50 O autor grafa *piroróco*, *Domingo* e *Calistro*. Julgamos de bom alvitre corrigir, aqui e alhures, todos esses nomes. Os “pássaros-sinos”, que Wallace assim denomina, são as arapongas ou “pássaros-ferreiros”.

Os meninos da vizinhança logo souberam da minha chegada e que eu comprava todas as espécies de “bichos”.

As cobras agora encontram-se mais frequentemente, quase diariamente, e alguma, que me era trazida, eu logo a preservava no álcool

Os insetos, entretanto, são mais raramente encontrados nesta quadra do ano.

Em vista disso, resolvi arranjar um caçador de pássaros, e, para isso, contratei um negro, de nome Luís, que tinha muita prática.

Ele acompanhou o Sr. Natterer, durante o tempo em que estive este no Brasil (dezessete anos), pois fora comprado por ele no Rio de Janeiro, quando era ainda menino.

Quando o Sr. Natterer deixou o Pará em 1835, deu-lhe a alforria.

A sua única ocupação, enquanto estive com o Sr. Natterer, era caçar, ajudar a depenar pássaros e a preparar outros animais.

Ele agora possui um pouco de terra e já economizou o bastante, a fim de comprar para si próprio um casal de escravos, providência esta de que o índio, menos inteligente, raramente se convence.

Luís nasceu no Congo e é homem alto e robusto.

Contratei-o a mil réis (2 shillings e 3 pences) por dia, inclusive a subsistência.

Ele muito me diverte com as suas narrações de viagem em companhia do “doutor”, como sempre se refere a Natterer.

Disse-me que era muito bem tratado e ganhava uma pequena gratificação, todas as vezes que trazia algum novo pássaro.

Luís era um ótimo caçador. Vagava pelas matas, desde a manhã até à noite, ia a grandes distâncias, e, ao voltar, trazia-me quase sempre lindos pássaros.

Arranjou-me logo alguns bonitos cardiais palradores, surucuas de peito vermelho, tucanos, etc.

Conhecia as moradas e hábitos de quase todos os pássaros e sabia imitar-lhes perfeitamente os piados e cantos, a fim de atraí-los para perto de si e assim poder matá-los.

As lindas e pequenas borboletas, cor de esmeralda (*Haetera esmeralda*), nesta estação, pareciam deliciar-se; e nos dias chuvosos, quase sempre eu apanhava um ou dois espécimens, em uma estreita vereda, à saída da floresta, pois nunca encontrei mais nenhuma em qualquer outro lugar.

Por uma ou duas vezes, fiz passeios nas lavouras de arroz de meu amigo Sr. Leavens, onde ia vê-lo, e ali obtive alguns curiosos insetos, raramente encontrados na cidade.

Vários rapazes de Belém estavam agora fazendo coleções e, como prova da imensa variedade e exuberância de vida dos insetos neste país, em todas essas coleções, embora pequenas, eu quase sempre encontrava uma espécie nova.

Tendo ouvido falar muito a respeito da “pororoca”, que ocorre no rio Guamá, por ocasião, das marés, resolvi fazer uma pequena excursão, para o fim de verificar isso *de visu*, e fazer variação em minha vida, um tanto monótona no Pará.

Eu quis ir em canoa de minha propriedade, pois assim poderia fazer paradas onde e quando me aprouvesse, pensando também que tal embarcação poderia servir-me depois na viagem ao Amazonas.

Resolvi, por isso, adquirir uma, que parecia convir-me, de um francês de Belém, da qual fiz parte do pagamento, nela me acomodando com as provisões necessários para a viagem.

Eu levava uma barrica de álcool, para conservação de peixes, e tudo mais necessário para colecionar e preparar pássaros e insetos.

Como a canoa fosse pequena, não necessitando, por isso, de muitos homens de equipagem, para os quais, na verdade, não havia mesmo acomodação suficiente, resolvi levar comigo apenas um piloto e mais outro homem, ou então um menino, além do Luís.

Encontrei logo um rapazote, que morava perto de minha casa, e que já se havia acostumado a trazer-me insetos.

A sua aparência era de índio, a mãe tinha sangue negro, e era escrava, e, assim sendo, o filho, de resto, haveria também de participar-lhe do fado.

Tive, portanto, que entender-me com o senhor dele, que era um oficial, e contratei-o à razão de 3\$000 (cerca de 7 shillings) por mês.

Diziam que o próprio dono do menino é que era o pai deste, com o qual muito se parecia, de fato, e aquilo deveria ser verdade. O rapaz costumava trazer, em volta do corpo e das pernas, como castigo, uma pesada corrente de ferro, para impedir-lhe a fuga. Achava-se oculta sob as suas vestes, mas retinia, mesmo assim, desagradavelmente, a cada passo que ele dava.

Afinal, quando me foi entregue, foi-lhe tirada a cadeia, prometendo-me ser fiel e diligente, se eu viesse a ficar com ele.

Ajustei também um espanhol, para ir como meu piloto, em virtude de me haver dito que conhecia o rio e tinha bastante prática de navegação, o que é muito necessário, principalmente por ocasião das “pororocas”.

Pedi-me adiantadamente alguns mil réis, para comprar roupa, e, quando dele precisei, para ajudar a carregar a canoa, fui encontrá-lo em uma taberna a comer biscoitos e queijos com azeite, vinagre e alho, e já havia bebido tanta cachaça, que estava bastante intoxicado.

Por esse motivo, fui ainda obrigado a esperar até o dia seguinte, quando ele então, depois de ter gasto todo o dinheiro, e já estando melhor da sua extravagância, voltou a procurar-me, tornando-se daí por diante muito quieto e submisso.

Afinal, depois de tudo pronto, partimos, remando tranqüilamente, com a vazante, sem perturbação de vento, até à noite, quando então, tendo-nos ficado contrária a maré, ancoramos algumas milhas acima da barra do rio Guamá.

É este um bonito rio, de cerca de meia milha de largura, na parte mais baixa do seu curso.

Pouca distância acima da barra, as margens dele são onduladas, vendo-se pitorescas moradas e sítios.

Durante a baixa-mar ou vazante, geralmente procurávamos ancorar perto de alguma casa; saltávamos em terra, fazíamos fogo debaixo de uma árvore, e preparávamos o nosso jantar.

Luís, então, tomava da espingarda, e eu da minha rede de caçar inseto, embrenhando-nos na floresta, para passarmos a maior parte do tempo em pesquisas, até a maré voltar novamente.

Quando não continuávamos a viagem, eu empregava o tempo quase sempre deperando pássaros ou marcando insetos, o que fazia às vezes até bem tarde da noite.

Cerca de 30 milhas acima de Belém, a “pororoca” começou.

Neste ponto, antigamente, havia uma ilha; mas dizem que foi varrida completamente, sob a ação contínua da erosão, provocada pelas “pororocas”.

Pouco acima desse local, é que, de preferência, pretendíamos assistir ao fenômeno, o qual ocorre por ocasião das marés mais altas, embora nesta estação (maio) não tenham elas ainda tanta força.

Ficamos ali parados, à espera do fenômeno.

A “pororoca” veio, contudo, subitamente, irrompendo em forma de uma onda, correndo rapidamente rio acima e quebrando-se em espumas ao longo de todas as praias e baixios do rio.

Na sua passagem, ela fez nossa canoa levantar-se, tal qual um rolante vagalhão do oceano o faria.

Todavia, como estávamos em local onde as águas eram profundas, não nos causou dano algum, passando num instante, mas continuando depois a avançar rio acima, com velocidade muito grande.

A onda mais alta havia passado, e não teríamos mais a sua repetição.

A maré, contudo, começou a subir, instantaneamente e não gradualmente, como geralmente é o caso.

No dia seguinte, chegamos a São-Domingos, pequena povoação, situada na barra dos rios Guamá e Capim.

Eu havia trazido uma carta de apresentação para um negociante brasileiro, ali residente. E, após a leitura dela, ele prontamente pôs sua casa a minha disposição.

Aceitei-lhe o oferecimento, dizendo-lhe que pretendia demorar ali apenas alguns dias.

Luís ia diariamente à mata, e, ao voltar, quase sempre me trazia alguns pássaros.

Fiz varias excursões pelos arredores, à procura de insetos.

Eles são pouco abundantes ali, pois havia começado agora a estação seca.

Todavia, os caminhos eram agradáveis, e podíamos chegar até às roças de mandioca e de arroz, onde encontrávamos sempre deliciosas frutas, principalmente laranjas.

A nossa alimentação constava de peixes do rio, carne de vaca, cozida, marrecos e arroz.

A casa em que estávamos alojados, era pouco melhor do que uma choça.

Era de paredes barreadas e tinha um banco e uma mesa muito tosca, como os seus principais móveis.

Mas, neste país, os que moram longe das cidades nunca expendem maiores esforços ou fazem gastos, para tornar mais confortáveis as suas casas.

Após a estada, ali, de cerca de uma semana, não tendo sido bem-sucedido nas capturas para as minhas coleções prossegui viagem rio acima, tendo entrado pela braço ocidental do rio Capim.

Minha canoa era muito desobediente; e, logo após deixarmos a povoação, desabou forte e inesperado aguaceiro, que quase nos fez soçobrar, entrando água em grande quantidade em nossa embarcação, e tendo sido com alguma dificuldade que conseguimos arriar as velas e, em seguida prendê-la a um arbusto, no barranco do rio, até que a tempestade passasse.

Depois disso, prosseguimos agradavelmente a nossa viagem, uns dois ou três dias mais, notando a diferença que a região fazia no seu aspecto, que se tornava mais aprazível, vendo-se lavouras de cana e de arroz e as casas construídas pelos primeiros portugueses, que se estabeleceram ali, com bonitas capelinhas, as cabanas dos negros e dos índios em roda de suas propriedades, tudo melhor de aparência e gosto em confronto com qualquer das construções agora erigidas ali.

Afinal, alcançamos “São-José”, fazenda de propriedade do Sr. Calixto, para quem eu trazia também uma carta de apresentação.

Ele recebeu-me cortesmente, e, ao dizer-lhe eu os propósitos de minha visita, convidou-me logo para permanecer em sua companhia,

tanto tempo quanto eu entendesse, e prometendo-me fazer tudo que estivesse ao seu alcance, para servir-me.

Era um tipo robusto de homem, de aspecto bem humorado e aparentando não ter mais que trinta anos de idade.

Ele havia, pouco antes, concluído ali a instalação de um engenho para beneficiar arroz, bem como a construção de grandes armazéns, que são os melhores e as mais modernas construções que eu já vi nesta região

Tudo era feito de pedra, e o moinho, ligado às outras construções por meio de arcos, estava situado no centro ficando a um lado dele os armazéns e oficinas, e do outro lado a residência do proprietário.

Havia uma galeria ou varanda ligando as duas alas do edifício no andar térreo, dando, aos fundos, para o moinho que se via dali com a sua grande rodada de água e janelas de pedra, em toda a extensão do edifício.

Era tudo solidamente construído, tendo-lhe custado vários milhares de libras todos estes melhoramentos.

O Sr. Calixto possuía cerca de cinqüenta escravos, de todas as idades, e cerca de outros tantos índios, que trabalhavam nas lavouras de cana e de arroz, nos moinhos e a bordo das canoas.

Ele fabricava açúcar e cachaça, de preferência esta última, que oferece maior margem para lucros.

Ali mesmo, realizava ele toda sorte de serviços: – tinha sapeiteiros, alfaiates, carpinteiros, ferreiros, construtores de canoas, pedreiros, quer escravos, quer índios, alguns dos quais sabiam mesmo fabricar boas fechaduras para portas, malas e caixas e vários utensílios de folhas-de-flandres e de cobre.

Contou-me ele que, nos seus serviços, os escravos e os índios trabalham juntos, e é por essa forma que se consegue melhor e maior rendimento de trabalho dos últimos, do que por qualquer outro sistema.

Os índios não se submetem bem à disciplina, quando trabalham sós; porém, quando trabalham juntamente com os escravos, que têm horas certas para começar e deixar o serviço, bem como tarefas marcadas para realizar, eles se submetem a todas as exigências, executando alegremente as mesmas obrigações.

Todas as tardes, ao pôr-do-sol, todos os trabalhadores sobem até onde está o Sr. Calixto, para lhe dizerem “boa-noite” ou pedir-lhe a “bênção”.

Ele fica comodamente sentado em uma cadeira, na varanda, e cada um que passa faz-lhe a saudação, de conformidade com a sua idade ou classe.

Os índios geralmente se contentavam em dizer-lhe “boa-noite”.

Os mais jovens e a maior parte das mulheres e crianças, tanto índias como escravas, estendendo o braço, diziam-lhe: “Sua bênção”, ao que ele respondia: “Deus te abençoe”, fazendo ao mesmo tempo o sinal da cruz.

Outros – e estes eram na maior parte os negros velhos – repetiam gravemente: “Louvado seja o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo!”, aos quais ele replicava, com igual solenidade; “Para sempre”.

As crianças de todas as idades, ao avistarem os pais pela manhã, ou, então, à noite, ao se despedirem, nunca deixam, pela mesma maneira, de pedir-lhes a bênção, o mesmo fazendo invariavelmente com qualquer pessoa estranha, que esteja na casa.

É essa a saudação habitual das crianças, o que tem um agradável efeito.

Os escravos aqui são todos notadamente bem tratados.

O Sr. Calixto me assegurou que ele compra escravos, mas nunca vende nenhum, senão como última punição por conduta incorrigivelmente má.

Eles têm descanso nos dias santos principais, que são por vezes festejados, e, nestas ocasiões, mata-se um boi e distribui-se cachaça, o que muito os alegra.

Todas as tardes eles lá se reúnem e fazem-lhe então vários pedidos: – um precisa de um pouco de café e de açúcar para a sua mulher, que está adoentada; outro necessita de um novo par de calças ou de uma camisa; um terceiro está de saída para o Pará, em canoa, e quer um mil reis para comprar alguma coisa.

Esses pedidos sempre são atendidos, e o Sr. Calixto informou-me que ele nunca achou motivo para recusar, porque os escravos

nunca fazem pedidos desarrazoados, nem pedem favores quando, por causa de má conduta, não os mereçam.

Todos parecem na verdade estimá-lo, quase patriarcalmente; mas, ao mesmo tempo que é benévolo para com eles, é também bastante severo para punir-lhes a indolência.

Nas colheitas de arroz, todos têm de guardar para o seu consumo uma certa quantidade, e aqueles que ficam em considerável falta, repetidas vezes, somente por indolência, são punidos com uma sova moderada.

Ele relatou-me o caso de um negrão, que havia comprado, e que era um vadio incorrigível, não obstante ser forte e gozar boa saúde. No primeiro dia, foi-lhe marcada uma tarefa não difícil, da qual ele não se esforçou por dar conta, recebendo, por isso, uma pequena coça. No dia seguinte, foi-lhes dada uma tarefa maior, com a promessa igualmente de uma coça maior, se não se saísse bem dela. Ele não cumpriu o seu dever, dizendo que a tarefa era muito pesada em relação à sua capacidade física, e recebeu, por isso mesmo, outro castigo. No terceiro dia, foi-lhe exigido o cumprimento de uma tarefa muito maior, com a promessa de um castigo muito maior também, se ele não a concluísse.

Tendo o escravo verificado que as promessas do Sr. Calixto foram rigorosamente cumpridas, e que, por conseguinte, nada lucraria em querer levar o seu plano mais longe, completou o trabalho com desembaraço, e, desde esse dia, executava todas as tarefas, que eram, afinal de contas, somente as que podiam exigir-se de qualquer dos bons trabalhadores da fazenda.

Todos os domingos, pela manhã e pela tarde, embora não trabalhem em tais dias, eles têm obrigação de comparecer perante o seu senhor, a não ser quando gozam de permissão especial para se ausentarem.

Isso, informou-me o Sr. Calixto, é com o intuito apenas de prevenir as suas idas às plantações alheias, e mais afastadas, para roubar.

Se pudessem sair aos sábados, à tarde, após o trabalho do dia, e não voltar senão na segunda-feira, teriam assim ocasião e tempo bastante para ir muito longe, com o fim de praticar furtos, e ficar livres de qualquer suspeita.

O Sr. Calixto trata realmente os seus escravos, como se eles fossem um grupo numeroso de crianças.

Ele dá-lhes divertimentos, folgas e castigos, pela mesma forma, e toma todas as precauções possíveis para livrá-los das doenças.

Em consequência disso, eles ali são tão felizes, como se fossem verdadeiramente umas crianças.

Eles não têm preocupações e não passam nenhuma necessidade, sendo assistidos, com todo cuidado, não só nos casos de doença, como também na velhice.

Nunca os pais se apartam dos filhos, nem de suas mulheres os maridos, exceto somente nos casos especiais, em que se tornam sujeitos a isso, de conformidade com as leis do país, como se fossem cidadãos livres.

Por aí, talvez a escravidão possa ser encarada sob o seu aspecto mais favorável e sob um mero ponto de vista físico, do qual se poderia até dizer que mais vale ser escravo do que viver como viviam muitos homens livres.

Isso, contudo, é simplesmente um caso particular, e não pode, de forma alguma, ser a consequência forçada da escravidão.

E, pelo que sabemos a respeito da natureza humana, não passa, na verdade, de uma ocorrência rara.

Mas, mesmo atendendo-se a este ponto de vista, como seu aspecto mais favorável, podemos nós dizer que a escravidão é boa ou se justifica?

Poder-se-á ter o direito de reter um certo número de nossos semelhantes num verdadeiro estado de infância adulta, de infância despreocupada?

É a noção de responsabilidade e de dependência própria que caracteriza a virilidade e que inspira os maiores poderes e as maiores energias da nossa raça.

É o combate pela existência, a “battle for life”,⁵¹ que excita as nossas faculdades morais, inspirando as latentes centelhas do gênio.

51 Assim, entre aspas, é que está no original.

A esperança de lucro, o amor ao poder ou o desejo de fama, de aprovação, é que provocam os nobres feitos e põem em ação todas as nossas faculdades, que são atributos distintivos do homem.

A infância é a parte animal da vida do homem; a virilidade, a sua parte intelectual.

Quando as fraquezas e imbecilidades da infância permanecem, sem a sua inocência, os seus prazeres, as suas graças e as suas belezas, quão degradante não é esse espetáculo!

É esta afinal, a situação do escravo, ainda quando a sua escravidão seja o melhor que pode ser.

Ele não tem cuidados de prover o sustento de sua família, nenhuma economia tem a fazer para a idade madura.

Nada há para incentivá-lo a trabalhar, senão o receio do castigo.

Nenhuma esperança tem de melhorar a sua condição, nada tem a esperar pelo seu futuro, aos mais brilhantes aspectos.

Tudo que recebe é um favor.

Não tem direitos de espécie alguma. E assim sendo que poderá ele, portanto, saber de deveres?

Todos os seus desejos, além do estreito círculo de suas obrigações, que são diárias, estão fora de seu alcance, de sua vontade.

Não tem prazeres intelectuais; e, se houvesse recebido educação para experimentá-los, certo está o levaria a revoltar-se contra as amarguras de sua vida.

Quer a sua esperança de aumentar os seus conhecimentos, quer a ventura de conhecer as maravilhas da natureza ou os triunfos da arte, de que apenas ouve falar, poderão existir para um ente, que era prioridade de outrem e que nunca pode esperar ter liberdade, a fim de trabalhar para si próprio e da maneira que mais lhe aprouver?

De resto, aspectos semelhantes são refinados demais para um possuidor brasileiro de escravos, que não percebe coisa alguma além das meras necessidades físicas dos seus negros.

E, tal como os abstêmios afirmam que o uso da bebida, em doses mais moderadas, é mais pernicioso do que as fortes bebedeiras, assim também possam os filantropos considerar que mesmo um bondoso senhor de escravos faz como que uma injúria à causa da liberdade,

tornando o povo em geral incapaz de compreender os falsos princípios inerentes ao sistema, os quais, quase sempre, encontram um campo propício para as más paixões do homem e estão sempre prontos a produzir efeitos tão vis e tão degradantes, fazendo mesmo os homens mais honestos envergonhar-se da desgraçada condição da natureza humana.

O Sr. Calixto, entretanto, era muito bondoso e muito bem humorado, como poucos eu tenho visto.

Bastava eu fazer uma simples menção de qualquer coisa de que se gostasse, e, se estivesse ela ao seu alcance, era eu imediatamente servido.

Ele alterou a hora do jantar, unicamente para poder acompanhar-me em minhas excursões pela floresta, e fazia todos os esforços possíveis para a minha comodidade.

De uma feita, ali apareceu um cavalheiro judeu que estava de viagem rio acima, fazendo cobranças de dívidas.

Ao chegar, fez entrega de uma carta de recomendação, que havia trazido para o Sr. Calixto.

Demorou-se alguns dias conosco.

De conformidade com os preceitos de sua religião, ele não comia qualquer espécie de carne, desde que o animal não houvesse sido abatido segundo o costume judaico, nem mesmo a de qualquer peixe, a não ser os de escama, que, na verdade, são os que abrangem as melhores espécies que estes rios produzem.

No primeiro dia, ao jantar, não encontrou à mesa coisa alguma de que pudesse servir-se conosco.

Nos dias seguintes, entretanto, enquanto ele se demorou em nossa companhia, havia uma variedade tal de peixes de escamas, cozidos, assados, ensopados e fritos, ovos, arroz, verduras e legumes com tanta fartura, que, daí por diante, ele se regalou deveras, tendo sempre excelentes refeições, e passando, afinal, muito bem.

O Sr. Calixto muito se divertia por causa dos escrúpulos do judeu; fazia-o porém, com o maior respeito, mantendo uma atitude polida e delicada.

Ele deliciava-se em fazer-lhe perguntas a respeito dos rituais da religião hebraica, e bem assim sobre os da minha propriamente.

Depois, então, fazia comentários a respeito da doutrina católica, em torno dos mesmo assuntos.

Contou-nos ele muitas anedotas, das quais a seguinte é uma das que servem de amostra para pôr em foco a credulidade dos negros:

“Era uma vez um negro, casado com uma bonita mulher.

Outro negro, sempre que se lhe oferecia ocasião, andava tentando a mulher do amigo.

Lá um dia, tendo o marido saído para caçar, o outro interessado aproveitou a oportunidade para fazer uma visita à negra.

O marido, contudo, voltou inesperadamente.

O visitante, assim apanhado, teve de subir precipitadamente para o teto da casa, trepando pelas traves, para esconder-se, ficando entre as tábuas e alguns cestos, que se achavam guardados ali.

O marido, chegando a casa, pôs a sua espingarda a um canto da sala e pediu à mulher que lhe trouxesse a comida.

Em seguida recostou-se na rede, que estava armada ali na sala.

Levantando os olhos para cima, viu então uma perna aparecendo por entre os cestos.

O negro, julgando que aquilo fosse alguma coisa de sobrenatural, benzeu-se fazendo o sinal da cruz, e disse:

– Livrai-me, Senhor, destas pernas que eu estou vendo lá do alto!

O outro preto, que se achava escondido lá em cima, ouvindo isso, tentou recolher a perna, porém o fez com tal infelicidade, que perdeu o equilíbrio, caindo redondamente no chão, em frente ao marido da negra, o qual ficou bastante atônito.

Este, muito assustado, perguntou-lhe então:

De onde vem?

– Eu estou acabando de chegar do céu, respondeu-lhe o outro, e de lá trago notícias de sua filhinha Maria.

– Ó mulher! Ó mulher! – gritou o marido –, venha ver um homem que acaba de trazer notícias de nossa filhinha Maria.

– Então, voltando-se para o visitante, continuou:

– E que é que estava fazendo minha filhinha, quando você á deixou lá?

– Oh! Ela estava assentada aos pés da Virgem, com uma coroa de ouro na cabeça, e estava fumando num cachimbo de ouro, que era de uma vara de comprimento.

– E ela não mandou nenhum recado para nós?

– Oh, sim! Mandou muitas lembranças e pediu que lhe enviasse duas libras de fumo de sua rocinha, porque, lá no céu, nunca tiveram fumo tão bom como o da roça de vocês.

– Ó mulher! Ó mulher! – tornou a gritar o marido. Traze duas libras de fumo da nossa rocinha, para a nossa filhinha Maria, que está lá no céu e que diz que nunca teve um fumo que nem pela metade fosse tão bom como o nosso.

A mulher, então, trouxe o fumo, que foi entregue ao visitante.

Este estava para retirar-se, quando ainda lhe foi perguntado:

– Há lá em cima muitos homens brancos?

– Muito poucos – replicou ele. – Estão quase todos com o diabo, lá nas profundas do inferno.

– Eu assim sempre pensei – concluiu o outro, aparentemente muito satisfeito.

– Boa-noite!”

O Sr. Calixto construiu uma bonita canoa, feita do tronco de uma árvore, sem um único prego, pois os seus bancos eram todos entalhados.

É nela, quase sempre que vai a Belém, dali perto de 200 milhas.

Com 12 bons remadores índios, bastante cachaça, e sem fazer paradas, alcança a cidade em 24 horas.

Algumas vezes, fomos percorrer os seus canaviais, embarcados na dita canoa, tripulada por oito negrinhos e meninotes índios, remadores, os quais estavam sempre prontos para tal serviço.

Nessas ocasiões eu sempre levava tanto a espingarda, quanto a rede para capturar insetos.

Tive ocasião de atirar nalguns pássaros e apanhar alguns insetos, que ia encontrando, enquanto o Sr. Calixto, que estava sempre ao

meu lado, mandava os seus meninos subir as árvores, para colher os frutos das “flores-da-paixão”⁵² que pendiam dos galhos das árvores, como áureas maçãs, nas densas moitas das margens do rio.

Este ano o seu canavial estava muito viçoso.

Tinha o comprimento de milha e meia por um quarto de milha de largura.

Cortam-no oito estradas, todas elas, de cada lado, plantadas de bananeiras e abacaxis.

Informou-me que, quando esses frutos amadurecem (na quadra das cheias) os seus escravos e índios podem apanhá-los à vontade, e nunca conseguiram acabar com eles todos.

– Mas, disse-me, não é tarefa muito trabalhosa plantá-lo assim, quando se faz a plantaço do canavial. Eu sempre procedo assim (acrescentou ainda), porque gosto de ver tudo em abundância.

Conjuntamente, era entretanto, além de sua bonita vista, uma amostra da superabundância produzida por um solo fértil, sob um sol tropical.

Tendo eu dito que desejava muito obter uma coleção de peixes, os quais desejava conservar em álcool, ele mandou, imediatamente, alguns índios fazer represas⁵³ nos igarapés, para envenenar a água enquanto outros iam pescar à noite, com linhas arcos e setas.

E todos os peixes, então pescados, eram logo trazidos para mim, a fim de que eu escolhesse e separasse os que me conviessem.

O resto era levado para a cozinha.

A melhor maneira de apanhar peixes de várias espécies e em melhor variedade, era por meio de uma grande rede de arrasto, de 50 a 60 jardas de comprimento.

Um dia, saímos em duas canoas, com uns 20 negros e índios, os quais nadavam com a rede, fazendo um círculo estendendo-a em seguida e arrastando-a para a praia.

52 *Maracujás-açus* (*Passiflora alata* ou *quadrangularis*).

53 Tais represas são conhecidas pelo nome típico de *cacuris*, como se pode ver no “Glossário paraense” (pág. 17) de Chermont de Miranda.

Não tivemos muita sorte; mas, mesmo assim, conseguimos encher dois cestos, de meia fanga,⁵⁴ onde se encontravam peixes de diversas espécies, uns grandes, outros menores, dos quais separei vários deles, para aumentar a minha coleção.

O Sr. Calixto havia resolvido mandar alguns de seus índios a um pequeno rio, que corre dentro da mata, especialmente para pescar; iam também com o encargo de salgar e secar toda a carne de caça, e bem assim trazer vivas algumas tartarugas, as quais são abundantemente encontradas ali.

Eu tinha grande interesse em obter um exemplar da espécie *Tinamus* ou perdiz brasileira, que é uma ave notável e bem desenvolvida, a qual se encontra nas florestas.

Ainda não se me havia deparado nenhum espécimen, desde a ocasião em que vi, pela primeira vez, uma dessas aves, quando estava sendo depenada para ser posta na panela.

Eu estava ansioso também por encontrar a arara verde-azulada; e, por esse motivo, ele bondosamente aquiesceu para que eu fosse em companhia de seus homens.

Para esse fim, emprestou-me uma pequena canoa, e bem assim outro índio, para acompanhar-me, quando eu pretendesse voltar.

Os outros índios lá deveriam demorar uns dois ou três meses. Tudo que os índios levavam, resumia-se em sal, pólvora e chumbo.

O meu bondoso hospedeiro, entretanto mandou encher a minha canoa de frangos, ovos, bananas, abacaxis, cacau, etc., e assim fez para que eu fosse bem provido dessas coisas e nada me faltasse.

Com dia e meio de jornada, rio acima, alcançamos a barra do estreito igarapé onde deveríamos penetrar, pelo qual em seguida, fomos subindo; paramos, porém, logo um pouco acima, na cabana de um conhecido de nossos homens, onde ficamos especialmente para pernoitar.

54 A fanga tem quatro alqueires, isto é, 160 litros; assim, um jacá de meia fanga corresponde a 80 litros.

Na manhã seguinte, cedo ainda, prosseguimos viagem igarapé acima.

Passamos pela última choupana que havia no trajeto, entrando finalmente na indômita e selvagem floresta virgem, que é inteiramente desabitada.

O rio era estreito e muito sinuoso, correndo as suas águas com grande rapidez, principalmente nas curvas.

Em alguns trechos, por vezes, estava ele obstruído por arbustos, encontrando-se também algumas árvores, que lhe haviam tombado no leito.

Nesses sombrios recessos, raramente se encontra uma flor.

As grandes borboletas (*Morphos*) de asas azuis de quando em quando passavam voando sobre o rio.

Por vezes viam-se algumas também pousadas nas folhas das árvores das matas.

Inúmeros alciões⁵⁵ de penas verdes no dorso, fugiam precipitadamente para diante à nossa aproximação.

À tarde, cedo ainda, paramos em um lugar limpo, à beira do rio, onde os caçadores já tinham costume de ficar.

Ali armamos as nossas redes.

Acendemos, em seguida, um bom fogo e preparamo-nos, então, para passar a noite ali.

Após excelente jantar e delicioso café, deitei-me na rede.

Assim deitado, eu contemplava, através do frondoso dossel, lá bem no alto, o céu semeado de estrelas, que brilhavam intensamente, e das quais dificilmente se distinguiam os pirlâmpos, que, por sua vez, voavam por entre a folhagem.

São uma espécie de “Pyrophorus”, maiores do que quaisquer outros, que eu antes havia visto em Belém do Pará.

55 O “alcião”, a que se refere o autor, é o “martim-pescador” (*Corylo amazonica*), de que possui o nosso país cinco espécies, segundo afirma Goeldi, em *As aves do Brasil*, pág. 188.

Parece que são atraídos pelo fogo, para o qual vão convergindo em grande número.

Movendo-se um desses insetos sobre as linhas de um jornal, pode-se ler com muita facilidade.

Os índios distraíam-se, contando as suas aventuras de caçadas, as suas escápulas dos jacarés e das serpentes, ou, então, as vezes em que ficaram perdidos na floresta.

Um deles contou que, certa feita esteve perdido por espaço de dez dias e, durante todo esse tempo nada havia comido, tão-somente porque não tinha farinha; e embora pudesse ter matado uma caça qualquer para comer-lhe a carne, ele assim não fez porque não podia comer sem farinha.

Parece que ficou um tanto desconfiado de que eu o julgasse capaz de estar mentindo, não obstante haver eu, de fato, imaginado que, decorrida uma semana, ele haveria de vencer qualquer escrúpulo de tal jaez.

No dia seguinte, os índios saíram para caçar, dizendo que haviam de regressar cedo ainda, para prosseguirmos a viagem.

Enquanto eu os esperava, capturei alguns insetos, na mata.

Naquelas sombrias florestas, entretanto, não havendo caminhos por onde eu pudesse andar com confiança, não fui bem-sucedido.

À tarde, alguns índios regressaram, trazendo dois pássaros-trombetas (*Psophia viridis*)⁵⁶ e um macaco, os quais eu logo preparei para as minhas coleções.

Um dos índios de nosso grupo, entretanto, só chegou muito tarde.

Em consequência de tal demora, não nos foi possível continuar a viagem, senão no dia seguinte.

Nessa noite, não fomos tão felizes como na anterior.

Justamente quando acabou de escurecer, logo começou a chover.

56 Esse “pássaro-trombeta” é o nosso *jacamim*, como se pode ver na citada obra de Goeldi, págs. 503-504.

As nossas canoas estavam tão atravancadas de bagagens, as quais não podiam molhar-se, que pouco espaço e jeito sobravam para nos acomodarmos dentro delas.

Empreguei todos os recursos para ajeitar-me da melhor maneira possível, ficando embolado não sei como e horrivelmente apertado, esperando que a chuva passasse logo.

Mas assim não aconteceu.

Estávamos dentro da canoa, sem ter ainda jantado.

Comecei então a sentir fome.

Estava escuro como breu, e quase de rastos, às apalpadelas, saí à procura de lenha.

Com o auxílio de um índio, consegui acender fogo, tendo para isso ficado de cócoras com umas folhas de palmeira sobre a minha cabeça, as quais o índio segurava.

Assim, consegui aquecer um pouco de carne de jacu (uma espécie de *Penélope*), que tinha sido cozida à tarde.

Quando acabei, estava completamente encharcado.

Mas procurar outras roupas, para trocar, não me era possível.

Desse modo, tive que me enrolar como uma bola, e foi assim que consegui dormir, aliás muito bem, até o dia clarear, que foi justamente a hora em que a chuva passou.

Bebendo logo uma xícara de café quente, senti-me de novo muito bem disposto.

Resolvi não continuar mais a excursão.

Entretanto, na nossa volta, grandes foram as dificuldades que encontramos pelo trajeto.

Vários troncos de árvores haviam caído sobre o leito do rio, e foi um grande trabalho passar as canoas por cima deles.

Afinal, encontramos um, sobre o qual a canoa não poderia passar, e, assim, tivemos de gastar mais de uma hora para cortá-lo com o machado, que já trazíamos para esse propósito.

Cerca das três horas da tarde alcançamos um lugar onde podíamos passar a noite, e, como não desejávamos, de forma alguma, a

repetição do que havia sucedido na noite anterior, os índios trataram logo de fazer um rancho de abrigo, onde pudéssemos ficar.

Eles tiveram que ir muito longe, a fim de arranjar os meios necessários para cobri-los, pois somente havia palmeiras dali a cerca de uma milha de distância, e foi preciso pô-las abaixo, para tirar-lhes as folhas.

Entretanto, como houvéssemos tido o trabalho de arranjar o nosso rancho, tivemos em seguida bom tempo, durante os três dias que ali permanecemos, o que de todo não esperávamos que sucedesse.

Enquanto nos demoramos ali, pouco êxito tivemos nos nossos principais objetivos.

Os caçadores só mataram alguns veados, algumas aves e macacos.

Embora houvesse entre eles alguns espécimens curiosos de pássaros pequenos, não fiquei nada satisfeito com o resultado da minha expedição.

Assim, pois, passados os três dias, conforme já havíamos resolvido, voltamos então.

O resto do grupo internou-se pela floresta, a fim de procurar outros lugares, mais apropriados para as suas caçadas.

No segundo dia, alcançamos o rio franco.

Muito me deliciei com a troca de ambiente, deixando a sombria e úmida floresta, de fronde muito escura e de folhas mortas, pela brilhante claridade do sol, o azul do céu, os gorjeios dos pássaros e as vistosas flores das margens.

Passando por outra fazenda do Sr. Calixto, sita à margem oposta do rio, fomos à praia, para matar uns mochos, que ali estavam pousados, tendo a sorte de matar dois deles.

Tratei logo de depená-los, na canoa mesmo, enquanto íamos em demanda de “São-José”

Chegamos justamente à hora do jantar, e fomos cordialmente recebidos pelo Sr. Calixto.

Após alguns dias de permanência ali, deixei, carregado de presente, aquele hospitaleiro teto.

Ovos, tapioca, um leitão assado, abacaxis e doces, foram enviados para a minha canoa, à hora da minha partida.

E assim, com muito pesar, despedi-me de meu bondoso hospedeiro.

Tive ocasião de ver, pela segunda vez, a “pororoca”, quando eu de todo não imaginava encontrá-la.

Havíamos aportado a uma fazenda de engenho de açúcar, a fim de esperar a maré, quando então o encarregado desse estabelecimento nos disse que havíamos feito muito bem em não prosseguir a nossa viagem, porquanto a “pororoca” estava para vir, de um momento para outro.

Embora eu julgasse que isso não passasse de uma brincadeira, para nos atemorizar, achei mais acertado, em todo caso, seguir o seu conselho.

E, enquanto esperávamos ali pela volta da maré, formou-se uma grande onda, que irrompeu subitamente, arremetendo-se violentamente por toda parte, tendo passado, com muita rapidez, justamente no lugar onde nossa canoa esteve a princípio atracada.

A forte onda havia passado.

As águas, em seguida, voltaram à sua tranqüilidade normal, porém estavam correndo com grande velocidade.

Prosseguindo a nossa viagem, fomos então observando, por toda parte por onde passávamos, as devastações feitas pela “pororoca”.

Viam-se alinhadas, ao longo de todas as praias das margens, as árvores que foram arrancadas, e bem assim as altas camadas de lama, nos lugares onde a terra fora varrida dos barrancos.

No inverno, quando as contramarés são mais fortes e mais altas, a “pororoca” irrompe com uma força terrível.

Nessas ocasiões, por vezes, afundam-se muitas embarcações, ou são reduzidas a cacos, quando descuidadamente deixadas nos lugares onde as águas são muito pouco profundas.

As explicações ordinárias, dadas a respeito desse fenômeno, são evidentemente errôneas.

Não há nenhum encontro de águas doces e salgadas, nem tampouco o rio se estreita consideravelmente onde a “pororoca” tem o seu início.

Eu colhi todas as informações possíveis a respeito da profundidade do rio e dos baixios que se lhe encontram no leito.

Onde o fenômeno surge primeiramente, há um baixio, através do leito do rio, e este, mais abaixo, se estreita algum tanto.

A maré avança pelo rio Pará acima com grande velocidade, e, ao entrar no rio Guamá, alcança então a parte mais estreita do canal.

Ao alcançar esse trecho, a massa de água posta em movimento pela maré tenderá a tornar-se mais alta e a correr com muito mais rapidez.

E daí, subitamente encontrando um baixio, forma-se então uma onda, da mesma maneira quando se atira uma grande pedra no fundo de um córrego cujas águas correm com grande velocidade, formando-se daí uma onda que se propaga em sua lisa superfície.

A onda que se forma no rio será então tanto mais alta e mais forte quanto maior for a massa de água posta em movimento e propagar-se-á para cima sem se quebrar.

Onde encontrar um baixio, quer no leito, quer nas margens do rio, ou ela se quebrará ou então, ao passar sobre o baixio, torna-se maior, e como o rio se estreita prosseguirá então o seu curso com maior rapidez.

Quando as marés são baixas, levantam-se menos rapidamente e no começo de sua formação uma muito menor massa de água é que se põe em movimento.

A profundidade da massa de água que se move, se é pequena, não entra em contato com o fundo do rio, quando passa sobre o baixio, e assim nenhuma onda se formará.

E somente quando a massa de água em movimento, quando a maré se forma, é de suficiente profundidade, ao entrar em contato com o baixio, como se fosse esbarrada por um dique, levanta-se e forma-se então uma grande onda rolante.

O diagrama adiante mostra, mais claramente, a maneira pela qual eu suponho que se forma a onda:

A linha AA representa o nível das águas, quando se forma a maré.

D é o fundo do rio.

A linha BB é a profundidade em que a água se põe em movimento nas marés baixas, não chegando a alcançar, portanto, o fundo do rio, no baixio C, e não se formando, nessa ocasião uma rápida correnteza.

CC é a profundidade em que a água é arrastada e posta em movimento, no começo das marés baixas, quando a massa de água entra então em contato com o fundo, e é impelida para cima, formando-se assim a onda que se propaga rio acima.

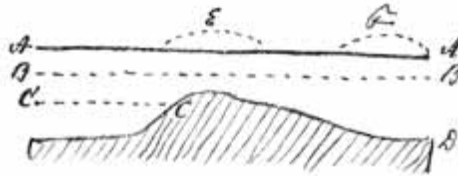


Diagrama da “pororoca” (pág. 90 do original)

Para que isto se realize, é necessário, portanto, que exista alguma conformação peculiar do fundo, e não simplesmente o estreitamento ou alargamento do rio, para que uma dada maré fluvial possa produzir a “pororoca”.

Nos rios Moju e Acará,⁵⁷ dizem que ocorre o mesmo fenômeno.

Esses rios têm cursos paralelos, e, provavelmente, são atravessados pelo mesmo leito de rocha, devendo haver, portanto, baixios algum tanto semelhantes, em cada um deles.

Pelo diagrama, vê-se bem facilmente por que se forma somente uma onda e não uma sucessão de ondas.

Demais, passada a primeira onda, a água ergue-se tanto que fica limpa e clara, para cima do baixio, e não é mais perturbada por este.

57 No original, *Acará*.

Regressando a Belém do Pará, tornei a fixar minha residência em Nazaré.

Na viagem, que ora acabo de empreender, verifiquei que minha canoa era demasiado insegura, e, além disso, pequena para a minha pretendida expedição ao alto Amazonas.

Logo que ali cheguei, quis restituí-la ao proprietário, que me havia garantido que ela se prestava para tal excursão, sendo bastante segura e bem adaptada para esse propósito.

Após muito trabalho e muita amolação, sem resultado, fui obrigado a perder as 10 libras, que já havia dado antecipadamente como parte do pagamento dela.

Em começo de julho, meu irmão mais moço, H., havia chegado a Belém do Pará, especialmente para ajudar-me.

Pela volta do navio, que o trouxera, despachei as minhas coleções de peixes e de insetos, aproveitando, assim, a boa oportunidade que tive, para semelhante providência.

Lá um dia, tivemos a boa sorte de encontrar um pequeno bando dos belos e curiosos pássaros-sinos (*Chasmorhynchus carunculatus*).⁵⁸

Estavam pousados em uma árvore muito alta e muito copada, e voaram, antes que pudéssemos chegar a ponto de alvejá-los a tiros.

Embora esse local estivesse situado umas quatro milhas nas solidões plenas da mata, lá voltamos no dia seguinte, e tornamos a encontrá-los, alimentando-se na mesma árvore.

Desta vez, entretanto, não tivemos melhor êxito do que o do dia anterior.

No terceiro dia, lá voltamos de novo; porém, desde a última vez que os vimos, ali não voltaram mais.

Esses pássaros têm uma plumagem de cor muito alva, são do tamanho de um pássaro preto e têm o bico largo.

Alimentam-se de frutos da floresta.

58 Sobre esse *Chasmorhynchus*, que é a nossa araponga ou “pássaro-ferreiro”, veja-se o que diz Goeldi, ob. cit., págs. 340-342.

No alto do bico, cresce um tubérculo carnosos, de umas duas ou três polegadas de comprimento, muito delgado, como um espinho, e que é escassamente adornado de diminutas penas.

Esse tubérculo é muito mole e cai para os lados da cabeça do pássaro, não se esticando, qual um chifre, que é a maneira pela qual o vemos nos espécimens empalhados.

Tal pássaro torna-se notável pelo seu estridente e grave canto, como se fosse um sino que estivesse a badalar.

Solta o seu canto ao meio-dia, justamente quando a maior parte dos outros pássaros estão silenciosos.

Na mesma árvore, uns poucos dias após, encontramos a alimentar-se alguns bonitos papagaios, de plumagem amarela.

São chamados “papagaios” e são muito estimados, por causa das cores de sua plumagem, que são as da Bandeira brasileira, verde e amarela.

Já há muito tempo que eu desejava encontrá-los.

Fiquei, pois, muito satisfeito com esse encontro, e, mais ainda, por ter meu irmão conseguido matar um deles.

É o *Conurus Carolinae*, descrito por Spix, no seu extenso trabalho sobre as aves do Brasil.⁵⁹

59 A fauna brasileira possui 1.500 espécies de aves, que se distribuem em 23 grupos. E são em número de 870 as espécies de pássaros cantores.

.....

Capítulo VI
Santarém e Monte-Alegre

DEIXANDO BELÉM DO PARÁ – ENTRANDO NO AMAZONAS – SEUS ASPECTOS CARACTERÍSTICOS – CHEGADA A SANTARÉM – A CIDADE E SEUS HABITANTES – VIAGEM A MONTE-ALEGRE – PRAGA DE MOSQUITOS E MEIO DE COMBATÊ-LOS – EXCURSÃO ÀS SERRAS – UMA FAZENDA DE CRIAÇÃO DE GADO – ROCHAS, INSCRIÇÕES E GRUTAS – A VITÓRIA-RÉGIA – ROÇAS DE MANDIOCA – UMA FESTA – REGRESSO A SANTARÉM – BELOS INSETOS – CURIOSOS FENÔMENOS DE MARÉ – PARTIDA DE SANTARÉM – ÓBIDOS – VILA-NOVA – UM PADRE BONDOSO – SERPA – DIA DE NATAL NO AMAZONAS

JÁ HAVÍAMOS concluído todos os preparativos para a nossa viagem Amazonas acima.

Pelas informações que obtivemos a respeito da região, a qual pretendíamos perlustrar, resolvemos ir primeiramente até Santarém,

uma cidade que fica situada cerca de 500 milhas rio acima, e que é sede de considerável tráfico comercial

Fomos forçados a esperar muito tempo, para podermos contratar uma passagem, mas afinal, com alguma dificuldade, conseguimos obter um lugar em pequena canoa, que deveria regressar vazia para Santarém.

Tivemos de acomodar-nos em um cômodo apertado no porão, que estava com forte cheiro de peixe salgado; e, embora ainda permanecessem ali alguns couros, nem por isso estes atenuavam aquele fortíssimo odor.

No Amazonas, quem viaja, não pode ser exigente e não tem mesmo de incomodar-se com essas coisas.

Desta sorte, tratamos logo de arranjar, do melhor modo possível, tudo quanto nos era preciso, preparando-nos por essa maneira para seguir a nossa traça.

A tolda da canoa estava mal amanhada, e logo verificamos que deixava gotejar muita água, o que nos incomodou bastante, pois que molhava todas as nossas roupas e redes.

A canoa não era provida de amuradas, dispensando-se tal precaução nas tranqüilas águas do Amazonas.

Levamos um bom “stock” de provisões, bem como alguns livros, que tomamos emprestados de nossos amigos americanos e ingleses, para matar o tempo, durante a viagem.

No começo de agosto, deixamos Belém do Pará.

Dali partimos com vento favorável que logo nos levou para além das ilhas situadas no largo braço, em frente à cidade.

No dia seguinte, já cruzávamos o pequeno mar, formado em frente à barra do Tocantins, e continuamos navegando, rio acima, favoravelmente, até que ligamos de novo entre as suas ilhas ganhando depois um estreito canal, que forma a comunicação entre os rios Pará e Amazonas.

Paramos na pequena vila de Breves, cujo comércio consiste principalmente na exportação de borracha, potes e louças de barros, que são curiosamente pintados.

Enquanto nos demorávamos ali, para esperar a maré, alguns dos índios da tripulação foram à terra, e, quando voltaram, mais tarde, vieram algum tanto embriagados, trazendo, porém, vários vasos de barros, do formato de um pombo, para vender mais acima, onde esses artigos têm muita cotação.

Dali, prosseguindo a viagem, entramos nos estreitos canais que formam uma intrincada rede de águas, um ignoto labirinto, exceto para os habitantes da região.

Diariamente, tínhamos que esperar pela maré; e, para não ficar parados e adiantar um pouco a viagem, quando não havia vento, íamos subindo varejando, ao longo da praia.

Os índios iam adiante, de montaria, com uma corda comprida, que prendiam a uma árvore ou arbusto da margem do rio, e em seguida, voltando para a outra extremidade, puxavam a canoa, e esta se arastava rio acima.

Depois, a canoa era levada para diante outra vez, repetindo-se o mesmo processo, continuamente, até à volta da maré.

E por assim se fazia, quando não podíamos abrir caminho, por outra maneira, contra a correnteza das águas.

Ao longo do canal, que percorríamos, ficava eu encantadíssimo com o vivo colorido da folhagem, que os tentava toda a variedade das tintas outonias da Inglaterra.

A causa, contudo, era diferente: – as folhas, aqui, estavam agora brotando, em vez de cair.

No seu primeiro rompimento, elas têm um tom avermelhado-claro, em seguida um vermelho muito vivo, e, finalmente, se tornam verdes.

Algumas eram amarelas, outras cor de ocre e outras ainda de uma cor de cobre, que, combinando-se com vários outros tons, de um verde, muito forte, produzem lindíssimo efeito.

Dez dias depois de deixarmos Belém, o rio começou a alargar-se e as suas águas a correr para o Amazonas, em vez de correr para o rio Pará, com muito maior refluxo, o que muito favorecia o prosseguimento da nossa viagem.

Com outros dois dias, alcançamos propriamente o Amazonas.

Foi com as mais vivas emoções de admiração, num misto de pavor⁶⁰ e de respeito, que contemplamos a vastidão de águas deste majestoso e afamadíssimo rio.

Em alguns lugares, vêm-se os caules e folhas esbranquiçados das Cecropias, que lhes emprestam um curiosíssimo aspecto; e, em outros, os retilíneos e escuros troncos de altíssimas árvores, que formam uma viva muralha ao longo do rio.

Há muita animação, também, neste gigantesco curso de água.

Todas as manhãs e todas as tardes, as araras e os papagaios, de linda plumagem azul-amarela, em numerosos bando, cruzam o rio, fazendo grande alarido com os seus agudos gritos.

As garças, de várias espécies, e outras aves aquáticas, vêm-se freqüentemente nos pântanos de suas margens, bem como os grandes e bonitos patos (*chenolopex jubata*) nadando em suas baías e enseadas.

As gaivotas e as andorinhas, porém, talvez sejam os pássaros mais característicos do Amazonas, pois que se vêm mais freqüentemente e em grande número ali.

Durante toda a noite, ouvem-se-lhes os gritos, nas praias, onde depositam os ovos, e, durante o dia constantemente nos prendem a atenção, por seu hábito de pousarem enfileiradas sobre pedaços de madeira, de uma dúzia a vinte, ao lado umas das outras, indo rio abaixo muitas milhas, com um aspecto tão grave e tão imóveis, como se estivessem indo para tratar de alguns negócio importante.

Essas aves depositam os ovos em pequenas cavidades de areia, nas praias.

Dizem os índios que, durante o dia, quando está fazendo muito calor, elas carregam água nos bicos, para humedecer o local onde fizeram a postura, impedindo assim serem cozidos os ovos pelos ardentes raios solares.

60 Eis um belo trecho de Euclides da Cunha, em seu livro *À margem da História* (págs. 7-8 da 2ª ed.), com referência a esse “pavor” de Wallace ante a maravilhosa imponência do Amazonas:

“Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que sobressaltava geralmente, diante do Amazonas, no desembocar do dédalo florido do Tajapurú, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento.”

Além de tais pássaros, vêm-se ali inúmeros mergulhões e flecheiros.

Os porcos marinhos,⁶¹ aqui e acolá, estão constantemente soltando os seus bufos, ou, então, os jacarés, por vezes, nadam displícitamente ao longo do rio.

Na margem setentrional do Amazonas, até umas duzentas milhas de distância, há fileiras de montanhas baixas, as quais, bem como a região intermédia, são em parte desnudas e em parte coberta de relvas e capões de mato.

61 O boto (*Sotalia brasiliensis*) é um dos mais curiosos e característicos peixes do Amazonas. Eis como o descreve José Veríssimo, em sua “Revista Amazônica” (tomo I, págs. 208-209): “O boto (*Delphinus pallidus?*), o *uiara* do índio, ocupa largo espaço na sua imaginação, e o nosso interior está cheio de contos maravilhosos sobre este animal. O boto, como a sereia antiga, canta, e, qual o dela, o seu canto tem o dom de seduzir. Ai da donzela que o ouve por noite de luar! Os índios criam que o boto se aproveitava das ocasiões, em que as mulheres se banhavam, para seduzi-las e gozá-las, e, ainda mais, que, revestindo formas de um mancebo gentil, vinha às vezes, por noite alta, partilhar a rede das virgens das florestas, não raro atribuindo a este D. João Fluvial a gravidez de muitas. Esta crença, o último fato parece comprová-lo, é filha da imaginação da mulher, que, por ventura, procurou assim encobrir uma falta, que, ao menos em algumas tribos, atraía sérios castigos. Entretanto, não se deve, nem sem leviandade se pode acusar as gerações, que se sucederam àquela, com a qual ela nasceu, nem talvez a esta mesmo, porque é um fato observado que na infância do mundo as crenças, ainda as que nos parecem mais grosseiras, são perfeitamente sinceras. Seja como for, esta ainda existe. Não há muito tempo que ouvi dizer de um boto que, sob formas humanas, fora alta noite render finezas a uma rapariga, e os que narravam o fato o faziam com a maior boa-fé. Eis outras versões que obtive sobre o boto ou uiara:

– Ele zomba da gente, trazendo objetos à flor da água; Paulico assegurou-me ter visto um trazer nos dentes uma faca. Fazem também naufragar canoa em que há moças, para se apossarem destas. Segundo o mesmo Paulico, reveste igualmente as formas de mulher para seduzir os homens, que arrasta consigo para a água. Os olhos deste animal são considerados preciosos amuletos para abrandar corações de amantes; seu dentes, preservativos excelentes contra as dores destes órgãos e contra os perigos da primeira dentição. Um indivíduo desta mesma família, o tucuxi, é, segundo acreditam, bastante amigo do homem, a quem socorre e livra, quando este está, por desgraça, a ser vítima do boto, com o qual trava luta, até lhe tirar a presa, que leva aos empurrões do focinho, até a margem. Desta crença no boto resulta uma enfermidade nervosa, que acomete homens e mulheres, sob a dominação de *uiara*. Em um dos meus passeios ao sertão, ofereceu-se-me ocasião de observá-la em um rapaz. O acesso nada tem de notável ou de particular, vem com todos os sintomas de um ataque de nervos, e é originado, segundo eles, de ter o indivíduo acometido sido vítima da uiara, se é homem, e, por isso, diziam ante o sujeito de que falo: “É a uiara, é a uiara”, conquanto algumas pessoas menos crédulas me observassem que era antes a aguardente a causa mais próxima daquilo.”

Variam de 300 a 1.000 pés de altura e avançam, terra a dentro, indo provavelmente ligar-se às montanhas das Guianas.

Depois dessas, não se vêem dali do rio outras montanhas, a não ser 2.000 milhas além, quando se alcançam as cadeias mais baixas dos Andes.

São denominadas “Serras de Paru” e terminam nas “Serras de Monte-Alegre”, perto da pequena vila de Monte-Alegre, cerca de 1.000 milhas de Santarém.

Passamos por algumas outras pequenas aldeias, vendo-se, aqui ou acolá, no trajeto da viagem, alguma casa de campo de brasileiros, ou, então, a choupana de um índio, quase sempre sepultadas nas floresta.

Viam-se, algumas vezes, pescadores, em suas canoas, e lá de quando em quando uma embarcação maior, descendo pelo meio do rio, enquanto outras vezes, um dia inteiro, não víamos habitação alguma ou sequer um ser humano.

O vento, algumas vezes, era bastante forte e ajudava-nos a abrir caminho contra a correnteza, ou, então, quando era contrário, tínhamos que proceder ao laborioso método de varejar, anteriormente descrito.

Afinal, após prolongada viagem de 28 dias, alcançamos Santarém, na barra do rio Tapajós, cujas águas, muito azuis e muito transparentes, formam nítido e agradável contraste com as túrbidas águas do Amazonas.

Trazíamos carta de apresentação para o capitão Hislop, um velho escocês ali estabelecido já há muitos anos.

Ele logo mandou um de seus empregados providenciar sobre o arranjo de uma casa, o que conseguiu, após algumas dificuldades, e hospitaleiramente nos convidou para tomarmos as nossas refeições à sua própria mesa, por tanto tempo quanto desejassemos.

Não havia nada de conforto em nossa casa, que era coberta de telhas e de paredes barreadas, sem assoalho e sem forro, e já estava muito arruinada e muito empoeirada.

Mesmo assim, era a melhor que podíamos obter, e, por isso, muito nos contentamos com essa mesma.

Pretendíamos ir logo a Monte-Alegre, situada dali a três dias de viagem, rio abaixo, antes de nos fixarmos por algum tempo em Santarém; por isso, aceitamos o bondoso convite de Hislop, para tomarmos as nossas refeições em sua casa, o que fazíamos apenas quanto ao jantar, e procurando, com os nossos próprios meios, arranjar o almoço e o chá para nós mesmos.

A cidade de Santarém está colocada em lindo local, num declive, na barra do Tapajós, com uma linda praia arenosa e uma pequena colina em uma de suas extremidades, ali existindo uma fortaleza, de paredes de barro, dominando as proximidades do Amazonas.

As casas são limpas e as ruas regulares; mas, não havendo ali veículos de roda e sim apenas alguns cavalos, estes pastam à vontade nas ruas, que são cobertas de ervas e de relvas .

A igreja, com as suas duas torre, é um edifício bonito e notável.

As casas, em sua maioria, são pintadas de branco ou de amarelo, e os portais, das janelas e das portas, são pintados de um verde muito vivo.

No porto, não há desembarcadouro, ou cais, sendo as cargas descarregadas para as montarias, de modo que dificilmente podeis alcançar terra, sem molhardes os pés ou o calçado.

As praias estendem-se muitas milhas, para baixo ou para cima da cidade, e é ali que se fazem todos os serviços de lavagem de roupa da localidade, vendo-se os linhos estendidos na areia quente, o que produz um agradável espetáculo.

Durante todas as horas do dia, vêem-se ali inúmeros banhistas. Os filhos dos índios e dos negros nadam como peixes.

Nos fundos da cidade, há extensos campos arenosos, onde se vêem espalhados cajueiros, mirtáceas e muitas outras árvores ou arbustos, havendo, logo adiante, uns morros baixos, alguns desnudos e outros cobertos de mato denso.

O comércio local consiste principalmente na exportação de castanhas, salsaparrilha (que é a melhor do Amazonas), farinha, peixe salgado, sendo alguns desses artigos obtidos dos índios *mundurucus*,⁶² industriosa tribo que habita o rio Tapajós.

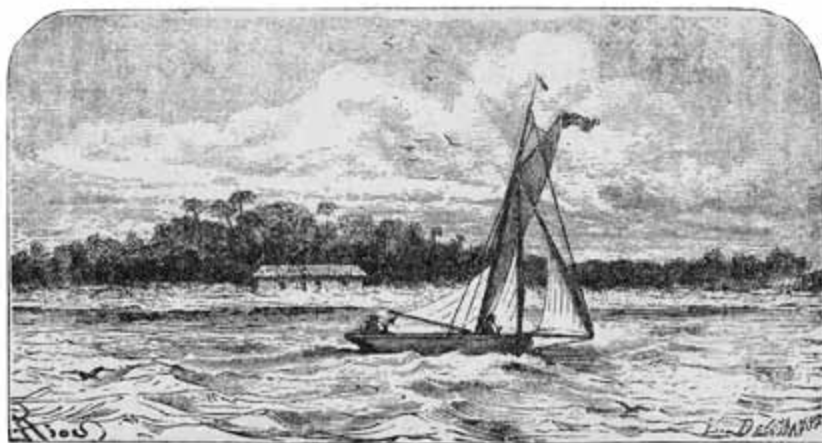
62 No original, *mundrucus*.

Há ali, como no Pará, muitas pessoas que passam uma vida completamente ociosa e estéril, amparadas exclusivamente pelo labor de uns poucos escravos que herdaram.

O governo executivo local consiste em: o comandante militar, que tem o encargo do forte e de uma dúzia ou duas de soldados; o comandante dos trabalhadores, que superintende os índios, empregados em qualquer serviço público; o juiz de direito ou juiz criminal e civil da comarca; o delegado de policia, que se encarrega da administração dos passaportes e dos serviços de vigilância etc.; o vigário ou sacerdote; e alguns outros funcionários, que lhes são subordinados.

À tarde, geralmente, alguns desses e alguns dos principais negociantes costumam reunir-se em frente à casa do capitão Hislop, que está localizada em aprazível ponto, donde se descortina o rio, e onde se sentam, fumam, tomam rapé, falam sobre política, sobre direito, uma hora ou duas.

Além do capitão, há ainda outros dois ingleses, que ali estão residindo desde muitos anos, e são casados com mulheres brasileiras.



Estampa V – Fazenda de um brasileiro, no baixo Amazonas

Um dia ou dois, após a nossa chegada, eles nos convidaram para fazer um passeio a um bonito córrego, que forma um pequeno lago, uma milha ou duas abaixo da cidade.

Fomos numa elegante canoa, com vários índios e negros e muitas provisões, para o propósito de fazermos ali um agradável “pique-nique”.

O lugar era muito pitoresco, com areia seca nas praias, vendo-se grandes e antigas árvores e sombrios bosques, onde muito nos divertimos, atirando em pássaros, capturando insetos e examinando as novas fórmulas de vegetação, que se vêem por toda parte.

A água, clara e fria, estava mesmo a convidar-nos para um banho refrescante, e assim fizemos, depois do que jantamos e voltamos para casa, quando já era noite, com um belíssimo luar.

Eu já havia travado conhecimento, em Belém do Pará, com o juiz de direito daqui, tendo-o encontrado lá pela primeira vez; e, agora, muito bondosamente me emprestou ele uma excelente canoa, para eu viajar até Monte-Alegre, e ofereceu-se ainda para me dar cartas de apresentação aos seus amigos dali.

Ele não tinha homens para conduzir a canoa, de modo que tive de arranjá-los por minha conta; mas isso, como sempre acontece, não é coisa fácil de conseguir-se.

O capitão Hislop foi comigo até a casa do comandante, e este prometeu arranjar-me três índios.

Todavia, depois de esperar toda uma semana, tive que ir somente com dois homens.

O juiz, contudo, cavalheirescamente, ainda me arranjou mais um, além da sua canoa, e com esses homens saímos para a nossa viagem.

Na primeira noite, paramos numa plantação de cacau, onde conseguimos adquirir excelente peixe fresco.

Na manhã seguinte, fizemos um passeio pelos cacauais, onde apanhamos numerosas borboletas (*Didonis Biblis*), as quais, embora sejam das espécies comuns da América do Sul, ainda não tínhamos encontrado, quer em Santarém, quer em Belém do Pará, nem nunca mais as

vimos, senão quando alcançamos Javita, perto das cabeceiras do rio Negro.

Como outro exemplo da curiosa distribuição desses insetos, posso ainda referir que, durante os meus quatro anos de colecionador, vi a linda *Epicallia numilius* somente duas vezes, uma em Belém outra em Javita, localidades estas situadas a 2.000 milhas uma da outra.

À tarde, quando já estávamos para alcançar a barra de um pequeno rio, que corre de Monte-Alegre, sobreveio violenta e inesperada tempestade, que produziu forte agitação das águas e quase fez virar a nossa embarcação, que os homens não sabiam manejar bem.

Após ter estado em luta algum tempo, ali, com considerável perigo de vida, ganhamos águas tranqüilas, alcançando, após a navegação de duas horas num rio muito sinuoso, a vila de Monte-Alegre.

Os barrancos eram, na sua maior parte, devastados, abertos, cobertos de relhas e meio encapoeirados, com grupos de árvores em intervalos.

Perto da vila, vê-se um cadeia de altos morros, de uma linda cor amarela ou vermelha, que verificamos depois serem de simples argila, em alguns lugares muito dura, em outros mole e friável, revestidos de matos nos seus cumes, tendo um aspecto muito pitoresco.

A vila de Monte-Alegre está situada num planalto, distante cerca de um quarto de milha da flor da água.

O seu acesso, do rio até lá, faz-se em uma ravina baixa, onde o caminho é coberto inteiramente de uma alta camada de areia movediça, que torna a caminhada um tanto penosa.

De cada lado, vêem-se exemplares de enormes cactos, da forma ramificada de candelabros, tendo de 20 a 30 pés de altura. Crescem em moitas enormes, com grandes caules lenhosos, tão grossos como o corpo de um homem, dando novo aspecto à paisagem.

A própria vila forma um espaçoso quadrado no qual o que há de mais importante é o arcabouço de uma grande igreja, de pedras escuras, que foi começada há cerca de vinte anos, quando o lugar era mais populoso e próspero, antes das revoluções que causaram tantos danos à província, havendo pouca probabilidade, por isso mesmo, de ser ela algum dia acabada.

A atual igreja é um edifício baixo, coberto de folhas de palmeiras, como se fosse um celeiro, e, como a maior parte das casas, é, igualmente, de aspecto muito pobre.

As casas não têm jardins ou quintais limpos, nada, a não ser capinzal e imundície, que se vêem por toda parte, tendo alguma apenas uns cercados de paus roliços e podres, que servem de curral para o gado.

O comércio deste lugar é o de cacau, potes e gado.

O cacau é plantado nas terras baixas, ao longo das margens dos rios. É cultivado aqui em terrenos limpos, planamente banhados pelo sol, e parece que não prospera tão bem como quando à sombra da floresta parcialmente derrubada, que é a maneira (como já havíamos visto) adotada no Tocantins.

Quando um índio consegue formar uma plantação de uns 2.000 pés de cacauzeiros, passa uma vida ociosa, calma, e contente.

Tudo que ele tem a fazer, na roda do ano, se resume em dar umas duas ou três capinas, por baixo das árvores somente, e colher e secar as sementes.

O fruto do cacauzeiro é de uma forma oblonga, tendo cerca de cinco polegadas de comprimento, com listas escuras, longitudinais.

É de cor verde, mas torna-se amarelo, quando amadurece, crescendo no caule e galhos mais fortes, por intermédio de um curto e forte talo, nunca porém nos galhos mais fracos ou tenros.

A casca externa, de que se cobre, é dura e algum tanto consistente ou lenhosa.

Dentro delas, ficam as sementes, que são as nozes de cacau, cobertas de uma polpa branca, que tem agradável sabor subácido e, quando raspadas e adoçadas com água, constituem uma bebida agradável e muito apreciada.

No preparo do cacau, não se lhe lava a polpa, sendo somente posta ao sol, para secar.

E isto requer muita vigilância e muito cuidado, para que não se molhe com a chuva ou com o orvalho; do contrário, ele mofa e apodrece.

Nas grandes plantações de cacau, costuma-se secá-lo em grandes tabuleiros, que deslizam sobre roletes, de modo que podem ser

puxados facilmente para o interior de um rancho, todas as noites, ou à aproximação da chuva.

O preço do cacau é de cerca de 3 shillings por arroba (32 libras de peso).

Dos peixes, os principais são os pirarucus, que se encontram em todos os lagos e dão bastante ocupação aos índios, na estação da seca, para pescá-los.

As fazendas de criação de gado estão situadas na base das serras adjacentes, onde as pastagens são fracas e poucas, na estação seca, os lugares pantanosos que se estendem ao longo do Amazonas, oferecem boas pastagens.

As cabaças ou *cuias* são fabricadas ali em grandes quantidades, e são exportadas para Belém e para outros mercados do Amazonas. São caprichosamente acabadas e finamente polidas.

São estanhadas com um escuro brilhante, ou pintadas e douradas com cores muito vivas.

Os desenhos são admiráveis, com alguns motivos de pássaros e de animais, dispostos com muito gosto e muita regularidade.

As tintas são preparadas pelas índias, de vários sucos vegetais, ou de terra amarela, tintas essas tão fixas que os vasos podem molhar-se constantemente, ou ficar durante muito tempo expostos a umidade, sem se desbotarem.

Em nenhum outro lugar, em todo o Amazonas, existem vasos pintados e feitos com tanto gosto e tão rico colorido, como os de Monte-Alegre.

Trazíamos uma carta de apresentação para o Sr. Nunez, um francês, de Caiena, que era proprietário de pequena loja na vila de Beira-Amazonas. Logo deu ele jeito de arranjar-nos uma casa desocupada, para a qual transportamos todas as nossas bagagens.

A casa tinha duas salas e pequenos quartos de dormir, além de grande varanda e de um pátio fechado, na frente.

Fomos informados de que os mosquitos eram muito incômodo ali, e isso não demorou muito a ser verificado.

Logo após o crepúsculo, eles afluíram em nuvens, incomodando-nos muitíssimo e obrigando-nos a procurar abrigo em nossos

quartos de dormir, que haviam sido conservados fechados com antecedência, e com todo o cuidado.

Ali, tivemos um pouco de sossego, durante algum tempo; mas eles logo acharam entradas pelas fendas e buracos das fechaduras, fazendo-nos passar o resto da noite desassossegadamente, inconfortavelmente.

Após a permanência de uns poucos dias ali, verificamos que eles se tornaram mais atormentados do que nunca, impossibilitando-nos de ficar assentados ou de escrever, depois do crepúsculo.

Aqui, toda gente costuma queimar bosta de vaca às portas das casas, para enxotar a “praga”, como muito bem soem denominá-los, sendo aquele o único recurso que produz algum efeito mais eficaz para afugentá-los.

Havíamos arranjado um índio para os serviços de cozinha, e todas as tardes o mandávamos fazer uma boa provisão de tão útil quanto necessário artigo.

Pouco antes de escurecer, acendíamos fogo, à porta dos nossos quartos, na varanda, num pote de barro, que enchíamos de estrume, a fim de fazer tanta fumaça, quanto fosse possível; e por essa maneira, andando em torno, era como podíamos passar sossegados uma hora mais.

À tarde, em todas as casas e choupanas, vê-se uma panela de barro com bosta de vaca, a qual fica a arder, desprendendo cheiro algum tanto agradável.

Como há nas proximidades das cidades muitas reses, tal preciosidade é sempre muito procurada, especialmente para o dito propósito.

Verificamos que a região, aqui, é uma planície arenosa, ondulante, vendo-se alguns lugares cobertos de densas moitas de arbustos e, em outros, de árvores mais altas e mais espalhadas.

Ao longo das margens do rio, há lugares planos, e de barrancos escarpados, todos, porém, densamente cobertos de mato, enquanto a uma distância de dez ou doze milhas do rio ficam algumas bonitas elevações rochosas, em uma das quais havia curiosa e interessante coluna de rocha, tendo no alto outra pedra, do feitio de uma touca, apoiando-

do-se sobre ela, sendo o conjunto algum tanto semelhante a um enorme cogumelo.

Os cactos, já referidos, abundam por toda parte, formando-se às vezes enormes grupos, muito interessantes e admiráveis, e que atingem a grande altura.

Em estado nativo, encontram-se também ananases, que se grupam em extensas fileiras, nos matos, encontrando-se também cajueiros.

Nos aclives rochosos dos barracos dos rios, vêm-se numerosos lacrimais, que brotam da úmida elevação, onde crescem fetos, musgos e outras plantas rasteiras.

O nosso melhor campo para coleta de insetos era nesses bosques sombrios.

Encontramos, pela primeira vez, nestes lugares, a linda borboleta *Calithea Leprieurii*, de asas azuis, cor de anil, que se encontrava pousada nas folhas, à sombra, e, depois, abundantemente, nos troncos de árvores, dos quais minava uma seiva esbranquiçada e resinosa.

Ali também se encontrava muitos trogônidas e jacamarés e um curioso pássaro da ordem dos trepadores (*Dendroncolaptes Sp.*), com um bico comprido, bem semelhante a uma pequena foice.

Desejávamos muito visitar as serras, as quais cada dia se tornavam mais tentadoras e convidativas; pelas informações, que depois tivemos, de que ali existem várias inscrições indígenas, mais ainda se nos aguçava a curiosidade.

Para esse propósito, alugamos uma pequena montaria do Sr. Nunez, porquanto tínhamos de percorrer umas cinco ou seis milhas por água, para chegar a uma fazenda de criação de gado, situada no sopé da montanha.

A canoa era provida de um mastro e uma vela, esta feita de tiras da casca de uma enorme planta aquática.

Logo após deixarmos a vila, fomos rapidamente impelidos para muito longe.

Nesse trajeto, porém, tivemos grande incômodo, porque, com qualquer golpe de vento mais forte, sendo a vela muito pesada, a canoa chegava a ficar excessivamente inclinada.

Viam-se inúmeros mergulhões e flecheiros, que nadavam no rio, ou então, ficavam pousados sobre as árvores das margens.

Tentamos atirar nalguns deles, várias vezes, mas sempre sem resultado.

Essas aves, na água, são muitíssimo espertas, e, mesmo feridas, mergulham e nadam por baixo da superfície tão rapidamente, que se torna inútil toda e qualquer tentativa para capturá-las.

Em seguida, ganhamos uma parte mais estreita do rio, pela qual fomos avançando, com muita dificuldade, pois logo verificamos que o leito estava obstruído por plantas aquáticas, que ali crescem, formando extensos leitos flutuantes.

Não tínhamos mais nenhum vento, e, por isso, foi-nos preciso recorrer aos remos.

Mesmo assim, em alguns trechos, onde as ervas flutuantes chegavam a obstruir completamente o leito do rio, fomos impedidos de prosseguir.

Os índios, então saltando em terra, cortaram duas compridas varas, com forquilhas nas extremidades, e, com o auxílio delas, puxávamos a canoa, que assim se ia deslocando lentamente, deslizando sobre aqueles grandes leitos de ervas flutuantes, as quais tão grossas e resistentes são, que servem de seguro apoio para esse propósito.

Aqui e ali, de trecho em trecho, encontrávamos águas limpas.

Assim, podíamos de novo remar entre lindas *Utricularias* e *Pontedérias*.

Caímos, de novo, nos leitos de plantas aquáticas e de altas relvas, que tapam completamente o canal ficando mais altas do que a nossa cabeça, através das quais quase desesperávamos de poder abrir caminho.

Além disso, as relvas chegavam a cortar-nos as mãos, quando estas roçavam nelas.

Nas margens, estendiam-se largos tratos de campos planos, meio-água, meio-terra, onde vicejam ervas, e que, na estação das chuvas, se transformam num verdadeiro lago.

Após grande e penoso trabalho para abrir caminho, o que por espaço de várias milhas foi assim, alcançamos, finalmente, a fazenda

de criação de gado, onde fomos bondosamente recebidos pelo seu proprietário, para o qual levávamos uma carta de apresentação.

A casa estava situada próxima ao grande trato de terrenos pantanosos, que se estendem do Amazonas às serras.

Era construída de barro, tendo dois ou três cômodos e um alpendre aberto, nos fundos, que servia de cozinha, e onde dormiam os índios.

O curral – uma área quadrada, cercada de pau-a-pique, para fechar o gado – estava situado perto da morada.

Nos fundos dela, estende-se o campo num terreno inclinado, em direção às serras.

Tudo ali em roda era campo aberto, interceptado por algumas moitas de cerrados e pitorescos tufos de cactos, que crescem em todas as direções.

Fizemos um passeio pelos arredores, um pouco antes de escurecer, tendo atirado em dois lindos periquitos, de penas azuis e vermelhas nas asas, de uma das menores espécies que habitam a região.

Dali voltamos para casa, onde nos foi oferecido leite fresco.

Em seguida, ficamos sentados em frente à porta da casa, tendo ensejo, então, de observar os esquisitos apetrechos de alguns vaqueiros, que estavam naquele momento saindo a cavalo para outra parte da fazenda, bem distante dali.

Com os seus rústicos e curiosos selins, fabricados de madeira, e enormes estribos, e com os seus compridos laços, sacos de couro, onde guardam provisões, espingardas de compridos canos, polvorinhos feitos de chifres e de formidáveis dimensões, eram umas figuras espantosas; e tornavam-se ainda muito mais pitorescos, por serem mulatos bem escuros.

Após o pôr-do-sol, os mosquitos começaram a afluir em nuvens.

Logo as portas tiveram de ser fechadas, ficando uma panela de estrume a queimar-se fora e uma lamparina acesa no interior da casa.

Algum tempo depois, o jantar foi anunciado e nós então nos sentamos no chão, em torno de uma esteira, e tivemos excelente jantar de tartaruga, que havia sido trazida do Amazonas, pouco antes.

Em seguida, fomos para as nossas redes, que se achavam armadas por quase todos os cantos do quarto, em todas as direções.

A casa, de fato, estava já bastante cheia de gente, desde antes de chegarmos ali, de modo que agora estávamos mais apertados ainda.

Um brasileiro nada pensa, entretanto, sobre isso, estando acostumados a dormir assim, todos juntos.

As portas e janelas ficavam bem fechadas, e, embora ali dentro sentíssemos um pouco de calor, não sofríamos tanto o incômodo dos mosquitos, ao qual qualquer outro é preferível.

No dia seguinte, pela manhã, fizemos os preparativos para a nossa expedição à montanha; e, como não sabíamos se teríamos de passar a noite lá, levávamos, para o caso de assim ser preciso, provisões suficientes, e bem assim um grande odre de borracha,⁶³ para carregar água.

Caminhamos algumas milhas, ao longo da margem de um pântano, onde se viam curiosas aves aquáticas, até que chegamos a uma choupana abandonada, onde paramos, para almoçar, e, dali por diante, prosseguimos por um caminho que se estendia através de matos.

Vencida essa etapa, chegamos ao sopé de escarpado declive, onde se viam enormes blocos de pedra, dispersos na maior confusão, e entremeados de moitas de lírios comuns e de arbustos, que nos tornavam extremamente penosa aquela ascensão.

Lá bem no alto, via-se justamente o curioso pilar, que já havíamos lobrigado da vila, e que agora estávamos dispostos a observar de perto.

Após dificultoso e penosíssimo acesso, sobre os blocos de pedra e suas inumeráveis fendas, alcançamos uma plataforma, que fica por baixo da massa colunar, que se ergue a prumo trinta ou quarenta pés, e dali se inclina sobre o seu topo, arqueando-se, da maneira mais curiosa e arrojada, de jeito a causar-nos medo.

A sua origem percebe-se claramente.

63 Esse odre de borracha tem uma boquilha ou torneira, pela qual se bebe a água. No Brasil central, para a longa travessia dos sertões, são muito usados pelos tropeiros e viajantes, que também transportam água potável em sacos de couro.

O pilar é de uma rocha friável, de camadas horizontais, que se estão gastando constantemente, pela ação contínua das intempéries.

No seu topo, há um extrato de duríssima rocha cristalina, que tem resistido à ação do sol e das intempéries, e tem agora o mesmo diâmetro que teve primitivamente o pilar que a suporta.

Havíamos pensado, olhando assim de baixo para cima, que podíamos andar com facilidade pelo alto da serra, até atingir-lhe a ponta mais afastada, onde se encontram a caverna e as inscrições.

Somente agora, vimos, entretanto, que o alto da serra é também cheio de numerosos e enormes blocos de pedra e da mesma ruim vegetação, os quais, na nossa subida, foram tão difíceis de vencer.

Muito maiores seriam estas dificuldades, se tivéssemos de andar algumas milhas sobre terreno assim acidentado.

Esta idéia foi logo posta à margem.

O nosso único recurso, portanto, era descer de novo para o outro lado da montanha, a fim de ganhar a planície arenosa, que se estende ao longo da base da serra.

Antes de descermos, entretanto, lançamos ainda um olhar em torno, lá bem do alto, sobre o panorama que se descortinava dali – uma ondulante e imensa planície, coberta de árvores e de arbustos, tendo, porém, o solo uma cor amarelada, e a vegetação uma cor parda.

Adiante dessa planície, via-se estirada, no longínquo horizonte, uma sucessão de montanhas mais baixas, de forma oblonga ou cônica, que circundavam completamente a planície distante.

Não se via dali uma casa sequer.

Pelo seu aspecto, tivemos desde logo uma impressão pouco favorável a respeito da fertilidade da região ou da beleza do cenário tropical.

Fizemos rapidamente a nossa descida da serra.

Ora serpenteando pelas fendas, ora rojando por baixo das rochas, ora dependendo-nos pelos galhos e raízes das árvores, chegamos afinal cá abaixo, ganhando terreno plano, onde se podia caminhar à vontade.

Vimos, então, todo o flanco da montanha, talhado desde o cume, até embaixo, em numerosas colunas, de feição muito rude, em todas as quais se percebia a ação da atmosfera sobre os diferentes *strata* de que elas se compõem.

Conforme o grau de dureza das camadas, que se alternam, tais colunas aumentam ou diminuem de espessura.

Em alguns lugares, têm o aspecto de enormes globos repousando sobre pedestais, ou, então, cabeças e corpos de enormes gigantes.

Não parecem ser prismáticas, e, sim, resultantes de sucessivos abalos dos terremotos, que produzem “cracks” verticais, em direções contrárias, e, pela ação do sol e das chuvas, se lhes vão alargando então as fendas, formando-se assim colunas completamente destacadas.

Caminhamos ao longo de um solo arenoso.

O calor era intensíssimo.

A água do nosso odre já havia acabado e não sabíamos onde podíamos arranjar outra, para matar a sede.

Os índios, então, informaram-nos que ali perto havia uma nascente, na subida da montanha, um pouco adiante do local onde nos encontrávamos, porém que, provavelmente, nela não se encontraria água, porquanto a estação seca estava agora no seu máximo de rigor.

Caminhando mais uns poucos passos, demos logo com a vista no referido local, onde havia um grupo das palmeiras *Mauritas*, que geralmente crescem em sítios úmidos.

Viam-se também alguns trechos de terrenos cobertos de relvas, o que nos deu logo alguma esperança de conseguir o que pretendíamos.

Chegando junto das palmeiras, verificamos que o solo era úmido, meio pantanoso, filtrando-se dele pequena quantidade de água, que corria por entre as relvas.

Gastamos aproximadamente meia hora para encher o odre.

Nessa ocasião, vimos, bem próximo de nós, o outro tufo verdejante de relvas e de arbustos, junto à base das mais altas rochas,

que se erguiam muito a pique, e donde parecia que a fonte deveria manar.

Para ali nos dirigimos, e ficamos muito satisfeitos de encontrar um filete de água deliciosamente fresca e pura, a correr sob a sombra das árvores.

Aproveitamos o ensejo para descansar e fazer a nossa merenda.

Dali, em seguida, fomos até ao local onde o nosso guia supunha que estava situada a caverna.

Há tempos já que ele havia estado na dita gruta, aonde fora somente uma vez, e, agora, não pôde encontrá-la, pois que ela fica escondida por entre confusos blocos de rochas, os quais, em vários lugares, pareciam ser aberturas, porém, pesquisando ali, verificamos ter sido enganada a nossa vista.

Após várias tentativas inúteis, para descobri-la, resolvi voltar para casa e arranjar outro guia melhor, noutra dia.

De volta, passamos por um alto penhasco, no qual havia algumas das inscrições que eu há muito desejava ver.

Elas foram executadas com tinta vermelha, em traços que pareciam feitos esfregando-se pedaços de outra rocha, que em alguns lugares tem aquela cor.

Tais desenhos pareciam ser muito recentes, e não estavam em forma alguma estragados pelas intempéries.

Ninguém em sabia coisa alguma a respeito da antiguidade deles.

Consistiam em representações de várias figuras, rudemente traçadas; algumas representavam animais, como jacarés e pássaros; outras coisas semelhantes a utensílios domésticos; e outras, círculos e demais figuras geométricas; havia ainda algumas de formas as mais complicadas e fantásticas.

Todas estavam regularmente dispostas sobre a rocha, a uma altura de cerca de 10 pés acima do solo.

O tamanho da maior parte dessas figuras era de um a dois pés.

A tarde tornara-se úmida e fria.

Como nada tínhamos com que nos agasalhar, se ficássemos ali para dormir, haveríamos de passar muito mal.

Assim, voltamos para casa, onde chegamos cerca das oito horas da noite, muito cansados; caímos, por isso, em nossas redes, com muita satisfação.

No dia seguinte, o Sr. Nunez resolveu ir conosco, para ele próprio nos mostrar a caverna e algumas inscrições mais, que estavam situadas em outro ponto da serra.

Desta vez, porém, fomos a cavalo, e, como nos acontecera anteriormente, não foi possível encontrar a caverna, tendo sido necessário mandar um dos índios à procura de um velho, que morava dali a algumas milhas, e que conhecia a gruta.

Enquanto isso, o Sr. Nunez nos fez andar ali por perto, para tentarmos descobrir as outras inscrições, o que se conseguiu, após fatigante caminhada.

Estavam elas dispostas numa rocha a pique, que se erguia lá bem no alto de uns desfiladeiros alcantilados.

Quase não tive ânimo de subir, pois estava muito cansado e com muita sede, e ali não se encontrara água.

Contudo, tendo vindo para vê-las, resolvi perseverar no meu propósito, e, então, fomos até ao local.

Estas inscrições eram muito maiores do que as outras, que eu havia visto, e estavam desenhadas a maior altura.

Os desenhos, por sua vez, eram também completamente diferentes, consistindo principalmente em grandes círculos concêntricos, denominados pelos nativos de “sol” e de “lua”, e várias outras formas mais complicadas, com 3 ou 4 pés de altura.

Entre estes desenhos, viam-se duas datas, do ano de 1770, em algarismos nítidos e muito bem feitos.

Não tenho dúvida de que essas datas foram feitas por viajantes que por ali passaram e que desejaram comprovar, assim, que sabiam de que maneira foram executados tais desenhos e para recordar a época da sua visita àquele local.

Junto de alguns desses desenhos, bem no alto, viam-se duas ou três impressões de mãos, da mesma cor e da mesma tinta, distinguindo-se perfeitamente a palma e os dedos, como se a pessoa, que executou os desenhos, houvesse permanecido de pé sobre os ombros de uma outra, tendo então apoiado uma das mãos na rocha, lambuzando esta com a cor vermelha, enquanto desenhava com a outra.

Tirei algumas cópias das inscrições deste lugar, as quais são de grande tamanho, e bem visíveis a considerável distância, e são geralmente mais conhecidas do que as outras.

Estavam afastadas do caminho e, provavelmente, não haviam sido visitadas por qualquer viajante europeu, antes de mim mesmo.

Em seguida, caminhamos um pouco para diante à procura de água, antes de seguirmos em direção à caverna.

Ali chegando, verificamos que os nossos guias nos haviam precedido e estavam à nossa espera: eles nos levaram ao longo de um caminho escarpado, pelo qual fomos subindo em demanda da gruta, que atingimos logo.

A entrada de tal caverna é tão bem dissimulada pelos arbustos e árvores, que não era, de fato, para admirar o malogro que tivemos para descobri-la, nas anteriores tentativas.

Na sua boca, há uma rude arcada, de 15 a 20 pés de altura, e ali o que há de mais curioso é uma delgada laje de rocha, que a atravessa de um lado para o outro da entrada, cerca de 15 pés acima do solo, como se fosse um tosco e irregular pranchão.

Esta pedra, na sua atual posição, não caiu ali; é apenas uma porção de sólida rocha, mais resistente do que o resto dos outros materiais que se achavam acima e abaixo, e que tem resistido à força que os desagregou.

No interior da caverna, há uma grande abóbada, irregularmente arqueada.

O solo é plano e arenoso.

Nos fundos, vêem-se outras aberturas, que se comunicam com outras câmaras; como, porém, não havíamos trazido luz, não nos foi possível explorá-las.

De notável, nada mais havia na cava, a não ser a rocha transversal à sua boca de entrada.

A vegetação, nos seus arredores, não era de maneira alguma pujante, encontrando-se poucas flores que mereçam alguma referência.

Na verdade, muitas de nossas cavernas dos distritos calcários da Inglaterra são muito mais pitorescas e mais interessantes.

Eu ouvira falar, aqui, acerca de uma planta que cresce nos brejos e terrenos pantanosos, e estava convencido de que deveria ser a vitória-régia.

O Sr. Nunez informara-me que esta era abundantemente encontrada perto de sua casa, e, na manhã seguinte, muito cedo ainda, mandou que um índio fosse buscar um espécimen.

Após alguma demora, trouxe-nos o homem uma, que estava com a flor meio aberta.

A folha era de cerca de 4 pés de diâmetro.

Muito me regoziquei de ter tido oportunidade de ver, afinal, a célebre planta.

Como, entretanto, ela já se tornou coisa relativamente muito vulgar na Inglaterra, não é necessário que eu aqui a descreva.⁶⁴

64 Wallace, tão pródigo e imaginoso nas suas descrições, passou sobre a “vitória-régia” quase como “gato por brasas”. Todavia, ao capítulo XV, faz-lhe ainda uma rápida referência, e chega a dizer o seguinte: “Eu não considero a flor da vitória-régia mais bela do que a nossa *Nymphaea alba*, muito embora aquela seja muito maior do que esta, nem tão pouco seja aquela ornamento tão comum dos rios tropicais, como esta última o é das nossas águas.”

Acho bastante oportuno, por isso mesmo, incluir aqui, como nota esclarecedora, a primorosa descrição que o membro da Academia Brasileira de Letras, Sr. Oswaldo Orico, no seu livro “Vocabulário de credices amazônicas”, fez da dita flor, e que, *data venia*, faço minha:

“VITÓRIA-RÉGIA – As vitórias-régias sempre exerceram uma alta fascinação entre os nossos artistas, tanto entre aqueles que a viram na pompa de suas alvas bandejas, como entre os que apenas lhe adivinharam o diâmetro floral, aberto no seio dos lagos amazônicos. Cantada em prosa e verso, festejada por naturalistas e poetas, são essas ninfeáceas o grande ornamento que emerge naquelas águas longínquas, como símbolo da força e da majestade da natureza.

“Constitui, geralmente, um dos mais belos espetáculos para os olhos, surpreender-se de longe, no círculo daquelas águas paradas, silenciosas, as imensas baixelas, que parecem ter ali ficado, como sobejos de um banquete de deuses.

“No meio da profunda melancolia do verde, que se observa em todas as direções, rasga-se o cristal de onde emerge a estranha rainha ou estrela águas amazônicas, estendendo à superfície imóvel as salvas, em que a natureza luxuriante serve à nossa vista deslumbrada os prodígios de sua criação.

“Embora maravilhosa na sua compleição, imponente nos aspectos que nos oferece durante o dia, só de noite se completa o ciclo de sua força, do seu esplendor tropical. Só à noite ela desabrocha inteiramente, acordando ao luar e espren-

Encontra-se ela em todos os distritos do Amazonas, raramente, porém, no leito do rio.

Parece deliciar-se nas águas mansas, crescendo nas enseadas, lagos ou braços mais tranquilos do rio, plenamente expostos à

guiçando todo o corpo a dona dos lagos. As folhas alcançam um a dois metros de diâmetro e as flores despem os botões, respirando inteiramente aquele ar selvagem, que lhes acaricia as sépalas.

“Vê-se, então, como é diferente e possante no seu *clima* a estranha ninfeácea, que Bompland e d’Orbigny batizaram em louvor da rainha Vitória, de Inglaterra, estabelecendo a correspondência exata entre o poder da monarquia britânica, durante a *victorian age*, e o reinado flutuante da soberana dos nelumbos. Transportada ou transferida de seu *habitat* lógico, natural, aquelas águas veludosas do subosque, onde cisma, sonha, se espreguiça, se estende e desabrocha, para as piscinas ou lagos artificiais dos museus e jardins botânicos, a flor como que sofre e desmaia, constringe-se, perturba-se, trocando a desenvoltura dos seus ímpetos sexuais pelo pudor do espaço e pelo escrúpulo do agasalho, onde se sente estranha e inadaptável.

“Capricho ou herança biológica, a verdade transparece na mudança; a flor se descolora e se acanha, parecendo que uma espécie de linfatismo lhe suga as antigas energias, desnutrindo-lhe os pecíolos e sufocando a voluptuosa desproporção das bandejas.

“Pode-se dizer da *vitória-régia* que ela é a condecoração selvagem das águas amazônicas.

“Tão fascinante relíquia, tão poderoso ornamento não deixaria de exercer sobre a imaginação dos nossos caboclos o prestígio de reminiscências lendárias. Daí a explicação que se dá ao aparecimento dos régios, nenúfares, e que Alfredo Ladislau nos transmite em uma de suas páginas.

“Teria sido ainda no começo do mundo, no tempo da lua-homem. A lua costumava, então, seduzir e arrastar à perdição as virgens de sua escolha.

“Descia, sorrateira e macia, pela encosta dos montes, insinuava-se por escalvados e colinas e vinha oferecer afagos às *cunhãs* que se embalavam nas maqueiras.

“Ao contacto da *deusa bernafródita*, o sangue das virgens se transformava em luz e o corpo se desmaterializava, ganhando a forma de estrela e aumentando cada vez mais o harém celestial. Atraída por esse racanto, uma formosa índia teria querido, também, eterizar-se, vaporizando a carne aos beijos da lua. Nessa aspiração doentia, correu todas as elevações, esperando o momento do contato. “Uma noite, julgou alcançar a imagem fugitiva debruçada num lago. Entregou-se às águas iluminadas. Parecia haver desaparecido para sempre; mas a lua, dona dos segredos das águas e das plantas, apiedou-se daquela paixão sacrificada. E, não podendo mais levá-la para o céu, criou a *estrela das águas*, fazendo surgir nos lagos da planície o real nelumbo, que recorda uma história de amor.

“Depois, dilatando tão justo prêmio, estirou-lhe, quando pôde, a palma das folhas, para maior receptáculo dos afagos de sua luz, amorosamente reconhecida.

“Esta é a lenda da *vitória-régia* de Lindley.

“Graças a isso é que, segundo a lenda, podemos admirar, no silêncio dos lagos, a flor que foi uma paixão distante e que, hoje, expande a salva de prata do seu corpo, como se tivesse improvisado um leito para as suas próprias núpcias com o luar.”

luz do sol, vicejando também nas lagoas e terrenos pantanosos das vazantes.

Em julho, as águas do rio sobem, de 20 a 30 pés.

Desta sorte, as hastes de suas folhas e as pétalas de suas flores devem aumentar rapidamente de comprimento, enquanto as águas sobem, pois, ao que parece, não são muito compridas.

Guardei a folha, para secar-lhe algumas porções.

Ela é denominada de *Uaupé Japona* (forno de jaçanã),⁶⁵ pelos índios, por causa da semelhança de sua folha e pela sua grande concavidade com os fornos de barro que se usam para fazer farinha.

Como desejavamos regressar naquele dia, despedimo-nos do nosso bondoso hospedeiro.

Tivemos que varejar outra vez, para abrir caminho por sobre as ervas e relvas, que obstruem o leito do pequeno rio, pelo qual estávamos descendo.

Agora, entretanto, não foi tão tedioso para vencer como o fora por ocasião da nossa subida.

E, assim, ganhamos logo o rio largo.

Passando ao longo de uma praia arenosa os índios perceberam sinais de que poderiam encontrar ovos de tartaruga.

Saltando em terra, logo começaram a cavar e remover a areia, voltando dentro de pouco tempo com um chapéu cheio de ovos da pequena tartaruga chamada “tracajá”.⁶⁶

Um pouco mais para baixo, havia uma velha árvore, que fazia sombra convidativa, e para lá nos dirigimos.

Em seguida, fazendo fogo, cozinhamos os ovos, que juntamente com o café, farinha e carne, que trazíamos, nos deram excelente almoço.

65 No original, “*Uaupé Japona* (the Jacana’s even)”. Segundo o “Vocabulário” (“Rev. Do Inst. Hist. E Geogr. Bras.”, vol.158, pág. 694) de Stradelli, a denominação exata da *vitória-régia*, no tupi-amazônico, é *uapé-iapuna*, “forno de vapés”. *Vapé* é ali o nome vulgar da *jaçanã* (*Parra jacana*).

66 No original, “tracaxá”.

Prosseguindo a nossa viagem, encontramos muitos jacarés, de grande tamanho, que nadavam em todas as direções.

Alvejamos alguns deles, porém só conseguimos fazê-los mergulhar rapidamente para o fundo.

Os nativos, quando vão banhar-se no rio, nunca se aventuram até muito longe da praia, pelo receio, que têm, de ser atacados por esses animais.

Em outro lugar, onde poucos dias antes nos havíamos banhado, vimos-lhes os rastos na areia da praia.

De então por diante, decidimos tomar, igualmente, o maior cuidado, pois todos os anos algumas vidas se perdem ali, por falta da necessária precaução.

Após alguns dias de estada na vila, resolvemos fazer uma excursão a uma roça de mandioca, dali distante algumas milhas, em direção ao interior, onde há uma considerável extensão de terras de floresta, e onde, por isso mesmo, esperávamos encontrar muitos insetos.

Fomos a pé, levando as nossas maqueiras, espingardas, redes de capturar insetos e algumas provisões, para passar lá uma semana.

Chegando ao referido local, encontramos a única acomodação que ali havia, que era um pequeno rancho, muito baixo, coberto de folhas de palmeira, com um espaço que era a conta somente para estendermos as nossas redes as nossas.

Ali moravam uns quatro ou cinco negros, os únicos habitantes do lugar.

Tomamos logo conta do rancho.

A nossa pequena cafeteira, dentro em pouco, suprimos com essa infalível e refrescante bebida, que é o café.

Nos matos, encontramos algumas raras espécies de borboletas, que eram pouco abundantes ali.

E dentre essas capturamos uma nova espécie de *Catagrama*, que nós no Pará somente muito raramente encontrávamos.

Comumente se nos deparavam os trogônidas e tânagaras, não havendo ali, porém, grande variedade, tanto de insetos, como de pássaros.

Voltando à vila, meu irmão sofreu a luxação de uma perna, que ficou logo muito inchada, formando-se um abcesso para cima do joelho, que o impossibilitou completamente de locomover-se, durante cerca de quinze dias.

Com alguma dificuldade, consegui comprar uma pequena canoa, na qual pretendia voltar para Santarém, e nela, em seguida, prosseguir viagem, Amazonas acima, até Barra-do-Rio-Negro.

Antes de deixarmos a povoação, celebrou-se ali uma festa.

A igreja foi ornamentada de folhagem e de flores, e distribuíram-se doces a todos os visitantes.

Em seguida, realizaram-se danças, havendo muitas bebidas.

As danças duraram a noite inteira e ainda se prolongaram durante todo o dia seguinte.

Nós mesmos tivemos que preparar as nossas refeições, pois o índio, que era o nosso cozinheiro, tomou também parte na festa.

Ele era um exímio tocador de viola e julgou que seria desnecessário pedir permissão para se ausentar por uns dias.

Os índios dos arredores estavam a chegar ali diariamente e eu comprei deles algumas bonitas cabaças pintadas, de cuja manufatura este lugar tem boa fama.

Logo após, regressamos para Santarém, onde encontramos a nossa ocupada; porém, não tardamos a arranjar outra, de dois cômodos, e com um pátio nos fundos.

Essa, entretanto, estava situada num dos pontos mais afastados da cidade.

Contratamos uma negra para cozinhar.

Logo que ali chegamos, entramos em regular atividade, trabalhando muito, e seguidamente.

Nós nos levantávamos às seis horas da manhã, arrumávamos as nossas caixas de coleções, preparávamos as nossas redes, etc.

Enquanto assim fazíamos, a nossa velha cozinheira preparava-nos o almoço, que ficava pronto às sete horas.

Dávamos-lhe sempre dinheiro necessário para a compra diária de carne e de cereais.

Às oito horas, saíamos para o campo, fazendo uma caminhada de cerca de três milhas, até o local que havíamos encontrado, para baixo da cidade, e que era muito adequado para as nossas coleções.

Até as duas ou três horas da tarde, permanecíamos em grande atividade ali.

Era aquele o sítio preferido pela linda *Callithea saphira*, uma das mais estimadas e das mais formosas borboletas, e das pequenas e curiosas *ericinídeas*, de cores muito vivas, e que eram encontradas em grande número.

No nosso regresso para casa, fazíamos ainda uma parada no Tapajós, para tomarmos um banho refrescante.

Ao chegar a casa, comíamos logo um melão-de-água,⁶⁷ que ficava guardado de propósito para a nossa volta; essa fruta, àquela hora, era muito agradável e muito refrigerante.

Em seguida, trocávamos de roupa, jantávamos, marcávamos os insetos capturados, e, mais tarde, tomávamos chá, gozando a fresca da noite.

Recebíamos algumas visitas, ou, então, íamos ver os nossos amigos brasileiros e ingleses, dentre os quais contávamos agora com a presença do Sr. Spruce, o botânico, que chegara de Belém do Pará, bem pouco tempo depois do nosso regresso de Monte-Alegre.

Com os constantes e rigorosos exercícios que fazíamos diariamente, ar puro e sempre comendo bem, não obstante o intenso calor, nós nunca nos sentimos tão bem dispostos, gozando, naquela ocasião, a mais perfeita saúde.

Em Santarém, encontram-se, abundantemente, carne de vaca, peixe, leite, frutas.

O solo é seco e a água é muito limpa – um conjunto de vantagens que raramente se encontra nessa região.

Há ali alguns prados pantanosos, muito mais parecidos com os da Europa do que com os que comumente se vêem perto do Equador nos quais encontrávamos pequenas e lindas *Melastomas* e outras flores.

67 Melancia.

Os caminhos e campos cobrem-se de florescentes mirtáceas, Melastomas muito crescidas, muitas “flores-da-paixão”, convolvuláceas e begônias.

Nos fundos da cidade, distantes uma ou duas milhas, quais, de quando em quando, íamos fazer algumas visitas.

São completamente estéreis, formadas de escórias, e eram tão inconvidativas o quanto se pode imaginar.

Um curioso fenômeno de maré verifica-se aqui.

A maré levanta-se, no Amazonas, até muito acima de Santarém; as suas águas, porém, nunca correm para cima, ficando apenas mansamente a levantar-se ou a abaixar-se.

O rio Tapajós estava agora muito baixo, e a superfície de suas águas ficava em nível mais baixo do que o das águas do Amazonas, o qual estava na sua maior cheia.

Desta sorte, todos os dias, vê-se o Tapajós correr para cima, enquanto, umas cem jardas fora de seu leito, no Amazonas, as águas deste correm rapidamente para baixo.

Já estávamos no mês de novembro, e, como algumas chuvas começassem a cair e o tempo estivesse sombrio, resolvemos partir para o Rio Negro, logo que isso nos fosse possível.

Nossa canoa, afinal, ficara pronta, tendo sido gasto um longo tempo para reparar-lhe o fundo, que estava quase inteiramente apodrecido.

Após muitas delongas, o comandante nos arranhou três índios, que deveriam ir conosco somente até Óbidos, povoação situada a cerca de três dias de viagem Amazonas acima, e deu-nos uma carta para as autoridades locais, afim de que estas nos arranjassem mais alguns homens.

O Sr. Spruce partira para Óbidos, justamente uma semana antes de nós, numa grande canoa, na qual o respectivo proprietário lhe oferecera uma passagem.

Quando ali chegamos, encontramos-lo ainda a desembarcar as suas bagagens, e, então, ele nos disse que na noite anterior foi que pôde chegar ali, tendo gasto dez dias em uma jornada, que é freqüentemente vencida em um dia e uma noite.

A falta de vento foi a causa principal de seu retardamento.

Demais disso, o proprietário da canoa não gostava de viajar à noite.

O desgraçado viajante que se aventure a navegar no Amazonas, tem que acabar convencido de que deve submeter-se pacientemente a tais aborrecimentos.

O capitão Hislop havia escrito a um de seus amigos, ali, para alugar-nos uma casa desocupada.

Essa fora arranjada e tivemos que permanecer vários dias inteiramente sós, pois os índios, logo depois que descarregaram a canoa, trataram de regressar, e não nos foi possível conseguir outros.

O comandante mandou procurar outros a uma considerável distância da povoação.

Divertimo-nos na floresta, onde encontrávamos muitos insetos; porém, na sua maioria, eram espécies de que já tínhamos obtido espécimens.

Quando ali chegamos, a nossa canoa estava fazendo muita água; e, como estivéssemos receosos de prosseguir viagem em tais condições, arrastamo-la para a praia, descobrindo, então, que ela estava fendida em vários lugares.

Tratamos logo de calafetá-la, tapando-lhe as fendas com algodão embebido em piche quente.

Afinal, conseguimos partir com dois índios, os quais deveriam ir conosco somente até Vila-Nova, a localidade mais próxima, rio acima, e distante de Óbidos cerca de quatro dias de viagem.

Como eram apenas dois os nossos remadores, não podíamos fazer muito nessa viagem, pois um deles precisava permanecer no leme da canoa.

Felizmente, tivemos vento forte e constante; desta sorte, viajando dia e noite, íamos progredindo favoravelmente.

O vento, por vezes, fazia levantar altas ondas, e impelia-nos furiosamente para diante.

Em tais conjunturas, cheguei a recear pela sorte de nossa apodrecida canoa, que talvez não pudesse resistir.

Cruzamos o rio várias vezes, geralmente à noite.

Em quatro dias, contudo, alcançamos Vila-Nova, com inteira segurança, e fiquei muito contente, por ter conseguido tamanho êxito em nossa viagem.

Fomos bondosamente recebidos pelo sacerdote da vila, o padre Torquato, que se achava na praia, e que insistentemente nos convidou para ficarmos em sua casa, até que conseguíssemos arranjar os homens necessários para o prosseguimento da nossa viagem.

Tal foi a sua insistência, que não nos foi possível declinar das suas bondosas atenções para conosco.

O comandante – para quem trazíamos cartas de apresentação e a quem íamos pedir que nos arranjasse mais homens – não se encontrava então na vila, pois havia seguido, antes, para um sítio seu.

Mandaram-lhe um recado, e haveria provavelmente de decorrer alguns dias, até que viesse a sua resposta; mas talvez, antes disso, pudéssemos conseguir os homens de que estávamos precisando.

O padre era um cavalheiro muito bem educado e muitíssimo atencioso, e cumulou-nos de gentilezas, tendo feito tudo para que tivéssemos o máximo de conforto.

Em sua casa, dispunha ele apenas de dois pequenos quartos, que teve de repartir conosco.

Por esse motivo, teve ele que ficar desacomodado, simplesmente em benefício nosso.

Ele conhecia bem o inglês, e lia muito, tendo sido companheiro de viagem do príncipe Adalberto da Prússia, no alto Xingu.

Bem merece todos os encômios, que o príncipe houve por bem dispensar-lhe.

Ele gostava muito de decifrar charadas, com as quais imensamente se divertia, juntamente com os seus amigos, inventando-as e resolvendo-as.

Deliciei-me bastante, propondo-lhe algumas das nossas mais comuns e mais conhecidas, à maneira portuguesa.

Numa dessas ocasiões, traduzi o antigo enigma da palavra “tobaco” – em português “tabaco” –, que ele resolveu muito bem, ficando deveras contente.

Apanhei alguns bonitos insetos, não obstante já ser demasiado tarde para isso, na atual estação.

De julho a outubro, Vila-Nova deve ser, sem dúvida, ótima localidade para um entomologista.

Havia já transcorrido uma semana, e não aparecera nenhum homem para o prosseguimento da nossa viagem.

Como eu estivesse muito ansioso por partir, o padre então foi entender-se a esse respeito com um negociante, a fim de que este me cedesse três dos seus homens, devendo ficar, em troca dos mesmos, com os que provavelmente o comandante haveria de mandar-me.

Um de tais homens, porém, um índio, não queria de maneira alguma seguir em minha companhia, e foi, por isso mesmo, levado à força para bordo da nossa canoa.

Isso, entretanto, foi somente à custa de muitas pancadas e até mesmo de ameaças de facão.

Ele ficou num estado de terrível exaltação, de verdadeira fúria, quando foi posto a bordo da canoa, jurando nessa ocasião que não haveria de seguir em minha companhia e haveria de vingar-se dos que o forçaram a entrar a bordo ali. Queixou-se então, amargamente, de que era tratado como um escravo.

Quanto a isso, na verdade, eu não podia culpá-lo pelo seu procedimento.

Tentei fazer tudo que era possível, com o intuito de acalmá-lo, oferecendo-lhe bom pagamento, além de lhe dar boa comida e muita bebida.

Tudo isso, entretanto, de nada valeu, para demovê-lo de seus propósitos.

Declarou que voltaria do primeiro lugar a que eu tivesse de aportar e haveria de matar o homem que lhe dera as pancadas.

Todavia, embora ele continuasse em grande exaltação, manteve para comigo a atitude mais respeitosa possível, assegurando-me que contra mim ele não tinha nenhuma prevenção, nem má vontade, porquanto eu nada tinha que ver com o seu caso.

Era cerca de meio-dia, quando partimos dali.

À tarde, ao entrar do sol, paramos, para o preparo do jantar.

Naquela hora, o mal acostumado índio fez a sua despedida, e, pegando da sua trouxa de roupas, cumpriu, de fato, o que prometera.

Através da floresta, a pé, voltou para a vila.

Como eu não podia seguir viagem com dois homens apenas, mandei um destes, no dia seguinte, bem cedo, voltar à povoação, especialmente para arranjar mais outro, afim de substituir o que nos havia largado.

Cerca das dez horas, o meu emissário estava de volta, tendo trazido em sua companhia o homem de que precisávamos.

Logo após, prosseguimos a nossa viagem.

Velejando de quando em quando, mas geralmente remando, íamos seguindo vagarosamente.

Sofríamos muita importunação com a chuva que caía, e que era quase incessante.

Os mosquitos, outrossim, eram para nós uma grande tortura.

Noites e noites seguidas, eles nos faziam ficar num estado de verdadeira irritação febril.

Não podíamos fechar os olhos, nem um momento sequer.

Os índios sofriam tanto quanto nós mesmos, com aquela importuna praga.

É um erro supor que os mosquitos não os picam.

Vós os percebeis, a noite toda, a bater constantemente em seus próprios corpos nus, a fim de afugentar os atormentadores bichinhos.

Para deles se livrar, enrolam-se completamente com os panos das velas, preferindo sofrer as angústias de uma minissufocação a sofrer as irritantes picadas dos mosquitos.

Lugares há, ao longo das margens do rio, onde tais insetos não aparecem.

Não havia persuasão melhor para os nossos homens remarem com vontade do que a possibilidade de alcançar um desses lugares, antes da meia-noite, somente para se gozar o conforto de um sono tranqüilo até de manhã.

Em fins de dezembro, alcançamos a pequena vila de Serpa, tendo chegado ali num dia de festa, e justamente na hora em que havia saído do templo uma procissão.

Algumas mulheres e moças, enfeitadas de fitas e de flores, iam dançando pelas ruas, no trajeto para a igreja.

O padre ia à frente, da maneira mais burlesca possível.

À noite, fomos à casa da festa, onde se estavam realizando as danças.

Lá, foram-nos oferecidos vinhos e doces. Compramos café e um enorme cesto de bananas. Descobrimos, no dia de Natal, uma casa, cujos moradores haviam pescado grande quantidade de peixes.

Pretendíamos comprar alguns deles, porém não no-los quiseram vender; de boa vontade, contudo, presentearam-nos eles com um bom pedaço de peixe para o nosso jantar.

Ali compramos alguns ovos.

Prosseguindo, então, a viagem, paramos, à tarde, para preparar com farinha o nosso pudim de Natal.⁶⁸

Assim, com um pouco de peixe, uma xícara de café e o bolo, tivemos a nossa tolerável ceia de Natal.

E, enquanto comíamos o grosseiro pudim, os nossos pensamentos voltaram-se então para o nosso distante e saudoso lar e para os nossos caros amigos.

Em suas fartas e luxuosas mesas, com certeza, haveriam de lembrar-se de nós, deles tão distantes aqui, nestas remotas paragens do alto Amazonas.

68 No original, “farinha pudding”.

.....

Capítulo VII
Barra-do-Rio-Negro e o Solimões

ASPECTOS DO RIO NEGRO – A CIDADE DA BARRA – SEUS HABITANTES E COMÉRCIO LOCAL – EXCURSÃO PELO RIO NEGRO ACIMA – A LÍNGUA GERAL – O “GAVIÃO-DE-PENACHO” – MODO DE VIDA DOS ÍNDIOS – REGRESSO A BARRA – ESTRANGEIROS NA CIDADE – EXCURSÃO AO SOLIMÕES – O IGAPÓ – MANAQUERI – VIDA DE CAMPO – ABAÇARIS DE CRISTAS ANELADAS – URUBUS E ONÇAS – CULTURA E PREPARO DO TABACO – O PEIXE-BOI – O SR. BRANDÃO – UMA PESCARIA COM O SR. HENRIQUE – CARTAS DA INGLATERRA

N

O DIA 31 de dezembro de 1849, alcançamos a cidade da Barra, no rio Negro.

Na véspera (dia 30), apesar de já se haver sumido o sol no pardo Amazonas, nós continuamos remando, até tarde da noite, quando alcançamos alguns rochedos na barra do rio Negro, tendo apanhado ali, nos seus baixos, alguns bonitos peixes.

Na manhã seguinte, surpresos, reparamos então na maravilhosa mudança da cor das águas, em redor de nós.

Bem podíamos imaginar que estávamos no rio Stige, pois, em qualquer direção que olhássemos, as águas eram cor de tinta preta, exceto onde a sua alva areia, vista à profundidade de alguns pés, tinha um matiz de ouro.

A água, propriamente, é de um pardo-claro, sendo este seu colorido perfeitamente perceptível, quando examinada num copo, enquanto na parte mais profunda parece ser negra, como azeviche, e bem merecendo, por isso mesmo, o seu nome de “rio Negro”.

Trazíamos cartas de apresentação para o Sr. Henrique Antony, um súdito italiano ali estabelecido há muitos anos, – e um dos principais negociantes da cidade.

Ele recebeu-nos com a mais cordial hospitalidade, o que fez com que, desde logo, nos sentíssemos como que em nossa própria casa.

Prontamente pôs a nossa disposição dois cômodos de uma casa nova, de sua propriedade, que ainda não tinha sido acabada de construir, convidando-nos ainda a tomar as nossas refeições à sua mesa.

A cidade da Barra-do-rio-Negro está situada na margem leste daquele rio, cerca de doze milhas acima de sua junção com o Amazonas.

E está localizada em um terreno desigual repleto de ondulações, cerca de 30 pés acima do nível das mais altas cheias, e é cortada por dois córregos, cujas águas, na estação chuvosa, atingem a considerável altura, havendo, porém, sobre eles duas pontes de madeira.

As suas ruas são regularmente traçadas; não têm, no entanto, nenhum calçamento, sendo muito onduladas e cheias de buracos, o que torna a caminhada sobre os seus leitos muito desagradável, principalmente à noite.

As casas geralmente só têm um pavimento; são cobertas de telha vermelha e assoalhadas com tijolos, têm as paredes pintadas de branco ou de amarelo; e as portas e janelas, pintadas de verde.

Quando o sol bate sobre elas, o efeito é muito bonito.

Da “Barra”, ou antigo forte, só há, presentemente, uns restos de muralhas e um monte de terra.

Há duas igrejas na cidade; são, porém, muito pobres e bastante inferiores à de Santarém.

A população da cidade é de 5.000 a 6.000 habitantes, dos quais a maior parte é constituída de índios e mestiços.

Na verdade, provavelmente, não há ali uma única pessoa, nascida no lugar, da qual se diga que seja de puro sangue europeu, tanto e tão completamente se têm os portugueses amalgamado com os índios.

O comércio local consiste principalmente na exportação de castanhas, salsaparrilha e peixe, e as importações são tecidos europeus, de inferior qualidade, cutelaria ordinária, colares, espelhos e outras bugi-gangas mais, para o comércio com as tribos indígenas, das quais a cidade é o quartel-mestre.

A sua distância de Belém do Pará é de cerca de 1.000 milhas; e a viagem, rio acima, ao tempo das cheias, gasta muitas vezes de dois a três meses.

Por esse motivo, a farinha de trigo, queijo, vinho e outros gêneros de primeira necessidade, são sempre muito caros, e, por vezes, não se pode obtê-los, quando chegam a faltar.

Os habitantes mais civilizados de Barra dedicam-se todos ao comércio, não havendo ali qualquer outra diversão, se assim podemos considerar, que não seja a de beber e jogar em pequena escala.

A maior parte nunca abre um livro ou trata de empregar o seu tempo em qualquer outra ocupação intelectual.

Por conseguinte, o que disso se poderá inferir é que se atende mais ao luxo; aos domingos, principalmente, todos trajam as suas melhores roupas.

As mulheres vestem-se elegantemente, exibindo lindos vestidos, confeccionados com gazes e musselinas francesas.

Em geral, têm elas bonito cabelo, que é penteado cuidadosamente; ornam-no de flores e não o cobrem, pois não usam chapéus, nem escondem o rosto sob véus.

Os homens, que passam a semana inteira em mangas de camisa e de chinelos, nos imundos armazéns, trajam nesse dia bonitos ternos escuros, chapéu de castor, gravata de cetim e finíssimos sapatos de pelica.

Então, conforme é moda ali, é a ocasião própria para fazer visitas, indo uns às casas dos outros, para palestrar, tendo como assunto

principal da conversação os escândalos. que se acumularam durante a semana.

Os sentimentos morais em Barra estão reduzidos ao mais baixo grau de decadência possível, mais do que em qualquer outra comunidade civilizada.

Ouvem-se ali, diariamente, falatórios a respeito das mais respeitáveis famílias do lugar, os quais dificilmente, seriam acreditados pelos habitantes dos piores bairros de São-Gil.⁶⁹

A estação das águas já havia principiado; e, por isso, logo verificamos que pouco poderíamos fazer ali, no que diz respeito a coleções de pássaros ou de insetos.

Fui informado de que agora é o tempo mais próprio para encontrar-se o “gavião-de-penacho”,⁷⁰ célebre gritador, de plumagem bonita, e que se acha, freqüentemente, nas ilhas do rio Negro, a cerca de três dias de viagem águas acima.

O meu desejo de ir até lá, comuniquei-o ao Sr. Henrique, e este prontamente tomou a iniciativa de solicitar das autoridades que me fossem fornecidos os índios necessários para fazer tal viagem.

Quando eles vieram, o que aconteceu uns três ou quatro dias após, eu parti, na minha própria canoa, deixando ali meu irmão H., que deveria ir até uma fazenda situada em outra direção.

Gastei três dias em minha viagem rio acima, e tive então oportunidade de observar a notável diferença entre o Negro e o Amazonas.

Ali não se viam mais as ilhas de ervas flutuantes, nem os troncos de árvores desarraigadas, com as suas cargas de gaivotas, e raramente se lhe percebia qualquer correnteza no álveo.

E poucos são os sinais de vida nas suas escuras e plácidas águas.

E todavia, quando ocorre uma tempestade, levantam-se nelas ondas muito mais altas e mais perigosas do que as do Amazonas.

69 “São-Gil” é o nome de uma espécie de “Suburra” de Londres.

70 No original, aqui e alhures, “umbrella-chatterer” e “umbrella-bird”.

Quando se formam negras nuvens, lá no alto, mais escuras se tornam as suas águas, parecendo tinta, levantando-se em altas e agitadas ondas, que se lhe quebram em espumas sobre a vastidão do leito.

Aí, então, a cena é em extremo sombria e triste.

Em Barra, o rio tem cerca de milha e meia de largura.

Umhas poucas milhas para cima, alarga-se consideravelmente, formando-se, em muitos lugares, enormes baías, que chegam a ter de oito a dez milhas de profundidade.

Mais para cima, subdivide-se em vários canais, formando inúmeras ilhas, ficando o rio então com uma largura total, provavelmente, de não menos de vinte milhas.

Cruzamo-lo onde ele tem de quatro a cinco milhas de largura, e daí, ganhando-lhe a margem esquerda, entramos por entre as suas ilhas, não se vendo mais, desde então, as praias fronteiras de suas margens.

Passamos por muitas praias arenosas e pedregosas, em um longo trecho do seu curso; são elas, por toda parte, de margens muito alcantiladas, tendo uma luxuriante vegetação de arbustos e de árvores florestais, exceto somente nos lugares mais a pique. Durante o nosso trajeto, vimos várias choupanas e uma aldeia bem bonita, situada em lugar muito alto, tendo em frente um declive, todo coberto de relvas.

Afinal, conseguimos alcançar Castanheiro, onde reside o Sr. Balbino, e para o qual eu levava carta de apresentação.

Depois de sua leitura, quis então saber das minhas pretensões, e prometeu arranjar-me um bom caçador para matar pássaros e quaisquer outros animais que ou quisesse.

A casa do Sr. Balbino é conhecida geralmente pelo nome de “Sobrado”, ou casa de dois pavimentos, sendo nesse gênero uma das únicas que existem fora de Barra.

Está ela, contudo, em péssimo estado de conservação.

A escada, que lhe servia de acesso, estava com falta de dois degraus; para galgá-la, era necessário fazer-se um grande esforço muscular com as pernas.

Essa escada, como o Sr. Henrique depois me informou, há vários anos que se achava naquele estado, embora o Sr. Balbino tivesse

sempre um carpinteiro trabalhando a seu serviço, especialmente para fazer canoas, o qual poderia facilmente, em uma hora, colocar as duas tábuas que estavam faltando ali.

Um índio, que morava perto, chegou logo após; e então o acompanhamos até à sua casa, onde eu deveria ficar alojado.

Ela estava situada cerca de meia milha rio acima, na barra de um córrego, estando ali também residindo mais duas ou três famílias.

A parte da casa, que eu devia ocupar, era um pequeno cômodo de chão muito escorrido, com três portas, duas das quais eram de folhas de palmeira, e servindo de janela a outra. Não me tendo sido feita nenhuma outra oferta, aceitei desde logo o uso desse apartamento.

Aos homens, que eu havia trazido em minha canoa, dei ordem para descarregar as bagagens, e, em seguida, armando a minha rede, tomei posse, desde logo, do referido cômodo,

Os índios regressaram à Barra, comigo ficando apenas um menino, que o Sr. Henrique me emprestou, para acender fogo, coar café e preparar o jantar, prevendo assim o caso de não ser possível encontrar-se uma pessoa para esses serviços.

Tomei emprestada uma mesa, para trabalhar; mas, devido à grande inclinação do solo, objeto algum, que não tivesse uma larga base, poderia parar sobre ela.

As casas, aqui, ficam embrenhadas na floresta, e, embora não estejam apartadas mais do que vinte jardas, de uma não se avista a vizinha, estando todo o espaço, que as separa, e onde a primitiva floresta fora abatida, plantado de árvores frutíferas.

Somente um dos homens sabia falar o português.

Os demais falavam uma língua indígena, chamada “língua geral”, que eu achei a princípio muito difícil de assimilar, devido à falta de livros adequados para o seu ensino.

Contudo, é uma língua muito simples e muito fácil de aprender.

A palavra *igarapé*, que se aplica geralmente para a designação de rios pequenos, significa “caminho das canoas”.

Tabatinga, “fumaça”, literalmente quer dizer “fogo branco”.

Muitas palavras soam como no grego; por exemplo: *sapucaia*, “ave”; *apegana*, “homem”.

Nos vocábulos que designam animais, a mesma vogal repete-se muitas vezes, produzindo um efeito bastante eufônico. Assim, temos as seguintes palavras: *parauá*, “papagaio”; *maracajá*, “gato do mato”; *sucuruju*, “cobra não venenosa.”

O indiozinho, que se achava em minha companhia, sabia falar o português e a língua geral, e, desse modo, com o seu auxílio, eu podia arranjar-me muito bem.

No dia seguinte, chegou o caçador que eu estava esperando.

Logo depois, saiu ele em sua canoa, em demanda das ilhas, onde são encontrados os “gaviões-de-penacho”.⁷¹

À tarde, já depois do escurecer, estava de volta, tendo então trazido um bonito espécimen dessa ave.

Este singular pássaro, que é do tamanho de um corvo, tem uma plumagem também parecida com este.

As suas penas têm aspecto de escamas, com um sombreado de tom azul muito lustroso, nas beiradas.

É aliado aos corvos, com estes muito se parecendo, pela estrutura do bico e dos pés.

No alto da cabeça tem um penacho, que é diferente do de todas as outras aves, sendo o mesmo formado de plumas de mais de duas polegadas de comprimento, muito nítidas, e que são recurvadas nas extremidades.

Essas plumas podem cair para trás, tornando-se quais invisíveis, ou podem levantar-se e espalhar-se em roda da cabeça, formando um hemisfério ou, melhor, uma cúpula semi-elipsoidal, que cobre completamente a cabeça da ave, chegando mesmo a alcançar a ponta do bico.

As penas individuais ficam então eretas, como se fossem segmentos de dentes de leão.

71 Goeldi (ob. cit., págs. 53-54) informa que os nossos “gaviões-de-penacho”, pertencentes à espécie *Spizaetus*, são vulgarmente chamados *inapacanim* e *urutaurana*.

Além desse, há ainda outro apêndice ornamental, no peito, formado de um tubérculo carnoso, muito basto e muito duro, de polegada e meia de comprimento, que desce desde o pescoço, sendo abundantemente coberto de penas de cores muito brilhantes, formando um largo feixe ou uma borla de plumas pendentes.

Este tubérculo pode a ave também encolhê-lo contra o peito, de modo a torná-lo dificilmente visível, ou entumecê-lo, de modo a ocultar quase toda a parte dianteira do corpo.

Na fêmea, tanto o penacho como as plumas do pescoço são muito menos desenvolvidos, sendo ao mesmo tempo uma ave muito menor e muito menos formosa.

Esses pássaros habitam as ilhas matagosas do rio Negro e do Solimões, e nunca aparecem em terra firme.

Alimentam-se de frutos e emitem um som profundo e rouco, muito forte, como o de um grave instrumento musical.

Daí o seu nome indígena de ueramimbé, “pássaro-trombeta”.⁷²

Todo o seu pescoço, de onde se espalha a borla de penas, cobre-se inteiramente de uma dura e espessa membrana muito gorda e muito cheia de músculos, que é bem difícil de extrair, o que é necessário fazer no preparo da pele, pois do contrário apodrece e as penas logo caem.

Essas aves encontram-se regularmente, porém são muitíssimo ariscas.

Ficam empoleiradas nas árvores mais altas, e, como são muito musculosas, não são derrubadas facilmente senão quando bastante feridas.

O caçador que eu havia contratado para caçá-las trabalhava perseverantemente; saía todos os dias, ao romper da madrugada, e só voltava às nove ou dez horas da noite.

Todavia, nunca trouxe mais de dois de cada vez, geralmente um e algumas vezes nenhum.

⁷² O nome exato desse *Cephalopterus ornatus*, como se pode ver em Stradelli (ob. cit., pág. 702), é *uirá-membi*, que quer dizer “pássaro-flauta”.

Os bonitos e raros *manokins* (cotingas), de cauda pequena e cerdosa, e duas espécies de *mutuns*, são os únicos pássaros que se encontram nas ilhas.

As arapongas, de penas muito alvas, encontram-se nas terras firmes, porém empoleiram-se nas árvores mais altas, e quase fora do alcance de tiro.

As que me foram trazidas estavam muito desfiguradas pelo sangue, tendo sido atiradas umas quatro ou cinco vezes, antes de cair no solo.

O bonito pássaro-trombeta (*Phophia crepitans*),⁷³ de uma espécie diferente da que se vê no Pará, aqui é abundantemente encontrado.

Um pequeno e raro tucano (*Pteroglossus Azarae*), alguns papagaios, falcões e perdizes brasileiras são as únicas aves que também se encontram.

Os insetos de maneira alguma são abundantes.

Nas matas, havia notado que, quase sempre, onde há um caminho aberto na floresta, a luz coada ou a sombra são propícias para determinadas e variadas espécies de plantas vicejarem, e, quando soltam as suas flores, estas atraem grande variedade de insetos.

Nos caminhos em lugares abertos, parece que há semelhantes atrativos para muitas espécies de insetos.

Nesses lugares, as nossas colheitas sempre rendiam algo.

As grandes borboletas de asas azuis e algumas outras menores voam ao longo dos caminhos muitas milhas.

Quando afugentadas, desviam-se para a floresta, mas voltam de novo para o caminho.

Os clarões da luz solar e as correntes de ar, agindo livres na floresta, atraem alguns insetos.

Outros procuram as flores, que se encontram ali, enquanto em qualquer partícula de matéria animal, no caminho, é certo também achar-se um bom número de diferentes espécies de insetos.

73 É o *jacamim*.

Assim sendo, do número e da extensão dos caminhos, na floresta dependerão em grande parte os sucessos do entomologista, nesta parte da América do Sul.

Havia dois outros cômodos na casa onde eu estava alojado que eram habitados por três famílias.

Os homens geralmente trajavam um par de calças; as mulheres, apenas uma tanga; e as crianças, nada absolutamente.

Vivem da maneira mais frugal possível.

A princípio, fiquei deveras confundido com isso, procurando então descobrir o que é que eles comem em suas refeições.

Pela manhã muito cedo, cada um come uma cuia de mingau.⁷⁴

Ao meio-dia, comem um bolo de farinha seca ou um inhame assado; e, à tarde, outra vez uma cuia de mingau de farinha ou de banana.

Eu não podia imaginar que realmente nada mais do que isso tivessem para comer.

Afinal de contas, fui obrigado a chegar à conclusão de que as suas variadas preparações de mandioca e de água é que constituem, na verdade, o seu único alimento.

Uma vez por semana, mais ou menos, arranjam um pouco de peixe ou uma ave.

Isso, porém, tem que ser repartido entre tantas pessoas, que serve somente como uma variante ao pão de mandioca.

Meu caçador, quando saía para o mato, nunca levava consigo qualquer outra coisa mais, a não ser um saquinho de farinha seca.

Quando voltava, após ter estado quatorze horas na canoa, sentava-se em sua rede, e ali ficava a palestrar, como se o seu sentido estivesse muito longe de pensar em comer.

E daí, quando lhe traziam uma cuia de mingau, muito calmamente o comia, parecendo ficar deveras satisfeito somente com esse alimento.

74 *Mingau* é uma espécie de sopa que se prepara, quer com farinha, quer com umas bananas muito grandes, que são chamadas *pacovas* (nota do autor).

Com isso só ficava pronto para partir de novo rumo da floresta antes do romper da manhã, no dia seguinte.

Todavia, ele parecia ser tão vigoroso e tão resistente como o próprio John Bull, que come diariamente succulenta carne de vaca ou de carneiro.

A maior parte dos frutos silvestres, que são os preferidos desta gente, principalmente pelas mulheres e pelas crianças, são de um sabor muito ácido ou muito amargo.

Só depois de algum tempo, é que um estrangeiro poderá habituar-se a comê-los.

Por vezes, quando eu via alguma criança roendo um fruto qualquer, eu pedia para prová-lo, julgando que deveria ser doce ou agradável ao paladar, principalmente ao das crianças, quando ainda estão na idade de brincar com bonecas.

Contudo, eu verificava que o mesmo tinha um sabor muito parecido com o do álves ou da quássia, cujo gosto amargo ficava mais de uma hora em minha boca.

Alguns têm um gosto de abóbora, e outros são tão picantes, como o agrião.

Esta gente parece estar sempre muitíssimo ocupada; entretanto, muito poucos dos seus serviços é que aparecem.

As mulheres vão arrancar as raízes da mandioca ou de inhame, quando não têm plantações ou colheitas a fazer.

Lá, de quando em quando, têm potes para fabricar, e poucas são as suas roupas para lavar e remendar.

Os homens estão sempre ocupados na floresta, ora derrubando mato, para fazer as suas roças, ora lavrando madeira, para fazer canoas ou remos, ora aparelhando uma tábua, para qualquer outro propósito.

As suas casas estão constantemente carecendo de consertos.

As folhas, para cobri-las, têm que ser trazidas de grandes distâncias.

Outra hora, estão a fazer os seus cestos, arcos, flechas ou quaisquer outras coisas, que lhes absorvem todo o tempo.

Com isso, todavia, nada mais fazem do que produzir senão aquilo somente de que mais precisam, não lhes permitindo quase nenhuma folga para fazer uma excursão em busca de uma caça qualquer, que é abundante nas florestas das redondezas.

Disto resulta que cada um faz tudo que é preciso para si mesmo, mas vagorosamente, com um grande desperdício de trabalho e de tempo, em vez de ocupar-se com uma indústria qualquer e trocar os seus produtos pelas mercadorias de que tiver precisão.

Um índio gasta uma semana inteirinha para abater uma árvore na floresta ou fabricar um objeto qualquer, o que, pela divisão do trabalho, poderia ser feito por 6 pence.

A conseqüência desse sistema é que o produto do seu trabalho de uma semana valerá apenas 6 pence.

E, por isso mesmo, gasta ele toda a sua vida trabalhando para obter um escasso vestuário, numa região onde o alimento pode obter-se quase de graça.

Após a permanência de um mês, tendo conseguido obter vinte e cinco espécimens do “gavião-de-penacho”, comecei a fazer os preparativos para o meu regresso à Barra.

No último dia de minha estada ali, o meu caçador ainda saíra para caçar, e, na volta, trouxe um bonito espécimen dessa ave, que ainda se achava viva.

Ela fora ferida na cabeça, pouco adiante do olho, e caíra no solo estonteada; porém, logo depois, se tornara outra vez bastante esperta.

Na ocasião em que me fora trazida, estava tão forte e tão brava, como se ainda estivesse muito sã.

Pusemo-la em seguida dentro de uma cesta de vime; porém, durante dois dias, não quis aceitar alimento de espécie alguma.

Eu a alimentava à força, empurrando-lhe pela goela abaixo alguns pedaços de banana, e assim continuei fazendo, vários dias ainda, com muito cuidado e muita dificuldade, pois as suas unhas eram muito compridas e aguçadas.

Em nosso regresso para a Barra, encontrei, na margem do rio, umas frutas pequenas, do tamanho de uma uva, tendo sabor um tanto ácido, as quais ela comeu avidamente, engolindo-as inteiras.

Até à cidade, a ave foi muito bem; mas, ali, pôde viver somente mais uns quinze dias, pois um dia caiu do poleiro em que se achava, morrendo imediatamente.

Quando a depenei, verifiquei, então, que o chumbo lhe havia quebrado os ossos da cabeça, penetrando-lhe os miolos.

Era de causar surpresa ter essa ave podido viver tão longo tempo, como se estivesse perfeitamente sã.

Durante o tempo em que ela viveu, pude observar-lhe os hábitos e a maneira pela qual abria e fechava a bonita crista e as plumas do pescoço.

Em Barra, tive algum tempo de folga.

A estação das águas já havia começado regularmente.

Raro era o dia que se passava sem chuva.

Dias seguidos, chovia incessantemente.

Quando havia alguma estiada, fazíamos excursões à floresta, mas raramente conseguíamos encontrar qualquer coisa interessante, e o pouco que apanhávamos, era com dificuldade que podíamos conservar.

A atmosfera estava tão saturada de umidade, que os insetos emboloravam, as penas e os pêlos desprendiam-se e caíam das peles dos pássaros e dos outros animais, tornando-as quase inúteis.

Entretanto, em Barra, nessa ocasião, havia um regular número de estrangeiros, e desse modo podíamos matar o tempo com um pouco de prosa.

Dois comerciantes do Amazonas, um americano e outro irlandês, haviam chegado ali.

O Sr. Bates, que alcançara a Barra poucos dias depois da minha partida, também ainda se achava ali.

E, como eu próprio, estava ele sem vontade de partir para os territórios mais remotos, com um tempo tão inconveniente para viagens, qual o que agora estava fazendo.

Na cidade residiam também três alemães, um dos quais entendia um pouco de ciências naturais.

E todos três sabiam cantar muito bem.

Por essa forma, contribuíam com algum divertimento.

Havia ainda outro estrangeiro, um norte-americano, de nome Baker, que era surdo-mudo.

Era um rapaz muito inteligente e bem humorado, que trazia tanto os brasileiros, como nós outros, em constante alegria.

Fora educado com Laura Bridgman, na mesma instituição, para ser professor de surdos-mudos.

Ele parecia ter extraordinária paixão por viagens, e isso, provavelmente, como o único meio de lhe fornecer, através de seu único sentido, a necessária soma de estímulos para a sua mente.

Já tinha viajado através do Peru e do Chile; e, no Brasil, de Belém até Barra.

A sua pretensão agora era seguir até Demerara, pelo rio Branco, e de lá alcançar outra vez os Estados Unidos.

Mantinha-se à custa da venda de um alfabeto para surdos-mudos, com explicações em espanhol e português.

Trazia sempre consigo uma ardósia, na qual escrevia algumas frases em inglês ou francês e também muito corretamente em espanhol.

Por essa maneira, podia tornar conhecidos todos os seus desejos.

Em toda casa da Barra, ficava ele tão à vontade, como se fosse no seu próprio lar.

Entrava ou saía, quando muito bem entendia, pedindo, com a sua mímica, tudo que queria.

Era um rapaz muito alegre, que gostava de fazer graças para os outros, com as suas estranhas gesticulações.

Arvorava-se em frenologista.

Para isso, apalpava a cabeça de um português ou de um brasileiro, e, em seguida, escrevia sempre em sua ardósia:

“Very fond of the ladies.”

É, quando isto era traduzido para a língua portuguesa, “louco por mulheres”, quase sempre provocava as mais francas gargalhadas de todos os que se achavam presentes e que diziam então: “É verdade”, com manifestos sinais de espanto pela penetração de Baker.

Era um fumante inveterado e bebia muito vinho e outras bebidas alcoólicas, mas abusava tanto que, por vezes, chegava a ponto de fazer papel ridículo com as suas extravagâncias.

Contudo, era geralmente estimado, e, por muito tempo ainda, será lembrado pelo povo de Barra.

Pobre rapaz! Não veria mais nunca o seu torrão natal!

Poucos meses depois, veio a falecer na Fortaleza de São-Joaquim, no rio Branco de febre amarela, segundo se disse.

Não obstante todas estas distrações, ia-se escoando o tempo lenta e melancolicamente.

Ali chegara também, logo depois, o Sr. Hauxwell, que se juntou ao nosso grupo.

Nada disso, entretanto, podia reparar a desolação e morte que as incessantes chuvas pareciam produzir em toda a natureza animada.

Dois ou três meses assim se passaram, na mais ociosa monotonia, quando o tédio então atingiu ao seu ponto máximo.

Havendo alguma probabilidade de melhorar o tempo, resolvi fazer uma excursão ao Solimões (como é denominado o Amazonas, para cima de sua barra com o rio Negro), especialmente para ir até à fazenda de criação do Sr. Brandão, sogro do meu bondoso hospedeiro.

O rio, então, estava muito alto, e grandes tratos das terras baixas, entre o rio Negro e o Amazonas, achavam-se cobertos pela águas.

A isto se dá o nome de *gapó*⁷⁵ e constitui um dos mais singulares aspectos do Amazonas.

Estende-se ele desde um pouco acima de Santarém até aos confins do Peru, numa distância de cerca de 700 milhas, variando a sua largura, de cada lado do rio, de umas dez a vinte milhas.

75 O certo é *igapó* (de i, “água”, e gapó, “mato rasteiro”), que quer dizer, portanto, “mato cheio de água”, “mato inundado”.

De Santarém a Coari – esta última uma pequena cidade situada no Solimões –, qualquer pessoa pode seguir de canoa, na estação das águas, sem entrar uma vez sequer no leito do rio principal.

Poder-se-á passar através de rios, de lagos e de pântanos, e, por toda parte, achar-se-á em torno um ilimitado deserto de águas, tudo coberto, porém, de uma alta floresta virgem.

Dias seguidos, poder-se-á viajar através desta floresta, esbarrando nos troncos das árvores, ou parando, para poder passar sob as folhas cheias de espinhos das palmeiras, cujas copas, embora fiquem no topo de caules de 40 pés de altura, estão ao nível da superfície das águas.

Neste labirinto sem trilhos, sem rastos, o índio encontra caminho pelas ligeiras indicações de ramos quebrados ou de arranhões nas cascas das árvores.

E assim, dias seguidos, tranqüilamente, viaja, como se estivesse trilhando uma estrada bem batida.

Há animais que são característicos do *igapó*, pois que se alimentam dos frutos de árvores que só vicejam ali.

Os índios, aliás, afirmam que toda árvore, que cresce no *igapó*, se distingue de todas as outras, que se encontram em outros rincões.

E, quando consideramos as extraordinárias condições sob as quais vivem estas plantas, que ficam submersas por espaço de seis meses, durante o ano, até que possam ganhar altura suficiente para permanecer acima do nível das mais altas águas, parece provável que tal deve ser mesmo o caso.

Dos trogônidas, muitas espécies são peculiares aos *igapós*, enquanto outras o são florestas virgens de terra firme.

O “gavião-de-penacho” encontra-se somente ali, bem como o *manakin* de cauda peluda.

Algumas espécies de macacos somente são vistas no tempo das águas.

Tribos inteiras de índios, como os purupuru e os muas, habitam somente nos *igapós*, ocupando, no tempo da seca, pequenas docas, que armam num instante, nas praias arenosas, e morando em jangadas, quando é tempo das águas.

Passam em canoas a maior parte da existência, dormindo em toscas redes, que ficam suspensas de árvores, porém sobre profundas águas.

Estes índios não cultivam cereais, vivendo exclusivamente de peixes, tartarugas e peixes-bois, que apanham nos rios.

Da cidade da Barra, atravessando o rio Negro, entramos logo em um trato de terrenos dessa feição.

Tivemos que forçar a passagem da nossa canoa por entre densas moitas de arbustos ou sob galhos dos mesmos.

Mais adiante, ganhamos outra parte, onde as árvores eram mais altas.

Reina ali a mais profunda tristeza.

Os ramos mais baixos das árvores nivelam-se com a superfície das águas.

Muitas árvores estavam florescendo.

Por vezes, prosseguíamos por entre uma alameda de palmeiras baixas, de cujas folhas somente uns poucos de pés estavam acima da superfície das águas.

Dentre elas, via-se a palmeira *marajá*, soltando em bonitos cachos os seus frutos saborosos.

Os índios, enquanto íamos passando, com as suas longas facas cortavam alguns cachos.

Mais adiante, o farfalhar de ramos e folhas das árvores, sobre nossas cabeças, indicava que os macacos estavam bem perto de nós.

E logo os descobrimos, espreitando-nos por entre a espessa folhagem; mas, em pulos rápidos, lá se iam embora, logo que percebiam que os havíamos lobrigado.

Dali a pedaço, ficávamos sob a intensa luz solar, em um lago de ervas, apinhado de lírios e de outras belas plantas aquáticas, as *Utricularias*, de pequenas hastes amarelas, e as *Pontederias*, com as suas lindas flores, de um azul muito vivo, e suas curiosas folhas, que vicejam em grossos talos.

Embrenhamo-nos, de novo, na umbrosa floresta e fomos então deslizando por entre altíssimos troncos de árvores, que se sobreerguem, como colunas, das águas profundas.

Uns salpicos de água, dos frutos que estão a cair lá bem do alto, delatam que alguns pássaros estão a alimentar-se.

E percebíamos, lá bem em cima, um bando de periquitos ou alguns papagaios, de plumagem de cores muito vivas, e a linda e muitíssimo estimada pompadora,⁷⁶ com as suas asas de delicadas e alvas penas e de plumagem cor de vinho.

Acolá, um trogônida, fazendo extraordinária bulha, voando, tenta apanhar um fruto.

Um tucano estouvado faz balouçar o galho, onde pousa abruptamente.

Que linda flor amarela é aquela que se vê acolá, como que suspensa no ar, entre dois troncos de árvores, e, todavia, tão distantes um do outro?

Como ela brilha na obscuridade da floresta, como se as suas pétalas fossem de ouro!

Passamos bem perto dela, e percebemos, então, a sua haste, semelhante a um fio retilíneo, de jarda e meia de comprimento.

É um *Oncidium*, uma das tribos mais estimadas das orquídeas.

Com os seus cachos de flores de cores muito vivas e muito brilhantes, ela torna mais alegres estas florestas tristonhas.

Logo depois, vêem-se outras, e daí em diante, mais outras aparecem, todas ostentando flores alvas, amarelas, escarlates, algumas vicejando em troncos apodrecidos, que flutuam na água, porém na sua maioria sobre musgos e cascas podres.

Vê-se ali, ainda, outra espécie deveras magnífica, de quatro polegadas de largura, denominada pelos indígenas de “flor-de-Sant’Ana”, de uma cor purpurina muito viva e da qual se evola deliciosíssimo aroma.

76 No original, “pompadour”. Mas Goeldi (ob. cit., pág. 340) dá o nome científico, *Xipholena pompadora*, dessa ave, que é o nosso bacacu do rio Negro.

É uma espécie nova, e, neste gênero, é uma das flores mais lindas desta região.

Por vezes, até os próprios índios se permitem admirá-la, ficando como que estupefatos como tão linda flor possa vicejar, assim “à toa”, no *igapó*.

Afinal, após termos remado oito horas seguidas, ganhamos de novo as extensas águas do Solimões.

Que deslumbrante brilho era o do sol!

Quão alegre era o rio, com as suas águas reluzentes!

Que satisfação e quão agradável ver outra vez as suas ilhas de ervas flutuantes e os enormes troncos de árvores, com as suas cargas de gaivotas, gravemente pousadas sobre eles!

Estas e as embaúbas (*Cecropia*), com as suas folhas esbranquiçadas e muito espalhadas, dão ao Amazonas um aspecto inteiramente distinto do que se observa no rio Negro, independentemente de suas águas diferentemente coloridas.

Agora, entretanto, não havia ali terra firme, que se pudesse alcançar.

E receávamos, por isso mesmo, que talvez nos fosse forçoso passarmos somente a um mingau frio de farinha e água.

Felizmente, encontramos um enorme tronco de árvore, que se achava flutuando, porém perfeitamente imóvel, por estar engastalhado entre as ervas flutuantes de bem perto das margens.

Sobre esse tronco, com alguns gravetos, conseguimos acender fogo, e, assim, assamos peixe e coamos café.

Mas, ali, fomos invadir uma grande colônia de incomodativas e picantes formigas que, não estimando a presença e a proximidade do fogo, nem tampouco preferindo ir para a água, enxamearam a nossa canoa, espalhando-se por toda ela.

E, assim, somente por causa do nosso jantar, tais insetos, de maneira bem desagradável, fizeram-nos pagar um sério tributo.

Sobreveio logo a noite.

Tivemos de permanecer ali mesmo, para pernoitar.

Os mosquitos, dentro em pouco, tornaram conhecida a sua presença.

Atormentados por eles, até o dia amanhecer, passamos a noite inteira desassossegadamente, num estado quase febril.

Prosseguindo a nossa viagem alcançamos, na noite seguinte, a barra de um pequeno rio, pelo qual chegaremos a Manaqueri, e ali, felizmente, poucos mosquitos tivemos a atormentar-nos.

No dia seguinte, cedo ainda, penetramos de novo no igapó, passando através de alguns pequenos lagos tão entulhados de ervas, que a canoa mal podia mover-se, para passar sobre elas.

E então imergimos outra vez no igarapé, de cerca de um quarto de milha de largura, e às dez horas da manhã alcançamos, finalmente, Manaqueri.

A fazenda está localizada na margem meridional do Solimões, a cerca de cem milhas acima da barra deste com o rio Negro.

O terreno, em torno da fazenda, no seu conjunto, consiste em igarapés ou pequenos rios, lagos, igapós e trechos de terras firmes e altas, mas tão confusamente espalhados e misturados, que se torna às vezes muitíssimo difícil dizer se uma porção qualquer é ilha ou não.

O solo a uma curta distância da margem do rio, ergue-se num abrupto e rochoso penhasco, 30 ou 40 pés acima do nível das mais altas cheias.

As rochas são de natureza vulcânica e têm um aspecto muito grosseiro, algumas vezes vítreo, qual o de escórias.

Galgando os rudes degraus do barranco, achei-me de repente à ourela do chão de um prado relvoso, no qual se viam espalhadas muitas mangueiras, e, lá no fundo, uma cerrada moita de goiabeiras.

Viam-se algumas reses e alguns carneiros, que pastavam ali, e, mais perto da casa, leitões e poldros.

A casa era uma enorme choupana, coberta de folhas de palmeiras, na metade da qual estava instalado o engenho de cana, e era cercada, ao invés de paredes, por paus-a-pique, de madeira roliça.

A outra metade tinha paredes barreadas, mas bastante arruinadas, e janelas pequenas, tapadas com folhas de palmeira.

O assoalho, em vez de ser de madeira, era só de terra batida, porém muito desigual, cheio de altos e baixos.

E, todavia, ali morava o Sr. Brandão, em companhia de sua filha, que eu ficara conhecendo em Barra.

O que é fato é que, há uns dez ou doze anos, durante a revolução,⁷⁷ um grupo de índios assaltou-lhe a propriedade, queimando a casa, destruindo o jardim e as árvores frutíferas, além de matar-lhe vários escravos e o gado.

E os malfeitores ter-lhe-iam matado também a esposa e os filhos, se estes não tivessem tido aviso no momento, fugindo ainda a tempo para a floresta, onde permaneceram três dias, passando a milho e frutos silvestres.

O Sr. Brandão, nessa ocasião, achava-se na cidade, e ali permaneceu, enquanto durou a revolução, que se prolongou por vários anos.

E muito contente ainda ficou, por ter depois a família em sua companhia e em perfeita segurança.

E, assim, não pôde cuidar da reconstrução da casa.

Desde algum tempo, fora nomeado delegado de polícia, cargo esse que exerceu alguns anos, e há pouco tinha justamente voltado a residir na fazenda, em companhia de uma filha solteira.

De resto, tem muito que fazer ali, para pôr todas as coisas em ordem.

Sua esposa já era falecida, e ele não sentia mais o prazer e o entusiasmo de outros tempos, para bem zelar daquela sua propriedade.

E também é muito provável que, após ter morado ali tantos anos, tanto se acostumou com as novas condições, que chega a julgar inteiramente desnecessário fazer quaisquer despesas com a reconstrução da sua casa.

Era para causar estranheza, outrossim, ver-se uma moça, decentemente trajada, sentar-se numa esteira, no chão, tendo à sua roda

⁷⁷ O autor refere-se à “Cabanagem”, que durou no Pará até 1837, porém que no Amazonas (então simples comarca) se estendeu até 1840.

meia dúzia de índias, que ficavam fazendo rendas e outros trabalhos de agulha.

Chegando eu ali, ela levantou-se e logo me apresentou sua irmã mais velha, que era casada e se achava também ali.

Logo após, surgiu o Sr. Brandão, que acabava de chegar de seu canavial, e que me recebeu muito cordialmente.

Cerca do meio-dia, sentamo-nos para jantar, que consistiu em tambaqui,⁷⁸ um deliciosíssimo peixe, arroz, favas, pão de farinha de milho e, depois, laranjas *ad libitum*.

Fiquei ali cerca de dois meses, usufruindo as delícias de uma regular vida de campo, e fazendo, simultaneamente, uma tolerável coleção de pássaros e de insetos.

Poucos dias depois, chegou o caçador que eu contratara em Barra e que começou logo a desempenhar as suas funções.

Quase sempre, à tarde, ele me trazia alguns pássaros ou macacos, os quais são abundantemente encontrados ali.

Nós nos levantávamos às 5½ da manhã, e às 6 tomávamos uma xícara de café quente.

Eu me sentava, então, para depenar pássaros, se algum me fora trazido na tarde anterior.

Quando não tinha esse serviço a fazer, pegava da espingarda e saía a passeio pelos arredores, para caçar pássaros.

Às 7 ou 7½ da manhã, tínhamos um prato de mingau de farinha ou, então, chocolate, com leite fresco, à guisa de almoço.

Ao meio-dia, pontualmente, jantávamos, sendo o prato comum, diariamente, o tambaqui, que era a principal iguaria, variando, de quando em quando, com frango, peixe-boi, veado ou outra caça qualquer.

Às 4 horas da tarde, tomávamos outra xícara de café com biscoitos, ou comíamos frutas.

78 É o *Myletes bidens*, que se encontra nos lagos, igarapés e igapós da bacia do nosso rio-mar. Dele dá longa e completa descrição o competente Raimundo de Morais, em “O meu dicionário de cousas da Amazônia”, vol. II, pág. 140.

Às 7 horas da noite, tomávamos ainda uma sopa de peixe, à guisa de ceia, se o pescador chegasse a tempo para isso.

Pela manhã, durante uns pares de horas, eu saía com a rede para capturar insetos.

Próximo do rio, nas margens, onde as águas da vazante deixavam depositado o barro que transportam, encontrava algumas espécies raras de borboletas, que pousavam em tais lugares.

Os araçarís ou pequenos tucanos de várias espécies, eram abundantemente encontrados ali.

Os mais belos e mais raros são os araçarís de crista anelada cuja cabeça se cobre de pequenos anéis listrados e são de uma substância muito mais semelhante a espinhos de pontas metálicas do que mesmo a penas.

Essas aves, por vezes, são abundantemente encontradas ali, porém só se vêem algumas semanas após o aparecimento das de outras espécies.

Afinal eu fui bem recompensado pela minha paciência, tendo conseguido vários espécimens.

Os comuns urubus pretos eram ali abundantes, e andavam algum tanto famintos, por falta de carniça.

Quando não podiam encontrar qualquer outra coisa, eram obrigados a comer os frutos das palmeiras na floresta.

Era um espetáculo deveras divertido, todas as manhãs, vê-los seguir de perto os leitões, no momento em que estes se levantavam.

Três ou quatro urubus marchavam encostados aos calcanhares dos porquinhos, para comer-lhes o estrume, no momento em que fosse lançado ao solo.

Os leitões pareciam ficar muitíssimo incomodados com um procedimento tão insólito.

Voltavam-se para trás, freqüentemente, e davam uma corrida, para espantar os seus perseguidores, que pulavam para fora do caminho, ou então voavam a uma curta distância.

Logo após, porém, retomavam as suas posições, e recomeçavam a perseguição, quando os porquinhos continuavam a sua caminhada.

Estou convencido de que os urubus, de acordo com as repetidas observações que fiz a esse respeito, dependem, para procurarem alimento, quase que só da vista e não de todo do olfato.

Enquanto eu depenava um pássaro, uma dúzia deles costumava ficar sempre atentamente a observar-me, a uma distância regular.

No momento em que eu lhes atirava um pedaço de carne corriam para apanhá-lo; mas freqüentemente, caía ele num buraco, ou entre as relvas, e, então depois de o procurarem, em vão a um pé de distância, não podiam encontrá-lo, e iam-se embora.

Um pedaço de barbante ou um fragmento de papel no solo, despertando-lhes a atenção, fá-los descer rapidamente e após verificarem o que é de fato, muito calmamente retornam aos lugares onde estavam pousados.

Escolhem sempre posições elevadas, evidentemente para ver que alimento podem descobrir.

Às vezes, voando a grande altura, descem na floresta, procurando o local onde morreu, ou foi abatida uma rês, e isso antes de a carne putrefazer-se ou exalar qualquer mau cheiro.

Algumas vezes, eu enrolava um pedaço de carne semipútrida num pedaço de papel, e atirava-o ao chão.

Desciam logo; mas após passarem sobre ele, retiravam-se inteiramente satisfeitos de que aquilo era somente papel e nada do que quer que fosse para comer.

O Sr. Brandão tinha duas marrãs muito gordas, ambas estavam amojando e deviam dar cria dentro de poucos dias.

Não havia ali chiqueiros ou rancho de qualquer espécie para abrigo dos porcos.

Em tais ocasiões, todas as porcas retiram-se para a floresta, e, dentro em poucos dias, aparecem, então, com os seus filhotes, tal qual fazem as nossas gatas.

As marrãs haviam desaparecido desde alguns dias, e já estava vencido o prazo em que deviam ter voltado.

Nesse momento, bem perto da casa, ouviu-se o urro de uma onça, e, desde então, receou-se que esta as houvesse comido.

Viu-se o rasto deixado pelo jaguar.

Fez-se, por isso, em seguida, uma cuidadosa batida pelos arredores, descobrindo-se então os restos de uma das marrãs num cerrado, a pouca distância da casa.

Na noite seguinte, ouvimos de novo os urros do felino, que devia estar a umas cinqüenta jardas do rancho aberto, onde nos achávamos dormindo.

Como havia no terreiro muitas reses, leitões e cães, nós, por isso, não alarmamos.

Pouco depois, ouviu-se o forte disparo de uma espingarda, em um rancho que ficava próximo do nosso, e onde morava um índio.

Ficamos certos de que a fera fora morta.

Na manhã seguinte, soubemos que a fera havia passado à vista, em frente da porta do rancho, mas o homem ficou tão assustado, que a alvejou a esmo, perdendo-se assim o tiro.

Há índios que são tão covardes, como qualquer outra pessoa.

Um dois ou três dias depois, ainda tivemos notícia da onça, que estava andando em outros pontos da fazenda.

O meu caçador, uma noite, foi ficar em uma espera, com o propósito de matá-la.

E foi bem-sucedido no seu intento, pois matou-a com um certo tiro apenas.

Era uma onça das maiores.

Acreditava-se que, além da marrã, tinha matado também uma vaca que havia desaparecido semanas antes.

A estação agora estava muito firme e seca.

Havia algum tempo que não caía nenhuma chuva.

As laranjas já estavam bem maduras.

As pastagens, tão viçosas e frescas, quando chegamos ali, estavam começando a ficar com um colorido amarelo-pardo.

A colheita de fumo fora iniciada, e eu, então, tive oportunidade de observar o processo que se emprega em tal cultura.

As sementes plantam-se primeiramente muito unidas, num pequeno trato do terreno.

Em seguida, removem-se as mudas, ainda tenras, para outro local, onde são plantadas em fileiras, justamente como fazemos em nossos canteiros de couve.

O fumul é muito sujeito aos ataques de uma lagarta da espécie do inseto-esfinge, que chega mesmo a atingir a um grande tamanho.

Essa lagarta, quando não se toma a necessária precaução de fazer-lhe um cuidadoso expurgo, costuma devorar a colheita toda.

Encarregam-se dessa tarefa velhos, mulheres e crianças.

Para isso, percorrem eles, constantemente, uma parte do fumul.

Esse serviço é feito diariamente, sendo necessário examinar folha por folha, até que tais insetos sejam exterminados completamente.

Quando as plantas vão chegando ao ponto de florescer, cortam-se, então, todos os seus olhos e, logo que as folhas atingirem ao seu completo desenvolvimento são apanhadas e recolhidas em cestos de taquara.

Dali, são levadas para casa, onde ficam expostas ao ar, estendidas em varas, suportadas por esteios, que chegam até à altura do teto da casa.

Em poucos dias as folhas secam.

Nos dias de muito calor, porém, enrugam-se, ficando completamente crespas.

Com a humidade da noite, entretanto, amolecem, e tornam-se de novo muito flácidas.

De cada folha, depois de bem madura, destaca-se a forte fibra mediana.

Para esse propósito, reúne-se a família toda – homens, mulheres e crianças –, que se levantam de madrugada, às 4 horas entregando-se todos, desde logo, àquela tarefa.

Isto se faz cedo, assim, para evitar o calor que resseca demasiadamente as folhas, tornando-as quebradiças, o que não permite, por isso mesmo, que se faça a dita operação durante o dia.

Separa-se logo uma certa porção das melhores folhas para a manufatura de cigarros.

Geralmente, a maior parte das folhas destina-se para o preparo do fumo de corda, do qual se fazem rolos, de duas ou quatro libras de peso cada um.

Para isso separa-se e pesa-se a quantidade necessária de folhas, sendo estas colocadas sobre uma mesa, em camadas e em fileiras, de cerca de uma jarda de comprimento, escolhendo-se as que são um pouco mais espessas na sua parte mediana.

Assim dispostas, começa-se, então, por uma das suas extremidades, a enrolá-las e torcê-las cuidadosamente, para formar a corda, que deve ficar bem apertada, tanto quanto possível, e fazem-se, assim, os rolos.

Dali a alguns dias, abrem-se e estendem-se estes rolos, a fim de verificar se não há alguma tendência para o fumo arder ou mofar.

Se estiver tudo direito, enrolam-se de novo as cordas, com o maior cuidado.

Daí por diante, diariamente, abrem-se estes rolos e repete-se a mesma operação, apertando-se a pouco e pouco, e cada vez mais, as cordas de fumo.

Para isso, o operador fica sentado no chão, segurando uma das pontas, enquanto a outra fica presa a um poste, e assim vai enrolando e apertando com toda a força, para a corda ficar bem arrojada, até que tenha cerca de uma polegada de diâmetro e de regular consistência.

As cordas têm que ser apertadas por igual, de uma ponta à outra.

Depois, o fumo, de uma extremidade à outra, é enrolado, e, em seguida, capeado com casca muito lisa da uarumã⁷⁹ (um caniço aquático), em cargas de uma arroba ou meia arroba (32 e 16 libras).

E, nessas condições, está pronto para a venda, quando o fumo fica curado, ou quando está no ponto, como eles dizem, de “muito mel”, pode-se cortá-lo por igual, em delgadas lâminas, como os pedaços de alcaçus espanhol, e pode ser então desfiado, sem quebrar.

79 No original, “uarumá”. Stradelli, porém, dá as formas *uarumã* e *arumã*. Veja-se a sua obra, já citada, à pág. 696.

O seu preço varia, conforme a qualidade e conforme a procura, de 4 pence a 1 shilling por libra.

Um dia, o pescador trouxe-nos um bonito “peixe-boi”, uma das espécies de *Manatus* que habitam o Amazonas.

É particularmente abundante nos lagos desta parte do rio.

O espécime que fora capturado era uma fêmea.

O seu comprimento era de cerca de seis pés e tinha perto de cinco pés de diâmetro, na sua parte mais larga.

O seu corpo é perfeitamente liso, sem quaisquer protuberâncias ou desigualdades, e transforma-se, pouco a pouco, em uma cauda achatada, horizontal e semicircular.

Não há membros traseiros aparentes, nem tampouco se lhe distingue o pescoço.

A cabeça não é muito grande e termina por uma boca bastante larga, tendo mandíbulas algum tanto semelhantes às do boi, e nas quais se lhe vêem as cerdas eriçadas e muito rijas.

Sobre o corpo, vêem-se uns poucos de pêlos, muito separados uns dos outros.

Na cabeça, na parte frontal, ficam as suas poderosas barbata-
nas, de formato oval.

Justamente por baixo delas é que estão as mamas, as quais, fazendo-se-lhes uma leve pressão, deixam escorrer um filete de bonito leite, de uma cor esbranquiçada.

As orelhas são diminutas cavidades, e os olhos também são muito pequenos.

O estrume assemelha-se ao de cavalo.

A cor é de um cinzento de chumbo, tendo grandes manchas, na barriga, de uma cor rosa-claro de mármore.

A pele é geralmente de uma polegada de espessura, no dorso, e de um quarto de polegada no ventre.

Por baixo da pele, fica uma camada de banha, de maior ou menor espessura, com cerca de uma polegada.

Derrete-se esta banha, a fim de fazer-se óleo, que é usado tanto para a cozinha, como para a iluminação.

Os seus intestinos são muito volumosos.

O coração é do tamanho do de um carneiro. As suas barbatanas têm cerca de 2 pés de comprimento e 6 ou 7 polegadas de espessura: são muito porosas e esponjosas, podendo encher-se de ar, como uma bexiga.

O seu crânio é grande e sólido, não tendo dentes anteriores nos maxilares.

As suas vértebras estendem-se até muito perto da ponta da cauda.

Não se vêem rudimentos dos seus membros posteriores.

Os membros dianteiros, pelo contrário, são grandemente desenvolvidos, e os seus ossos correspondem exatamente aos do braço de um homem, tendo mesmo os cinco dedos, com todas as falanges, mas metidas numa pele, dura e inflexível, onde nenhuma junta pode ter qualquer movimento.

O peixe-boi alimenta-se das relvas das margens dos rios e dos lagos, e nada muito bem, por intermédio das pás da cauda das barbatanas.

Apesar de que os seus órgãos externos da vista e do ouvido sejam tão imperfeitos, tais sentidos, dizem os seus caçadores, são notavelmente agudos e penetrantes.

Para capturar esses animais, cumpre ter muita precaução e muito cuidado.

As fêmeas dão uma cria, raramente duas, de cada vez,

Os filhotes ficam-lhes encostados aos seios, durante o período da amamentação.

Os peixes-boi são apanhados com arpão ou com uma forte rede, que se coloca nas estreitas entradas de um lago ou de um igarapé.

São mortos, batendo-se-lhe com um pedaço de pau nas ventas.

Cada animal fornece de 5 a 25 galões de óleo.

A carne é muito boa, sendo algum tanto parecida com a carne de vaca e com a carne de porco.

E este espécime, que foi capturado agora, forneceu-nos pratos variados e serviu para uma agradável mudança do nosso constante regime de peixe.

Eu estava agora à espera da próxima chegada de uma canoa, que deveria trazer-me da Inglaterra cartas e várias encomendas; e, como, ao mesmo tempo, eu estivesse ansioso por partir para o alto rio Negro, tão logo quanto me fosse possível, resolvi voltar para Barra, tendo aranjado passagem numa canoa, que estava de saída para aquela cidade.

E, assim, pois, apresentando minhas despedidas ao meu bondoso hospedeiro, segui viagem.

Antes de prosseguir a minha narrativa, devo, contudo, dizer ainda algumas palavras a respeito deles.

O Sr. José Antônio Brandão veio de Portugal, bem moço ainda, e, logo após, casou: nesse novo estado, fixou-se em Manaqueri, com a intenção de lá ficar morando toda a vida.

E, caso raro entre os portugueses, devotou-se inteiramente, exclusivamente, à agricultura.

Ele próprio construiu a sua casa de morada, em Manaqueri.

Da beira de um lago, próximo do rio principal, e situado a alguma distância dali, trouxe vários índios, a fim de fixá-los também na fazenda.

Logo a seguir, derrubou mato, plantou laranjeiras, tamarindeiros, mangueiras e muitas árvores frutíferas de outras espécies, arruando-as em magníficas e aprazíveis avenidas.

Fez também jardins, bem como pastagens para o gado. Logo após, iniciou a criação de bois, carneiros, porcos e galinhas.

E assim ficou, desde então, em pleno gozo de uma vida campesina.

Há cerca de vinte anos, entretanto, quando sua família era ainda muito nova, irromperam no país várias revoluções e distúrbios.

Ele – como todos os naturais de Portugal –, embora houvesse aceitado a constituição do império e fosse, de coração, um verdadeiro brasileiro, tornara-se, bem como os seus patrícios, objeto de suspeita e de perseguição por parte de muitos dos revolucionários mais violentos e mais exaltados.

Os índios de uma tribo que habitava perto de sua propriedade, aos quais sempre demonstrou constante bondade, foram incitados a queimar-lhe a casa e destruir-lhe os bens.

E os selvagens levaram isso a efeito cabalmente: destruíram todas as árvores frutíferas, queimaram os paióis, trucidaram os escravos e negros, mataram todos os rebanhos.

Sua mulher, bem como seus filhos, conseguiram escapar da fúria das flechas assassinas, por terem ainda em tempo fugido para a floresta.

Após esse acontecimento, transcorreram ainda muitos anos de franca anarquia, em conseqüência de desordens, que reinaram no interior do país.

Nesse ínterim, fora ele nomeado magistrado em Barra, onde fixara sua residência, ficando assim impossibilitado de zelar da sua propriedade.

Sua esposa havia falecido, e seus filhos casaram-se.

Dessa sorte, pouco interesse teve, então, em restaurar a sua fazenda, para torná-la ao primitivo estado de conforto.

É um homem que se distingue notavelmente pela inteligência, tendo verdadeira paixão pela leitura, porém não possuía quase livros; é servido, além disso, por memória extraordinária.

Por si mesmo, chegou a aprender o francês, que já lia com facilidade; e, por meio dessa língua, conseguiu adquirir muitos conhecimentos, ficando, porém, algum tanto imbuído do preconceito francês.

Possuía vários volumes, uns enormes *in-quarto*, de “História Eclesiástica”, e discorre, com segurança e grandes minúcias, sobre os concílios e sobre a Reforma.

Graças a um antigo tratado de geografia, embora sem mapas, pode ele dizer-vos a largura ou superfície de todos os países da Europa e as principais particularidades a respeito de cada um.

Tem cerca de sessenta anos de idade; e, mesmo assim, deseja ardentemente ilustrar-se; e nunca viu um mapa!

Pensai nisso, vós que rolais em verdadeiros gozos intelectuais, nessa terra de instituições mecânicas, onde a literatura anda de barato; poucos tem aí, realmente, a idéia do verdadeiro empenho para adquirir conhecimentos com dificuldades, o veemente desejo, a verdadeira sede de aprender, a qual não há fonte capaz de saciar.

Em sua conversação, nota-se algo de vigoroso, de forte e de inédito, pois que à sua falta de conhecimentos corresponde uma prodigiosa fertilidade de idéias.

Ele havia lido a “Bíblia” em português, como um livro proibido.

Os padres, todavia, quanto a isso, não fazem qualquer objeção.

Não deixa, por isso mesmo, de ser curioso e interessante ouvir as opiniões de um homem que aprendeu a ler na idade madura, somente pelo desejo de adquirir conhecimentos.

Na sua mente, as idéias não penetravam, pois que tudo era proveniente de sua inspiração, e, assim, fazia objeções aos pontos que julgava obscuros ou incríveis, ou que lhe pareciam capazes de uma simples interpretação.

E, como era de esperar-se, ele encontrou, por sua própria intuição, a confirmação dos dogmas da religião, na qual fora educado desde a infância.

Na minha chegada à Barra, a canoa, pela qual eu estava esperando, ainda não havia aportado ali.

E várias semanas ainda se passaram assim.

O tempo estava lindíssimo.

Barra, contudo, é uma localidade muito pobre, para o aumento das minhas coleções.

Os insetos, além de raros, eram desinteressantes.

Por isso mesmo, eu estava ansiosamente aguardando a oportunidade de partir para mais remotos e mais promissores rincões.

A estação seca estava deveras quente.

Às 2 horas da tarde, o termômetro alcançava 95°, à sombra, e, durante a noite, muitas vezes, ia abaixo de 75°.

A temperatura mais baixa, que eu observei, pouco antes do nascer do sol, foi de 70°.

A temperatura mais alta, que eu registrei, foi de 96°, à tarde.

Raramente choveu ali, durante os meses de julho e agosto.

As pastagens, próximas da cidade, estavam completamente ressequidas, tostadas pelo sol.

As águas do rio estavam baixando rapidamente.

As praias e os bancos de areia do Amazonas estavam agora começando a aparecer, achando-se já alguns acima da água.

Um dia, o Sr. Henrique resolveu fazer uma excursão de pesca, reunindo para isso um grupo de amigos, para pescar com uma grande rede de arrasto, no Solimões.

Partimos à tarde, em uma canoa confortável; éramos um grupo de doze pessoas, além de uns oito ou dez índios, que iam como remadores.

Justamente antes do pôr-do-sol, alcançamos a barra do rio Negro, e penetramos, então, nas fortes e túrbidas correntezas do Solimões.

O luar estava lindíssimo.

Alguns companheiros iam conversando, outros, cantando, enquanto íamos passando pelos estreitos canais e verdejantes ilhas da margem setentrional do rio, que se tornavam mais pitorescas e mais selvagens pela sua solitude e pelos pálidos clarões prateados da lua por entre o solene silêncio da floresta.

Cerca de meia-noite, alcançamos um grande banco de areia, que estava justamente começando a aparecer fora da água.

Alguns dos nossos companheiros logo arregaçaram as calças e foram vadeando através dos baixios, até chegar à margem.

Apontando ali, começaram, então, a procurar os ovos das pequenas tartarugas, das gaivotas e de outras aves aquáticas, que os põem em pequenos buracos, cavados na areia.

As gaivotas, mergulhões, patos e outras aves aquáticas saíam voando, fazendo um enorme alarido com os seus gritos agudos, enquanto nós desembarcávamos.

Os constantes pulos dos peixes estavam a mostrar-nos que ali teríamos muito com que nos divertir.

O Sr. Henrique ordenou logo aos índios que lançassem a rede e a arrastassem.

De cada vez que se puxava a rede para a praia, chegava-se quase a encher um grande cesto de pequenos peixes, que eram em grande número, encontrando-se também alguns de maior tamanho.

Dentre os peixes menores, encontravam-se alguns armados de espinhos, por intermédio dos quais, quando pisados por alguém, podem causar um sério ferimento.

Como estivéssemos descalços, precisávamos ter o maior cuidado possível.

O que muito me interessou ali foi a grande variedade de espécies e as curiosas formas dos peixes, que se encontravam em cada cesto que enchíamos.

Em grande número, viam-se os peixes pequenos, que são peculiares ao Amazonas, os quais entumecem a parte posterior do corpo, a qual fica parecendo uma bola, perfeitamente redonda, e, quando são pisados, arrebentam-se, produzindo um forte ruído, semelhante ao estouro de um saco de papel, cheio de ar, quando batido.

Umás duas ou três horas após, já nos estávamos sentindo algum tanto cansados.

Acendemos o fogo, então, e cozinhamos alguns peixes para comer – tal foi a nossa ceia ou almoço, como melhor agradar, pois a claridade do dia, nessa hora, vinha apontando.

Depois dessa matinal refeição, alguns companheiros foram outra vez pescar, enquanto outros saíram com as espingardas para matar alguns patos.

Um cavalheiro, que fazia parte do nosso grupo, deu um tiro extraordinário com o seu rifle, pois conseguiu abater, a uma longa distância, com uma bala, um pato, que ia voando só, porém passando muito alto.

Já era dia, o sol havia saído.

Tratei, então, de fazer alguns esquemas dos peixes mais curiosos; mas eram tantos e o sol estava tão quente, que eu só pude fazer poucos, ali.

Eu não podia conservar os peixes, para esse propósito, até a hora de nosso regresso, pois eles se putrefazem dentro de poucas horas.

Cerca das 10 horas da manhã, deixamos a pescaria e fomos tratar de conter.

Em nosso almoço tivemos peixes assados, cozidos e fritos, todos temperados com azeite, vinagre, sal e muita pimenta.

Havia também vinho, pão, farinha e café, para aqueles que os preferissem.

Enquanto almoçávamos, os índios deitaram-se na areia da praia, e ali passaram por uma curta madorna, ao sol.

Havia dois dias que estavam sem dormir, e fizeram, durante esse tempo, um duro trabalho,

Dali partimos, ao meio-dia, de regresso para casa.

Às 5 horas da tarde, alcançamos um ponto na barra do rio Negro, onde havia algumas praias pedregosas, encontrando-se muitos peixes nos lugares onde a água estava empoçada.

A maior parte dos companheiros, com as suas varas e linhas, tornaram a pescar, e foram bem-sucedidos.

Um pescador, que ali também se achava, conseguiu pescar um bonito pirarucu, que pesava 30 ou 40 libras.

O Sr. Henrique comprou-o, a fim de ter alguma coisa da nossa excursão que valesse a pena mostrar.

Dali regressamos para casa.

No trajeto, muitos dos nossos companheiros vinham dormitando.

Os índios remavam duro, porém mal podiam conservar abertos os olhos, de tão sonolentos que estavam.

Lá de quando em quando, algum deles era vencido pelo sono, continuando, porém frouxamente, mecanicamente a remar.

Um dos seus companheiros, então, aproveitou o momento para fazer-lhe cócegas na nuca.

O índio despertou logo, mas com o olhar atônito, e, verificando que tinha estado a dormir, fez com que todos os outros dessem boas gargalhadas, à custa dele.

Já era meia-noite, quando chegamos à Barra. Cansados, como estávamos, com muita satisfação procuramos logo as nossas redes.

Várias semanas mais passei ainda ali, enfadonhamente.

Afinal, lá um dia, tivemos, então, notícia da nossa há longo tempo esperada canoa.

Um dos seus proprietários, em uma montaria, havia ali chegado com antecipação, informando-nos que dentro de dois dias ela haveria de chegar.

Nessa ocasião, achava-se na cidade um negociante do alto rio Negro, um português, geralmente estimado e tido em muito boa conta, como companheiro para viagem.

Ele deveria partir, no dia seguinte; porém, a pedido do Sr. Henrique, resolveu adiar a viagem até à chegada da canoa do Sr. Neill Bradley, e, além disso, conceder-me uma passagem até acima das cachoeiras do rio Negro, ou qualquer outro lugar, a que eu desejasse atingir.

Na tarde seguinte, chegou à Barra a esperada embarcação.

Cerca das 6 horas da tarde, recebi, com grande atraso, a minha correspondência, um maço de cartas vindas de Belém do Pará, da Inglaterra, da Califórnia e da Austrália, algumas vinte, e muitas delas datadas de mais de um ano.

Estive sentado até às 2 horas da manhã, lendo-as, e depois, fui deitar-me; consegui, porém, dormir muito pouco, até às 5 horas da manhã, quando então me levantei.

Em seguida, comecei a responder às cartas mais importantes. Depois, arrumei as minhas malas, comprei ainda alguns objetos, de que precisava para a viagem, despachei um caixote para a Inglaterra. Dei instruções a meu irmão H., sobre o que haveria de fazer em Barra, durante a sua estada ali, donde, dentro em seis meses, deveria seguir para a Inglaterra: e, ao meio-dia, estando tudo isso pronto, e em perfeita ordem, fiquei em condições de partir para uma viagem de umas 700 milhas, provavelmente para uma ausência de ano.

O juiz de direito, ou juiz da comarca, me mandara, muito bondosamente, antes, de minha partida, um peru e um leitão.

O primeiro, eu recebi ainda vivo; o outro, já assado.

E assim tive uma boa matalotagem, para principiar a minha viagem.

.....

Capítulo VIII
Alto Rio Negro

DEIXANDO BARRA, EM DEMANDA DO ALTO RIO NEGRO – A CANOA E O SEU CARREGAMENTO – GRANDE LARGURA DO RIO – CARVOEIRO E BARCELOS – ROCHAS GRANÍTICAS – CASTANHEIRO – UM VELHO POLIDO – SÃO-JOSÉ – UMA NOVA LINGUAGEM – AS CACHOEIRAS – SÃO-GABRIEL – NOSSA SENHORA DA GUIA – O SR. L. E SUA FAMÍLIA – EXCURSÃO AO RIO COBATI – UMA ALDEIA INDÍGENA – A SERRA – “GALOS-DA-SERRA” – VOLTA A GUIA – FREI JOSÉ DOS SANTOS-INOCENTES

FOI no último dia de agosto de 1850, cerca das 2 horas da tarde, de um belíssimo dia, que me despedi de Barra, olhando para diante, com boas esperanças e perspectivas de alcançar as remotas e pouco conhecidas regiões, que eu agora ia perلustrar.

A nossa canoa era de cerca de 35 pés de comprimento por 7 de largura, tendo eu arranjado uma regular acomodação.

Na sua parte de ré, havia um tosco convés, feito de troncos de paineiras, partidos ao meio, e que era coberto por uma tolda, de teto semicircular, de folhas de palmeiras e altura mediana, sob o qual podíamos permanecer sentados ou deitar-nos confortavelmente.

A parte que abria para avante era tapada também com folhas da palmeira, tendo, porém, uma saída, à maneira de porta, de cerca de três pés de largura.

Na parte dianteira, ou de avante, da canoa, havia uma tolda semelhante àquela, porém mais baixa, e tendo por cima da mesma outro convés, formado igualmente como o de ré, e sustentado por paus roliços, colocados lateralmente, a prumo, como guardas.

Isto se chama jangada, ou balsa, e ali ficam os índios, quando estão remando as vogas, que são feitas de enormes pás de remos colocadas nas extremidades de compridas peças de madeira roliça.

A canoa estava muito carregada, pois transportava em seu bojo um variado sortimento dos artigos mais procurados pelos habitantes semicivilizados ou selvagens do alto rio Negro.

Viam-se ali diversos fardos de fazendas de algodão ordinário, de tecidos de algodão estampado, de cores muito vivas, com padrões em listras ou em xadrez, de lenços azuis e vermelho, grande quantidade de machados, facões, facas, canivetes, milhares de anzóis, isqueiros e fuzis, pólvora e chumbo, colares em grande quantidade, com contas azuis, pretas e brancas, e espelhos pequenos, também em grande número.

As agulhas, linhas em carretéis e em novelos, botões, fitas, etc., não foram esquecidos.

Havia também grande quantidade de cachaça (o rum, do país) e vinho, para o consumo do próprio vendedor, bem como um pouco de álcool, para “remédio”, e chá, café, açúcar, vinagre, azeite, para tempero de comidas e para as candeias, biscoitos, manteiga, alho, cebolas e outras coisas mais, tudo isso em quantidade suficiente para sustentar durante seis meses uma numerosa família, e com sobra ainda para se atender às urgentes necessidades de qualquer viajante, que se encontrasse passando fome pelo caminho.

Meu hospedeiro, o Sr. João Antônio de Lima, era um homem muito feio, de estatura mediana, tendo um semblante parecido algum tanto com o do “Senhor desterrado” da Galeria Nacional.⁸⁰

80 Refere-se o autor a um quadro, que viu na pinacoteca da célebre National Gallery, de Londres.

Ele era, contudo, muito tratável, possuindo a delicadeza característica de seus compatriotas, e logo pôs “às minhas ordens” a sua canoa e tudo que nela se continha, tratando-me com muita amabilidade.

Sob a nossa tolda, amontoavam-se numerosas caixas e malas, minhas e dele, porém ainda sobrava espaço bastante para sentar-nos ou descansarmos confortavelmente.

Para gozar a fresca da manhã e da tarde e também apreciar a perspectiva das escuras águas em torno de nós, ficávamos às vezes sentados sobre uma prancha, logo à entrada, ou, então, no topo mesmo da tolda.

Nos dois primeiros dias de viagem não encontramos terra firme, estando o rio com as suas margens inundadas; nos dias subsequentes, porém, encontramos muitos lugares, onde podíamos aportar e acender fogo.

Geralmente, logo ao romper do dia, quando podíamos encontrar um local conveniente, desembarcávamos e fazíamos o café, para tomá-lo com biscoitos e um pouco de manteiga, o que é um ótimo alimento, como verificamos, em falta do leite.

Às 10 ou 11 horas, parávamos para o almoço, que é a principal refeição para os índios.

À 6 horas, íamos à terra, para preparar o jantar e o café, e este último quase sempre o saboreávamos sentados no topo da tolda, enquanto continuávamos a nossa viagem, que se prolongava ainda até às 8 ou 9 horas, quando de novo parávamos, em local onde pudéssemos amarrar a canoa e armar as nossas redes, na praia, dormindo muito à vontade, e confortavelmente, até às 4 ou 5 horas da manhã.

Algumas vezes, porém, isso variava, parando-se para dormir, às 6 horas da tarde, e, daí, de novo partirmos à meia-noite ou às 2 horas da madrugada.

Outras vezes, ainda, parávamos em algum lugar mais limpo, a fim de fazer excursões pela floresta, para caçar alguns mutuns ou lagartos, enquanto outros companheiros lançavam os seus anzóis na água, para pescar peixes pequenos, mas muitos deliciosos, destinados ao jantar.

O Sr. L. era um velho prático em viagens de canoa, e, sempre que viaja, conduz boas linhas e bons anzóis.

As iscas eram preparadas durante o dia, e, à noite, as linhas eram então lançadas na água.

E, assim, por vezes, éramos recompensados com uma bonita piraíba,⁸¹ de 20 ou 30 libras de peso, que nos fornecia carne para o almoço e para o jantar, no dia seguinte.

Um pouco acima de Barra, o rio espalha-se em grandes baías, às margens, de modo a ficar com uma largura de seis a oito milhas.

E, nesses trechos, quando há muito vento, as águas formam altas ondas, parecendo um verdadeiro mar, quando está agitado, o que é muito perigoso para as embarcações pequenas.

Mais para cima, o rio de novo se estreita, ficando reduzido a cerca de uma e meia milhas, na sua maior largura, e de novo se alarga dividindo-se em vários canais, que formam ilhas de todos os tamanhos.

Por espaço de várias centenas de milhas, depois dessas ilhas é que as suas margens podem ser vistas de uma vez.

As suas margens devem estar provavelmente afastadas de 19 a 25 milhas uma da outra.

Algumas dessas ilhas têm grande extensão, atingindo de 30 a 40 milhas, havendo muitas outras entre estas e as praias marginais.

No segundo ou terceiro dia, após deixarmos a cidade de Barra, encontramos alguns curiosos e extensos bancos de areia e de cascalho.

Um pouco acima deles, encontram-se alguns rochedos isolados; e, na pequena aldeia de Airão, que alcançamos com uma semana de viagem, vimos as camadas de uma rocha arenosa, mas de uma textura um tanto cristalina.

Um pouco antes, havíamos passado pelas pontas de uma rocha mole e arenosa, cheia de fendas e de fantásticos traços, devidos à ação das águas.

81 *Piraíba* é o *piratinga pirá-aíba*, cujo nome científico é *Bagrus reticulatus*. Segundo assevera Raimundo Morais, é o maior peixe amazônico, pois chega a medir três metros de comprimento.

Mais acima, em Pedreiro, a rocha era perfeitamente cristalina, enquanto um pouco mais para diante, em frente à barra do rio Branco, surge o legítimo granito.

Em Pedreiro, paramos para passar a noite, em casa de um amigo do Sr. L., ao qual este último deu detalhadas notícias da cidade, bem como informações sobre os preços, ali correntes, de peixe, salsa-parrilha, piaçaba, etc.

No dia seguinte, passamos por alguns curiosos rochedos de granito, em frente à barra do rio, onde, outra vez, as suas duas margens podem ser vistas a um tempo.

Vimos ali, em uma pequena ilha, algumas curiosas inscrições indígenas, rudemente talhadas no granito, representando numerosos animais e figuras humanas.

No dia seguinte, alcançamos Carvoeiro, desolada e semideserta aldeia, como são em geral todas as povoações do rio Negro.

Encontramos residindo ali somente duas famílias, um ferreiro e um brasileiro, Vasconcelos, que usa o título de “capitão”, homem amável, bem humorado, que nos recebeu e nos tratou muito bem, no dia em que aportamos, e em cuja casa ficamos hospedados.

Ao jantar, tivemos tartarugas, que saboreamos com garfos e facas de prata; como mesa, porém, tivemos uma esteira, que foi estendida no chão.

À noite, o capitão esteve bebendo com o seu velho amigo Sr. L., e, então, começou a ficar muito exaltado e disse muito mal dele, tratando-o de “desprezível”, de “indigno” e de “reles vilão português”, empregando ainda muitos outros epítetos de tal jaez, de que a sua língua tem copioso vocabulário.

O Sr. L., que se orgulha de nunca ter ficado embriagado, suportou todos estes insultos com a maior calma, e, na manhã seguinte, o “capitão”, pedindo-lhe desculpas pelo que havia feito, expressou o seu profundo arrependimento, jurando-lhe eterna amizade e muito lamentando também haver dado motivo ao “estrangeiro”, ali presente, para fazer mau juízo dele e de seus compatriotas.

Prosseguindo a viagem, entramos em um labirinto, formado por inúmeras e pequenas ilhas, que estavam inundadas, das quais agora só se viam os tufos de arbustos, que se elevam acima das águas.

Embora o Sr. L. tenha bastante conhecimento do rio, quase perdemos o caminho, tendo então encontrado outra canoa, à qual também havia acontecido o mesmo.

Como já era muito tarde, paramos em uma ponta de terra firme para passar a noite, dormindo sob o abrigo das árvores.

No dia seguinte, alcançamos a morada de um homem que devia ao Sr. L. algum dinheiro, e que lho pagou em tartarugas, oito ou nove, que levamos para a nossa canoa.

Vimos as duas margens do rio, somente por um momento.

De novo mergulhamos em um mar de ilhas e de canais, que se estiram entre elas, em grandes distâncias, no horizonte longínquo.

Assim foi que beiramos uma comprida praia, a qual continuou ininterrupta, dias seguidos, e que, afinal, verificamos não passar de uma ilha bastante extensa.

Tudo agora era terreno de aluvião, novamente; foi por isso que, muitas vezes, tivemos dificuldade para achar terra firme, onde pudéssemos preparar o nosso jantar.

Com poucos dias mais, alcançamos Barcelos, a qual foi em outros tempos a capital do Rio-Negro,⁸² que agora porém estava despovoadada e quase deserta.

Atirados nas praias, viam-se, ali, inúmeros blocos de mármore, trazidos de Portugal, e que eram destinados à construção de alguns edifícios públicos, que, entretanto, nunca foram erigidos.

Das antigas ruas, restavam agora somente uns trilhos batidos, através do matagal que ali crescia, vendo-se as laranjeiras e outras árvores frutíferas inteiramente tomadas pelas cássias e pelas enormes e crescidas ervas tropicais.

82 Criada em 1757 a capitania de São-José-do-Rio-Negro, sua primeira capital foi Barcelos; transferida para a Barra-do-Rio-Negro (hoje Manaus) em 1791, retornou a Barcelos em 1799, fixando-se definitivamente em Manaus de 1804 para cá.

As casas que ainda existem, são, na sua maioria, arruinadas choupanas, de paredes barreadas, vendo-se lá uma ou outra mais cuidadosamente acabada e pintada de branco.

Fomos à casa de um italiano, que tem a fama de ser rico, porém que não passava de um grande avarento; era, contudo, bastante alegre e amável.

Deu-nos café, adoçado com melado, e insistiu para ficarmos e almoçarmos em sua companhia.

O almoço foi servido em um velho barracão, que era utilizado como depósito e estava atravancado de cabos, âncoras, cordas, tonéis e garrafões.

Os garfos e colheres eram de prata; um imundo guardanapo servia de toalha de mesa; tivemos como bebida uma garrafa de cachaça; e um duro mutum cozido foi o manjar que ele nos proporcionou.

Todavia, deu-nos depois uma cesta de laranjas, que levamos para as canoas.



Estampa VI – “Justamente antes do pôr-do-sol, alcançamos a barra do rio Negro, e penetramos, então, nas fortes e túrbidas correntezas do Solimões.”

Com um dia ou dois mais, passamos por uma outra povoação decadente, chamada Caboquena.⁸³

Perto de Barcelos, apareceu-nos, pela primeira vez, uma pequena e bonita palmeira, que crescia à beira da água, e que é outra espécie de *Mauritia*, a qual, em seguida, por todo o nosso trajeto, rio acima, encontramos constantemente.

Os peixes estavam a tornar-se cada vez mais abundantes, o que não sucedia na parte mais baixa do curso do rio, aparecendo agora várias espécies, que não havíamos visto ainda.

O Sr. L. mandava, às vezes de madrugada, dois homens, em uma pequena canoa, especialmente para pescar, e, às 10 horas, quando voltavam, traziam o bastante para o almoço e para o jantar.

Comecei, desde então, a tomar grande interesse, não só pela beleza, como pela variedade das espécies, e, sempre que era possível, eu fazia de todas elas cuidadosos desenhos e descrições.

Muitos eram de agradável sabor, ultrapassando mesmo o de quaisquer outros que eu já havia comido na Inglaterra, quer os de água doce, quer os de água salgada.

Muitas espécies têm tanta gordura, que tornam a água, em que são cozidas um caldo grosso e agradável.

Nenhuma dota desse caldo perdíamos, e, quando misturado com um pouco de farinha e de pimenta, nós o comíamos com muito gosto, como se fosse uma delicada sopa.

Debaixo da tolda, durante o dia, o calor era bastante intenso, acusando o termômetro, geralmente, a temperatura de 95° a 100°.

De manhã, a temperatura era de 75°; e a da água, na mesma ocasião, de 85°, percebendo-se que ela estava quente.

Ao meio-dia ou à tarde, a água estava com 86°, e, então, sentíamos-la deliciosamente fresca, por causa do contraste com o aquecido ar ambiente.

83 No original, “Cabuqueno”. O topônimo exato é *Caboquena*, como vem explicado no “Dicionário topográfico, histórico, descritivo da comarca do Alto-Amazonas” (págs. 75-76), de Lourenço da Silva Araújo e Amazonas.

Tínhamos, quase sempre, bom tempo, todas as tardes, porém, no mínimo quatro ou cinco vezes por semana, tínhamos uma trovada^{83-a} ou temporal que desabava repentinamente, acompanhado de violentos pés de vento, e, algumas vezes, de fortes descargas elétricas e de chuvas, porém que passavam dali a uma hora ou duas, ficando logo depois a atmosfera muito límpida e agradável.

Um grande regalo deste rio é a ausência dos mosquitos.

O pôr-do-sol, em vez de ser o prenúncio para desconforto e desassossego, era a parte mais agradável do dia.

A essa hora, podíamos ficar sentados no topo da tolda, para gozar da fresca e agradável brisa da tarde; ali saboreávamos uma boa xícara de café, a nossa maior delícia, até que as gloriosas tintas do crepúsculo rapidamente se desvaneciam, e as estrelas, surgindo em seguida, titilavam com intenso brilho sobre nós.

Nessa tranqüila hora da tarde, os mochos, saindo das tocas, vinham para o rio caçar insetos, e muito nos divertíamos, acompanhando-lhes as rápidas evoluções para capturar as suas presas.

As pererecas começam então o seu monótono coaxar.

Alguns papagaios retardatários, com o seu pesado vôo, atravessam o rio, em procura dos pousos.

As guaribas⁸⁴ enchem o ar com os seus urros gemente e soturnos.

Quando, afinal, as sombras da noite baixavam de cheio sobre nós, eu me recolhia para debaixo da tolda, enquanto o Sr. L., embrulhando-se apenas com um lençol, preferia dormir ali mesmo, ao relento.

No dia 30 de setembro, justamente um mês após termos deixado Barra, vimos outra vez a margem oposta do rio, cruzando-o onde ele tem a largura de quatro milhas.

83-a O autor grafou “trovado”, assinalando com aspas esta nossa palavra, à qual deu forma de substantivo masculino.

84 *Guariba* é um macaco roncador, do gênero *mycetes*. É o *Simia seniculus* ou *Simia Belzebuth*.

No dia seguinte, alcançamos o trecho onde as rochas de granito começam a aparecer, e eu muito me regalava, quando podia saltar da canoa, para fazer passeios sobre alguma bonita e alcantilada mesa granítica, onde se viam veios de quartzo dispostos em várias direções.

Deste ponto em diante, o rio torna-se muito pitoresco.

Eram muito numerosas ali umas pequenas ilhas rochosas, vendo-se freqüentemente bonitos leitos de granito, onde encontrávamos sempre deliciosos lugares, para fazermos as nossa refeições.

Os peixes tornaram-se também mais abundantes, e raramente passávamos sem esse delicioso acepipe.

No dia 3 de outubro, alcançamos um sítio, onde residia um mestiço brasileiro, de nome João Cordeiro, que era amigo e freguês do Sr. L.

Ali, fizemos uma parada de dois dias, enquanto uma boa parte da carga fora retirada da canoa, para que o Sr. João escolhesse o que mais lhe agradasse.

Diverti-me bastante, fazendo passeios pela floresta, onde apanhei alguns insetos, dos quais encontrei muitas espécies novas.

Afinal, as vistosas gazes, juntamente com tecidos de algodão, colares, cutelarias, vinhos e outras bebidas alcoólicas, açúcar e manteiga, foram escolhidos e separados, tendo o Sr. João prometido arranjar bastante piaçaba, salsa e outros produtos mais, para pronto pagamento ao Sr. L., na primeira oportunidade em que ele houvesse de mandar a canoa até a cidade.

Prosseguindo a viagem, alcançamos, no dia seguinte, Santa Isabel, abandonada a aldeia, onde o capinzal e matagal estavam demasiadamente crescidos, havendo ali, nessa ocasião, apenas um morador, português, com quem tomamos uma xícara de café, adoçando-o contudo com o nosso próprio açúcar, porquanto ele estava ali sem essa preciosidade.

Era um dos muitos dessa espécie de indivíduos decentes, que arrastam a miserável existência, conformando-se com todas as penas e

privações que um homem pode suportar, o que, numa comunidade civilizada, seria unicamente o resultado da mais íntima pobreza.

No dia 8, chegamos a Castanheiro, e ali ficamos um dia, em casa de outro português, que era um dos mais ricos negociantes daquelas margens do rio.

Devia ele a sua riqueza principalmente ao ter-se sempre firmemente recusado a comprar mercadorias a crédito, o que é, de resto, costume nessa região.

Assim, é sempre senhor de si próprio, ao invés de ser escravo dos negociantes de Barra e de Belém, podendo, portanto, comprar as suas mercadorias por preços muito mais baratos e vendê-las pelos preços mais caros do mercado.

Com o seu alto espírito econômico, mas com tendência a avareza, já havia acumulado umas 5.000 ou 6.000 libras esterlinas, e a sua fortuna vai aumentando, por essa forma, rapidamente, pois neste país nada há que seja custoso para um homem viver, a não ser que ele jogue ou beba.

Comercia com os índios, e ele mesmo, em canoa de sua propriedade, leva os produtos adquiridos destes últimos para Belém do Pará, e lá compra somente as mercadorias que sabe serem as mais vendáveis e que dão maiores lucros, ganhando cerca de cento por cento em todas as transações que faz.

O que fica dito serve bem para dar uma idéia das condições desta região, e, melhor ainda, sabendo-se que, embora este homem se distinga de todos os outros negociantes quais em tudo o favorecem, todavia raramente se fala dele.

E isso tão somente porque não faz extravagâncias, nem toma parte em pagadeiras, que ele julga melhor evitar. Um pouco adiante, passamos por mais algumas curiosas inscrições indígenas, em uma rocha de granito, das quais fiz um esquema.

No dia 11, alcançamos Wanawcá,⁸⁵ morada de um brasileiro, de Pernambuco, que fora banido para o Rio Negro, por ter tomado parte em revoluções.

85 Araújo e Amazonas, ob. cit., págs. 350-351, ao invés dessa grafia do autor, dá ao topônimo duas formas: *Uananacoá* e *Uaranacoá*.

Eu já tinha ouvido contar as mais horríveis histórias a respeito dos crimes praticados por esse homem.

Ele havia assassinado índios, tomando-lhes as mulheres e as filhas, e cometeu, além disso, barbaridades tais, que são demasiado repugnantes para serem relatadas aqui.

Entretanto, como eu trazia uma carta de apresentação para ele, e, sendo ele por sua vez amigo do Sr. L., nós ali aportamos, para procurá-lo.

Ele já estava algum tanto envelhecido, tendo o cabelo grisalho; porém era um homem tratável, polido e aparentemente muito sossegado, que nos recebeu com muita amabilidade; deu-nos um ótimo almoço, mantendo conosco uma palestra muito sensata e de maneira fora do comum.

Quando dali partimos, o Sr. L. me perguntou, então, se eu não ficara surpreso de ver aquele homem aparentemente tranqüilo. E logo acrescentou: “Estes homens de fala mole são sempre os piores. Ele não passa de um grande hipócrita e não tem escrúpulos, nem remorsos de espécie alguma. Quando conversa com os amigos íntimos, exalta os crimes que tem praticado, declarando que nada há que ele faça, que não seja para seu prazer e proveito próprios.”

No dia seguinte, paramos em outra aldeia, denominada São-José, onde tivemos de deixar o nosso pequeno barco, para prosseguir viagem em duas outras canoas menores, pois a correnteza das águas, dali para cima, torna-se tão forte e tão rápida, que uma canoa maior não poderia vencê-la.

Demais disso, as cachoeiras, que se encontram mais para cima, são quase intransponíveis.

Ali fizemos uma parada de dois dias, especialmente para descarregar e carregar as canoas.

Achei bastante que fazer, durante essa parada, capturando borboletas, de várias e raras espécies, das quais encontrávamos muitas nos escaldantes rochedos da margem do rio.

Afinal, estando tudo arrumado, prosseguimos a nossa rota, em duas canoas, que estavam excessivamente carregadas, e onde ficamos

algum tanto apertados, com muito menos espaço para a nossa acomodação, comparado ao de que antes dispúnhamos, na outra canoa.

Passamos por vários pequenos rápidos, contornando as pontas de rochedos que se elevavam acima da água, onde os índios tinham de saltar e puxar a canoa, até transpor aqueles obstáculos.

Com dois dias mais, alcançamos a aldeia de São Pedro, onde o Sr. L. arranjou, por empréstimo, outra canoa, de acomodação muito melhor e mais conveniente para a viagem.

Dessa forma, tivemos em nossa viagem outro atraso de cerca de meio dia.

O proprietário da canoa era um brasileiro, ainda jovem, que ali negociava; era um homem muito hospitaleiro e muito tratável, em cuja casa passamos uma tarde agradável.

Ele e o Sr. L. eram velhos camaradas, e, durante a nossa palestra, começaram a falar uma língua que, a princípio, não pude entender, embora eu percebesse que era uma espécie de português.

Contudo, logo descobri do que é que se tratava; pois o Sr. L. me explicou que ele a havia aprendido quando, menino, freqüentava a escola; e consistia ela em acrescentar-se, em todas as palavras, a cada uma de suas sílabas, outra sílaba, com esta rimando, mas sempre começando pela letra p.

Assim, para dizer “Venha cá” (*come here*), ele dizia: “Vepenhapá capá”, ou, se fosse em inglês, “Copo mepê heperepê”.

E isso, quando se fala muito depressa, fica de todo ininteligível para uma pessoa que ainda não esteja acostumada.

O dito brasileiro sabia um bocadinho de música, e distraiu-nos com alguns toques melódicos, que executou em uma guitarra, que é quase o único instrumento que se toca nesta parte do país.

Deixando esse lugar, passamos em seguida pela barra do pequeno rio Curicuriari, na passagem da qual avistamos, lá ao longe, as serras do mesmo nome.

Estas são as mais lindas serras que eu até então havia visto, sendo formadas de regulares massas cônicas, de granito, que se elevam a cerca de 3.000 pés de altura.

A sua linha culminante é denteada, formando-se picos que se cobrem de florestas em todas as partes alcantiladas, vendo-se também numerosos precipícios desnudos, nos quais reverberam os enormes veios e massa brancas de quartzo, dando-nos assim uma idéia do que deve ser o aspecto dos Andes, cobertos de neve.

Mais para baixo, perto de Santa-Isabel, havíamos passado por vários picos cônicos, nenhum dos quais, porém, ultrapassara 1.000 pés de altura.

Todos esses picos sobrelevam-se abruptamente de um solo perfeitamente plano, e não se ligam a qualquer cadeia de montanhas.

No mesmo dia, 19 de outubro, chegamos a cachoeiras do rio Negro.

Pequenas ilhas rochosas e enormes massas de rochedos desnudos, começam a obstruir ali, por toda parte, o leito do rio.

As águas correm ondeantes e céleres em torno das pontas de rochedos, que se erguem ali, no canal principal, e precipitam-se rapidamente, espumantes, formando inúmeros redemoinhos.

Havíamos alcançado, efetivamente, o começo dos rápidos.

Os rochedos, em camadas e extensos leitões, espalham-se através de todo o álveo do rio, enquanto que, por entre as fendas, as águas se arremetem com terrífica violência.

Mais para baixo, formam-se perigosíssimos rebojos e redemoinhos.

Torna-se necessário ali ganhar-se o outro lado, para se poder vencer a correnteza.

Precipitamo-nos, então, para o meio do rio, cujas águas, rapidamente, nos transportaram para baixo, vindo a canoa a ficar no meio de um fervedouro de ondas.

Daí, repentinamente, fomos levados para águas tranqüilas, sob a proteção de uma ilha.

Partindo desse ponto, alcançamos, finalmente, a outra margem, com um percurso de cerca de uma milha, e fomos ficar ao pé de uma grande queda, donde as águas se despenham furiosamente.

Nós todos saltamos para os rochedos da margem.

Os índios, uns dentro da água e outros em terra firme, segurando todos um grosso cabo, arrastaram e alçaram por cima a canoa.

Isso feito, prosseguimos, de novo, a nossa rota.

A proporção, porém, que avançávamos, esbarramos seguidamente com outra dificuldade que, todavia, fomos vencendo.

Por vezes, tínhamos que procurar o meio do rio, para evitar as intransponíveis massas de rochedo, que se erguiam à nossa frente.

Outras vezes, a canoa tinha que ser puxada e arrastada por entre estreitos canais, que dificilmente lhe permitiam a passagem.

Os índios, todos nus, com as calças enrodilhadas em torno da cintura, mergulhavam e nadavam como peixes.

Outras vezes, foi preciso alcançar uma ponta de rochedo, sobre-erguida a pique, para prender-se nela o cabo de sirga.

Um índio, segurando-o com as mãos, saltava, lesto, na rápida corrente, e esta, com sua força irresistível, o transportava rapidamente para baixo; acolá, mergulhava e ganhava o fundo, nadando e rastejando onde a correnteza era menos forte; e, após umas duas ou três tentativas, alcançava, afinal, o rochedo.

Ali, fazia vários esforços para galgá-lo.

O rochedo, porém, erguia-se a pique, abruptamente, fora da água.

Após muitos e baldados esforços, caiu ele para trás, exausto; e, flutuando, arrastado pelas águas, veio para baixo outra vez, até á canoa, onde foi recebido por entre a mofa e boas risadas dos companheiros.

Outro foi também tentar subir no rochedo; da mesma sorte, porém, não conseguiu melhor resultado.

Outro índio, então, saltou na água, mergulhou, nadou e conseguiu galgar o rochedo.

Não tinha o cabo à mão, entretanto; um seu companheiro, porém, dá-lhe uma demão, e todos os outros, daí a pouco, com os seus esforços bem conjugados, nos arrastam e nos levam para cima, vencendo-se assim, galhardamente, o grande obstáculo que se nos antepunha.

Pouco adiante, contudo, bem à nossa frente, está uma extensa massa de rochedos.

Não se vê jeito algum para a passagem da canoa.

Temos que ir, então, para acolá, em direção aquela ilhota, bem distante, bem no meio da forte correnteza.

Lá, pela altura da água, o Sr. L. e o nosso piloto acreditam que devemos encontrar uma passagem.

Todos os rochedos, mesmo os que são encobertos pelas águas, formam redemoinhos de gigantes águas, onde uma canoa, na sua passagem, pode ficar estacionária,

Retrocedemos, para tentar alcançar um deles.

Num instante, achamo-nos no seio de revoltas águas, que rodam velozmente, como um engenho.

–“Remai, rapazes, com força” – grita-lhes o Sr. L.

E, assim, vamos caindo docemente rio abaixo.

Estamos num forte rápido, pelo qual somos velozmente levados para baixo.

E seremos arrojados contra aquelas negras massas de rochedo, que se erguem à nossa frente, fazendo as águas levantar-se e quebrar-se em espumas

Vamos exatamente em sua direção.

– “Muito bem, rapazes!” – exclama o Sr. L.

No momento justo, quando parecia estarmos no maior perigo, a canoa, graças à manobra hábil e rápida, roda e desvia-se de um redemoinho.

Estamos a salvo, sob a proteção de um rochedo.

Ganhamos de novo, assim, águas tranqüilas.

Próximo de nós, porém, quer de um lado, quer de outro, as águas rolam ferventes e enfurecidas.

E temos de atravessá-las outra vez.

Os índios descansam um pouco.

Isso feito, partimos.

A canoa ali entra, e vai caindo rapidamente para baixo.

Os índios remam vigorosamente, empregando o máximo dos seus esforços.

Achamo-nos, de novo, no seio de ferventes sorvedouros e de espumantes cachões.

Não vejo de que jeito escaparemos.

Instantaneamente, caímos em um redemoinho, formado por uma enorme massa de rochas submersas.

Dali, seguimos para a frente.

Alcançamos, afinal, bem a salvo, o nosso desejado objetivo, uma ilha rochosa.

Contornamo-la, beirando-a.

Puxando a canoa, os índios levam-na até a ponta de cima da ilha.

E, dali, vamos para outra ilha.

E assim, ziguezagueando, vamos prosseguindo o nosso caminho.

Após algumas horas de duríssimo trabalho, alcançamos, finalmente, a almejada margem do rio, num ponto que talvez não esteja 50 jardas para cima do obstáculo, que nos obrigou a deixá-la.

E, nessa dura peleja, vamos prosseguindo, até alcançar um bom local para pernoitarmos.

Para esse fim, paramos às 5 horas da tarde.

É necessário descansar bem os índios, para as lutas e fadigas que ainda encontraremos no dia seguinte.

A maior parte dos principais rápidos e cachoeiras têm nomes.

Há os “Fornos”, “Tabocal” e muitos outros.

No dia seguinte, viajamos de maneira idêntica ao dia anterior, ao longo da parte mais pitoresca do rio.

O sol brilhava intensamente.

As águas reluziam e faiscavam.

Viam-se curiosos rochedos, de formas fantásticas, e ilhas entrecortadas de mato.

Tudo isso era uma constante fonte de interesse e de gozo para o meu espírito.

Pela manhã, cedo ainda, alcançamos a aldeia de São Gabriel.

Ali estão as principais cachoeiras.

Nesse local o rio é mais estreito, tendo no meio uma ilha, que o divide em dois canais, ao longo de cada um dos quais rola uma tremenda torrente, em um declive de rochas submersas.

Mais para baixo, então, a água levanta-se, como que fervendo, rolando por cima de enormes diques naturais.

Um pouco além, mais para baixo, formam-se perigosos refluxos das contra-correntes e dos redemoinhos.

Somente podíamos passar ali, descarregando a canoa completamente.

Puxamo-lá então no meio de espumantes águas, para tão perto, quanto possível da margem do rio.

Isso feito, eu e o Sr. L. vestimo-nos de novo e ganhamos o barranco do rio, pelo qual subimos.

Pela colina, que chega até a margem, fomos em demanda da casa do comandante.

É necessário obter permissão dessa autoridade, para se poder passar em frente do forte.

Ele era amigo do Sr. L., e eu também lhe trazia uma carta de apresentação.

Fomos recebidos e tratados gentilmente.

Logo nos ofereceu café e palestrou conosco, durante umas duas horas, sobre as novidades do rio e da cidade.

Por fim, ainda nos convidou para almoçarmos em sua companhia, no dia seguinte, antes de partirmos rio acima.

Dali, fomos até a casa de um velho negociante, português, que eu já havia encontrado em Barra, com quem jantamos e passamos uma tarde agradável.

Na manhã seguinte, após o almoço em casa do comandante, prosseguimos a nossa viagem.

Para cima de São-Gabriel, os rápidos são talvez mais numerosos do que para baixo.

Nós íamos zigzagueando pelo leito do rio, rodeando-lhe as ilhas e passando de rochedo em rochedo.

E tudo isso da maneira mais complicada possível.

Em um ponto, onde paramos para passar a noite, tive ocasião de ver o primeiro feto arborescente.

Até então, eu ainda não havia encontrado nenhum exemplar.

Olhei-o com muito prazer, como o anúncio de um novo e interessante rincão.

Esse espécimen tinha um estema muito delgado, e era de oito a dez pés de altura; pertence a uma espécie muito elegante e bonita.

À noite, no dia 22, passamos pelo último rápido.

Dali por diante, até ao fim da nossa jornada, só teríamos águas mansas.

E, assim, só para subir os rápidos, gastamos quatro dias, e isso para vencer um percurso de cerca de trinta milhas.

No dia seguinte, pela manhã, entramos então no grande e desconhecido rio Uaupés, do qual há outro braço no rio Negro, formando-se assim um delta em sua barra.

Durante a viagem, ouvi muitas vezes o Sr. L. falar algo a respeito desse rio.

O velho negociante há muitos anos já que fazia ali as suas transações e tinha bastante conhecimento com as numerosas tribos de índios não civilizados, que lhe habitam as margens, bens como com os numerosos rápidos e cachoeiras que lhe tornam a navegação tão perigosa quanto penosa.

O rio Negro, para cima do Uaupés, estava calmo e plácido.

A sua largura, dali para cima, é de cerca de uma milha.

Em alguns trechos, porém, chega a ter duas ou três milhas.

As suas águas são mais escuras do que nunca.

No dia 24 de outubro, cedo alcançamos a pequena aldeia de Nossa-Senhora-da-Guia, onde reside o Sr. L., que bondosamente nos convidou para permanecermos em sua companhia, tanto tempo quanto fosse do nosso agrado.

A aldeia está situada em terreno elevado, que descamba subitamente para o rio.

Consiste ela numa fileira de choças barreadas, cobertas de folhas de palmeira.

Há ali algumas casas caiadas e outras com a cor natural da terra.

Para além delas, estendem-se alguns trilhos, em um solo arenoso, baixo, coberto de vegetação rasteira.

Mais adiante, expande-se, estira-se a floresta virgem.

A casa do Sr. L. tinha portas e janelas de madeira, providas de fechaduras.

Há ainda mais umas duas casas nessas condições.

Outrora, Guia foi, de fato, uma aldeia muito populosa, florescente e limpa.

Presentemente, todavia, está reduzida a uma grande decadência, a um estado miserável.

E são assim as demais aldeias do rio Negro.

Dirigindo-nos para a casa do Sr. L., fui ali apresentado a sua família, constituída de duas filhas já moças, duas meninas e um menino duns oito anos de idade.

Ema, vistosa “mameluca” (mestiça), de cerca de trinta anos de idade, foi-nos apresentada como sendo a mãe de seus filhos menores.

O Sr. L., durante a viagem, me havia dito que não lhe agradava a idéia de casamento; e acrescentou, ainda, que quem assim não pensa não passa de um grande tolo.

Para justificar as vantagens de não se prender ninguém por semelhante vínculo, contou-me, então, que a mãe de suas duas filhas mais velhas, quando estas se tornaram mais crescidas, não podia educá-las com asseio, e era incapaz, outrossim, de ensinar-lhes o português.

Em vista disso, resolveu pô-la fora de casa, substituindo-a, então, por outra mulher mais jovem e mais civilizada.

A pobre mulher, em conseqüência disso, morreu de tristeza, de “paixão”, conforme se expressou ele.

Quando rapaz, ele tinha sido tratado por ela com toda a dedicação, durante uma doença de que fora acometido, e que se prolongou por uns oito meses, salvando-lhe ela assim a vida.

Não obstante tudo isso, parecia que ele julgava que, expulsando-a de casa, cumprira o seu dever, pois, – conforme ele ainda se expressou, - “ela era uma índia e só sabia falar a sua própria língua, e, assim sendo, quanto mais tempo permanecesse em companhia de minhas filhas, estas não chegariam nunca a aprender o português”.

Chegando a casa, toda a família o recebeu e o cumprimentou da maneira mais fria e mais tímida possível.

Quando os filhos vieram pedir-lhe a bênção, foi como se eles se houvessem apartado dele na véspera, em vez dos três meses passados, que já era o tempo transcorrido pela sua ausência.

Tomamos café e, mais tarde um pouco, almoçamos.

Depois disso, descarregou-se a canoa.

Uma casa pequena, situada justamente de frente à morada dele, e que se achava desocupada nessa ocasião, foi varrida e preparada para a minha instalação.

As minhas bagagens foram logo levadas para lá.

Armando em seguida a rede, ali passei algum tempo, descansando.

Depois disso, saí a passear pelos arredores da aldeia.

Viam-se ali umas doze casas, pertencentes a índios.

Estes, porém, têm os seus sítios, ou casas de campo, dali a algumas horas ou a alguns dias de viagem, quer rio abaixo, quer rio acima, ou mesmo em alguns dos seus afluentes.

Eles passam apenas algumas temporadas na aldeia, por ocasião das festas, ou então da chegada de algum negociante, como agora, com o regresso do Sr. L.

Nessas ocasiões, trazem tudo que têm para vender ou para trocar, e, ainda que não tenham dinheiro, adquirem, mesmo assim, a crédito, as mercadorias de que precisam, com a promessa de fazer o respectivo pagamento dali a algum tempo.

Chegaram à aldeia várias índias, que vieram cumprimentar os filhos ou maridos, os quais compunham a equipagem da canoa em que viajamos.

Durante alguns dias, em regozijo pelo regresso, todos beberam a granel, realizando-se também danças, que duravam de manhã até a noite.

Durante esse tempo, eu saía pelos arredores da aldeia, afim de matar alguns pássaros.

Mesmo defronte à casa em que estava morando, onde havia algumas árvores frutíferas, juntavam-se diariamente muitos tucanos e muitos outros bonitos pássaros.

Pude matar alguns deles.

Na floresta, os insetos raramente eram encontrados.

Na margem do rio, embora não fossem lá muito abundantes, encontravam-se às vezes algumas borboleta raras, e que me davam alguma ocupação.

Alguns dias após a nossa chegada, o Sr. L. pôs a minha disposição dois índios, especialmente para caçar pássaros, esperando eu obter assim algum êxito.

Para esse propósito, usavam a gravatána⁸⁶ ou tubo de asso-pro, um tubo de uns dez a quinze pés de comprimento, por intermédio do qual, soprando, eles conseguem disparar pequenas setas, mas com uma precisão e uma força tais, que conseguem matar, a grande distância, pássaros ou outra caça qualquer.

Fazem-no com tanta certeza, como se fosse com uma espingarda.

As setas que empregam são envenenadas.

Assim, pois, ainda que elas produzam apenas um pequeno ferimento, isso é o bastante para fazer vir abaixo uma grande ave.

Todavia, logo verifiquei que os índios, vindos a chamado do Sr. L., especialmente para caçar, não estimavam devidamente esse trabalho.

86 Assim grafa o autor, mas o correto é *zarabatana*. Veja-se o que diz a respeito dela Raimundo Morais, ob. cit., II, pág. 171.

Freqüentemente, regressavam sem me trazer pássaro algum, desculpando-se de que nada puderam encontrar.

Tenho boas razões para acreditar que eles passavam a maior parte do tempo nos sítios próximos da aldeia.

Algumas vezes, após um dia inteiro na floresta, traziam apenas um pássaro qualquer, pequeno, e de pouco valor, que se podia encontrar mesmo perto de uma choupana dos arredores da aldeia.

E, como diziam sempre que tinham de ir a uma grande distância na floresta, à procura dos melhores pássaros, eu não podia vigiá-los.

Assim, via-me obrigado a aceitar, de bom grado, o que eles me traziam, e, como isso, ainda declarar-me muito contente.

Fiquei muito aborrecido ali, pois não se encontravam bons caminhos na floresta.

Desta sorte, sozinho, eu não podia aventurar-me a andar pela floresta.

Nas proximidades da aldeia, pouco se conseguia fazer.

Achei, por isso mesmo, mais plausível e mais fácil dedicar-me às coleções de peixes.

E, com isso, tinha eu muita satisfação, pois, freqüentemente, acrescia à minha coleção de desenhos de novas espécies.

As espécies menores, eu as conservava em álcool.

A enguia elétrica⁸⁷ é comum em todos os rios desta região.

Pode-se apanhá-la com anzol ou com redes.

Come-se-lhe a carne, embora não seja muito apreciada.

Quando as águas do rio vão baixando, em alguns lugares, nos rochedos, formam-se vários poços, onde se encontram muitos peixes.

Para apanhá-los, envenena-se a água com a raiz chamada “timbó”.⁸⁸

87 Tem o nome científico de *Gymnotus electricus* e o vulgar de *poraquê*.

88 Sobre esse *Longocarpus*, veja-se Raimundo Morais, ob. cit., vol. II, pág. 148.

Nas barras dos riachos fazem-se barragens,⁸⁹ com estacas fincadas através do leito, apanhando-se, então, por esse processo, muitos peixes.

Todavia, os peixes assim apanhados são muito bons somente quando ainda frescos, porque se putrefazem rapidamente, o que não sucede, quando são pescados com redes ou com anzóis.

Não havendo ali muito que fazer, resolvi empreender uma excursão até outro rio, mais para cima, onde se encontram, num monte isolado, de granito, situado nas proximidades do seu curso, os “galos-da-serra.”⁹⁰

Um índio, que sabia falar português e que chegara ali, vindo de uma aldeia situada bem próxima do referido morro, combinou comigo que me levaria, quando regressasse, em sua companhia.

O Sr. L. emprestou-me uma pequena canoa, e eu levei os meus dois caçadores, um dos quais morava na dita aldeia.

Levei muita munição, uma grande caixa para guardar os pássaros, sal, anzóis, espelhos, canivetes, facas, etc., para os índios.

Cedo ainda, deixei Guia.

Pouco abaixo da aldeia, entramos no rio Içana,⁹¹ um bonito curso de água, que tem ali cerca de meia milha de largura.

Por volta do meio-dia, alcançamos a barra do pequeno rio Cobati (é o nome de um peixe), que deságua na margem meridional do Içana, e em cujo curso começamos então a nossa subida.

Até então, viam-se as margens do rio vestidas de frondosa floresta virgem, sucedendo-se, aqui e acolá, algumas colinas, que eram baixas, mas cobertas de árvores gigantescas.

Em seguida, transmudou-se o aspecto da região, vendo-se apenas somente cerrados e arbustos.

Em alguns trechos, era arenosa e quase desnuda a terra.

O solo é perfeitamente plano, e parece que é atingido pelas grandes cheias.

89 São os *cacuris*, a que fizemos referência mais atrás.

90 É o *Rupicola crocea*.

91 No original, está grafado *Isanna*.

As águas do rio estavam mais escuras do que tinta.

O pequeno rio, ao longo de cujo curso íamos avançando, não tinha mais do que 50 jardas de largura, todo cheio de voltas, muito enganoso e com uma forte correnteza.

Por essa maneira, o nosso avanço não só era difícil, mas também muito enfadonho.

À noite, paramos em um trato de terra pouco extensa, mas arenosa e desnuda.

Perto da margem do rio, fincamos algumas estacas, para armar as nossas redes.

Pernoitamos ali.

Ao romper do dia, na manhã seguinte, prosseguimos a jornada.

Viajamos o dia todo, acompanhando as inúmeras voltas que faz o rio, o qual conservava o mesmo desolador aspecto de antes.

Não se via nenhuma árvore, de qualquer tamanho que fosse.

A vegetação apresentava o mesmo caráter monótono e de absoluta aridez.

À noite, paramos perto de um lago, onde os índios apanharam alguns bonitos peixes.

Tivemos ali um ótimo jantar.

No dia seguinte, prosseguindo a viagem, o rio começou a fazer mais voltas do que nunca.

Às vezes, após uma hora de pesada remação, íamos passar a menos de 50 jardas do ponto de onde havíamos partido.

Afinal, cerca do meio-dia, a região subitamente mudou de aspecto.

Nas margens do rio, viam-se gigantescas árvores, carregadas de características trepadeiras, as quais soltavam lá do alto os seus lindos pendões de flores.

Os rochedos cobrem-se de musgos.

Do rio, a pouco e pouco, ergue-se a floresta virgem, em despenhadeiros cobertos de luxuriante vegetação, de variados tons verdes e com a sua folhagem luzidia.

Isso tornava a paisagem em torno mais agradável à nossa vista, bem como ao nosso espírito, após o acabrunhamento e monotonia dos dias anteriores.

Com meia hora mais, alcançamos a aldeia, onde residem os índios, e que se compunha de seis miseráveis choças, todas mergulhadas na floresta.

O meu guia levou-me para a casa dele.

Esta compunha-se de dois cômodos, de assoalho de terra apisoada.

A casa era coberta de folhas de palmeiras, as quais estavam enegrecidas pela fumaça que se desprende do fogão.

Havia ali três portas, porém nenhuma janela.

Próximo de uma das portas da sala, coloquei minha caixa de insetos, como que servindo de mesa, e do outro lado armei, então, a minha rede.

Depois, fui dar um curto passeio, para ver os arredores da aldeia.

Alguns trilhos batidos ligavam umas às outras as diferentes choças.

Nestas, viam-se muitas crianças completamente nuas, e os pais, por sua vez, estavam também quase nus.

A maior parte das casas não têm paredes, sendo meras choupanas, suportadas por esteios e cobertas de folhas de palmeira.

Via-se apenas um cômodo fechado também por uma cerca de folhas de palmeira, e que servia como quarto de dormir.

Fui várias vezes fazer excursões pela floresta.

Nessas ocasiões, eu ia sempre acompanhado de alguns meninos índios, de 10 a 16 anos de idade, e que eram os meus constantes auxiliares.

Nenhum deles sabia falar uma única palavra de português.

Os meninos índios, todavia, não são lá muito tagarelas.

Eu era assim forçado a fazer uso do meu reduzido “estoque” da língua geral.

Poucos monossílabos, porém, bastavam para as nossas comunicações.

Dois deles levavam os seus tubos de assopro, gratanas, com os quais matavam passarinhos.

Outros, a meu lado, silenciosamente, iam-me apontando os pássaros ou animais, antes que eu mesmo pudesse surpreendê-los.

Quando eu disparava a minha arma, – como era quase sempre o caso, – depois do tiro, o pássaro voava ferido e ia cair bem longe, no espesso mato.

Aos saltos, correndo, eles iam buscá-lo.

Raramente o procuravam em vão.

Ainda que fosse um minúsculo beija-flor, se acontecia cair em uma densa moita de cipós e de folhas mortas, onde eu quase desesperaria de procurá-lo, era quase sempre por eles achado.

De uma feita, acompanhei o índio, em cuja casa estava morando, até a floresta.

Ele fora ali com o fim de arranjar varas para o seu tubo de assopro.

Fomos a um local, situado cerca de uma milha da aldeia.

Viam-se ali numerosas palmeiras de pequeno porte, entre as quais a *Iriartea setigera*, de Martius, que tem de 10 a 15 pés de altura.

O seu diâmetro varia de um dedo a duas polegadas.

Vêem-se-lhe exteriormente os gomos, que são perceptíveis, em razão das marcas deixadas pelas folhas caídas.

Por dentro, têm elas medula mole, que, quando se extrai, deixa no interior da vara uma cavidade muito certa e muito lisa.

Meu companheiro separou algumas das mais retas, que ele escolheu das que pôde achar, tanto das de menor, como de maior diâmetro.

Estes estemas são postos, em seguida, cuidadosamente a secar.

Faz-se-lhes a extração de miolo com uma vareta de madeira, feita do cerne de outra palmeira.

A cavidade é raspada e polida com o feixe de raízes de um feto, puxando-se o mesmo para diante e para trás, ao longo do tubo.

Escolhem-se dois estemas, porém de dimensões tais, que o menor possa passar puxado por dentro do maior.

Faz-se assim, para que não fique curva alguma, que impeça o deslizamento de um dentro do outro.

Em uma das extremidades, ajusta-se um bocal de madeira, do formato de um cone, e o tubo é apertado espiralmente com a casca de um cipó, muito lisa e de um negro brilhante.

As setas fazem-se com o cerne da espinhosa palmeira pataua (*Enocarpus Batava*),⁹² que são apontadas e untadas de veneno.

Estas setas têm um pequeno tufo cônico, feito do algodão da paineira (seda que cobre as sementes de uma *Bombax*) na outra extremidade, de modo a caber exatamente, mas não apertadamente, dentro do tubo.

Estas setas são conduzidas num carcaz de taquara, que é coberto de breu na parte inferior, de modo que possa ser virado para baixo, no tempo das chuvas, para se conservarem secas as setas.

O tubo de assopro ou gravatána é uma das principais armas ali.

Todo índio tem uma.

E, raramente, quando vai à floresta, ou ao rio, deixa de levá-la.

Eu logo vim a saber que os “galos-da-serra”, de que eu muito desejava obter espécimens e que foram o motivo principal da minha excursão até aqui, não se encontram perto da aldeia.

O ponto principal do seu ajuntamento é na serra de Cobati, a montanha a que já fiz referência, e que fica situada dali a umas dez milhas, na floresta, e onde estes pássaros são abundantemente encontrados.

Assim, pois, com a intenção de lá demorar uns oito dias, fiz os preparativos para uma excursão à dita serra.

Consegui persuadir quase todos os homens da aldeia a acompanhar-me nessa excursão, tendo, para isso, prometido pagar-lhes bem cada “galo” que matassem e me trouxessem.

92 No original, “*Patava (Oenocarpus Batava)*”. Mas o correto é *pataua (Oenocarpus patana)*. Veja-se Raimundo Morais, ob. cit., vol. II, pág. 86.

Como o nosso caminho se estendia através da floresta e tínhamos que fazer o percurso de uma dez milhas, a pé, não podíamos conduzir muitas bagagens.

Cada homem levava a sua gravatana, arco, setas, rede e alguma provisão de farinha.

Além disso, levavam ainda somente um pouco de sal, confiantes, como estávamos, de que a floresta haveria de fornecer-nos o mais que fosse preciso para o nosso alimento.

Eu mesmo tive que reduzir a minha bagagem e as minhas provisões, chegando até a dispensar a minha diária e única delícia do café.

Pusemo-nos a caminho por uma estrada sofrível.

Éramos, ao todo, treze homens.

Com uma hora de marcha, chegamos a um local onde havia uma plantação de mandioca e onde havia também uma casa, que era a última no trajeto para a serra.

Demoramo-nos algum tempo ali.

Nesse ínterim, tomamos um cuia de “mingau”, feito da polpa de umas bananas de casca verde.

Reuniu-se ao nosso grupo mais um voluntário.

Tive, então, ali, a surpresa de ver uma índia de cabeleira alvíssima e que, de tão velha que estava, tinha o corpo qual uma só massa de unidas e profundas rugas.

Pelas informações que colhi, a seu respeito, acredito que ela já tivesse mais de cem anos de idade.

Tive ocasião de ver ali também uma “mameluca”, ainda jovem, bonita e muito esbelta, com uns ares muito inteligentes e uma bonita expressão no rosto, o que raramente se vê nos cruzamentos de sua raça.

Desde o momento em que a vi, pouca dúvida tive de que se tratava de uma pessoa a que o Sr. L. havia feito referência durante a nossa viagem.

Segundo o que ele me dissera, tal mameluca era filha do célebre naturalista alemão, Dr. Natterer, com uma índia.

Via-a, depois disso, em Guia, onde se confirmou plenamente a minha presunção.

Ela deveria ter uns dezessete anos de idade, porém, era casada com um índio, de quem já tinha alguns filhos.

Era um bonito tipo de mulher, de nobre raça, oriundo do cruzamento do sangue alemão com o indígena.

Prosseguindo a marcha, fomos sair em outra roça ainda nova, também de mandioca.

Ali, o caminho estava completamente obstruído por troncos de árvores, e tivemos de passar por cima deles, como bem pudéssemos.

Imaginei as árvores de uma floresta virgem, derrubadas todas, mas de maneira que os seus troncos caíam uns sobre os outros, em todas as direções concebíveis.

Depois de ficarem assim a secar durante algum tempo, são em seguida queimadas.

O fogo, contudo, por ocasião da queima, às vezes não é suficiente, e consome somente as folhas, os ramos e galhos.

A parte restante permanece inteira, apenas enegrecida e carbonizada.

Nessas condições, em seguida, planta-se a mandioca, sem qualquer outro preparo do solo.

Foi através de um tal campo ou roça que nós todos, muitíssimo carregados, tivemos que fazer a nossa caminhada.

Ora subíamos no topo de um enorme tronco caído, ora caminhávamos sobre um balouçante galho, ora pisávamos sobre uma confusa massa de cinzas e de carvão.

Poucas jornadas requerem mais igualdade de ânimo e perfeito equilíbrio do corpo do que uma como essa, através de um mato derrubado do Amazonas.

Transposta a roça, entramos logo na floresta, outra vez.

A princípio, o caminho era mais ou menos tolerável.

Logo adiante, porém, transformou-se num sinuoso e simples trilho de poucas polegadas de largura, todo cheio de voltas, e que se estendia por entre garranchentos cipós e sobre uma alta camada de estralantes folhas secas.

Viam-se, por toda parte, de cada lado do caminho, erguendo-se na floresta, gigantescas árvores, de raízes arcobotantes, ou, então, de altíssimos e enormes troncos fendidos, curiosíssimas palmeiras e fetos esbeltos, que eram abundantes ali.

Muitas pessoas, lendo essa narrativa, poderão imaginar que a nossa caminhada na floresta haveria forçosamente de ser assaz agradável e pitoresca.

Todavia, muitas foram as importunações que ali sofremos.

Ao longo do caminho, andávamos tropeçando e passando por cima das raízes das árvores, que se elevam acima do solo, alternando-se com os brejos, leitos de cascalho e de folhas apodrecidas.

E eu ia patinhando por cima de tudo isso, com os pés descalços.

Esbarrava nos ramos das árvores, que me fazia cair o chapéu, ou, então, me prendiam a espingarda, que eu trazia à mão, causando-me, assim, grandes incômodos.

Lá mais adiante, os aguçados e recurvados espinhos das trepadeiras obstinavam-se em agarrar-se-me às mangas da camisa, obrigando-me, com toda a prudência, a fazer alto, para poder desembaraçar-me deles, ou, então, me arrancavam alguns pedaços de roupa, já um tanto gasta, e que iam ficando para trás, dependurados neles.

Os índios iam quase todos completamente nus.

Os que haviam trazido roupa, calças e camisas, levavam estas em pequenas trouxas, que eram conduzidas ao alto da cabeça.

Olhando, então, para mim mesmo, nenhuma dúvida tive da excelente demonstração da pouca valia, senão ruins conseqüências, de andar vestido em uma floresta.

Após umas quatro ou cinco horas de duras passadas, que não teriam sido desagradáveis, se caminhássemos em terreno plano e limpo, chegamos a um córrego.

Tinha este as suas cabeceiras na serra, em rumo da qual estávamos seguindo.

Ali paramos alguns instantes, para descansar, e bebemos então excelente e fresca água.

Entrementes, ouvimos logo um ruído estranho, qual o de grunidos, lá bem adiante, na floresta.

Num átimo, os índios levantaram-se e desabalaram numa grande carreira, em direção ao ruído.

Iam pulando e saltando, correndo com toda a animação, e embrenharam-se na floresta, rumo do local de onde procedia o ruído.

– “Tajaçu!” (“Porco montês”!)⁹³ exclamaram eles, enquanto alguns apanhavam os arcos, dos quais logo apertaram os cordões, e ajuntavam os feixes de flechas.

Outros empunhavam enormes facas.

Tratei logo, em vista disso, de armar a minha espingarda.

Carreguei-a com uma bala e fiquei de sobre-aviso, aguardando ocasião para atirar em algum “porco”, que por ali aparecesse.

Fiquei com receio de seguir os índios, pois deles podia desgarrar-me e perder-me na floresta.

Ali, portanto, permaneci, com alguns meninos, na esperança de que a caça viesse a passar por perto de nós.

Ouvimos, então, uma violenta arremetida e um horrível bater de dentes, que me puseram algum tanto aflito.

Eu esperava que, de um momento para outro, aparecessem as feras.

O ruído foi ficando cada vez mais longe, mais amortecido, cessando, afinal, lá muito longe, na floresta.

Os índios, daí a pedaço, regressaram.

Eles então confirmaram que era uma enorme manada de bonitos porcos-do-mato.

Estes, entretanto, haviam conseguido escapulir-se.

Contudo, os homens tinham voltado para dar ordens aos meninos a fim de me levarem para a serra, enquanto iam continuar a perseguição ao bando de porcos.

93 O autor escreve “tyeassu”, mas no “Glossaria linguarum brasiliensium” (pág. 177), de Martius, vem a grafia *tajaçu* (*Dicotyles labiatus*).

De acordo com essa combinação, prosseguimos o nosso caminho, num solo todo cheio de altos e baixos, muito irregular, passando ora sobre apodrecidos troncos de árvores caídas, ora subindo ladeiras, ora descendo fundas grotas.

Afinal, alcançamos uma curiosa rocha, – que era semelhante a uma enorme mesa, – de 20 a 30 pés de diâmetro, apoiada somente em suas duas extremidades e formando uma bonita gruta.

Logo à sua entrada, uma pessoa pode ficar folgadoamente em pé; porém, para penetrar mais, só se ficar deitada.

O topo desta singular rocha era mais ou menos achatado e todo coberto de árvores da floresta.

Parecia que o seu peso se concentrava mais para um lado do que para o outro, sobre os pequenos suportes.

As raízes das árvores, porém, não encontrando suficiente nutrição na pequena camada de terra do topo da mesa, procuraram então a beirada, e dali, descendo verticalmente, penetraram por entre os fragmentos partidos de pedras, que jazem no solo, formando-se assim uma série de colunas de diâmetros variados e que suportam a rocha, em torno de toda a sua beirada.

“Ali”, – disseram os meninos, – “deverá ser o nosso pouso, durante a nossa estada na floresta.”

Eu, contudo, não estava vendo jeito algum de encontrar água ali por perto.

Por entre as copas das árvores, distinguíamos a alguma distância, lá ao longe, a uma distância de um quarto ou milha, a montanha, uma desnuda massa de granito, muito a pique, que se eleva abruptamente da floresta, a umas várias centenas de pés.

Já tínhamos armado as nossas redes.

Passada, entretanto, meia hora, três dos índios, do nosso grupo, apareceram junto a nós.

Vinham com um andar gingado e ziguezagueante, acurvados ao peso de um bonito porco-do-mato, que fora morto por eles.

Eles o estavam trazendo dependurado aos ombros, por intermédio de uma vara comprida e forte.

Verifiquei que os meninos, de fato, se haviam enganado, a respeito do local para o nosso pouso.

Este estava ainda dali a alguma distância.

Era mais para diante, muito próximo da serra.

Para lá nos dirigimos e fomos, então, parar perto de um córrego, que corria encachoeirado, e próximo do qual havia também outro pouso, na gruta formada por outro rochedo pendente.

Ali, então, nos instalamos.

Sobre as nossas cabeças estava a floreta.

As raízes das árvores debruçavam-se sobre as beiradas do rochedo, descendo até em baixo, e formando uma espécie de biombo ou abrigo, separando assim a caverna.

As raízes serviam mesmo de postes para armar as nossas redes.

Desempacotamos as bagagens e armamos então as maqueiras.

Acendeu-se logo o fogo.

O porco-do-mato foi levado para o córrego, que corria próximo da ponta mais abaixo da caverna, para ser pelado e preparado para o nosso jantar.

É um animal que muito se parece com o nosso porco doméstico; no seu dorso, porém, as cerdas são muito mais grossas e mais compridas.

Dele se desprende um fortíssimo odor.

Verifiquei que este forte cheiro provém de uma glândula situada a cerca de seis polegadas acima da base da cauda.

De um pequeno orifício, situado no centro dessa glândula, desprende-se um líquido oleoso, que é o que produz o fortíssimo e intolerável cheiro, característico de chiqueiro de porcos, do qual o nosso animal doméstico, pode convir-se, dá uma fraca idéia.

O que os índios trataram logo de fazer foi proceder a extirpação dessa glândula, que arrancaram com um pedaço de algumas polegadas de couro e de carne.

Eles imediatamente a jogaram fora.

Se não se fizer isso logo, dizem eles, o “pitiú” (em português, “catinga”) ou cheiro ruim não permite que se lhe coma a carne.

O animal, depois de pelado, foi esquartejado, e alguns pedaços foram postos em um pote de barro, para serem cozinhados a fogo brando e lento.

Os quartos e o entrecosto foram postos sobre o fogo, até ficarem bem secos.

Por essa maneira, conservam-se muitas semanas, sem sal.

A maior parte dos índios do nosso grupo ainda não haviam chegado.

Jantamos então, esperando que regressassem até ao escurecer.

Anoiteceu, e, contudo, não apareceram.

Apagamos o fogo, pusemos a carne no “moquém”, ou estaleiro, para enfumaçá-la, e caímos, em seguida, nas redes.

Na manhã seguinte, quando preparávamos o almoço, os índios, que estávamos esperando, chegaram, trazendo o produto da sua caçada.

Eles ainda mataram mais três porcos, e, como já fosse um pouco tarde e estava muito distante, lá mesmo acamparam para passar a noite, esquartejaram os animais, puseram na fumaça as melhores peças de carne, trazendo-as, em seguida, envolvidas em folhas de palmeira.

Esses índios não tinham arcos nem flechas.

Mataram os porcos com tubos de assopro e pequenas setas envenenadas de 10 polegadas de comprimento.

Logo após o nosso almoço, preparamo-nos para o ataque aos “galos”.

Nós nos repartimos em três grupos, cada um seguindo direção diferente.

O grupo, de que eu fazia parte, deveria subir a serra, até onde fosse possível.

Partimos do alto da nossa caverna, que era, como eu já referi, formada pela base da própria serra.

Começamos logo a subir.

Atravessamos fundas e ásperas grotas, passamos por sobre enormes blocos de pedra e através de sombrias lapas.

E tudo isso ali estava disposto na mais extraordinária confusão.

Algumas vezes, para galgarmos um precipício, tínhamos que subir agarrando-nos as raízes das árvores ou aos grossos e pendentes cipós.

Outras vezes, íamos arrastando-nos de rojo, num solo formado de ponteagudas rochas salientes, que variavam do tamanho de um carrinho de mão a uma casa.

Eu não podia acreditar que o que a certa distância parecia coisa insignificante, pudesse, assim de perto, ter um aspecto tão gigantesco, tão rude e tão brutal.

De instante a instante, prestávamos toda a atenção aos ruídos, porém não víamos pássaros.

Depois de algum tempo, todavia, um índio velho, tocando delicadamente em meu braço, murmurou muito baixo: – “Galo.”

Após procurá-lo por alguns instantes, lobriguei, então o lindo pássaro, pousado em um lugar meio sombrio, destacando-se pela sua plumagem, que brilhava como chamas de fogo.

Dei um passo à frente, para ficar em melhor posição, e levantei minha espingarda para alvejá-lo.

Quando estava justamente para disparar a arma, ele, percebendo-me, voou, antes que eu tivesse tido tempo de atirar.

Seguimos, então, para diante.

Não longe, foi-me mostrado outro.

Desta vez tive melhor sorte.

Fiz boa pontaria e consegui pô-lo abaixo.

Os índios correram em direção em que havia caído, numa funda grotta, por entre escarpados rochedos.

Para apanhá-lo, foi necessário fazer uma volta considerável.

Dali a alguns minutos, contudo, a ave me foi entregue.

Fiquei estarecido de admiração pelo deslumbrante brilho de suas flácidas e lanosas penas.

Não se lhe via mancha de sangue, nem sequer uma de suas penas se quebrara ou ficara amarrotada.

Com o corpo ainda quente, muito mole e muito flexível, ornado de esvoaçante plumagem, era na verdade um belíssimo pássaro.

De maneira alguma, qualquer espécimen empalhado pode-se-lhe aproximar.

Algum tempo após, não se tendo encontrado outros “galos”, os índios resolveram fazer uma ascensão à serra.

Iam subir por um local de difícilíssimo acesso.

Deixaram em minha companhia dois meninos, pois ali deveríamos ficar-lhes à espera.

Ficamos, depois disso, esperando por eles até cansar.

Como os meninos me informassem que conheciam o caminho para voltar para a gruta, eu decidi não mais esperar pelos índios.

Resolvi voltar.

E fomos então descendo, ora passando por profundos abismos, ora subindo, ora rodeando, ora rolando por precipícios, e, assim, sempre subindo ou descendo, passamos por muitas cavernas, formadas por enormes blocos de pedras, que se amontoavam por cima de nossas cabeças.

Parecia já que não havia mais jeito algum de sairmos da montanha.

Outras elevações erguiam-se diante de nós e outras fundas grotas tinham que ser vencidas.

Cobrando ânimo, fomos trepando pelas raízes e cipós que desciam a prumo das paredes, a pique, ou então nos arrastávamos ao longo de estreitíssimas passagens, com horríveis precipícios de um e de outro lado.

Eu, na verdade, não podia imaginar que ali pudessem existir tão ponteagudas rochas.

Parecia que a montanha tinha sido cortada e entalhada por forças ciclópicas, que abriram nela fendas e grotas de 50 a 100 pés de profundidade.

A espingarda, que eu conduzia, era uma carga inconvenientíssima, que muito me atrapalhava.

Quando era para subir por aqueles precipícios ou beirar lugares escarpados, tinha eu que apoiá-la nas pedras, de encontro as quais se embatia, o que lhe causava dano.

Afinal, parece que havíamos chegado ao coração da montanha.

Ali, não se lorigava mais jeito algum de romper para a frente. Só se via a densa floresta, em intricadíssimo aranhol, que cobria por toda parte os rochedos.

E, para diante, só se viam mais precipícios e mais elevações.

E assim se sucediam uns aos outros, por entre gigantescos blocos de pedra.

Parecia que aquilo não acabava mais.

Tornou-se, assim, de pronto, muitíssimo evidente que os meninos tinham errado o caminho.

Como melhor alvitre, resolvi, portanto, retroceder.

Isto era tarefa bastante penosa e difícil.

Eu já me sentia, verdadeiramente, muito fatigado.

E a perspectiva, que se me deparava, de outra difícil ascensão, para atravessar perigosas elevações e arriscadas descidas de sombrios precipícios, não era lá, por maneira alguma, agradável.

Era mesmo para desanimar.

Contudo, era necessário perseverar.

E, assim, a pouco e pouco, fomos voltando.

Um dos meninos conduzia agora a minha espingarda.

Após meia hora de penosa caminhada, conseguimos chegar ao local de onde havíamos partido.

Ali, já encontramos, então, os outros índios, que estavam à nossa espera.

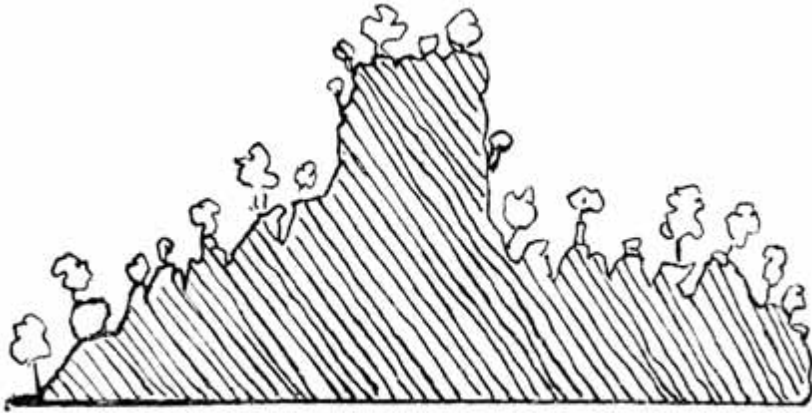
Dali, então, para regressarmos à gruta, voltamos pelo caminho certo, que os índios disseram ser o único para subir ou descer a montanha.

Fizemos a descida em pouco tempo.

Pelo esquema que acompanha esta descrição, vê-se um corte da montanha, tão aproximadamente quanto possível.

A curiosa e extraordinária disposição dos rochedos, como que parecidos com os dentes de uma serra, não é de todo exagerada, e o que é mais admirável e mais surpreendente é que isso só se percebe quando se chega ao local, pois que, vista a certa distância, a serra parece, apenas,

uma lisa montanha, de um suave caimento, coberta de mato e de altura pouco considerável.



Esquema da serra

Todavia, além das enormes grotas e espinhaços, conforme mostra a gravura, a superfície dos precipícios é talhada da mais extraordinária maneira, formando despenhadeiros a pique, na rocha lisa, ou, então, profundos canais verticais, de bordas pontiagudas, dando a impressão de que foram formados pelo granito em estado plástico e que este foi elevado para cima, contra as suas duras massas angulares.

Alcançando a caverna, depenei imediatamente a minha presa, antes que ficasse escuro.

E, depois, fomos tratar de fazer o jantar.

Nenhum “galo” mais fora trazido nesse dia.

Acendeu-se o fogo e a carne dos porcos foi posta a assar.

Em roda do fogo, estavam 13 índios nus, que conversavam em uma língua desconhecida.

Dois deles, somente, sabiam falar um pouco de português.

Com eles eu passava o tempo a conversar, respondendo-lhes várias perguntas que me faziam a respeito de onde vinha o ferro, como se faz o tecido de algodão, se o papel crescia em meu país e se nós lá temos mandioca e bananas.

Eles, então, ficavam muito espantados, ao ouvir que em nosso país só há homens brancos, e, mais ainda, não podiam imaginar como esses homens podem viver em uma terra onde não há florestas.

E, assim, iam sucedendo outras perguntas mais, procurando eles saber de onde vêm o vento e a chuva, e como o sol e a lua voltam para os seus lugares outra vez, após desaparecerem de nós.

Eu tentava satisfazer-lhes todas as perguntas, com as minhas explicações.

E, daí, então, eles por sua vez, contavam as suas histórias de onças, dos pumas, dos ferozes porcos selvagens, do terrível curupira, o demônio dos matos, e do homem selvagem, que tem uma longa cauda e que se encontra lá bem no centro da floresta.

Assim, iam-me contando histórias interessantes.

Dentre estas, há uma a respeito do tapir, que eles me narraram, porém que, depois, outros me asseguraram não ser verdadeira.

“O tapir”, – contavam-me eles, – “tem o esquisito capricho de soltar o seu estrume somente nos lugares onde existe água.

“O seu estrume nunca se encontra na mata, e, sim, nos córregos ou nos lugares onde há água, muito embora seja ele em pelotas grandes e tão abundantes, que não se possa deixar de percebê-lo na floresta.

“Se o animal não encontra água, no lugar onde se acha, faz, então, um grosseiro cesto de folhas, e neste leva-o para o córrego mais próximo, onde o joga.”

E o índio, prosseguindo a sua narração, contou-me a seguinte história:

“Era uma vez um tapir, que encontrou outro na floresta, quando ia levando à boca um cesto de folhas.

“Que é que você tem aí nesse cesto? – perguntou-lhe o primeiro tapir.

– “Frutas, – respondeu o outro.

– “Dá-me então algumas – disse o primeiro.

– “Eu não as posso dar – declarou o outro.

“O primeiro tapir, então, arrebatou violentamente o cesto da boca do outro.

“Entretanto, ao abri-lo, vendo o seu conteúdo, ambos muito envergonhados um do outro e voltando as caudas um para o outro, dispararam pela floresta a fora, em direções opostas.

“E nunca mais se encontraram outra vez perto daquele lugar, durante toda a sua vida.”

E, assim conversando, íamos passando as horas, até que, após algum tempo, percebíamos que o sono vinha chegando.

E íamos todos deitar-nos.

Nós nos levantávamos todos aos primeiros clarões do dia.

Os índios, com os seus corpos nus, de madrugada sentem frio, e por isso se levantam, reavivam o fogo e fazem mingau, para se aquecerem.

Eu, por falta de café para beber, não tinha outro remédio senão também tomar “mingau” (caldo de farinha).

Depois, partiam todos para a floresta, a fim de caçar.

Eu também saía e encontrava sempre distração na serra.

Os dois indiozinhos acompanhavam-me, como guias e como meus auxiliares.

Após andarmos um bom trecho, encontramos alguns bonitos mutuns, trepados em altas árvores.

Consegui atirar num deles e matá-lo.

Essa ave e um grande jacamar foram tudo que pudemos achar ali.

Dali voltamos para a nossa caverna.

À tarde, os outros companheiros voltaram, porém não foram bem sucedidos.

Trouxeram-me somente um “galo-da-serra”.

No dia seguinte, não se tendo encontrado caça de espécie alguma, resolvemos mudar o nosso acampamento para outro local.

Ficou assentado transferir-nos para o outro lado da serra, a alguma distância dali, e onde diziam haver um lugar que era muito frequentado pelos “galos”.

Consoante essa resolução, partimos para lá.

Se o nosso primeiro caminho foi bastante ruim, este agora era simplesmente detestável.

Estendia-se através de um terreno coberto de matos de segundo crescimento, que eram muito mais cerrados do que na floresta.

Demais, o caminho estava atravancado de plantas de espinhos garranchentos, ou, então, entrançado de cipós.

No caminho, alternavam-se trechos de lama e de agudas pontas de quartzo, que nos machucavam os pés.

A nossa provisão de farinha já estava bastante reduzida, e não levaria muito a acabar.

Assim, pois, combinamos que a metade dos homens voltaria à aldeia, a fim de buscar suficiente provisão, para podermos demorar-nos mais uma semana na serra.

Afinal, chegamos ao lugar do nosso novo acampamento.

Era uma agradável e extensa clareira, com bosques de árvores baixas em redor.

Noutros tempos, fora sede de um pequeno aldeamento indígena.

Ali, incontestavelmente, era muito mais agradável do que o nosso anterior acampamento da gruta, que era completamente fechada pela alta e densa floresta e onde mal podiam penetrar os raios solares.

Havia ali muitas árvores, de uma espécie de *Melastoma*, carregadas de umas frutinhas vermelhas, que são muito apreciadas pelos “galos” e outros pássaros mais.

Havia um rancho pequeno, onde eu poderia estender a minha rede, porém que estava descoberto.

Nós logo fizemos nele os necessários reparos e o cobrimos de folhas: foi o nosso quartel-mestre, onde nos instalamos da melhor maneira possível.

Não demorou muito tempo que, logo após a nossa chegada ali, ouvíssemos o agudo pio de um “galo”, bem perto de nós.

Todos imediatamente sentiram um estremecimento, e eu tive logo o prazer de avistar outra vez a linda ave por entre a folhagem, dardejando a sua plumagem, como chamas ígneas.

Minha espingarda, contudo, tinha-se molhado de orvalho, na longa caminhada, e negou fogo.

À tarde, dois lindos pássaros foram-me trazidos, – o que era um bom começo para a nossa caçada.

Na tarde seguinte, o grupo, que tinha ido à aldeia, voltou, trazendo-nos farinha, sal e alguns mamões, que eram muito agradáveis e refrescantes.

Ali permanecemos mais quatro dias, com vários sucessos; houve dias em que não matamos um pássaro sequer; e outros, de abundante caça, além de um ou dois “galos”. Com os macacos, lagartos e mutuns, tínhamos ótimos manjares.

Um dia, saí sozinho, e, tendo ficado à espera, pacientemente, sob a copa de uma árvore frutífera e debaixo de ensopante chuva, fui bem recompensado, pois pude matar um bonito “galo”.

Foram-me também trazidos, ainda vivos, dois deles.

Um deles, eu o matei e depenei logo, de uma vez, e o outro foi guardado pelo índio, que o apanhara.

Este último, entretanto, poucas semanas depois morreu.

Eles são apanhados em armadilhas, nos lugares onde os machos se reúnem para dançar e cantar.

Estes lugares ficam nas rochas ou nas raízes das árvores, e, de tanto eles os pisarem, são lisos e limpos.

Dois ou três machos encontram-se e executam, então, uma espécie de dança, andando e pulando para cima e para baixo.

Nunca se vêem, nesses sítios, as fêmeas e os filhotes.

Deste modo, vós podeis estar certos de apanhar somente os machos crescidos e de linda plumagem.

Nunca ouvi falar de qualquer outro pássaro, que tenha hábito tão singular.

No último dia de estada em tal acampamento, acabaram-se-nos as provisões.

Os índios regalaram-se, comendo um jacarezinho, que haviam matado em um córrego próximo; mas esse animal, com o seu característico almíscar, que era demasiadamente forte, não tive estômago para su-

portá-lo; após ter empurrado pela goela abaixo um pedaço da cauda, conclui o meu jantar apenas com um mingau.

No dia seguinte, regressamos para a pequena aldeia.

Com doze caçadores, durante nove dias na floresta, eu havia conseguido doze “galos-da-serra”, dos quais dois atirados por mim próprio.

Além dessas aves, consegui também dois bonitos trigônidás, alguns pequenos manakins de topete azul, alguns curiosos pássaros Barbados e uns tordos-formicários.

Nessa aldeia, passei cerca de quinze dias mais, obtendo ainda alguns bonitos pássaros, porém que não eram muito raros.

Matei um curioso corvo, da espécie do de cabeça pelada (*Gymniphobus calvus*), de plumagem escura, o qual, bem que comum em Caiena, é muito raro na região do rio Negro.

Ninguém, de fato, se não os índios, já têm visto esse pássaro.

Eles o observam, como eu também, com a maior curiosidade.

Ainda pelei uma cutia preta, e fiz desenhos de muitos peixes curiosos.

Tendo o padre que ir a Guia, os índios, quase todos, queriam voltar comigo, para assistir à festa que ali devia realizar-se, e fazer batizar, então, os filhos.

Contudo, quando nós chegamos ali, verificamos que o padre havia partido para outras partes mais acima do rio, de sorte que, somente quando voltasse, é que haveria de parar ali.

Eu estava aflito para partir, tão depressa quanto possível, em demanda do alto rio Negro na Venezuela.

Nenhum índio, entretanto, poderia eu arranjar para seguir comigo nessa viagem, antes da volta do padre.

Por isso mesmo, tive de ficar em Guia, esperando paciente e ociosamente o tempo passar.

Dias seguidos, fui à floresta, mas lá não encontrei pássaro algum, que valesse a pena matar.

Os insetos eram igualmente raros.

A floresta era sombria, úmida e saliente, como a morte.

De quando em quando, chovia, e quase todas as tardes havia trovoadas, acompanhadas de chuva.

E, durante esses tristonhos dias e enfadonhas noites, não tinha eu outro recurso, se não ficar ouvindo as histórias, já muitas vezes repetidas, do Sr. L., ou a sua habitual conversação sobre compra e venda de algodão, colheita de salsaparrilha ou corte da piaçaba.

Afinal, lá um dia, chegou o padre Frei José.

Viera acompanhado do Sr. Tenente Felisberto, comandante de Marabitanas.

Frei José dos Santos-Inocentes era alto, magro, precocemente envelhecido, bastante gasto e esgotado em consequência de toda sorte de deboches.

As suas mãos eram estropiadas e tinha o corpo todo ulcerado.

Todavia ainda se deliciava em recordar as proezas da mocidade, e era tido como o mais original e mais divertido contador de anedotas da província do Pará.

Da margem do rio para o alto do barranco, vem de transportado em uma rede.

Antes de começar as suas operações eclesiásticas, gastou ainda uns pares de dias a descansar.

Eu ia quase sempre visitá-lo, em companhia do Sr. L.

Ele muito nos divertia com o seu inesgotável repertório de anedotas.

Sabia tudo que se passava na província do Pará.

A respeito dos homens e das coisas, tinha sempre algo de extravagante para contar-nos.

As suas anedotas, em sua maioria, eram desagradavelmente picantes, pornográficas mesmo.

Eram, porém, tão habilmente contadas, numa linguagem tão original quanto expressiva e com tão divertidos arremedos de voz e de gestos, que se tornavam, de fato, irresistivelmente engraçadas.

Há sempre, ademais disso, um particular encanto em ouvir boas anedotas, quando contadas em uma língua estrangeira.

O chiste é, afinal, o mais interessante do obscuro método de conseguir este intento.

E o conhecimento que adquiri dos vários termos e modismos, peculiares à linguagem, causa um prazer, um interesse, inteiramente distintos da história propriamente dita.

Frei José, durante o tempo em que se demorou conosco, não contou uma só das anedotas duas vezes.

E o Sr. L., que já o conhecia desde alguns anos, disse-me que ainda não ouvira muitas das que foram agora contidas.

Foi soldado, depois frade de um convento, e, por fim, era sacerdote paroquiano.

De sua vida no convento conta várias histórias, tais quais as que lemos em Chaucer, dos feitos deste em seu tempo.

“Don Juan”, comparado a Frei José, era um inocente.

Ele dizia, entretanto, que sempre teve grande respeito pela sua batina, e nunca fez nada para desrespeitá-la, durante o dia.

Tivemos início, afinal, os batizados.

Havia ali umas 15 ou 20 crianças índias, de todas as idades, que deveriam submeter-se, de uma vez, à operação.

Há sete ou oito ritos distintos, na cerimônia do batismo da Igreja Católica Romana, e que são apropriados para causar impressão aos índios.

Há o da água; o dos santos-óleos; o da saliva, esparzida nos olhos; o das cruces nos olhos, no nariz, na boca e no corpo; e o da genuflexão, com orações de permeio, tendo tudo isso suficiente semelhança com as complicadas operações dos seus próprios pajés (“conjuradores”), de modo a fazer os índios pensar que obtém alguma coisa muito boa, em troca dos shillings com que pagam essa cerimônia.

No dia seguinte, realizaram-se alguns casamentos, cuja cerimônia muito se parece propriamente como do nosso.

Em seguida, Frei José fez, então, ao há grupo dos recém-casados uma excelente prédica sobre a vida matrimonial e os deveres de cada um, a qual poderia resultar num grande benefício e tem alto alcance, se, aos que eram dirigidas, as suas palavras fosse possível compreendê-las, pois que falava em português, o que eles não entendiam bem.

Frei José não perdia nenhuma oportunidade para exortar vigorosamente os índios a casar e salvar as suas almas, enchendo ele, graças a isso, as algibeiras da batina.

Os dois únicos homens brancos, além de mim mesmo, ali presentes, eram, entretanto, péssimos exemplos.

Eles não eram casados, nem queriam casar, muito embora fossem ambos chefes de numerosas famílias.

O padre, para não passar por cima disso sem um reparo qualquer, disse então:

– “Nunca vos importeis com o que estes brancos fazem. Eles irão todos para o purgatório. Não sejais, pois, tão loucos de ir para lá também.”

A essa altura da alocução, o Sr. L. e o comandante deram gostosas gargalhadas, enquanto os pobres índios se entreolhavam muito espantados.



Estampa VII – Uma aldeia no rio Negro

.....

Capítulo IX
Javita

PARTIDA DE GUIA – MARABITANAS – SERRA DE CUCUÍ – ENTRANDO NO TERRITÓRIO DA VENEZUELA – SÃO-CARLOS – PASSANDO O CACIQUIARE – ANTÔNIO DIAS – ÍNDIOS CONSTRUTORES DE BARCOS – TRABALHOS DE PENAS – MAROA E PIMICHIM – UMA ONÇA PRETA – SERPENTES VENENOSAS – PESCANDO – A CAMINHO DE JAVITA – DEMORA ALI – ÍNDIOS CONSTRUTORES DE ESTRADAS – LÍNGUA E COSTUMES – DESCRIÇÃO DE JAVITA – FUGA DOS ÍNDIOS – COLEÇÕES FEITAS EM JAVITA – REGRESSO A TOMO – UM TUMULTO DOMÉSTICO – MARABITANAS E SEUS HABITANTES – ALCANÇANDO GUIA⁹⁴

A

FINAL, depois que os visitantes partiram, comecei a fazer os preparativos para a viagem aos territórios mais remotos.

O Sr. L. me emprestou uma canoa, e comigo deveriam ir quatro índios, dos quais somente um velho, de nome Augustinho, sabia falar um pouco de português.

94 No original, os topônimos *Cucuí* e *Caciquiare* são respectivamente grafados *Cocói* e *Cassiquiare*.

Eu levava comigo um relógio, um sextante, uma bússola, caixas para guardar insetos e pássaros, espingarda e munição, colares, anzóis, morim e tecidos ordinários de algodão para os índios.

Os meus homens levavam as suas gravatanas e aljavas de flechas envenenadas, um par de calças, camisas, remos, isqueiros e redes, que compreendem toda a bagagem de um índio.

No dia 27 de janeiro de 1851, deixamos Guia, remando rio acima.

A canoa havia sido calafetada pouco antes, e eu logo verifiquei que estava fazendo muita água, o que me obrigou a esvaziá-la continuamente.

À tardinha, quando paramos para o jantar, fiz nela um cuidadoso exame e descobri a causa da penetração da água.

A carga era bem pesada e estava sendo suportada por um pequeno estrado, que descansava sobre escoras de paus roliços, encruzados no fundo da canoa.

As extremidades das varas, inadvertidamente, foram colocadas sobre uma das juntas das tábuas, de sorte que todo o peso das cargas se concentrava ali, tendendo a separá-las e, em consequência, produzindo a entrada da água.

Por esse motivo, fui obrigado a descarregar completamente a canoa e a recolocar as varas em melhor posição, depois do que fiquei satisfeítíssimo, verificando que a água entrava em quantidade muito menor.

No dia 28, à tardinha, alcançamos a pequena povoação de Mabé, o que foi em boa ocasião, pois seus habitantes estavam acabando de regressar de uma pescaria.

Eles haviam apanhado uma grande quantidade de peixe, tendo para isso previamente envenenado as águas de um igarapé próximo.

Deles adquiri peixes em quantidade suficiente para o nosso jantar, bem como para o almoço do dia seguinte.

Entre os ditos peixes, achei vários exemplares que eu ainda não tinha visto antes, como uma espécie pequena, muito curiosa, aliada ao *Centrarcus*; era o chamado “peixe-borboleta”, por causa do extraordinário desenvolvimento das suas barbatanas e também de suas escamas, muito unidas e coloridas.

No dia seguinte, 29, cerca do meio-dia, passamos junto à foz do rio Xié, de águas muito claras, de volume regular, mas pouco extenso.

Há muito pouco comércio rio acima, e os índios, seus habitantes, além de não ser ainda civilizados, são quase desconhecidos.

No dia 30, chegamos à vista da serra dos *Cababuris* e da extensa cadeia de montanhas chamadas *Pirapucu* (“peixe comprido”).⁹⁵

Consistem em picos de granito, que se sobrelevam isolados, como os que comumente se encontram nesta região.

No dia seguinte, alcançamos Marabitanas, fronteira fortificada do Brasil.

Encontram-se ali apenas os restos de um parapeito de estacas de madeira e um diminuto destacamento.

Como o comandante não estivesse ali, demoramo-nos apenas o tempo necessário para comprar algumas bananas.

No dia 1º de fevereiro, alcançamos a serra de Cucuí, que demarca os limites entre o Brasil e a Venezuela.

É uma rocha granítica, muito alcantilada, tendo aproximadamente a forma de um fragmento de prisma quadrangular, de cerca de mil pés de altura.

Ergue-se, abruptamente, da floresta plana, e ela própria, no seu cume e nas partes menos alcantiladas, é toda coberta de espessa mata.

Aqui os piuns, mosquitos pequenos que dão picadas dolorosas, e que eram em grande quantidade, atormentaram-nos bastante, o resto do dia.

O tempo agora estava muito bonito, e passamos a noite, tranqüilamente, numa linda praia pedregosa.

Na noite seguinte, de novo paramos em uma praia rochosa, onde encontramos algumas inscrições curiosas, esculpidas na rocha, abaixo do nível das máximas cheias.

Tendo aqui um horizonte límpido e claro, na direção rio acima em rumo setentrional, pude então ver a minha velha amiga, a estrela

95 No original está grafado *Pirapucó*. Mas a própria significação, dada interparenteticamente pelo autor, patenteia que a forma exata é *Pirapucu*.

polar, embora eu estivesse apenas a um grau e vinte minutos de latitude Norte.

Viam-se diariamente lindas praias pedregosas, ao longo das quais eu muitas vezes passeava, enquanto Luís, um rapaz, ia, com o seu arco e flechas, procurando matar peixes.

Ele era muito esperto e trazia sempre o seu arco e flechas a tiracolo, e, quando nos aproximávamos de algum baixio, preparava a seta e atirava nalgum luzidio “acará”, ou num “tucunaré” de cor prateada.⁹⁶

Afinal, na tarde de 4 de fevereiro, chegamos a São-Carlos, a principal aldeia venezuelana do rio Negro.

Este foi o ponto mais remoto alcançado por Humboldt, vindo de uma direção oposta, e eu, agora, estava entrando e palmilhando o território atingido por aquele ilustre viajante, há cerca de cinquenta anos.

Ao saltar em terra, tive a agradável surpresa de ver ali um jovem português, que eu já havia encontrado em Guia.

E, como ele estava viajando rio acima, para Tomo, e deveria para ali seguir dentro de um ou dois dias, convidei-o para me esperar e assim podermos ir juntos.

Levou-me ele à casa do comissário a quem me apresentou, começando eu, desde então, a familiarizar-me com a língua espanhola.

Fui cavalheirescamente tratado pela dita autoridade, e achei-me ali entre um grupo de homens malvestidos, que sustentavam uma conversação variada sobre assuntos gerais.

Lutei com grande dificuldade para proferir, nessa ocasião, algumas palavras, não só por causa de sua acentuação, mas também por causa do número de vocábulos novos, que vinham logo de uma vez à minha imaginação, atrapalhando-me sobremaneira.

Se bem que o espanhol seja uma língua muito parecida com a portuguesa, nos verbos, nos pronomes e nos adjetivos, os substantivos, entretanto, são muito diferentes, tanto na sua acentuação, quanto na sua pronúncia.

96 Destes peixes, o nome do primeiro está grafado “acarrá” no original.

Durante a nossa permanência ali, tomávamos as nossas refeições em casa do comissário, tendo sempre o delicioso café, com o qual eu já me havia acostumado e muito, de fato, apreciava.

No dia seguinte, fiz um passeio pela floresta, ao longo da estrada que vai para Solano, uma vila à beira do Caciquire.

Notei que o solo é ali muito arenoso e seco, encontrando-se poucos insetos.

A aldeia de São-Carlos compõe-se de uma praça e de algumas ruas paralelas.

A casa principal, chamada de *Convento*, onde os padres costumam residir temporariamente, estava sendo agora ocupada pelo comissário.

A praça é conservada limpa e bem capinada.

As casas são caiadas e a aldeia toda é conservada mais limpa do que as do Brasil.

Todas as manhãs, os sinos tocam para as matinas.

Todos os rapazes e moças reúnem-se, então, na igreja e cantam hinos.

A mesma coisa se verifica à tarde.

Aos domingos, a igreja permanece aberta, realizando-se vários ofícios religiosos, que são dirigidos pelo comissário e por alguns índios.

Logo após deixarmos a aldeia, passamos pela barra do Caciquire, singular curso de água que une o rio Negro com o Orenoco, próximo às cabeceiras de ambos.

Ele é uma mistura de águas claras e negras, onde os mosquitos piuns, em densas nuvens, são muitíssimo abundantes, até abaixo de São-Carlos.

Passando-se a barra do Caciquire, entretanto, eles logo desaparecem, e, ganhando-se as cabeceiras do rio Negro, ficamos livres, afinal, dessa praga.

À tarde, paramos em um aldeamento indígena, onde, a troco de um prato de sal, compramos um bonito “cabeçudo” ou tartaruga de cabeça grande, que nos forneceu um excelente jantar, o qual deu para oito pessoas.

Até ao dia seguinte ainda não havia acabado.

O tempo agora estava firme e fazia muito calor.

O céu estava muito claro, o que contrastava notavelmente com as constantes chuvas de Guia.

E – coisa surpreendente para se relatar – informaram-nos que, já desde três meses atrás, não tiveram uma chuva, sequer, ali.

De fato, podiam ser vistos de pronto os efeitos de tal estado de coisas, pois o rio estava muito baixo e ainda continuava a baixar.

O seu leito é todo cheio de rochedos, e estava tão raso, que se tornava por vezes difícil encontrar passagem para as nossas canoas.

Ao passar pela vila de São-Miguel, essas dificuldades mais aumentaram, até que chegamos a um lugar, onde o álveo do rio, de uma milha de largura, era apenas um leito de rocha.

Não se encontrava ali, em parte alguma, água bastante para a nossa canoa passar, embora uma largura de 18 polegadas fosse suficiente para isso.

Sáímos por aquela planície afora, em busca de uma solução qualquer, e, só depois de muito pesquisarmos, e com muita dificuldade, conseguimos puxar e arrastar a nossa canoa sobre os rochedos.

Passamos por dois ou três “canos” ou canais, que se ligam ao Caciquiare, para o qual muitos dos seus habitantes estavam indo agora, especialmente a fim de fazer provisão de peixes e de cabeçudos, contra o “tiempo del faminto” como é aqui denominada a estação das águas, ocasião em que apenas pouco peixe e pouca caça podem ser obtidos.

No dia 10 de fevereiro, alcançamos Tomo, uma aldeia situada na barra do rio do mesmo nome.

Os seus habitantes são todos índios, exceto um homem branco, português, de nome Antônio Dias, de quem eu muito já ouvira falar em Barra.

Encontrei-o ali em mangas de camisa e de calças, coberto de poeira, e muito suado, quando vinha de ajudar os seus homens nos trabalhos de construção de canoas, que ele estava dirigindo.

Ele recebeu-me bondosamente, falando uma estranha mistura de português e espanhol, e arranjou-me a *casa da nação* ou “*casa dos estran-*

geiros”, mera choupana de paredes barreadas, que foi logo varrida e preparada especialmente para acomodar-me por alguns dias.

Como a maior parte dos homens brancos destas paragens ocupa-se ele exclusivamente da construção de grandes canoas e escunas para o comércio do rio Negro e do Amazonas.

Logo que são acabadas, somente os seus cascos são lesados para baixo, para Barra ou para o Pará, geralmente com uma carga de piaçaba ou farinha, e ali são vendidas, tanto as embarcações, como as respectivas cargas.

Estava ele, agora, com uma das maiores no seu estaleiro, para uma capacidade de cerca de 200 toneladas, porém, na sua maioria, são construídas de 30 a 100 toneladas.

Esses grandes navios têm de descer as cachoeiras do rio Negro, e isso somente se efetua no tempo das chuvas, quando, então, as águas do rio estão bastante altas, tendo assim suficiente profundidade.

É para admirar como navios tão grandes quanto esse possam ser feitos por pessoas que ignoram completamente os princípios de arquitetura naval.

São construídos exclusivamente pelos índios, sem obedecer a qualquer desenho.

Durante o tempo em que o Brasil e Venezuela estiveram sob os governos de Portugal e da Espanha, estabeleceram-se várias oficinas para a construção dessas embarcações, em vários lugares, onde se podia encontrar madeira apropriada, sob as ordens de arquitetos dos referidos países ibéricos, navios esses destinados ao comércio da costa ou do interior.

Posteriormente, com a independência daquelas nações americanas, todos esses estabelecimentos paralisaram a sua atividade, ocorrendo em seguida uma série de revoluções e de distúrbios, que se prolongaram por muitos anos.

Os índios, que ali tinham sido empregados, contudo, aprenderam a arte, que não ficaria esquecida, e que foi transmitida assim aos seus filhos e aos seus patrícios.

A olho e a mão, somente, formam a estrutura de fortes vigas, e ajustam as grossas tábuas do assoalho, construindo, assim, elegantes e

bem-feitos navios, de 100 ou mais toneladas, utilizando ferramentas que não são mais do que machado, machadinha e martelo.

Muitos portugueses, que raramente ou nunca viram um navio, senão durante a sua travessia para o Brasil, reúnem meia dúzia de índios, pondo-lhes à frente algum velho carpinteiro, índio também, compram uma dúzia de machados e uns poucos milhares de pregos e, zás! arvoram-se em construtores de navios.

Os produtos do alto rio Negro, principalmente abeto, piaçaba e farinha, são mercadorias que fazem grandes volumes e necessitam, por isso mesmo, de grandes navios para o seu transporte rio abaixo.

Como o valor desses produtos, em ferro, tecidos de algodão e outras mercadorias mais, pode ser trazido, por sua vez, em canoas muito pequenas, pois os navios maiores não podem subir as cachoeiras, as grandes embarcações, que se constroem, no alto do rio Negro, por essa razão, nunca mais voltam ali, e os pequenos negociantes anualmente compram pelo menos um desses navios.

Eles são, em seguida, empregados na navegação do baixo Amazonas e de todos os seus tributários, não obstruídos pelos rápidos ou pelas cachoeiras.

Depois de prontas, essas embarcações ficam muito baratas, pois que são toscamente acabadas e raramente são construídas com as melhores madeiras, pois que estas dificilmente podem ser obtidas em suficiente quantidade.

Tais embarcações, em tempo médio, não duram mais do que 6 ou 8 anos – muitas vezes nem mais do que 2 ou 3, embora se encontrem ali madeiras apropriadas para a sua construção, e que poderiam permanecer por espaço de 30 anos perfeitamente sãs dentro da água.

Devido a essas circunstancias especiais, há constante procura desses navios espanhóis, como eles são denominados, e as aldeias de São-Carlos, Tiriquim, São-Miguel, Tomo e Maroa são habitadas quase que exclusivamente por esses especializados construtores de canoas.

Enquanto me demorei em Tomo, as ruas da aldeia estavam sendo capinadas, e limpava-se o mato dos quintais.

Nesses serviços, o povo demonstra um exemplo dos seus escrúpulos especiais.

Não se toca ali nos lugares onde havia estrume de cachorro ou restos de quaisquer pássaros ou répteis.

Eles limitam-se a capinar, com todo o cuidado, em roda de tais imundícias, ficando, então, umas moitas circulares de ervas marcando os lugares onde se encontram aquelas impurezas.

Isso, em parte, parece ser mais uma superstição.

Por muitas outras maneiras, porém, ainda demonstram a sua repugnância em tocar, ainda mesmo de longe, nos restos de quaisquer animais peçonhentos.

E esse preconceito é levado tão a sério, que chegam mesmo, muitas vezes, a desprezar os enfermos, atacados de moléstia contagiosa.

Essa espécie de sentimento, ao que parece, é o mesmo que existe entre muitos animais, com relação à doença e à morte.

O Sr. Antônio Dias, não obstante a frouxidão dos sentimentos morais nesta região, gozava de uma fama não muito boa, por causa das suas tendências patriarcais.

É que ele mantinha ali uma espécie de harém, que se compunha de uma mulher, uma filha desta e duas raparigas índias, as quais ele empregava em trabalhos de penas, o que faziam com grande habilidade.

O próprio Sr. Antônio, que possuía bom gosto para o desenho, é que fazia todos os riscos e modelos.

Os “galos-da-serra”, as alvas garças, os rosados colheiros, os dourados jacamares, os metálicos tragônidas, as curiosas e pequenas tã-nagras de sete cores, os vistosos papagaios e outros pássaros mais, forneciam-lhe um variado e farto sortimento de penas apropriadas à produção dos mais bizarros efeitos.

Esses trabalhos têm aplicação principalmente como guarnição ou franjas das redes.

As redes propriamente são feitas com cordões de finíssimas fibras de palmeira, caprichosamente trançadas e pintadas de vivas cores, amarela, vermelha, verde, e outras mais.

As franjas têm cerca de um pé de largura e são trançadas de cordões do referido material, com graciosas malhas, e sobre elas pregam-se ainda, com o leite da “árvore-vaca”, curiosas aplicações de penas, com desenhos de estrelas, de ramagens e de flores.

Nas melhores, põe o Sr. Antônio uns desenhos no centro, com as armas de Portugal e do Brasil, artisticamente executados, e esse conjunto, em um campo formado de penas de garças, brancas como neve, é de um efeito muito atraente e gracioso.

O Sr. Antônio informou-me que, devido às águas estarem muito baixas, eu não podia prosseguir viagem com a minha canoa, e, para isso, deveria eu comprar uma “ubá”,⁹⁷ índia, que é feita de uma peça de madeira, inteiriça, a fim de poder resistir aos choques e à sua arrastação sobre os rochedos, para cima de Pimichim.

No dia 13, em companhia do Sr. Antônio e na sua canoa, dei Tomo, em demanda do Maroa, uma aldeia situada poucas milhas para cima, onde eu, então, pretendia comprar uma *ubá* adequada para o resto da viagem.

Era uma grande aldeia, habitada, somente por índios, tendo um comissário índio, que sabia ler e escrever, e que estava trajado à moda, usando botas com correias e calças largas.

Ali obtive, por empréstimo, uma *ubá*, de um negociante galego, e levei dois índios, para trazerem-na depois, na sua volta.

O Sr. Antônio voltou para Tomo, e eu, por volta das 3 horas da manhã, também prossegui viagem, na minha pequena e balouçante canoa.

Cerca de uma milha acima de Maroa, alcançamos a entrada do pequeno rio Pimichim, pelo qual, em seguida, fomos subindo.

Muito perto da barra, havia um rochedo atravancando o canal, e tivemos grande dificuldade para vencê-lo.

Em seguida, transposto esse obstáculo, tivemos águas profundas, até uma boa distância; depois, porém, outra vez se tornou juncado de rochedos e de baixios, cheios de caniços, por onde a nossa canoa, bastante carregada, somente à custa de grandes esforços lentamente se ia deslocando.

À noite, alcançamos uma bonita praia arenosa, onde paramos; mas ali não tivemos sorte bastante para apanhar, sequer, um pequeno

97 No original “obá”. Sobre a *ubá* usada na bacia do nosso rio-mar, veja-se Raimundo Morais, ob. cit., vol. II, pág. 158.

peixe, que se comesse ao jantar, de sorte que nada mais tomamos, senão mingau de farinha e uma xícara de café.

Depois, armando a rede debaixo de um rancho de folhas de palmeira, que de certo fora feito por algum viajante que por ali pernoitara, dormimos tranqüilamente.

Nosso almoço, no dia seguinte, foi a repetição do que tivemos ao jantar, na véspera.

E, viajando rio acima, tínhamos que parar quase que de meia em meia hora, descarregar a canoa parcialmente e arrastá-la, em seguida, sobre algum empecilho.

Em muitos lugares, o leito do rio era muito rochoso e muito escorregadio, sobre o qual corria somente pouca água, ou então era uma série de saltos, que formavam pequenas cascatas.

O rio ficava cada vez mais estreito, transformando-se num pequeno canal, que formava um verdadeiro fosso de 15 a 20 pés de profundidade, com uma interminável sucessão de curvas e voltas bruscas, em todos os sentidos dos quadrantes da bússola.

Afinal, tarde da noite, alcançamos o porto de Pimichim, que primitivamente foi uma aldeia, e que agora tem somente umas duas casas de morada.

Encontramos ali um tugúrio abandonado, sem portas, do qual só restava o telhado – “a casa dos viajantes”, da qual tomamos posse para passar a noite.

Enquanto os índios descarregavam a canoa, fui a uma das choupanas, a fim de arranjar provisões para o jantar, ali encontrando um desertor português, moço muito guapo e muito amável, que de muito boa vontade me forneceu somente a única coisa que se podia comer e que havia na casa, um pedaço de peixe seco na fumaça, peixe esse que estava tão duro como tábua e tão flexível como couro.

Esse, eu o dei aos índios, e convidei-o, então, a tomar uma xícara de café em minha companhia.

Embora ele tivesse alguns cafeeiros no quintal em roda de sua choupana, isso foi para ele um verdadeiro festim, pois que já não tinha nenhum melado em casa.

Desse lugar parte uma estrada, que, transpondo o espigão, segue para o outro lado, para a outra vertente, estendendo-se por cerca de dez milhas, através da floresta, até Javita, uma aldeia situada no Temi, tributário do Atabapo, que, por sua vez, corre para o Orenoco.

Verificando que ali nada podia encontrar para comer, não podendo, por isso mesmo, permanecer mais tempo em tal lugar, como eu a princípio pretendia, vi-me obrigado a tratar dos arranjos de minhas barragens, que deveriam ser levadas por terra para Javita.

Resolvi fazer primeiramente um passeio até lá, no dia seguinte, a fim de ver se arranjava os homens necessários para esse serviço.

À tarde, entretanto, pegando da espingarda, saí vagando ao longo da referida estrada, e dali, pouco adiante na floresta, atingindo ao lugar onde eu estava ansioso por chegar, fui bem recompensado, pois tive a sorte de esbarrar com um dos “lords” da terra, que eu, também há muito, estava desejoso de encontrar.

Quando eu caminhava tranqüilamente por ali, avistei, de repente, um enorme animal, preto como azeviche que, saindo da floresta, ganhou a estrada, acerca de 20 jardas na minha frente; causou-me ele tanta surpresa, que a princípio não pude atinar com a espécie de animal que era.

Como ele, porém, estivesse caminhando vagarosamente, pude distinguir-lhe perfeitamente o corpo e a longa e encurvada cauda, que vieram ficar-me bem à vista, no meio da estrada, verificando eu, nesse momento, que era uma bonita onça preta.

Instintivamente levei a espingarda ao ombro, para fazer a pontaria; mas, nessa hora, lembrando-me de que os dois canos estavam carregados de chumbo miúdo, e, se eu disparasse algum tiro, só poderia exasperá-la, em vez de matá-la, permaneci silencioso e quedo, a observá-la.

No meio da estrada, ela voltou a cabeça para o lado em que me achava, parou, e, por alguns instantes, ficou a contemplar-me, mas, tendo, ao que presumo, outros negócios mais importantes para tratar, sorrateiramente rompeu alguns passos mais pelo caminho, desaparecendo em seguida no mato, onde se afundou.

Enquanto ela avançava, pude perceber a bulha dos pequenos animais e o bater de asas dos pássaros, que se achavam no solo, limpando assim o caminho para o seu respeitável inimigo passar.

Esse encontro muito me agradou.

De tão admirado e surpreso que fiquei, não cheguei a sentir medo.

Tive, afinal, ensejo de ver bem de perto, em seu selvagem *habitat*, a variedade mais rara do mais forte e mais perigoso animal que habita as solidões do continente americano.

Não querendo, de forma alguma, a repetição de um encontro igual, e como já estava perto de escurecer, julguei mais prudente voltar para a aldeia.

Na manhã seguinte, mandei todos meus índios pescar, e saí caminhando ao longo da estrada de Javita, tendo chegado, nessa ocasião, até ao ponto da linha divisória das águas das Bacias do Amazonas e do Orenoco.

A estrada é, geralmente falando, relativamente plana, consistindo numa série de pequenas, subidas e descidas, que se sucedem umas às outras, em parte alguma possivelmente não atingindo mais do que a 50 pés de elevação, e em alguns trechos atravessando pequenos brejos e terrenos alagadiços, ao longo dos quais correm numerosos filetes de água.

Nessas travessias, há vários troncos de árvores, toscamente lavrados e ali estendidos de comprido, servindo de passagem ou de pequenas pontes, ao longo das quais caminham os pedestres.

A estrada tem cerca de 20 ou 30 pés de largura, estendendo-se, mais ou menos numa linha reta, através da densa floresta.

Ao lado do caminho, vêem-se numerosos espécimens da palmeira irajá (*Maximiliana regia*), da buriti (*Mauritia aculea*), de caules cheios de espinhos, que se vêem nos brejos ou terrenos alagadiços, e a curiosa piaçaba, da qual se extraem resistentes e grossas fibras, muito empregadas na manufatura de vassouras e de escovas, nesta região, para limpeza das ruas e mais outros serviços domésticos.

Este é primeiro e quase o único ponto onde se pode ver essa curiosa palmeira, quando se segue por uma estrada ou se navega por um curso de água.

Desde a foz do Padauari (tributário do rio Negro), cerca de 500 milhas para cima de Barra, ela é encontrada em vários rios, mas nunca nas margens do rio principal.

Uma grande parte da população do alto rio Negro corta e colhe as suas fibras, para exportação, e, por essa forma, fiquei então sabendo de todas as localidades onde ela é encontrada: são as dos rios Padauari, Jaá e Daraá, na margem setentrional do rio Negro, e as dos rios Marié e Xié, na margem meridional.

Nos outros dois rios, o Maraviá e o Cababuris, da margem setentrional, não se vê um só exemplar dela, nem também nos rios Curicuriari, Uaupés e Içana, da margem meridional, não obstante correrem eles entre os rios Marié e Xié, onde ela é abundantemente encontrada.

Em todo o território circunvizinho ao alto rio Negro, para cima de São-Carlos, bem como no do Atabapo e de seus tributários, ela é encontrada também abundantemente, e foi justamente em frente à aldeia de Tomo onde eu a vi pela primeira vez.

Ela cresce em terrenos úmidos e é de cerca de 20 a 30 pés de altura, tendo folhas largas, pinuladas, muito lisas e muito brilhantes e regulares.

O seu tronco cobre-se por inteiro de uma espessa vestidura de fibras, que dele pendem como grossos pêlos, e que brotam até junto da base das folhas, mas ficando aderidas ao caule.

Homens, mulheres e crianças, em grupos numerosos, vão à floresta cortar-lhe as fibras.

Em sua região nativa, elas são comuns e grandemente empregadas na manufatura de cordas e de cabos, para as canhas e embarcações do Amazonas.

Humboldt faz alusão a essa planta, pelo seu nome vulgar venezuelano de *chiquichiqui*, mas ao que parece ele não a viu, embora houvesse passado ao longo dessa estrada.

Creio ser ela uma das espécies de *Leopoldinia*, da qual duas ou três outras espécies se vêem no rio Negro, e que, como esta, somente são encontradas ali.

Eu não pude vê-la, nem florescendo, nem frutificando, porém fiz um esquema do seu aspecto geral, denominando-a de *Leopoldinia piaçaba*,⁹⁸ tirado do seu nome vulgar, assim conhecido, na maior parte da região do seu *habitat*.

Quase no fim da estrada, cheguei a uma “roça”, ou campo limpo onde encontrei um alto e robusto índio, que ali estava trabalhando e plantando mandioca.

Logo que me viu, veio dar-me os seus “buenos dias”, perguntou-se para onde eu ia e se eu precisava de alguma coisa para a aldeia, porquanto o comissário, nessa ocasião, lá não estava, e ele era o capitão.

No melhor espanhol, que no momento arranjei, respondi-lhe como pude, tudo fazendo para que nos compreendêssemos muito bem um ao outro.

Ele ficou um tanto espantado, quando eu lhe disse que pretendia passar uma temporada na aldeia, e parece que chegou mesmo a duvidar de minhas intenções.

Eu, então, informei-lhe logo que era um “naturalista”, e ali pretendia ir com o intuito apenas de capturar e adquirir pássaros, insetos e alguns outros animais.

E, depois dessas explicações, começou ele a entender-me melhor, prometendo mesmo, por fim, mandar-me, dali a dois dias, alguns homens, a fim de fazerem o transporte de todas as minhas bagagens para a aldeia.

E, assim tendo combinado, voltei dali mesmo, sem ter chegado a Javita, que ainda estava distante cerca de uma milha.

Na minha chegada a Pimichim, verifiquei que os meus índios pouco êxito tiveram na pescaria que haviam feito, pois somente três ou quatro pescas foram tudo que tivemos para o nosso jantar.

Como nada tivéssemos que fazer no dia seguinte, ordenei-lhes que fossem bem cedo arrancar *timbó*, para envenenar a água de um riacho e assim termos peixes em maior quantidade.

98 Martius, que já a havia denominado *Attiles funifero*, deu também assento à designação científica, proposta por Wallace. Veja-se “*Glossaria linguarum brasiliensium*”, pág. 403.

Enquanto estavam fora, entregues a essa tarefa, resolvi fazer, para distrair-me, uns passeios pelos arredores da aldeia, e tive ensejo, então, de observar algumas de suas curiosidades, das quais tomei nota.

Pregada sobre uma das goteiras da nossa choupana, via-se a cabeça seca de uma cobra, e devia ter sido morta uns poucos dias atrás.

Era uma jararaca, de uma das espécies de *Craspedocephalus*, que devia ser de um enorme tamanho, pois as suas venenosas presas, em número de quatro, tinham seguramente uma polegada de comprimento.

Meu amigo, o desertor, informou-me, então, que ali havia muitas daquela espécie, as quais se encontram nas moitas de capim, próximas da casa, e que elas saem à noite.

Por isso, era necessário, segundo ele me aconselhou, que eu tivesse muito cuidado, não só dentro de casa, como também fora dela, no quintal.

A picada de uma cobra como esta seria morte certa.

Em Tomo, encontrei e observei vestígios de uma rocha estratificada, que aparece perto da aldeia, sobreerguendo-se do solo.

Ali surge o granito, numa laje achatada, que apresentava curioso aspecto, vendo-se embebidos nele fragmentos de outra rocha de formato pontiagudo, de arenito cristalino, em leitos estratificados, e bem assim de quartzo.

Até acima de São-Carlos, registrei seguidamente o ponto de ebulição da água, com um termômetro de precisão, para o propósito de determinar as altitudes acima do nível do mar.

Infelizmente, tal instrumento se quebrou, antes ainda de eu chegar ao ponto mais interessante para fazer tal observação, e que é o do divisor das águas das bacias do Amazonas e Orenoco.

Estou, contudo inclinado a pensar que é muito exagerada a altitude, dada por Humboldt a São-Carlos.

Ele próprio, quanto a isto, diz mesmo ter as suas dúvidas, porquanto o seu barômetro, tendo-se enchido de ar, foi por ele esvaziado e, em seguida, de novo tapado, porém antes de chegar à costa, onde tal instrumento deveria ser aferido, também se quebrou, tornando, assim, impossível fazer a comparação das suas observações, para as ulteriores e necessárias correções.

Nessas circunstâncias, pois, penso que pouco valor poderão merecer as suas observações.

Mesmo assim, atribui ele 812 pés à altitude de São-Carlos acima do nível do mar.

Pelas minhas observações, contudo, há uma diferença de meio grau Fahrenheit na temperatura de ebulição da água entre Barra e São-Carlos, o que corresponde a uma altura de 250 pés, aos quais podemos acrescentar 50 pés mais para a altura do ponto em que tais observações foram efetuadas, em Barra, daí resultando, então, o total de 300 pés.

Ora, a atitude de Barra, acima do nível do mar, acredito que não deve ultrapassar 100 pés, pois, tanto pelas minhas observações, como pelas do Sr. Spruce, com aneróide, sempre ficava em nível mais baixo do que o de Belém do Pará.

Se a diferença de pressão atmosférica fosse devida unicamente à altitude, a coluna barométrica deveria conservar-se regularmente mais alta em Barra do que em Belém.

Em vista disso, eu penso que São-Carlos não esteja a mais de 400 pés, ou, quando muito, aparentemente, a mais de 500 pés acima do nível do mar.

Esta circunstância, por si só, comprova bem a impraticabilidade de tal instrumento para a determinação das altitudes de localidades situadas em pontos de pequena altitude e grandemente afastados uns dos outros.

Deve haver, de resto, assim penso, independentemente da influência da altitude, outra causa que concorre para a variação da pressão média da atmosfera, no interior e nas costas da América do Sul.

E, assim sendo, tornar-se-á um grande empecilho para serem obtidas, com a necessária precisão, as altitudes de localidades situadas no interior deste grande continente, em virtude das distâncias serem demasiado grandes e bem assim quase impenetráveis as florestas, para permitir o traçado de uma linha de nivelamento direto, através do seu território.

Quando os índios voltaram com as raízes de *timbó*, nós todos imediatamente começamos a quebrá-las e desfibrá-las, colocando-as para isso sobre a rocha e dando-lhes fortes pancadas com um pau.

Em seguida, foram levadas e postas dentro de uma pequena canoa,⁹⁹ que enchemos de água e de barro.

Tudo isso foi devidamente remexido e comprimido, até que o sumo se desprendesse bem.

Isso feito, levamos então essa mistura para um riacho próximo, pouco acima do lugar onde estávamos.

Aos punhados, e pouco a pouco, fomos jogando para dentro do riacho a mistura que havíamos preparado.

E ali ficamos esperando o resultado.

O veneno começou a produzir imediatamente os seus efeitos.

Os peixes menores começaram logo a agitar-se, dando pulos para fora da água, e, daí, ficavam boiando, contorcendo-se e encurvando-se, enquanto outros boiavam, virados de lado ou de costas.

Os índios entraram na água, com cestos, e iam apanhando todos os que já estavam nessas condições, ou, então, mergulhando e nadando, iam em busca de um maior, que às vezes surgia, estonteado, lá mais adiante.

Por essa maneira, em duas horas, conseguiu-se encher um cesto, sendo a maior parte peixes pequenos, encontrando-os, porém, entre eles, muitas espécies curiosas, que eu ainda não havia visto.

Inúmeros peixes foram levados pela correnteza, porque não havíamos feito um tapume para cercá-los, e, no dia seguinte, nos barrancos do rio, viam-se muitos outros jazendo ali e já a putrefazer-se.

Tive, assim, muito o que fazer.

Separei uma dúzia das mais novas e mais curiosas espécies, para desenhar e descrever, e dei a parte restante aos índios, a fim de limpar, pôr na água e prepará-los para o jantar, que esperávamos fosse melhor do que o que tínhamos tido nos dias anteriores.

⁹⁹ Deve ser um cocho, que é feito pelo mesmo processo empregado na construção das pequenas canoas ou *ubás* dos índios.

No dia seguinte, cedo, chegaram os carregadores, num grupo composto de um homem e oito ou dez mulheres e moças.

De acordo com as cargas, foram estas distribuídas a cada um deles.

As cargas compunham-se de um saco de sal, de cerca de 100 libras de peso, quatro cestos de farinha, além das caixas e malas, um odre de azeite, um garrafão de melado, um guarda-louça portátil e vários outros objetos.

A maior parte desses objetos foram distribuídos em pesos proporcionais à força de cada um dos carregadores, e dois dos meus índios deveriam também acompanhá-los, voltando à noite, a fim de, no dia seguinte, partirem comigo para Javita.

Até bem tarde, entretanto, não haviam ainda regressado; mas, por volta de meia-noite, chegaram, afinal, dizendo que não agüentaram a marcha dos outros índios até Javita, e, tendo escurecido, quando eles ainda estavam no meio da estrada, resolveram voltar, deixando as cargas no mato.

Na manhã seguinte, tiveram de sair de novo, para completar a sua missão, e fui obrigado a esperar que eles voltassem, perdendo assim mais um dia com o transporte das minhas bagagens.

Enquanto isso, fui à floresta, onde apanhei alguns insetos, porém eles ali não eram muito numerosos.

No dia seguinte, não havendo nada para comer ao almoço, mandei, cedo ainda, que os índios fossem pescar, dando-lhes positivas instruções para que voltassem até às 10 horas, a fim de partirmos, em seguida, para Javita, e lá chegarmos ainda antes do escurecer.

Mas só às 2 horas da tarde foi que conseguimos partir. Eu estava bem sobrecarregado de peso, pois ia conduzindo minha espingarda, munição, caixas de insetos etc.

Pus-me logo à frente do grupo, com um indiozinho, que não compreendia uma só palavra de português.

No meio do caminho, vi um bonito mutum, mas este achava-se um pouco retirado da estrada.

Aproximei-me dele, e como a minha espingarda estivesse carregada só de chumbo fino, atirei, mas não consegui derrubá-lo, conseguindo apenas feri-lo.

Ainda o persegui e fiz mais outros disparos, porém sem resultado.

E, como eu então notasse que repentinamente havia escurecido, resolvi deixá-lo ali.

Tínhamos ainda algumas milhas para andar.

O sol tinha-se posto, de modo que foi preciso apressarmos bem os nossos passos.

O meu ajudante conservava-se sempre unido aos meus calcanhares.

Nas travessias dos brejos e dos córregos, encontramos as primeiras dificuldades para acertar com o caminho, ao longo dos estreitos troncos, que serviam de pontes.

Eu estava descalço e, a cada minuto, tropeçava nalgum toco eu nalguma pedra saliente; outras vezes, desviava-me para os lados da estrada, e ia pisando sobre coisas que pareciam querer arrancar-me os artelhos.

Estava escuro como breu.

Distinguiam-se, contudo, as pesadas nuvens que se estavam formando, vendo-as através das aberturas, no alto das arcadas formadas pelas frondes das árvores da floresta, mas o caminho por onde seguíamos ficava totalmente imperceptível.

Eu sabia que os jaguares eram muito abundantes ali, e por sua vez, muito abundantes também as serpentes, e, desse modo, a cada passo, eu esperara sentir resvalar-se sob os meus pés o frio corpo de uma delas, ou, então, sentir enterradas em minhas pernas as suas mortíferas presas.

Através da escuridão que reinava, eu olhava fixamente, esperando de um momento para outro esbarrar com os vivos e luzentes olhos azuis de um jaguar, ou, então, ouvir-lhe o forte e soturno urro nas solidões da floresta.

Voltar ou ficar ali de qualquer maneira dava na mesma.

Eu sabia, porém, que não devíamos estar ainda muito longe da aldeia, e, assim, insistimos para a frente, com a vaga confiança de que, depois de passado tudo isso, nada de desagradável haveria de acontecer, e que, no dia seguinte, eu somente teria que rir dos meus temores daquela noite.

Todavia, as agudas presas da cabeça seca da cobra de Pimichim vinham de quando em quando à minha lembrança, bem como muitas das histórias da ferocidade e astúcia das onças, não havendo jeito algum de esquecer-me delas.

Afinal, conseguimos chegar ao local da clareira ou derrubada, que eu havia alcançado dois dias antes, ficando assim sabedor de que tínhamos agora somente uma curta distância a vencer.

Tínhamos, contudo, de atravessar ainda alguns córregos.

E eis que, repentinamente, percebemos estar na água, que apenas sentíamos, e não podíamos ver, e ali tínhamos de procurar a estreita pinguela que cruzava o córrego.

Na travessia das pontes, ignorávamos completamente a sua altura acima da água; e, para caminhar ao longo de um tronco de 4 polegadas de largura, em tais circunstâncias, era, na verdade, uma grande dificuldade.

Para avançarmos, colocávamos um pé adiante do outro, equilibrando-nos firmemente, até que de novo sentíssemos que estávamos pisando em ponto firme.

Por uma ou duas vezes, cheguei a perder o equilíbrio.

Isto foi, felizmente, em local situado um pé ou dois acima do solo.

Se fosse de uma altura de vinte pés, dava na mesma.

Uns seis córregos e pinguelas nessas condições, tivemos nós que atravessá-los, além das várias subidas e descidas da estrada.

Afinal, emergimos da sombria escuridão da floresta, saindo então em um espaço aberto.

Nesse momento, vimos algumas luzes pestanejando lá ao longe, anunciando-nos, assim, que a aldeia já se achava perto e pouco adiante de nós.

Com uma caminhada de um quarto de hora mais, nós a alcançamos.

Bati na primeira porta da primeira casa que encontramos, perguntando onde morava o comissário.

Dali, fomos mandados para outra casa, situada do outro lado da praça; de lá, um velho nos levou à “casa da nação” (rancho com uma porta), onde estavam guardados todos os objetos que constituíam a minha bagagem.

Perguntei-lhe se era possível arranjar alguma coisa para comer; deu-nos alguns ovos de tartaruga e um peixe salgado; e, em seguida, foi-se embora.

Acendemos fogo, imediatamente, com algumas achas de lenha, que ali encontramos; assamos o peixe e fizemos uma sopa de ovos de tartaruga, que comemos com farinha.

Armei a rede, deitando-me logo nela, e meu companheiro estendeu-se no solo, ao lado do fogo.

Em seguida, dormi muito bem; e, durante a noite, nem sequer sonhei com as horríveis serpentes ou os terríveis jaguares.

No dia seguinte, cedo ainda, procurei o comissário, pois o velho, que eu havia visto na véspera, era simplesmente um capitão.

Encontrei-o em casa.

O comissário era um índio que sabia ler e escrever; não diferia, entretanto, a qualquer outro respeito, dos outros índios do lugar.

Os seus trajes eram apenas uma camisa e umas calças muito curtas; não estava calçado, nem de botina nem de botas.

Informei-o logo dos motivos que ali me levavam e mostrei-lhe os meus passaportes brasileiros.

Nessa oportunidade, pedi-lhe a casa do convento (uma casa que os padres outrora ocupavam, mas agora só servia para o alojamento temporário dos viajantes, que por ali passam).

Após alguns momentos de hesitação, ele me entregou, afinal, a chave, e eu, dando-lhe, em seguida, “boa-tarde”, fui então tomar posse da casa.

Por volta do meio-dia, os índios, quase na véspera haviam partido comigo de Pimichim, chegaram ali.

Ficaram de pouso na estrada, receosos, como estavam, da escuridão da noite.

Mandei logo varrer a casa, e para lá transportei e acomodei todas as minhas bagagens.

A casa tinha dois cômodos e uma pequena varanda, que ficava na parte dos fundos.

No quarto maior, havia uma mesa, uma cadeira e um banco, e no menor, que estava vazio, armei a minha rede.

Os meus carregadores também chegaram daí a pouco, e vieram logo receber o pagamento pelo transporte de minhas bagagens.

Todos queriam receber sal; e, assim sendo, dei a cada um um prato de sal e alguns anzóis pelo transporte de pesada carga, num trajeto de dez milhas.

Este é mais ou menos o costume de se lhes fazer o pagamento.

Ali, atingiria eu ao ponto mais remoto na direção que desejava alcançar.

Havia deixado os limites do vale do poderoso Amazonas e estava agora entrando nas cabeceiras de outros rios, cujas águas vão engrossar outro dos maiores cursos de água do globo – o Orenoco.

Uma grande falta, que se fazia sentir em todas as outras partes da bacia do Amazonas, que eu havia percorrido, é suprida aqui: uma estrada através da floresta virgem, pela qual se tornam mais facilmente acessíveis os seus mais sombrios recessos, e, assim, mais seguramente poderia eu obter os curiosos insetos de tão remota região, bem como pássaros e outros animais que nela habitam.

Eu estava resolvido a permanecer ali, no mínimo, um mês, firmemente decidido a trabalhar.

Diariamente saía para esse propósito, percorrendo longos trechos da estrada.

Dos índios, mandava eu alguns pescar no pequeno rio Temi, e outros, com as suas gravatanas, caçar as bonitas garças e mais outras aves, e bem assim os macacos e outros curiosos animais da mata virgem.

Contudo, não tive boa sorte para isso pois que, na mesma noite em que alcancei a aldeia, desandou a chover: e, dia após dia, seguiu-se tempo nublado e pluvioso.

Três meses antes, Javita havia gozado do mais esplêndido tempo do verão, com um céu claro, raramente chovendo durante toda essa quadra.

Eu havia desperdiçado todo esse bom tempo, que me havia de ser tão favorável, no chuvoso rincão do rio Negro.

Ninguém ali me avisara que as estações, em tão curtas distâncias, diferem tanto, e a consequência disso foi que cheguei a Javita justamente quando o verão estava acabando.

O inverno, ou estação chuvosa, começou cedo este ano.

O rio começou a subir rapidamente.

Os índios constantemente me asseguravam: que era cedo ainda para o começo das chuvas do tempo; que havíamos de ter bom tempo outra vez; que o rio haveria de baixar; e que o atual inverno não havia de durar mais de duas ou três semanas.

Isso, contudo, não se deu. Continuou a chover copiosamente, dia e noite, e uns poucos de raios solares, pela manhã, constituíam tudo com que éramos favorecidos.

Os insetos, conseqüentemente, eram muito mais raros do que dantes.

A umidade da atmosfera tornou, por sua vez, extremamente difícil e penosa a secagem e conservação das capturas que podíamos fazer.

Não obstante tudo isso, consegui, com perseverança, acumular um considerável número de espécies, e o meu maior prazer era que, quase diariamente, capturava algumas espécies novas, que ainda não havia encontrado no baixo Amazonas e no rio Negro.

Durante o tempo de minha permanência ali (40 dias), consegui, no mínimo, capturar 40 espécies de borboletas, que eram inteiramente desconhecidas para mim, além de uma considerável coleção de insetos de outras ordens.

Estou certo de que, na estação seca, Javita deve ser uma ótima localidade para qualquer entomologista perseverante.

Como ali, nunca vi em tamanha abundância as enormes borboletas de asas azuis, *Morpho Menelaus*, *Morpho Helenor*, etc.

Em alguns trechos da estrada, eu chegava a encontrá-las às dúzias, pousadas no solo ou nos ramos, ao lado do caminho.

Facilmente, se eu quisesse, poderia capturar uma dúzia ou vinte por dia.

Quanto aos pássaros e mamíferos, eu não podia fazer muito, pois os índios já estavam com muita pressa para voltar e, além disso, tornaram-se muito indolentes e não queriam mais sair para caçá-los.

Nos meus passeios pela floresta, tive ocasião de ver alguns *agoutis* (cutias), coatis, muitos macacos, trogônidas e serpentes.

Um dia, trouxeram-me um pequeno jacaré, de uma espécie rara e curiosa, tendo numerosas escamas e uns tubérculos cônicos (*Caiman gibbus*), que eu logo pelei e empalhei.

Os índios é que muito se divertiram com isso, pois uns seis deles assistiram atentamente à operação.

De peixes, obtive também muitas espécies novas, porquanto os meus índios saíam diariamente para pescar a fim de fazer a nossa provisão de boca.

À tarde, geralmente, tinha eu sempre alguns espécimens para desenhar e descrever.

Das espécies menores, cheguei a formar uma boa coleção, que eu conservava em álcool.

Era com a maior dificuldade que eu desenhava ali, pois geralmente voltava às 3 ou 4 horas da tarde de minhas explorações pela floresta, e quase sempre se encontrava numa espécie nova; e, para aproveitar a claridade do dia, via-me obrigado, antes de escurecer, a fazer logo os desenhos.

Desta sorte, eu ficava exposto à vontade da praga dos mosquitos, os quais, todas as tardes, em densas nuvens, aos milhões, apareciam ali, para importunar-nos.

Picando-nos o rosto, as orelhas e as mãos, provocavam-nos desagradabilíssima irritação.

Muitas vezes, eu era obrigado, levantando-me bruscamente da cadeira, em que me achava sentado, a largar precipitadamente o lápis e a sacudir as mãos ao ar frio.

Era assim que eu podia obter um pouco de sossego.

O sol ia baixando rapidamente, e eu tinha de voltar logo para a minha tarefa; e, até que pudesse concluí-la, minhas mãos ficavam tão empoladas e tão vermelhas, como uma lagosta cozida, inchando muito depois.

Contudo, banhando-as mais tarde em água fria, elas, após meia hora de repouso, voltavam ao estado natural.

No que diz respeito às picadas desses insetos, ainda são elas bem mais preferíveis às dos *piuns* ou às das *mutucas*, cujos efeitos sentimos por muitos dias.

A aldeia de Javita é algum tanto espalhada, sendo, porém, todas as suas ruas muito bem dispostas e muito bem traçadas.

A sua população é de cerca de 200 habitantes, sendo todos índios de puro sangue.

Ali não vi um branco, um mulato ou mestiço.

A principal ocupação daqueles índios é cortar piaçaba nas florestas das proximidades, para a manufatura de cordas e de cabos.

Eles se encarregam também de fazer todos os carretos de mercadorias, ao longo da “estrada de Javita”, estando nisso muito práticos e bem acostumados, desde meninos.

Por vezes, chegam a fazer por dia duas viagens, dez milhas de cada vez, com menos fadiga de que qualquer outro homem não acostumado a este trabalho e fazendo uma viagem somente.

Os meus índios, quando da primeira vez saíram com os javitanos, partindo de Pimichim, não puderam acompanhá-los, e foram obrigados, conforme relatei, a parar no meio do caminho.

Os de Javita vão ao longo da estrada numa espécie de trote, e, para descansar, param somente duas vezes por alguns minutos apenas, em cada estacionamento.

Passam por sobre estreitas pinguelas, com a maior facilidade, algumas vezes dois deles juntos, transportando pesadas cargas, que lhes pendem de varas colocadas sobre os ombros.

Além desses serviços, vão todos, duas vezes por ano, em numerosos grupos, limpar a metade do trecho de estrada, que lhes toca, e que vai da aldeia até ao local onde existe ereto um cruzeiro, ao lado do caminho.

Tive ocasião de assistir a um desses trabalhos, quando ainda me encontrava ali.

A aldeia toda, isto é, todos os seus homens, mulheres e crianças saem para fazer esse serviço, os primeiros carregando machados e foices, e os últimos uns feixes de varas, que servem de vassouras.

Distribuem-se grupos, de distância em distância, e vão assim trabalhando, até alcançar uns aos outros.

Os homens abatem e cortam todas as árvores pendidas, ou que se acham caídas sobre o leito da estrada, cortando-lhes todos os galhos, e bem assim os arbustos e relvas, que crescem ao longo e ao lado do caminho.

As mulheres mais idosas, as moças e os rapazes arredam para fora do caminho todos os ramos cortados.

Em seguida, varrem cuidadosamente, com as vassouras de varas aquele cisco, removendo todas as folhas mortas e gravetos, até que fique tudo completamente desimpedido e perfeitamente limpo.

Limpar uma estrada de cinco milhas de extensão, por essa maneira, não é lá uma bagatela.

Entretanto, executam essa tarefa com muita facilidade e muito satisfatoriamente em dois dias.

Pouco depois desse serviço, os homens saem de novo da aldeia, para fazer novas pontes ou consertar as que já se acham estragadas.

Tal serviço é, na verdade, bastante pesado e penoso.

Altas árvores, de enormes troncos, têm que ser abatidas, a uma regular distância do local.

Em seguida, os troncos são lavrados a machados, esquadrejados e aplainados, no topo e no pé.

Com o auxílio de cordas de cipós, de compridas varas e alguns tocos, estes últimos colocados por baixo dos troncos, como roletes, são dali arrastados por uns vinte ou trinta homens, até ao local onde vão ser empregados.

Em seguida, são dispostos em lugar adequado para a travessia dos brejos e dos córregos, ficando firmemente assentados e escorados, lavrando-se apenas a superfície superior, que é aplainada a machado, para tornar mais segura a passagem.

Por essa maneira, oito ou dez dessas pontes se fazem em poucos dias, e a estrada assim fica em completa e perfeita ordem.

Esses trabalhos são feitos por ordem do comissário-geral de São-Fernando, sem qualquer espécie de pagamento pelo serviço mesmo e sem o próprio sustento dos índios.

E tudo isso se faz de boa vontade, com a maior alegria e bom humor.

Os homens de Javita, quando no trabalho, usam somente uma “tanga”, e, fora daí, andam completamente nus.

As mulheres cobrem-se habitualmente com uma larga manta, que enrolam sobre o corpo, passando-a sobre o ombro esquerdo, mas deixando o braço direito completamente livre.

Esta manta cai frouxamente sobre o corpo.

Nos domingos e dias de festa, as mulheres trajam então uma espécie de túnica, de tecido de algodão.

Ali existe o mesmo costume que em São-Carlos, de se reunirem, de manhã e à tarde, na igreja, os moços e as moças, para cantar hinos religiosos.

A aldeia é esmeradamente tratada; conserva-se sempre limpa e livre de matagais.

Faz-se semanalmente uma capina regular, para trazê-la constantemente limpa.

Para isso, o povo todo é convocado pelos “capitães”, funcionários ou oficiais executivos, que servem sob as ordens do comissário.

As tardes que passei ali eram muito monótonas e enfadonhas.

Eu quase não tinha com quem conversar.

Além disso, não tinha comigo livro algum.

Lá uma vez ou outra, eu tratava uma ligeira palestra com o comissário; mas o nosso “stock” de assuntos logo, logo se exauria.

Por uma ou duas vezes, fui assistir às suas festas.

Nessas ocasiões, faz-se grande quantidade de *xirac* (o *caxiri* dos brasileiros).¹⁰⁰

Todos bebem bastante e ficam muito alegres.

Há ali um regular e variado número de danças, monótonas e características, as quais são acompanhadas de estranhas figurações e contorções do corpo.

As moças, geralmente, comparecem esmeradamente vestidas, com o seu cabelo cuidadosamente penteado e muito lustroso, no qual colocam fitas de cores vistosas, ou, então, os ornam de flores.

Acabado o *xirac*, o grupo folgozão logo se debanda; ao que parece, sem essa bebida, julgam que não podem dançar bem.

Às vezes, chegam a fazer tão grande quantidade de tal bebida, que as danças podem, então, durar dois ou três dias.

Os seus números de danças têm um cunho perfeitamente nacional, porém, ao que parece, têm perdido a cor local, porquanto, a esse respeito, pude observar apenas alguns traços.

A língua falada por aquela gente é chamada *maniva* ou *baniva*, porém difere muito do *baniva* do rio Negro, não sendo tão áspera e tão gutural quanto esta última; em Tomo e Maroa, fala-se outra língua completamente diferente, mas chamada também de *baniva*; um pouco mais para baixo, em São-Carlos, a língua falada é a *baré*.¹⁰¹

Assim, pois, cada aldeia tem a sua língua própria.

Os homens e mulheres mais antigos da aldeia falam espanhol, toleravelmente, tendo aprendido esse idioma com os padres, que antigamente moravam no convento.

Os mais jovens, principalmente os meninos e as meninas, os rapazes e as moças, não tiveram essa vantagem, e falam somente a língua nativa.

Alguns deles, entretanto, compreendem um pouco do espanhol.

100 Sobre o *caxiri*, veja-se o que diz Chermont de Miranda, em seu “Glossário paraense”, pág. 113.

101 O autor grafa *maniva*, *baniva* e *barré*. Martius (“Glossaria”, págs. 230-231 e 261-262) dá as formas *bare*, *maniva*, *baniba*, admitindo, entretanto, a de *baniva* para o vocabulário dos índios do rio Içana.

Lutei com grande dificuldade, para me fazer compreendido.

Os homens brancos, que ali são chamados *racionales* (“racionais”), podiam compreender muito bem a minha mistura de português e de espanhol; os índios, entretanto, conhecendo pouco o espanhol, propriamente, não compreendiam os desvios do meu modo de falar, de mistura com outra língua.

Julguei, por isso, do melhor alvitre fazer uso somente do espanhol, pois que assim eles poderiam compreender pouco, sim, porém melhor do que com um grande esforço de explicações, numa linguagem mista.

Em algumas das tardes tristes e enfadonhas que passei ali, empreguei o tempo de que dispunha escrevendo, tendo feito então uma descrição da aldeia e dos costumes dos seus habitantes.

Tal descrição não passa, afinal de contas, de uns monótonos versos soltos, que bem demonstram as minhas idéias e o meu estado de alma, naquela ocasião.

Transcrevo-os aqui, em lugar de um assunto mais sério e de mais profunda divagação, que eu agora provavelmente haveria de tomar; e transmito-os tais quais os escrevi, num estado de verdadeira indignação contra a vida civilizada em geral, o que subiu de ponto em consequência da monotonia da minha situação ali; e isso não está de inteiro acordo com os meus pontos de vista, quando os passei a limpo em Londres, em 1853.

DESCRIÇÃO DE JAVITA

Lá, onde as águas se separam e vão formar os afluentes
 De dois dos mais poderosos rios do nosso globo;
 Lá, onde, ocultos e encobertos pelas sombrias e eternas selvas,
 Apertados e em estreitos leitos, nascem e correm os córregos,
 Que vão, a pouco e pouco, aumentando de volume,
 – Uns, para acrescer as ondas do túrbido Orenoco,
 Outros, de maior curso, para formar o rio Negro,
 O rio, todo semeado de ilhotas, que vai desaguar
 No majestoso amazonas, rio-mar, rio-rei,
 E, misturados todos os seus engolfantes afluentes,
 Orgulhosamente vai ele, então dar batalha ao próprio oceano,

Repelindo-o mesmo para fora dos seus domínios:
Lá, em tão remotas paragens, há uma aldeia indígena.
Em torno, estira-se a sombria floresta, perpétua e ilimitada.
Ostentando a sua variadíssima e linda folhagem.
Erguem-se, por toda parte, esbeltas e majestosas palmeiras,
Conjuntamente com inúmeras e desconhecidas árvores,
Apelidadas todas por nomes estranhos a ouvidos ingleses.
Ali demora, por instantes, um único homem branco,
Entre duas centenas, talvez, de almas viventes.
É gente pacífica, que leva uma vida simples e contente.
Belos tipos de homens, semi-selvagens, semicivilizados,
De cabelo negro, e pele vermelha,
Todos, porém, dirigidos pelos filhos de Castela.
A sua aldeia e as suas casas estão sempre limpas;
E, na véspera de festas, ao toque de sino,
Todos acorrem e reúnem-se em sua capelinha.
Para varrê-la por dentro e também por fora, em derredor.
Ali no dia seguinte, todos bem trajados se reúnem de novo,
Para orar ao seu deus, como lhes foi ensinado,
Naquela manhã de festa, ao ver aquele agradável espetáculo.
Saudoso, recordei-me do lar distante, idolatrado.
De um lado, ajoelhavam-se os homens, com seus trajes simples.
Que eram largas calças e camisas de grosseiro algodão.
De outro lado, alinhavam-se as mulheres e as crianças.
De bonitas e bem arranjadas tranças, e de cujos ombros
Pendem, com muito gosto, seus lenços multicores.
Algumas têm laços de fita no cabelos.
Como elas se parecem, se não fora escura pele,
A um formoso grupo de aldeãs inglesas!
Todavia, bem mais encantadoras são, pelas suas graciosas formas,
Pelo seu livre crescimento, sem faixas, sem nenhum aperto,
E também pela alimentação simples, ar puro, banhos
E exercícios diários, os quais dão tudo que a natureza pede
Para modelar um corpo belo e sadio!
Todos eles, alegres e contentes, reúnem-se, diariamente.
E lá se vão para o trabalho, vão derrubar os gigantes das selvas,
Ou, então, saem em canoa, para pescar de arpão e anzol ou flechas.

Outras vezes, saem para colher os variados produtos da floresta.
 Com os quais fabricam os seus utensílios, cestos e redes.
 Enquanto os homens andam entregues a essas tarefas,
 As mulheres estão nas roças, arrancando raízes de mandioca.
 Das quais, com muito trabalho, fabricam o seu pão.
 Encarregam-se também dos plantios, naquele fértil solo,
 – Terra nutriz, totalmente virgem, que o arado e o enxadão,
 – Ou a grade e o ancinho não rasgaram nunca.
 As moças, tais quais as raparigas câmbrias,¹⁰²
 Carregam à cabeça, em bonitos e bem-feitos cântaros, a água de rio,
 Onde todas as manhãs e todas as tardes tomam banho,
 E lá, como sereias, em cintilantes ondas, se divertem, nadando.

A sua aldeia é disposta com gosto, com um arte simples:
 No meio de espaçosa praça, ergue-se a capelinha,
 E, dela em torno, partem estreitas ruas;
 Crescem e vicejam, enchendo os claros, por entre as casas,
 As bananeiras de enormes, verdes e largas folhas,
 Suportando os enormes cachos de apetitoso fruto;
 É abundante ali a deliciosa laranja, bem como a lima.
 Pendem vagens compridas do ingazeiro,
 Cujas flores atraem lindíssimos beija-flores;
 A goiaba succulenta, o caju agridoce
 E a mais graciosa das palmeiras, carregam-se de frutos,
 Que se comem maduros e são bom alimento;
 Muitas outras espécies há que também estimam,
 E que têm somente nomes indígenas.

As casas são feitas de pau-a-pique, de paredes barreadas,
 Assentadas e polidas com pura argila branca.
 Supremo o colmo, espalhando as folhas de uma palmeira,
 Que as tornam impenetráveis às tormentas e chuvas do inverno.
 Nenhum prego ali há para prender as vigas e os caibros.
 Tudo é tirado da floresta, cujas flexíveis e pendentes lianas
 Servem para prendê-los em massa firme e rija.
 Com as fibras flexíveis das folhas de uma palmeira em leque,
 Eles traçam as cordas para o fabrico de suas maqueiras,

102 Isto é, do “País-de-Gales”, cujo nome latino é *Câmbria*.

Dos seus laços, cordas de arcos, linhas e redes para apanhar peixes.
A sua alimentação é simples: peixe e pão de mandioca.
Com vários frutos e algumas caças da floresta,
Tudo preparado com fortes, picantes e ardentes pimentas;
Molho e muitos condimentos e bebidas diversas
Fazem e preparam com o suco venenoso da mandioca
E com mais uma luxúria estranha – que é o sal.
O sal, aqui, é dinheiro; diariamente, eles me trazem
Bolos de mandioca, peixe ou bananas maduras,
Pássaros ou insetos e ovos de aves ou de tartaruga;
E, quando chegam, perguntam logo pelo sal, para trocar
Duas colheres das de chá por uma enorme cesta de cocos,
Por aipim, por um cacho de bananas ou por uma ave.

Lá, um dia, como nossos camponeses, em suas casas,
Fazem então as suas festas e também bebem muita cerveja
(Cerveja feita da massa da mandioca fermentada),
Chamada por eles de *xirac* e por outros de caxiri,
Porém de efeito e de sabor muito iguais aos da cerveja.
Nessas ocasiões, então, eles falam muito, gritam, cantam;
Para a música eles têm pequenos tambores e bem-feitas gaitas,
Que os acompanham em suas monótonas e rudes cantigas.
E, assim, horas seguidas, dançam sem a menor fadiga.
As crianças de menor idade andam completamente nuas.
Os homens e os rapazes têm apertadas vestes de algodão.
Quanto eu me deliciava ao ver aquelas crianças nuas,
Com os seus corpos esbeltos, bem conformados.
E a macia e lustrosa pele de um pardo-avermelhado!
Dançando, denuncia, em seus volteios, graças, vigor e saúde.
E como giram, como pulam, como gritam, correm,
Ou como nadam e mergulham na veloz torrente!
Ou, então, de cabeça descoberta, sob o sol a pino,
Com as suas gravatânas ou arco e flechas, vão-se arrastando
Furtivamente, para matar os passarinhos, ou, então,
Em suas canoas, rapidamente deslizam, para fisgar um peixe.
Quanto eu lastimo os rapazes ingleses,
Que trazem o corpo e os pés apertados,
Tolhidos e encerrados em roupas e botinas!

Pelo uso do calçado, os dedos dos pés ficam retorcidos,
 E, ao peso do chapéu, ficam as fronte doloridas.
 Pobre gente enervada, arruinada pelo luxo!
 Muito ainda lastimo as raparigas da Inglaterra,
 Com a cintura, o busto e os seus seios apertados
 Por aquele vil e torturante instrumento, chamado “colete”.

E, assim, passam aqueles bons índios a sua vida simples.
 São uma raça pacífica; poucos crimes graves
 São conhecidos entre eles; não roubam, não matam,
 E todas essas complicadas maldades e vilanias
 Dos homens ditos civilizados são aqui ignoradas.
 Todavia, não penso em colocar, como alguns querem,
 O homem selvagem acima do civilizado,
 Ou desejar que retrogrademos e vivamos
 À maneira dos nossos antepassados, antes da vinda de César.
 É verdade que as misérias, as necessidades, infortúnios,
 A pobreza, os crimes, os corações empedernidos,
 As intensas agonias mentais e que arrastam
 Os homens para a sua própria destruição,
 Fazendo-os terminar os dias na cela de um manicômio,
 Os milhares de tormento que o ouro faz cair sobre nós,
 As grandes lutas de morte, para obter os meios de vida,
 Tudo isso os selvagens ignoram e não sofrem.
 E daí os gozos, os prazeres, os deleites,
 Que a mente sã e bem cultivada desfruta,
 A apreciação das belezas, tanto da natureza
 Como da arte; a digressão, ao infinito.
 Dos prazeres e conhecimentos, que os livros nos fornecem;
 A constante mutação de incidentes e de cenários,
 Que nos fazem viver uma vida em cada ano;
 Todas essas coisas o selvagem não sabe, não goza.
 Mas tranquilos podemos nós perguntar: pode a dura necessidade
 Forçar que essa grande felicidade deva coexistir
 Para sempre com a monstruosa massa de seres desgraçados?
 Devem muitos milhões sofrer essas misérias destruidoras,
 Enquanto apenas uns poucos é que gozam de graciosas dádivas?
 Pois não há por aí, confinados em nossas grandes cidades,

Milhões de homens, que vivem uma vida mais vil,
Mais desprezível, em pureza de intenções físicas e morais,
Do que os homens selvagens destas remotas regiões?
Não há milhares de seres ansiosos por dinheiro,
E cujos pensamentos, de manhã até à noite, e da noite à manhã,
Estão só a indagar “como conseguir mais dinheiro?”
Que sabem tais homens das alegrias e dos gozos intelectuais?
Têm apenas uma alegria: o prazer de amontoar o ouro!
Não encontram deleite nos admiráveis encantos da natureza.
A única coisa de belo, para eles, é o dinheiro.
Os pensamentos dos grandes homens do passado nos livros antigos,
A página ardente de um poeta ou de um historiador,
Ou todas as maravilhas, que a ciência traz à luz.
Para eles não existem. Eles não têm tempo a perder
Com tais entretenimentos: “O tempo (dizem) é dinheiro.”
E, se ouvem falar a respeito de algum feito imortal,
De algum nobre sacrifício de energia ou de fortuna,
Para salvar um amigo ou uma reputação imaculada,
Ou de uma ação que nos faça vir as lágrimas aos olhos.
E que nos fazem orgulhosos de termos tais semelhantes,
Eles dizem: “Os que fazem tais sacrifícios, são uns tolos;
Pois que é a vida sem o dinheiro adquirido?”
De preferência a viver como um desses homens,
Eu antes quisera ser um índio, e viver contente,
Vendo meus filhos crescerem como as corças selvagens,
Pescando, caçando, remando a minha canoa,
Com a saúde no corpo e a paz na alma,
Ricos sem riqueza e felizes sem dinheiro!

Javita, março de 1851.

A. W.

E, assim, mas sempre trabalhando na forma do costume, continuei mais algum tempo em Javita.

Lá um dia, pela manhã, quando me levantei, não encontrei em casa nenhum dos índios que eu havia trazido.

Na varanda, o fogo estava apagado.

Julguei que houvessem saído para caçar ou para pescar, como era, de fato, o seu costume.

Acendi, pois, o fogo, e tratei de preparar o almoço.

Até essa hora, entretanto, nenhum havia ainda aparecido, nem deles tivera eu a menor notícia.

Reparando melhor na casa, verifiquei então que as suas redes, facas, panelas de barro e outros poucos objetos mais, que lhes constituíam toda a bagagem, não mais se encontravam ali.

Tudo que lhes pertencia havia sido retirado da casa, tendo deixado somente o que era meu.

E, assim, tive logo de convencer-me de que não haviam feito outra coisa, senão fugir, o que realizaram durante a noite, deixando que eu me arranjassem ali como muito bem pudesse e muito bem entendesse.

Uns dias antes, contudo, eu havia já notado que andavam algum tanto desassossegados, perguntando-me seguidamente quando é que eu pretendia regressar.

Na verdade, eles não estavam gostando de ficar no meio de gente estranha, cuja língua não entendiam.

Nos últimos dias de sua estada, eu já havia observado também que andavam gastando farinha despropositadamente, consumindo grande quantidade.

Assim procedendo, o que eles esperavam era que, quando se acabasse o último cesto, eu não pudesse adquirir nenhum mais na aldeia, e seria, por isso mesmo, forçado a voltar.

No dia anterior ao de sua fuga, entretanto, eu comprara outro cesto.

Isso, ao que parece, foi o motivo que decidiu, de fato, a questão, pois que assim viram perdido o seu último estímulo, a sua derradeira esperança.

E foi o bastante, pois, para fazê-los sair, voar o mais depressa possível daquela terra estranha e do ainda mais estranho homem branco que empregava todo o seu tempo capturando insetos e desperdiçando boa cachaça, nela conservando peixes e cobras.

Assim, pois, não tive outro remédio, senão o de conformar-me com a nova situação.

Pegando a rede de apanhar inseto, depois de ter arrumado a casa, fechei-a à chave (chave feita de madeira, por um índio), pu-la na algibeira e internei-me na floresta.

Pouco tempo antes, tive a sorte de comprar um excelente queijo venezuelano e alguma carne-seca.

Desta sorte, tendo ainda muito pão de mandioca e bananas, poderia demorar-me mais algum tempo ainda ali e passando muito bem.

À tarde, recebi algumas de minhas costumárias visitas de índios, que chegaram de improviso.

Não deixaram de ficar algum tanto surpresos, quando me viram a cuidar do fogo e preparar o meu jantar.

Ao explicar-lhes as circunstâncias a que fui obrigado a sujeitar-me, logo disseram que os meus índios eram “mala gente”, insinuando, ao mesmo tempo, que eles próprios nunca os julgaram de forma melhor.

Arranjei, então, alguns meninos, para apanhar e carregar água do rio e trazer-me também alguns feixes de lenha.

E, assim, tendo café, queijo, bananas assadas e pão de mandioca, eu ia passando muito bem.

O café, contudo, já estava quase acabado, e, dentro de um ou dois dias, eu não teria mais nenhum.

E eu dificilmente toleraria a sua falta.

Eu não podia passar sem ele.

Em vista disso, fui até a choupana de um índio velho, o qual sabia falar um pouco de espanhol, e, então, pedi-lhe, “por amor de Dios”, para me arranjar um pouco de café de sua pequenina lavoura.

Nos seus cafeeiros, já se viam alguns grãos maduros.

Isso foi de manhã, pouco depois da saída do sol.

O velho prometeu-me que ordenaria a sua filha que dissesse logo-logo.

Cerca das 10 horas, dirigi-me à floresta, onde passei o dia, de lá só tendo voltado às 4 horas da tarde,

Ao chegar à aldeia, tive, então, a grata satisfação de constatar que o café havia sido arranjado.

Ele fora colhido, lavado, posto ao sol para secar (a parte mais demorada da tarefa), descascado, torrado, e, em seguida, socado num pilão.

Meia hora depois, pude saborear uma xícara de deliciosíssimo café, como eu ainda nunca havia bebido.

Como eu pretendesse demorar mais uns quinze dias ainda na aldeia, entendi que poderia persuadir alguma rapariga dali a fazer-me os serviços de cozinha.

Mas (coisa incrível de dizer!) nenhuma delas quis aventurar-se a isso.

Nas aldeias do rio Negro, poderia eu, a qualquer momento que desejasse, arranjar logo meia dúzia delas.

Entretanto, por aquele único motivo, eu me vi obrigado a cozinhar para mim mesmo e a ser o meu próprio criado para todo o resto do tempo de minha permanência em Javita.

Havia chegado à aldeia um velho negociante índio, vindo de Medina, povoação que fica ao pé dos Andes, perto de Bogotá.

Por seu intermédio, bem como de alguns outros índios mais, obtive interessantes informações relativas àquela região, principalmente no que diz respeito aos rios, que descem das montanhas para o Orenoco.

Informou-me, de que já havia subido o rio Muco, o qual entra no Orenoco, acima das cachoeiras de Maipures, e pelo mesmo havia atingido a um ponto situado 20 milhas para além das cachoeiras do rio Meta, em frente a Medina.

O rio Muco não tem empecilhos para a sua navegação.

Esse rio banha, em toda parte do seu curso, uma região de campos abertos, e tem bonitas praias de areia.

Assim sendo, entre esse rio e o Guaviare está o término da grande floresta do vale do Amazonas.

O tempo agora já não estava mais tão chuvoso.

Dias antes, de manhã até à noite, chovia copiosa e incessantemente.

Algumas poucas horas de sol eram mesmo uma raridade.

Os insetos eram poucos e difíceis de capturar.

Mesmo esses poucos, que eu conseguia apanhar, não me era quase possível conservá-los.

Se eu os secasse nas caixas, seriam destruídos pelo mofo; e, se eu os deixasse expostos ao ar, para receberem algum calor solar, umas pequenas moscas neles pousariam e, com os seus inúmeros ovos e larvas, os destruiriam logo.

O único meio pelo qual eu podia obter algum resultado, era dependurá-los durante algum tempo, todas as manhãs e todas as tardes, sobre o fogo.

Comecei agora a lamentar deveras, e mais do que nunca, a perda da estação seca.

Estou cada vez mais convencido de que poderia ter aqui conseguido uma esplêndida coleção.

Demais disso, agora é que os índios começaram a capturar os escaravelhos, e eu, assim, poderia juntar uma delicada e interessante coleção dessa classe de insetos.

Todas as tardes, traziam-me eles três ou quatro besouros.

Entravam em minha choupana com os seus tesouros em gomos de bambu ou cuidadosamente envolvidos em folhas.

Eu recompensava a todos, dando-lhes um anzol em troca de cada escaravelho.

E, dentre os muitos insetos trazidos, eu encontrava, quase sempre, algumas espécies curiosas e raras.

Esses coleópteros, geralmente tão raros nos rincões florestais do Amazonas e do rio Negro, pareciam ser muitíssimo abundantes aqui.

Isso talvez seja devido à aproximação das divisas da gigantesca floresta amazônica com os plantios do Orenoco.

Com muito pesar, pois, comecei os preparativos para deixar a aldeia de Javita.

Tendo em conta os rigores da estação chuvosa, mesmo assim eu havia feito bastante, e estava, por isso mesmo, muitíssimo satisfeito pelo que conseguira.

Se eu houvesse chegado mais cedo, teria, na verdade, feito mais.

Eu havia combinado com o Sr. L. para fazermos uma excursão ao inexplorado Uaupés; e isso havia sido marcado para o mês de abril.

A sua companhia, em tal expedição, poderia ser-me útil, pois que haveria de tornar mais agradável e mais distraída a minha permanência entre os selvagens, e eu, assim, não ficaria tão entediado, caso houvesse de ficar só, sem outra pessoa civilizada.

Antes de prosseguir a narrativa, quero ainda dizer algo a respeito de Javita, a qual recomendo aos naturalistas que desejarem encontrar uma boa localidade na América do Sul, ainda não explorada devidamente.

Poder-se-á alcançá-la facilmente pelas Índias Ocidentais, via Angustura, e dali seguir pelos cursos do Orenoco e Atabapo, acima.

Uma libra de anzóis e umas cinco de sal, morim, colares e tecidos ordinários de algodão, serão o suficiente para cobrir todas as despesas, durante a permanência de uns seis meses naquela região.

O viajante deverá chegar ali em setembro.

Desta sorte, poderá gozar integralmente dos benefícios da estação, na sua quadra mais favorável, pois é quando tem começo a seca, e poderá permanecer até março, que é quando termina a dita estação.

Só os insetos compensarão bem os esforços de quem quer que assim fizer.

Os peixes, por sua vez, são muitíssimo abundantes ali, onde ainda se encontram muitas espécies novas e muito curiosas.

E, como todas as minhas coleções se perderam na minha viagem de volta para casa, terão ainda todas as vantagens da novidade.

No dia 31 de março, muito a meu pesar, deixei Javita.

O comissário índio dali havia dado ordem para que uns seis homens levassem todas as minhas bagagens para Tomo, sendo que quatro deles deveriam acompanhar-me até lá.

Os índios de São-Carlos, Tomo e Maroa, entretanto, estavam naquela ocasião reparando os trechos de estrada, que lhes tocavam, e, tendo já concluído os seus serviços, se aprontavam para voltar.

Em vista disso, alguns deles combinaram seguir em minha companhia, motivo por que eu pude assim dispensar de tal encargo os javitanos.

Tais índios, quando ainda nos seus serviços, encontraram na floresta muitos escaravelhos-arlequins (*Acrocinus longimanus*), que me foram trazidos cuidadosamente, guardados em folhas.

A troco de cada um desses insetos, dei-lhes cinco anzóis.

Chegando a Pimichim, verifiquei que o rio apresentava um aspecto muitíssimo diferente do que eu havia observado quando por ali passara.

As suas margens, agora, estavam todas inundadas.

As águas estavam quase cobrindo o rancho, onde eu estivera instalado, o qual, naquela ocasião, ficava distante do barranco do rio umas 40 jardas, situado em local muito alto e para cima da margem rochosa.

Antes de meus homens fugirem, eu havia mandado dois deles até Tomo, a fim de levarem minha canoa para Pimichim.

O rio estava bastante crescido, de sorte que assim se poderia transportá-la com mais facilidade.

Todavia, ali chegando, eu não a encontrei.

Em seu lugar, haviam trazido uma canoa pertencente a Antônio Dias, que havia passado pouco antes por Javita a caminho de São-Fernando.

Desse modo, quando houvesse de regressar, haveria de alugar outra canoa.

Descemos rapidamente pelo pequeno rio.

Vimos agora melhor o extraordinário número de voltas que ele faz.

Com a bússola e o compasso, que eu trazia, fiz o levantamento de umas trinta curvas.

Entrementes sobreveio uma tremenda tempestade de vento e chuva, caindo-nos esta diretamente sobre o rosto, o que tornou quase impossível que pudéssemos olhar a frente.

E, antes do tempo melhorar, baixou a noite.

Desta sorte, o levantamento das curvas e dobras do rio Pimichim ficará na obscuridade.

A região, por ele atravessada, parece um trato de terreno plano e arenoso, coberto de vegetação rala e baixa, arbustiva, muito parecida com a do rio Cobati, o qual subi, tendo ocasião de chegar até a serra, para colher amostras da rocha que o caracteriza.

Era noite, quando alcançamos Maroa.

Quase íamos passando para baixo da aldeia, sem a ter visto.

Fomos para “a casa da nação”, ou, antes para um rancho pouco melhor do que os que comumente se vêem por aqui.

E, instalando-nos ali, fizemos fogo e passamos regularmente a noite.

Na manhã seguinte, mandei chamar o Sr. Carlos Bueno (Carlos Bom), um índio “dandy” que ali desempenha as funções de comissário, e com ele fiz um pequeno negócio.

Comprei um lote de cestos indígenas, gravatanas, aljavas, carcazes e veneno *curari*, dando-lhe, de volta, alguns anzóis e morim.

Após ter almoçado em sua companhia, segui para Tomo.

Ali chegando, não encontrei o Sr. Antônio Dias, que havia partido para São-Carlos.

Assim, fui forçado a esperar pelo regresso, durante alguns dias, porquanto ele me havia prometido mandar alguns de seus homens para Guia, em minha companhia.

Fiquei em casa do Sr. Domingos, que, naquela ocasião, se achava superintendendo o acabamento do grande navio, a que fiz referência anteriormente.

Tal embarcação deveria ser lançada no rio com as águas altas, e estas já haviam atingido a uns dois pés no casco.

Fiz vários passeios pelo campo, tendo-me divertido muito com a minha espingarda.

Numa dessas excursões, consegui matar um lindo papagaio, de pequeno porte e da espécie que tem preta a plumagem da cabeça e a do corpo um lindo verde, muito vivo, e penas de cor carmim nas asas.

O bico é amarelo.

Estas aves encontram-se somente nesta zona.

Desenhei também alguns curiosos peixes, dentre os quais se destacavam duas espécies bem desenvolvidas de *Gymnotus*, do grupo dos que não são elétricos.

Enquanto estive na aldeia, os índios fizeram uma festa.

Para esse fim, prepararam grande quantidade de “xirac”.

As danças duraram mais de trinta horas.

A principal particularidade das danças é que os índios estavam trajados de vestes civilizadas de mistura com seus característicos ornatos indígenas.

O efeito assim era realmente o mais extraordinário possível.

Estavam trajados de camisas e calças, muito limpas, de uma cor muito alva e também listradas.

Todos, contudo, além desses trajos, estavam ornados de colares de contas e de plumas de variadas cores.

Para complemento, todos tinham ainda os rostos pintados, de maneira muitíssimo original e ao mesmo tempo muito extravagante.

Sobre os ombros, à banda, dependuravam ainda as suas redes, à guisa de mantos, e quase todos davam fortes pancadas no solo.

Outros empunhavam lanças, flechas, arcos e varapaus ornados de penas.

Aos clarões do luar, dançando, o seu aspecto tornava-se verdadeiramente singular e feroz.

O Sr. Antônio Dias estava custando a voltar.

Antes que ele regressasse, entretanto, ocorreu no seu círculo doméstico um escândalo, talvez mesmo em consequência da sua prolongada demora.

Como era de esperar, não poderiam viver bem ali, assim juntas como estavam, tantas mulheres.

A mulher mais velha, principalmente, tinha demasiado ciúme das outras raparigas índias.

Ela aproveitava-se de toda e qualquer oportunidade para maltratá-las.

E, agora, durante a ausência do chefe – assim presumo, – procurou então desferrar-se, aumentando ainda mais os seus maus tratos, para melhor vingar-se.

Em conseqüência disso, uma das raparigas fugira.

Isso foi, ali na aldeia, um inesperado *dénouement*, que causou um verdadeiro alvoroço.

A fugitiva era uma das prediletas do Sr. Antônio.

E, se por acaso ele chegasse antes dela tornar a voltar, seria certo que ele haveria de mostrar, de maneira tão não muito delicada, o seu descontentamento.

A rapariga fugira durante a noite, levando em seus braços uma criança de um ano apenas de idade.

A noite estava escuríssima e tempestuosa.

Mesmo com o tempo nessas condições, isso não haveria de ser obstáculo para uma índia.

Enviaram, logo após, mensageiros à sua procura; porém, não obstante estas providências, não pôde ela ser encontrada.

Sob o temporal, que então reinava, apressadamente e muito aflitas, saíram também em sua procura a mulher mais velha e sua filha, que, pela mesma forma, não obtiveram melhor resultado.

Restava, todavia, ainda um recurso: era o de apelar para os santos.

O Sr. Domingos, para isso, mandou retirar da capela a imagem de Santo Antônio de Tomo.

Este santo, segundo se acredita, tem o poder especial de fazer descobrir todas as coisas desaparecidas.

A maneira, porém, de assegurar-se a sua influência, é algum tanto singular.

Para esse propósito, o pobre santo fora amarrado com uma corda, a qual lhe foi passada em volta do corpo, fortemente atada, e, em seguida, ficou estendido de costas no solo.

Acreditava aquela gente que o santo, a fim de obter a sua libertação, havia de fazer com que a ovelha desgarrada tornasse a voltar ao seu rebanho.

Assim estava sendo tratado o infortunado Santo Antônio de Tomo, o qual, tão ignominiosamente, assim permaneceu estendido no solo, a noite toda, sem resultado algum, entretanto.

O santo estava obstinado e nenhuma notícia se soube a respeito da fugitiva.

Fizeram-se ainda outras pesquisas, mas também sem resultado algum.

E assim se passaram ainda dois dias, quando, afinal, ali chegou o próprio Sr. Antônio, de regresso de sua viagem, trazendo em sua companhia a fugitiva.

Esta havia-se escondido em um sítio, pouco distante da aldeia, onde ficara aguardando a passagem do Sr. Antônio, ao qual se juntou, quando este por ali passou.

Decerto, foi ela própria a primeira a contar a sua história.

E, assim, o resto do harém, além de umas pesadas descomposturas, ainda ganhou, segundo estou inclinado a pensar, grossa pancadaria também.

Antes de deixar Tomo, comprei duas lindas guarnições, trabalhadas em penas de aves, de que já fiz alusão anteriormente, pagando por esses trabalhos três libras, em dólares de prata.

Contratei cinco índios para acompanhar-me na viagem, os quais ainda trouxeram uma pequena canoa, na qual deveriam regressar e levar mercadorias, de que o Sr. Antônio estava precisando.

Antes de partir, havíamos pago os seus salários com tecidos ordinários de morim e algodão (os quais, na Inglaterra, não valerão mais do que dois pence a jarda, porém que aqui valem cerca de dois shillings), sabão, colares, canivete, e machados, tudo isso na mesma proporção.

No trajeto da viagem, consegui dos índios de Tomo um vocabulário da sua língua, a qual difere da das aldeias abaixo e acima.

De dia, remávamos; e, à noite, descíamos, rodando ao sabor da correnteza.

E, assim, viajando favoravelmente, alcançamos Marabitanas, com três dias apenas, distância essa em que havíamos gasto nove dias, subindo o rio.

Ali demorei uma semana, ficando em casa do comandante, que, para esse propósito, já antes me havia convidado em Guia, quando estive ali.

Durante esse tempo, contudo, pouco pude fazer, para aumentar as minhas coleções.

Não havia caminhos na floresta.

Além disso, os insetos eram raros, e poucos eram os pássaros que valessem a pena matar.

Obtive alguns curiosos animais, que têm o corpo cheio de compridos espinhos flutuantes.

De pássaros, obtive apenas um bonito espécimen, de uma espécie que tem umas manchas brancas nas penas, aliada aos estorninhos.

Este pássaro tem o nome de *ciuci-nera* (“pássaro estrela”), e ali aparece em bandos, uma vez por ano.

Os habitantes de Marabitanas são célebres pelas festas que fazem.

Passam a vida gastando a metade do tempo com tais festas e a outra metade em prepará-las.

Nessas condições, bebem cachaça pura, em grande quantidade.

Tal bebida é obtida pela destilação da cana-de-açúcar e da mandioca.

Numa dessas festas, que se realizou quando eu ainda me encontrava ali, consumiu-se um enorme barril, todos bebendo aquele álcool.

Em todas as casas, onde se realizam as danças, quatro pessoas ficam constantemente andando em redor da sala, com uma garrafa e um cálice na mão.

Ninguém recusa beber.

E, assim, passam a noite toda.

E, desde o momento em que aceitais um cálice, deveis, em seguida, beber uma série deles.

De um gole, os índios esvaziam um cálice.

E, por essa forma, continua a festa durante dois ou três dias mais.

Cerca de quinze dias antes de cada festa – a qual sempre se realiza por ocasião de um dia santo da Igreja Católica Romana –, um grupo de 10 ou 12 habitantes sai em uma canoa, percorrendo os arredores e parando em todos os sítios e aldeamentos indígenas, situados, às vezes, dali a 50 milhas e até a 300 milhas.

Nessas excursões conduzem a imagem do santo, bandeiras e alguns instrumentos musicais.

Em todas as casas, aonde aportam, são muito bem recebidos.

Nessas ocasiões, beija-se a imagem, e fazem-se, então, vários donativos para a festa: um dá uma galinha; outro, alguns ovos; outro, um cacho de bananas; e outro, algum dinheiro.

Com antecedência, e para tal propósito, alguns animais, ainda vivos, são dados em promessa a um determinado santo.

Sucedida muitas vezes, quando eu ia comprar algumas provisões de que estava precisando, ter respostas como esta: “Aquele leitão é de São João”; ou “Aquelas galinhas são do Divino Espírito-Santo.”

Despedindo-me do comandante, o Sr. Tenente Antônio Felisberto Correia de Araújo, que me tratou com a maior bondade e a mais cativante hospitalidade, prossegui viagem para Guia, aonde cheguei em fins de abril, e onde esperara encontrar o Sr. L. já pronto, a fim de partirmos para o rio Uaupés.

Ali chegando, entretanto, fui obrigado a demorar longo tempo, e isso por causa de uma canoa, que tinha sido enviada até Barra e ainda não havia regressado.

Nós não poderíamos partir dali, enquanto tal canoa não voltasse.

Ela já deveria estar de volta; mas, como era manejada por índios que não tinham o menor interesse em voltar mais depressa, era provável que ela demorasse ainda mais de um mês em viagem.

E, assim, na verdade, foi que sucedeu, pois que ela só chegou em fins de maio.

Durante todo esse tempo, pude fazer muito pouco.

A estação estava muito chuvosa, e Guia é uma localidade muito pobre.

Os peixes constituíam o meu principal recurso.

O Sr. L. mandava um pescador diariamente sair, especialmente para pescar e a fim de termos a necessária provisão de peixes.

E, assim, tinha eu quase sempre espécies novas, que me eram trazidas, para que eu escolhesse e colecionasse, dentre os pescadores, os que ainda não houvesse visto.

Por essa maneira, consegui obter muitas espécies desconhecidas.

E ali, mais do que nunca, fiquei de fato impressionadíssimo com a extraordinária variedade e abundância de peixes que habitam estes rios.

Eu já havia, até aqui, figurado e descrito 160 espécies, somente do rio Negro, tendo, além dessas, visto muitas outras.

E outras espécies desconhecidas ainda ocorriam tão abundantemente, como se fossem de outra localidade.

Estou plenamente convencido de que o número das espécies, somente do rio Negro e de seus tributários, deve atingir a 500 ou 600.

O Amazonas, entretanto, tem a maior parte dos peixes que lhe são peculiares, principalmente nas suas mais altas cabeceiras.

Desta sorte, o número de espécies distintas dos peixes, que habitam toda a bacia do Amazonas, deverá ser imenso.¹⁰³

103 Segundo as nossas estatísticas, só o Amazonas conta cerca de 2.000 espécies, sendo o Brasil o país mais rico do mundo em peixes de água doce. Os rios europeus contam apenas 150 espécies.

.....

Capítulo X
Subindo, pela primeira vez, o rio Uaupés

FORTE CORRENTEZA – UMA TABA INDÍGENA – OS SEUS MORADORES – UMA FESTA – PINTURAS E ORNATOS – DOENÇAS – SÃO-JERÔNIMO – PASSANDO AS CACHOEIRAS – JAUARITÉ – O *TUXAUA* CALIXTO – CURIOSA PALMEIRA – PÁSSAROS – PROVISÕES BARATAS – COMENDO FORMIGAS – VERMES TERRESTRES – UMA GRANDE DANÇA – ORNATOS DE PENAS – A “DANÇA-DA-COBRA” – O *CABI* – UM ENORME CIGARRO – ANANÁ-RAPICÔMA – PEIXES – BICHOS-DE-PÉ – DESCENDO AS CACHOEIRAS – CAÇANDO PÁSSAROS – ORQUÍDEAS – OS *PIUNS* – COMENDO TERRA – UM ENVENENAMENTO – VOLTA A GUIA – MANUEL JOAQUIM – DEMORAS ENERVANTES

A

FINAL, a ambicionada canoa, há longo tempo esperada, chegou, e imediatamente começamos os preparativos para a nossa viagem.

Anzóis, canivetes, colares, foram logo separados para os levarmos, porque correspondiam bem aos gostos dos adquirentes, com os quais ora íamos estreitar relações, em nossa excursão.

O Sr. L. desejava comprar farinha e salsaparrilha; e eu, peixes, insetos, pássaros e toda sorte de arcos, flechas, zarabatanas, cestos e ou-

tras curiosidades mais, feitas pelo indígenas. Às 6 horas da manhã do dia 3 de junho, partimos.

O tempo havia clareado uns dias antes, e estava agora muito bonito.

Iam conosco dois índios, os mesmos que haviam fugido de Javita, e que haviam recebido antecipadamente os seus salários.

Por isso, agora, para os débitos, nós os fazíamos trabalhar.

Os que haviam chegado de Barra, não quiseram partir logo em outra viagem.

Esperávamos arranjar outros, no Uaupés, logo que lhe entrássemos no álveo.

Na mesma tarde, alcançamos São Joaquim, a barra do referido rio, e como ali não encontrássemos os homens de que precisávamos, prosseguimos águas acima, onde começaram realmente as nossas dificuldades, pois tínhamos de vencer, subindo, a forte correnteza da caudal.

A princípio, algumas baías, onde havia contracorrentes, nos favoreceram: mas, nas partes mais expostas, as águas corriam com violência tal, que os nossos homens, que eram apenas dois remadores, mal davam conta de mover a canoa.

Somente podíamos conseguir melhor resultado, segurando-nos aos arbustos, cipós e ramos das árvores, que se alinham à margem do rio, a qual se veste ali de uma vegetação mais ou menos florestada, como a das terras adjacentes.

No dia seguinte, cortamos compridas varas, com forquilhas nas pontas, e assim podíamos puxar e arrastar-nos a nós mesmos, com a canoa, e com mais vantagem, ao longo de todos os trechos mais difíceis.

Algumas vezes, por milhas seguidas, tivemos de proceder dessa maneira, porém a canoa se enchia, e nós mesmos também ficávamos cobertos de picantes formigas, de umas cinqüenta espécies diferentes, que estavam nos ramos das árvores, as quais nos ferroavam e mordiam, cada qual produzindo o seu característico efeito, desde uma leve picada até uma aguda ferroada.

Outras, alcançando-nos o cabelo e a barba, ou entrando-nos sob as vestes e percorrendo todas as partes do corpo, não eram lá das mais agradáveis companhias.

Com os maribondos, chegamos e encontrar-nos também algumas vezes, esbarrando em suas casas, que ficavam dissimuladas entre a folhagem, vindo eles, logo, fazer os seus furiosos ataques aos intrusos.

Os índios, com os seus corpos nus, não podiam oferecer tanta defesa contra aquelas ferroadas, e, várias vezes, por isso mesmo, foram eles as principais vítimas de tais ataques, e muito sofreram com isso, enquanto nós outros podíamos escapar melhor aos terríveis insetos.

Não são só estes os inconvenientes que se podem esperar de uma viagem rio acima, no tempo das enchentes.

Estando o rio com as margens alagadas, somente em alguns pontos rochosos, que ainda se conservam acima das águas, é onde se pode acender fogo.

E, como esses pontos ficam às vezes muitos distantes uns dos outros, freqüentemente tínhamos de passar o dia todo só a farinha e água, com um pedaço de peixe assado, porém frio, ou, então, uma banana.

E tínhamos de contentar-nos com isso e julgar-nos ainda muito felizes.

Todos esses pontos ou lugares de pouso são bem conhecidos dos viajantes ou dos comerciantes, que costumam navegar nos rios.

Desta sorte, em qualquer deles, que alcançássemos, a qualquer hora do dia ou da noite, parávamos, para fazer café e descansar um pouco, sabendo que somente alcançaríamos outro ponto, após vencer outras oito ou dez horas de pesada remação.

No dia seguinte, encontramos uma pequena *sucuriju* (*Eunectes murinus*),¹⁰⁴ de cerca de uma jarda de comprimento, quando se estava aquecendo ao sol, em certa moita acima da água.

Um dos índios, flechou-a, e, quando paramos, à noite, assamos a sua carne para o jantar.

Provei um pedaço e achei a carne excessivamente dura e glutinosa, porém não tinha sabor desagradável.

Bem preparada, deve ser, sem dúvida, muito aceitável.

104 Há as formas *sucuriju*, *sucureju* e *sucuriú*, que se encontram em Martius (ob. cit., pág. 476), que, todavia, não dá a mais longa, empregada até em versos, que é *sucuriúba*, nem a mais curta e mais popular, que é *sucuri*.

Em um sítio, onde paramos, compramos uma galinha, que cozinhamos com arroz e nos deu excelente sopa.

No dia 7, penetramos em um estreito e tortuoso canal, que se ramifica da margem setentrional do rio.

Cerca de uma hora após, alcançamos uma taba (“maloca”) ou alojamento de índios selvagens, a qual foi a primeira que encontramos.

A casa era uma grande e sólida construção, de cerca de 100 pés de comprimento por cerca de 40 de largura e 30 de altura.

O seu arcabouço é solidamente armado de vigas descascadas, lisas e redondas, e é coberto de folhas de palmeira *caraná*,¹⁰⁵ que tem um formato de leque.

Uma das suas extremidades era quadrada, tendo uma só aba de telhado, e outra era circular, tendo goteiras, que se apóiam sobre paredes baixas, quase alcançando o chão.

No centro da casa, há uma espécie de nave central, formada pelas duas carreiras das principais colunas que lhe suportam a cobertura.

Entre elas e as paredes laterais, no sentido longitudinal, havia outras carreiras de postes, mais finos e mais curtos.

Todas estas vigas são firmemente travadas por outras vigas longitudinais e transversais, no topo, e suportam os caibros.

Todas as vigas e caibros são presos uns aos outros, com muita simetria, por fortes cipós.

Ao fundo, em direção às paredes, de cada lado, havia outras repartições, feitas de talos de palmeiras, muito semelhantes, no seu arranjo, aos biombos ou camarins das casas de estalagem ou dos teatros de Londres.

Cada uma destas repartições é um apartamento particular de uma determinada família, que vive assim à maneira de uma comunidade patriarcal.

Ao lado das naves laterais vêm-se os fornos de farinha, os tipitis para espremer a mandioca, enormes frigideiras e vasilhas feitas de

105 Além dessa, há as formas *carandá*, *carandaí*, *caranaíba* e *carnaíba*. Sobre essa famosa palmeira (*Copernicia cerifera*), veja-se Teodoro Sampaio, “O tupi na geografia nacional”, pág. 210.

barro, que servem para a fabricação do *caxiri*, e, além desses, muitos outros objetos que parecem ser de uso comum.

Nos compartimentos separados, vêem-se painéis menores, cadeiras, cestos, redes, potes de água, armas de guerra e de caça e os ornatos, que são pertencentes aos respectivos ocupantes.

O corredor, ou ala central, fica com a sua passagem inteiramente livre, e forma um bonito e comprido salão, ao longo de toda a casa.

Na extremidade circular, existe outra repartição ou área separada, que é formada por uma balaustrada de uns cinco pés de altura, que se destaca um pouco do semicírculo, tendo, porém, uma entrada.

Nesta parte da casa, reside o chefe ou cabeça da maloca, o qual vive em companhia de suas mulheres e de seus filhos.

Os parentes mais afastados residem nos outros cômodos da vivenda.

A porta, situada sob a aba lateral da cobertura da casa, é muito larga e muito alta, enquanto a da extremidade circular é muito menor.

Essas portas constituem as duas únicas aberturas para a entrada do ar e da luz na casa toda.

Uma parte da aba do telhado é coberta, mal-e-mal, de folhas da palmeira, que ficam apenas dependuradas, através das quais então a fumaça, que se desprende dos numerosos fogões, infiltrando-se lentamente ali, encontra saída.

Na sua passagem, deixa a fumaça uma camada lustrosa e preta como azeviche, em toda a parte interna da cobertura.

Ao penetrar na dita casa, regoziquei-me deveras por achar-me, afinal de contas e de fato, na presença dos mais legítimos representantes da floresta.

Um índio meio velho, um rapaz e duas mulheres eram os únicos que, no momento, se achavam ali, estando fora os demais moradores, entregues às suas ocupações.

As duas mulheres estavam completamente nuas.

À entrada dos “brancos”, cobrem-se apenas com uma tanga.

Nesta parte do rio, que fica no seu baixo curso, têm elas sempre boa provisão de tais artigos.

Todavia, as mulheres só as colocam em ocasiões tais.

Fora daí, não as usam, andando completamente nuas. O cabelo delas é pouco comprido e estavam desprovidas de quaisquer ornatos, exceto as ligas, bastante fortes, com que enlaçam com muito arroxos as pernas, abaixo do joelho.

Os homens, entretanto, é que apresentam o mais medido e singular aspecto, muitíssimo diferente mesmo de todas as outras raças semicivilizadas, entre as quais já tenho convivido, há tão longo tempo.

Ante tal cena, foi como se eu houvesse sido repentinamente transportado para qualquer outro recanto do globo.

Usam o cabelo repartido ao meio, cuidadosamente penteado, adiante das orelhas, e caído para a frente em uma longa trança, que lhes chega a uma jarda abaixo do pescoço.

Os fios dessa trança estavam fortemente atados com uma comprida corda muito macia e muito flexível, feita de pêlo de macaco.

Trazem enterrado também, ao alto da cabeça no cabelo, um pente feito do cerne de uma palmeira e de taquara, que é ornado de cada lado, em suas extremidades, de penas da cauda de tucano.

As orelhas são furadas e nessas cavidades introduzem uns pequenos pedaços de madeira ou sabugo de palha.

Todo esse conjunto dá-lhes ao rosto um aspecto verdadeiramente efeminado, que mais notável ainda se torna pela ausência total, absoluta, da barba, de bigode, bem como de sobrancelhas, que são extirpados totalmente.

Uma pequena tira de “tururi” (a casca interna de uma árvore) passa-lhes por entre as pernas e é segura por um cordel, que rodeia a cintura, e as ligas, que lhes apertam os joelhos, constituem o seu único e simples vestuário.

O rapaz estava a balouçar-se displicentemente em uma rede, porém dali desapareceu, logo após a nossa entrada.

O índio mais velho, nessa ocasião, estava ocupado, fazendo uns cestos achatados, manufatura essa que é peculiar a esta região.

Ele, porém, continuou tranqüilamente entregue à sua tarefa, respondendo às perguntas que o Sr. L. lhe fez acerca dos demais habitantes da casa, em uma incorreta língua geral.

Esta língua é relativamente pouco conhecida neste rio, sendo somente sabida nas partes mais freqüentadas do seu baixo curso.

Como precisássemos arranjar um ou dois homens, para nos acompanharem na viagem, resolvemos passar a noite ali.

Conseguimos comprar um pouco de peixe fresco a troco de alguns poucos anzóis, peixe que outro índio havia trazido.

Depois de prepararmos o jantar e o café, levamos as nossas maqueiras para a maloca, armazenando-as no meio da ala central, para ali passarmos a noite.

Ao escurecer, muitos índios, homens e mulheres, chegaram ali.

Acenderam-se logo, nos vários compartimentos da casa, os fogões.

Puseram-se ao fogo as panelas, com carne de peixe ou de caça para o jantar, e fizeram-se bolos de mandioca.

Tive, então, ensejo de ver alguns homens com o seu mais valioso, estimado e esquisito ornato, um cilindro opaco, de uma rocha esbranquiçada, parecendo mármore, porém que era, realmente, quartzo imperfeitamente cristalizado.

Essas pedras são de quatro a oito polegadas de comprimento e de cerca de uma polegada de diâmetro.

São polidas em roda e têm as extremidades achatadas, trabalho esse que exige muita paciência.

Em cada uma das extremidades, são furadas, e, através desses furos, é inserido um cordão, para conservá-las suspensas do pescoço.

Parece inacreditável que eles possam fazer esses furos em tão dura substância, sem qualquer instrumento de ferro adequado para tal propósito.

Dizem os índios que conseguem isso por meio da ponta flexível do broto da bananeira do mato, triturando-se a cavidade com finíssima areia e um pouco de água.

Eu não tenho dúvida alguma, conforme eles mesmos dizem, de que esse trabalho leva alguns anos a ser feito.

Todavia, deverá consumir-se um tempo muito mais longo para furar-se a pedra que o *tuxaau*¹⁰⁶ usa, como símbolo de sua autoridade.

Essa pedra, geralmente, é de maior tamanho, e fica em sentido transversal sobre o peito.

Para esse propósito, é necessário abrir-se o buraco longitudinalmente, de uma extremidade à outra da pedra.

Segundo fui informado, tal operação ocupa, algumas vezes, duas existências.

Essas pedras são trazidas de uma grande distância, rio acima, provavelmente de bem perto das cabeceiras do rio, na base dos Andes.

Elas são, por isso mesmo, muitíssimo estimadas e valiosas, e raramente se pode induzir os seus proprietários a vendê-las ou a separar-se delas.

Difícilimo mesmo é conseguir-se adquiri-las dos chefes.

Comprei ali uma clava de madeira duríssima, de uma cor vermelha, em troca de um pequeno espelho; um pente em troca de meia dúzia de anzóis, e algumas outras ninharias mais.

Uma parte somente dos habitantes da maloca ali chegou, naquela noite, porque, quando chega algum negociante de rio, os índios ficam receosos de serem compelidos a acompanhá-lo, e, por causa desse temor, escondem-se.

Muitos indivíduos desclassificados e de péssimo caráter, do rio Negro, vêm negociar por aqui, e obrigam os índios, sob a ameaça de matá-los, a acompanhá-los na viagem.

Tais indivíduos, algumas vezes, não têm o menor escrúpulo de levar a cabo as suas ameaças, visto como estão seguramente cientes de que se acham fora do alcance mesmo de qualquer diminuta porção de lei e de justiça, que ainda lutam pela sua existência no rio Negro.

106 *Tushaia*, no original. *Tuxaau* ou *morubixaba* é o título do chefe temporal, entre os tupi-guaranis.

Nós passamos a noite na maloca, cercados de índios nus, e que ficavam acorados em torno de seus fogões, desprendendo-se destes uns fortes clarões, que iam refletir-se amortecidos no teto, enegrecido pela fumaça.

Fora, em fortes bategas, caía à chuva.

Observando o que se passava na casa, eu não podia deixar de admirar o elevado grau de sociabilidade e a boa ordem reinante entre numerosas famílias, que vivem assim juntas, em patriarcal harmonia.

Na manhã seguinte, o Sr. L. teve a sorte de persuadir um índio, a fim de adquirir uma “saia para sua mulher, a seguir conosco rio acima.

E foi assim que deixamos *Açaí-Paraná* (“o rio Açaí”).

Ao levantar a esteira que cobria a nossa canoa, encontrei enrodilhada, confortavelmente, sobre a tampa de uma das minhas malas, uma pequena *boa*,¹⁰⁷ de uma das espécies de que possuía dois exemplares ainda vivos, em Guia; provavelmente ela havia caído dentro da canoa, durante a nossa passagem por entre os arbustos da margem do rio.

À tarde, alcançamos outra aldeia, situada a cavaleiro de um estreito *igarapé*, consistindo em meia dúzia de casas e duas malocas, que se achavam a alguma distância da margem.

Os seus moradores tinham ido quase todos a outra aldeia vizinha, onde havia caxiri e danças.

Duas mulheres somente é que ali ficaram, com algumas crianças.

Perto das casas, viam-se muitos papagaios, araras e mutuns, domesticados por estes índios, que gostam de tratar e ter grande número dessas aves.

No dia seguinte, alcançamos *Ananá-rapicôma* (“dardo de abacaxi”) – a aldeia onde se estavam realizando as danças.

Viam-se ali uma grande maloca e várias casas pequenas.

Os índios dessa aldeia, que já têm feito viagens com comerciantes do rio Negro, procuram imitar-lhes os costumes e, assim, já se vão acostumando a morar em casas separadas.

Ao entrar na grande maloca deparou-se-me a mais extraordinária e mais original das cenas.

107 Jibóia (*Boa constricta* ou *Boa cencbria*).

Alguns 200 homens, mulheres e crianças, esparramavam-se pela casa toda: uns estavam deitados em maqueiras; outros, estavam agachados, de cócoras, no solo, ou sentados em pequenas cadeiras pintadas, móveis esses manufaturados exclusivamente pelos habitantes deste rio.

Estavam quase todos nus e com o corpo pintado, porém ainda conservavam os penachos e outros ornatos de plumas.

Alguns, contudo, permaneciam em pé e andavam ou palestravam.

Outros, entretanto, estavam dançando ou tocavam pequenos tambores e flautas.

A festa principal havia acabado naquela manhã.

Os chefes e os principais homens já haviam tirado os seus adereços de penas.

Todavia, tendo ainda sobrado algum *caxiri*, permaneciam ainda ali, enquanto os rapazes e as moças continuavam dançando.

Estes traziam o corpo todo pintado, em regulares padrões romboidais ou triangulares, de traços feitos com tintas de cor vermelha, preta e amarela.

Os outros estavam também muito pintados, predominando, porém, as cores rubras e azuis.

O rosto era ornamentado de pinturas, em vários estilos, com fortes traços vermelhos, de uma cor muito viva, aplicando-se ainda grande quantidade de tinta de cada lado das orelhas, e continuando, de ambos os lados, até abaixo das bochechas e do pescoço.

E essas pinturas davam-lhes um aspecto horrível, sanguinário mesmo.

O furo da orelha era agora adornado com um pequeno tufo de penas alvas e felpudas.

Alguns outros tinham ainda uns pingentes feitos de três pequenos cordões de sementes, metidos na cavidade do lábio inferior.

Todos os homens usam ligas, estas quase todas pintadas de amarelo.

A maior parte das moças, que dançavam, tinham, a mais, apenas um pequeno avental, feito de contas, de cerca de 8 por 6 polegadas, trabalhadas com muito gosto, em padrões diagonais.

Além desse avental, a pintura do corpo nu era seu único ornato.

Elas não trazem na cabeça ao menos um pente para prender o cabelo, pente que os homens nunca dispensam.

Os homens e rapazes têm todos os seus ornatos apropriados, contrariando, assim, o costume dos países civilizados, mas imitando a natureza, que invariavelmente adorna com as cores mais vivas e os mais notáveis ornatos ao sexo masculino.

Na cabeça, todos trazem um penacho de plumas de tucano, amarelas e vermelhas, muito brilhantes, que são dispostas em um aro de palha entrançada.

O pente, que trazem no cabelo, é ornamentado de plumas e, além disso, freqüentemente alguns têm ainda pingentes feitos de alvas penas de garça, preso ao mesmo, e que caem graciosamente para trás, no pescoço.

Em torno do pescoço ou sobre um dos ombros, viam-se grandes colares de muitas fileiras de contas, brancas e vermelhas, bem como pedras brancas cilíndricas, que são furadas e unidas pelo meio, por um cordel de algumas luzidias sementes pretas.

As pontas da corda de pêlo de macaco, que lhes prendem o cabelo, são ornamentadas de pequenas plumas.

Do braço, caem em feixes os pingentes de sementes, de curioso formato, ornamentados com penas de brilhantes cores, presas por cordões de pêlo de macaco.

Em roda do corpo, na cintura, vêem-se os seus mais curiosos ornatos, que relativamente poucos homens possuem, os cinturões de dentes de onça.

Finalmente, presos aos tornozelos, trazem ainda os cachos de um curioso fruto, de casca muito dura, e que produzem um som rouco, quando estão dançando.

Nas mãos, alguns sustêm o arco e um feixe de *curabis*, ou setas de guerra.

Outros têm um *murucu*, ou lança, de madeira duríssima, bem polida e envernizada, ou, então, uma cabaça pintada, de formato oval, cheia de pedrinhas, e presa a um cabo, a qual, quando chocalhada em intervalos regulares, durante as danças, produz um som rouco, fazendo, assim, um ruidoso acompanhamento aos demais ornatos dos pés e ao seu canto.

O singular e selvagem aspecto destes robustos índios, com o corpo nu e pintado e com os seus curiosos ornatos e armas de guerra; o sussurro das conversações em uma língua estranha; o ruído dos tambores e das flautas e de outros instrumentos, feitos de caniço e de cascos de tartaruga; as grandes cabaças de *caxiri*, que são constantemente renovadas; a enorme e sombria casa enegrecida pela fumaça: — produzem uma sensação tal, que não se pode descrever com justeza, e da qual a vida de meia dúzia de índios, executando as suas fantásticas danças, dá apenas uma idéia muito fraca.

Fiquei observando tudo isso, durante muito tempo, rejubilando-me altamente pela oportunidade, que tive, de ver essa gente em um de seus mais interessantes e mais característicos festivais.

Eu mesmo era objeto de grande curiosidade, principalmente por causa de meus óculos, que os selvagens viam pela primeira vez e não podiam de todo compreender.

De todos os lados, uns cem pares de olhos, muito vivos e muito brilhantes, constantemente estavam convergidos sobre a minha pessoa.

Uma índia velha trouxe-me três abacaxis, pelos quais eu lhe dei meia dúzia de pequenos anzóis, o que muito a contentou.

O Sr. L. estava conversando com alguns índios, de muitos dos quais já era conhecido.

Estava combinado com um deles para fazer uma viagem de vários dias em um tributário deste rio, a fim de comprar salsaparrilha e farinha.

Consegui comprar um bem ornado *murucu*, a principal insígnia do *tuxana* ou chefe.

Tinha ele grande estima por esse ornato, a troco do qual eu lhe dei um machado e um facão, de que estava precisando.

Comprei também duas cigarreiras, de cerca de dois pés de comprimento cada uma, nas quais se colocam gigantescos cigarros, e que passam de mão em mão nos seus festivais.

Na manhã seguinte, após termos feito o pagamento dos objetos que havíamos adquirido, despedimo-nos do chefe.

Um pequeno grupo, vindo de algum lugar distante dali, para tomar parte na festa, estava fazendo a sua despedida, na mesma ocasião.

Ficavam em fila, em roda da casa, fazendo como que uma resmungação a cada chefe de família.

À frente da fila, vinham os velhos, trazendo lanças e escudos; em seguida, os mais jovens, com arcos e flexas; e, finalmente, as mulheres e moças, carregando os filhos e uns poucos de utensílios domésticos, que haviam trazido.

Nesses festivais, somente se fornece a bebida, em imensa quantidade.

Cada grupo, porém, tem obrigação de trazer um pouco de bolo de mandioca ou peixe, para o seu próprio consumo durante o festival, que dura enquanto há *caxiri*.

A pintura do corpo é muito fixa e muito durável, pois nunca passam sem banhar-se duas ou três vezes por dia.

Tal pintura permanece uma semana ou 15 dias, antes de desaparecer completamente.

Deixando *Ananá-rapicôma*, chegamos, na mesma tarde, ao *Mandii-Paraná*,¹⁰⁸ onde há também uma taba, a qual, devido à grande alta das águas do rio, somente poderia ser alcançada, vadeando-se através da floresta inundada.

Permaneci, de propósito, ali, para tratar de acender o fogo, que a ensopante chuva, que tivemos a tarde toda, tornou uma tarefa algo um tanto difícil.

O Sr. L. foi, com um índio, até à maloca, para fazer um “negócio” e comprar peixes para o nosso jantar.

Ali permanecemos, para passar a noite.

108 Rio do *mandi*, peixe (*Pimelodus maculatus*), cujo nome também se escreve *mandii*, como se pode ver em Martius, ob. cit., pág. 461.

Na manhã seguinte, os índios todos vieram até à canoa, para comprar do Sr. L. colares, espelhos, tecidos para calças, etc., os quais deveriam ser pagos em farinha, galinhas e outros artigos, no seu regresso.

Eu ali também dei ordem para me fazerem uma pequena canoa, a fim de servir de amostra, e algumas peneiras e isqueiros, que paguei também com semelhantes bugigangas.

Estes índios tão acostumados estão a receber tudo adiantadamente, que vós não podeis deles obter nada, sem que recebam primeiramente o pagamento.

No dia seguinte, 12 de junho, alcançamos a aldeia de São-Jerônimo, situada a cerca de uma milha abaixo da primeira e uma das mais perigosas cachoeiras do rio Uaupés.

Durante cinco dias, estive passando mal, atacado por uma forte disenteria e contínuas dores de estômago. Veio-me isto, assim o acredito, por ter comido, a mais da conta, o gordo e excelente peixe, que é a alva *piraíba* ou *laulau*, três ou quatro vezes, seguidamente, sem outro alimento vegetal.

Quando cheguei ali, os sintomas da moléstia agravaram-se algum tanto e, embora eu não estivesse abatido, todavia, como soubesse que tal doença é uma das muitas de caráter fatal nos climas tropicais, nem tinha eu remédios ou mesmo alimentação própria, de qualquer espécie, forçosamente haveria de ficar bastante alarmado.

O pior de tudo é que eu sentia fome continuamente.

Entretanto, não podia comer ou beber quantidade alguma de qualquer coisa, sem que sentisse logo fortes dores no estômago e nos intestinos, o que durava muitas horas.

A diarréia, outrossim, era contínua, com evacuações de catarro e de sangue, o que a minha dieta de tapioca e de café, nos últimos dias, ao que parece, concorreu para agravar.

Fiquei a maior parte do tempo deitado em minha maqueira.

À tarde, trouxeram-me peixes, entre os quais achei duas espécies novas.

Pus-me logo a trabalhar, desenhando-os, resolvido a não perder oportunidade alguma de aumentar as minhas coleções.

A aldeia de São-Jerônimo não tem maloca alguma de índios e apenas conta poucas casas.

Ela fora fundada pelos portugueses, antes da independência do Brasil.

A povoação está situada em bonito local, no alto do barranco do rio, que é de margem alcantilada e que ali tem cerca de meia milha de largura, havendo na outra margem terras altas também.

Tem-se dali uma bonita vista para cima, em direção ao estreito canal do rio, onde as águas deste passam apertadas e espumantes, levantando-se no ar uma neblina, por causa da violência da queda, ou, antes, mais propriamente, por causa da velocidade da torrente.

Mora naquela povoação um “negociante” brasileiro, casado, que ali reside com sua mulher.

Como ele estivesse também para subir o rio, a fim de fazer compras de farinha, ficou combinado subirmos juntos.

Na manhã seguinte, partimos.

Subimos beirando a praia, até bem perto da cachoeira, onde atravessamos o rio e fomos ficar, então, entre as suas ferventes e espumantes águas e gigantes redemoinhos.

Dali penetramos em um pequeno *igarapé*, onde a canoa teve que ser descarregada totalmente.

Todas as cargas foram transportadas por terra, em um caminho ruim e sujo, através da floresta.

A canoa foi alçada, contornando-se uma ponta de rochedo, onde a violência da correnteza e as agitadas ondas da cachoeira lhe tornavam quase impossível, ainda que fosse uma *ubá* pequena e vazia, a passagem, o que mesmo assim seria com inauditas dificuldades.

O caminho terminava no estreito canal, através do qual, na estação chuvosa, corre água, mas que, no verão, fica completamente seco.

Não fora este desvio, a passagem daquele rápido, na estação das águas, seria impossível.

Embora a atual queda seja insignificante, a violência das águas é inconcebível.

A largura média do rio pode ser comparada, tão aproximadamente quanto possível, a três vezes a largura do Tâmis, em Londres.

Na estação das águas, torna-se ele muito profundo e de correnteza muita forte.

Na queda, o rio passa constringido em um estreito desfiladeiro de uma garganta rochosa, que tem aproximadamente a largura do arco central da ponte de Londres.

Talvez seja até menos largo.

Nada mais necessito dizer, para provar a impossibilidade de subir-se de canoa em semelhante canal.

Há ali inúmeros redemoinhos que podem tragar grandes canoas.

As águas rolam como ondas do oceano, e, por intervalos, entumecem, levantam-se e estouram, 40 ou 50 pés para cima, como se fossem causadas por explosões subaquosas, que ali estivessem ocorrendo.

Os índios, algum tempo depois, chegaram com a canoa.

Estavam sendo ajudados, agora, por mais de uma dúzia de outros índios, que vieram auxiliar o alçamento da canoa, através dos baixios, onde a água era menos violenta.

Mais adiante, esbarramos com uma grande dificuldade, idêntica à que já havíamos passado.

De novo, embrenhamo-nos na floresta, metade dos índios transportando as cargas, enquanto a outra metade trabalhava com a canoa.

E, assim, prosseguimos a viagem, sucedendo-se outras passagens difíceis em vários outros lugares perigosos.

Em todas essas passagens, repetiam-se os desembarques, as descargas e os transportes de cargas por terra.

A última queda, que passamos, foi de considerável percurso.

Para cima da queda principal, o rio repentinamente se alarga em uma espécie de lago, mas é cheio de ilhas rochosas, por entre as quais se vê uma confusão de pequenas quedas e rápidos.

Contudo, como dispúnhamos de muitos índios para nos ajudar, passamos por todos esses perigos sem novidade, pouco depois do meio-dia.

À tarde, alcançamos uma taba, onde paramos, para reparar os estragos e rasgões das esteiras e toldas da canoa.

Depois, limpamos a canoa e arranjamos de novo a carga, deixando tudo pronto, para partirmos no dia seguinte.

Com dois dias mais de viagem, alcançamos outra aldeia, chamada *Juquira-Pecôma* ou “ponta de sal”,¹⁰⁹ onde paramos um dia.

Fiquei muito satisfeito, quando ali cheguei, por estar a sentir-me mais animado e com sensíveis melhoras no meu estado de saúde.

Isso fora devido, assim o creio, ao fato de ter feito, como último recurso, uma rigorosa dieta, com abstinência completa de alimentos.

Durante dois dias, havia eu passado somente com uma pequena quantidade de caldo de farinha, uma vez em cada 24 horas.

Saindo de *Juquira*, alcançamos, com um dia e meio de viagem, *Jauarité*,¹¹⁰ uma aldeia situada pouco abaixo da cachoeira do mesmo nome.

Este é o segundo grande rápido do rio Uaupés.

Háviamos resolvido parar ali alguns dias, e, em seguida, regressarmos, porquanto a cachoeira é muito perigosa para passar-se, e por muitos dias de viagem, rio acima, continua a série de rápidos, com forte correnteza, o que torna a jornada, nesta estação, a mais tediosa e mais desagradável possível.

Tendo ficado assim resolvido, descarregamos a canoa.

As cargas foram todas transportadas para uma casa, ou melhor, um rancho, que ficava perto da praia, feito especialmente para acomodação dos viajantes, nesta paragem.

Limpamo-lo e tomamos logo posse dele, instalando-nos ali da maneira mais confortável que era possível, para descansarmos dos trabalhos, a que estivemos expostos, até alcançar este lugar.

109 “Ponta de sal” deve ser, no tupi amazônico, *Juquira-pecô* ou *Juquira-pecôma*. Veja-se Stradelli, ob. cit.

110 *Jauarité*, ou, melhor, *jauareté*, contração de *jaguareté*, é o nome típico da “onça”.

Subimos dali até à maloca, para fazer uma visita ao *tuxana*.

Esta maloca, no gênero, era um edifício imponente, de 150 pés de comprido, 75 de largo e cerca de 25 de alto.

O seu teto e todo o seu vigamento superior estão pretos como azeviche, enegrecidos pela fumaça que se desprende dos fogões, já desde muitos anos.

Além desta maloca, há ainda umas 12 outras casas, que são residências particulares, e que, em conjunto, formam uma pequena aldeia.

Em roda da aldeia, espalhavam-se inúmeras palmeiras *pupunbas* (*Guilielma speciosa*).

Os seus frutos constituem uma importante parte da alimentação desta gente, quando chega o tempo.

Naquela ocasião, os frutos estavam começando a amadurecer.

O *tuxana* era um homem que parecia algo um tanto respeitável e trajava calças e camisas, que veste especialmente em honra dos visitantes brancos.

O Sr. L., contudo, disse ser ele um dos maiores velhacos daquelas beiras de rio; nele não se podia fiar e ninguém queria experimentá-lo, porquanto ele faz como os outros índios, que recebem mercadorias adiantadamente.

Regozija-se muito com o seu nome de Calixto.

Ele muito me agradou, pelo seu ar bondoso e maneiras algo um tanto delicadas e pacíficas.

Dizem que possui grandes riquezas em penas e dentes de onças, produto de suas guerras aos *macus* e outras tribos de diversos tributários do rio Uaupés.

Ele não gosta, porém, de mostrar esses objetos aos “brancos”, pelo receio de ser obrigado a vendê-los.

Além da maloca, fiquei também muito satisfeito por ver ali um caminho largo e bonito, que nos levou, através da floresta, até a algumas roças de mandioca.

Na manhã seguinte, cedo, saí com a minha rede, para explorar a mata, e achei-a bastante promissora quanto a insetos, tendo em conta a estação atual.

Fiquei muitíssimo contente por encontrar a estimada borboleta de asas claras, aliada à *Esmeralda*, que eu raramente capturava em Javita.

Ali também apanhei um espécimen de outra do mesmo gênero, inteiramente nova para mim.

Uma *Acroea*, de asas muito claras, que eu encontrara pela primeira vez em *Juquira*, era também abundantemente encontrada ali.

Em uma grota, perto de um riacho que atravessa o caminho, encontrei a singular palmeira, chamada “paxiúba-barriguda”.

É uma linda palmácea, alta, um tanto retilínea, com uma copa muito elegante, e de bonitas folhas.

Na base do caule, tem ela verdadeiro cone de raízes aéreas, de cinco ou seis pés de altura, e que são mais ou menos desenvolvidas em todas as espécies de palmeiras deste gênero.

Mas o característico principal desta singular palmeira, e do qual se lhe deriva o nome, é que o seu estípite, um pouco para cima do meio, entumece repentinamente, atingindo ao duplo ou às vezes mais da sua primitiva grossura, e, depois de uma curta distância, de novo se contrai e continua cilíndrico até ao topo.

Foi somente por encontrar-se grande número destas árvores, todas, porém, com este caráter mais ou menos palpável, que se pode acreditar que isto não é uma circunstância acidental no indivíduo e, sim, verdadeiramente, um característico da espécie.

É a *Iriartea ventricosa* de Martius.

Tentei arranjar alguns caçadores e pescadores, ali; eles, porém, não foram bem sucedidos, pois me traziam poucos peixes, e, lá de quando em quando, uma ave.

Um pássaro curioso, chamado *anambé*, voava, em bandos, nas palmeiras *pupunhas*.

Após muito trabalho, consegui, afinal, matar um deles.

Este comprovou plenamente, conforme eu havia pensado, ser outra espécie inteiramente diversa do *Gymnoderus nudicolis*, que é uma espécie que muito se lhe assemelha, pelo seu modo de voar, e que é comum em todas as margens do rio Negro.

Eu ainda os persegui muitas vezes, porém nunca mais pude matar nenhum deles.



Estampa VIII – Um córrego na floresta

É que fazem apenas vôos curtos, e raramente ficam quietos um momento.

Perto das casas, viam-se muitos *jacamins*, *mutuns*, e bonitos papagaios, os *anacás* (*Derotypus accipitrinus*).

Todos andavam e voavam ali por perto, em perfeita liberdade.

Foram amansados desde o ninho, e voltam sempre para procurar alimento.

Os índios *uaupés* gostam muito de amansar pássaros, e são bem sucedidos nesse propósito, amansando aves e animais de várias espécies.

Paramos ali uma semana e eu ia diariamente à mata, quando o tempo não estava chuvoso.

Geralmente, eu conseguia encontrar lá alguma coisa de interessante.

Encontrava freqüentemente, na estrada, grupos de mulheres e crianças, indo às roças ou vindo delas.

Algumas vezes, corriam e escondiam-se na mata, até que eu passasse.

Outras vezes, entretanto, ficavam meramente postadas ao lado do caminho, como que envergonhadas e intimidadas de encontrar um homem “branco”, enquanto estavam naquele estado de nudez, que elas bem sabem ser bastante estranho para nós.

Contudo, quando perto de suas casas, na aldeia, indo buscar água ou vindo de encher os potes, ou de banhar-se no rio, muito perto do rancho onde estávamos instalados, eram completamente desembaraçadas, sendo cada qual como Eva, “nua e não envergonhada”.

Bem que algumas fossem demasiadamente gordas, na sua maioria tinham corpos esbeltos, e muitas delas eram na verdade bonitas.

Antes do romper do dia, todas se levantam e vão tomar banho no rio.

É essa a mais fria das 24 horas do dia.

E, a essa hora, quando estávamos a puxar o cobertor e a abrigar-nos debaixo dele, ouvíamos o barulho feito pelos espirros da água, em consequência dos pulos e mergulhos daquelas banhistas madrugadoras.

Para elas, pouco importa que chova ou que vente.

É tudo a mesma coisa.

Elas nunca passam sem o banho matinal.

Os peixes eram muito raros ali, e fomos obrigados a passar quase que somente a galinhas, as quais, embora muito gostosas, quando bem cozidas ou bem assadas, sempre com um condimento qualquer ou molhos, são um tanto sem gosto, quando simplesmente cozidas sem nenhuma outra variação na arte culinária, ou sem verduras.

Eu já me estava sentindo tão identificado com a vida desta parte do país, que, como um habitante daqui, preferia o peixe a qualquer outra espécie de alimento.

De resto, a gente nunca enjoa de peixe.

E, por isso mesmo, devo mais uma vez repetir que acredito que há peixes aqui que são de fato melhores do que os de qualquer outra parte do mundo.

As galinhas custam-nos cerca de um penny, cada uma, e geralmente são pagas em anzóis ou sal.

Desta sorte, elas constituem um alimento que não fica tão caro como as que se comem em casa, nas cidades.

De fato, se uma pessoa comprar anzóis, sal, e outros artigos que tais, em Belém, onde o seu custo fica pela metade por que são adquiridos em Barra, o preço de uma galinha não excederá, na verdade, de meio penny.

E assim, na mesma proporção, os peixes, as pacovas e outras coisas mais.

Um cesto de farinha, por exemplo, que pode dar muito bem para uma pessoa, durante um mês, custa cerca de três pence.

Deste modo, com pouca despesa, pode-se obter o bastante com que passar.

Os índios desta região fazem o seu pão de mandioca por um processo muitíssimo diferente, e em melhores condições do que os de todos os rios adjacentes.

A sua massa principal é de tapioca, que se mistura com uma pequena quantidade da massa feita da raiz da mandioca, fazendo-se, assim, um bolo meio mole, granulado e de cor esbranquiçada.

Depois de algum tempo, a gente se acostuma com ele, que, de fato, se torna um alimento muito agradável ao paladar.

Os negociantes brancos deste rio muito o apreciam como alimento.

Estes índios raramente comem a farinha feita propriamente da mandioca, e a que eles fazem destina-se exclusivamente à venda.

Reservam para o consumo próprio a tapioca, que é a porção puramente glutinosa da raiz da mandioca, a fim de fabricar o seu pão, e a sobra de massa, que fica, misturam-na, então, com a massa fresca da mandioca, para fazer a farinha.

A farinha, assim preparada, é de inferior qualidade, e torna-se um alimento muito pobre. Todavia, a tal estado de penúria está reduzida a agricultura no rio Negro, que a cidade da Barra depende, em grande parte, deste refugio alimentar dos índios.

Anualmente, alguns milhares de alqueires desta farinha são aqui adquiridos e para lá enviados.

O peixe constitui a principal alimentação destes índios.

Nas ocasiões em que há falta deste alimento, ou, então, não têm carne de caça, ferventa-se a pimenta, em grandes quantidades, para fazer-se um molho, que se mistura com o pão.

Em vários lugares, por onde passamos, isto era oferecido aos nossos homens, que comiam, com muito gosto, tal guloseima excessivamente ardente.

Os inhames e as batatas doces são abundantes ali e muito apreciados, e, juntamente com as pacovas, constituem uma parte importante da sua alimentação.

Dos cocos das palmeiras *açaí*, *bacaba* e *pataná*, bem como de muitas outras frutas, preparam eles deliciosas bebidas.

As grandes saúvas¹¹¹ e as formigas brancas são uma verdadeira delícia para eles, nas ocasiões em que aparecem.

111 São as *tanajuras* ou *içás*.

E, na estação das águas, quando não há mesmo qualquer outra coisa, comem as grandes minhocas, que vivem nas terras baixas das margens do rio.

Quando essas terras são atingidas pelas águas, tais vermes refugiam-se e alojam-se nas concavidades e ocos das folhas de uma espécie de *Tillandsia*, onde elas, por vezes, são encontradas, acumulando-se aos milhares.

Não é somente a fome que faz estes índios comer tais vermes.

Muitas vezes, para preparar um prato apetitoso, eles os cozinham com peixe.

Consome-se grande quantidade de raiz de mandioca para o fabrico de *caxiri*, destinado às suas festas, que se realizam quase que seguidamente.

Como eu ainda não houvesse assistido às suas danças tradicionais, o Sr. L. pediu ao *tuxana* para fazer *caxiri* e convidar seu amigos e vassallos, especialmente a fim de dançarem para o estrangeiro ver.

Ele aquiesceu prontamente; e, como estávamos para partir dali a uns dois ou três dias, foi enviado um mensageiro a percorrer as casas dos índios, que moravam mais perto, para avisá-los e pedir-lhes a honrosa presença.

O prazo era demasiado curto e, assim sendo, somente os moradores mais próximos da aldeia é que poderiam, ainda com tempo, ser para isso convidados.

No dia seguinte, muito de madrugada, iniciaram-se, então, os numerosos preparativos e providências para a realização da festa.

Muito cedo ainda, as moças estavam em grande atividade, vindo repetidas vezes ao rio, com os seus cântaros, buscar a água necessária à preparação do *caxiri*.

Mais tarde um pouco, após essas providências para o preparo da bebida, foram capinar em roda da maloca.

A grande casa também foi devidamente preparada borrificando-se água no solo, que foi em seguida varrido.

As mulheres traziam da floresta feixes de lenha seca, destinada às fogueiras.

Os rapazes, aqui e acolá, em grupos esparsos, trançavam coroas de palha, ou estavam arranjando algumas outras peças dos seus ornatos.

À tarde, quando eu voltava da mata, encontrei ainda alguns deles fazendo as pinturas do corpo, enquanto outros já estavam com estes arranjos prontos.

As mulheres também se pintavam ou, então, pintavam umas às outras, fazendo desenhos, de lindos padrões, por sobre o corpo, com tintas de cores, preta e vermelha.

Tais desenhos eram feitos em círculos e figuras curvilíneas, caprichosamente traçado nos quadris e nos seios. Nas faces, viam-se manchas redondas, de cor vermelha, muito viva, que parecia ser a cor predominante.

Por trás da cabeça e do pescoço, esparzem o sumo de uma fruta que escorre em filetes ao longo das costas, tingindo-as de um bonito purpúreo escuro.

Sem dúvida, elas consideram tais pinturas como um traje muito elegante.

Aquelas beldades pintadas ocupavam-se também de efetuar a mesma operação em seus maridos ou amantes.

Algumas ficavam de pé, enquanto outras estavam sentadas, como que dirigindo e dando ordens às hábeis artistas, para disporem, ao seu gosto, ao seu agrado, as linhas e as tintas.

Havíamos propositalmente preparado o nosso jantar um tanto cedo.

Principiando a escurecer, justamente quando estávamos acabando de jantar, um mensageiro veio avisar-nos de que as danças já se haviam iniciado e de que o *tuxana* estava reclamando a nossa presença na maloca.

De acordo com o atencioso convite, saímos logo em demanda da casa grande, e ali fomos levados para o apartamento privado do chefe, situado na extremidade circular da casa, onde fomos polidamente recebidos pelo *tuxana*, que estava trajado somente de calça e camisa.

Ele logo mandou que nos sentássemos nas maqueiras.

Após alguns momentos de palestra, retirei-me dali, a fim de observar as danças.

Estavam elas sendo realizadas no corpo principal da maloca, em uma grande área, compreendida pelas duas séries de colunas centrais.

Naquele momento, dançavam uns quinze ou vinte homens de meia idade.

Cada um tinha a mão esquerda apoiada no ombro direito do vizinho e, em conjunto, formavam um semicírculo.

Todos traziam os seus ornatos completos de penas.

Pela primeira vez, vi então os seus *acangatáras*,¹¹² ou adornos da cabeça, que eles têm na mais alta estimação.

Esse ornato consiste em uma coroa de penas amarelas e vermelhas, dispostas em fileiras regulares, e firmemente presas a uma atadura bem forte e bem trançada.

Todas as penas desse ornato são tiradas do dorso das grandes araras vermelhas.

Tais penas, entretanto, não ficam com as cores naturais da ave, pois aqueles índios têm uma curiosa arte, pela qual conseguem mudar as cores da plumagem de muitas aves.

Arrancam as que desejam pintar, e, na cicatriz ainda fresca, inoculam a secreção leitosa da pele de uma pequena rã ou mesmo de um sapo.

As outras penas que crescerem ali, ficarão com uma cor amarela ou alaranjada, não se notando qualquer mistura de azul ou de verde, como as do estado natural da ave.

E dizem que, arrancada essa plumagem, a que lhe sucede vem com a mesma cor, sem ser preciso renovar-se a operação.

As penas, coloridas por esse processo, renovam-se lentamente e, como precisam de um grande número, para fazer uma coroa, vemos aí a razão por que os proprietários desses ornatos tão altamente os estimam e somente em último caso, na maior necessidade, é que se apartam deles.

112 Também encontra a forma *canitar*.

Preso ao pente, no alto da cabeça, vê-se um bonito e largo penacho, feito das alvas plumas das garças, e mais raramente das plumas tiradas por baixo das caudas dos “gaviões reais”.¹¹³

Estas últimas são grandes, felpudas e brancas como neve, quase igualando em beleza às alvas plumas do avestruz.

Os índios conservam os “gaviões-reais” em grandes viveiros ou gaiolas abertas, alimentando essas nobres e esbeltas aves com galinha (consomem duas galinhas por dia), somente para obter-lhes as penas.

Como essas aves são raras e dificilmente se criam as novas, esse ornato, relativamente, é um dos que poucos homens podem possuir.

Das extremidades do pente pendem as cordas feitas de pêlos de macaco, decoradas com pequenas penas, que caem sobre o pescoço.

Nas orelhas, vêem-se pequenas penas felpudas caídas e flutuando para baixo.

Em conjunto, esses ornatos constituem um dos mais importantes e mais elegantes adornos da cabeça.

Todos os que dançam trazem também a pedra cilíndrica, de grande tamanho, colares de alvas contas, cinturões de dentes de onça, ligas e chocalhos dos tornozelos,

Alguns tinham, além disso, outro ornato, muitíssimo curioso, cuja natureza me deixou completamente embasbacado: – era parecido com um colar ou um aro, colocado em torno da fronte, de comprimento variável e consistindo em pequenas peças encurvadas, de cor branca, com um delicado tom de rosa, muitíssimo semelhantes a conchinhas ou a esmalte.

Dizem os índios que as adquirem dos selvagens do Japurá e de outros rios, e que são muito caras, custando um machado três ou quatro peças daquele ornato.

Tais peças parece-me serem porções das bordas de uma grande concha cortada em pedaços de tamanhos e de formatos perfeitamente regulares.

113 Segundo se lê em Goeldi (ob. cit., pág. 50), o “gavião-real” (*Morphnus harpya*, *Harpya destructor* ou *Thrasaëtus harpya*) é também conhecido pelo nome típico de *uraçu*.

E isso justamente é que me fazia ficar em dúvida se seriam conchas ou se eram de fato feitas pelos índios.

Cada um sustinha nas mãos uma lança, um feixe de flechas ou, então, chocalhos de cabaças pintadas.

A dança consistia simplesmente em uma série regular de passos para os lados, que os figurantes executam, pouco e pouco, fazendo, em um círculo, uma volta completa.

Simultaneamente, batem com os pés, fazendo como que um acompanhamento com os ornatos dos tornozelos, isto é, com os chocalhos, ao seu canto, de poucas palavras, e que repetem em tom grave.¹¹⁴

O efeito é verdadeiramente animado e marcial.

As mulheres, em alguns intervalos, associam-se a eles indo cada uma ficar entre dois homens, sobre cada um dos quais coloca o braço, cingindo-os pela cintura, e ficando, com a cabeça pendida para a frente, por baixo dos braços, também estendidos, dos homens.

Como essas mulheres são quase todas de pequena estatura, não atrapalham, por isso mesmo, os movimentos dos homens.

Elas conservam tal colocação, na roda, durante uma ou duas voltas completas.

Daí, a um dado sinal, todas deixam a roda e retiram-se para os bancos ou assentam-se no solo, até que chegue, outra vez, o momento de serem chamadas a voltar a ocupar, na dança, os lugares anteriores.

Tais mulheres, em sua maioria, tinham apenas uma “tanga”, ou pequeno avental, feito de contas.

As demais estavam completamente nuas.

Algumas tinham como ornato uns grandes brincos de cobre, de formato cilíndrico, que, de tão polidos que estavam, pareciam de ouro.

Esses brincos e as ligas, entretanto, constituem os seus únicos ornatos, sendo os braceletes, colares e penachos inteiramente monopolizados pelos homens.

A pintura, com que elas decoram o corpo, tem um efeito interessante e dá-lhes quase a aparência de que estão vestidas.

114 Os *catereês* ou *catiras* do sertão muito se assemelham a essa dança.

E, como tal, ao que parece, assim a encaram.

Todavia, muitos, que ainda não presenciaram tão estranhas cenas, poderão talvez discordar de mim; devo, porém, recordar ainda a minha opinião de que há mais imodéstia nos transparentes trajés cor de carne e nos ornatos de nossas atrizes do que na perfeita nudez destas filhas das selvas.

No espaço limpo do terreiro fronteiro à casa, um grupo de meninos e de rapazes, que não tinham os seus apetrechos completos de ornatos, dançavam pela mesma maneira.

A seguir, contudo, deram início a outro folguedo, que pode ser denominado a “dança-da-cobra”.

Eles haviam feito duas enormes cobras artificiais, de capim e de palha, enroladas em cipós, de 30 a 40 pés de comprimento e de cerca de um pé de diâmetro, com uma enorme cabeça de um feixe de folhas de *embaúba* (*Cecropia*),¹¹⁵ cada uma delas pintada com uma cor vermelha, muito viva, ficando assim muito parecida com um formidável réptil.

Dividiram-se em dois grupos separados, de 12 a 15 cada um, e, colocando as cobras sobre os ombros, começaram, então, a dançar.

Imitavam, dançando, as ondulações da serpente, erguendo a cabeça ou encurvando a cauda das cobras.

Ora as esticavam, ora as encolhiam, ficando, porém, as duas cobras sempre em paralelo uma com a outra.

E, assim, de cada vez iam-se aproximando lentamente da porta da casa.

Depois de várias evoluções, chegaram, afinal, com as cabeças das cobras, até muito perto da porta; porém dali de novo se afastam, e tornaram a aproximar-se várias vezes ainda.

O grupo, que estava dentro da maloca, havia concluído as suas primeiras danças.

Após outras aproximações, entraram os rapazes e meninos, então, a casa, com uma inesperada arremetida das cobras e, de novo, se afastaram, indo um grupo para a esquerda e outro para a direita, na sala.

115 No original, *umboöba*.

Continuaram ainda os seus passos de avanço e de recuo, até que, afinal, tendo feito cada grupo um semicírculo, vieram a ficar face a face, frente a frente um do outro.

Nesse momento, as duas cobras pareciam como que inclinadas a entrar em luta.

Não foi, porém, ainda desta vez.

Somente depois de muitos outros recuos, aos quais se seguiram estirões com a cabeça e com a cauda, foi que as cobras arremeteram uma contra a outra.

Após mais umas duas voltas na sala, ganharam então o terreiro da casa, concluindo-se assim o folguedo.

Esta dança, ao que parece, agradou muito a todos os espectadores.

Durante todo esse tempo, fazia-se copiosa distribuição de *caxiri* a todos os presentes.

Havia três homens constantemente ocupados em trazê-lo e distribuí-lo.

Vinham um adiante do outro, avançando para o meio da sala, com uma grande cabaça cheia de *caxiri* em cada mão, meio arcados para baixo, por causa do peso.

O interessante é que executava, ao mesmo tempo, como que uma dança de carreirinhas curtas, e fazendo um curioso ruído, uma espécie de zumbido.

Alcançando a porta, eles, então, se separavam para cada lado, a fim de distribuir o *caxiri* das cabaças a quem quer que desejasse bebê-lo.

Em um minuto, as duas ficavam completamente vazias.

Os serventes voltavam de novo a enchê-las, e, de cada vez que reapareciam na sala, repetiam as mesmas peculiares formalidades, as quais, evidentemente, fazem parte da etiqueta da distribuição da bebida.

Cada cabaça comporta, no mínimo, duas camadas; e, assim sendo, a quantidade de *caxiri*, distribuída pelo processo acima descrito, deverá, sem dúvida, ser muito grande.

Em seguida, foi introduzido o *capi*,¹¹⁶ a respeito do qual eu já tinha ouvido o Sr. L. dizer algo.

Um índio velho avançou para o meio da sala, com um grande pote de barro, que parecia pintado de pouco, e que foi posto no chão.

Então, agachando-se, o velho permaneceu de cócoras, em frente ao pote, e começou a remexer o seu conteúdo.

Em seguida, encheu de líquido duas pequenas cuias, e, erguendo-se, estendeu os braços, sustendo, porém, em cada mão, uma cuia.

Depois de pequena pausa, dois índios avançaram em direção dele, trazendo os seus arcos e flechas, e as suas lanças.

Cada um, pegando a oferecida cuia, bebeu a dose que ela continha.

Por ser excessivamente amarga aquela bebida, cada um fez uma cara muito feia.

Durante meio minuto talvez, ficaram imóveis.

Repentinamente, ambos deram forte pancada nas cordas de seus arcos, fazendo-as vibrar; sacudiram as suas lanças; bateram com os pés no solo; e, em seguida, foram procurar os seus assentos.

As pequenas cuias de novo se encheram e pela mesma forma foram apresentadas a dois outros índios, que se aproximaram e procederam de maneira idêntica.

116 O *capi* ou *yagé* é uma liana das florestas do Amazonas. Eis o que se lê em “O *yagé*”, págs. 3 e 23, “A planta que faz sonhar...”:

“O *yagé*, conhecido também pelos nomes do *caapi* e *ayabuasca*, é uma liana pertencente à família das malpighiáceas e geralmente admitida como sendo a *Banisteria caapi*, de Spruce.

“Existem outras espécies, fornecedora de *yagé* ou *caapi*.

“É assim que Niedenzu admite a espécie *Banisteria quitensis*, Nied.

“Ducke, recentemente, no Amazonas, acaba de revelar mais uma espécie, fornecedora da droga em apreço.

“J. Geraldo Kuhlmann, em 1924, colheu em Brasília (Acre) material de uma *Banisteria*, usada naquela região como *yagé*, cujo espécimen se encontra no herbário do Jardim Botânico, mas que, pelo fato de não apresentar nem flores nem frutos, não pôde ser a espécie, possivelmente nova, devidamente determinada.

“Já na dinastia dos incas se encontram provas provadas do culto do *yagé*.

Mama Ocilo era a deusa que oficiava nos ritos sagrados dos incas, nos quais o *yagé* representava papel importante, e cujo emprego só era permitido aos padres oficiantes e aos velhos.

“Eles conheciam os efeitos de clarividência e telepatia da planta.”

E assim, dois de cada vez, eles se foram sucedendo uns aos outros.

Alguns, entretanto, ficaram como que mais exaltados.

Empunhando as lanças, correram em seguida pela casa, furiosamente, como se quisessem matar um inimigo, bateram com os pés no chão, soltaram gritos e pularam selvagememente numa atitude guerreira e, ao mesmo tempo, terrível.

E, como os outros todos também o fizeram, voltaram depois, tranqüilamente, a ocupar os seus lugares.

A maior parte recebe ruidosos e frenéticos aplausos por parte dos assistentes, o que também é feito por vezes durante as danças.

A casa, naquela ocasião, continha, no mínimo, seguramente 300 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

Mantinha-se na sala um contínuo murmúrio com o zum-zum das conversações.

Uns 50 tambores e flautas, constantemente e desordenadamente, estavam a ruflar e a tocar, numa confusão de ruídos, que não eram lá muito harmoniosos.

Logo após o escurecer, acendeu-se uma grande fogueira, no meio da casa.

De quando em quando, ela se reavivava, levantando-se vivos clarões, que iluminavam os dançarinos, com os seus corpos pintados e todos ornados de penas, e os numerosos e estranhos grupos, que se esparramavam pela sala, em todas as variedades de posturas.

Eu bem quisera, naquela hora, ser um hábil pintor, para fixar numa tela, assim ao vivo, tão singular, tão pitoresca tão interessante cena.

Fora, no terreiro fronteiro à casa, acenderam-se também algumas fogueiras.

Os meninos e rapazes divertiam-se ali, saltando sobre elas, quando as suas labaredas se erguiam bem alto, furiosamente, divertimento esse que, com os seus corpos nus, parecia ser de demasiado arrojo.

Tendo estado a observar tudo isso durante umas três horas, fomos, em seguida, antes de retirar-nos para a nossa casa, despedir-nos

do *taxaau*, porquanto eu não me estava sentindo muito disposto a permanecer com eles a noite toda.

Encontramo-lo rodeado de alguns visitantes, e, naquela hora, estavam fumando, o que é levado a efeito, nessas ocasiões, de maneira muito cerimoniosa.

O cigarro tem oito ou dez polegadas de comprimento, por uma de grossura; é feito de fumo, que, depois de seco, se reduz a pó, enrolando-se, então, num cilindro, feito de uma folha larga, de fumo também, numa espiral.

Esse cigarro é colocado numa enorme cigarreira, de cerca de dois pés de comprimento, como a forquilha de um trinchante de dois dentes.

A extremidade inferior do cabo da cigarreira é pontiaguda, de sorte que, quando não está em uso, pode ser fincada no solo.

O dito cigarro foi oferecido a cada um de nós, para que tomássemos parte entre os que fumavam.

O Sr. L., como é um fumante inveterado, tirou dele algumas fumaças por nós ambos.

O *caxiri* estava excesssivamente gostoso, em verdade (muito embora a raiz da mandioca, com a qual é feito, seja mascada por uma boa porção de índias velhas), e eu muito agradei à mulher do *taxaau*, esvaziando a cuia que ela me ofereceu e dizendo-lhe, então, que a bebida estava *purangaretê* (“excelente”).¹¹⁷

Em seguida dissemos *Eré* (“adeus”), e, às escuras, às apalpa-delas, fomos descendo o áspero caminho em demanda de nossa casa, na margem do rio, ouvindo ali, para dormir, o monótono murmúrio da cachoeira.

Na manhã seguinte, as danças ainda prosseguiram.

Entretanto, como o *caxiri* estava perto de acabar, elas terminaram às 9 horas, que foi quando os vários convivas tomaram o rumo de suas casas.

117 Stradelli (ob. cit., pág. 622) dá a melhor forma *purangaeté*, expressão que tanto quer dizer “muito belo”, quanto “muito bom” ou “excelente”.

Durante as danças, Bernardo, um índio de São-Jerônimo, chegou de volta do rio Apaporis.

O Sr. L. lhe havia mandado um recado, por intermédio de seu filho (o qual tinha vindo conosco), para arranjar-lhe alguns meninos e meninas indígenas.

Ele veio agora, até aqui, essencialmente para entender-se com o Sr. L. sobre esse negócio.

A obtenção dos meninos índios consiste em fazer-se um ataque a alguma taba de outra nação e capturar, então, todos os que puderem fugir, ou que não forem mortos.

O Sr. L. já havia tomado parte, várias vezes, em tais expedições, e escapara milagrosamente de ser atingido pelas lanças ou setas envenenadas dos índios.

Em Ananá-rapicôma, havia um índio com uma parte do pescoço e um dos ombros todos cheios de horríveis cicatrizes, em consequência de uma forte descarga de chumbo B. B. que o Sr. L. lhe tinha disparado, justamente no momento em que aquele estava com o seu arco voltado e pronto para atirar-lhe uma flecha.

Presentemente, são muito bons amigos e negociam juntos.

Os “negociantes” e autoridades de Barra e de Belém encarregam sempre aos negociantes, que comerciam nos rios com os índios, de arranjar-lhes um menino ou menina, sabendo de antemão, perfeitamente, a única maneira pela qual podem ser obtidos.

O governo, de fato, em certo ponto autoriza tal prática.

É que os próprios índios fazem guerra uns aos outros, principalmente os naturais das margens dos rios aos índios que vivem nos *igarrapés*, mais remotos, para tomar-lhes as armas de guerra e os ornatos de penas, ou, então, para vingar-se de qualquer injúria, real ou imaginária.

E daí, esses índios matam a todos que encontram, excetuando somente algumas meninas ou moças, que reservam para suas mulheres.

A esperança de vendê-las depois, aos negociantes, os induz a poupar muitas, que por eles seriam assassinadas.

Essas meninas são educadas até um certo grau de civilização (embora eu muito duvide que com isto fiquem em melhor situação, ou sejam mais felizes mesmo do que em suas florestas nativas).

Algumas vezes, são maltratadas, e, embora sejam livres e possam deixar os seus senhores a qualquer momento que desejarem, raramente assim fazem, porquanto foram tomadas ainda muito jovens.

O Sr. L. havia recebido duas encomendas de Barra, – uma das quais era do delegado de polícia, cada qual concernente a uma rapariga índia.

E, como o Sr. L. era um velho já experimentado em tais negócios, estava agora combinando com Bernardo a respeito de um ataque que este deveria levar a efeito, para o que ele forneceria pólvora e chumbo (pois aquele índio tinha uma espingarda), bem como algumas mercadorias, estas para ele pagar aos outros índios que fossem ajudá-lo na empresa, e, ao mesmo tempo, fazer um pouco de negócio, se houvesse oportunidade para tal.

Quando muito, ele deveria voltar dentro de quinze dias, e nós deveríamos ficar à sua espera em São-Jerônimo.

O *tuxana* vinha visitar-nos diariamente, palestrava conosco um pouco, e, algumas vezes, tomava uma xícara de café.

Sua mulher e aquelas de suas filhas, que possuíam uma “saia”, também por vezes vinham trazer-nos algumas pacovas, mandiocas e outras coisas mais, pelas quais sempre esperavam receber uma gratificação qualquer.

Compramos ali alguns tamboretas e alguns cestos, à razão de 5 ou 6 anzóis em troca de cada um de tais objetos.

Adquirimos também galinhas, papagaios, jacamins e algumas aves mansas.

Logo que ali chegamos, quase todos os habitantes da aldeia vieram visitar-nos, pedindo-nos, então, para ver o que havíamos trazido a fim de vender-lhes.

De acordo com os seus desejos, esparramava-mos diante deles todo o nosso estoque de anzóis, facas, canivetes, machados, espelhos, colares, farpas para flechas, tecidos de algodão, morim ou chita, que eles pegavam e ficavam admirando por uma ou duas horas, falando a respeito daquilo tudo na sua ininteligível algaravia.

É necessário fazer-se esta exibição de mercadorias, em todas as aldeias, porquanto eles nada vos trarão para vender, a não ser se souberem primeiro que vós tendes o de que precisam.

Dois dias após a dança, despedimo-nos de *Jauarité*, e, ao meio-dia, alcançamos Juquira, onde deveríamos, conforme havíamos resolvido, passar outra semana.

Não havia ali uma casa adequada para a acomodação de viajantes e, em vista disso, tivemos que alojar-nos em uma choupana desabitada, que o *tuxaua* tinha preparado, para receber-nos.

Logo após nos instalarmos ali, verificamos que estávamos expostos a uma praga, que é abundante em todas as casas de índios, – os “bichos-de-pé”.

De todo, não era só isso o que ali nos havia de incomodar, pois os morcegos, sugadores de sangue, também nos apareceram em grande número.

Logo na primeira noite, os ditos morcegos picaram o Sr. L., bem como o seu filhinho, que, pela manhã, apresentava em ambas as pernas sinais de mordidelas.

Via-se somente uma picada no dedo grande do pé, de onde o sangue corria abundantemente, e, como o menino ficasse desassossegado à noite, o tal morcego empregou todos os meios para produzir o sangüinário efeito, que eu já referi.

Alguns índios também foram picados.

Eu, felizmente, deles pude escapar, por ter agasalhado os meus pés sob o cobertor.

Os caminhos da mata não eram tão bons como os de *Jauarité*, e poucos insetos pude apanhar ali.

Os índios, contudo, eram algo um tanto melhores e mais esforçados, e traziam-nos sempre pássaros e peixes.

Pude obter muitos peixes novos e algumas lindas e pequenas tânagras.

Em um lote de peixes pequenos, que me foram trazidos, encontrei sete espécies diferentes, cinco das quais eram completamente novas para mim.

Uma espécie de *Chalceus*, chamado *jatuarana*, era muito abundante ali.

É este um deliciosíssimo peixe, quase tão gostoso quanto o *uaracu*,¹¹⁸ se não igual a este, mas, como este, muito cheio de espinhas, sendo preciso grande cuidado e delicado manejo para extraí-las.

Muitos índios da nação *coveú*, que vivem nas mais altas cabeceiras dos rios, estavam ali.

Eles distinguem-se dos outros índios pelos buracos das orelhas, fazendo-os tão grandes, que não é difícil passar por eles um pedaço de madeira da grossura de uma rolha, das do tipo comum.

Quando entramos em casa deles, logo se sentaram à nossa frente, no chão; estavam pondo no fumeiro peixes e bolos de mandioca, informando-nos, então, o Sr. L. ser este o geral costume dos índios de rio acima, os quais não perderam quaisquer dos seus primitivos hábitos em contato com os brancos.

O Sr. L. comprou uma certa quantidade de *caroá* (fibras de uma espécie de *Bromelia*, muito parecidas com o linho).

Mandou aqueles e vários outros índios preparar alguns fios; e eles, enrolando as fibras, fizeram um simétrico e forte cordel, de dois fios, e dos quais tecem bonitas redes.

Cada índio, em dois ou três dias, produz uma bola de cordão de um quarto de libra de peso.

Ficaram muito satisfeitos com um pequeno prato de sal ou meia dúzia de anzóis, como pagamento.

Tivemos ali um ou dois dias de sol brilhante, graças ao qual uma linda *Papilio* veio até bem perto da casa onde estávamos, e pousava no solo, nos lugares úmidos; consegui capturar dois espécimens dela, verificando que a dita borboleta é aliada à *Papilio toas*, e, provavelmente, há de haver outra espécie.

Eu já tinha visto a mesma espécie em *Jauarité*, porém não pude apanhar espécimen algum ali.

118 O autor escreve *uaracu*, mas, qual se vê em Martius (ob. cit., pág. 484), as formas preferíveis são *uaracu* e *varacu*. Esse peixe é uma espécie da saborosa *corimbatá* (o *Pacu argenteus* de Spix).

Comprei uma das araras de penas pintadas de vermelho, conforme anteriormente já descrevi.

O Sr. L. foi verdadeiramente martirizado pelos “bichos-de-pé”.

Freqüentemente, tirava uma dúzia deles por dia, o que o fez ficar com os pés tão cheios de buracos e de feridas, que mal podia andar, tal qual eu já havia experimentado em Cobati e Javita.

Eu, entretanto, consegui, felizmente, livrar-me deles muito bem, raramente tendo que tirar mais do que dois ou três de cada vez.

Em parte, acredito que isto foi devido a ter eu passado a maior parte do tempo fora de casa, na floresta, e fazendo sempre uso de chinelas, quando estava em casa.

Quando uma pessoa apanha somente uns dois ou três bichos, lá uma vez por outra, isso não é nada em verdade; é coisa à toa, que não passa de uma ninharia qualquer, e poderá logo pensar, como eu mesmo supunha, que o medo dos “bichos-de-pé” não se justificava, e que as narrativas das suas perseguições são muito exageradas.

Que alguém, contudo, que assim ainda pense, faça, então, um passeio a esta parte do mundo, e passe um mês na casa de um índio: há de desiludir-se cabalmente.

Após permanecermos ali seis dias, achando mesmo pouco que fazer, prosseguimos a viagem, descendo para São-Jerônimo.

No dia seguinte, pela manhã, alcançamos *Urubuquara*,¹¹⁹ a maloca de Bernardo, que fica pouco acima das quedas.

Dali, através da floresta, parte uma estrada de cerca de três milhas de extensão, rumo da aldeia.

Como não havíamos encontrado índios, que nos ajudassem na passagem das cachoeiras, nós mesmos nos dispusemos ao trabalho de transportar parte das cargas, ao longo da referida estrada.

À tarde um filho de Bernardo, que havia regressado antes de nós, com uma canoa carregada de farinha, ali chegou, e nós o tomamos para ajudar-nos a passar a cachoeira na manhã seguinte.

119 No original, *Urubuquarra*. O topônimo *Urubuquara* quer dizer “morada de urubus”.

O rio tinha crescido consideravelmente, desde que o havíamos subido, e as águas, agora, estavam alcançando um ponto, como há vários anos não se observava.

Os rápidos, por isso mesmo, eram muito mais perigosos.

Preferi ir por terra, através da floresta, levando minhas bagagens e duas pequenas malas, contendo estas os insetos que eu havia colecionado e os meus desenhos de peixes – a perda dos quais teria sido irreparável para mim.

A manhã estava linda, e eu fiz uma caminhada agradável, embora a estrada fosse muito ruim, tendo em alguns lugares fortes subidas e descidas, nas travessias de grotas e de córregos.

Chegando a São-Jerônimo, fiquei à espera do Sr. L., em casa do Sr. Augustinho, o jovem brasileiro de quem já fiz menção, o qual havia voltado de *Jaurité*, antes de nós, com um carregamento de 100 alqueires de farinha.

Cerca do meio-dia, desabou uma tremenda tempestade de vento e chuva, e, à tarde, o Sr. L. ali chegou com a sua canoa, completamente molhado.

Informou-me ele, então, que a travessia da cachoeira fora muito perigosa e todas as cargas tiveram que ser transportadas através da floresta, com água à altura do peito, em um longo trecho do caminho.

Em alguns pontos, a água era tão forte e tão violenta, que eles andaram muito perto de ser levados para baixo, para a cachoeira, onde seriam reduzidos a cacos.

Havia ali uma boa casa para os viajantes (bem que sem portas), da qual tomamos posse e nela nos instalamos a fim de passar mais uns oito ou dez dias.

Abarrotamos logo a casa com as nossas cargas de farinha, peixe, cestos, tamboretas, potes de barro, redes, etc.

Além disso, ainda trazíamos umas cem galinhas, em dois enormes jacás quadrados, ficando elas muito satisfeitas, quando se viram em liberdade, e uma grande coleção de papagaios, macacos, periquitos, etc., que faziam grande bulha, com os seus agudos gritos, o que não era lá muito agradável.

Todos os pássaros ficaram também soltos e voavam pelos arredores da aldeia: porém voltavam sempre, à procura de alimento.

Os *jacamins* e os *mutuns* andavam perto das casas dos índios e, por vezes, ficavam sumidos alguns dias.

Foram criados desde muito novos, tirados ainda dos ninhos e alguns mesmo desde o ovo, e, assim, ficam muito mansos, e com pouca probabilidade, por isso mesmo, de fugir para a floresta.

Tínhamos nove lindos papagaios, de penas pretas na cabeça, os quais, todas as noites, procuravam por si mesmos os cestos, que lhes eram destinados para pouso.

Do que vi neste rio, não há nenhum outro lugar que se lhe compare, para proporcionar uma bonita coleção de pássaros e de animais vivos.

E isso, aliado ao desejo, que tive, de poder conhecer outra região tão interessante, quanto desconhecida, induziu-me, após madura reflexão, a desistir, na presente oportunidade, da minha pretendida viagem aos Andes, e substituí-la por outra excursão ao alto Uaupés: no mínimo até alcançar a Cachoeira *Jurupari* (“demônio”), a *última Thule* da maior parte dos negociantes destes rios, e que fica daqui a ainda mais um mês de viagem rio acima.

Vários negociantes já haviam ido até muito longe, e mesmo alguns índios, os quais me asseguraram que naqueles remotos rincões se encontram muitos pássaros e muitos animais, que nunca se vêem mais em baixo.

O que acima de tudo, porém, mais me despertou e atraiu a atenção, foi a informação de que se encontra ali uma bonita espécie de aves, da ordem dos célebres “gaviões-de-penacho”, de linda plumagem branca.

As diferentes informações, que tive a esse respeito, eram tão positivas, que, embora eu mesmo tivesse ainda alguma dúvida da existência de tal pássaro, não poderia mais ficar quieto, nem satisfeito, enquanto não fizesse uma tentativa mais para obtê-lo.

Ainda que eu não o encontrasse, pouca dúvida tinha de que poderia obter outras espécies novas, para recompensar os meus esforços.

De tudo isso, contudo, o que era pior no caso é que ainda deveria ir primeiramente à Barra, e de lá, de novo, voltar; viagem de umas 150 milhas, que, decerto, não é coisa lá muito agradável de fazer.

Entretanto, não tinha eu outro remédio, se não assim fazer, pois não só em Barra, como também em Guia, estavam consideráveis lotes das minhas diversas coleções.

Todo esse material deveria ser encaixotado e despachado logo para a Inglaterra, pois que, se eu assim não fizesse, corria o risco de vê-lo destruído pelo mofo ou pelos insetos.

Demais disso, eu não poderia empreender a minha pretendida viagem a tão inóspita região, sem os indispensáveis artigos destinados à troca com os índios, artigos que eu somente poderia adquirir em Barra.

A melhor ocasião para subir o rio, de resto, seria ainda dali a uns dois ou três meses.

Assim, pois, eu nada lucraria, nem mesmo poderia fazer qualquer coisa, se ainda permanecesse aqui.

Os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro são os da quadra da “vasante” ou da baixa das águas, e daí é que começa o verão.

O rio, agora, apresenta notável contraste, totalmente diverso nos seus aspectos.

Em tais ocasiões, as viagens tornam-se muito mais agradáveis.

O rio fica com outro aspecto, bordado por toda parte de lindas praias de pedra ou de areia, onde se pode comer e dormir à vontade, a qualquer hora que se queira.

Os peixes, por sua vez, tornam-se muito mais abundantes.

Dizem que, nas praias de suas cabeceiras, se encontra outra espécie de tartarugas, a qual deita os ovos em grande quantidade.

Os deliciosos frutos das palmeiras *bacaba* e *pataná*, nessa ocasião já se acham maduros.

Os pássaros e insetos, de todas as espécies, são mais facilmente encontrados.

Eu esperava, por isso, passar ali esses quatro meses, e, logo após, descer então para Barra, dali para Belém e, finalmente, de lá poder

seguir para a Inglaterra, em julho ou agosto, levando as minhas numerosas e valiosas coleções de pássaros e de animais vivos.

Foi por causa destes últimos, principalmente, que resolvi mesmo apressar a minha volta para a Inglaterra, um ano e tanto antes do prazo fixado para isso, visto ser impossível mandá-los sem a minha vigilância e cuidados pessoais.

E, assim, tendo inculido em minha mente mais essa viagem, com que prazer, com que delícia eu já estava a pensar, nas doçuras do lar! Que verdadeiro paraíso era para mim o distante torrão natal! Como pensava nos múltiplos e singelos prazeres, de que já estava há tão longo tempo ausente: – as campinas verdejantes, os bosques aprazíveis, as estradas floridas, os jardins bem cuidados, todas essas coisas que são aqui completamente desconhecidas.

Que visões haveria de ter, quando ficasse sentado ao lado da lareira! Que satisfação haveria de ter, à hora do chá, sentado à mesa, vendo em torno os rostos familiares! Que delícia já me parecia o simples pão com manteiga!

E, assim dentro de um ano e tanto, talvez, poderia eu achar-me de novo no meio de tudo isso.

Só de nisto estar a refletir, já desejava que se passassem logo os longos meses, as enfadonhas horas de viagem, os aborrecimentos e trabalhos das tediosas excursões, que eu ainda tinha de fazer e suportar.

E, assim, nos meus solitários passeios, trazia eu, horas seguidas, os pensamentos voltados para casa.

E nunca senti tanto, nem mesmo nos primeiros anos em que estive perlustrando estas regiões tropicais, a metade da ansiedade, com que eu agora estava projetando a minha volta para a Inglaterra.

Nossa demora em São-Jerônimo teve de prolongar-se, em conseqüência da espera pela chegada de Bernardo, que estava custando a fazer o seu aparecimento.

Os insetos não eram tão abundantes, como em Jauarité.

Aliás, eu ainda encontrava alguma coisa de interessante em minhas excursões, pois consegui capturar duas lindas espécies de *satíridas*, que eram inteiramente novas para mim.

Em um estreito caminho, através de campo aberto, mas de arbustos, e que fica a cerca de uma milha para além da aldeia, deliciei-me de veras, pois ali encontrei muitas espécies de orquídeas.¹²⁰

Eu nunca havia visto tantas espécies reunidas em uma só localidade.

Havia um viveiro completo de orquídeas.

Em uma hora, andando por ali, avistei cerca de 30 espécies diferentes.

Algumas eram simples e miúdas, poucos maiores do que musgos; mas uma era maior, semiterrestre, crescendo em grupos de oito a dez pés de altura.

Poucas espécies, porém, havia ali em florescência.

As flores, que se viam, eram, na sua maioria, pequenas, mas todas muito bonitas.

Um dia, contudo, fiquei verdadeiramente encantado, ao encontrar inesperadamente uma flor magnífica que vicejava no caule de uma árvore apodrecida, justamente à altura de meus olhos.

Era um cacho de cinco ou seis flores, de três polegadas de diâmetro, aproximadamente redondas e variando, na cor, do delicado pálido de palha ao amarelo vivo e forte da porção basal do labelo.

Quão esquisitamente bela era tal flor, naquele local selvagem, deserto, arenoso e estéril!

Um ou dois dias depois, encontrei ainda outra linda espécie, cujas flores nada se pareciam com as da maior parte desta família, que tem vida muito curta, pois se abrem pela manhã e vivem somente um dia.

Pelo seu bonito aspecto, resolvi colher algumas, a fim de mandá-las para a Inglaterra, porquanto de uma tão distante e tão inexplorada localidade era provável que muitas espécies fossem novas e desconhecidas.

De acordo com essa deliberação, comecei, desde aí, a trazer para casa, diariamente, vários espécimens, que eu acondicionava em cestos

120 Das orquídeas, há cerca de 8.000 espécies conhecidas, cabendo à América mais da metade; 1.060 é o número das espécies brasileiras, que se conhecem. De todos os países do mundo, o Brasil é o que possui o maior número de variedades de orquídeas.

de farinha, colocando-os sobre suportes de madeira, com algumas folhas de bananeira, para livrá-los do calor do sol, até que me fosse possível despachá-los.

Eu estava algo um tanto duvidoso do êxito que poderia ter com essa iniciativa, pois iam chegar à Inglaterra antes do inverno, e este também lhes poderia ser prejudicial.

Em minha excursão próximo-futura, espero, entretanto, poder fazer uma coleção maior de tão belas e tão interessantes plantas que deverão chegar ao seu destino em uma boa estação do ano.

São-Jerônimo é uma localidade célebre pela abundância de peixes; porém, nesta quadra do ano, em todos os lugares, são eles algo um tanto difíceis de pegar.

Mesmo assim, contudo, tínhamos quase todos os dias o bastante para o almoço e para o jantar, e raro era o dia em que eu não tivesse algumas novas e curiosas espécies, para crescer a minha coleção.

Os peixes das espécies menores destes rios constituem uma admirável variedade, e, em grande proporção, as espécies encontradas são diferentes das que eu vi no rio Negro.

Assim sendo, era de esperar que, nas partes mais remotas do rio, haveria eu de encontrar outras inteiramente novas.

Ali, estávamos toleravelmente livres dos “bichos-de-pé”.

Tivemos, em compensação, outra praga, bem pior, porquanto os seus tormentos eram contínuos: – em todas as partes do rio, por onde passamos, tivemos que suportar, mais ou menos, a praga dos *piuns*, que ali afluíam em tão incontáveis miríades, que se tornava quase impossível ficar-se sentado durante o dia.

De tudo isso, porém, o mais extraordinário é que, nos anos anteriores, eles não eram conhecidos neste rio.

O Sr. L. e os índios unanimemente declaravam que o *pium*, até ali, era uma raridade aparecer.

Agora, entretanto, eram tão abundantes, como nas suas sedes habituais.

Tendo já, desde muito, deixado de fazer uso de calçado, nestas “altitudes”, e não prevendo que haveria de encontrar este flagelo, deixei de trazer um par de botas, o que teria sido de grande utilidade para

defender-me os pés e os tornozelos dos ataques, que dentro de casa me faziam os *piuns*.

O *pium* é diferente dos outros mosquitos, pois não passa através de qualquer coberta, ainda mesmo que seja fina.

Nessas condições, os tornozelos que eu sofria, quando depenava um pássaro ou desenhava um peixe, dificilmente poderão ser imaginados, principalmente por quem nunca o experimentou.

Meus pés ficaram cobertos, por toda parte, de pequenas manchas vermelhas, produzidas pelos *piuns*, as quais depois tomavam uma cor vermelho-escura, quando muito inflamados.

Minhas mãos sofriam pela mesma forma, porém não tanto, porque estavam mais constantes em movimento.

Um único meio de obter um pouco de sossego durante o dia, era envolver em panos as mãos e os pés.

Os índios conservam as casas fechadas, pois tal insetos não penetravam em lugares escuros.

Não tendo portas a nossa casa, não podíamos socorrer-nos desse expediente.

Daí o poderem os *piuns* aparecer-nos sorrateiramente, em tão vasto número.

Isso até constituiu um mistério, que eu não posso bem explicar.

Cerca de uma semana após havermos chegado ali, alguns índios, que tinham sido mandados à Guia com um carregamento de farinha, voltaram da viagem e, então, trouxeram notícias das mortes que ocorreram na aldeia, depois que dali havíamos partido.

Uma era a de José, um indiozinho da casa do Sr. L., e que morreu em consequência do vício de comer terra, hábito esse muito comum entre os índios e mestiços das casas dos brancos, e que, por isso mesmo, às vezes lhes acarretam a morte.

Empregaram-se todos os meios possíveis para curá-lo desse vício.

Ele fora devidamente tratado e até mesmo castigado, ficando, para isso, preso dentro de casa.

Mesmo assim, quando não se lhe oferecia outra oportunidade, encontrava bastante provisão nas paredes de barro da casa.

Os sintomas provenientes desse hábito caracterizam-se pela inchação de todo o corpo, do rosto e das pernas.

E, nesse estado, de tão inchados, que ficava, mal podia caminhar.

Não tendo havido tanto cuidado na sua vigilância, depois que saímos da aldeia, com certeza comeu demais a sua guloseima, e veio, afinal, a morrer em consequência disso.

A outra morte era a de um índio velho, que era o “juiz-da-festa” de Santo Antônio, a qual ocorreu logo depois que o deixamos.

Envenenaram-no com *caxiri*, no qual foi posto sumo de uma raiz, que produz a mais horrível intoxicação.

A língua e a garganta incham, putrefazem-se logo e, então, começam a cair aos pedaços.

Parece que se verificam os mesmos efeitos no estômago e nos intestinos.

Afinal, após uns dois ou três dias, que o paciente passa na maior agonia, vem, afinal, a morrer.

Não se sabia quem teria sido o autor de tal envenenamento.

Atribuía-se, todavia, a uma rapariga, irmã de um índio que morrera na aldeia pouco antes, e cuja morte imaginavam que fora em consequência de sortilégios, e o atual assassinio fora provavelmente levado a efeito, como vingança dessa suposta injúria.

Desconhecem-se aqui os meios para fazer um inquérito, a fim de averiguar-se a autoria de tais crimes; e, assim, sem essas formalidades, enterrou-se o velho, e não mais se falou sobre tal assunto.

Os seus amigos, contudo, talvez recorram aos mesmos meios, para fazer os suspeitos responsáveis pagar esse homicídio.

Poucos dias depois de estarmos em São-Jerônimo, morrera ali um rapaz; e, durante várias horas, fez-se-lhe, junto ao cadáver, uma grande lamentação.

Em uma fogueira, nos fundos da casa, queimaram-se-lhe a maqueira, os arcos e as flechas.

De acordo com o generalizado costume destes índios, o corpo foi, em seguida enterrado dentro da própria casa.

A sua mãe, durante muitos dias ainda, continuou a sua deplorável e triste lamentação.

As únicas adições que fiz às minhas coleções, durante o tempo de minha permanência ali, foram as de um “comedor-de-formiga”,¹²¹ de cauda preênsil, e de um pequeno macaco, chamado *jurupari-macaco* (ou “macaco-de-demônio”), que é uma espécie intimamente ligada a chamada *ia*, que habita o Solimões.

Após quinze dias de ansiosa espera, Bernardo fez, afinal, o seu aparecimento, vindo acompanhado de suas três mulheres e de um batalhão de filhos.

E fora mal sucedido no seu pretendido ataque aos índios, o qual nem mesmo chegou a levar a efeito, pois estes tiveram notícia da aproximação dele, descobrindo-lhe todos os movimentos, e, por isso, retiraram-se ainda a tempo para a floresta, onde ficaram escondidos.

Ele havia tomado todas as precauções possíveis, entrando, para isso, por outro rio diferente daquele em que o ataque deveria ser levado a efeito, e marchando em seguida através da floresta.

Esses seus movimentos foram julgados, sem dúvida, suspeitos, e os índios consideraram mais seguro desviar-se de semelhante visita.

Ele está muito confiante, contudo, em ser bem sucedido no próximo ataque a outro lugar, de acredita que pode chegar inopinadamente.

Não havendo, agora, outros motivos para prolongarmos mais a demora aqui, carregamos a nossa canoa, e, na manhã seguinte, deixamos São-Jerônimo, de volta para Guia, onde chegamos no dia 24, pela manhã, tendo estado ausentes, em nossa excursão, 50 dias.

O que ocorreu de mais importante na aldeia foi a chegada de Manuel Joaquim, vindo de Barra.

121 O “comedor-de-formiga”, a que se refere o autor, é o nosso *tamanduá*, do qual há duas espécies: o grande, *tamanduá-guaçu*, mais vulgarmente conhecido por *tamanduá-bandeira* e *tamanduá-cavalo* (*Myrmecophaga jubata*); e o pequeno, *tamanduá-i* ou *tamanduá-mirim* (*Myrmecophaga tetradactyla* e *didactyla*), também chamado, no Amazonas, *tamanduá-colete*. Veja-se Martius, ob. cit., pág. 478.

Manuel Joaquim era um mestiço brasileiro, que residiu durante algum tempo em Guia.

Era um dos tipos de certa classe de homens brancos, que se encontram no rio Negro.

Fora primeiramente soldado e tomou parte em algumas das numerosas revoluções que ocorreram no Brasil.

Diziam que assassinara a mulher e que, não só por esse, mas também por mais alguns outros crimes, fora banido para o rio Negro, em vez de ser enforcado, como ele bem o merecia.

Tinha o costume de ameaçar e matar os índios, para tomar-lhes as mulheres e as filhas.

Espancou a mulher índia, que morava em sua companhia, e esta, ultimamente, fugira para a floresta, onde esteve escondida vários dias.

O povo de Guia falava que ele havia assassinado duas raparigas índias e cometera muitos outros crimes horríveis.

Em outros tempos, fora amigo do Sr. L., mas, há coisa de uns dois anos, acabaram brigando; e, depois disso, tentou incendiar-lhe a casa e também matar um soldado, um mulato velho, que era muito amigo do Sr. L.

Por estes e outros crimes, o subdelegado de polícia do distrito processou-o e, depois de tomar os depoimentos dos índios e do Sr. L., quis mandá-lo preso para Barra; isso, entretanto, a autoridade não pôde conseguir, porque não tinha soldados sob seu comando.

Apelou-se, por isso mesmo, para o comandante de Marabitanas, que se achava em Guia, nessa ocasião; mas o comandante era “compadre” de Manuel Joaquim e, tomando o partido deste, não mandou prendê-lo e, sim, deixou-o ir livremente em sua canoa acompanhado por dois soldados, levando ainda uma carta de recomendação a seu favor.

Este triste acontecimento ocorreu pouco antes de sairmos para o Uaupés.

E, agora, por ocasião do nosso regresso, verificamos que Manuel Joaquim já havia voltado, em grande triunfo, dando abraços e soltando foguetes, em todas as aldeias por onde passava.

Ele foi até Marabitanas; porém dali, um ou dois dias depois, voltou de novo, trazendo-me cartas e jornais de Barra.

Veio também uma carta para o Sr. L., do delegado de polícia de Barra, na qual este dizia que Manuel Joaquim se havia apresentado ali e que ele (o delegado) lhe tinha perguntado se ele ali fora como prisioneiro, ao que Manuel Joaquim, então, lhe respondera que “não”, que havia ido para tratar de negócios.

– “Pois bem”, – disse-lhe então o delegado, – “como o Sr. não deu importância a esse processo, o melhor, no caso, é tratar os seus caluniadores e intrigantes com desdém.”

E escrevia, então, ao Sr. L.:

– “E aconselho o Sr. a fazer o mesmo.”

E teve assim esse desfecho a tentativa para punir-se um homem, que, só pela metade dos crimes que lhe eram imputados, se verdadeiros, deveria, de acordo com as leis do Brasil, ter sido enforcado, ou, então, condenado a degredo por toda a vida.

O pobre do subdelegado, ao que parece, pela sua pura ignorância, cometera algumas faltas, deixando de cumprir umas tantas formalidades no processo, e essa foi a razão por que Manuel Joaquim tão facilmente e tão gloriosamente escapou de ser preso.

Mas o melhor e o mais interessante de tudo isso é que existe em Barra, e bem assim em todas as outras cidades, um oficial encarregado de prover a justiça, chamado de “promotor público”, cuja função é fazer cumprir a lei e fazer também com que todos os outros funcionários da justiça ou da polícia cumpram os seus deveres, de modo que nenhum criminoso possa escapar das penas da lei ou fazer-se uma injustiça, por desídia ou conivência de qualquer desses oficiais.

Todavia, na comarca do Rio-Negro, nada é mais fácil para qualquer pessoa, que possua amigos ou que tenha dinheiro, frustrar as altas finalidades do serviço da justiça.

Tive ainda outra inesperada e inevitável demora, em minha projetada viagem à Barra.

Uma canoa, que eu havia mandado fazer, ainda não se achava pronta, e eu não sabia onde obter outra, com capacidade suficiente para o transporte das minhas bagagens e das minhas coleções.

Poucos dias após, entretanto, ali chegou um espanhol ou venezuelano, com uma canoa para Manuel Joaquim.

Ele devia voltar para Marabitanas, e eu resolvi aproveitar o ensejo para escrever ao comandante, pedindo-lhe emprestada a sua igarité, a fim de ir à Barra e de lá de novo voltar.

Ele muito bondosamente me atendeu, e, dali a uma semana, eu a recebi.

Entretanto, afinal de contas, veio a dar tudo na mesma, pois uma canoa sem homens nada poderia adiantar-me.

Os índios, temendo a volta de Manuel Joaquim, haviam saído todos de Guia, retirando-se para os seus sítios, nos mais remotos *igarapés* e nas mais profundas e mais inacessíveis florestas.

O comandante havia dado ordens aos dois índios, que trouxeram a canoa, para que me acompanhassem na viagem; eles, entretanto, eram poucos, e não bastavam para descer com segurança as cachoeiras e rápidos.

Como o Sr. L. estava para ir a São-Joaquim, na barra do Uaupés, resolvi acompanhá-lo, para ver se poderia arranjar ali mais alguns homens. Meus índios gastaram cerca de quinze dias fazendo as novas toldas para a canoa, serviço este que não dá para mais do que dois dias de trabalho.

E daí a dias, quando voltei, embora estivesse muito aflito para continuar a viagem, não os encontrei ali.

O Sr. L. não teve um homem, sequer, que com ele ficasse.

Ele próprio teve que trazer para baixo a sua canoa, a fim de transportar as suas mercadorias e a sua família, quando, juntos, fomos para São-Joaquim, onde ele pretendia ficar algum tempo.

Eu estava pensando que, agora poderia partir logo.

Verifiquei, entretanto, que isto não era lá tão fácil assim, pois todo índio, para quem eu apelava, tinha algum negócio seu para cuidar, antes de poder ir comigo para Barra.

Um dizia que a sua casa estava carecendo de urgentes consertos e deveria primeiramente cuidar disto; outro dizia que estava com

uma dança, marcada para dali a uma ou duas semanas, e, depois que disso se desembaraçasse, é que haveria de servir-me.

E, assim, fui obrigado a esperar um tempo mais longo e a experimentar o remédio brasileiro, receitado para todos esses contra-tempos e dissabores: a “paciência”.

.....

Capítulo XI
No Rio Negro

DIFICULDADES PARA A PARTIDA – DESCENDO AS CACHOEIRAS – PESCANDO UM JACARÉ – PAPAGAIOS MANSOS – QUINZE DIAS EM BARRA – DIPLOMACIA DE FREI JOSÉ – SALGANDO UM PEIXE-BOI – TEMPESTADE NO RIO – VERACIDADE BRASILEIRA – *UANAUAÇA*¹²² – POSSIBILIDADES DA REGIÃO – UMA COBRA ENORME – SÃO-GABRIEL – SÃO-JOAQUIM – ACESSOS DE FEBRE

N

O DIA primeiro de setembro, após a demora de mais outra semana, consegui contratar mais dois índios e um piloto, partindo logo, para fazer a minha há longo tempo almejada viagem.

Um dos índios, para eu poder persuadi-lo a seguir comigo, foi necessário mandar outros quatro ajudá-lo, durante três dias, a limpar a sua roça de mandioca.

A minha canoa estava excessivamente carregada, pois, além das bagagens, eu levava ainda uma certa quantidade de farinha de mandioca e várias outras mercadorias do Sr. L.

122 O autor escreve *Wanawáca*, porque representa o som do *u*, comumente, por *w*.

Por isso mesmo, eu estava bastante receoso da passagem das quedas, mais se me aumentando o receio pelo fato de se achar ainda bastante embriagado o meu piloto, em consequência de suas libações de *caxiri*.

O próprio piloto, por sua vez, também se encontrava um tanto ou quanto receoso, dizendo que a canoa estava superlotada; que não conhecia bem o canal do rio, abaixo da cachoeira de São-Gabriel; e que, dali até Camanaú, eu deveria arranjar outro piloto que o substituísse.

Os rápidos, até chegarmos a São-Gabriel, não eram muito perigosos, e, muito para minha satisfação, aportamos ali, sem qualquer novidade, às quatro horas da tarde.

Descarregamos uma parte do que levávamos, apenas para passar o estreito canal em frente à fortaleza, o qual foi vencido galhardamente.

Contudo, isso não foi sem algum perigo, pois, a certa altura do canal, a canoa se desviou da rota própria, e as águas, em agitadas ondas, sacudiram-na de maneira alarmante, causando-nos algum susto.

Consegui, felizmente, arranjar um bom piloto para levar-nos, na manhã seguinte, dali para baixo, ficando muito satisfeito por me haver ele informado que, estando o rio muito cheio, as cachoeiras e rápidos não eram tão perigosos, e a canoa haveria de vencê-los em boas condições de segurança, e sem mais ser necessário descarregá-la.

Paguei-lhe, de muito boa vontade, o que ele me pediu, quatro mil réis (cerca de 9 shillings), e, na manhã seguinte, tendo carregado de novo a canoa, apresentamos nossas despedidas ao comandante; e, com duas horas de viagem, já havíamos passado, com toda a segurança, para baixo de Camanaú.

A navegação, nestas quedas, é de um caráter inteiramente diverso da de qualquer outra parte do mundo.

Olhando-se para o rio, vêem-se-lhe as águas correndo rapidamente, formando-se aqui, ali, acolá, redemoinhos, rebojos e pequenos rochedos, que não parecem tão formidáveis, vistos assim a distância.

Todavia, quando vos achais no meio deles, ficais verdadeiramente horrorizados, contemplando aquele tumulto de águas em movimento e em incessante conflito.

Turbilhonantes e ferventes redemoinhos, como se fossem causados por explosões, lá do fundo do rio, irrompem, por intervalos, cruzando-se, debatendo-se com outras contra-correntes, que instantaneamente sobrevêm, fazendo-nos quase ter vertigens.

De um dos bordos da canoa, fortes correntes puxavam-na para baixo, como para submergi-la, enquanto do outro lado brotavam outras em direção contrária.

Ora é uma corrente que cruza pela proa, ora é outra que emerge, em diagonal, pela popa, como uma espumante Scylla de um lado e uma girante Charybdis do outro.

Tudo ali depende da habilidade do piloto, que vai distinguindo, bom conhecedor como é do rio, os pontos onde há rochedos submersos e perigosos rebojos e redemoinhos, e desvia-se sereno de todos estes perigos – ora ordenando a equipagem para remar duro, ora para afrouxar, se as circunstâncias assim o exigirem –, e destramente prepara a canoa para receber a impetuosa investida de correntes contrárias, que ele avista adiante, pela proa.

Imagino que, nas vizinhanças dos arcos da “Velha-Ponte”, de Londres, por ocasião das marés mais fortes, se vêem, em menor escala, perigos algo um tanto semelhantes.

Quando o rio está baixo, a descida dos rápidos oferece maiores perigos, pois, não obstante a força das águas ser menor, os rochedos submersos têm que ser evitados, e, para isso, é necessário que tenha o piloto bastante conhecimento deles e o maior cuidado possível ao transpô-los.

Tendo passado esses perigosíssimos saltos, chegamos agradavelmente a São-José, onde fiquei um dia, a fim de entregar ali uma parte das mercadorias do Sr. L., reenchendo de cargas a canoa para a viagem até Barra.

À tarde, tivemos a sorte de pescar um bonito exemplar de jacaré, de uma das espécies menores, e eu prontamente me dispus a pelá-lo, prometendo tirar-lhe a carne a tempo ainda de ser preparado para o jantar.

Só depois de quase uma hora de duro trabalho foi que pude tirar a maior parte da carne da cauda, que é considerada a melhor, gastando

ainda mais de outra hora para tirar a do tronco, tendo de deixar para o dia seguinte, o que fiz na canoa, viajando, a limpeza da cabeça e das pernas.

O seu comprimento era aproximadamente de seis pés.

As escamas da barriga, só as conseguimos cortar à custa de pesados golpes de martelo sobre uma faca.

Ele fora apanhado por uma das nossas linhas, à qual ficou preso por intermédio de um agudo e forte anzol, iscado com um peixe que ele engoliu.

O anzol estava firmemente enterrado na parede do estômago do animal.

A sua carne tem odor muito forte, algo um tanto agradável, semelhante ao de goiaba ou qualquer outro fruto muito almiscarado, sendo bastante apreciada pelos índios e também por muitos brancos; mas é preciso que o animal seja novo ainda, e bem gordo, na minha opinião, para que a sua carne seja saborosa.

Tive ainda bastante trabalho, no dia seguinte, para acabar de limpar-lhe a cabeça e os membros, que forneceram um bom suprimento de carne para o jantar dos meus índios.

Aportei ao sítio do Sr. Chagas, com quem já me havia uma vez encontrado em Guia, dele recebendo segura informação da existência, no rio Uaupés, de um “gavião-de-penacho” branco, tendo ele próprio visto um, que um dos seus índios havia matado.

No dia 6, alcançamos o sítio do Sr. João Cordeiro, subdelegado de polícia; aí parei para almoçar, tendo com ele combinado passar alguns dias em sua casa, na minha viagem de volta, especialmente para pelar e preparar o esqueleto de um peixe-boi, que ele prometeu arranjar-me.

Tais peixes são muito abundantes no rio Urubaxi, que faz barra no rio Negro, pouco acima da casa de morada do Sr. Cordeiro, e onde este, todos os anos, apanha grande número deles com rede e arpão.

Ao almoço, comemos um pouco da carne do dito peixe, que fora, havia tempo, conservada, fritando-se com a sua própria gordura e nesta ficando mergulhada dentro de grandes potes de barro, podendo-se, assim, guardá-la durante muitos meses.

Na minha despedida, mandou-me ele ainda um prato de carne de lingüiças, para eu comer em viagem.

Ali, acabei de empalhar o meu jacaré, tendo sido necessário pedir emprestada uma púa, para abrir os buracos e coser a pele.

Eu não tinha caixa onde pô-lo, nem mesmo havia espaço na canoa onde eu pudesse guardá-lo, tendo sido preciso prendê-lo em uma tábua e fazer uma cobertura de folha de palmeira, para resguardá-lo da chuva, no topo da tolda, onde foi colocado.

O Sr. João convidou-me a visitar, quando descêssemos, a sua “cacoarie”¹²³ ou barragem para conservar peixes, autorizando-me a tirar dali os que me conviessem.

Assim fiz, e de peixes só obtive uma curiosa espécie, malhada, que era ainda nova para mim e que me deu uma tarde de trabalho para desenhar e descrever.

Havia ali também cinco pequenas tartarugas, de cabeça vermelha, que servem toleravelmente para comer, e que nos abasteceram de carne por alguns dias.

Proseguei favoravelmente a viagem, algumas vezes com chuvas, outras vezes com sol, as mais das vezes, porém, somente passando a papas de farinha e água, por não se encontrar terra firme, onde se pudesse acender fogo.

Mas, apesar de todos estes inconvenientes em tal ocasião, eu já estava tão bem acostumado, que já não me lembrava de mais nada daquilo que, um ano antes, fora para mim uma grande e penosa provação.

Nos diversos sítios aonde eu aportava, algumas vezes recebia encomendas de compras, em Barra, pois quem quer que fosse, a quem eu já houvesse visto uma vez, num segundo encontro se considerava um velho amigo meu e queria gozar de privilégios como tal.

Lá um queria que eu lhe trouxesse um pote de óleo de tartaruga; outro pedia um garrafão de vinho; o delegado de polícia queria que eu lhe trouxesse um casal de gatos; o seu escrivão, dois pentes de

123 Assim está no original; mas, pela declaração de ser uma “barragem” para peixes, deve ser o *cacuri*, a que já nos referimos, em nota anterior.

marfim, um dos quais devia ser um pente fino; outro indivíduo estava precisando de verrumas; e outro ainda, por sua vez, queria uma viola.

Para todas essas encomendas, eu não recebia um único vintém adiantado, mas todos prometiam que o dinheiro seria certo de receber, que me pagariam, à minha volta, ou, então, dariam o seu equivalente em café, fumo ou outra mercadoria qualquer, corrente no rio Negro.

Diversas outras pessoas – com as quais eu nunca havia falado, mas já era, não obstante isso, bem conhecido delas, tanto que se dirigiam a mim, tratando-me pelo nome –, me deram, por vezes, a entender que estavam precisando muito de tais e tais objetos, e, sem pedir diretamente, de um modo bem claro, que eu lhes adquirisse, insinuavam apenas que, se eu lhes trouxesse, ficariam elas muito contentes e de mim os comprariam e mos pagariam.

Os únicos animais vivos que eu trazia a bordo, eram dois papagaios, que para mim eram uma constante fonte de distração.

Um deles era a pequena “Mariana”, a *macaí* dos índios, um papagaio miúdo, de penas pretas na cabeça e brancas no peito e, tendo no pescoço e nas coxas penas vermelhas.

O outro era um *anacá*, lindíssima ave, que é ornada de bonitas penas, listadas de azul e de vermelho, no peito e na barriga, tendo a cabeça e o dorso do pescoço cobertos de longas penas vermelhas, com lindas listas azuladas, de um azul muito vivo, que ele sempre arrepia, quando está com fome, formando-se uma longa e elegante crista, semelhante à do “gavião-real”.

O seu nome ornitológico é *Derotypus accipitrinus*¹²⁴ ou papagaio de cabeça açorina.

Estes pássaros tinham uma notável diferença, quanto à índole.

O *anacá* tinha o feitio algo um tanto solene, era pesado para locomover-se e muito irritável, enquanto a “Mariana”, pelo contrário, era uma criatura pequena, irrequieta e vivaz; era tão buliçosa como uma macaca e tão travessa como uma gata; nunca ficava quieta um momento sequer, estando sempre a andar pela canoa toda, ora entrando em qual-

124 Assim está no original; mas o correto é *Deroptylus*. Sobre essa ave, também chamada *vanaquíá* ou *ía*, no Amazonas, lêia-se o que diz Goeldi, ob. cit., págs. 122-125.

quer fenda ou abertura que encontrasse, ora mergulhando em todos os cestos, panelas e potes, que descobria, e provava de tudo que neles se continha.

Era uma ave que comia tudo quanto achasse: arroz, farinha, frutos de qualquer espécie, peixe, carne, vegetais, e apreciava o café tão bem quanto eu mesmo.

Quando ela me via com a caneca de café na mão, procurava logo, sofregamente, trepar na beirada, e não sossegava, enquanto não recebesse o seu quinhão, que sorvia com a maior satisfação, parando de quando em quando, correndo em roda os olhos, com ares de muito entendida, como para dizer: “Este café está muito bom”; e bebia-o, em seguida, gulosamente.

Ela, evidentemente, apreciava o verdadeiro sabor do café, e não o do açúcar.

Ela subia na cafeteira, e, inclinando-se-lhe à sua borda, mergulhava lá bem no fundo o bico, sem a menor cerimônia, deixando somente aparecer a pequena cauda; e, desse jeito, não só ali bebia o café, mas também lhe comia a borra, durante uns cinco minutos.

Os meus tripulantes da canoa brincavam muito com ela, sempre imitando o seu bonito e claro assobio e fazendo-a corresponder com o seu, ao mesmo tempo que, correndo o olhar em roda, ela se demorava em vãs pesquisas, procurando o seu companheiro emplumado.

Todas as vezes que aportávamos para preparar a comida, a “Mariana” era sempre uma das primeiras a saltar em terra, não com o intuito de querer fugir, mas simplesmente para trepar em um arbusto ou em uma árvore, e ter prazer de ficar em uma posição mais elevada, lá bem no alto, assobiando.

Bastava perceber que a comida já estava pronta, para logo daí descer, apressadamente, e vir comer peixe ou beber café.

O *anacá* mais sóbrio, geralmente permanecia na canoa, tranquilamente, até que, atraído pelos gritos e assobios de sua pequena, mas vivaz e alegre companheira, também se aventurava a sair de lá, juntando-se a ela.

Não obstante os seus diferentes temperamentos, eram grandes amigos, e ficavam pousados um ao lado do outro, horas seguidas,

coçando a cabeça um do outro, ou brincando juntos, como um cão e uma gata.

A “Mariana”, por vezes, exasperava tanto ao *anacá*, ora com as suas unhas e bicadas, ora saltando por cima dele, que isso acabava degenerando em luta, a qual, contudo, logo terminava, voltando ao seu primitivo estado de uma amizade quase fraternal.

Eu tencionava levá-las de presente para dois amigos de Barra, mas já estava pesaroso de ter que me apartar delas.

No dia 18 de setembro, exatamente quinze dias após ter deixado São-Joaquim, chegamos, sem novidade, à cidade de Barra.

As suas alvas casas e a vista franca da cidade, que vimos de longe, pareciam encantadoras, sobretudo depois de haver-me acostumado com as casas de paredes barreadas e sepultas na floresta das aldeias do rio Negro.

Fiquei logo sabendo que meu amigo, o Sr. Spruce, se achava na cidade, ali estando detido, como sucedeu também comigo em Guia, por falta de homens.

Estava ele numa casa que se tornou clássica para os naturalistas, pois aí também residiu o Dr. Natterer.

O bondoso amigo arranjou-me gentilmente acomodação na sua residência para todo o tempo de minha permanência na cidade, permanência que eu desejava fosse tão breve quanto possível.

Ruins notícias, vindas de Belém, estavam aguardando a minha chegada.

Cartas datadas de três meses passados, do meu correspondente, o Sr. Miller, davam-me informações da perigosa doença de meu irmão, que estava atacado de febre amarela.

Quando a canoa partiu dali, trazendo a carta que me foi portadora de tão más notícias, os sintomas da doença eram tão alarmantes, que pouca esperança havia de um restabelecimento.

A única informação a mais, trazida posteriormente, era de que o “Princesa-Vitória”, com um valioso carregamento, se havia perdido ao entrar em Belém, e que, em consequência desse desastre, o Sr. Miller, tendo sofrido um grande abalo moral, tivera um ataque cerebral, cujo desfecho fora a morte.

De ninguém pude obter uma palavra sequer de informação a respeito de meu irmão, ficando assim na maior ansiedade e incerteza sobre a sorte dele.

Por outro lado, estranhava eu que nenhum dos ingleses residentes em Belém me mandasse ao menos uma linha, para informar-me do falecimento de meu irmão, caso houvesse isso ocorrido.

Fiquei em Barra quinze dias, porém muitíssimo ocupado durante todo esse tempo, ora fazendo compras, ora arranjando e encaixotando todas as minhas variadas coleções.

Eu mesmo tive que fazer e enfardar as caixas para os insetos, pois o único carpinteiro que havia no lugar, tendo enchido a sua cabeça de que deveria dedicar-se ao comércio, como todo mundo faz aqui, havia saído para negociar nos rios.

Todas as tardes, e nos momentos de folga, nós nos deliciávamos em agradável palestra, para mim, afinal de contas, o maior, e ali o mais raro dos prazeres.

O Sr. Spruce, tanto quanto eu próprio, muito desejava que pudéssemos juntos subir o rio; mas a minha canoa era demasiado pequena para nos acomodar a ambos, e os meus homens eram também insuficientes para a dele, carregada, como haveria de ficar, com as nossas bagagens todas.

Em Barra, não se conseguia, nem por dinheiro, nem por amizade, arranjar homens para a viagem.

As próprias autoridades locais, quando precisam fazer alguma diligência, são obrigadas, freqüentemente, a recorrer, implorar mesmo, ao Sr. Henrique ou a outro negociante.

Em conseqüência das desordens e devassidão dos brasileiros dali, a tal estado ficou reduzido esse lindo rincão!

Quando eu estava para partir, e justamente na hora de sair, o subdelegado mandou avisar-me que eu deveria munir-me de um passaporte, uma grande importunação, de que eu me havia completamente esquecido.

Contudo, outro remédio não havia senão tirá-lo, porquanto o escrivão não queria perder a sua paga de um “cruzado”.

Para esse propósito, devia eu ir primeiramente comprar o necessário (e a repartição não estava aberta), e, de lá, em seguida, ir a outro bairro da cidade, onde morava o escrivão, para obter o passaporte.

Como tudo já estivesse a bordo da canoa e em condições de partir logo, isto não passava de uma grande importunação e o Sr. Henrique me aconselhou que seguisse viagem, que ele depois; me mandaria.

Sabendo, além disso, que o subdelegado, só por semelhante falta, não haveria de mandar à minha procura e fazer-me voltar, segui o dito conselho e parti logo.

O Sr. Spruce também me acompanhou, para fazer uma pequena excursão, por alguns dias, levando dois meninos e uma canoa para o regresso.

Tivemos vento favorável, que nos ajudou bastante na travessia das grandes baías acima de Barra, e, cerca das 4 horas da tarde, aportamos a uma praia arenosa, próximas da qual havia duas choupanas.

Ali o Sr. Spruce encontrou novas e interessantes espécies de árvores e alguns arbustos em florescência, e eu obtive cinco espécimens de um pequeno peixe, um *pacu*,¹²⁵ que era uma espécie desconhecida ainda para mim e, assim nós ambos tivemos alguma coisa para fazer até à hora do jantar.

Depois disso, armando as nossas redes da melhor maneira que nos foi possível, sob o abrigo de alguns arbustos, passamos ali uma noite agradável.

Na manhã seguinte, despedimo-nos um do outro.

O Sr. Spruce voltou para Barra, e eu prossegui viagem rio acima.

Chegando a um sítio onde eu havia deixado por precaução a minha montaria,¹²⁶ quando descí o rio, com receio de que fosse roubada em Barra, verifiquei que aquele meu cuidado fora inútil, pois ela fora subtraída poucos dias antes, por um índio do rio Branco.

125 *Pacu* é o *Myletes edulis*. Vejam-se-lhe as espécies em Martius, ob. cit., pág. 466.

126 *Montaria*, segundo Raimundo Morais (ob. cit., vol. II, pág. 69), é a pequena embarcação em que se navega a remo no Amazonas, com três metros de comprimento e um de boca.

Um homem, que ia para o Solimões, quis compeli-lo a ir também, e para isso, tomou-lhe a canoa; e, assim, para defender-se, o índio tomou posse da que havia deixado ali, podendo prosseguir a sua viagem.

Não tive outro remédio, senão tocar para diante, com o intuito, porém, de comprar outra montaria, o mais depressa possível, em alguma outra parte.

Tivemos várias trovoadas,¹²⁷ que foram algo um tanto perigosas, devido estar minha canoa muito carregada.

Uma delas, em particular, veio com muita violência, do outro lado do rio, levantando tremendas ondas, que nos teria arrojado à praia e reduzido a nossa canoa a cacos, se não tivéssemos tido a felicidade de encontrar um bosque de árvores no rio, às quais prendemos a popa e a proa de nossa embarcação.

A canoa ficou a balouçar e rodar mais de uma hora, enquanto nós, a toda pressa, esgotávamos a água, de que se estava enchendo, com o constante receio da sua submersão, o que nos levaria a todos nós para o fundo.

Na mesma tarde, encontrei-me com o frei José, que ia rio acima, em uma das costumárias visitas pastorais e comerciais, até Pedreiro.

Paramos no mesmo lugar, para passar a noite, e eu fiquei a conversar com ele, em sua canoa, que era bastante espaçosa e cômoda.

A nossa palestra versou sobre a epidemia de bexigas que havia em Belém do Pará, relatando-me ele, então, uma anedota a respeito dos seus próprios recursos diplomáticos, aplicados a um caso daquela terrível moléstia, e dos quais parecia orgulhar-se muitíssimo.

“Quando eu estava na Bolívia (disse-me ele), havia ali várias tribos de índios muito guerreiros, que roubavam e assassinavam os viajantes, no caminho que vai para Santa-Cruz.

“O presidente mandara soldados em perseguição dos selvagens, e gastou-se muito dinheiro com pólvora e balas, mas com muito pouco resultado.

127 No original, “trovoados”.

“Na cidade, naquela ocasião, estava grassando a epidemia de bexigas, e as roupas de todos os que morriam eram logo queimadas, com o fim de evitar-se a propagação do mal.

“Um dia, estando eu a conversar com S. Ex^a a respeito das depredações dos índios, sugeri-lhe então um meio muito mais barato e mais prático do que pólvora e balas, para acabar com eles.

“Em vez de mandar queimar as roupas dos bexiguentos (disse-lhe eu), o mais acertado seria justamente mandar pô-las à beira da estrada, ao alcance dos índios, os quais se apossarão delas muito contentes e, depois, morrerão como formigas.

“Ele seguiu o meu conselho e, em poucos meses, não se ouvia mais falar ali em depredações dos índios.

“As bexigas” (concluiu ele) fizeram o diabo entre eles.”

Difícilmente pude conter uma explosão do meu horror ante tão calma narrativa de semelhante massacre, levado a efeito assim a sangue-frio; porém, naquela hora, eu nada disse ao frade, consolando-me com a idéia de que aquilo não passasse de mais um dos engenhosos produtos do fértil cérebro de frei José, muito embora ele com isso mostrasse que teria encarado a sua realidade como uma ação muito louvável e muito meritória.

Em Pedreiro, comprei duas bonitas tartarugas e permaneci ali meio dia, a fim de matar uma delas para comer; estava ela muito gorda de modo que lhe fritamos toda a carne na própria banha, e pusemo-la mergulhada com o seu próprio óleo em um grande pote, a fim de conservá-la por bastante tempo.

Cozinhando a carne com arroz, tínhamos sempre um excelente manjar, quando não podíamos obter peixe.

As suas partes internas, todas as quais se podem comer juntamente com a carne aderente aos cascos superiores e inferiores, e alguns ovos (dos quais havia perto de 200) deram alimentação para toda a equipagem da canoa durante dois dias.

Em Carvoeiro, parei um dia para consertar as minhas espingardas, fazer uns anzóis maiores, e a tolda (a qual os índios tinham arranjado muito mal em Barra) também recebeu reparos ali.

O Sr. Vasconcelos deu-me ali uma tartaruga, de uma espécie das de cabeça chata, que eu ainda não havia encontrado e que ele estava conservando viva em um pequeno tanque, desde dois anos atrás, tendo sido trazida do baixo Amazonas.

Ali, tive fortes sintomas de febre, esperando de um momento para outro um ataque das muito temíveis “sezões”¹²⁸ que tornavam Carvoeiro uma localidade célebre.

Quando eu ainda estava na canoa, fazendo ali uns arranjos, debaixo de um sol muito quente, já não me sentia muito bem; e, logo depois de haver deixado esse serviço, comecei a sentir-me muitíssimo abatido, com fortes dores na cabeça, nas costas e nas pernas, e febre muito violenta.

Pela manhã, eu já havia começado um tratamento preventivo, tendo para isto tomado um purgativo: e, no dia seguinte, comecei então a tomar boas doses de quinino, bebendo abundantemente água com óleo de tartaruga.

De tão fraco e abatido que estava, era por vezes com dificuldade que me dispunha a levantar-me para prepará-lo.

É nessas ocasiões que se sente a falta de um amigo ou de um criado, pois é impossível conseguir que os índios executem essas pequenas coisas com poucas explicações, sendo preciso um grande esforço e paciência para ensinar-lhes o que devem fazer, o que dá mais trabalho do que se a gente mesmo as fizesse.

Com o uso, entretanto, de outro purgativo, de um emético, de lavagens intestinais, banhos e quinino três vezes por dia, consegui dominar a febre, mais ou menos, com quatro dias, sentindo depois disso, somente a fraqueza que me ficou, e que, com um dia ou dois mais, desapareceu completamente.

Durante a minha doença, os índios saíam da canoa quando bem entendiam, pois eu, durante dois dias e duas noites, não sabia de nada do que se passava.

Enquanto permaneci naquele estado apático, constantemente meio acordado, meio dormindo, recordava a minha vida passada e os

128 No original, “seizões”.

meus projetos, chegando a imaginar que estivesse tudo isso sentenciado talvez a findar-se, ali no rio Negro.

Nessas ocasiões, eu pensava, na mais negra incerteza, na sorte de meu irmão Herbert, meu único irmão sobrevivente, que estava na Califórnia, e que talvez também já podia ter sido vítima do cólera, pois, de acordo com as últimas notícias, essa moléstia estava grassando por ali.

Com a volta da saúde, porém, esses sombrios pensamentos desapareceram completamente, e prossegui a minha derradeira viagem muito bem-disposto, esperando, com firme convicção, poder alcançar ainda o lar, o meu doce lar!

Eu, contudo, no meu íntimo, fiz um voto de nunca mais viajar em tão inóspitas e despovoadas regiões, sem a companhia de um civilizado ou de um ajudante.

Eu pretendia descascar a tartaruga, que ainda me restava, em viagem, e comprei uma grande caixa para pô-la; como, porém, não havia espaço bastante na canoa, teve ela que ficar dependurada por um dos pés, com um cordão muito apertado, de modo que este começou a putrefazer-se.

Assim, fomos obrigados, de uma vez, a matá-la e a aproveitar-lhe a carne, que juntamos, em seguida, ao nosso estoque de *mixira* (como é chamada a carne conservada na gordura) para a viagem.

Continuamos a nossa excursão, progredindo morosamente, bem que sem acidentes, até que, no dia 29 de outubro, chegamos ao sítio do Sr. João Cordeiro, o subdelegado, onde eu pretendia permanecer alguns dias, para adquirir o couro e o esqueleto de um peixe-boi.

Encontrei ali um velho amigo, o Sr. José de Azevedo, que nos havia visitado em Guia, e que se achava atacado de febre e passando muito mal, já desde muitos dias, tendo fortes crises de vômito e disenteria.

Como é de costume aqui, não estava ele fazendo uso, absolutamente, de quaisquer remédios, evitando bebidas frias, durante a febre, por considerá-las muito prejudiciais e somente tomando caldos quentes, ou cachaça e pimentas que são tidos em conta dos mais adequados meios de cura.

Com o auxílio de uns poucos sudoríficos e purgativos, bebidas e banhos frios, e algumas doses de quinino, nos intervalos dos acessos,

obteve prontas melhoras, muito para seu espanto porquanto ele, antes, estava muito receoso de submeter-se ao tratamento que eu lhe recomendara.

Passei ali uma semana inteira.

Os pescadores que eu arranjava estavam tendo pouco êxito, e, por espaço de cinco dias, não conseguiram apanhar nenhum peixe-boi.

Eu, contudo, tive muito que fazer, pois descasquei uma pequena tartaruga e uma *matamatá* (*Chelops matamata*).¹²⁹

Esta é uma grande tartaruga de rio com o casco todo cheio de tubérculos e sulcos, de enorme pescoço, cabeça larga e chata, esta guarnecida de curiosos apêndices lobulosos e carnosos.

As ventas prolongam-se-lhe em tubo, dando ao conjunto do animal o mais singular aspecto.

Os índios iam diariamente pescar, levando quase sempre as suas redes e, por essa maneira, conseguiam pegar muitas espécies novas, que eu tinha de desenhar e descrever, o que consumia muito tempo de trabalho, preenchendo os intervalos de folga para ver o meu doente comer melancia e tomar café.

Esta é uma excelente localidade para pegar peixe, e, também, tanto quanto toca aos mesmos, teria eu estimado poder demorar-me aqui de um a dois meses, porquanto muitas outras espécies novas e interessantes ainda serão encontradas, e eu ainda não havia conseguido obter espécimens deles.

Afinal, uma das manhãs tive a sorte de ver o peixe-boi, pelo qual eu estava ansiosamente esperando, desde longo tempo.

Ele fora apanhado na noite anterior, com uma rede, em um lago situado a alguma distância dali.

Era um macho, mais ou menos bem-desenvolvido, tendo 7 pés de comprimento e 5 de circunferência.

Com o auxílio de uma comprida vara e de cordas, quatro índios levaram-no para um rancho, onde foi posto sobre uma cama feita de folhas de palmeira, e, logo, dois ou três homens começaram a tirar-lhe o couro.

129 É a *Chelys fimbriata* de Spix.

Eu mesmo os ajudei nessa operação, encarregando-me das barbatanas e da cabeça, onde é mister muita delicadeza, com a qual os índios não estão acostumados.

Depois de tirado o couro, uma segunda operação foi executada para extrair-se a camada de banha, que fica por baixo daquele, e a qual deveria ser frita para preservar-se a carne.

O fato foi em seguida tirado, bem como as principais peças de carne da barriga, do lombo e dos lados da cauda.

A carne, em seguida, foi conduzida, à mão mesmo, para a casa do Sr. João, que se incumbira de prepará-la para a minha viagem rio acima.

Os seus homens já estavam bem acostumados com esses serviços, contando um regular “score” de peixe-bois, que são por eles pescados e tratados todos os anos.

Durante todo esse tempo, eu próprio estive trabalhando na limpeza das barbatanas, com o máximo de cuidado e de atenção, para que se não perdesse ou fosse dali levado algum de seus ossos.

Dividi o esqueleto em peças convenientes, tirei a medula espinhal e limpei cuidadosamente os restos de carne, que ainda ficaram nos ossos, e, em seguida, polvilhando-os de sal pu-los, juntamente com o couro, dentro de um barril, onde deviam ficar durante toda a noite, para uma completa salga.

Depois desse serviço, mandei que os índios fossem preparar o jantar, deixei-os comer carne à farta.

No dia seguinte, depois de arranjar de novo o couro e os ossos, com algum trabalho, eu mesmo fui pregar a tampa do barril, quando então verifiquei que a salmoura, que nele se continha, estava vazando por todos os lados, estando o seu casco cheio de buracos feitos por cupins.

Estes buracos eram em grande número; mas, com o auxílio de dois índios, tratei logo de tapá-los, o que fiz com pequenos pedaços de madeira.

Estivemos ocupados nessa tarefa durante algumas horas, e foi preciso tapar para mais de não sei quantas centenas de buracos, até que, afinal, depois de um minucioso e atento exame, não pude descobrir mais nenhum.

Uma grande gamela de salmoura havia sido de novo preparada, tendo-se dissolvido nela, com água fervendo, uma boa quantidade de sal, e, como a água já houvesse esfriado um pouco, tratei de passá-la para o barril, mediante o emprego de um funil.

Nessa ocasião, não obstante o nosso cuidadoso trabalho, o líquido ainda logrou escapular-se por uma dúzia de cavidades quase imperceptíveis, que estavam localizadas por baixo dos arcos do barril.

Estes últimos não puderam ser tapados pelo processo anteriormente empregado, e, assim sendo, arranjei uma estopa feita de trapos para apertá-la sobre os arcos, e depois cobrir tudo com uma camada de piche.

Passamos o dia todo ocupados com esse serviço.

Todavia, outros buracos constantemente apareciam, em diversos lugares, pelos quais o líquido continuava a derramar-se, e os buracos obstinadamente se recusavam a vedar-se.

Nada conseguia aderir à superfície umedecida do barril; e, dessa sorte, tivemos primeiro de secar a parte de cima do casco, cobri-lo de piche, e, em seguida, com panos, e, depois, passar outra camada de piche sobre eles.

Mesmo assim, quando foi preciso remover o barril, rolando-o, outra porção de líquido vasou-lhe então pelo topo, o qual teve que ser também tratado de maneira idêntica à anteriormente descrita.

Após grande trabalho, quando já parecia que estava tudo pronto, outros furos mais foram aparecendo, por onde o líquido continuava a derramar-se; como, porém, eram furos pequenos, quase imperceptíveis, e eu já estivesse quase desesperado de tanto trabalho, deixei-os ficar assim mesmo, na esperança de que, decorrido algum espaço de tempo, a infiltração do sal ou o entumecimento da madeira os obturassem.

Afinal, quando consegui levar o barril lá para cima, isto é, para a casa do Sr. João, a cujos cuidados deveria ficar até à minha volta, já havia escurecido.

E assim dei por encerrada a minha laboriosa tarefa de dois dias de desagradabilíssima peleja com o peixe-boi.

O Sr. João havia-se incumbido de preparar-me uma lata de carne e de lingüiças, que deveriam ficar conservadas na gordura do próprio peixe, e, já estando isso pronto, tratei logo de levá-la para a canoa, onde a acomodei, para partir no dia seguinte, bem cedo, porquanto eu já gastara ali uma semana do melhor tempo para a viagem.

Além do peixe-boi, deixei também ali uma caixa com quatro espécimens de tartaruga, os quais eu havia empalhado, quando ali estive anteriormente.

Continuando viagem, nada de particular ocorreu nela, senão algumas tempestades de chuva e vento, acompanhadas de trovoadas, que ora retardavam, ora ajudavam o avanço da nossa canoa.

Algumas dessas tempestades costumam ter o caráter de verdadeiros furacões, e o vento, soprando furiosamente e subitamente mudando de direção, percorre todos os quadrantes da bússola.

Se a nossa pequena canoa não estivesse com a sua carga de sal e de ferragens bem lastreada, teria certamente soçobrado ante a violência daqueles temporais.

De uma feita, às 4 horas da manhã, fomos colhidos inesperadamente e tivemos que experimentar uma daquelas tempestades, justamente quando estávamos em uma parte onde o rio era muito largo, levantando-se então enormes ondas que nos sacudiam violentamente.

Um súbito pé-de-vento derribou-nos a vela de ré, e foi com grande dificuldade que conseguimos de novo levantá-la.

A chuva caía direta e pesadamente contra nós, uma chuva muito fria e que, por isso mesmo, tornava muito incômoda a nossa situação.

A nossa montaria, rebocada pela popa, encheu-se de água, e, afundando-se, vem bater violentamente contra a nossa canoa, arrancando os bancos desta e fazendo-a perder os remos.

Imediatamente ordenei que se lhe soltassem as amarras, julgando impossível poder salvá-la.

Os índios, porém, assim não pensaram, encarando a situação por outra maneira, e um deles, pulando imediatamente na água, mergulhou em procura dela, conseguindo depois levá-la para a praia, onde, com dificuldade, conseguimos também chegar, tratando logo de prender a nossa canoa, pela proa, aos arbustos da praia e, lançando-lhe outra corda à popa, prendemo-la também a uma árvore, que crescia na água, a fim de evitar que o costado da nossa embarcação ficasse exposto às ondas, que rolavam furiosamente. Os nossos homens permaneceram em constante atividade, despejando a água que nos entrava na canoa.

E, assim, esperamos que rompesse o dia,

Em seguida, a cada um deles, distribuí uma boa dose de cachaça.

Finalmente, a agitação das águas diminuiu bastante permitindo que continuássemos a viagem.

Essas tempestades são a única coisa que tornam ali desagradáveis as viagens fluviais.

Elas são muito freqüentes; e, mesmo assim, a cada uma que sobrevinha, eu, em vez de acostumar-me, ficava mais receoso do que dantes.

É coisa comum ficarem as canoas em perigo, no meio do rio, ou serem atiradas às praias, onde acabam reduzidas a cacos.

E o rio Negro tem esta desagradável notoriedade, pela súbita formação e fúria das suas trovoadas.

Muitas pessoas nunca suspendem velas quando percebem sinais da aproximação desses temporais e, para acautelar-se, procuram algum abrigo seguro, onde esperam até que eles tenham passado.

No dia 12 de novembro, alcancei o sítio do Sr. Chagas, onde parei para passar a noite.

Deu-me ele algumas cartas, para eu levar rio acima, a São-Grabriel, e, justamente na hora em que eu estava para partir, ele veio pedir-me o favor de dizer a quem quer que fosse que eu não o havia encontrado em seu sítio, e, sim, que havia saído para o “mato”, a fim de colher salsa.

Como eu com ele tivesse bastante confiança para tomar essa liberdade, declarei-lhe logo, com toda a franqueza, que muito a meu pesar eu realmente não poderia nisso servi-lo, simplesmente porque eu não tinha o costume de mentir, e se, por acaso, transmitisse o seu recado, eu logo seria apanhado e tido como mentiroso.

Retrucando-me, ele ainda insistiu no que pedira, dizendo-me que aquilo eu poderia experimentar com toda a segurança, e, assim, logo aprenderia a mentir tão bem como os melhores mentirosos.

Em vista disso, eu logo lhe expus que, em minha pátria, o indivíduo mentiroso é considerado tão ruim como o ladrão – ante o que me pareceu que ele ficou algo um tanto espantado.

Fiz-lhe então uma dissertação, sobre o falso testemunho e o pelourinho, como uma prova do quanto os nossos antepassados detestavam a mentira, o perjúrio, o que muito o edificou.

E tanto foi assim, que ele chamou para junto de nós o seu filho (um menino de uns doze ou quatorze anos), que estava acabando de chegar da escola, para que este ouvisse o exemplo e aproveitasse a lição, mostrando com isso – assim o penso – que o povo aqui sabe perfeitamente o enorme prejuízo moral que resulta da prática daquele feio vício; mas, como o hábito é constante e o costume generalizado, e, acima de tudo, a fingida polidez, que torna incapaz a quem quer que seja de negar com palavras qualquer coisa que se lhe pede, torna a mentira quase um mal necessário.

Qualquer natural do país teria concordado com o pedido do Sr. João e o iria transmitindo a todos que fosse encontrando rio acima, mas pedindo-lhes declarassem que não fora ele que o havia dito, e, assim, solicitando uma mentira de todos eles em vez de ser a mentira do Sr. Chagas.

Na manhã seguinte, alcançamos *Uanauaca*, onde fica o sítio do Sr. Manuel Jacinto, ali parando para almoçar em sua companhia.

No almoço, então, tive o prazer de tomar excelente café com leite e “coalhada”, ou leite azedo, e de comer abacaxis e pacovas com queijo, verdadeiras delícias, que todos poderiam ter com fartura, e que, no entanto, raramente se encontram no rio Negro.

O seu sítio é, talvez, o mais lindo dos que se encontram nestas beiras de rio.

E isso simplesmente porque existe um pedaço aberto formado de relvas, em torno da casa, vendo-se espalhadas algumas árvores frutíferas e da floresta, debaixo de cuja sombra se avistam algumas reses e alguns carneiros.

Ali chegando, o nosso olhar, há longo tempo fatigado com a eterna floresta, sente como que um agradabilíssimo alívio.

Quando eu considero a soma excessivamente pequena de trabalho, que é necessário nesta região, para converter a floresta virgem em verdejantes pradarias ou em férteis plantações, quase chego a desejar vir para cá com meia dúzia de amigos dispostos para o trabalho, a fim de usufruir a região.

E, com isso, eu poderia mostrar a todos os seus habitantes de que maneira logo se pode obter aqui um verdadeiro paraíso terrestre, como jamais conceberam que possa existir.

É um erro vulgaríssimo, continuamente copiado e repetido de um para outro livro, afirmar que nos trópicos a exuberância da vegetação sobrepuja os esforços do homem.

Justamente o seu inverso é que é a verdade.

A natureza e o clima aqui são perfeitamente favoráveis ao trabalhador agrícola, e eu asseguro, sem receio, que se pode converter a “primitiva” floresta em ricas pastagens ou verdejantes pradarias, em hortas, jardins ou pomares, com as mais variadas produções, com a metade do trabalho, e o que é mais importante ainda – em menos da metade do tempo que é necessário em nosso solo, mesmo que se tenha de tratá-la e capiná-la, logo que o campo florestal comece a brotar.

É verdade que o solo, uma vez rudemente limpo, pela maneira usada geralmente na região, abatendo-se simplesmente as árvores, que são em seguida queimadas, ficando entregue a si próprio, em um ano se cobrirá de uma cerrada vegetação de arbustos.

Mas, se ele for cultivado e devidamente capinado, os troncos e coivaras, que nele ficam, em dois ou três anos estarão apodrecidos, o que tornará a sua completa remoção uma coisa muito fácil de conseguir-se, e assim se poderá formar, então, um lindo campo de pastagem.

Quaisquer árvores frutíferas, que forem plantadas, alcançarão logo grande porte, em cinco ou seis anos, e muitas delas poderão dar os seus primeiros frutos em dois ou três anos.

O cafeeiro e o cacauero, por sua vez, poderão produzir abundantemente, com um mínimo de cuidado.

As laranjeiras e outras árvores frutíferas nunca recebem aqui qualquer cuidado, e, se forem podadas, poderão, sem dúvida alguma, produzir frutos de uma superior qualidade e em maior quantidade.

Plantam-se aqui abacaxis, melões e melancias, e, quando maduros estes frutos, o trabalho é somente colhê-los, não necessitando de outro qualquer cuidado intermediário.

O milho e o arroz são mais ou menos tratados por essa maneira.

As cebolas, favas, feijões e muitos outros legumes medram luxuriantemente.

Aqui nunca se revolve, nem nunca se aduba o solo; e, se ambos estes processos forem aplicados, é provável que o trabalho ou o resultado sejam altamente compensadores.

Os gados vacum, lanígero, caprino e suíno podem criar-se em qualquer escala, e ninguém jamais lhes dá qualquer coisa para comer.

E estão sempre bem gordos e bonitos.

Criam-se aves de todas as espécies.

O melado, em qualquer quantidade que se queira, pode fabricar-se facilmente, pois, uma vez plantada a cana, esta crescerá sem dar trabalho algum.

E eu não sei porque o processo doméstico, empregado nos Estados Unidos para fazer açúcar de cana, não seja também aplicado aqui.

Agora eu afirmo, e isso sem hesitar, que duas ou três famílias, contando meia dúzia de homens e de rapazes diligentes e trabalhadores, e que possam trazer como capital umas 50 libras em ferramentas agrícolas, em três anos poderão achar-se de posse de tudo quanto referi acima.

Suponha-se ainda que possam acostumar-se com o pão de mandioca ou com farinha de milho.

Eles não terão necessidade, assim, exceção apenas do que se refere a vestuário, de comprar qualquer coisa mais.

Poderão ter com fartura carne de porco, de vaca, de carneiro e de galinha, ovos, manteiga, leite e queijo, café e cacau, melado, açúcar, deliciosíssimos peixes, tartarugas, ovos de tartaruga, carne de caça, numa grande variedade, para abastecer-lhes as mesas, e também verduras e legumes não lhes hão de faltar, bem como frutos, tanto os cultivados quanto os silvestres, em grande abundância e de uma qualidade que em parte alguma do nosso solo podemos produzir.

As laranjas e os limões, os figos e as uvas, os melões e as melancias, as jacas e anonas, os ananases ou abacaxis, os cajus e o mamões, são as frutas aqui mais comuns, enquanto os cocos de inúmeras palmeiras e outros frutos da floresta poderão fornecer deliciosíssimas bebidas, com as quais qualquer pessoa logo se acostuma muito bem.

E daí com o organismo bem nutrido, que bonitos jardins, com sombrias alamedas, não se poderão fazer aqui!

Quão fácil construir um viveiro natural de orquídeas, à sombra de um grupo de árvores da floresta, e colecionar assim as mais lindas espécies que se encontram nos seus arredores!

Que bonitas trepadeiras, aqui tão abundantes, não poderão servir para cobrir as árvores, ou, então, os muros e paredes da casa, pelas quais subirão!

Em toda a região do Amazonas, jamais foram tentadas coisas como a limpeza e a cultura da terra.

E eu imagino quanta beleza e quantas distrações não poderia assim ter a gente, para lhe compensar a existência na umbrosa monotonia das florestas!

*“England! My heart is truly thine, – my loved, my native earth!”*¹³⁰

Mas a simples idéia da boa existência, que se poderia levar aqui, livre de todos os cuidados dos negócios monetários e das importunações da civilização, fazem duvidar, por vezes, se não seria mais acerta-

130 “Ó Inglaterra, meu coração é teu por toda a vida,
– Minha terra natal e terra bem querida!”

do dizer-te adeus a ti, para sempre, e vir para cá, viver uma vida fácil e de abundância, no rio Negro.

Este rincão é superior a qualquer outra parte do Amazonas e talvez mesmo a qualquer outra parte do Brasil, pois tem um excelente clima, livre de prolongadas secas.

De fato, a variação das chuvas e da luz solar, aqui, em toda a roda do ano, é tão ampla, como na própria Inglaterra.

E são estes fatores que concorrem para a perene verdura.

Há partes de rio Negro onde a tartaruga e o peixe-boi e toda a sorte de peixes são muito abundantes, vantagens estas pelas quais muitos suportam os “carapanãs” do Solimões, as quais vantagens, entretanto, se podem ter aqui sem o flagelo dos insetos, bem como excelente clima, muito próprio para os propósitos da agricultura.

São tão raros, aqui, os produtos cultivados do solo, que tudo que aparece encontra logo venda pronta, por bons preços, não só na cidade da Barra, mas também entre os negociantes, que não têm tempo ou meios, para eles próprios os produzirem.

Fumo, café, melado, algodão, azeite, milho, ovos, galinhas, carne salgada, peixe e óleos de todas as espécies, queijo, manteiga, são produtos que se vendem sempre com a maior facilidade – pois a sua procura é invariavelmente maior do que a oferta – e, assim sendo, afora a compra de tecidos e de outros pequenos extras, que neste clima não passam de ninharias, todos os demais produtos poderão ser cultivados aqui para se auferir deles um grande lucro.

Para se conseguir isso, entretanto, é preciso ter alguma experiência e, além disso, fazer a necessária diligência.

De resto, nem uma décima parte de tudo que foi referido é necessário, para se levar aqui uma vida doméstica simples.

Por volta do meio-dia, deixamos este agradável lugar, prosseguindo, então, a viagem rio acima.

Íamos vagarosamente.

Um dos meus melhores índios caiu doente, atacado de febre, e estava sofrendo fortes acessos.

Outro índio, poucos dias depois, fora também atacado.

Era em vão tentar conseguir homens para me ajudar no resto da viagem, em qualquer sítio ou aldeia, por onde passávamos.

Nem mesmo oferecendo salários maiores, induzia-os eu a que deixassem as suas casas.

Todos tinham uma desculpa qualquer, de ocupação ou de doença.

Desta sorte, fomos forçados a arrastar-nos rio acima, da melhor maneira que pudéssemos.

Dali a dois dias, abaixo das cachoeiras, comprei uma pequena canoa, de um negociante português, a fim de poder subir o rio Uaupés.

Passei para ela as minhas bagagens, fazendo voltar a outra minha juntamente com a do Sr. Lima.

Em Camanaú, consegui, com muita dificuldade e algum atraso, arranjar um piloto e outro índio, os quais deveriam ir comigo até São-Gabriel.

Após outra demora de um dia, encontrei dois índios, que aceitaram a minha proposta e combinaram comigo acompanhar-me até São-Joaquim.

Depois de umas três ou quatro horas, além do prazo que havíamos combinado para a espera deles, verifiquei, então, que haviam fugido do sítio, onde tínhamos parado àquela noite.

Estes índios haviam sido pagos antecipadamente, com salários dobrados, para a viagem toda.

Ali, contudo, ainda tive a boa sorte de conseguir arranjar mais três, em lugar dos outros dois malandros que haviam fugido.

Tendo mais outro dos meus índios também caído doente, éramos relativamente poucos homens, para passar com segurança os numerosos rápidos e rochedos, que obstruem o leito do rio.

De uma feita, encontramos, enrodilhada na praia, uma enorme *sucuruju*, a maior que eu até então havia visto.

Na minha pressa, ansioso, como estava, de capturá-la, para tirar-lhe o couro, carreguei bem a minha espingarda, e, avisando aos índios que não a deixassem escapar, fiz fogo.

Durante algum tempo, como atordoada pelo tiro, ela permanecera imóvel; porém, em seguida, começou a desenrolar-se, ficando com a cabeça pendida para baixo, no barranco do rio, em direção à água.

Evidentemente, ela estava bastante ferida, e quase não podia mover o corpo em terra.

Em vão gritei aos meus índios que a cercassem.

O piloto, uns tempos antes, fora rudemente mordido por uma daquelas cobras, e, por isso mesmo, estava com muito medo de aproximar-se dela.

Os homens, porém, ao invés de obedecer ao que eu lhes havia determinado, começaram logo a dar-lhes fortes pancadas, com grossas varas, o que fez com que a cobra apressasse a sua descida, barranco abaixo, para dentro da água, onde mergulhou em um lugar bastante fundo, atravancado de árvores mortas, o que lhe tornou impossível a captura.

Tão perto quanto pude calcular, tal cobra devia ter de 15 a 20 pés de comprimento, e era tão grossa como minha coxa.

Em São-Gabriel, vi também outra cobra, quando se achava adormecida sobre um rochedo; esta, porém, era uma das mais venenosas serpentes da América do Sul: a *surucucu* (*Lachesis mutus*).

Este ofídio é de uma cor parda, cor de terra, e lindamente malhado; tem dentes terríveis, dois de cada lado.

Dizem que a sua mordedura é incurável, e, por isso mesmo, essa cobra é muito temida.

Ao deixar São-Gabriel, sofri outros acessos de febre.

Quando cheguei a São-Joaquim, caí completamente prostrado pela febre.

Os meus índios aproveitaram essa boa oportunidade, para furtar-me uma regular quantidade de cachaça, que eu havia trazido especialmente para a conservação de peixes; e assim procederam com relação a tudo mais, que podiam encontrar ao seu alcance.

Logo após uma ligeira melhora, fiquei muito satisfeito por poder pagar-lhes os salários e, em seguida, dispensá-los.

Poucos dias depois, a febre diminuiu de violência, e eu então julguei que já estava dominada.

Tal, porém, não foi o caso.

Daí por diante, um dia sim, outra não, comecei a sentir uma grande depressão, e pouca vontade de andar.

E isto sempre sucedia em a noite em que sentia bastante febre.

Nessas ocasiões, eu não podia nem dormir.

Na noite seguinte, eu conseguia invariavelmente dormir bem, transpirava profusamente e, no dia imediato, então, eu podia andar e sentia mesmo algum apetite.

A fraqueza e a febre, entretanto, continuavam aumentando sempre mais, até que, afinal, caí outra vez, completamente prostrado, em minha rede; nada podia comer, de tão entorpecido e desalentado que estava.

O Sr. L., que era quem me atendia, já não esperava mais que eu pudesse sobreviver.

De tão fraco que ficara, eu não podia falar inteligivelmente, e não tinha mesmo nem força para escrever, ou para sequer me virar na rede.

Poucos dias depois disso, fui de novo atacado por outros fortíssimos acessos, que vinham regularmente, de dois em dois dias.

Fiz uso de quinino diariamente, todo esse tempo, sem ter obtido, entretanto, aparentemente qualquer melhora.

Afinal, depois de uns quinze dias, tais acessos foram diminuindo de intensidade, e eu fiquei sentindo muita extenuação e uma fraqueza excessiva.

Dalí a mais uns poucos dias, contudo, os acessos da febre repetiram-se, e começaram a vir então diariamente.

Estas freqüentes voltas dos acessos não foram de forma alguma agradáveis, porquanto, depois da crise febril, tinha eu fortíssima transpiração, que durava desde o meio-dia até à noite.

Depois disso, todavia, sobrevinha um sono tranqüilo.

E, nesse estado permaneci até começo de fevereiro, continuando a ter febre sempre.

Dia a dia, porém, foi diminuindo a sua intensidade.

Embora me voltasse o apetite e eu já pudesse comer frugalmente, ia recuperando as minhas forças tão lentamente, que era com dificuldade que podia ficar de pé ou caminhar ali em meu quarto.

Para isso conseguir, havia de ser apoiado em dois paus, que me serviam como uma espécie de muletas.

Afinal, a febre desapareceu.

Daí a uma semana mais, eu já podia caminhar melhor, apoiado numa bengala.

E, assim, pude ir até ao barranco do rio, e, entrando na canoa, fui até São-Gabriel, especialmente para fazer uma visita ao Sr. Spruce, que ainda se encontrava ali.

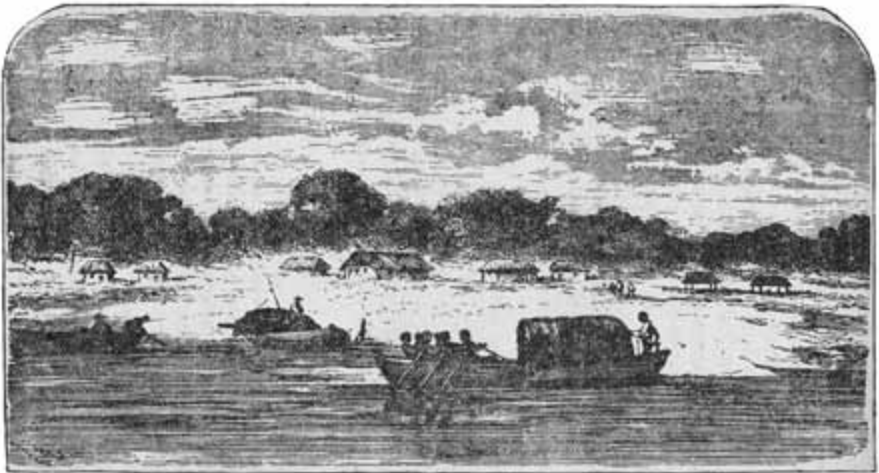
Pouco tempo antes, ele dali tinha vindo ver-me.

Em São-Gabriel, comprei vinho e biscoitos do comandante.

De lá voltei de novo para São-Joaquim.

Já estava principiando a estação das águas.

Contudo, resolvi, mesmo assim, seguir para o alto Uaupés, tão logo conseguisse arranjar os homens necessários e a minha canoa ficasse pronta para essa nova expedição.



Estampa IX – Uma aldeia de índios, no rio Negro

.....

Capítulo XII

As Cachoeiras do Uaupés

PARTIDA PARA O UAUPÉS – SÃO-JERÔNIMO E JAUARITÉ –
NUMEROSAS CACHOEIRAS – ALCANÇANDO CARURU – ACESSO
DIFÍCIL – MALOCA PINTADA – “MÚSICA-DO-DIABO” – OUTRAS
QUEDAS MAIS – O UCUQUI – ROCHAS CURIOSAS –
ALCANÇANDO UARUCAPURI – ÍNDIOS COBEÚS –
ALCANÇANDO MUCURA – A CASA DE UM ÍNDIO E SUA
FAMÍLIA – ALTITUDE ACIMA DO NÍVEL DO MAR – O TENENTE
JESUINO – VOLTANDO A UARUCAPURI – APRISIONANDO
ÍNDIOS – VIAGEM ATÉ JAUARITÉ – CORRIGINDO UM ENGANO
DE DATA – PARADA EM SÃO-JERÔNIMO

A FINAL, no dia 16 de fevereiro, dois meses e vinte e três dias após minha chegada a São-Joaquim, parti em demanda do Uaupés.

Eu estava tão fraco e tão abatido, que, para entrar na canoa ou sair dela, era com grande dificuldade; mas, mesmo assim, eu me sentia tão bem ali, como si estivesse em uma casa.

Como agora, de forma alguma, eu não queria retardar o meu regresso à pátria, resolvi fazer ainda esta viagem com o propósito exclusivo de adquirir mais alguns pássaros e animais vivos, para levá-los em minha volta.

Tinha comigo sete índios *uaupés*, que o Sr. L. havia trazido de São-Jerônimo, especialmente para o fim de me levarem rio acima.

Três outros, que já haviam recebido pagamento para a viagem, não me apareceram, embora soubessem muito bem que eu havia marcado a minha partida justamente para o dia em que devia realizar-se ali uma festa de peixe e de *caxiri*.

Antônio, o meu primitivo piloto de Barra, era um deles.

Encontrei-o, quando vinha ele do sítio para a aldeia, e peremptoriamente se recusou a acompanhar-me, a não ser que eu esperasse por ele alguns dias mais.

Propus-lhe levar comigo seu rapaz Macu João – em lugar dele, com a obrigação de ir e voltar, ficando assim pago o que ambos já me deviam.

Aceita por ele a minha proposta, iniciei muito contente a minha viagem. O Antônio era um índio muito “ladino” (isto é, astuto), como eles costumam dizer: sabia falar o português, e eu tinha forte suspeita de que ele não passava de um refinado ladrão; não tive pesar algum, por isso mesmo, de ficar sem a sua companhia.

No dia 21, sábado, à tarde, chegamos a São-Jerônimo, onde fui cordialmente recebido pelo Sr. Augustinho.

No dia seguinte, estive ocupado com o pagamento dos meus homens, e mandei chamar Bernardo, a fim de encarregá-lo de levar a minha canoa para cima das quedas e arranjar mais índios para a nossa viagem.

Na segunda-feira, quando ele chegou, dei-lhe o encargo de levar a minha canoa para cima; não segui, porém, com ele, pois na véspera a febre de novo me atacou, e aquele era o dia em que eu esperava ter novo acesso.

Em sua companhia, mandei os dois guardas, que eram os homens da minha confiança, os quais sabiam falar o português, para tomar conta da canoa e das mercadorias que se achavam nela, enquanto eu mesmo deveria ficar ali até ao dia seguinte.

À tarde, chegou, vindo de cima, um pequeno negociante, o qual estava muito bêbado, tendo um índio informado, então, ao Sr. Augustinho que ele se havia embriagado com a minha cachaça que os

homens, que eu havia trazido, e aos quais havia encarregado de tomar conta da minha bagagem, haviam aberto.

Isto, na verdade, foi por mim averiguado no dia seguinte, pois os cintos haviam sido rompidos e de novo rudemente colocados a fogo com um tição em brasa.

Tais homens eram índios semicivilizados, que vieram em minha companhia como caçadores e como intérpretes de outros índios, com o encargo ainda de tomar conta das minhas mercadorias, pagando-lhes eu, por isso, salários maiores.

Comiam comigo, não ajudavam os outros índios a remar, tendo sido para eles assaz forte a tentativa de ficar à vontade, sós, apenas um dia, junto de um garrafão de cachaça.

Tive de passar por cima de tudo isso, fingindo ignorar o ocorrido, pois, se eu procedesse de outra maneira, eles prontamente me deixariam ali, depois de pagos já de todos os seus salários, e eu é que ficaria impossibilitado de prosseguir a minha viagem.

Com o auxílio de Bernardo, consegui arranjar dez remeiros mais para a minha canoa, tendo pago à maior parte deles com machados, espelhos, canivetes e colares do meu sortimento.

E, assim, conseguimos navegar desembaraçadamente em demanda de Jaurité, onde chegamos na manhã de 28.

Eu estava ansioso por passar logo a cachoeira, porém a sua travessia foi penosa e demorada.

Além disso, fui obrigado a pagar dois índios, que resolveram não continuar mais a viagem, e tive de procurar outros que os substituíssem.

Os meus acessos de febre, antes de deixar eu a vila, foram muito fortes, e eu ainda me encontrava muito fraco e febril, quando tive de passar a cachoeira.

As cargas da cauda foram tiradas e conduzidas através da floresta a uma considerável distância, e, em seguida, arrastou-se a canoa para cima das quedas, o que foi uma grande dificuldade, que só se venceu à custa de muito trabalho.

Depois disso, reembarcamos, e foi então que Bernardo friamente me informou que não podia ir além, e isso após haver recebido o pagamento integral para toda a viagem.

Um seu irmão – disse-me ele – iria em seu lugar, e, quando eu voltasse, ele me pagaria a sua dívida.

Vi-me obrigado a aceitar esse alvitre, que me pareceu ainda a melhor solução; mas, logo após, verifiquei que seu irmão estava disposto a acompanhar-me somente até à cachoeira de Jacaré, sendo eu, por essa forma, enganado segunda vez.

Ao partir, dei por falta de João, ficando então sabendo que ele já nos havia deixado na vila, contando os guardas que ele dissera que havia combinado comigo ir só até ali.

Eles nada me falaram a esse respeito, se não agora, que já era demasiado tarde.

A dívida de Antônio ficou, por isso, sem liquidar, acrescida ainda de um canivete, que João me pediu e eu lho dei, na suposição de que, por esse meio, poderia acompanhar-me, mais satisfeito, na viagem.

O rio estava a tornar-se cada vez mais cheio de rochedos, mas a um grau tal, que mesmo a parte mais obstruída por eles, no rio Negro, era uma bagatela.

Todos os rochedos, que ora se vêem, são baixos, e ficam encobertos pelas águas, por ocasião das cheias, enquanto inúmeros outros ainda permanecem abaixo do nível atual e contra eles continuamente a nossa canoa estava a embater.

À tarde, passamos mais quatro quedas: *Uacu* (nome de uma fruta), *Uacará* (“garça”), *Mucura* (“gambá”) e *Japona* (“forno”).¹³¹

Em *Uacará* havia uma taba do mesmo nome, e em *Japona* outra, onde passámos a noite.

Conseguimos transpor todos esses rápidos, sem ter necessidade de descarregar a canoa; mas o de *Uacará* nos deu muito trabalho, acarretando-nos, além disso, atraso.

Na manhã seguinte, quando estávamos para partir, verificamos que outro índio havia desaparecido.

Para esse fim, durante a noite, ele se ocultara, e seria de todo inútil tentar procurá-lo, pois soubemos que havia voltado para a maloca de *Uacará*, onde ele pretendia ficar, no dia anterior, quando por ali passamos.

131 O correto, segundo Stradelli (ob. cit., pág. 457), é *Iapuna*, e não *Japona*.

Qualquer informação a seu respeito ser-nos-ia negada, enquanto ele ali ficaria bem escondido, não valendo a pena, por isso mesmo, mandar buscá-lo.

Era um dos que já haviam recebido pagamento integral, completando-se assim o terceiro que saía a dever-me.

Essas ocorrências não eram lá de bom augúrio para o começo da minha viagem.

Passamos, cedo ainda, pela cachoeira de *Taiacu* (“porco-do-mato”);¹³² e, em seguida, tivemos um bom trecho de águas tranquilas, até ao meio-dia, que foi quando alcançamos a cachoeira de *Umari* (nome de um fruto),¹³³ onde havia um sítio.

Ao jantar saboreamos um bonito *tucunaré*, que um velho, ali residente, me vendeu, e contratei-lhe o filho, pela tentação de um machado, para acompanhar-me na viagem.

Alçamos a canoa para cima da queda, sem a descarregar, o que raramente pode conseguir-se, exceto quando o rio está muito baixo, como sucede agora.

No resto do dia, tivemos águas mansas, e paramos em um rochedo, para preparar e jantar o pernoitar ali.

1º de março – Passamos pela cachoeira do *Macaco*, cedo ainda.

Os rochedos, nesta cachoeira, e particularmente perto da cachoeira de *Umari*, eram cheios de veios paralelos, dando-lhes o aspecto de estraficados e como se houvessem tido arremessados verticalmente, de baixo para cima; são de granito, semelhantes aos que já temos visto.

Alcançamos, em seguida, as cachoeiras *Irá* (“mel”) e *Bacaba* (uma palmeira), encontrando-se em ambas curiosas inscrições sobre os rochedos, tendo eu feito ali uma parada, especialmente para tirar uma cópia delas.

Na passagem do último rápido, tiramos a quilha falsa, que tive de pôr antes de partir, a fim de evitar, possíveis avarias do fundo da

132 No original, *Tyeassu*. *Taiacu*, designativo de queixada (*Dicotyles labiatus*) no tupi amazônico, também se aplica ao porco doméstico.

133 A grafia do autor, *Oomarié*, deixa bem claro que se trata do *umari* ou *omari*, fruto da *Geoffroya spinosa*.

canoa, na parte do centro, cujas tábuas estavam muito gastas e muito delgadas, em consequência do seu arrastamento sobre os rochedos, pelo seu primitivo proprietário.

Para isso, paramos em uma praia arenosa, descarregamos a canoa, e, depois de arrancada a referida quilha, tapamos cuidadosamente os buracos deixados pelos pregos, que foram logo firmemente obstruídos com pedaços de madeira.

No dia seguinte, passamos sucessivamente pelas cachoeiras *Arara-mirim* (arara pequena), *Tamacuaré* (lagarto),¹³⁴ *Periquito*, *Japú*¹³⁵ (um pássaro), *Arara*, *Tatu*, *Amara* (chuva), *Caméua* (?),¹³⁶ *Janti* (tartaruga), e, finalmente, cerca das três horas da tarde, chegamos à cachoeira de *Caruru* (planta aquática).

As cinco últimas, antes de chegarmos a *Caruru*, deram-nos excessivo trabalho para vencer.

A passagem fazia-se pelo meio do rio, rochedos, onde as águas se arremetiam furiosamente.

As quedas não tinham mais do que três ou quatro pés de altura, cada uma; mas puxar-se para cima uma canoa carregada contra as espumantes e encolerizadas águas de um rio grande e largo, era com grande dificuldade que se conseguia, disso se desobrigando doze índios, que tinham de permanecer na água até a altura do peito.

Era para admirar como podiam eles ficar contra a correnteza e, muito mais ainda, executar o necessário esforço para puxar a canoa.

Na cachoeira de *Arara*, fez-se a passagem sobre os rochedos secos, e, para estes propósito, foi necessário tirar todas as cargas da canoa.

Os índios, embora empregassem todos os seus esforços, não conseguiam suspender a pesada canoa para da escarpada e áspera subida do rochedo, que era o único atalho por onde se podia passar.

Tentaram-no repetidas vezes, inutilmente.

134 *Tamaquerié*, no original: mas é *Tamacuaré*, nome de um lagarto que serve de talismã ou puçanga entre os índios do Amazonas e que os selvagens do Uaupés também aplicam a uma constelação (a *Cassipéia*).

135 *Japú* (no original, *Japóó*) é o nosso *Ostinops cristatus*, também chamado vulgarmente *jaba*.

136 No original, “Camoá (?)”. *Caméua* ou *cambéua* é, segundo Stradelli (ob. cit., pág. 392), “casta de tartaruga fluvial, alguma coisa parecida com o taracajá”.

Nessa ocasião, estando eu já resolvido a mandar pedir auxílio em *Caruru*, por um velho que ali passava, em sua canoa, com aquele destino, ele próprio sugeriu que, se eu arranjasse uns cipós compridos (que servem de verdadeiros cabos nestes rios), poderíamos obter melhor resultado, puxando a canoa junto à margem, o que já tínhamos tentado, mas baldadamente.

De acordo com as suas instruções, assim fizemos, conseguindo, embora a custo de rudes esforços e muitas dificuldades, o nosso almejado intento – muito para minha satisfação, pois, se eu houvesse mandado buscar recursos em *Caruru*, teríamos tido uma grande demora.

O rio, desde Jaurité, pode-se dizer, tem uma largura média de cerca de um terço de milha; mas os seus arqueamentos e voltas são tão numerosos, em todos os seus rápidos e cachoeiras, e quase sempre neste lugares ele se espalha em tão fundas e largas baías, dividindo-se em numerosos canais, entre numerosos rochedos e ilhas, que, por vezes, a gente chega a pensar que as suas águas estão repentinamente fluindo para cima, em uma direção contrária àquela que antes estavam seguindo.

A própria cachoeira de *Caruru* é maior do que qualquer outra, que até então havíamos visto – arremetendo-se as águas violentamente por entre enormes rochedos e despenhando-se, em seguida, de uma altura talvez de 15 a 20 pés.

O único caminho para vencê-la é arrastar-se a canoa sobre os rochedos secos da margem, que estão a considerável altura acima do nível das águas, sendo muito escarpados, e, em alguns lugares, interrompidos por fendas ou degraus de dois a três pés de altura.

Foi necessário, ali, descarregar-se a canoa e colocá-la sobre varas e ramos cortados, que se dispunham ao longo do trajeto em que era arrastada, para evitar-se que o seu fundo fosse danificado pelo atrito sobre a rocha.

Para isso conseguir-se, foi necessário ainda mandar um mensageiro à aldeia, do outro lado do rio, especialmente para pedir ao *tuxana* que viesse com os seus homens em nosso auxílio.

Ele veio prontamente, com 11 índios, e imediatamente todos se puseram a empurrar e a puxar a canoa, o que era feito com cipós.

Mesmo assim, com os esforços conjugados de 25 homens, a canoa somente se deslocava passo a passo e com muita dificuldade.

Esse obstáculo, contudo, foi vencido, e dali então nos dirigimos para a aldeia, onde o *tuxana* nos arranhou uma casa.

A canoa, em certa parte do fundo, já estava tão estragada, que eu fiquei receoso de suceder algum acidente, na descida das cachoeiras, e, para prevenir um possível dano, resolvi ficar uns dois ou três dias, para tirar a parte estragada e pôr em seu lugar outra tábua bastante forte.

Entretanto, só agora notando que esta canoa era muitíssimo pesada para eu poder seguir mais longe, em minha viagem rio acima, onde não se consegue mesmo obter auxílio, e que são tão difíceis como a de *Caruru*, resolvi abrir negociações para a compra de uma *ubá* bem grande, do *tuxana*, o que obtive, antes de prosseguir, a troco de um machado, uma camisa, calças, dois facões e alguns colares.

Demoramo-nos ali cinco dias, devido à dificuldade de encontrar uma árvore de boa madeira e de suficiente grossura, da qual pudéssemos tirar uma tábua de 12 ou 14 polegadas de largura.

Fui forçado, afinal de contas, a contentar-me com duas estreitas tábuas, grosseiramente embutidas, para não ficar sujeito a maior delonga.

Havia ali uma grande maloca e considerável número de casas.

A parede da frente da maloca era toda pintada de círculos, feitos com riscos vermelhos, amarelos, brancos e pretos.

Nos rochedos do rio, encontra-se uma série de curiosas inscrições, das quais fiz um esquema.

Os índios dali eram da tribo dos *ananás*.

Comprei alguns dos seus curiosos ornatos de penas.

Trouxeram-me considerável quantidade de peixe e de mandioca, etc., para trocar por anzóis e colares vermelhos, que eram os artigos mais cobiçados, e dos quais eu tinha grande sortimento.

Pouco abaixo da cachoeira, o rio não tem mais do que 200 ou 300 jardas de largura, ao passo que, mais para cima, tem quase meia milha, com algumas ilhas bem grandes.

O grande pacu, de pele escura, muito abundante ali, bem como alguns outros peixes, das espécies pequenas, quase sempre nos

eram trazidos em quantidade bastante para obstar que nos socorrêssemos das galinhas, as quais os negociantes consideram o pior dos manjares que um homem pode ter para alimentar-se.

Tive ocasião de comer ali, pela primeira vez, a curiosa erva fluvial denominada *caruru*, que cresce nos rochedos: experimentamo-la como salada e também cozida com peixe; de qualquer maneira, é muito gostosa; e, quando cozida, muito se parece com espinafre.

Também vi e ouvi, pela primeira vez, o *jurupari*, ou “música-do-diabo” dos índios, naquela taba.

Uma tarde, os homens estavam a beber *caxiri*.

Um pouco antes do escurecer, ouvimos um som, como que de trombones e de baixos, vindo do rio, em direção à aldeia.

Algum tempo depois, surgiram oito índios, cada um dos quais tocava um instrumento parecido com o fagote.

Traziam quatro pares, de diferentes tamanhos, dos ditos instrumentos, com os quais faziam uma música selvagem, porém agradável.

Todos tocavam os seus instrumentos ao mesmo tempo, constituindo o conjunto um concerto tolerável; a melodia era simples, mas demonstrava assim mais gosto pela música do que até então havia eu notado entre os silvícolas.

Os ditos instrumentos são feitos de cascas de árvore, enroladas em espiral, e têm um bocal, feito também de folhas.

À noite, fui à maloca, onde encontrei dois velhos que estavam tocando os instrumentos maiores, movendo-os de maneira singular, verticalmente ou para os lados, movimentos esses acompanhados de correspondentes contorções do corpo.

E assim, durante longo tempo, estiveram tocando uma sofrível melodia e acompanhando um ao outro muito corretamente.

Desde o momento em que começa a música, mulher alguma, velha ou moça, poderá permanecer ali, pois isso faz parte das estranhas superstições dos índios *naupés*.

Considera-se tão perigoso ver a mulher um daqueles instrumentos, que, quando assim acontece, ela é punida com a morte; e a execução de tal pena é, geralmente, por meio de envenenamento.

Ainda que os tenha visto acidentalmente, basta que se suspeite haja visto a mulher, mesmo inadvertidamente, algum dos vedados instrumentos, não se lhe concede mercê, sendo ela inexoravelmente condenada à pena capital.

E dizem que os próprios pais têm sido os executores da morte de suas filhas ou os maridos os de suas próprias esposas, quando se dá tal caso.

Eu estava, de resto, ansioso para comprar algum daqueles instrumentos, aos quais tão curiosos costumes se ligam, e falei ao *tuxana* a esse respeito.

Ele prometeu vender-nos, mas quando eu regressasse, estipulando, porém, que deveriam ser embarcados a alguma distância da aldeia, para evitar-se o perigo de serem vistos pelas mulheres.

Na manhã da véspera de nossa partida, dois dos nossos índios, que haviam recebido pagamento antecipado, nos abandonaram.

Apoderaram-se de uma canoa e esconderam-se, durante a noite, deixando-me ali sem nenhum remédio; e a “chance” (ou risco) de vir eu a achá-los em suas casas no meu regresso, era nenhuma, pois que nada tinham com que pagar-me.

Os índios aqui têm poucos traços distintivos dos de mais abaixo.

As mulheres usam mais colares e pulseiras em torno do pescoço e do braços.

O lábio inferior é freqüentemente furado, para receber o ornato de três fileiras de colares brancos; como, porém, as diferentes nações estão ali muito misturadas pelos mútuos casamentos, este costume provavelmente deriva dos índios *tucanos*.

Algumas mulheres e crianças usam duas ligas nas pernas, uma para cima do joelho e outra abaixo do tornozelo, ambas muito apertadas, de sorte que a barriga da perna entumece extraordinariamente.

Isso, porém, é considerado por elas como uma grande beleza.

Os homens, pela maior parte, já foram até Barra-do-Rio-Negro, acompanhando alguns negociantes, e daí o motivo de usarem cabelo cortado curto, como fazem os cristãos.

Isso talvez seja devido também à influência do último *tuxana*, que foi “um homem muito civilizado”.

Após uma demora de quatro dias, conseguimos, afinal, partir, levando um suprimento, relativamente pequeno, de índios, para ajudar-nos a passar várias cachoeiras, que se sucedem e ficam muito próximas umas das outras.

Denominam-se *Peréua* (ferida), *Uacurau* (mocho), *Maniurara* (formiga branca), *Matapi* (armadilha de pesca), *Amana* (chuva), *Tapiracanga* (cabeça de anta), *Tapira-iuru* (boca de anta) e *Jacaré*.¹³⁷

Três dessas cachoeiras foram muito ruins de transpor, tendo sido necessário descarregar totalmente a canoa e, em seguida, arrastá-la sobre os rochedos, que eram muito acidentados nas margens.

De todas elas a mais alta é a última, a cachoeira do *Jacaré*.

As águas rugem furiosamente ali e precipitam-se de alcantilados rochedos de uma altura de cerca de 20 pés.

Carregar e descarregar a canoa três ou quatro vezes por dia, no curso de uma viagem, é grande aborrecimento, gastando-se com isto muitas horas.

Os cestos de farinha e de sal derramam-se, os bolos de farinha e as pacovas espalham-se pelo chão; e, muitas vezes, acontece quebrarem-se as panelas.

E, quando sobrevém subitamente um aguaceiro, tudo isso tem que ser amontoado às pressas e na maior confusão; cortam-se, sem demora, algumas folhas de palmeiras, e com elas se cobrem os gêneros que não podem molhar-se.

Disto, porém, não escapam, embora se tenha toda a precaução, as malas, redes e muitos outros objetos, na hora em que são de novo levados para a canoa, o que muito nos desagradava, pois que eram atirados com toda a brutalidade para dentro da embarcação.

137 Damos as formas corretas, em lugar das grafias erradas do original: *Piroua*, *Maniurara*, *Tapiracunga* e *Tapira-eura*. O *uacuráua* do tupi amazônico corresponde ao caprimúlgide que tem o nome de *bacurau* no tupi da costa. *Maniurara* é uma espécie de saúva, mas de cor branca, a qual constitui um dos petiscos dos selvagens do nosso rio-mar, qual se lê em Stradelli, ob. cit., pág. 513. *Matapi*, conforme esse mesmo escritor (pág. 518), é “armadilha, que costuma ser posta nos igarapés, com a boca virada para a correnteza”, a fim de pegar peixes. No tupi amazônico, *acanga* e *iuru* (*juru*, no *nbeengatu*) significam, respectivamente, “cabeça” e “boca”, o que nos levou a corrigir as denominações dadas pelo autor às duas penúltimas cachoeiras.

Os pássaros ou insetos, que estavam a secar, caíam ou eram arrebatados pelo vento, ou então se molhavam com a chuva, tendo a mesma sorte os meus livros de notas e todos os meus papéis.

Os objetos, que eram guardados em malas e caixas, exceto quando podiam ser arrumados com bastante aperto, deslocavam-se de seus lugares, em consequência das sacudidelas que sofriam, quando eram transportados, ou, então, se enrugavam ou machucavam.

E tudo isso servia como excelente lição de paciência, que eu tinha de suportar com filosófica serenidade.

Com um dia de viagem, conseguimos passar todas as cachoeiras já referidas.

À noite, dormimos em uma praia de pedra, onde havia um pequeno rápido e uma casa: esta, porém, estava na ocasião sem moradores.

No dia 8 navegamos em águas toleravelmente tranqüilas, tendo passado somente por dois pequenos rápidos, chamados *Tainba* (“criança”) ¹³⁸ e *Periquito*.

No dia 9, pela manhã, alcançamos a cachoeira denominada *Pacu*, e dali por diante, embora o rio corresse em leito rochoso, tivemos bom trecho de águas tranqüilas, até de tarde, quando então passamos as cachoeiras *Macucu* (nome de uma árvore), ¹³⁹ *Ananás* e *Uacu* (uma fruta).

Todas essas cachoeiras foram ruins de transpor, encontrando-se muitas dificuldades a vencer.

Quando saímos de *Caruru*, as nossas provisões de farinha já se achavam bastante reduzidas; e, como não havia nenhum jeito para comprá-la, pois não vimos nenhum sítio habitado, os nossos índios tiveram de sujeitar-se a pequenas rações de *beiju*, ¹⁴⁰ que haviam trazido para a viagem.

138 No original, *Taiena*; mas o correto é *Tainba*, como se pode ver em Stradelli, ob. cit., pág. 163.

139 Árvore que dá tinta. É o *Ilex macucua*, de que trata Stredelli, ob. cit., págs. 508-509.

140 O autor preferiu o vocábulo *nbeengatu*, *beiju* ou *mbeju*, aos do tupi amazônico, que são *mbeiu* ou *meiu*.

De um índio, que por ali passava, comprei um cesto de *ucuquis*^{140-a} e alguns peixes.

O *ucuqui* é um fruto grande, do formato de uma pêra, tendo uma casca externa muito dura e muito grossa, de textura de madeira, que envolve uma polpa delicada sendo esta muito doce, mas em pequena quantidade, ficando aderida a um grande caroço, de formato oval, envolvendo-o inteiramente.

A sua polpa é muito doce, mas é tão picante que chega a produzir feridas na boca e na garganta, quando a gente come mais de duas ou três.

Contudo, fermentando-se as frutas, o seu sumo perde esta propriedade, e delas se faz, misturando-se-lhes tapioca, um mingau que, é de gosto muito agradável e altamente estimado no rio Negro, onde tais frutas são muito abundantes.

São necessários, no mínimo, dois salamins de frutas para se fazer uma pequena panela de mingau.

No dia seguinte, 10, à tarde, os índios, todos inesperadamente, atiraram-se à água, e nadando e mergulhando como lontras em direção à praia, logo que ganharam esta, internaram-se na floresta.

– “O *ucuqui*?” – foi a resposta às minhas perguntas sobre a causa do seu súbito desaparecimento.

Eu, então, logo após, verifiquei que eles tinham visto um ucuquizeiro, e, lá foram apanhar-lhe os frutos, para satisfazer os seus ardentes desejos de comê-los, pois parece que a boca e a goela de um índio são invulneráveis aos efeitos de todas essas substâncias escarificantes, que tão fortemente agem sobre a mucosa da boca do homem civilizado.

A árvore é uma das mais altas da floresta e os seus frutos, quando maduros, caem, porém não se estragam logo, por causa de sua duríssima casca, que disso os preserva.

Os índios encheram com aqueles frutos alguns cestos, até as calças e as camisas, trazendo-os e despejando-os em seguida na canoa.

140-a O autor escreve sempre *ocoki*; mas a essa grafia preferimos a de *ucuqui*, tirada da de *ucuki*, que é a adotada por Stradelli (ob. cit., pág. 699). Deve ser o nosso *caqui*.

Determinei que cada um deles me trouxesse um pequeno cesto e, dessa maneira, por três dias seguidos, tivemos, pela manhã, o mingau de *ucuqui*.

Os rochedos de *Caruru* têm um aspecto de escória, como se o granito houvesse sido derretido.

Algumas vezes, formam-se conglomerados de fragmentos derretidos; outras vezes, uma rocha lisa, com a sua superfície muito brilhante, de aparência melosa.

Em alguns lugares, vêem-se enterrados fragmentos de uma rocha de finíssima grã, parecendo areia, tendo numerosos veios e canais, que se cruzam uns com os outros, em três ou quatro ordens; essas rochas são tão partidas e fendidas verticalmente, que parecem ter sido estratificadas e amontoadas ali.

As formas arredondadas e arranjos concêntricos, que se observam nas rochas do rio Negro, são constantemente encontrados aqui.

Os interstícios das massas arredondadas e angulares da rocha são, em alguns lugares, preenchidos por uma substância curiosa, de origem vulcânica, que exteriormente se assemelha ao piche, mas que consiste em escórias, areia e argila, cimentando-os diversamente.

No dia 10, passamos pelas cachoeiras de *Tapioca*, *Tucano*, *Tucunará* (um peixe), *Uaracu-pinima* (um peixe)¹⁴¹ e *Taiacu* (“porco-do-mato”).

A primeira foi muito ruim e tão difícil quão perigosa para se passar.

Ela consiste em várias quedas distintas, entre imensos blocos de rochedo.

Em certo lugar, a canoa ficou parada, completamente imobilizada, no meio daquelas águas espumantes, bem perto da queda, durante cerca de uma hora, não obstante todos os esforços empregados pelos índios, que não conseguiam tirá-la dali, de jeito algum.

Eles bem que empregavam todos os seus esforços, empurrando-a para um lado e para outro, mas sem resultado algum.

141 No original, *Uaracu-pinimi*; mas o correto é *pinima*, que quer dizer “pintado”, nome português dado ali ao dito peixe.

Eu já estava começando a ficar desesperado, receoso de não poder sair daquela difícil situação, antes de chegar a noite.

Afinal de contas, inesperadamente, a canoa se moveu para a frente, e isso parecendo ter sido realizado com um esforço menor do que o anteriormente empregado em vão.

É que os índios eram de várias nações, e, como tinham uma linguagem comum, isso tornava impossível fazê-los agir de combinação, obedecendo a uma ordem determinada.

E foi provavelmente devido a um golpe de sorte que eles combinaram os seus esforços, livrando-nos, assim, da desagradabilíssima situação em que nos encontrávamos.

Naquele salto, encontram-se sobre os rochedos numerosos desenhos ou inscrições, dos quais fiz uma cópia.

A esse tempo, eu já tinha uma grande coleção de inscrições.

As três quedas seguintes eram pequenos rápidos, mas a última, que alcançamos já bem de tardezinha, era respeitável.

O rio faz ali uma volta brusca e entra num canal muito estreito, que é uma confusa massa de rochedos de todos os tamanhos e feitios, os quais se amontoam uns sobre os outros, acumulando-se na maior confusão.

Todos os rochedos, que aparecem acima da marca deixada pelas mais altas enchentes, são cobertos de vegetação, e, por entre eles, o rio se arremete espumante, tornando, por esse modo, a tarefa do piloto uma dificuldade grande e pouco comum a ser vencida.

Já estava justamente principiando a escurecer, quando nós nos safamos daquela tenebrosa abertura, ganhando, em seguida, uma parte mais larga e mais alegre do rio.

No dia 11, alcançamos *Uarucapuri*, onde havia uma aldeia e várias malocas de índios; a primeira, em que entramos, era habitada por gente da nação *cobeú*.

Havia ali cerca de 12 homens bastante robustos, com as pernas e os braços muito limpos e bem pintados, ornados também de braceletes e de colares, tendo os buracos das orelhas tapados com um pedaço de madeira do tamanho de uma rolha comum, na ponta da qual ficava colado um pedaço de porcelana, de superfície muito clara e muito brilhante.

Nessa ocasião, combinamos com esses homens para que nos ajudassem a passar a canoa para cima das quedas; e, depois, fizemos um passeio pela aldeia.

Meu amigo, o Sr. Chagas, estava ali.

Com ele almocei, saboreando uma excelente piraíba, sendo este o primeiro peixe que comi, depois de minha doença.

Com alguma dificuldade, consegui comprar dois ou três cestos de farinha.

Eu já andava ansioso por chegar ao fim da minha expedição, cuja parte derradeira estava, agora, muito perto de vencer.

Cerca do meio-dia, continuamos a viagem.

O piloto e seu filho resolveram deixar-nos ali, e, assim, ficamos com seis remadores somente, porém da aldeia quatro ou cinco homens mais nos acompanharam, para ajudar-nos a passar as cachoeiras restantes, que já estavam também muito perto.

Ainda não longe da aldeia, passamos pelas cachoeiras *Cururu* (“sapo”) e *Murucututu* (“coruja”),¹⁴² sendo ambas algo um tanto ruins para transpor.

Logo após chegamos à de *Uacurana* (um mocho), a última das grandes quedas deste rio, situada abaixo da cachoeira de *Jurupari* que fica ainda muitos dias de viagem, águas acima.

Na cachoeira de *Uacurana*, o rio precipita-se de uma rocha quase vertical, de 10 pés de altura, sendo, porém, interrompida em alguns lugares.

Foi necessário descarregar a canoa completamente e, em seguida, arrastá-la sobre os rochedos da margem da cachoeira, o que conseguimos levar a efeito com grandes esforços.

Para mais acrescer o nosso desconforto, enquanto estávamos passando por essa cachoeira, desabou um forte aguaceiro.

Os índios, como de costume, tinham posto no chão, confusamente, todas as cargas que trazíamos, de sorte que foi necessário

142 Dessa pequena *Strix* amazônica diz Stradelli (ob. cit., pág. 559) o seguinte: “Parece ser considerada como a mãe do sono. Nas cantigas das amas indígenas, o *murucututu* é invocado para dar o seu sono às crianças que custam a dormir.”

cobri-las, o que se fez desordenadamente, com esteiras e folhas de palmeiras, até que passasse a chuva, a qual, felizmente, foi uma das pouco demoradas.

Carregando de novo a canoa, prosseguimos a viagem, passando ainda três pequenos rápidos, denominados *Tatu*, *Ucuqui* (uma fruta) e *Piranterá* (um peixe).

Os índios de *Uarucapuri* deixaram-nos aqui, regressando à sua aldeia, tendo recebido pelos seus serviços o respetivo pagamento em anzóis e farpas de ferro para flechas.

Dali por diante, tivemos somente águas mansas.

À tarde, passamos por uma taba, onde um dos índios desejou ir à terra, para ver ali os seus amigos.

Como nós não desejávamos parar, resolveu ele desistir de acompanhar-nos: desembarcou ali, e dele nunca mais tivemos notícia.

Na manhã seguinte, cedo ainda, alcançamos *Mucura*, onde dois jovens brasileiros, que já havíamos encontrado mais abaixo, estavam residindo, e ali faziam comércio de salsaparrilha.

Eu havia atingido agora a região das tartarugas pintadas e do “gavião-de-penacho” branco.

Resolvi, demorar ali, no mínimo, quinze dias, especialmente para obter alguns espécimens daquelas raridades, que já desde muito tempo eu desejava adquirir.

Os Srs. Nicolau e Belarmino haviam saído de viagem, e as suas pequenas choupanas, cobertas de folhas de palmeira, não serviam para a minha acomodação.

A única casa a mais, que existia ali, era uma cubata de índios, feita também inteiramente de “palha”.

Combinei com o proprietário desta última ceder-me metade dela, dando-lhe eu em pagamento um canivete e um espelho, com os quais ficou deveras contente.

Limparamos e varremos logo a parte da casa, que deveríamos ocupar; descarregamos as nossas bagagens, e para lá as transportamos, instalando-nos ali da melhor maneira possível.

Depois disso, mandei os meus guardas a uma taba onde se dizia haver muitos índios, para indagar se eles dispunham de alguma farinha e

de pacovas para vender-nos, e, ao mesmo tempo, participar-lhes que eu desejava comprar pássaros, peixes ou outros animais, que pudessem arranjar-me.

Todos os homens de lá estiveram fora, durante o dia; à tarde, porém, vieram, em numeroso grupo, para ver o “branco”, fazendo uma verdadeira investida aos meus anzóis e colares.

Trouxeram-me peixes, pacovas, farinha e bolos de mandioca, e, a troco de cada um ou dois desses artigos meus, recebia eu um dos seus.

Eu já havia resolvido dar a minha expedição por finda aqui, porquanto não achava mais plausível gastar ainda outra semana de viagem rio acima, somente para ver a cachoeira de *Jucupari* – desperdiçando assim o pouco tempo de que dispunha para descansar, antes de começar a minha viagem de volta.

Havíamos feito, até agora, uma viagem muito favorável, sem qualquer acidente de monta, subindo um rio quase intransponível em virtude dos perigos e dificuldades de sua navegação.

Entre grandes e pequenas, havíamos passado 50 cachoeiras.

Algumas eram meros rápidos, outras eram furiosas cataratas, algumas destas quase a prumo.

Cerca de 20 eram rápidos, para cima dos quais passamos com o auxílio de longos cipós, que se prendiam à canoa, ao invés de cordas, conseguindo assim puxá-la com alguma dificuldade, junto da margem do rio.

Cerca de 18 eram ruins e perigosas, tendo sido necessário descarregar a canoa parcialmente, quando assim era possível, e os meus índios, algumas vezes com a ajuda de outros que arranjávamos, empregavam todos os seus esforços para fazê-la ganhar o alto da queda.

As outras 12, entretanto, eram tão altas e tão furiosas, que foi preciso descarregar a canoa completamente e arrastá-la sobre os desnudados rochedos que eram, por vezes, muito alcantilados, e quase sempre com dificuldade e que conseguíamos passá-la para cima da margem da cachoeira.

Em *Caruru*, como já referi, 24 homens com grande dificuldade puderam puxar a canoa descarregada sobre o rochedo, embora, para

atenuar as asperezas deste, se colocassem muitos ramos e ervas, sobre os quais a canoa deslizava, e, ao mesmo tempo, assim se podia evitar que ela se danificasse, se arrastada sobre a rocha nua.

Essa foi a razão que me fez comprar uma pequena *ubá* do *tuxana*, para poder continuar a minha viagem; e foi muito acertada essa resolução, pois, do contrário, eu teria de retroceder, e não alcançaria a localidade, a que, afinal, ainda pude chegar.

No dia seguinte, 13, empreguei o tempo disponível desenhando algumas novas espécies de peixes, que me foram trazidos na véspera, à tarde.

Os meus índios saíram para caçar e nada me trouxeram de volta a não ser um gavião comum.

À noite o pai e um irmão do índio, de quem eu havia alugado a metade da casa, ali chegaram, acompanhados das respectivas mulheres e filhos.

Desse modo, com os meus seis índios e os dois caçadores, a casa encheu-se de gente, e haveríamos de ficar num grande aperto; alguns dos meus índios, contudo, foram dormir em outro rancho e nós então nos acomodamos da melhor maneira possível.

As mulheres do índio mais velho e dos dois filhos do mesmo estavam completamente nuas, porém pareciam quase inconscientes disso.

A velha vestia apenas uma saia ou “saio”, que, de quando em quando, procurava ajeitar melhor ao corpo; mas, depois que assim fazia, parecia ficar tão envergonhada como uma mulher civilizada houvesse de ficar se lhe fossem tiradas as vestes, tal e tão poderoso é o efeito da educação e do hábito.

Tendo-me informado o Sr. Chagas que havia um excelente caçador no Codiari, rio que vem da direção setentrional e que faz barra pouco acima de Mucura, mandei Filipe, um dos meus guardas, ir até lá, com o propósito de contratá-lo para o meu serviço e também de comprar todos os pássaros e outros animais vivos que encontrasse por lá.

No dia seguinte já estava ele de volta, trazendo-me um “macaco barrigudo” (*Lagothrix Humboldtii*) e dois papagaios.

Quase que diariamente tinha eu uma ou duas espécies novas de peixes para desenhar: de pássaros e insetos, só muito raramente.

Naquele dia, chegou o Sr. Nicoláu.

Quando aportei a Mucura, disseram-me que ele tinha uma “tartaruga pintada”, com a qual ia presentear-me, porém que ele próprio desejava entregar-me, no dia em que para ali voltasse.

Em vista disso, não quis eu intrometer-me em tal negócio, antes do retorno dele.

Os meus índios tiveram ocasião de vê-la num “curral”, feito em um córrego que passava próximo da casa dele.

Quando ele chegou, logo mandou buscá-la; porém, nessa ocasião, verificou-se que ela havia fugido.

No dia anterior, ainda fora vista naquele cercado.

Perdi, assim, talvez, a única oportunidade que tive para obter e, provavelmente, para desenhar e descrever, o que muito desejava efetuar, uma tartaruga fluvial da espécie referida.

O tempo da desova já havia passado, e, depois disso, elas retiraram-se para os lagos, sendo, então, raramente vistas e dificilmente podendo ser capturadas.

Como os meus índios nada estivessem fazendo aqui, mandei três deles, sob a chefia de Sebastião, ao Codiari, com colares, anzóis, espelhos, etc., para comprar macacos, papagaios ou qualquer outra coisa que fossem encontrando no trajeto, e também alguma farinha de que eu não queria ficar privado outra vez.

Despachei-os com instruções para só demorar 5 ou 6 dias, ordenando-lhes que fossem até ao último sítio e comprassem tudo quanto “conviesse aos meus propósitos.

Dois dias depois, porém, regressaram, não tendo passado do lugar onde Filipe já tinha estado, contando-me Sebastião que os seus companheiros não quiseram ir além.

Ele, entretanto, trouxe-me alguns papagaios e pequenas aves, arcos e penas de pássaros, e farinha em tal quantidade, que quase não podia caber na minha canoa; e tudo adquirido muito caro, a julgar pela sobra dos artigos, que ele levava para as compras.

Estando eu, agora, numa parte do país aonde antes nenhum viajante europeu havia atingido, lamentei profundamente a falta de ins-

trumentos adequados para a determinação dos seus graus, de latitude e longitude, bem como da sua altitude acima do nível do mar.

Para as duas últimas, não pude de forma alguma conseguir quaisquer determinações, pois o meu termômetro de ponto de ebulição da água quebrou-se, e outro menor, que eu também trazia, perdeu-se em viagem.

E, muito a meu pesar, não pude preencher a falta, quer de um, quer de outro.

Uma vez, pensei em fechar uma garrafa cheia de ar, para, depois, determinar-lhe com toda a precisão o peso, pois assim poderia eu ficar conhecendo a densidade do ar, e dela, conseqüentemente, deduzir a altura a que a coluna barométrica deveria atingir.

Mas também pensei que, além disso dar somente um resultado igual ao de uma simples observação barométrica, seriam insuperáveis as dificuldades para fechar a botelha de ar, porque, se eu empregasse o lacre ou piche, mesmo que a garrafa ficasse hermeticamente fechada, eu teria necessidade de empregar o fogo, e, no momento em que este fosse aplicado, o ar contido naquele recipiente haveria de rarefazer-se, acarretando resultados bastante errôneos para tão delicada operação.

Pelas minhas observações, entretanto, as alturas das quedas, por que passamos, dão uma soma aproximada de 250 pés.

Se a esse resultado adicionarmos mais 50 pés para a inclinação do rio entre as quedas, teremos então 300 pés para a altura provável do ponto que alcancei, acima de Barra.

Ora, como eu acredito, com boas razões, que este último não está a mais de 500 pés acima do nível do mar, teremos assim 800 pés para o limite provável da altitude, acima do nível do mar, do ponto a que eu pude atingir.

O seu valor exato, contudo, para ser determinado com a desejada precisão, só se conseguirá com uma série de observações dos pontos de ebulição e das alturas barométricas.

Achar a altura acima da última grande queda e determinar o verdadeiro curso deste rio, bem como as suas cabeceiras, são tarefas que não compensam os perigos e as despesas da viagem.

Dizem encontrar-se acima daqui, a cerca de uma semana de viagem, a cachoeira de *Jurupari*, a qual é mais alta do que qualquer outra das que ficam para cá.

Além dela, não se encontra nenhuma outra queda, e isso é assegurado pelos negociantes, que têm viajado 10 ou 15 dias rio acima.

Acrescentam eles que o rio ainda se conserva tão largo ou mais largo, lá, do que cá para baixo; que as suas águas são tão claras ou tão barrentas, como as do Solimões; que muitas árvores, pássaros e peixes, característicos do Solimões, também se encontram lá; que os índios têm facas, ponchos e moedas espanholas; e relatam ainda que, mais para cima, existem extensos “campos”, onde se cria gado e os homens andam a cavalo.

Todas essas interessantes particularidades parecem comprovar que o rio tem as suas cabeceiras em grandes planos, que se estendem até à base dos Andes, e onde as cabeceiras do Guaviare estão locadas na maior parte dos mapas.

Este último rio, segundo as informações que obtive, é muito menor e tem um curso muito mais curto.

Tendo comigo somente um sextante portátil para trabalhos topográficos, sem nenhum outro meio para fazer visadas de dois objetos muito diferentes em brilho, tratei de obter somente a latitude tão precisamente quanto possível, primeiro pela distância zenital, ao meio-dia, obtida por um fio a prumo e a imagem do sol formada por uma lente de cerca de 15 polegadas de foco, e, em seguida, pela altitude meridiana de uma estrela, que eu obtive em uma noite calma, por meio de reflexão em uma cuia de água.

Tomei todas as precauções possíveis para conseguir um resultado bastante seguro, e acredito, com muito boas razões, que a média de duas observações não tenha uma diferença de mais do que 2 ou 3 minutos da latitude verdadeira.

Minhas esperanças de obter pássaros raros e curiosos desvaneceram-se completamente.

O meu caçador e o Sr. Nicolau mataram alguns “gaviões-de-penacho”, mas das espécies do rio Negro.

Quanto ao “gavião-de-penacho” branco, as informações, que ali pude obter, eram muito contraditórias: muitas pessoas nada sabiam a respeito de tal pássaro; outras diziam que só algumas vezes ou raramente o viam; de modo que estou inclinado a pensar que ele não passa de uma variedade branca, como sucede com os melros e pardais da minha pátria, e como acontece também aqui com os mutuns e os agutis.

Outro pássaro do qual há longo tempo estava eu desejoso de obter espécimes, “o anambé-de-catinga”, uma espécie de *Cayanurus*, foi morto aqui, e pela primeira vez o vi.

Antes de meu regresso, eu obtive ainda mais quatro ou cinco espécimes, não só deste último, como também de alguma das espécies mais comuns, os quais têm penas pretas na cabeça.

Obtive ainda mais um ou dois pássaros pequenos, que eram de espécies que eu ainda não conhecia.

Esses pássaros, duas ou três raras espécies de borboletas e cerca de uma dúzia de outras espécies desconhecidas de peixes, compreendem toda a minha coleção de história natural, feita neste remoto e ainda não perlustrado rincão.

Tal deficiência, em parte, foi devida à minha desastrada e desconhecida doença, pois os pássaros aqui são em grande variedade e são abundantemente encontrados, porém o tempo melhor para encontrá-los, que é o tempo das frutas, já havia passado.

Os peixes e tartarugas eram também abundantes, quando comecei a viagem, na subida das quedas do rio, dois meses atrás.

E, durante, esse período, que constitui o mais curto verão desta zona, enquanto eu jazia quase morto em São-Joaquim, os insetos deveriam ser, sem dúvida, mais numerosos aqui.

Como, porém, não havia agora mais remédio, contentei-me com o pouco que pude obter, e tratei, afinal, de completar a minha coleção de armas, utensílios e ornatos indígenas.

Os índios daqui eram, na sua maioria, da tribo dos *cobeús*.

Comprei deles uns ornatos e tecidos característicos, para adicioná-los à minha coleção.

Também tirei proveito da visita que me fez um *tuxana* ou chefe, que conhecia bem a língua geral, obtendo um vocabulário do seu idioma.

Quando eu estava justamente para fazer a minha viagem de retorno, recebi uma notificação do Sr. Chagas, requisitando-me, em nome do tenente Jesuino, o empréstimo de minha canoa, para eles subirem o rio até muito acima. Como fosse muito incerto o tempo que poderiam demorar naquelas paragens, fui obrigado a recusar-lhes a minha embarcação.

O dito tenente, um mestiço ignorante, fora encarregado pelo novo governo do Rio Negro de levar todos os *tuxanas* ou chefes das margens dos rios Uaupés e Içana, até Barra, para lá receberem patentes e presentes.

Um índio, a mandado deles, havia chegado à cachoeira de *Caruru* e desejou comprar a *ubá* do *tuxana*, depois que eu já a havia comprado e pago e já ter tomado posse dela.

Mesmo assim, ele teve a petulância de exigir que eu a restituísse ao *tuxana*, para poder comprá-la ou pedi-la emprestada.

Minha recusa peremptória, de resto, foi motivo bastante para o dito tenente se julgar ofendido.

A 25, depois de uma estada de 15 dias ali, deixei Mucura, muito desapontado com relação às coleções que havia feito naquela aldeia.

No mesmo dia, eu alcancei Uarucapuri, donde não pude prosseguir sem um piloto, pois as quedas, dali para baixo, eram muito perigosas.

Difícilmente se encontrava nas aldeias um homem, por haverem os Srs. Jesuíno e Chagas conduzido todos rio acima, para ajudá-los em um ataque que ia ser levado a efeito a uma tribo, a dos *carapanás*, dos quais pretendiam tomar um lote de mulheres.

Também difficilmente se encontrava alguma coisa que servisse para comer; não se pegava peixe algum, embora eu mandasse ao rio, diariamente, os meus índios, e as galinhas, apesar de abundantes, aqueles que delas estavam tomando conta não no-las queriam vender, alegando estarem ausentes os donos.

Afinal, quatro dias depois, consegui persuadir a seguir comigo, como piloto, o filho do tuxaua, que não resistiu à tentação dos canivetes, colares e espelhos, que eu esparramei defronte dele.

Difícilmente consegui colecionar alguma coisa mais naquele lugar, a não ser um simples espécimen do belo e raro beija-flor, de pescoço cor de topázio (*Trochilus pyra*), e uma nova espécie de borboleta, do gênero *Callithea*.

Ouvi dizer que aqui se encontra a linda *Jacana*¹⁴³ brônzea, mas os meus caçadores a procuraram baldadamente.

Na manhã seguinte à da nossa partida, vimos um bonito veado em um banco de areia, do qual nos estávamos aproximando; e eu, então, mandei que Manuel entrasse no mato para cercá-lo, enquanto permancíamos muito quietos na canoa; depois de caminhar pela praia algum tempo, ele entrou na água para atravessar o rio, saindo nós, logo, em perseguição dele; e, não obstante as suas reviravoltas e mergulhos, para escapar, o pobre animal apenas veio à tona, foi imediatamente abatido por uma pancada na cabeça sendo dali alçado para a canoa.

Prosseguimos a viagem, e os índios ficaram contentíssimos, regozijando-se pela certeza de terem carne para um ou dois dias; eu muito sinceramente me associei à alegria deles.

Na cachoeira *Tapioca*, estivemos parados duas horas, para salgar e cozinhar a carne do veado.

Em seguida descemos a queda, sem qualquer acidente.

No dia 1º de abril, passamos por uma série de cachoeiras, varando a maior parte delas no meio de perigosos rochedos e rugidores vagalhões.

Chegamos bem a *Caruru*, onde o *tuxaua* nos cedeu a sua casa.

Estando nós com duas canoas, fomos obrigados a esperar ali a obtenção de mais índios, para o prosseguimento da nossa viagem.

Eu estava ainda muito fraco, e não pude fazer excursões pela floresta.

143 É a *Parra jacana*, bela ave, cujos nomes típicos são *jaçanã* e *piaçoca*.

Além disso, cabia-me o tratamento dos pássaros e outros animais vivos que trazia, e que eram agora 4 macacos, 12 papagaios e mais 6 ou 8 aves pequenas.

Davam-me trabalho constante, principalmente para obter-lhes alimento, que era muito variado, e também impedir que fugissem.

A maior parte deles tinha de ficar em liberdade, e, se colocados em uma gaiola, ficavam constantemente querendo sair, ou então recusavam alimento e acabavam morrendo.

Quando ficam soltos, pegam a andar pelas casas dos índios, ou entram na mata, e, assim, por vezes se perdem.

Aproveitando a oportunidade desta parada, mandei fazer duas toldas para as minhas canoas.

Todas as minhas tentativas para arranjar índios foram infrutíferas.

Encontrávamos, entretanto, galinhas e peixes, que eram algo abundantes, e, assim, íamos, passando melhor do que em Uarucapuri.

No dia 4, à tarde, os Srs. Jesuino e Chagas chegaram ali, com uma verdadeira frota de canoas, trazendo para mais de 30 prisioneiros, entre os quais apenas se contava um homem, sendo os restantes mulheres e crianças.

Na luta que travaram, morreram sete homens e uma mulher, do lado dos índios, dos quais os restantes conseguiram escapar; o grupo assaltante teve somente a perda de um homem.

O homem, que eles trouxeram, estava amarrado, e as mulheres e as crianças eram cuidadosamente vigiadas.

Pela manhã e à tarde, foram todos levados para o rio, para tomarem banho.

À noite, na aldeia, em honra aos recém-chegados, bebeu-se grande quantidade de *caxiri* e de cachaça.

Compareceram todos os habitantes, que se reuniram na casa grande.

Pedi a Jesuino que me arranjasse alguns índios, tendo ele prometido atender-me.

Na manhã seguinte, contudo, o seu primeiro ato foi o de intimidar o meu piloto, com ele ralhando severamente, para que não me acompanhasse mais; e tais ameaças fez ele ao meu pobre companheiro, que este, em companhia do pai, dispararam imediatamente rio abaixo.

Antes de partir, porém, comunicaram aos meus guardas o que estava acontecendo.

Resolvi, então, interpelar Jesuino a esse respeito, tendo ele negado que houvesse dito qualquer coisa ao meu piloto, mas recusando-se, entretanto, a intimá-lo a permanecer em minha companhia ou a cumprir o seu trato comigo.

Logo depois, Jesuino deixou *Caruru*, tendo antes, porém, ordenado a cinco índios que me levassem até *Jauarité*.

Desta sorte, pois, logo após a sua saída, consegui partir também.

Os homens, que saíram comigo, dele haviam recebido instruções para acompanhar-me somente até a uma certa distância da aldeia, e isso com o propósito de me deixarem em lugar onde eu não pudesse conseguir mais recurso algum.

Cerca do meio-dia, entretanto, muito para minha surpresa, eles saltaram para uma pequena *ubá*, e deram, então, a perceber a sua intenção de retroceder, dizendo que haviam recebido ordem para acompanhar-me somente até aquele lugar.

Ali, porém, alcancei Jesuino, e, de novo, interpelei-o a respeito desse caso.

Embora os homens obedecessem imediatamente às suas ordens, ele recusou-se a dar-lhas, dizendo que os havia posto em minha canoa e que eu agora me arranjassem como bem entendesse.

De acordo com as suas alegações, fui entender-me com os índios, prometendo, se eles me acompanhassem até *Jauarité*, dar-lhes pagamento que muito os contentaria, porém que, pelo contrário, se eles ali me deixassem, eu não lhes daria um simples anzol se quer.

Os índios, sabiam perfeitamente o que é que o Sr. Jesuino queria, e, sem me dizer palavra, deram de remos para trás.

E, assim, ali fiquei, por eles abandonado, para arranjar-me como pudesse.

Em cada uma de minhas canoas, tinha eu somente um homem e um rapaz, com os quais teria de passar os rápidos, onde, para vará-los com segurança, são necessários seis ou oito bons remadores.

Permanecer em tal situação seria de todo inútil; resolvemos, por isso, prosseguir a viagem de qualquer maneira.

E, desta sorte, contando somente com os nossos próprios recursos, aventuramo-nos por ali abaixo, no caminho batido pelo Sr. Jesuino, logo após este, que, sem dúvida, muito haveria de regozijar-se com a nossa situação, fazendo idéia de que possivelmente eu perderia as minhas canoas, se não minha própria vida, na passagem das cachoeiras, ficando assim bem vingado do estrangeiro, que se atreveu a adquirir a canoa que ele teve vontade de comprar.

À tarde, com grande risco de vida, passamos por uma cachoeira muitíssimo perigosa.

Felizmente, em um sítio que encontrei mais abaixo, pude persuadir alguns índios a que me acompanhassem até *Jauarité*.

Eu ia fazendo diversas paradas, pelas casas que fui encontrando, para comprar galinhas, papagaios, arcos, flechas e penas.

Em uma de tais casas, encontrei foragido o meu piloto, e fi-lo entregar-me dois cestos de farinha, por conta do pagamento que havia recebido antecipadamente para a viagem de *Caruru* até *Jauarité*.

Na última cachoeira, já bem perto de *Jauarité*, quase se perdeu uma das nossas canoas, quando se fazia a sua descida pela cachoeira, presa por uma corda.

Nessa hora, eu me achava na canoa.

Justamente quando descíamos a cachoeira, ela se desviou para o lado, e a água, que subia do fundo do rio, produziu o curioso efeito de empurrá-la para a parte da queda, onde permaneceu muito tempo, bem virada para um dos lados, correndo o risco, a todo momento, de virar e afundar-se.

Afinal, conseguimos safar-nos dali e alcançar a aldeia, o que causou grande surpresa a Jesuino, que havia chegado poucas horas antes de nós.

Meu amigo, o Sr. Augustinho, de São-Jerônimo, achava-se ali também e eu passei uma tarde agradável em sua companhia.

Com ele palestrando, tive ocasião de verificar que havia uma divergência em nossa estimativa da data em que estávamos e, pelas nossas contas, a diferença era um dia da semana e da data do mês.

Como eu houvesse gasto três meses na minha expedição rio acima, supus logo que o erro deveria ser de minha parte.

Todavia, como tomasse notas de viagem diariamente, eu não podia de todo atinar por que maneira eu me haveria enganado.

Isso, entretanto, é coisa muito corriqueira nestes remotos rincões.

Quando dois grupos, um subindo e outro descendo o rio, chegam a encontrar-se, a primeira pergunta, logo após as habituais saudações, dos que descem aos do outro grupo é:

– “Que dia os senhores têm?”

Freqüentemente acontece que são três os grupos presentes, dos quais cada um tem então uma data diferente.

E, para acertar, começam a fazer comparações baseadas nos dias santos passados, para o propósito de porem termo à controvérsia.

Quando estive na cachoeira de *Caruru*, já se me ensinara verificar que os Srs. Jesuino e Chagas divergiam de mim nesse importante assunto.

Como eles estivessem viajando havia já algum tempo, presumi que eles poderiam estar tão errados quanto eu próprio.

Agora, contudo, pelo Sr. Augustinho, que havia chegado recentemente de São-Gabriel, donde deveria trazer a data correta, tive de concordar com aqueles, não obstante lhes faltar autoridade.

Fazendo um minucioso exame nas notas de meu diário, verifiquei então que, na minha primeira estada em *Caruru*, havia eu tomado nota somente de cinco dias, em vez de seis.

Os índios, em viagem, costumam contar os dias com muita precisão, e, para isso fazem uns pequenos entalhes numa varinha, como fazem os meninos na escola, em véspera das férias.

No nosso caso, contudo, mesmo assim os índios estavam enganados, pois enquanto alguns deles estavam de acordo comigo, outros tinham um dia ou dois mais de avanço, e, desta sorte, maior se tornou a nossa confusão.

Os negociantes residentes em aldeias indígenas, que passam às vezes muitos meses sem ver uma pessoa qualquer, procedente de uma parte civilizada, costumam errar dois ou três dias, na computação de datas.

Mesmo nos lugares mais populosos onde todos os habitantes dependem do padre ou do comandante, têm-se verificado enganos dessa natureza.

Alguns domingos e dias santos, por vezes, não têm sido respeitados nos dias próprios, sendo as segundas-feiras e outros dias comuns guardados como dias-santos, em seu lugar, o que é um verdadeiro horror para todos os bons católicos.

Na manhã seguinte, dei uma volta pela aldeia, comprando então do *tuxaua* mais alguns papagaios e periquitos, ornatos de penas e pequenos potes.

E dali, não achando pessoa alguma que quisesse acompanhar-me até *Jauarité*, tendo, nesse sentido, tentado em vão arranjar índios para irem comigo até lá, resolvi, mesmo assim, seguir para São-Jerônimo.

Ao chegar à primeira queda, a de *Pinupinu*,¹⁴⁴ ali somente encontramos um índio que aproveitamos para mandar até à aldeia, a fim de arranjar-nos ele alguns companheiros mais.

Naquele dia, porém, eles não estavam dispostos a viajar e perdemos, assim, uma excelente oportunidade para o prosseguimento da viagem pois o dia estava muito bonito.

No dia seguinte, consoante já se esperava, começou uma chuva importuna.

Malgrado esse contratempo, os índios vieram, e, mesmo debaixo de chuva, prosseguimos a viagem.

Por volta do meio-dia, tendo estiado um pouco, passamos pela cachoeira de *Panoré*, e aportamos com toda a segurança, sem nenhum incidente desagradável, à aldeia de São-Jerônimo.

144 *Pinu-pinu* (veja-se Stradelli, ob. cit., pág 601) é o nome de uma urtiga muito comum no Amazonas, e da qual se servem os índios do Uaupés para a cura de dores reumáticas.

Ali desembarcamos e descarregamos as nossas canoas, tomando posse em seguida, da “casa-da nação” a qual não tinha portas.

Desde logo fomos preparando o nosso espírito a fim de permanecermos serenamente ali aguardando oportunidade para descer o rio, logo que arranjassemos os homens necessários a esse fim.

Na mesma tarde, chegou ali, partindo, porém, na manhã seguinte, o Sr. Jesuino, o qual, com boas maneiras, me perguntou quando era que eu pretendia prosseguir a viagem, e dizendo-me, então, que já havia falado ao *tuxana* para arranjar-me os índios de que eu precisasse.

Dali a dois dias, contudo, o *tuxana* também seguiu para Barra, sem ter-me arranjado ao menos um índio, não obstante as promessas e ameaças que, alternativamente, eu lhe fizera antes.

Os dois índios, que estavam comigo, resolveram deixar-me, e os dois meninos, que tinham vindo de São-Joaquim, fugiram, ficando eu ali sozinho, entregue ao meu destino, apenas com os meus dois “guardas” e as duas canoas.

Em vão mostrei machados, canivetes, colares, espelhos e tecidos, que trazia, a todo índio que passava, tentando assim induzir alguns deles a acompanhar-me.

Assim ficaria eu ali prisioneiro por muitos meses se não houvessem chegado, inesperadamente, o Sr. Vitorino, “o juiz de paz”, e também Bernardo, o meu antigo piloto que me havia deixado em *Jaurité* e que estava, agora, de descida para São-Joaquim.

Após um entendimento entre eles, alguns índios resolveram acompanhar-me até Castanheiro, onde eu esperava, ali chegando, que o capitão Ricardo lhes desse ordens para me levarem até Barra.

.....

Capítulo XIII
De São-Jerônimo para Baixo

DESCENDO O RIO NEGRO – CHEGADA A BARRA –
OBTENÇÃO DE PASSAPORTE – ADMINISTRAÇÃO DA CIDADE
– AS TRANSAÇÕES DE PORTUGUESES E DE BRASILEIROS –
SISTEMA DE CRÉDITO – COMÉRCIO – A IMORALIDADE E
SUAS CAUSAS – PARTIDA DE BARRA – LENDA DA MORTE –
BELÉM DO PARÁ – A FEBRE AMARELA – PARTIDA PARA A
INGLATERRA – INCÊNDIO DO NAVIO – DEZ DIAS EM BOTES
– LIVRE DE APUROS – VENTOS CONTRÁRIOS – FALTA DE
PROVISÕES – TEMPESTADE NO CANAL – CHEGADA A DEAL

AFINAL, no dia 25 de abril de 1852, com muita
satisfação, despedi-me de São-Jerônimo.

Parei em diversos lugares, para o fim de comprar *beiju*, pacovas
e papagaios, que ia encontrando no trajeto.

Os meus índios iam quase todas as madrugadas aos *igapós*,
para caçar rãs, que apanhavam em grande número, e, enfiando-as num
cipó, traziam-nas e tratavam de cozinhá-las com entranhas e tudo, devo-
rando-as, em seguida, com muito “gusto”.¹⁴⁵ A esses anfíbios de dedos
largos e pele de variegadas cores, dão eles o nome de “juí”.

145 Esse vocábulo espanhol consta do original.

No dia 26, alcançamos São-Joaquim, onde demorei um dia para o propósito de preparar algumas gaiolas, destinadas aos meus pássaros, e de embarcar vários objetos, que eu havia deixado com o Sr. Lima.

No dia 23, descemos para São-Gabriel, onde apresentei os meus cumprimentos ao novo comandante, tendo tido oportunidade de encontrar ali meu amigo o Dr. Spruce, com quem então mantive uma curta palestra, a qual mesmo assim, muito me alegrou.

Não só aqui, como também em São-Joaquim, perdi muitos dos meus pássaros.

Um pequeno macaco, de cor escura, matou e devorou dois, que haviam fugido da gaiola.

Um papagaio (espécimen raro) perdeu-se nas descidas das cachoeiras, tendo caído na água.

A nossa canoa era demasiadamente pequena, e, como havia pouco espaço, os animais com e sem asas, que eu nela trazia, me davam grande trabalho e muito incômodo.

Fiquei muito satisfeito por ter conseguido que o comandante mandasse em minha companhia um dos seus soldados, o que faz o serviço do correio, podendo eu assim ter assegurado o prosseguimento da minha viagem, até Barra, sem mais delongas e sem receios, o que até então fora para mim um problema de difícilíssima solução.

Deixando São-Gabriel, passei a noite em casa do Sr. Vitorino, de quem comprei alguns papagaios de penas verdes e um belo *anacá* ou papagaio de penas listadas de vermelho no pescoço este último para substituir o que havia caído na água e se perdera na passagem da cachoeira de São-Gabriel.

No dia seguinte, alcancei a casa do Sr. Palheta, e ali eu fiquei muito contente, dele comprando outro *anacá* por sete shillings.

Este, também, na manhã seguinte, morreu de frio, por ter igualmente caído no rio, como já havia sucedido com o outro.

Ele ficou completamente resfriado, e, embora eu fizesse todas as tentativas possíveis não consegui salvá-lo.

No dia 2 de maio, alcancei o sítio de meu velho amigo, o Sr. Chagas, que me fez almoçar em sua companhia, vendendo-me, depois, um pouco de farinha, café, sal e ovos de galinha-d'angola.

Ao partir, abraçou-me com muito afeto, apresentando-me votos de boa viagem e desejando-me felicidade.

Na mesma noite, alcancei Castanheiro, onde desejava, com grande empenho, arranjar um piloto para levar-me à outra margem do rio e lá fazer levantamentos topográficos, especialmente para medir a largura deste extraordinário curso de água.

O Sr. Ricardo exerce aqui o cargo de “capitão dos trabalhadores”, e dele obtive uma ordem para tomar comigo um homem, por cuja casa eu deveria passar no dia seguinte, e que (disse-me ele) conhecia muito bem a outra margem do rio.

Na manhã seguinte, depois de ter almoçado em sua companhia, deixei Castanheiro, com a esperança de conseguir o almejado intento, que era o de fazer o pretendido levantamento do rio, que eu há muito desejava levar a efeito.

Ao chegar à referida casa, entretanto, encontrei-a vazia, com vestígios evidentes de que estava desabitada já desde algumas semanas, perdendo eu, assim, todas as minhas esperanças de realizar aquele meu projeto.

Todavia, resolvi apelar ainda para o subdelegado de polícia, João Cordeiro, cuja morada alcancei no dia seguinte, e também para o Sr. tenente Ricardo, porém tudo em vão.

Todos eles me davam a resposta do costume:

– “Não há gente nenhuma aqui.”

Assim, bem a pesar meu, fui forçado a continuar a viagem rio abaixo, pelo mesmo curso que eu já havia navegado três vezes, porquanto seguir um caminho diferente, sem um piloto, seria muito temerário, e eu poderia perder-me no trajeto e não chegar assim, dentro de um mês, à Barra, conforme era meu desejo.

Sofri outros ataques de febre, e passei muitos dias num grande abatimento.

Tínhamos chuva constantemente.

Para tratar de meus numerosos pássaros e outros animais, era um grande trabalho, devido à balbúrdia e atravancamento em que se achava a canoa.

A tudo isso acrescia a impossibilidade de cuidar de sua limpeza, durante a chuva.

Morriam alguns dos meus animais quase diariamente.

Por vezes, cheguei mesmo a desejar nada mais ter que fazer com eles.

Todavia, uma vez que já havia principiado aquele encargo, resolvi perseverar.

No dia 8, alcancei Barcelos, e ali sofri muitas importunações, tendo sido obrigado a dar uma relação de tudo que trazia em minha canoa.

E, além disso, tive ainda de pagar direitos, por não permitir o novo governo de Barra que quem quer que fosse que por ali passasse, deixasse de pagar os referidos tributos por tudo que trouxesse a bordo de suas canoas.

No dia 11, passamos pela barra do rio Branco, e, pela primeira vez, pude então observar a curiosa e esquisita cor de suas águas, que são, de fato, de um amarelo-claro de azeitona, quase leitosas, muito diferentes e muito mais claras do que as águas do Amazonas, fazendo assim com que seu nome de “rio Branco” seja, na verdade, muito adequado.

Na estação seca, as suas águas são muito mais claras. Pela manhã, alcancei Pedreiro, e ali comprei uma tartaruga.

Para prepará-la, paramos a uma curta distância, abaixo da povoação.

Era uma tartaruga muito grande; estava muito gorda e nós fritamos quase toda a sua carne, que foi posta, em seguida, na sua própria banha, a fim de melhor preservá-la, para o resto da nossa viagem.

À tarde, em um sítio, comprei dois papagaios; na manhã seguinte em Airão, mais cinco; e à tarde, em outro sítio, uma arara azul, um macaco, um tucano e um pombo.

À noite, fomos colhidos por um forte temporal, de chuva e vento, que nos impeliu para o meio do rio, onde ficamos ao sabor da

ventania e das ondas, durante longo tempo, sem podermos conseguir alcançar a praia.

No dia seguinte, alcançamos Aipurús¹⁴⁶ onde pude comprar algum peixe e milho.

Ali, tive ocasião de ver estendido no solo um lindo “gavião real”, que o Sr. Bagatta havia matado no dia anterior, e depois de ter-lhe tirado as penas das asas, deixou-o a decompor-se.

Perdi, assim, por um dia apenas, uma boa oportunidade para obter um espécimen desta ave, que eu tanto desejava e que nunca pude encontrar, durante a estada já de quatro anos no país.

As chuvas estavam a tornar-se cada vez mais abundantes.

Todas as noites, chovia copiosamente.

A nossa viagem, assim, ia-se tornando muito monótona e desagradável.

Afinal, no dia 17, alcançamos Barra-do-Rio-Negro, que era agora a capital da nova província do Amazonas.¹⁴⁷

Fui bondosamente recebido ali pelo meu bondoso amigo, Sr. Henrique Antony.

Levei o dia todo a procurar uma casa, o que naquela ocasião era muito difícil de conseguir, pois estavam quase todas ocupadas e os aluguéis eram caríssimos.

Isso tinha como principal causa o afluxo de numerosos adventícios e comerciantes, ali chegados em consequência da instalação do novo governo na cidade.

Contudo, à tarde, consegui arranjar uma casa pequena, de parede barreada e coberta de folhas de palmeira.

Mesmo assim, fiquei muito contente de alugá-la, pois não sabia quanto tempo ainda haveria de permanecer em Barra, antes de conseguir uma passagem para Belém do Pará.

146 No original, *Ai purusu*. Provavelmente é corruptela de *puresaua*, “pulo”.

147 A província do Amazonas foi criada pela Lei nº 582, de 5 de setembro de 1850. Ela e a do Paraná, criada pela Lei nº 794, de 29 de agosto de 1853, foram as duas únicas circunscrições políticas estabelecidas depois da independência do Brasil, que perdera em 1827 a província Cisplatina, anexada em 1821.

No dia seguinte só pude desembarcar todas as minhas bagagens, depois da abertura da alfândega às nove horas; e tive ainda que pagar mais direitos de todas as bagagens que trazia, inclusive das peles de aves, insetos, jacarés empalhados, etc.

E assim gastei o dia todo, até à noite para conseguir ter tudo isso na praia.

No dia seguinte, despachei os índios e dispus-me a esperar pacientemente pela oportunidade de partir.

Eu mesmo fazia o tratamento dos animais de pêlo e das aves, e assim tive de proceder até ao dia em que pude obter uma passagem para Belém.

Durante três semanas, andei mancando de um pé por causa de uma ferida inflamada do dedo grande do pé, na qual os bichos haviam penetrado, por baixo da unha, o que me impedia de usar calçado.

Tendo sido forçado, porém, a fazer muitas caminhadas, para dar algumas providências, nos últimos dias de minha estada ali, o dedo ficou muito inchado, e fui, por isso mesmo, obrigado a permanecer em casa, em repouso.

Pondo, entretanto, alguns emplastos e cataplasmas, consegui, por esse modo, restabelecer-me.

Durante o curto tempo em que os índios estiveram descarregando as bagagens da canoa, enquanto eu estava diligenciando arranjar uma casa, deixaram escapulir três dos meus melhores pássaros, e eu, desde então, vi que era preciso ter muito cuidado com as minhas aves, e constantemente as vigiava.

Os meus papagaios, muito especialmente dos quais eu tinha mais de 20, queriam sempre sair para a rua, e, assim, perdi alguns dos melhores, que ficaram, sem dúvida alguma seguramente escondidos nas casas dos vizinhos.

Eu era também muitíssimo importunado por pessoas, que constantemente me procuravam, para lhes vender papagaios ou macacos.

Muito embora eu, repetidas vezes, lhes fizesse sentir que desejava mesmo comprar mais alguns, isso, por maneira alguma, reprimia a insistência dos meus pretensos fregueses.

A cidade estava agora cheia de rapazes bem vestidos e janotas, que eram os funcionários públicos, encarregados do recebimento de rendas, serviços esses que eles não tinham competência alguma para desempenhar.

Muitos deles não sabiam escrever uma dúzia de palavras em uma fórmula já impressa, sem que cometessem erros ou então, sem que gastassem um tempo mais curto do que duas ou três horas.

A sua importância parecia provir apenas de suas bem lustrosas e bem luzidias botinas ou das enormes correntes de ouro de seus relógios.

Como eu tivera precisão de tirar um passaporte, apresentei-me no gabinete do chefe de polícia para esse propósito, porém lá me informaram que eu deveria primeiramente tornar pública a minha intenção de partir, e, para isso, deveria publicar o competente aviso nas gazetas locais. De acordo com essa informação assim fiz, e cerca de uma semana depois voltei novamente à chefia de polícia.

Nessa ocasião pelo que de novo me informaram, eu deveria apresentar um requerimento, para que, uma vez despachado o mesmo, me fosse, então, concedido o passaporte.

Tratei logo de arranjar o requerimento, e lá voltei no dia seguinte para entregá-lo.

O chefe estava nesse momento, muito ocupado, e somente poderia assinar a requisição depois que despachasse outros negócios.

Eu lá voltei no dia imediato e agora que a requisição já devia estar assinada, ali ainda me foi fornecida outra fórmula em branco, que devia ser selada em outra repartição situada em um distante bairro da cidade.

Para lá me dirigi imediatamente e comprei o selo, que foi assinado por dois escrivães pagando eu por isso 8 vinténs.

De posse desse documento, voltei ao gabinete do chefe de polícia, e, agora, muito para minha surpresa, o passaporte já estava extraído e mo entregaram, pagando eu outros 12 vinténs (6 pences) ficando assim em condições e completamente desembaraçado para deixar Barra, quando bem me aprouvesse.

Isso, todavia já estava, de fato, fora de questão.

A cidade da Barra, capital da província e residência do presidente, estava passando por um período de miséria extrema.

Desde cinco meses, ali não chegava navio algum, procedente de Belém do Pará, e havia absoluta falta de quase todos os gêneros de primeira necessidade.

A farinha de trigo há muito tempo que se havia acabado, e, conseqüentemente, não havia pão.

Biscoitos não se encontravam ali, nem tampouco manteiga, açúcar, queijo, vinho, vinagre e rapadura para adoçar o café.

Esta última era coisa rara e muito difícil de encontrar.

A cachaça (bebida alcoólica da região) já era tão pouca, que somente podia ser adquirida a retalho, e isso mesmo em quantidades mínimas.

Tudo que ali existia consistia em: farinha, peixe, carne de vaca (duas vezes por semana), e carne de tartaruga (esta quase sempre).

Esta falta de gêneros era devida a ter-se perdido, um mês antes, perto da Barra, um navio, que vinha de Belém do Pará, carregado de provisões.

Naquela época do ano, quando o rio está cheio e os ventos são contrários, a viagem freqüentemente demora 70 dias a três meses, e tem de ser vencida quase sempre varejando, à custa de vogas colocadas nas proas das canoas, para poder ser vencida assim a forte correnteza do Amazonas.

Vários navios estavam de saída para Belém, mas iam todos tão carregados, que era impossível obter-se passagem, bem como lugar para as bagagens, em qualquer deles.

Desta sorte, vi-me obrigado a esperar pacientemente pela minha condução em uma pequena canoa, que estava descendo o Solimões, na qual o Sr. Henrique me garantiu que me arranjará um lugar.

Antes de prosseguir a narração da minha viagem, desejo fazer algumas outras considerações mais, que ora me ocorrem, no que diz respeito ao caráter e aos costumes dos habitantes deste maravilhoso país.

Cumprê que se entenda, desde logo, que eu quero referir-me tão-somente à província do Pará, pois acho provável que, para o resto do país, as minhas observações de modo algum se lhe apliquem, tão dife-

rente, por vários motivos, deve ser esta região, assim o presumo, das demais províncias do império, situadas mais ao sul, e que são as mais conhecidas.

Não há no mundo, talvez, nenhuma região que, pelas suas condições naturais, ofereça tantas vantagens e tantas possibilidades para a auferição de largos proventos com as explorações agrícolas, como esta, e que, no entanto, seja tão pouco aproveitada para esse fim.

Não há nenhuma outra região, onde se possa obter tamanha variedade de produtos naturais, e, entretanto, estes estão em completo abandono.

Nenhuma outra há onde as facilidades para as comunicações internas apresentem tantas possibilidades, e onde, todavia, seja mais difícil e mais penoso do que aqui, para a gente se deslocar de um ponto a outro.

Nenhuma outra há que ofereça tantos requisitos naturais para um imenso intercâmbio com todo o mundo, e onde a circulação das suas riquezas seja tão limitada e tão insignificante.

Isto não deixa de causar admiração, principalmente quando nos recordamos de que os habitantes brancos deste país são os filhos de Portugal e seus descendentes, – a nação que há poucos séculos teve a primazia em todas as grandes descobertas e esteve à frente de grandes empresas comerciais, que espalhou suas colônias por todas as partes do mundo, demonstrando, pela suas arrojadas iniciativas, o mais nobre e mais elevado espírito cavalheiresco, quer vencendo os perigos da navegação através de mares desconhecidos, quer mantendo um grande tráfico comercial entre povos bárbaros ou ainda não civilizados.

Contudo, tanto quanto eu mesmo pude observar, não se mudou o seu caráter nacional.

O português e seus descendentes, aqui, continuam demonstrando a mesma perseverança, a mesma tolerância a todas as fadigas e trabalhos, o mesmo espírito aventureiro que os levou, em outros tempos, e ainda os atrai hoje às regiões mais remotas e mais incultas, em busca do comércio e em procura do ouro.

Ao par disso, entretanto, revelam tal descaso pelos trabalhos agrícolas e pelos ofícios mecânicos, que parece ser mesmo característico

da nacionalidade, disso resultando ficarem reduzidos à mais triste condição de inferioridade na escala das nações, em qualquer parte do mundo onde eles se encontrem.

Quando as suas colônias floresciam por todos os recantos do mundo e que os seus navios, carregados de especiarias, abasteciam a metade do globo civilizado, a maior parte de sua população encontrava ocupação no comércio e na distribuição dessa riqueza, que estabeleceu uma constante e forte corrente comercial da América, da Ásia e da África para as suas praias.

Esta corrente desviou-se agora para outros canais graças à energia das raças saxônicas, e a população excedente, também avessa à agricultura, não encontrando arrimo no diminuto comércio do país natal, emigra para o Brasil, na esperança de alcançar a riqueza, por um modo mais adequado aos seus gostos e às suas tendências.

Assim é que encontramos a província do Pará infestada de comerciantes, a maior parte dos quais nem merecem tal nome, nem outro melhor do que o de *mascates*,¹⁴⁸ com a diferença apenas de que aqueles transportam as suas mercadorias em canoas, em vez de carregá-las às costas, como fazem estes.

Com a sua aversão pela agricultura, ou, antes, o seu apaixonado gosto pelo comércio, o que dificilmente permite a qualquer deles fixar-se em um lugar qualquer e produzir alguma coisa para comerciar com outros, o seu único recurso está no indígena, que habita a região.

Por sua vez, sendo este pouco dado à agricultura, limitando-se a produzir apenas o necessário para o seu sustento, disso resulta que somente alguns poucos artigos de valor comercial, como sejam os produtos naturais da região, cujo trabalho se resume em apanhá-los ou colhê-los, é que vão constituir o seu principal comércio.

148 A embarcação, destinada ao comércio ambulante, tem no Amazonas o nome de “regatão”. Raimundo Morais descreve-a em “O meu dicionário” (pág. 115), acrescentando que ela é “propriedade hoje do turco; já o foi do hebraico e do português”. *Turco*, como se sabe, é a denominação gentílica que se dá erradamente ao *sírio*, em todo o Brasil. O apelativo “regatão”, como ainda explica o sobredito escritor, dá-se ali, indiferentemente, “ao dono e à galeota”. Sobre o vocábulo “regatão”, veja-se também o que diz José Veríssimo, em “As populações indígenas e mestiças da Amazônia – Sua linguagem, suas crenças e seus costumes” (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro”, tomo L, pág. 311).

Mas, para isso, é necessário levar uma vida irregular e de aventuras, preferindo eles acompanhar os hábitos do índio a dedicar os seus esforços aos tranqüilos e continuados trabalhos da agricultura.

Os produtos de valor comercial da região são principalmente: o peixe seco e óleo do peixe-boi ou de ovos de tartaruga, para o comércio interno; salsaparrilha, piaçaba, goma-laca, castanhas, óleo de copaíba e cacau, para o comércio de exportação.

O cafeeiro e a cana-de-açúcar podem desenvolver-se por toda parte, quase que espontaneamente, e, todavia, o café e o açúcar têm de ser importados, para o consumo local, de outras partes do Brasil.

A carne de gado por toda parte é ruim, e isso se deve exclusivamente à falta de pastagens nas vizinhanças das grandes cidades, para onde as reses são levadas, vencendo grandes distâncias, e ali não encontram as invernadas, imprescindíveis à sua engorda; e ninguém cuida disso, embora possa ser conseguido muito facilmente.

As verduras e legumes são raros, e, além de bastante difíceis de obter, são muito caros.

O mesmo acontece com relação às frutas, excetuando-se as bananas e as laranjas que uma vez plantadas, o trabalho é só de colhê-las quando maduras, e vendê-las.

Uma galinha, no Pará, custa 3 shillings e 6 pence, e o açúcar é ali tão caro como na Inglaterra: e tudo isso porque ninguém cuida de desenvolver a pequena lavoura, para abastecer o mercado com esses artigos.

Há uma espécie de jogo de estímulo pelo comércio que suplantou todos os seguros proveitos do trabalho, e inúmeros artífices estão constantemente abandonando os seus ofícios e obtendo algumas mercadorias a crédito, aventurando-se pelo interior do país exclusivamente para negociar.

Não há assim penso, nenhuma outra região do mundo, onde prevaleça, como aqui, tão generalizado e tão inseguro sistema de crédito.

Raramente aqui se encontram, quer o grande, quer o pequeno negociante, dos quais se possa dizer que dispõem de algum capital que seja seu.

Os negociantes do Pará têm os seus correspondentes no estrangeiro e destes obtêm as suas mercadorias a crédito

Vendem-nas em seguida aos negociantes ou logistas de Belém do Pará.

Estes, por sua vez, vendem-nas a crédito aos negociantes das cidades próximas, dos quais os negociantes, que comerciam nos rios compram também todas as mercadorias a crédito.

Estes negociantes ambulantes, em pequenas parcelas, entregam as suas mercadorias aos índios semicivilizados, ou, então, a outros negociantes que as aceitam, para negociá-las com as tribos selvagens, em troca dos produtos naturais da região.

Aos índios, contudo, eles têm de entregar estas mercadorias a crédito porque eles não trabalham, senão quando são pagos com uma antecedência de seis meses.

E, assim, estes últimos negociantes vão ser pagos com a salsaparrilha ou com o óleo de peixe, que ainda estão para se colher na floresta ou nos lagos.

Em cada fase desse sistema de crédito não há a mais leve segurança, não há garantia de espécie alguma.

São ocorrências constantes os assaltos, roubos e depredações às propriedades alheias

Para cobrir todos esses riscos de perdas, os lucros têm de se elevar proporcionalmente em cada fase, e o consumidor acaba pagando quase sempre, por exemplo, 2 shillings por uma jarda de ordinário tecido de algodão, que mal vale 2 pence.

E tudo mais é assim em idêntica proporção.

Esta aparente margem para grandes lucros é que atrai os mecânicos e outros artífices para o comércio.

Eles não tomam em consideração que, devido à pobreza da região as transações têm de ser muito limitadas, e consomem um tempo bastante longo.

Além disso, não tomam em consideração também o enorme número de negociantes em relação ao dos compradores.

Assim, à primeira vista, parece ser ótimo negócio, ou um meio muito fácil de ganhar dinheiro, vender mercadorias por um preço duplo do que por elas se pagou, e, dos produtos obtidos em troca, vendê-los pelo duplo do seu custo.

Ora, a maior parte dos pequenos negociantes não conseguem desembaraçar-se de mais de umas cem libras de mercadorias por ano.

Por outro lado, as suas despesas com a família, com os índios, canoas e dívidas perdidas, os vinhos e licores e as perdas que sempre ocorrem em todos os negócios que se fazem tão-somente à custa de crédito, ficam, por vezes, no dobro daquela soma.

Não é, portanto, para admirar que quase todos fiquem em débito com os seus correspondentes, aos quais têm de pagar, desde então, os respectivos juros.

E isso não lhes permite desembaraçar-se facilmente de suas dívidas.

Esse generalizado amor pelo comércio é que acarreta, creio eu, três outros grandes vícios, aqui predominantes – a bebida, o jogo e a mentira –, além de seu cortejo de velhacarias, fraudes e vícios de toda sorte.

A vida de um negociante fluvial admite pouco gozo, principalmente a um homem falto de recursos intelectuais.

Não é de admirar, por isso, que esses homens, na sua maioria, sejam mais ou menos dados ao vício da bebida.

E, quando podem comprar, a crédito, tanto vinho, quanto eles queiram há assim pouca possibilidade de romper-se com esse hábito.

Um homem nunca pensaria em beber vinho, se houvesse sempre de comprá-lo a dinheiro à vista, porém, com a facilidade de crédito de que dispõe, adquire logo 30 ou 40 galões, que leva para a sua canoa e, como nada lhe tenha custado e pouca estima dá a isso, não raro, quando chega ao fim da viagem, já não tem mais uma gota.

Nas cidades do interior, vendem-se bebidas alcoólicas em todas as lojas, e numerosas pessoas passam o dia todo a beber, ingerindo um cálice em cada lugar onde param.

E assim, aos goles, mas bebendo constantemente, arruinam a saúde mais depressa do que com a embriaguez completa, em intervalos maiores.

O jogo, em maior ou menor escala, é quase geral.

E isso parece intimamente ligar-se àquela mesma ambição de ganhar dinheiro por uma via mais fácil do que com o trabalho, e que atrai tantos indivíduos seguidamente para o comércio.

E um elevado número de comerciantes, não conseguindo fazer negócios, os quais, na verdade, não chegam mesmo nem para uma terça parte deles, descambam então, para a velhacaria, que é também generalizadíssima, como justo meio a ser empregado para o fim exclusivo de embaraçar um comerciante novo ou arruinar um negociante rival.

De fato, a verdade, em matéria de negócios, aqui, é coisa tão rara de se ver que ao que parece prevalece em tudo a mentira, ainda mesmo que esta não possa servir para propósito algum.

Todos sabem perfeitamente da falsidade de tudo que é alegado.

Entretanto, a educação portuguesa não permite uma palavra ou um olhar de dúvida sobre a veracidade de tudo que se diz.

Eu por vezes, muito me divertia, assistindo duas pessoas a tratar de um negócio qualquer cada qual em mútua peleja esforçando-se por enganar ao outro.

Cada um sabia que as alegações eram perfeitamente falsas, e todavia, eram tidas como fato incontestável.

Nas palestras, predominam todas as espécies da imoralidade mais franca, e nisso é impossível entrar, sem mencionar fatos demasiado escabrosos, para serem confiados ao papel.

Vícios de tal natureza a que mesmo em casa, na intimidade, nem sequer se alude, são aqui os assuntos banais da conversação comum, e são exaltados, como se fossem atos meritórios.

Não se perde oportunidade alguma para se pôr a interpretação mais baixa e mais vil sobre qualquer fala ou ato de um vizinho.

Entre as causas que tendem a facilitar o desenvolvimento de tão espalhada imoralidade, podemos admitir e reconhecer, talvez, como seus principais fatores, a posição geográfica e as condições políticas da região, tenho ainda em conta o singular estado de sua atual civilização.

Para um nativo, o clima tropical, na verdade, oferece o mínimo de prazeres, de exercícios e de ocupações, em relação de um clima temperado.

O calor, na estação seca, e a umidade, na estação das águas, impedem os exercícios e divertimentos ao ar livre, aos quais os habitantes de uma zona temperada podem entregar-se quase que constantemente.

Os crepúsculos, aqui, são brevíssimos, decorrendo apenas alguns momentos de intervalo entre os deslumbrantes clarões do sol poente e a mais negra escuridão da noite.

A própria natureza, vestida de um eterno e quase imutável garbo de verdura, apresenta-lhe apenas a mesma monótona cena, que desde a infância ele bem conhece.

Não há estradas ou caminhos, no interior do país, que o levem para fora das vilas ou das cidades, ao longo das quais uma pessoa possa caminhar com conforto e com prazer.

Tudo aqui é floresta densa ou, então, as intrincadas clareiras.

Aqui não se vêem os prados ornados de flores, os verdejantes campos de relvas, ou suaves caminhos, à sombra de árvores, para tentarem o amante da natureza.

Aqui não se vê nenhuma estrada seca encascalhada, onde, mesmo nos intervalos das chuvas, se possa fazer um exercício saudável ou um passeio agradável.

Aqui não se vêem uma campina ou estradas ao longo de áureos trigais ou por entre luxuriantes trevos.

Aqui, não se têm as longas tardes de verão, para perder-se tempo, admirando as lentas e gloriosas mutações do sol poente, nem as longas noites de inverno, que inflamam os corações e fazem aproximar em doce convívio todos os membros de uma família, no mais íntimo e mais estreito contato, aumentando, assim, o intercâmbio social e os encantos do lar.

Tudo isso os habitantes de um clima tropical apenas por alto podem realizar.¹⁴⁹

149 Nestas páginas, Wallace, num relance, resume toda a vida amazônica, fixando os seus aspectos sociológicos, quiçá a sua história. Em 17 de maio, passou ele pela cidade da Barra, pouco após a instalação do governo da recém-criada província do Amazonas, que teve como seu primeiro presidente a João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha (1852-1853). Vale a pena confrontar as suas considerações, que ficaram nestas austeras páginas, com o que sobre o mesmo assunto também escreveu o nosso grande Euclides da Cunha, em “À margem da história”, págs. 24-27 (no seu primeiro capítulo, intitulado “Impressões gerais”, que bem merecia ser aqui transcrito na íntegra):

“Vai-se de um a outro século, na inatural mesmice de renitentes tentativas abortadas. As impressões dos mais lúcidos observadores não se alteram, perpetuamente desinfluídas pelo espetáculo de um presente lastimável, contraposto à ilusão de um passado grandioso.

“Tenreiro Aranha, em 1852, ao erigir-se a província do Amazonas, assumiu a sua direção, e, numa resenha retrospectiva, diz-nos do extraordinário progresso que se perdera, referindo-se a ‘manufaturas primorosas’, a uma indústria extinta, em que ‘o algodão, o anil, a mandioca e o café tiveram cultura tal, que dava para o consumo, sobrando para a exportação; e, assim, as fábricas de anil, as cordoarias de piaçaba, de fiação, tecidos e redes de algodão, de palhinha ou de penas; as telhas e alvenarias; a construção civil e naval, com hábeis artistas, fazendo aparecer templos, palácios, ou possantes embarcações...’

“Recua-se, porém, exatamente um século, a buscar o período decantado, e, num grande desapontamento, observa-se, à luz do relatório feito em 1752 por outro insigne governador, o capitão-general Furtado de Mendonça, que a ‘capitania estava reduzida à última ruína...’ Assim se desconchavam os pareceres, agitando idênticos desânimos. Ou, então, se harmonizavam de modo impressionador, no firmarem a mesma decadência das gentes singulares. Em 1762, o bispo do Grão-Pará, aquele extraordinário fr. João de São José – seráfico voltaireano, que tinha no estilo lampejos da pena de Antônio Vieira –, depois de resenhar os homens e as coisas, ‘assentando que a raiz dos vícios da terra é a preguiça’, resumiu os traços característicos dos habitantes deste modo desalentador: ‘Lascívia, bebedice e furto’. Passam-se cem anos justos. Procura-se saber se tudo aquilo melhorou; abrem-se as páginas austeras de Russel Wallace, e vê-se que, alguma vez, elas parecem traduzir, ao pé da letra, os dizeres do arguto beneditino, porque a sociedade indisciplinada passa adiante das vistas surpreendidas do sábio, – *drinking, gambling e lying*, – ‘bebendo, dançando, zombando’ –, na mesma dolorosíssima inconsciência da vida...

“Assim, essa indiferença pecaminosa dos atributos superiores, esse sistemático renunciar de escrupulos e esse coração leve para o erro, são seculares, e surgem de um doloroso tirocínio histórico, que vem da ‘casa do paricá’ à ‘barraca’ dos seringueiros. Compulsai os nossos velhos cronistas, com especialidade o imaginoso padre João Daniel, e avaliareis o travamento de motivos físicos e morais, que há muito, ali, entibiam os caracteres. E lede Tenreiro Aranha, José Veríssimo, dezenas de outros. Nestes livros se espalham, fracionadas, todas as cenas de um dos maiores dramas da impiedade na história.

Afinal, chegou a canoa, na qual eu deveria fazer a viagem até Belém do Pará.

Tratei logo de combinar o preço da minha passagem, e dei as necessárias providências, para reunir e pôr em ordem todas as minhas bagagens.

Tinha eu muitas maletas e malas de roupas, umas seis das quais eram muito grandes, e eu as havia deixado, um ano antes, com o Sr. Henrique.

Tudo isso ainda estava em seu poder, porque os grandes homens de Barra estavam receosos de que elas pudessem conter artigos de contrabando, e não as deixaram passar.

“Depois, há o incoercível da fatalidade física. Aquela natureza soberana e brutal, em pleno expandir das suas energias, é uma adversária do homem. No perpétuo banho de vapor, de que nos fala Bates, compreende-se, sem dúvida, a vida vegetativa sem riscos, e folgada, mas não a delicada vibração do espírito na dinâmica das idéias, nem a tensão superior da vontade nos atos que se alheiem dos impulsos meramente egoísticos. Não exagero. Um médico italiano – bellissimo talento –, o Dr. Luigi Buscalione, que por ali andou há pouco tempo, caracterizou as duas primeiras fases da influência climatérica sobre o forasteiro, a princípio sob a fama de uma superexcitação das funções psíquicas e sensuais, acompanhada, depois, de um lento enfraquecer-se de todas as faculdades, a começar pelas mais nobres...

“Mas, neste apelar para o clássico conceito da influência climática, esqueceu-lhe, como a tantos outros, o influxo, porventura secundário, mas apreciável, da própria inconstância da base física, e onde se agita a sociedade.

“A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante, que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos, sente, ao cabo de centenas de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós, estirando-se, a perder de vista pelos horizontes vazios; o observador imóvel, que lhe estacione às margens, sobressalteia-se, intermitentemente, diante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo. Diante do homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário, que planeje submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreende-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o.

“A adaptação exercita-se pelo nomadismo.

“Daí, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam, ha três séculos, numa agitação tumultuária e estéril.”

Em resumo, o que aí fica, vale bem como advertência...

Eu agora poderia embarcá-las, porém fazendo previamente uma declaração de todo o seu conteúdo e pagando, por isso, um pequeno direito.

De uma centena de animais vivos, que eu havia comprado ou me foram dados de presente, restavam agora somente 34, que eram 5 macacos, 2 araras, 20 papagaios e periquitos (de 12 espécies diferentes), 5 pequenos pássaros, 1 faisão brasileiro (de listas brancas nas penas) e 1 tucano.

No dia 10 de junho, deixei a cidade de Barra, começando a viagem muito desafortunadamente.

Ao entrar a bordo da canoa, depois de haver-me despedido dos amigos, dei por falta do meu tucano, o qual, não tinha eu dúvida alguma, escapuliu de bordo, e, não tendo sido visto por ninguém, devia ter-se afogado.

Eu tinha em grande estima aquele pássaro.

Ele já estava bem crescido, era muito manso, e eu tinha muita esperança de poder levá-lo vivo para a Inglaterra.

No dia 13, alcançamos Vila-Nova, em cuja praça, que era a última da província, tivemos de desembarcar, para exhibir os nossos passaportes, tal como se estivéssemos entrando em um outro reino.

Não contentes com isso, ainda obrigam ali os viajantes a fazer nova exibição de tais documentos, a cerca de meio-dia de viagem dali para baixo, na linha exata das divisas das províncias, onde todos os navios são forçados a parar segunda vez, como se o grande objetivo do governo fosse unicamente transformar as suas ordens em importunações, tão dispendiosas quanto inúteis.

Fiquei satisfeito, por ter conseguido comprar em Vila-Nova manteiga e biscoitos.

Ali encontrei o bondoso sacerdote, padre Torquato, que nos havia entretido e tratado tão hospitaleiramente, por ocasião de nossa viagem rio acima.

Ele recebeu-me com muita bondade, e muito lamentou que eu não pudesse demorar mais tempo em sua companhia.

Presenteou-me com um curioso animal, do qual até então eu nunca ouvira falar, nem mesmo fazer-se-lhe a mais leve referência.

Era um “cachorro-do-mato” – um animal que muito se assemelha à nossa raposa –, tendo uma cauda espessa e grande inclinação para pegar galinhas.

Aparentemente, era um animal muito manso e muito dócil.

No dia seguinte, passamos por Óbidos.

A correnteza do rio, estando as águas agora no seu nível máximo, era bastante forte.

A nossa viagem, assim, ia-se fazendo com grande rapidez.

Na noite seguinte, tivemos que afrontar uma tremenda tempestade, que impelia e sacudia a nossa canoa da maneira mais alarmante possível.

O proprietário da canoa, que era um índio, ficou bastante atemorizado.

Fazia invocações à Virgem, além de promessas de várias libras de cera, se ela ao menos lhe salvasse a canoa.

E daí, abrindo a porta da pequena cabine, onde eu estava dormindo, com a voz mais piedosa, exclamava:

– “Oh! meu amigo! Estamos perdidos!”

Em vão tentei confortá-lo, garantindo-lhe que o navio era novo e muito forte, e, demais disso, não estava demasiadamente carregado, não havendo, por conseguinte, nenhum perigo a temer, embora a noite estivesse escura como piche e o vento estivesse a soprar furiosamente.

Os pés-de-vento, que se levantavam, eram os mais violentos e os mais furiosos que tenho visto.

Não sabíamos se estávamos no meio do rio ou próximos de alguma praia.

O único perigo, pois, a que nos achávamos expostos, era o de encalharmos ou sermos violentamente impelidos contra a margem.

Cerca de uma hora depois, a canoa parou, sem qualquer choque, permanecendo, em seguida, perfeitamente imóvel, embora o vento continuasse soprando com grande violência.

Estava tão escuro, que nada se podia enxergar.

O mestre da canoa, estendendo o braço para fora, sobre o costado, verificou que estávamos, de fato, encalhados em um dos com-

pactos e grandes leitos de ervas flutuantes, que em muitos lugares se alinham nas margens do Amazonas, a centenas de jardas das praias.

Ali, portanto, seguramente ancorados, como estávamos, esperamos pela manhã, dormindo tranqüilamente, com pleno conhecimento de que estávamos fora de qualquer perigo.

No dia seguinte, cerca de meio-dia, alcançamos a barra do Tapajós.

Numa montaria, fomos até Santarém, para fazer ali algumas compras e também visitar os amigos.

Lá encontrei apenas o velho capitão Hislop.

O Sr. Bates, a quem eu muito desejava visitar e encontrar, ali não se achava, tendo saído uma semana antes em uma excursão que fora fazer Tapajós acima.

Fiz um bom sortimento de açúcar, vinagre, biscoitos, pão e carne fresca.

Em seguida, prosseguimos a viagem.

Eu já estava bastante ansioso para terminá-la e desejava que isso fosse tão depressa, quanto possível,

No dia 18, alcançamos Gurupá.

No dia 19, penetramos nos estreitos canais, que formam a comunicação com o rio Pará, despedindo-me, assim, do inesquecível, majestoso e turbido Amazonas.

Logo encontramos um navio, que procedia de Belém. Havia 50 dias que dali partira, tendo vencido uma distância muito mais curta do que a que já havíamos feito, descendo o rio, em 5 dias.

No dia 22, aportamos a Breves, uma pequena vila, com lojas bem sortidas.

Comprei ali meia dúzia de bonitos vasos pintados, de cuja manufatura esta localidade é célebre.

Ali também comprei laranjas, que são vendidas à razão de seis por meio penny ou uma dúzia por um penny.

No dia seguinte, paramos em um sítio, cuja casa era construída sobre pilares.

Toda a região circunvizinha, ali, é atingida pelas marés.

O mestre da canoa devia receber um lote de salsaparrilha, que estava guardado ali, como encomenda, para o mercado do Belém.

Para arranjar e embarcar a sua carga, tal serviço haveria de gastar um dia.

A salsaparrilha é uma raiz cheia de espinhos, de uma planta trepadeira, que é aliada á nossa comum *bryônia*.

Os índios arrancam estas raízes e amarram-nas em feixes de vários comprimentos e vários volumes.

A sua carga é muito leve e por isso é necessário empacotar-se de um modo mais conveniente, para a sua acomodação a bordo das canoas.

Para isso, fazem-se feixes de volumes e comprimentos uniformes.

Geralmente, por essa forma, são acondicionadas em feixes cilíndricos, de 16 libras de peso cada um, tendo cerca de três e meio pés de comprimento por 5 ou 6 polegadas de diâmetro, os quais são cortados rente nas suas extremidades e são fortemente apertados de uma extremidade a outra com as raízes flexíveis de uma espécie de *Pothos*, que cresce no topo das mais altas árvores.

Estas raízes chegam a atingir a um comprimento de mais de cem pés.

Delas se tiram as cascas externas, especialmente para o propósito de fazer tais amarrados.

Para semelhantes arranjos foi que paramos ali.

A salsaparrilha, propriamente, já se achava ali depositada, bem como as raízes necessárias para a sua amarração.

Enquanto a tripulação da canoa estava entregue a essa tarefa, empreguei o tempo, de que dispunha, em fazer alguns desenhos; eram eles de algumas palmeiras, o que eu ainda deveria fazer, para completar, a minha coleção.

Com dois dias de viagem, alcançamos a barra do Tocantins, confrontando com a qual há uma grande baía – e tão ampla é ela, que as praias mais afastadas chegam a perder-se de vista.

Devido à existência de alguns perigosos bancos de areia, um piloto, residente naquelas paragens, incumbe-se de guiar as embarcações dos que têm que navegar ali.

Fomos forçados a estacionar o resto do dia.

Ali pernoitamos, a fim de partir no dia seguinte, com a maré da manhã, que é a ocasião mais propícia para fazer aquela travessia.

Enquanto me demorei ali, tive oportunidade de apanhar, nos passeios que fiz ao longo da praia, algumas conchas, entretendo, depois, o resto do tempo a palestrar com o piloto, sua mulher e suas duas filhas, moças, aliás, muito vivas e inteligentes.

A nossa conversação versou sobre a brevidade e incertezas de nossa vida, a propósito do que a esposa do piloto ilustrou a palestra com a narrativa de uma história que, ao que me parece, é uma variante da lenda dos “Três avisos”.

“Um homem e sua mulher estavam a conversar, lamentando com profundo desgosto, se não com terror, a fatalidade da morte.

– “Se eu pudesse arranjar um meio de fazer-me amigo da Morte – dizia o marido –, talvez assim eu não tivesse tanto temor dela.

– “Isso você consegue facilmente – replicou-lhe a mulher. Basta, para tanto, que você a convide para madrinha de nosso filho, que deve ser batizado na próxima semana. Nessa ocasião, você poderá falar-lhe a respeito desse assunto, e, certamente, ela não se recusará a prestar-lhe um pequeno favor, qualquer que seja.

“De acordo com este alvitre, a Morte foi convidada, e veio.

“Após a cerimônia e acabada a festa, já se ia ela retirando, quando o homem se lhe aproximou, e assim lhe disse:

– “Comadre Morte, como há muita gente no mundo para você levar embora, eu espero e desejo que você nunca venha buscar-me, chegada que seja a minha vez de pagar o seu tributo.

– “É muito certo, compadre, o que você acaba de dizer – replicou-lhe a Morte –, mas a isso que você me está pedindo, eu, entretanto, decididamente, não posso atender. De Deus eu sou mandada para o mister que exerço, e, quando recebo ordens para vir cá buscar alguém, não tenho remédio senão obedecer. Em todo caso, farei por você tudo que estiver ao meu alcance; e em qualquer circunstância, eu me compro-

meto, desde já, a dar-lhe um aviso, com oito dias de antecedência, a fim de que você assim disponha de algum tempo para se preparar.

“Vários anos se passaram, até que chegou, por fim, a vez de vir fazer-lhe a Morte a visita fatal.

– “Boa-noite, compadre! – disse ela, assim que foi chegando. – Aqui venho hoje para um negócio bem desagradável. Já recebi ordem para vir buscá-lo daqui a oito dias; mas, conforme eu antes lhe havia prometido, hoje aqui venho somente para lhe fazer este aviso.

– “Ah, comadre! – exclamou o homem – Você voltou muito depressa! Agora, justamente, que eu vou indo tão bem em meus negócios, acho isto muito inconveniente. Se você consentisse em deixar-me em paz, por aqui mesmo, dentro de poucos anos eu ficaria um homem bastante rico. Seja mais complacente para comigo, comadre! Em meu lugar, você poderá levar qualquer outro homem. Estou certo de que, sem nenhuma dificuldade, você por essa forma, ainda poderá dar-me um arranjo.

– “Sinto deveras – replicou-lhe a Morte, mas, agora, já não é possível, de jeito algum, em virtude de já ter recebido a ordem e ter que cumpri-la. De resto, uma vez assim decretado, ninguém escapa de pagar este tributo, e poucos são os que obtêm um aviso com prazo tão longo como o que eu acabo de conceder a você. Vou tentar, contudo, o que ainda for possível fazer em seu favor e, mesmo no caso de ser bem-sucedida em tal propósito, você só me verá daqui a oito dias. Desde já, porém, posso assegurar-lhe que nenhuma esperança tenho de conseguir bom resultado. Até a volta!

“Chegou finalmente o dia aprazado.

“O homem, coitado, andava em grande sobressalto, contando certo que, daquela vez, não escaparia.

“A sua mulher, no entanto, lembrou-se de um estratagemas, que decidiram logo pôr em prática.

“Havia na casa um negro velho, o qual era o encarregado do serviço de cozinha.

“Fizeram com que o negro velho vestisse as roupas do seu senhor e mandaram-no, em seguida, para fora.

“Por sua vez, o seu dono, tingindo o rosto de preto, fez-se tão parecido, quanto possível, com o velho escravo.

“Na noite fatal, conforme havia prometido, a Morte voltou.

– “Boa-noite, comadre! – disse ela. – Onde é que está meu compadre? Eu vim buscá-lo, e ele hoje tem que ir mesmo comigo...

– “Ah, comadre! – respondeu-lhe a mulher. – Meu marido não estava mais contando com o seu regresso hoje, e, em vista disso, foi à cidade tratar de negócios... Decerto, agora, só muito tarde da noite é que voltará para casa.

– “Assaz embaraçosa é a situação em que agora me encontro, – disse a Morte – pois nunca supus que meu compadre viesse um dia a proceder assim comigo ...Que descortesia! Deixar-me neste embaraço! Terei que levar comigo outra pessoa. Quem é que está lá nos fundos da casa?

“Antes esta pergunta, a mulher mais se alarmou, pois ela supunha, até então, que a Morte logo dali partisse, em direção à cidade, á procura de seu marido.

“Dominando, porém, a emoção, e considerando que seria melhor mostrar-se calma, respondeu, então, muito amavelmente:

– “Aqui em casa, encontra-se somente um negro velho, que está lá na cozinha, acabando de preparar o jantar. – Sente-se, comadre! Descanse um bocado. – Talvez, assim, dê tempo de meu marido voltar. Estou muito contrariada pelo incômodo que ele lhe está causando.

– “Não, eu não posso demorar-me; não tenho tempo a perder! retrucou-lhe a Morte. – Tenho ainda que fazer hoje uma grande caminhada. Levarei comigo outra qualquer pessoa. Nesse caso... Deixe-me ver... Quem sabe? Poderá ir o negro velho!

“E, encaminhando-se pela casa adentro, em direção à cozinha, lá encontrou aquele homem a fingir que se achava atentamente entregue aos cuidados do fogão.

– “Pois bem, já que o compadre não vem, como eu estou presumindo, em seu lugar vai este negro velho – disse a Morte.

“E, antes que a mulher pudesse proferir qualquer palavra, estendeu o braço, e seu marido, caindo logo ao chão, no mesmo instante já era cadáver.”

– Como o senhor vê – concluiu a mulher do piloto, – chegada que seja a vida humana a seu termo fatal, nem os médicos, nem outros quaisquer, poderão retê-la, e a morte, que é inevitável, nunca de jeito algum é lograda.

Para este seu modo de pensar, julguei que não valia a pena fazer qualquer objeção.

Cerca de dois dias antes, havia sido a festa de São João, sendo costume, à noite, acenderem-se fogueiras e sobre elas saltar-se, ato este considerado pelo povo como uma importante cerimônia religiosa.

Como estivéssemos conversando a esse respeito, a esposa do piloto, com ares muito graves, perguntou-me então se eu sabia que os animais também saltam fogueiras.

Respondi-lhe imediatamente que não era ainda sabedor de tal fato, a respeito do qual ela, a seguir, nos informou que, dali por diante, poderíamos admiti-lo como verdadeiro, pois que ela tinha tido uma demonstração ocular do mesmo.

– Foi no ano passado – disse-me ela –, no dia seguinte ao de São João. Meu filho havia saído para caçar, e, na volta para casa, trouxe uma paca e uma cutia. Tanto uma como outra estavam com a barriga completamente chamuscada pelo fogo. Evidentemente, elas haviam passado sobre uma fogueira o que deveria ter sido na noite anterior.

– Mas – perguntei-lhe então –, onde é que elas teriam arranjado fogueira para saltar?

– Oh! Deus arranja! – disse ela de pronto.

Dando eu a entender que nem sempre se encontram fogueiras nas matas, a não ser que as acendam mãos humanas, então ela, uma vez que eu assim a contraditasse, triunfantemente me perguntou:

– Há alguma coisa impossível para Deus?

Ao mesmo tempo que assim me inquiria, fazia a observação de que eu talvez fosse um protestante, e não acreditasse nem em Deus, nem na Virgem.

A essa altura do nosso diálogo, vi-me obrigado a renunciar à nossa palestra, assegurando-lhe, contudo, que os protestantes geralmente crêem em Deus e vão à igreja.

Replicando, disse-me ela ainda que disto não sabia e que sempre ouvira dizer justamente o contrário.

Afinal, no dia 2 de julho, alcançamos Belém do Pará, onde fui bondosamente recebido por meu amigo, o Sr. C.

Nessa ocasião, fiquei sabendo, o que muito me contentou, que estava no porto um navio, o qual deveria partir para Londres, possivelmente dali a uma semana, mais ou menos.

Na viagem rio abaixo, eu havia sofrido vários acessos de febre, e estava, por isso mesmo, muito fraco ainda, não podendo absolutamente fazer qualquer esforço.

A febre amarela, um ano antes, havia ceifado milhares de vidas, e ainda estava atacando ali os recém-vindos.

Raro era o navio, surto no porto, que não tivesse no hospital uma considerável porção dos seus tripulantes.

O tempo agora estava lindo.

O verão, ou estação seca, estava justamente principiando.

A vegetação mostrava-se luxuriantemente verde, o céu resplandecia, e a atmosfera era límpida e fresca.

Tudo isso fazia parecer impossível que pudesse abrigar-se ali o fatal miasma, que havia feito inúmeras vítimas, entulhando o cemitério de fúnebres cruces.

Por uma ou duas vezes, tentei fazer passeios pela floresta; mas esses exercícios geralmente me provocam um certo mal-estar e muitos arrepios, de modo que julguei mais prudente guardar absoluto repouso, tanto quanto possível, até ao dia de minha partida.

Desde que eu deixara a cidade, esta havia feito algum progresso, contando-se muitos novos melhoramentos.

Viam-se alamedas de amendoeiras e de outras árvores, plantadas ao longo da estrada que segue para Nazaré e em derredor do largo do Palácio.

Abriram-se novas ruas e estradas, calçaram-se outras vias públicas, construíram-se mais alguns prédios.

A outros aspectos, a cidade era a mesma coisa.

Via-se ainda muita imundície espalhada por todos os cantos da cidade; o mercado continuava desabrigado; viam-se ainda as mesmas carroças para o transporte de carne, os estivadores negros com o seu canto grave e monótono, as raparigas, índias e negras, todas bem humoradas, vendendo frutas e doces, e saudando-me como a um velho conhecido.

O preço das aves subira de 2 para 3 shillings e 6 pence, e as frutas e verduras na mesma proporção.

Na troca de dinheiro inglês por moeda brasileira, eu recebia agora dez por cento menos do que costumava receber nas anteriores transações.

Malgrado isso, todo mundo andava ali a queixar-se de que o comércio estava muito ruim e de que os preços correntes não eram quase compensadores.

Ouvi contar vários casos a respeito de miraculosas curas de febre amarela, quando no seu período crítico, e o partido que os médicos depois tiraram disso.

Um havia-se curado, comendo gelo; outro salvou-se, bebendo uma garrafa de vinho.

O gelo, de fato, era adquirido com grande empenho, como um excelente tônico, e era usado diariamente, por muitas pessoas, como um dos mais úteis preventivos.

Contratei a minha passagem no brigue *Helena*, de 235 toneladas, sob o comando do capitão John Turner, que era também o seu proprietário.

Na manhã de segunda-feira, 12 de julho, embarcamos, fazendo assim as nossas despedidas às alvas casas e ondulantes palmeiras de Belém do Pará.

A carga do nosso veleiro consistia em cerca de 120 toneladas de borracha, grande quantidade de sementes de cacau, urucu, piaçaba e óleo de copaíba.

Uns dois dias após a nossa partida, tive ainda um ligeiro ataque de febre, chegando quase a pensar que estava condenado a morrer da terrível moléstia que havia roubado a vida a meu irmão e a tantos ou-

tros compatriotas mais, que ora repousam perpetuamente em terra estranha.

Mas, com o uso de um pouco de calomelanos e de alguns aperitivos medicinais, logo pude melhorar de saúde, ficando de pé outra vez.

Sentia-me, entretanto, muito fraco e sofria muitos enjôos, e, por isso, passava a maior parte do tempo em meu camarote.

Durante três semanas, tivemos ventos muito brandos e bom tempo, e, no dia 6 de agosto, já tínhamos alcançado a latitude setentrional de 30°30'52" de longitude ocidental.

Naquela manhã, após o almoço, estava eu lendo tranqüilamente em meu camarote, quando ali desceu o capitão Turner, dizendo-me então:

– Estou receoso de que o meu navio esteja a incendiar-se! Venha ver o que o senhor pensa a respeito disso!

Fomos logo examinar o lazareto, ou pequeno porão, que ficava por baixo do convés, e onde estavam guardadas todas as provisões de boca.

Ali, entretanto, parecia não haver sinais de fogo.

Prosseguindo a nossa inspeção, dirigimo-nos dali para o convés de avante, verificando então que uma densa nuvem de fumaça estava a desprender-se do convés de proa.

Abrindo-se-lhe imediatamente as escotilhas, dali saiu também muita fumaça.

Os homens de bordo começaram logo a trabalhar na retirada de parte da carga dos porões.

Nesse trabalho, contudo, não encontraram qualquer sintoma da aproximação do foco.

Em seguida, abriram-se as escotilhas da popa.

Ali, a fumaça era muito mais densa, e, em curtíssimo espaço de tempo, tornou-se tão insuportável e tão sufocante, que os homens não puderam permanecer no porão, para retirar mais carga.

No momento, como melhor solução, começaram a atirar água ali, enquanto outros se dirigiam para a cabine, onde já encontraram tam-

bém muita fumaça, que saía do lazareto, através das juntas do tabique que a separava do porão.

Fizeram-se várias tentativas para arrancar o tabique; mas as tábuas eram demasiadamente grossas, e a fumaça se tornara tão insuportável, que foi impossível levar isso a efeito.

Nenhum homem podia permanecer ali mais tempo do que o bastante para dar somente duas pancadas.

Removeu-se a mesa da sala de jantar e tentou-se abrir um rombo no assoalho, a fim de tornar possível despejar-se água no foco do incêndio, que parecia estar localizado no ponto em que se achava guardado o óleo de copaíba.

Isso tomou algum tempo, pois a fumaça já era por demais sufocante, continuando a irromper, em densos ralos, das escotilhas.

Vendo, afinal de contas, a pouca possibilidade de extinguir-se o incêndio com os nossos próprios recursos, o capitão julgou mais prudente e mais acertado tratar da nossa própria segurança.

Ordenou a toda a equipagem que arriasse imediatamente todos os botes e neles colocasse tantas provisões quantas fossem necessárias, prevendo, assim, o caso de ser preciso passarmos para os botes.

O bote maior estava guardado na coberta, e gastou-se algum tempo para se conseguir removê-lo dali.

Esse bote ficou suspenso sobre serviolas, na quadra de popa, e, em seguida, desarriou-se facilmente.

Todos a bordo estavam em grande atividade.

Poucas provisões puderam ser retiradas das dispensas. Ordenou-se ao cozinheiro para tapar as cavidades e fendas dos botes.

Ninguém agora sabia onde se achavam os remos deles. Os toletes de pinho não se achavam no lugar próprio e não se conseguia encontrá-los.

Havia que procurar também os remos, bem como os paus, que deveriam servir de mastros e velas adequadas aos mesmos.

Panos sobressalentes, fios, cordoalha, sirgas, cabos de reboque, agulhas para velas, pregos, tachas, ferramentas de carpinteiro, etc., foram retirados e levados para os botes.

O capitão foi buscar o cronômetro, sextante, barômetro, bússolas, cartas e livros de navegação.

Os marinheiros reuniram as suas roupas, que traziam em enormes sacos de lona, onde se encontravam, misturados, uniformes de piloto, cobertores, roupas brancas, vestes de couro envernizado, calças, etc.

Eu ainda descí à minha cabine, que estava agora sufocantemente quente, tomada pela fumaça, para ver o que valia a pena salvar.

Tirei apenas o meu relógio e uma pequena caixa de folha-de-flandres, que continha algumas camisas e uns dois livros de notas, com alguns desenhos de plantas e animais.

Com dificuldade, agarrando-me às paredes, consegui subir para a coberta do convés.

Na minha cama, ficaram ainda as minhas roupas e um grande álbum de desenhos e esquemas.

Não tive coragem de aventurar-me a descer lá pela segunda vez.

Na verdade, senti uma espécie de apatia para tratar de salvar o que quer que fosse, mesmo porque, no momento, eu dificilmente podia atinar com o que devia fazer, com o que valesse a pena salvaguardar.

No convés, os homens da tripulação estavam ainda ocupados com os botes, e para estes estavam conduzindo as provisões, que eram dois barris de pão, um lote de carne de porco, crua, presuntos, caixas de carne em conserva, vinho e uma grande pipa de água.

A pipa teve de ser baixada vazia para dentro de um dos botes, pelo receio de algum possível acidente, e, depois de estar firmemente colocada no devido lugar, começou-se a enchê-la de água, serviço esse que era feito por meio de baldes.

Tendo ficado os botes longo tempo expostos ao sol tropical, estavam com a madeira bastante ressecada, motivo por que se encheram logo de água, molhando-se os livros, as peças de roupa, cobertores, sapatos, carne de porco, queijos, etc., que haviam sido jogados para dentro deles, confusamente.

Foi preciso pôr dois homens em cada um dos botes, a fim de retirar a água que estava penetrando neles.

Estando tudo isso pronto, a restante tripulação foi de novo convocada para despejar água nos porões e nas cabines, dos quais se desprendia, em grandes rolos, espessa fumaça amarela.

Já se percebiam, no fundo do porão, as crepitações do óleo, que se achava ali a ferver, como se fosse uma grande caldeira.

Desprendia-se dali um calor intensíssimo, fazendo pressentir que as chamas deveriam irromper dentro em pouco.

E assim, de fato, sucedeu.

Em menos de meia hora, o fogo brotou através do assoalho da cabine, consumindo rapidamente a madeira seca, de pinho, da qual se levantavam enormes labaredas.

O calor era ardentíssimo, no convés de vante.

Verificamos, desde logo, que todas as nossas esperanças estavam perdidas e que, dentro de poucos minutos, seríamos dali tocados pelo terrível elemento, devendo procurar refúgio em outro elemento não menos perigoso, que se inchava e se erguia em altas ondas, alguns milhares de milhas para cada lado, em redor de nós.

Afinal, o capitão ordenou que passássemos todos para os botes, tendo sido ele próprio o último a deixar o navio.

Tive que descer pelo costado, por meio de uma corda, para ganhar o bote, que se erguia, descia ou afastava, ao balouço e entumescimento do oceano.

Estando eu ainda algum tanto enfraquecido, meus dedos, com o atrito da corda, ficaram feridos, e fui cair estendido entre um monte de objetos, todos molhados e que ali foram atirados na maior confusão.

Um dos marinheiros estava tirando água com um balde, enquanto outro, com um copo, fazia o mesmo.

Parecia que a água não diminuía.

Dispus-me a auxiliá-los naquela tarefa, porém não pude continuar, por causa da água salgada, que tornava mais intenso e mais pungente o ardor dos meus dedos escarificados.

Permanecemos junto à popa do navio, ao qual estávamos ainda atracados, assistindo de bordo dos botes ao progresso do fogo.

As chamas já haviam atingido as enxárcias e as velas.

O espetáculo era estupendo.

As labaredas iam lambendo os pontos mais altos, onde avultavam armações, que já estavam com o tempo contado.

Logo depois, os aparelhos e velas de proa foram também atingidos, e as chamas irromperam das escotilhas, pelo porão de vante, vendo-se assim como rapidamente o fogo se ia alastrando, graças à carga de combustível.

Não tendo mais nenhuma vela para equilibrá-lo, o navio principiou a revolver-se, a rodar, a balancear, e os seus mastros, não podendo por mais tempo sustentar-se sem as amarras, começaram a inclinar-se, estalando, ameaçando cair a bordo a todo momento.

O mastro grande foi o primeiro a tombar no convés, partindo-se a cerca de 20 pés acima da base.

O mastro de traquete entretanto, permaneceu longo tempo a arder, desafiando a nossa admiração, o nosso assombro, pois resistia, firme, ainda a queimar-se, aos fortes balanços e inclinações do navio; afinal, já estando em parte queimado, chegou a sua vez, não se sustendo de pé mais do que uma hora, após a queda de seu companheiro.

Numa imensa fogueira estavam transformados os conveses, e os baluartes, em parte, já estavam sendo atingidos pelo fogo.

A maior parte dos meus papagaios, macacos e outros animais, que estavam a bordo do navio, morreram queimados, ou asfixiados pela fumaça.

Alguns deles, porém, retiraram-se para o corrimão, pondo-se ainda a salvo das chamas.

Nessa situação, entretanto, empoleirados ali, assistiam como que pasmados ao que estava sucedendo, parecendo inteiramente inconscientes do triste fim que os aguardava.

Fizemos algumas tentativas no sentido de passar alguns deles para bordo dos botes; mas parecia que eles, de forma alguma, queriam acautelar-se dos perigos que os ameaçavam, nenhuma tentativa fazendo para alcançar-nos.

As chamas, dentro em pouco, atingiam à base do parapeito, e alguns deles, recuando, iam caindo no meio do fogo.

Só um papagaio teve a sorte de escapar; estava ele trepado em uma das cordas do parapeito, a qual, tendo sido atingida pelo fogo, se rompeu pouco acima do lugar onde ele estava pousado e o fez cair na água, onde ficou a flutuar, de onde, finalmente, o tiramos.

Sobreveio a noite.

O navio, de uma ponta à outra, era uma só massa de fogo, da qual se desprendia intenso calor.

Resolvemos permanecer perto dele, pois os rubros clarões do incêndio haviam de despertar a atenção de qualquer outra embarcação, ainda mesmo que estivesse a navegar a uma considerável distância daquele ponto.

Desde manhã cedo, nada havíamos comido, porquanto tivemos muito que fazer, cuidando de outras coisas, que impediram nos lembrássemos daquela necessidade.

Só mais tarde, quando a temperatura começou a bailar, tornando-se mais fresca e mais agradável, foi que sentíamos que já estávamos, de fato, com muito bom apetite.

E comemos então biscoitos com água.

Em seguida, começamos os preparativos para passar a primeira noite a bordo dos nossos botes.

Os cabos, por intermédio dos quais estávamos ainda atracados ao navio, queimaram-se, ficando nós, então, à mercê das ondas irrequietas.

A pouco e pouco, assim, nós nos íamos afastando dali e recebemos perder de vista o navio, de modo a não sermos encontrados por qualquer outro, que tivesse a sorte de ser atraído pelos clarões do incêndio.

Os mastros despedaçados e várias outras peças de madeira flutuavam perto do navio, e, por isso, havia necessidade de se afastarem dali os nossos botes.

Mas eram tantos os pranchões, as tábuas e os pedaços de madeira, que ardiam, flutuando, perto de nós, que isso tornou a nossa situação muito perigosa, correndo os nossos botes, em virtude do ressecamento da madeira, o sério risco de serem também atingidos pelo fogo, caso entrassem em contato com aqueles paus em chamas.

Por precaução, pois, nós nos íamos afastando a pouco e pouco, porém conservando sempre de um quarto a meia milha de distância do navio, remando, quando isso se fazia mister.

Do mesmo modo que nós, tudo que também se achava a bordo dos nossos botes estava encharcado de água, e, nessa situação, pouco podíamos repousar.

Se, por alguns instantes, nós nos descuidávamos e chegávamos mesmo a cochilar, logo despertávamos, assustados, e compreendíamos, então, a realidade da situação em que nos achávamos, contemplando os rubros clarões que o nosso navio, ardendo, deitava sobre nós.

Era um espetáculo deveras magnífico.

Os conveses já estavam completamente queimados, e, com o entumecimento do mar, o navio, levantando-se e abaixando-se ou rodando, adernava para o nosso lado e punha à mostra, então, o seu enorme bojo, transformado em uma só massa de fogo.

Era uma indomável e ardente fornalha, agitando-se sem cessar sobre o oceano.

Afinal, rompeu a manhã.

Os perigos da noite passaram.

Com os nossos corações cheios de esperança, tratamos logo de levantar os nossos pequenos mastros e esticar as velas, que tínhamos posto a bordo dos nossos botes, na véspera.

E, então, dizendo adeus aos restos do navio, que ainda estava a arder, os nossos botes, impelidos por um brando vento de leste, subindo ou abaixando-se, ao sabor do movimento das ondas, lá se foram para a frente.

Recorremos aos papéis e lápis, para a determinação da nossa rota e para calcular também a distância a que nos achávamos das Bermudas.

Verificamos, então, que o ponto mais próximo de terra, no imenso deserto de águas que se estendia em torno de nós, estava, no mínimo, dali a 700 milhas.

Assim distantes ainda, íamos, contudo, esperançosos e confiantes, sendo levados para a frente por um vento favorável, e calculamos que, se este não mudasse de direção, poderíamos fazer umas 100 milhas por dia, de modo que, dentro de sete dias, alcançaríamos o desejado porto.

Na noite anterior, havíamos comido muito pouco; por isso, pela, manhã, muito cedo ainda, já tínhamos bom apetite.

Com presunto, carne de porco, biscoito, vinho e água, que tínhamos a bordo dos nossos botes, fizemos uma sóbria e cordial refeição.

Embora crua, achamos que a carne não deveria ser menos-prezada, pois nenhum fogo poderia arranjar-se para prepará-la.

O dia estava lindo e quente, e as algas flutuantes, ou sargaços, eram ali abundantíssimas.

Os botes ainda tinham que ser esvaziados constantemente; e, embora nos houvéssimos adiantado pouco, os contínuos borrifos do mar nos deixavam sempre bastante molhados.

À noite, prendemos um cabo ao bote grande, para que ele nos rebocasse, e, desse modo, não nos afastássemos do mesmo.

Navegamos muito a par, desfraldadas em ambos as velas.

Passamos uma tolerável noite, naquelas novas circunstâncias.

No dia seguinte, 8, o céu estava bonito e limpo, vendo-se ainda muitas algas marinhas, que flutuavam abundantemente perto de nós.

Viam-se também inúmeros peixes voadores, alguns dos quais chegaram a cair dentro dos nossos botes, enquanto outros percorriam imensas distâncias, voando por sobre as ondas.

Eu já tinha as mãos e o rosto muito tostados pelo sol, e, por isso, os sentia arder muito dolorosamente.

À noite, dois “loucos”, grandes aves marinhas, de cor escura e de asas muito longas, voaram perto de nós.

Tive ocasião de ver a queda de vários meteoros.

Para bem observá-los, na verdade, eu não poderia estar em melhor posição, deitado de costas, como me encontrava, em um pequeno bote, em pleno Atlântico.

Uns pequenos pássaros, em bandos numerosos, estavam voando e fazendo alegre ruído com os seus chilreios.

Os marinheiros não sabiam que aves eram aquelas.

No dia 9, tivemos, outra vez, um bonito dia, porém, bastante quente, e minhas mãos estavam excessivamente doloridas.

Ainda não avistáramos barco algum, apesar de já estarmos cruzando o roteiro dos navios das Índias Ocidentais.

O tempo tornara-se algum tanto borrascoso.

Passsei toda aquela noite muito nervoso e incomodado.

Os nossos botes já não estavam mais fazendo tanta água, o que foi para nós uma grande satisfação.

O dia 10 continuou borrascoso, e o vento virou repentinamente para sudoeste.

Desta forma, já não podíamos mais seguir a rota para as Bermudas.

Pelo contrário, estávamos sendo levados para outra direção, ao norte delas.

O mar levantava-se em grandes e altas ondas, e súbitos pés-de-vento freqüentemente faziam inclinar demais os nossos botes, causando-nos, dessa maneira, verdadeiro alarma.

Em seguida, tivemos alguns chuvisqueiros; muito grato nos teria sido escorrer alguma água fresca; porém isso não nos era possível, pois todas as nossas roupas e velas estavam saturadas de sal.

Ao meio-dia, a nossa posição era de 31°59' Norte por 57°22' Oeste.

O dia 11 ainda continuou tempestuoso e bastante borrascoso.

Viam-se agora menos algas marinhas.

O vento soprou ainda mais na direção de oeste, de modo que fomos obrigados a seguir aproximadamente rumo do norte.

A madeira dos nossos botes estava agora bastante entumecida e, por isso, faziam eles muito pouca água.

Durante a noite, apreciei o espetáculo de mais algumas estrelas cadentes.

No dia 12, o vento ainda se nos conservou desfavorável.

Já estávamos quase saindo do roteiro dos navios e com muito pouca probabilidade, assim, de alcançar as Bermudas.

O bote grande passou hoje sobre águas verdes, sinal evidente de que provavelmente deveriam existir ali alguns rochedos a uma profundidade moderada.

Muitos delfins nadavam perto dos nossos botes: a cor deles, quando vistos na água, é esplêndida, pois tem magníficos matizes metálicos, de variegados tons, verde, azul e ouro.

Eu não me fartava de admirá-los.

No dia 13, o vento continuou na direção oeste, soprando exatamente do ponto que desejávamos alcançar.

O dia estava muito bonito, e víamos muitos furiosos e irritantes tentilhões ou filhotes da ave chamada “mãe-Carolina”, os quais voavam perto de nós.

Já estávamos nos botes, havia uma semana, e nos encontrávamos somente a meio caminho das Bermudas; por isso, tivemos que impor-nos todos os meios para encurtar as rações de água, antes que fosse demasiado tarde.

O sol estava ardentíssimo, o calor era opressivo e sofriamos sede fortíssima.

O dia 14 decorreu calmo, e quase não podíamos avançar.

O sol estava verdadeiramente escaldante, e não tínhamos o menor abrigo.

Ardemos em crudelíssima sede o dia todo.

Inúmeros delfins e peixes “pilotos” vinham até bem perto dos botes.

À noite, soprou um vento muito brando; era-nos, porém, favorável.

Durante o dia, como tivéssemos tido bom tempo, conseguimos enxugar nossas roupas e dormimos bem.

No dia 15, o vento de novo amainou, e tivemos outra calmaria.

O mar estava cheio de pequenas *medusas*, denominadas pelos marinheiros “urtigas-marinhas” ou “gordura-de-baleia”; algumas eram meras massas ovais ou esféricas, muito alvas; outras eram de cor parda; todas, porém, lindamente adornadas de uma espécie de touca; em movimentos rápidos, iam nadando, à custa de alternadas contrações e dilatações que faziam, e, assim, iam-se empurrando para diante, sobre a água.

O calor estava fortíssimo e sofremos uma sede horrível.

Já estávamos quase desesperançados de ver algum navio, ou, então, de alcançar as Bermudas.

Cerca das 5 horas da manhã, justamente quando tomávamos a nossa matinal refeição, notamos que o bote grande, que ia a alguma distância à nossa frente, repentinamente virou de bordo.

– Eles devem ter visto uma vela ou algum navio! – exclamou o capitão.

Correndo o olhar em roda, distinguimos, então, um navio, que vinha aproximadamente em nossa direção, e que deveria estar a umas cinco milhas de distância.

Estávamos salvos!

Os homens, tomados da maior alegria, beberam logo o resto da ração de água, e, tomando dos remos, remaram vigorosamente, com a maior satisfação, para o lado do navio.

Às 7 horas, já estávamos atracados ao costado dele. O seu comandante recebeu-nos bondosamente a bordo.

Os nossos marujos logo acorreram às pipas de água, a qual sorviam a grandes goles.

Nós também sofregamente nos juntamos a eles.

Em seguida, tivemos a já esquecida delícia de uma xícara de chá.

Por ter estado tão longo tempo encolhido no bote, eu quase não podia ficar em pé, quando entrei a bordo do navio.

Naquela noite, não pude dormir.

As saudades de casa, com todas as suas alegrias, vieram à minha lembrança, e parecia que eu já me encontrava de posse de tudo isso.

Tais pensamentos vinham-me em tropel, num misto de esperança e de temor.

E, assim, tive que passar em vigília aquela noite, a qual foi das mais desassossegadas que tive, mesmo quando ainda me encontrava no bote, com pouca esperança de livrar-me dos perigos do mar.

O navio, que nos recolheu, era o *Jordeson*, sob o comando do capitão Venables, que estava rumando para Londres, procedente de Cuba, com um carregamento de cedro, tatajuba e outras madeiras.

Fomos recolhidos na latitude de 32°48' Norte e na longitude de 60°26' Oeste.

Estávamos ainda a uma distância de cerca de 200 milhas das Bermudas.

Durante alguns dias, tivemos bom tempo e ventos muito brandos.

Íamo-nos arrastando a umas cinqüenta milhas diárias.

Agora, todavia, que todos os perigos pareciam acabados, foi que comecei a sentir fundamente a grandeza da minha perda.

Com que prazer eu contemplara cada um dos raros e curiosos insetos, que ajuntava às minhas coleções!

Quantas vezes, quase morto de febre, não me havia arrastado até à floresta, onde era recompensado com a captura de mais alguns exemplares de bonitas e raras espécies desconhecidas!

Quantos lugares, que nenhum europeu havia ainda pisado, senão eu mesmo, não seriam trazidos à minha lembrança pelos pássaros e insetos raros, que capturei, quando eu pudesse contemplar as coleções que ali fizera!

Quantos dias e mesmo semanas, fazendo os maiores sacrifícios e suportando todas as fadigas, não havia eu gasto, para fazer as minhas coleções, absorvido unicamente pela apaixonada esperança de trazer para casa muitas coisas interessantes e lindas daquelas inóspitas regiões!

Quão caras não seriam todas elas para mim, pelas recordações que haveriam de evocar, servindo ainda para comprovar que eu fora bem recompensado em todos os meus esforços!

E quanta ocupação, e, bem assim, quanta distração, não haveriam de dar-me ainda, durante muitos anos!

E, agora, tudo se perdera!

Já não tenho mais espécime algum, para ilustrar as desconhecidas e remotas terras que perlustrei, nem mesmo para me trazerem recordações das terras selvagens, que ali contemplei!

Convenci-me de que todos estes pesares agora eram inúteis.

Assim, pois, fiz todas as tentativas para pensar o menos possível em tudo que me sucedera, procurando, por essa forma, reconciliar-me com o novo estado de coisas.

No dia 22 de agosto, tive ocasião de presenciar a queda de três trombas de água.

Eu, há muito, desejava assistir a uma tempestade em alto mar.

Este meu desejo foi assim plenamente satisfeito.

No começo de setembro, tivemos forte temporal.

O barômetro havia baixado, bruscamente, cerca de meia polegada.

Pela manhã, o vento soprava fortemente.

O navio ia navegando com todas as suas velas estendidas.

A certa hora, o capitão começou a encurtá-las.

Antes, porém, de conseguir o seu intento, umas quatro ou cinco foram reduzidas a frangalhos.

Muito tempo foi gasto para erguer outras devidamente arrumadas, em substituição daquelas.

À tarde, navegávamos, com velas duplas no mastro de mezena.

O mar quebrava-se em espumas, arremetendo-se continuamente sobre o nosso navio.

À noite, levantavam-se enormes vagalhões.

O navio jogava e sacudia-se horrivelmente, causando-nos verdadeiro pânico.

As ondas encapeladas vinham quebrar-se no convés, inundando todos os porões.

O navio, por causa de tão fortes balanços, estava como um homem embriagado.

Passamos a noite desassossegadamente.

Um enorme vagalhão quebrou a escotilha da nossa cabina, molhando-nos completamente.

O velho navio rangia, sacudia-se, subia e descia, tão loucamente, que receei mesmo que nos acontecesse algum desastre, e fossemos todos tragados pelas ondas.

As bombas estiveram funcionando a noite toda, para esgotar a água que invadia os porões.

Só às 12 horas do dia seguinte, foi que o navio pôde ficar livre da água.

O vento, em seguida, amainou.

Tivemos bom tempo outra vez.

Toda a equipagem ocupou-se, em seguida, de estender outras velas e de reparar algumas já velhas, que ficaram estragadas pela borrasca.

Tivemos ocasião de apanhar vários delfins, que não eram mais para se comer.

Quando mortos, não há tanto que se lhes admirar nas cores.

Elas não se comparam com as do peixe ainda vivo, quando visto a nadar nas transparentes e azuladas águas do mar.

Já estávamos com sensível falta de provisões de boca.

E isso fora devido ao elevado número de pessoas, que se encontravam a bordo.

Já não tínhamos mais presunto, nem queijo.

As ervilhas, igualmente, desde muitos dias, estavam acabadas, e, daí para cá, não tivemos mais sopa.

A seguir, esgotou-se a provisão de manteiga, e tínhamos, assim, de comer os biscoitos a seco.

O pão e a carne de porco já estavam quase no fim.

Foi necessário, por isso mesmo, estabelecer o regime de rações.

Conseguimos obter algumas poucas provisões de um navio, que encontramos em nossa rota.

Tínhamos seguidamente ventos contrários.

Tivemos que suportar um novo temporal.

E, assim, a nossa viagem ia-se prolongando cada vez mais.

Comeu-se o último pedaço de carne de porco.

Daí por diante, só tivemos medíocres refeições, que se limitavam a biscoito e água.

Fomos, de novo, socorridos por outro navio, que encontramos.

E ficamos muitíssimo contentes, por termos conseguido um pouco de carne e algumas rapaduras, nessa ocasião.

Na noite de 29 de setembro, já havíamos alcançado o Canal,¹⁵⁰ quando sobreveio violentíssima tempestade.

Grandes foram as perdas sofridas pela navegação.

Alguns navios, que eram de muito maior resistência do que o nosso, soçobraram nesse dia.

A bordo de nosso navio, no dia 10 de outubro, entrou um piloto.

Eu e o capitão Turner desembarcamos em Deal.

Eu havia gasto, desde Belém do Pará até ali, 80 dias de viagem.

E assim, havendo escapado a tantos e tão continuados perigos, muito me alegrei de ter ainda podido pisar, mais uma vez, o solo pátrio.

150 “O Canal” (*The Chanell*), *tout court*, é como denominam os ingleses o a que damos a errada expressão de “Canal da Mancha”, em vez da “Canal da Manga”. Tendo aquele pequeno braço de mar, que fica entre a Grã-Bretanha, a Bélgica e a França, a forma de “manga de vestido”, deram-lhe os geógrafos gauleses a denominação de “La Manche”. Traduzindo-a para o nosso substantivo “mancha”, esquecemo-nos de que, em francês, tal palavra portuguesa tem como correspondente “tache” e não “manche”.

.....

Capítulo XIV
Geografia Física, Geologia e Clima do Vale do Amazonas

A

a) GEOGRAFIA FÍSICA

BACIA do Amazonas ultrapassa, pela sua extensão, a de qualquer outro rio do globo.

Ela está situada inteiramente nos trópicos, em ambos os lados do equador, e recebe sobre toda a sua superfície as mais abundantes chuvas.

O volume de água doce, transportado pelo Amazonas, para o oceano, é, por essa razão, muito maior do que o de qualquer outro rio.

E isto não só no seu sentido absoluto, mas também possivelmente em relação à sua área, pois esta é quase toda coberta de densas florestas virgens, e as chuvas, que nelas penetram, não sofrem tanta evaporação, como quando caem nos ardentes plâinos do Orenoco ou nos descampados pampas do Prata.

Pela riqueza das produções vegetais e geral fertilidade do solo, o seu território é inigualável no globo, e apresenta-se à nossa observação como uma região natural, capaz de sustentar, mais do que qualquer outra de igual extensão, uma grande população, podendo supri-la, da maneira mais completa, de tudo que é necessário à vida.

Deste admirável rincão passaremos, em seguida, a descrever as suas principais particularidades físicas.

Desde a latitude de 4 graus Norte até à de 24 graus de latitude Sul, todo rio que flui das vertentes orientais dos Andes é um tributário do Amazonas.

Isto é como se todos os rios, desde São-Petersburgo até Madrid, unissem todas as suas águas, para formar um só, e volumoso rio.

O Maranhão, que se considera geralmente como o principal formador do Amazonas, merece tal título, por vários motivos.

Dentre os grandes formadores do Amazonas, é ele o que nasce mais a oeste, recebendo, por sua vez, as águas de todos os rios que correm mais próximos do Pacífico; é também, o mais afastado, em linha reta, da barra do Amazonas; e percorre uma considerável distância no vale mais ocidental dos Andes, separado apenas por um degrau do Pacífico.

No ponto onde ele rompe a cadeia, a leste dos Andes, na longitude de 78 graus Oeste, já é um rio volumoso e largo, num meridiano onde qualquer outro rio, que pudesse reivindicar o direito de ser considerado o formador do Amazonas, não tem absolutamente existência.

Subindo-se o Amazonas, desde a sua foz no Atlântico, é ele o curso de água no qual se pode vencer a maior distância, na direção geral de leste para oeste.

Se se considera o atual comprimento do seu curso, ainda ele mantém esta colocação, pois acredito que não deve haver uma diferença de mais do que dez ou vinte milhas entre ele e o Ucaiáli,¹⁵¹ entrando em conta a cabeceira mais extensa deste último.

De resto, o seu curso é presentemente tão incerto, que só os futuros levantamentos topográficos poderão aumentá-lo ou diminuí-lo consideravelmente.

Estas considerações, conforme presumo, decidem a questão quanto à prioridade de considerar-se o Maranhão como o verdadeiro formador do Amazonas.

Acredita-se que, desde as suas cabeceiras, no lago Lauricocha, até à sua barra, na longitude de 50 graus Oeste, acompanhando as principais curvas que ele faz e desprezando as suas voltas menores, a sua extensão é de 2.740 milhas inglesas.

151 No original, *Uyicali*, mas deve ser erro tipográfico, em vez de *Ucayali*.

Em linha reta, a sua extensão, de leste a este, é de cerca de 2.050 milhas, cobrindo os seus tributários, de norte a sul, um percurso de 1.270 milhas.

A superfície total da bacia do Amazonas, não incluindo a do Tocantins, que eu considero um rio distinto, é de 2.330.000 milhas quadradas inglesas ou 1.760.000 milhas quadradas náuticas.

Esses algarismos representam mais de um terço da área de toda a América do Sul, sendo ainda igual a dois terços da superfície total da Europa.

A Europa ocidental pode caber toda dentro de sua área, sem tocar os seus limites, nela podendo conter-se mesmo todo o nosso império das Índias.

Os numerosos tributários do Amazonas, muitos dos quais podem comparar-se aos maiores e mais volumosos rios da Europa, diferem notavelmente entre si, pela cor das águas, pelo caráter da vegetação de suas margens e pelos animais que nela habitam.

Podem dividir-se em três grupos distintos: rios de águas esbranquiçadas ou claras, rios de águas azuladas e rios de águas escuras.

No seu curso principal, o próprio Amazonas é um rio de águas claras, aplicando-se esta categoria a todos os que são de águas de um amarelo-claro, cor de azeitona.

Este seu colorido, ao que parece, não depende exclusivamente das matérias terrosas em suspensão, mas talvez seja devido a alguma outra matéria corante, que se conserva em solução nas suas águas.

Nos lagos e enseadas, onde as águas são tranqüilas e poderá, por isso mesmo, depositar todos os seus sedimentos, elas ainda conservam, no entanto, aquela sua cor característica.

As águas do Amazonas continuam com a mesma cor, para cima da barra do Ucaíali, e dali tornam-se elas azuladas ou transparentes, começando daquele ponto para cima as águas claras do seu referido tributário.

Esta circunstância tem sido tomada como prova de ser o Ucaíali o principal formador do Amazonas.

Não posso admitir, entretanto, que isso possa ter alguma coisa com a questão.

É evidente que, se iguais quantidades de águas claras e turvas forem misturadas, o resultado diferirá muito pouco, em cor, destas últimas; e, se as águas claras entrarem em quantidade consideravelmente maior, a mistura resultante ainda será turva.

A diferença do colorido das águas dos rios, que as tem claras e azuladas, é evidentemente devida à natureza da região que eles atravessam.

Uma zona de terras rochosas ou arenosas terá sempre rios de águas claras e outra de terras argilosas ou de aluvião terá sempre rios de águas amarelas ou cor de azeitona.

Um rio, por isso mesmo, pode nascer num rincão rochoso e, após algum trecho do seu curso, atravessar uma bacia de terrenos de aluvião, onde as águas de resto deverão mudar de cor, independentemente de quaisquer tributários, que possam nele entrar, perto das junções das duas formações.

O Içá e o Japurá têm muita semelhança, pela cor de suas águas, com o Amazonas.

O rio Branco, tributário do rio Negro, da margem setentrional, torna-se notável por causa da cor peculiar de suas águas, e, até que eu mesmo o visse, não poderia acreditar que merecesse tão bem aquele nome.

Os índios e comerciantes diziam-se sempre que ele era realmente branco, muito mais do que o Amazonas.

Descendo o rio Negro, em 1852, ao passar-lhe pela barra verifiquei que as suas águas eram de uma cor leitosa, quase azeitonada; pareceu-me como se uma determinada quantidade de greda estivesse em solução, restando-me pouca dúvida, desde então, de haver em suas margens consideráveis leitos de pura argila, que ocorrem em muitas partes também do Amazonas, e que concorrem, por isso mesmo, para dar às suas águas aquela brancura característica.

Os rios Madeira e Purus têm também águas esbranquiçadas, na estação das chuvas, ocasião essa em que as suas águas ficam com forte correnteza e transportam os detritos das aluviões de suas margens.

Na estação seca, porém, elas são transparentes, tendo uma cor de azeitona, pardo-escura.

Todos os rios que nascem nas montanhas do Brasil têm águas claras ou azuladas.

O Tocantins, o Xingu e o Tapajós são os principais rios desta classe.

O Tocantins percorre, no seu baixo curso, rochas vulcânicas, e as suas águas são lindamente transparentes.

A maré, contudo, por ele avança algumas milhas, tornando-as túrbidas.

Assim também sucede com as do Xingu.

O Tapajós, que entra no Amazonas, cerca de 300 milhas acima de Belém do Pará, têm águas claras na sua barra, formando um admirável contraste com as águas amareladas daquele.

É para cima do Madeira que se observa, pela primeira vez, o curioso fenômeno dos grandes rios de águas escuras.

O rio Negro é o maior e mais notável de todos os rios desse grupo.

Ele nasce na latitude de 2° e 30' Norte, e as suas águas, nas suas cabeceiras, são muito mais escuras do que na parte inferior de seu curso.

Todos os tributários de suas cabeceiras, principalmente alguns dos de menor curso, têm águas muito escuras, e, onde eles correm sobre alva areia, dão a esta um matiz de ouro, isso por causa da forte coloração de suas águas, as quais, nos trechos onde elas são profundas, parecem ser tão negras como tinta.

Os pequenos rios, que nascem no mesmo distrito e deságuam no Orenoco, caracterizam-se também pelas suas águas, que têm igualmente uma cor escura.

O Caciquire flui primeiramente com águas claras ou cor de azeitona parda.

Mais abaixo, o Cababuris, o Maravilha¹⁵² e alguns outros rios menores, que são de águas claras, ajudam-no a diluí-las, e, então, finalmente, lhe traz o rio Branco as suas águas de cor leitosa.

152 Araújo e Amazonas (ob. cit., págs. 89-90 e 196) prefere as formas *Canaburi* e *Maraviá*.

Não obstante tudo isso, o rio Negro, até à sua barra, ainda conserva tão escuras como tinta as suas águas.

É somente em águas pouco profundas que elas parecem ser mais claras do que mais para cima, e as areias não se colorem com aquela genuína cor de ouro, tão notável ali.

No Amazonas meridional, há também alguns rios de águas escuras: o Coari, o Tefé, o Juruá e alguns outros mais.

Os seus habitantes disso tiram vantagem, escapando da praga dos mosquitos, sendo as cidades de Coari e Ega lugares de refúgio para os viajantes do alto Amazonas, pois dificilmente se encontram os importunos insetos nos rios de águas escuras.

As causas do peculiar colorido das águas desses rios não são, penso eu, tão obscuras.

Quer-me parecer que isso é devido à decomposição da folhagem, raízes e outras substâncias de origem vegetal.

Nas florestas virgens, onde a maior parte desses rios têm as suas cabeceiras, os córregos, ribeirões e riachos são mais obstruídos pela folhagem morta e galhos podres das árvores, que neles caem, e, pela sua decomposição, lhes dão as águas vários matizes escuros.

Quando esses ribeirões se reúnem e se acumulam para formar um rio, eles de resto já têm um carregado matiz pardo-escuro, muito parecido com o das águas dos nossos pântanos ou águas de turfa, se não concorrerem outras circunstâncias, para modificá-lo.

Se as suas torrentes atravessarem um terreno de argila das aluviões, a cor de suas águas terá de modificar-se e predominará inteiramente a pardo-escura.

Penso que isso deverá influir na anomalia, que se observa, de terem rios da mesma região águas de diferentes cores.

Aqueles, cujas cabeceiras são bem conhecidas, acomodam-se sob tais aspectos.

O rio Negro, o Atabapo, o Içana e vários outros rios menores têm suas cabeceiras e todos os seus cursos no seio de profundas florestas.

Correm, em geral, sobre leitos de claras rochas de granito, e a velocidade de suas águas é pequena, de modo que, assim, não se minam as partes moles de suas margens.

O Içá, o Japurá e o alto Amazonas, ao contrário, percorrem extensos trechos de terrenos de aluvião, e, tendo as cabeceiras nas vertentes dos Andes, muito mais sujeitas, por conseguinte, aos efeitos de fortes correntezas, com maiores velocidades, transportam grande quantidade de sedimento.

Na verdade, e isso parece ser bem claro, conhecendo-se o curso de um rio, podemos traçar, pela cor de suas águas, as várias peculiaridades da região, através da qual ele corre.

Excetuando-se os cursos de água que nascem nos Andes, as cabeceiras mais remotas de todos os tributários, que delimitam a bacia do Amazonas, ao norte e ao sul, relativamente pouco se elevam acima do nível do mar.

Toda a sua bacia, excetuada uma pequena porção, é uma planície de aspecto perfeitamente regular.

A verdadeira altitude de sua cabeceira, no lago Lauricocha, ainda não foi determinada com a necessária precisão.

Em Tomependa, calculou Humboldt a altitude provável de 1.320 pés acima do nível do mar.

Isso é tão aproximado quanto as 2.000 milhas de sua distância, em linha reta, até à sua foz.

Deste modo, o seu caimento médio será de 8 polegadas por milha.

Se tomarmos, porém, a sua altura em Tabatinga, cuja altitude, de acordo com Spix e Martius, é de 670 pés, encontraremos, sendo a sua distância de cerca de 1.400 milhas, que o seu caimento é somente de 5 ½ polegadas por milha.

Se tivéssemos com precisão a altura de Barra-do-Rio-Negro, não duvidaríamos admitir que o seu caimento, desde aquele ponto, não passará de mais de 2 ½ polegadas por milha.

Ora, sendo sua distância, em linha reta, de cerca de 700 milhas, podemos por conseguinte, estimar a sua altura provável em menos de 200 pés, talvez nem mesmo mais do que 150 pés.

Esta altura, estou inclinado a pensar que é ainda bastante elevada, e isso em virtude de algumas observações que fiz com um termô-

metro de precisão, de leitura de décimos do grau, da temperatura da ebulição da água.

Esse resultado é bastante apreciável, e demonstra que o barômetro, ali, deverá, no máximo, manter a altura de trinta polegadas, e, a não ser assim, nos meses de maio e de agosto, consideravelmente mais alta do que o nível do mar, a cidade de Barra estaria pouca coisa mais alta do que o nível do mar.

Para a altitude da região nas proximidades das cabeceiras do rio Negro, Humboldt é a nossa única autoridade.

Fixa ele o valor de 812 pés para a altitude de São-Carlos.

Todavia, ele próprio alega que esta determinação talvez seja duvidosa, devido a um acidente ocorrido com o seu barômetro.

Eu posso, por conseguinte, embora com grande timidez, arriscar-me a pôr as minhas dúvidas também quanto àquele resultado.

A distância, em linha reta, de Barra-do-Rio-Negro a São-Carlos, é muito menor do que do mesmo ponto a Tabatinga, cuja altitude é de 670 pés.

A correnteza das águas, em Tabatinga, entretanto, é muito mais forte do que no rio Negro.

Este, no seu baixo curso, tem tão pouca queda, que, no mês de janeiro, quando o Amazonas começa a elevar o nível de suas águas, estas nele penetram pela sua barra e tornam-no como que um rio de águas estagnadas, numa extensão de várias milhas de seu curso, para cima da foz.

As cachoeiras do rio Negro, pelo que presumo, somadas todas as suas alturas, não têm mais do que 50 pés, e tanto para baixo, como para cima delas, o rio não tem forte correnteza.

Ora, assim sendo, só por esta circunstância podemos situar São-Carlos em menor altitude do que Tabatinga, ou seja, numa altitude de 600 pés.

As minhas observações, feitas quando excursioniei no rio Negro, deram resultados bastante seguros.

Em Castanheiro, cerca de 500 milhas para cima, a temperatura do ponto de ebulição foi de 212, 4°; na barra do Uaupés, 212, 2°; e em um outro ponto, pouco abaixo de São-Carlos, acima de Barra, não deverá ultrapassar 250 pés.

Como havíamos estimado esta última na altura de 200 pés, acima do nível do mar, a altitude de São-Carlos torna-se assim em 450 pés, resultado esse que eu presumo não estar longe da verdade.

A velocidade da correnteza das águas varia com as diferentes épocas do ano e com a largura do rio.

As informações, que temos a esse respeito, são muito escassas.

Pelos trabalhos realizados por brasileiros da província do Pará, estabeleceu-se para velocidade média da correnteza do rio Madeira 2.970 braças, ou cerca de três e meia milhas por hora, na estação das águas.

Em Óbidos, fiz uma observação em tal sentido, no mês de novembro, quando o Amazonas está no seu nível mais baixo, e achei que a sua velocidade é de quatro milhas por hora.

Todavia, este resultado de forma alguma representa a sua velocidade no tempo das águas.

Descendo em demanda do Pará, no mês de junho de 1852, verifiquei que muitas vezes navegávamos 5 milhas por hora, e, como o vento soprasse diretamente, rio acima, haveria provavelmente de retardar-nos, em vez de auxiliar-nos.

Demais disso, a canoa em que viajávamos não estava bem aparelhada de enxárcias.

Martius calcula em 500.000 pés cúbicos, por segundo, o volume de água que passa em Óbidos.

Isso está de perfeito acordo com os meus próprios cálculos, porém de conformidade com observações feitas na estação seca.

Quando o rio está cheio, deverá ser muito maior o seu volume.

Num cálculo aproximado, se supusermos que 72 polegadas ou 6 pés representem a altura das chuvas que caem anualmente sobre todo o vale do Amazonas, isso dará um volume de 1.500.000 pés por segundo, de cujo total uma parte deverá evaporar-se e outra parte irá escoar-se na foz do grande rio.

Se acrescermos de mais de sua metade o valor dado por Martius, para calcularmos o valor da vazão no baixo Amazonas, como valor médio do ano todo, teremos, então, que a evaporação corresponde à metade da quantidade total de chuvas, que ali caem anualmente.

É fato freqüentemente referido, e que parece plenamente comprovado, que o Amazonas invade o oceano com as suas águas doces até uma distância de 150 milhas da foz.

É fato também geralmente sabido que a maré avança rio adentro até Óbidos, situada 500 milhas para cima da barra do Amazonas.

Estas duas ocorrências parecem irreconciliáveis, pois não é fácil compreender-se como as marés possam atingir a tal distância, e, todavia, não transportem nenhuma água salgada.

Mas o que parece também ser fato verificado é que nunca a maré corre de todo pelo rio acima; as águas do Amazonas levantam-se apenas, e – tanto durante a preamar ou maré alta, como durante a baixante ou vazante – as suas águas conservam-se correndo rapidamente para baixo.

Isso sucede até bem perto da foz do Amazonas.

Na ilha de Mexiana, que já se acha exposta ao alto-mar, as suas águas são sempre doces, e pode-se bebê-las em toda a roda do ano.

Sendo a água salgada mais pesada do que a água doce, aquela poderá correr no fundo do rio, enquanto as águas doces correm por cima, ainda mesmo que seja difícil conceber-se como é que isto possa verificar-se em toda a sua extensão, e sem que apareça água salgada nas margens.

O levantamento das águas a tão grande distância rio acima, no entanto, pode ser explicado facilmente, e serve para provar também que o declive do rio, até aonde a maré deixa de produzir seus efeitos, não deve ser grande.

De resto, levantando-se as águas do oceano, as do rio deveriam ficar represadas; porém a velocidade da sua correnteza força as suas águas a romper para diante.

Não é fácil compreender-se como as águas podem levantar-se, ficando com um nível mais alto do que as do oceano, que são a causa, afinal, de tal levantamento.

Podemos, portanto, supor que em Óbidos onde a maré cessa de produzir os seus efeitos, o rio está justamente ao nível do oceano, nas suas mais altas marés.

Fenômeno algo um tanto idêntico é o que se verifica na barra do rio Tapajós.

Ali, no fim da estação seca, o volume de águas fica bastante reduzido, e estas correm com uma velocidade muito fraca.

O Amazonas, todavia, com as suas marés, levanta-se consideravelmente, e as suas águas, ficando em nível mais alto do que as do Tapajós, neste penetram e empurram-lhe as águas para trás.

Assim, vemos então o Amazonas correr rapidamente para baixo, ao mesmo tempo que o Tapajós fica correndo para cima.

Parece que é ainda uma questão muito discutida pelos geógrafos ser ou não o rio Pará um braço do Amazonas.

Pelas observações que fiz, sou decididamente de opinião que não é.

Acredito que seja simplesmente uma passagem ou volta do Tocantins e de numerosos outros rios menores.

O canal ou passagem do Tajipuru, que se liga com o Amazonas, e por intermédio do qual se faz todo o comércio entre o Pará e o interior, é uma rede completa de canais, ao longo dos quais as marés penetram com os seus fluxos e refluxos, mascarando, por essa maneira, a verdadeira direção e velocidade da sua correnteza.

Parece provável que nem uma gota de água do Amazonas procure caminho por esse canal do rio Pará, e fundo a minha opinião nos seguintes fatos.

É coisa sabida que, em maré fluvial, a baixa-mar ou vazante continua mais tempo do que a maré alta, porque a correnteza do rio necessariamente tem de ser vencida, e, assim, retarda o começo do fluxo, que, pelo contrário, facilita na baixa-mar.

Isto observa-se nos pequenos rios de perto do Pará.

Tomando isso como guia, podemos então dizer qual o caminho que as águas procurarão estabelecer no Tajipuru, independentemente das marés.

Na minha viagem de Belém do Pará para o Amazonas, a nossa canoa somente podia abrir caminho, quando a maré era favorável.

Por isso mesmo, tínhamos sempre que demorar na praia, à sua espera, enquanto houvesse correnteza contra nós.

Sem dúvida que havíamos de ficar ansiosos por ver vencido o tempo das nossas forçadas e fastidiosas paradas.

Até certo ponto, de resto, tínhamos sempre que esperar mais tempo do que o que gastávamos propriamente em viagem, provando assim que a correnteza ficava contra nós, isto é, em direção a Belém.

Entretanto, depois que passamos tal ponto, onde havia uma curva no rio, e várias outras correntes, que ali fazem barra, tivemos, dali por diante, apenas um curto tempo de espera pela volta da maré.

E esta permanência a nosso favor durante um tempo muito maior, provando também, por essa maneira, que ela agora estava voltada em direção ao Amazonas.

Evidentemente, haveria de dar-se o contrário, se houvesse qualquer correnteza permanente, fluindo do Amazonas, através do canal de Tajipuru, em direção a Belém.

Assim, pois, encaro o Tajipuru como um canal formado pelos pequenos rios que entre o Tocantins e o Xingu vão fazer barra, a um só tempo, nas proximidades de Melgaço, e que correm ali através de uma região formada de baixios e de terrenos alagadiços, distribuindo-se, em seguida, em duas direções.

Numa, as águas correm em direção ao Amazonas; na outra, em direção ao rio Pará.

Nas marés altas, as águas tornam-se ali salobras, até um pouco acima de Belém do Pará, e dali a umas poucas milhas para baixo elas são inteiramente salgadas.

A maré avança muito rapidamente pelo rio Pará acima, e prossegue ainda em todos os rios adjacentes, até às alturas da metade do canal de Tajipuru.

Isto constitui outra prova de que uma pequena porção das águas do Amazonas, se a houver, ali está a opor-se-lhe.

O curioso fenômeno da “pororoca”, nos rios Guamá e Moju, já o descrevi e tentei explicar em meu diário, não havendo por isso necessidade de voltar a este assunto.¹⁵³

Os conhecimentos que temos dos verdadeiros cursos da maior parte dos tributários do Amazonas são ainda muito imperfeitos.

153 O autor manda ver a pág. 79 da 2.^a edição, a qual corresponde à pág. 156 desta tradução.

A torrente principal está toleravelmente representada nos mapas, tanto no que diz respeito à direção-geral do seu curso, como também às suas curvas mais importantes.

Os seus detalhes, contudo, são muito incorretos.

As suas numerosas ilhas e canais paralelos, os seus grandes lagos e enseadas, as suas profundas baías, a sua largura variável, são quase que inteiramente desconhecidos.

Mesmo o serviço de levantamento topográfico francês, do Pará até Óbidos, o único somente que merece fé e que tem mais pretensões de precisão de detalhes, deixa muito a desejar, pois não dá idéia alguma do rio, que é ali representado apenas por um canal.

Obtive, em Santarém, o manuscrito de um mapa do curso inferior do rio, que é muito mais correto do que qualquer outro que eu até então havia visto.

A cópia de tal mapa, bem como a maior parte dos meus papéis, perderam-se na minha viagem de volta para casa.

Espero ainda, entretanto, obter outra cópia de tal mapa.

O rio Madeira e o rio Negro são os dois únicos outros afluentes do Amazonas, cujos cursos são em parte mais conhecidos, porém os seus mapas são deficientíssimos, em tudo que diz respeito a detalhes.

Os outros grandes rios, Xingu, Tapajós, Purus, Coari, Tefé, Juruá, Jutai, Içá, Japurá e outros, bem que figurem todos em nossos mapas, aí são locados apenas por conjecturas, ou pelas informações da direção-geral dos seus cursos.

Entre o Tocantins e o Madeira e entre o Madeira e o Ucaiáli, há dois tratos de território, de cerca de 500.000 milhas quadradas cada um, ou cerca de duas vezes o território da França, que são tão inexplorados ainda, como o interior da África.

O rio Negro é um dos rios mais desconhecidos nos seus aspectos mais característicos.

Todavia, como eu anteriormente já referi, o seu curso geral está figurado com sofrível precisão.

Em meu diário, expliquei os motivos que me obstaram de saltar na sua margem norte, para o propósito de completar o levantamento topográfico que eu estava fazendo do seu curso.

Um dos seus mais notáveis aspectos é a extraordinária largura com que se expande, primeiramente entre Barra e a foz do rio Branco, e depois até às proximidades de Santa-Isabel.

Estou convencido de que, em alguns lugares, ele tem de 20 a 30 milhas de largura, e, numa grande distância, esta é de 15 a 20 milhas.

As cabeceiras dos rios Uaupés, Xié, Negro e Guaviare estão representadas nos mapas de um modo muitíssimo incorreto.

A serra de Tunuí, de um modo geral, ali está figurada como uma cadeia de montanhas que atravessa todos esses rios.

Ora, essa serra compõe-se de um grupo de picos isolados de granito, de cerca de 2.000 pés de altura, situados na margem norte do rio Içana, a cerca de 1° de latitude norte e 70° de longitude oeste.

O rio vai para além deles ainda uma considerável distância, atravessando uma região plana e de florestas e procurando, cada vez mais, a direção de oeste do que mesmo para o rio Negro.

Demais disso, há um caminho através desses territórios, em direção ao rio Inirizá, que é um afluente do Guaviare, que não atravessa em seu trajeto nenhum outro rio.

Assim, pois, conclui-se que ali não pode existir o rio Negro, conforme está figurado em nossos mapas.

Na minha excursão pelo rio Uaupés acima, eu o atingi até bem perto da longitude de 72° oeste.

Cinco dias ainda para além do ponto que eu alcancei, ou cerca de 100 milhas para cima, fica a cachoeira *Jurupari*, que é a última queda desse rio.

Para cima dessa cachoeira, os negociantes vão ainda uns doze dias de jornada, percorrendo um trecho de rio, onde as suas águas são calmas, quase sem correnteza, muito se parecendo, pelo colorido delas e pelos aspectos da vegetação marginal, com o alto Amazonas.

Em todo esse percurso, deve ele chegar muito perto da base dos Andes, correndo através de florestas virgens.

Dizem os índios, entretanto, que há campo na parte superior de seu curso, lá bem adiante.

Acrescentam ainda que os seus habitantes, ali, possuem facas espanholas e outros artigos, demonstrando assim que eles têm comunicações com os habitantes da região situada a leste de Bogotá.

Esta minha opinião é fortalecida por outras informações, que obtive dos índios de Javita, os quais, anualmente, na estação seca, sobem o rio Guaviare, para pescar.

Informam ainda que esse rio é muito pequeno, na parte superior do seu curso, onde se encontram algumas montanhas.

Onde a floresta termina, o rio não tem mais do que 100 jardas de largura.

O rio Uaupés, entretanto, no ponto mais remoto alcançado pelos negociantes, é ainda um rio grande e largo, tendo de um quarto a uma milha de largura.

O Amazonas e todos os seu tributários, como a maior parte dos rios tropicais, estão sujeitos a enchentes e à baixa das suas águas.

Na torrente principal, bem como todos os seus tributários que descem dos Andes, as águas começam a subir em dezembro e janeiro, quando as chuvas geralmente começam a cair, e continuam subindo até junho, quando se inicia justamente o bom tempo.

A ocasião em que as águas começam a baixar fica perto de 21 de junho, desviando-se, raramente, de uns poucos dias mais, dessa data.

Nos afluentes, que têm as suas cabeceiras em outras direções, como o rio Negro, não se conhece bem o tempo da subida das águas.

Nesse rio, as chuvas não começam a cair regularmente, senão em fevereiro ou março, quando o rio então começa a subir com grande rapidez e geralmente fica completamente cheio em junho.

Daí, então, começa a baixar de nível, juntamente com o Amazonas.

Assim é que, nos meses de janeiro e fevereiro, quando o Amazonas está rapidamente subindo, o rio Negro ainda está baixando, na parte mais alta da seu curso.

As águas do Amazonas, por isso, correm para dentro da barra do rio Negro, fazendo este rio tornar-se como que um lago, ou mesmo, de quando em quando, a fazê-lo correr para trás, em direção às suas cabeceiras.

A altura total, que as águas do Amazonas alcançam por ocasião da cheia, não foi ainda determinada com precisão, e isso, de fato, só poderá ser feito com um nível de álcool.

Essa elevação, seguramente não é menos do que de quarenta pés, e provavelmente alguns vezes, de 50 pés.

Assim, pois, se tomarmos em consideração a enorme superfície coberta pelas águas, elevando-se 50 pés, então poderemos ter, por outro ponto de vista, uma idéia da imensa quantidade de água que cai anualmente no vale do Amazonas.

Podemos representar o comprimento do Amazonas e de seus afluentes, no mínimo, por 10.000 milhas, com uma largura média de duas milhas.

Desse modo, a superfície total deverá ser de 20.000 milhas quadradas, a qual se eleva a 50 pés, todos os anos, por ocasião das enchentes.

Mas não é somente essa superfície do seu leito, propriamente, que se levanta, pois uma grande extensão de terra, às margens de todos esses rios, é também inundada até uma grande distância, fora de seus leitos, por ocasião das cheias.

Essas terras inundadas denominam-se, de acordo com a linguagem da região, *igapós*, constituindo um dos mais singulares aspectos do Amazonas.

Por vezes de um lado só, por vezes de ambos, até uma distância de 20 a 30 milhas, do leito, do rio principal, o Amazonas, estendem-se esses *igapós* em grandes porções também de todos os seus grandes tributários.

Esses tratos de terra inundados são todos cobertos de uma densa floresta virgem, de altas árvores, cujos troncos ficam todos os anos, durante seis meses, sob a água, de 10 a 40 pés de altura.

Nessas florestas inundadas, os índios encontram caminhos para as suas canoas, atravessando-as de um rio para outro, no que já estão muito acostumados, a fim de evitar a forte correnteza do rio principal.

Da barra do rio Tapajós ao rio Coari, no Solimões, uma canoa pode navegar sem penetrar, uma só vez sequer, no leito do Amazonas.

O caminho estende-se através de lagos, por entre estreitos canais interiores através de muitas milhas de densa floresta inundada, cruzando-se o rio Madeira, o Purus e uns cem outros rios menores.

Tudo nessa região, desde a barra do rio Negro até à boca do Içá, é uma imensa extensão de igapós, que avançam também até bem acima, na direção do seu curso superior.

Mesmo perto das cabeceiras do rio Negro e no alto curso do Uaupés, há extensos tratos de terra, que são assim anualmente cobertos pelas águas.

Em toda a região circunvizinha à barra do Amazonas, ao redor da grande ilha de Marajó, e nas proximidades das barras do Tocantins e do Xingu, as marés diárias e quinzenais são muito mais sentidas nos seus efeitos do que a elevação e baixa das águas nas enchentes, que quase não se percebem ali.

As terras pouco elevadas são completamente inundadas pelas marés baixas ou em todas as marés altas, de 15 em 15 dias, sujeitando toda a sua vegetação a novas circunstâncias.

Há ali consideráveis tratos de terra ainda cobertos de vegetação, porém tão baixos, que são atingidos em toda a alta das águas, variando assim, de novo, as condições da sua vida vegetal.

b) GEOLOGIA

Para bem elucidar a geologia do vale do Amazonas, é necessário dispor de muito mais tempo e proceder a maior número de pesquisas do que eu propriamente pude realizar, com esse intuito.

A sua área é tão vasta e tão coberta de florestas, que as suas secções naturais se tornam ativamente muito difíceis e raras.

Desta sorte, com as poucas e distantes observações que se fazem, não se pode chegar a conclusões definidas e definitivas.

Desde logo, é de notar que eu nunca pude encontrar ali quaisquer restos de fósseis – nem mesmo uma simples concha ou um fragmento de madeira, ou quaisquer outros materiais, com que fosse lícito fazer uma conjectura, quanto ao estado em que o vale existiu, em um período qualquer.

Não podemos, por isso mesmo, dizer a idade geológica, a que pertence qualquer dos seus vários leitos de rochas.¹⁵⁴

154 Os curiosos arenitos de Monte-Alegre foram os únicos que desde logo puderam ser determinados como pertencentes ao período cretáceo (*Nota do autor*).

As minhas notas e uma rica coleção de rochas do rio Negro perderam-se, e eu, então, poucos materiais tive, com que fazer as minhas fundamentações.

O granito parece ser, na América do Sul, mais largamente espalhado do que em qualquer outra parte do nosso globo.

Darwin e Gardner encontraram-no por toda parte do interior do Brasil, no Rio da Prata e no Chile.

Na sua excursão pelo Xingu, o príncipe Adalberto da Prússia encontrou-o.

Humboldt também o encontrou por toda a Venezuela e Nova Granada.

Ao que parece, constitui ele a base de todas as montanhas do interior da Guiana.

Eu mesmo o encontrei em todo o curso superior do rio Negro e pelo Uaupés acima, seguindo em direção ao Andes.

Pelas formações graníticas, que pude ver, no alto rio Negro, parece que esta rocha se espalha ali em imensas e ondulantes áreas, as cavidades das quais se encheram com os depósitos das aluviões, dando formação assim aos leitos de barro e de terra, que se encontram em várias e extensas áreas, por toda parte, no meio da formação granítica.

Nesses lugares vicejam as florestas virgens, ao passo que, nas alcantiladas rochas, que cobrem as formações graníticas e onde se encontram os leitos de areia, estão as florestas mais abertas, constituídas pelas caatingas, tão diferentes daquelas, não só pelo seu aspecto, mas também pela sua vegetação característica.

O que mais nos espanta, nessa grande formação, é a quase perfeita planura de toda a região.

Não há ali cadeias de montanhas ou mesmo planaltos¹⁵⁵ ligeiramente elevados.

É tudo plano, exceto os abruptos picos que se sobrelevam subitamente da planície a uma altura de 100 a 3.000 pés.

São muito numerosos, no alto rio Negro, esses picos.

155 No original, *plateaus*.

O primeiro deles é o que se denomina “Serra de Jacami”, situado um pouco acima de Santa Isabel.

Ergue-se muito perto da margem meridional do rio, a uma altura de cerca de 600 pés.

Encontram-se vários outros, espalhados; as serras de Curicuriari são, porém, as mais altas.

Consistem elas num grupo de três ou quatro montanhas, que se sobreerguem abruptamente a uma altura de cerca de 3.000 pés.

Nos flancos dos seus cumes há imensos precipícios, mas um tanto menos altos.

No Uaupés, há inúmeras elevações sendo algumas de conformação cônica, outras de feitio de cúpulas, todas, porém, conservando aquele mesmo caráter de elevações abruptas, inteiramente distintas do perfil geral da região.

Perto das cachoeiras, no rio Uaupés, há pequenas iminências de granito, que se espalham na maior confusão.

Ocorrem ali enormes depressões e fendas.

Pilares retilíneos de rocha erguem-se para cima das florestas que os cercam, como se fossem troncos mortos de enormes e gigantes-cas árvores.

Para cima do rio Içana, as montanhas de Tunuí constituem um grupo semelhante e isolado.

O Cucuí é uma massa quadrangular ou cúbica, de cerca de 1.000 pés de elevação, que forma os limites entre a Brasil e a Venezuela.

Para diante, estão o Pirapucu¹⁵⁶ e a serra do Cababuris, que parecem ser algo um tanto mais extensas e formam mesmo alguma coisa mais parecida a uma ordem contínua de elevações.

Mas a principal singularidade de todas é que elas não se erguem a pouco e pouco da região.

Levantam-se abruptamente, como se fossem empurradas por alguma força isolada local.

156 No original, “Pirapocó”; mas o correto é *pirapucu*, “peixe comprido”.

Subi a uma das menores dessas serras, até quanto me foi praticável, e registrei minhas impressões em meu diário.¹⁵⁷

O seu isolamento e o seu abrupto empurramento para cima não são, todavia, sem paralelo.

Isso ocorre até nos próprios Andes.

Esta enorme e importante cadeia de montanhas, segundo as informações que pude obter, ergue-se de um plano aparentemente nivelado, com quase igual caráter abrupto.

Os Andes de Quito e o sudoeste do Amazonas assemelham-se a uma imensa plataforma rochosa, que confina com um grande plano, o qual se estende com imperceptível e contínuo declive desde o oceano Atlântico até à sua base.

Constituem ambos um dos mais grandiosos aspectos físicos da terra – um extenso e ininterrupto planalto, sem solução de continuidade –, daquela alcantilada cadeia de montanhas.

As rochas de granito do rio Negro contêm em geral, muito pouca mica.

Em alguns lugares, contudo, esse mineral é abundante, sendo encontrado em grandes lâminas.

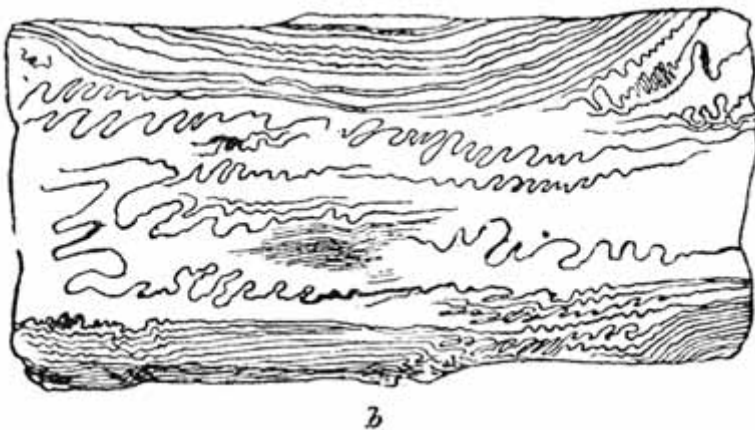
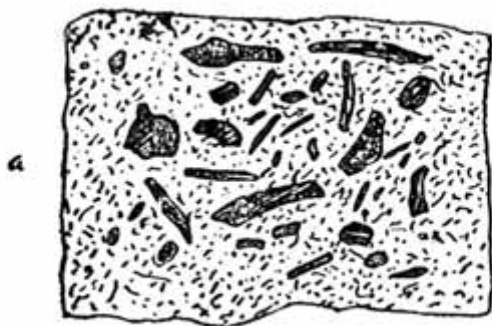
São comuns os veios de puro quartzo, sendo alguns de tamanho muito grande, e numerosos leitos de granito, de cores e texturas diferentes.

A direção deles é geralmente mais próxima de leste-oeste do que de norte-sul.

Justamente abaixo das cachoeiras do rio Negro é que se encontram as rochas de arenito, aparentemente saindo através do granito e inclinando-se em um ângulo de 60° ou 70° sul-sudoeste (estampa X, *c*).

Perto do mesmo lugar, um conglomerado de rochas graníticas exhibe grande quantidade de veios de quartzo, curiosamente dobrados (estampa X, *b*), variando da espessura de uma linha a algumas polegadas de diâmetro, e que são dobrados de maneira interessante e muito regularmente.

157 O autor manda ver à pág. 153 da 2ª edição, a qual corresponde à pág. 282 desta tradução.



Estampa X – Rochas, veios de granito, etc.

Em uma ilha, no rio, perto desse lugar, encontram-se lindas rochas cristalinas e lindamente estratificadas, inclinando-se de 70° em relação à vertical, sendo algumas vezes ondeadas e enroladas.

O granito muitas vezes encontra-se em uns arranjos de lâminas concêntricas, particularmente nas grandes massas do formato de cúpulas, no leito do rio (estampa XI, *a e c*), ou em porções, fora do solo (estampa XI, *b*).

Perto de São Gabriel e no Uaupés, encontram-se enormes blocos de puro quartzo; e os precipícios esbranquiçados e muito brilhantes, dos flancos dos desfiladeiros das serras, são devidos, não tenho disso dúvida alguma, à mesma causa.

Em Pimichim, perto das cabeceiras do rio Negro, contém o granito numerosos fragmentos de rochas estratificadas de um arenito mole, embutidos nele (estampa X, *a*).

Tão distintamente assim, não os vi em qualquer outra localidade.

Bem para cima, no rio Uaupés, há uma formação muito curiosa.

Ao longo de todas as margens do rio, encontram-se rochas em fragmentos irregulares, com os interstícios cheios de uma substância que se parece muito exatamente com o piche.

Ao examiná-la, verifica-se que é um conglomerado de areia, de argila e de escórias, algumas vezes muito duras, outras vezes como que deterioradas, farináceas e partindo-se facilmente em pedaços.

A sua posição sugere logo a idéia de terem sido líquidas, pois os fragmentos de rocha parecem ter sido mergulhados nela.

Encontram-se, numa área muito extensa, grosseiras escórias vulcânicas, com aspecto vítreo.

Ocorrem: em Caripé, perto de Belém do Pará, para cima de Baião; no Tocantins; na barra do Tapajós, em Vila-Nova; no Amazonas; acima da Barra do rio Negro; e, de novo, no alto Uaupés.

Para além da cidade de Santarém, na barra do Tapajós, existe uma pequena colina cônica, que tem o feitio de um cone de origem vulcânica.

As vizinhanças de Belém do Pará são constituídas por uma pedra grosseira, ferruginosa, que provavelmente é a continuação das rochas encontradas pelo Sr. Gardner no Maranhão e no Piauí, e que ele considera pertencente à formação calcária.

Pelo Tocantins acima, encontram-se lindas rochas cristalinas, estratificadas, conglomerados de escórias vulcânicas e leitos de ardósia de fina grã.

Nas quedas, avistam-se rochas metamórficas e outras duras pedras cristalinas.

Muitas destas partem-se em lajes chatas, bem adaptadas às construções, ou mesmo à pavimentação, em vez das pedras agora importadas de Portugal para Belém do Pará.

Nas serras de Monte-Alegre, na margem setentrional do Amazonas, encontra-se uma grande variedade de rochas: conglomerados ordinários de quartzo, um bonito arenito cristalizado, camadas de arenito mole, de cor vermelha ou amarela.

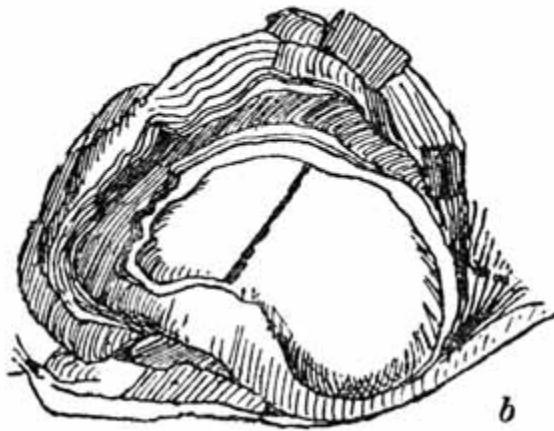
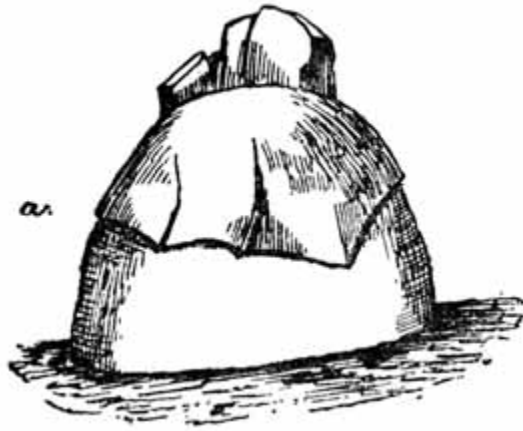
Essas camadas são todas aproximadamente horizontais, porém muito fendidas e fragmentadas verticalmente.

Alternam-se em camadas duras e moles e, pela sua dureza desigual, delas é que se têm originado as pedras suspensas e as curiosas cavernas, que descrevi em meu diário.

A impressão geral, produzida pelo exame da região, é que se vê ali o último estágio de um processo que se prolongou durante todo o período da elevação dos Andes e das montanhas do Brasil e da Guiana, acima do oceano.

No começo desse período, a maior porção dos vales do Amazonas, do Orenoco e do Prata deve ter sido parte do oceano, que separava as ilhas agrupadas (das quais se formaram as terras elevadas, no seu primeiro aparecimento) umas das outras.

Dos sedimentos que foram transportados para o mar pelas fortes e rápidas torrentes, as quais desciam pelos flancos dessas montanhas, a tendência era para encherem e nivelarem as suas depressões mais profundas e mais irregulares, formando-se, assim, os grandes tratos de depósitos das aluviões, que encontramos agora no meio dos terrenos graníticos.



Estampa XI – Formas das rochas de granito

Ao mesmo tempo, as forças vulcânicas estiveram em atividade, como demonstram os picos isolados de granito, que, em muitos lugares, se sobreerguem do plano rincão florestal, como ilhas de um mar de verdura, pois que os desfiladeiros e vales, que os separam, foram, desde então, ficando cobertos e enchidos pelos depósitos sedimentares.

Esta ação simultânea das forças aquosas e vulcânicas, dos terremotos e das correntes marinhas, como que sacudindo para cima e nivelando a massa das matérias sedimentares, trazidas para a superfície crescente de terra firme, foi que produziu aquela maravilhosa regularidade de superfície, aquele gradual e imperceptível caimento que existe sobre tão imensa área.¹⁵⁸

No ponto onde as montanhas da Guiana mais se aproximam da cadeia dos Andes, a ação dessas forças vulcânicas parece ter-se prolongado no intervalo que as separa, arremessando para o alto as serras de Curicuriari e Tunuí, bem como as numerosas e pequenas elevações graníticas do Uaupés.

E foi ali, provavelmente, que primeiro apareceu a terra firme, ligando a Guiana e a Nova-Granada, e formando-se, então, aquele espinhaço ligeiramente elevado, que forma a separação das águas das bacias do Orenoco e do Amazonas.

A mesma coisa ocorre na parte meridional do continente, pois lá onde as montanhas do Brasil e os desfiladeiros dos Andes bolivianos se prolongam para ligar-se umas aos outros, é que os depósitos sedimentares, naquela parte, parecem ter-se erguido primeiro acima das águas, fixando-se, assim, os limites da bacia do Amazonas, ao sul.

O vale do Amazonas teria, então, formado um grande golfo ou mar interior, de cerca de 2.000 milhas de comprimento por 700 ou 800 de largura.

As torrentes, descendo da montanha, espalharam-se por todos os lados, gradualmente enchendo aquela grande bacia; e a ação das

158 As cúpulas e pilares isolados de granito mostram que toda a sua área foi originalmente coberta de espessas rochas sedimentares, as quais foram removidas pela desnudação (*Nota do autor*).

forças vulcânicas, ainda visíveis nas escórias do Tocantins e do Tapajós, e as destroçadas rochas de Monte-Alegre, tendendo todas a fazer o nivelamento da sua vasta área, formaram, assim, os canais dos futuros rios.

Esse processo continuou por séculos, tendo, afinal, constringido aquele mar interior até quase para dentro dos limites do território que constituem agora os *igapós* ou terras inundadas.

Os espinhaços, elevando-se gradualmente uns poucos de pés acima das águas, teriam separado as torrentes tributárias, levantando-se daí, com os refluxos e correntezas das águas, os bancos de areia, como os vemos agora.

E as mudanças, todavia, ainda prosseguem.

Formam-se novas ilhas anualmente no rio; imensos tratos de terras inundadas estão a elevar-se perceptivelmente, graças aos depósitos deixados sobre elas; e os numerosos e grandes lagos estão ficando obstruídos pelas plantas aquáticas e enchendo-se de sedimentos.

A grande extensão de terra plana das margens do rio ainda continuará a ser inundada, até que novos terremotos a levantem gradualmente acima das águas, e, durante esse tempo, a torrente cavará por si mesma um leito mais profundo e mais largo, com capacidade para conter as águas que nele se acumulam.

No curso das idades, isso ter-se-á produzido, talvez, pela ação do próprio rio, pois que com as suas inundações anuais se forma um depósito de sedimentos, e aquelas terras devem, por isso mesmo, estar sempre a elevar-se, e, com o tempo, tornar-se-ão permanentemente altas e acima das maiores enchentes do rio.

Isso, contudo, gastará tempo muito longo, porquanto, ao passo que as margens se elevam, o rio, não podendo espalhar as águas sobre a região adjacente, subirá mais alto e fluirá mais rapidamente do que antes, e, assim, se espalhará em uma região mais alta do que o nível das suas primitivas inundações.

A história completa dessas transformações – os períodos de elevação e de repouso, o tempo em que os espinhaços primeiro se ergueram acima das águas e a relativa antiguidade das torrentes tributárias – não poderá ser determinada antes que a região tenha sido convenientemente explorada.

temente explorada, colhendo-se os restos orgânicos, que, sem dúvida, devem existir, para dar-nos uma informação mais acurada a respeito do surto e do crescimento progressivo do Amazonas.

c) CLIMA

O clima do vale do Amazonas torna-se notável pela uniformidade da temperatura e pela constância do suprimento de umidade.

Na maioria dos casos, há ali um período que corresponde a seis meses de estação de águas ou de chuvas e outros seis meses de estação de seca.

Nenhuma dessas estações, contudo, é tão rigorosa em seus efeitos, como em alguns outros países tropicais.

De junho a dezembro, decorre a estação da seca, e de janeiro a maio a estação das águas.

Na estação da seca, de quando em quando, caem algumas chuvas, principalmente por volta do dia de Todos-os-Santos, em novembro.

Durante a estação das águas, há intervalos de tempo firme, de manhãs muito claras e alguns dias de chuvas mansas.

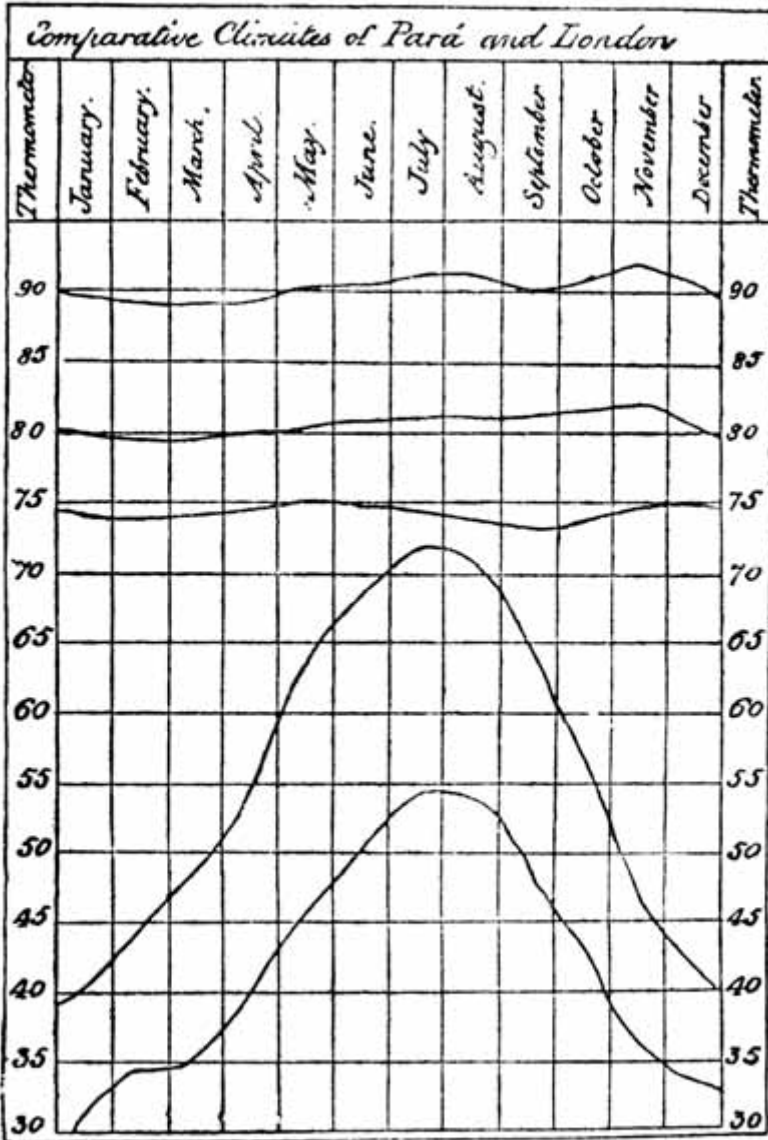
É esta a feição geral do clima em todo o curso médio do rio Amazonas e de suas imediatas circunvizinhanças.

Há notáveis desvios, entretanto, dessa rotina geral, em algumas localidades.

A própria Belém do Pará, aliás, é um desses lugares excepcionais.

Ali, as estações modificaram-se tanto, que tornam o seu clima um dos mais agradáveis do mundo.

Durante toda a estação da seca, nunca se passa um intervalo de mais do que três dias, ou, quando muito, de uma semana, sem um ligeiro temporal de trovoadas, acompanhado de pesado aguaceiro, que em geral desaba à tarde, lá pelas 4 horas, e às 6 horas já passou outra vez, deixando a atmosfera deliciosamente fresca e pura, e toda refrescada e tonificada a vida animal, bem como a sua vida vegetal.



Estampa XII – Diagrama da temperatura em Belém do Pará e Londres – As três curvas de cima representam as médias de temperatura, a mais alta, a média e a mais baixa, de Belém do Pará, em quatro anos. As duas curvas que se vêem na parte inferior representam as médias de temperatura mensal, a mais alta e a mais baixa, em Londres

Houvesse eu julgado do clima de Belém somente pela minha primeira residência de um ano ali, poderia acreditar que fora impressionado pela novidade do clima tropical.

Entretanto, na minha volta de uma excursão de três anos pelo alto Amazonas e pelo rio Negro, fiquei igualmente espantado com o admirável brilho e bem assim com a frescura da atmosfera em Belém, com as suas balsâmicas e suaves tardes, que não se encontram iguais em nenhuma qualquer outra parte, que eu haja percorrido.

A estação das águas não tem tantos dias de tempestade, nem são tão nublados, como em outras localidades.

Alternam-se os dias de chuva e de sol brilhante, e os dias são relativamente claros e alegres, mesmo quando chuvosos.

Geralmente, a variação máxima termométrica, em um dia qualquer, não excede de 15°; 75° é a temperatura mais baixa e 90° a mais alta.

A amplitude máxima da variação, em um dia, não passa, assim o presumo, de 20°.

Durante quatro anos, as temperaturas mais alta e mais baixa, que ali registrei, foram as de 95° e 70°, dando assim uma variação extrema de 25°.

Não existe na face da terra, provavelmente, um clima tão uniforme assim (veja-se diagrama, estampa XII).

Na fronteira da Guiana, nas ilhas de Mexiana e Marajó, as estações são mais fortemente marcadas do que mesmo na parte superior do curso do Amazonas.

Ali, na estação da seca, durante quatro meses, não cai nunca nenhuma chuva; e, na estação das águas, as chuvas são quase que ininterruptas.

É no território do rio Negro, entretanto, que se observa a mais curiosa anomalia que modifica as estações.

Ali a uniformidade da estação tropical da seca quase chega a desaparecer, havendo, em troca, uma constante alternância de chuva e de dias de sol, durante todo o rodar do ano.

Nos meses de junho, julho, agosto e setembro, quando o verão amazônico está no apogeu, temos ali somente uns poucos dias de sol, mais ou menos em junho.

Daí começa a chover outra vez, seguidamente, como sempre.

Em janeiro ou fevereiro, quando principia a estação das águas no Amazonas, há ali geralmente um mês ou dois de lindo tempo firme e de sol ardente.

É aí que o rio, que até então tinha estado a baixar lentamente, desde julho, baixa rapidamente, e em março, geralmente, atinge ao seu máximo.

No começo de abril, subitamente, começa a subir, e, pelos fins de maio, eleva-se então de 20 pés; e continua a subir lentamente, até julho, quando alcança o seu ponto máximo; e, daí, começa a baixar novamente.

A região de maior quantidade de chuva, ou, antes, de maior número de dias chuvosos, parece ser muito limitada, estando circunscrita, um pouco abaixo das quedas de São-Gabriel, a Marabitanas, nos confins do Brasil, onde as montanhas de Pirapucu e Cucuí e a serra de Tunuí parece como que formar uma separação da zona da Venezuela.

Há ali um verão mais regular, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro.

A temperatura das águas do rio Negro, no mês de setembro, não varia mais do que 2°.

Infelizmente, perdi os meus termômetros; se não fora essa circunstância, eu teria feito uma série regular de observações, nas cabeceiras dos rios que subi.

A variação extrema do barômetro, em Belém do Pará, durante três anos, foi somente de 3 décimos de uma polegada (veja-se o diagrama, estampa XIII).

A sua altura média, feitas as necessárias correções, parece ser quase exatamente de 30 polegadas.

Contudo, já dei as minhas razões, segundo as quais acredito que deve haver uma considerável diferença de pressão atmosférica no interior da região.

No mês de maio, dizem que anualmente há alguns dias de muito frio, no alto Amazonas e no rio Negro.

Eu mesmo nunca notei, entretanto, qualquer diferença de temperatura, que fosse digna de referência.

Muitas pessoas, contudo, asseguraram-me que o frio ali é algumas vezes tão rude, que os habitantes lhe sentem demais os efeitos.

E o mais extraordinário de tudo isso é que dizem que os peixes chegam a morrer de frio nos rios.

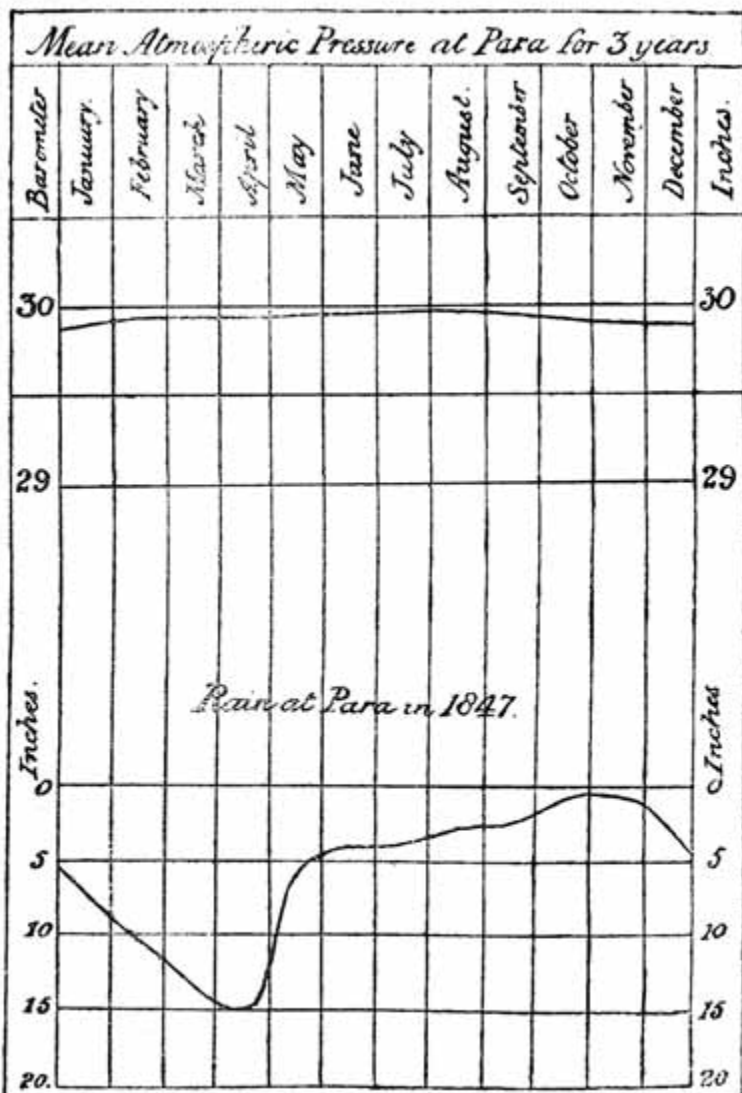
Admitindo como verdadeiro esse fato, não posso explicá-lo, porquanto é difícil conceber que um abaixamento de 5° a 10° na temperatura, que, quando muito, é o que deve ocorrer, possa ter, assim, qualquer efeito mortal.

Tive informação segura a respeito de uma chuva de pedra que, de uma feita, caiu no alto Amazonas.

Essa notável ocorrência deu-se numa localidade situada somente 3° ao sul do Equador e cerca de 200 pés acima do nível do mar.

As crianças, no momento, estavam brincando, e levaram para os pais, muito atônitas, uma substância que havia caído das nuvens, a qual lhes era inteiramente desconhecida, e que era, por sua vez, muitíssimo fria.

A pessoa que me contou isso é um português, e essa informação merece absoluta confiança.



Estampa XIII – Diagrama das médias de pressão atmosférica e da queda das chuvas em Belém do Pará, em três anos

.....

Capítulo XV
Vegetação do Vale do Amazonas

N

ÃO há, talvez, de parte alguma do globo uma região qualquer que contenha em sua superfície tamanha riqueza florestal, como a do vale do Amazonas.

Em todo o seu território, excetuando-se algumas pequenas porções, é ele coberto de densa e alta floresta primitiva, sendo, ao mesmo tempo, a mais dilatada e mais selvagem, que existe na superfície da terra.

É este o aspecto predominante do seu vasto território, revelando-se, de pronto, como região única, sem igual.

Lá não é como nas costas do Brasil meridional ou nas praias do Pacífico, onde poucos dias de jornada bastam para fazer-nos passar além dos rincões florestais, entrando-se logo nos planos ressequidos ou nas serras rochosas do interior.

Lá, no Amazonas, pode a gente viajar semanas e até meses, pelo seu interior, em qualquer direção, sem encontrar a raridade de uma jeira de terra desprovida de árvores.

É mais para o centro do seu território que se encontra o grosso dessa majestosa floresta, e não no baixo Amazonas, próximo às costas, como em geral se supõe.

Tirando-se uma linha imaginária, da barra do Parnaíba, na longitude de 41° , 38° oeste, em direção a Guaiaquil, rumo exatamente do poente, ela irá alcançar os limites da grande floresta na longitude de 78° , $30'$, com um percurso total de cerca de 2.600 milhas, e terá passado em seu centro, dividindo-se em duas porções aproximadamente iguais.

Para as primeiras 1.000 milhas, isto é, até atingir à longitude de 56° oeste, a largura da floresta, de norte a sul, é de cerca de 400 milhas.

Daí, em seguida, ela se estira, tanto para o norte como para o sul, alcançando, na longitude de 67° , as margens do Orenoco, na latitude de 7° norte, e, para o sul, os desfiladeiros a nordeste dos Andes bolivianos, na latitude de 18° , numa distância total de mais de 700 milhas.

De um ponto situado a cerca de 60 milhas a sudeste de Tabatinga, traçando-se um círculo com o diâmetro de 1.100 milhas, toda a área nele compreendida será a das florestas virgens.

Ao longo dos Andes de Quito, desde Pasco até Guancabamba, ela chega até aos desfiladeiros mais baixos a leste da cordilheira andina.

Na região moderadamente elevada, entre os rios Huallaga e Maranhão, a floresta estende-se somente sobre a porção oriental, principiando nas vizinhanças de Moyobamba.

Mais para diante, a leste de Cuzco e La Paz, ela espalha-se pelos planos elevados dos desfiladeiros dos Andes bolivianos e passa um pouco a leste de Santa-Cruz-de-la-Sierra, e, depois, infletindo para nordeste, atravessa os rios Tapajós e Xingu, mais ou menos perto do meio de seus cursos, e o Tocantins, não muito acima da sua confluência com o Araguaia, e daí pelas cabeceiras do rio Parnaíba, ao qual acompanha até à sua foz no Atlântico.

A ilha de Marajó, na foz do Amazonas, tem na sua parte oriental planícies de pouca vegetação, começando a floresta propriamente na sua parte ocidental.

No braço setentrional do Amazonas, desde a sua foz até defrontar Monte-Alegre, estão situados campos abertos; porém defronte da boca do Tapajós, em Santarém, começa a floresta, e parece que se estende até às serras de Curumani, no rio Banco, e, daí, alarga-se ela para oeste, a fim de juntar-se à região florestal de leste do Orenoco.

A oeste desse rio, ela começa ao sul de Vichada, e, atravessando as cabeceiras dos rios Guaviare e Uaupés, alcança os Andes a leste de Pasco, onde começamos esta descrição.

Em parte alguma do globo há florestas tão extensas e tão selvagens como estas.

As da Europa central, comparadas com elas, são insignificantes; nem mesmo as da Índia, cheias de soluções de continuidade, são tão extensas, enquanto o resto da Ásia parece ser uma região de planícies, cobertas de uma vegetação rala, de estepes e de desertos.

A África conta algumas zonas florestais extensas, situadas na sua costa ocidental e oriental, bem como no interior, ao sul do equador; todas elas, porém, reunidas, são uma pequena porção, comparadas com a do Amazonas.

Somente na América do Norte é que há, de certo modo, alguma aproximação, pois toda a zona a leste do Mississippi, próxima dos grandes lagos, é ou foi um extenso e quase ininterrupto território florestal.

Deste rápido apanhado dos aspectos da terra, podemos, por isso mesmo, considerar o Novo Mundo como região preminentemente florestal, contrastando fortemente com o Velho Mundo, onde as estepes e desertos constituem na sua maior parte, as feições mais características.

Os limites da floresta amazônica, até aqui, não foram ainda demarcados com a necessária precisão.

Os plainos abertos de Caguan supõem-se muito mais extensos do que realmente o são, e eu determinei-lhes aproximadamente os limites, tanto ao sul como a leste, não só por observações, que eu mesmo fiz, como também pelas inovações que obtive, em minhas viagens até às cabeceiras do Uaupés.

Isso, outrossim, ocorre no Ucaiáli, onde há um trecho assinalado nos mapas como a região dos “Pampas del Sacramento”, e que é tido como de campos abertos.

As margens do Amazonas, para cima da barra do Ucaiáli, são cercadas de espessa floresta; e os Srs. Smith e Lowe, que atravessaram o pampa em dois pontos, ali não encontraram campos abertos.

Graças às suas observações, bem como às do tenente Mawe, podemos estender a zona florestal até às proximidades de Moyobamba, a oeste de Huallaga, e até às montanhas a leste de Pasco e de Tarma.

Um nativo do Equador, bem familiarizado com a região, informou-me que os rios Napo, Tigre, Pastaza e outros adjacentes, correm através de densa floresta, que se estende para cima de Baeza e Canelos e sobre todos os mais baixos desfiladeiros dos Andes.

Tschudi informa-nos que os rincões florestais começam em todos os desfiladeiros ao norte e a leste dos Andes do Peru, perto de Uanta, e em Urubamba, ao norte do Cuzco.

Um cavalheiro, natural de La Paz, informou-me também que, logo após a travessia dos Andes bolivianos, daquela cidade, bem como das cidades de Oropesa e Santa-Cruz, podeis penetrar nas florestas, que se estendem por todos os tributários do Madeira.

Negociantes do alto Purus e de todos os tributários a sudoeste do alto Amazonas nunca encontraram, nem delas nunca tiveram notícia, quaisquer terras abertas ali, de modo que nenhuma dúvida resta de que o território referido seja uma vasta, inviolável e verdejante floresta.

As florestas do Amazonas distinguem-se de quaisquer outras da maior parte de outras regiões, pela imensa variedade de espécies, que nelas se encontram.

Ao invés de extensos tratos, cobertos somente de árvore da mesma espécie – como se vêem aqui os pinheiros, os carvalhos, as faias, – raramente se encontram ali, dois indivíduos da mesma espécie, exceto em alguns casos, principalmente no que se refere às palmeiras.

Uma grande extensão das terras baixas e alagadiças da foz do Amazonas ocorre-se de palmeiras *miritis* (*Mauritia flexuosa e vinifera*); e, em muitos outros lugares, a palmeira *açaí* (*Enterpe edulis*) é igualmente encontrada com abundância.

As mesmas espécies, geralmente, repetem-se apenas em intervalos distantes.

Em uma estrada de dez milhas de extensão, através da floresta, perto de Belém do Pará, há somente dois espécimes da *maçaranduba*, ou árvore-leiteira, e, através de do todo o território adjacente, elas são igualmente raras.

Na estrada de Javita, no alto rio Negro, observei a mesma coisa.

No Uaupés, de uma feita, precisando de fazer uma tábua de determinada espécie de madeira, mandei dois índios procurar na floresta a respectiva árvore, e por lá estiveram três dias, tendo encontrado apenas alguns espécimes ainda novos e nenhum de suficiente grossura para o desejado propósito.

Certas espécies de madeiras duras aplicam-se de preferência, no Amazonas e no alto rio Negro, à construção de embarcações destinadas à navegação fluvial.

A dificuldade, porém de obter-se tabuado de uma só qualidade para tais barcos é tão grande, que, na maioria do casos, eles são acabados com peças de meia dúzia de madeiras diferentes, nem sempre da mesma cor ou do mesmo grau de dureza.

Algumas árvores frutíferas, ou que têm propriedades medicinais, ficam às vezes tão afastadas umas das outras, que somente umas duas ou três, situadas mais próximas das povoações, é que suprem toda a população com as suas utilidades.

Esta particularidade da sua distribuição, para a exploração e comércio de madeiras suscetíveis de qualquer emprego, fora dali, será por isso mesmo um grande obstáculo para a sua exportação em maior escala.

As seringueiras e castanheiras não fazem exceção a essa regra, colhendo-se os seus produtos em uma vasta área da região, onde inúmeros lagos e rios oferecem acesso mais fácil.

O ponto principal da colheita da borracha é a região situada entre os rios Pará e Xingu.

No alto Amazonas e no rio Negro, ela é também encontrada; mas, até agora, ainda não foi colhida ali.

As castanhas brasileiras, da *Bertholletia excelsa*, colhem-se principalmente no interior, pela maior parte na região circunvizinha às barras dos rios Negro e Madeira com o Amazonas.

Essas árvores gastam mais de um ano para produzir e amadurecer os frutos.

No mês de janeiro, tive ocasião de observar algumas dessas árvores, quando estavam carregadas, ao mesmo tempo, de flores e de frutos amadurecidos, e tanto umas como os outros estavam caindo.

Desta sorte, as flores só se transformarão em frutos no ano seguinte, devendo decorrer provavelmente um prazo de dezoito meses para que atinjam, desde botão, ao seu completo desenvolvimento.

Os seus frutos são aproximadamente de tamanho e peso de uma bala de canhão, e caem com tremenda força de uma altura de cerca de 100 pés.

Na queda, fazem estalar os galhos da própria árvore e os arbustos que se encontram em baixo, os quais se partem estrepitosamente, em conseqüência do violentíssimo choque que recebem, quando por acaso são atingidos.

Algumas pessoas já têm sido mortas por eles, sendo frequentemente vítimas de acidentes desse gênero os índios, empenhados em sua colheita.

Os frutos são apanhados, logo após a queda.

São recolhidos em pequenos montes, procedendo-se, em seguida, à sua abertura, que é feita a machado, operação esta que exige alguma prática e muito cuidado, arrancando-se-lhes, por fim, as nozes triangulares, que são dali transportadas em cestos para as canoas.

Outras árvores da mesma família (*Lecythidas*) são ali muito abundantes e tornam-se notáveis por causa dos seus curiosos frutos, que são providos de tampas do formato de potes e de copos, e daí a sua denominação de “árvores potes”.

Alguns frutos menores são chamados pelos nativos “cuias-de-macaco”.

Em seguida, um dos produtos naturais de mais importância, na região do Amazonas, é a salsaparrilha, raiz da *Smilax sypbilitica* e talvez de outras espécies suas aliadas.

Essa planta, ao que parece, encontra-se em todo o território florestal do Amazonas, da Venezuela à Bolívia e do baixo Amazonas ao Peru.

Perto dos grandes rios, geralmente, ela não é encontrada, e, sim, bem mais para o interior, nos barrancos dos córregos e ribeirões, em terrenos rochosos e secos.

É colhida principalmente pelos índios, na sua maioria pelas tribos menos civilizadas, sendo por esse meio que se consegue promover com eles um comércio considerável,

A noz-moscada, produto da *Nectandrum puchuri*, encontra-se no território compreendido pelos rios Negro e Japurá.

O *cumarú*, ou fava-de-Tonquim, é muito abundante no alto rio Negro, sendo encontrado também perto de Santarém, no Amazonas.

Uma casca, chamada pelos portugueses “cravo-do-Maranhão”, de um odor muito forte, é tirada de uma árvore de pequeno porte, que cresce somente em um ou dois tributários do rio Negro.

Um óleo transparente, de cheiro característico de terebentina, chamado *sassafráz* pelos venezuelanos, obtêm-se fazendo a incisão em uma árvore, comum no alto rio Negro, sendo dali exportado para a cidade da Barra, onde é muito empregado no preparo de tintas.

No baixo Amazonas, um óleo amargo, chamado *andiroba*, e comumente empregado em lamparinas, obtêm-se de um fruto da floresta.

Uma resina esbranquiçada, com forte cheiro de cânfora, é abundantemente colhida no rio Negro e no Amazonas, e é comumente empregada para pichar todas as embarcações maiores do país, enquanto as fibras da casca interna das árvores, ainda tenras, da *Bertholletia excelsa* são empregadas como estopa, para calafetação de canoas.

Entre as árvores florestais do Amazonas, as leguminosas são as mais ricas em espécies, atraindo a atenção pelos seus curiosos frutos, muitas vezes de tamanho e comprimento extraordinários.

Alguns ingazeiros e vários outros gêneros, seus aliados, têm vagens de uma jarda de comprimento, muito delgadas, enquanto outras são curtas, de três a quatro polegadas de largura.

Desta família, algumas espécies produzem frutos curiosos, desenvolvendo-se na extremidade de uma haste muito delgada e de três a cinco pés de comprimento, parecendo, assim, que alguém houvesse propositadamente prendido ali em seus galhos, por longos cordéis, um grande número de favas.

As flores dessa família, pelo seu vigoroso brilho, estão entre as mais vistosas.

As suas folhas pinuladas, com lindos recortes nas beiradas, têm igualmente um aspecto muito gracioso.

O que abaixo se segue é uma lista dos principais produtos vegetais, de valor comercial, procedentes das florestas amazônicas:

Goma elástica, da seiva da *Siphonia elastica*;

Castanhas do Brasil, sementes da *Bertholletia excelsa*;

Salsaparrilha, raízes da *Smilax sypbilitica*;

Cumarú, sementes da *Dipterix odorata*;

Puxuri, fruto da *Nectandrum puchuri*;¹⁵⁹

Óleo de sassafráz, árvore não conhecida;

Carajuru, um preparado de cor vermelha, das folhas da *Bignonia chica*;¹⁶⁰

Breu, extraído de uma árvore da floresta;

Cacau, sementes do *Theobroma cacao* e de outras espécies mais;

Cravo, de uma árvore desconhecida;

Canela, casca de *Canella alba*;

Baunilha frutos de várias espécies de *Vanilla*;

Guaraná, preparado de um fruto, que é ralado e misturado com água, constituindo uma bebida agradável e medicinal;

Piaçaba, fibras dos pecíolos de uma palmácea (a *Leopoldinia* n. s.);

Óleo de copaíba, da *Copaifera officinalis*;

Paina, de várias espécies de *Bombax*.

Em alguns trechos do meu diário, eu referi, por vezes, que aqueles que têm viajado e escrito sobre os países da zona intertrópica exageram o encanto e o esplendor tropicais; fazendo agora uma revisão mais calma de tudo que eu observei nos lugares que percorri, quero, ainda uma vez, insistir nisso.

159 Embora grafes *puchury* no nome científico, prefere o autor a forma *puxuri* para a denominação vulgar; esta, entretanto, deve ser também *puxuri*, como se lê à pág. 9 das “Sombras n’água” de Alberto Range!.

160 No original, *crajuru*; mas o nome dado à *Arrabidea chica* é *carajuru*, ou, conforme a prosódia do tupi amazônico (veja-se Siradelli, ob. cit., pág 398), *caraiuru*.

Há, de fato, grandeza e solenidade nas florestas tropicais; mas, ao par disso, nota-se que pouco de beleza e de vigor possuem o seu colorido.

As enormes árvores de raízes arcobotantes, as de troncos fendidos, as de extraordinárias raízes aéreas, as lianas entrelaçando-se e retorcendo-se, as palmeiras com os seus elegantes estípites, tudo isso seduz a nossa atenção, enche o nosso espírito de admiração, de surpresa e de respeito.

Mas tudo ali é sombrio e solene; sente-se um grande alívio, quando se torna a ver o azul do céu ou a receber o ardor dos raios solares.

É somente ao longo das margens dos rios e das estradas que se vêem todas as belezas da vegetação tropical.

Vêem-se ali enormes leitos de relva, arbustos e árvores, de todos os portes, trepando uns sobre os outros para se exporem à luz brilhante do sol e ao ar fresco, soltando flores e frutos, que somente na floresta se ostentam nos galhos mais elevados.

As suas flores, de vivo colorido, e a sua verdejante folhagem, combinam os seus encantos; e as trepadeiras, com os seus festões carregados de flores, cobrem por inteiro os lisos e desnudos troncos das árvores mortas.

Todavia, reparai bem nos mais formosos sítios onde as mais lindas flores dos trópicos expandem as suas pétalas, e para cada uma dessas cenas encontramos outra de igual beleza, aqui mesmo, em nossa pátria, com o mesmo vigor, com o mesmo brilho, no seu colorido.

Reparai num canteiro de brincos-de-rainha e de margaridas; no flanco de uma colina, coberto de tojos e de giestas; num monte cheio de urzes, com as suas flores-purpurinas; ou no azul-celeste de uma clareira da floresta, atapetada de jasmins silvestres: – tudo isso se prestará a uma comparação com qualquer cena dos trópicos.

Eu nunca vi coisa mais linda do que a macieira em plena florescência.

O castanheiro da Índia, o lilás ou o laburno rivalizam com qualquer dos mais escolhidos arbustos ou árvores dos trópicos.

Nas águas tropicais, as plantas aquáticas não são mais belas do que os nossos lírios dos vales, com as suas flores alvas e amarelas ou as nossas íris, ou os nossos juncos, carregados de flores.

Eu não considero a flor da “vitória-régia” mais bela do que a nossa *Nymphaea Alba*, embora aquela seja muito maior do que esta, nem tampouco aquela é ornamento tão comum dos rios tropicais, como esta última o é das nossas águas.

Semelhante questão, porém, não se pode decidir por uma comparação individual de plantas, nem pelos efeitos que elas possam produzir sob um determinado aspecto, e, sim, pela frequência com que elas aparecem, tendo ainda em conta o vigoroso colorido que possuem, em relação a outras menos notáveis.

Meu amigo, o Sr. Spruce, que se acha atualmente fazendo investigações de botânica no Amazonas e no rio Negro, afirma que só tem encontrado plantas que, na sua maioria, têm um verde pouco vigoroso e só produzem flores alvas.

Com relação à frequência de tal fato, não era para mim coisa fora do comum passar dias seguidos viajando rio acima, sem ver uma árvore ou um arbusto qualquer, em florescência, e que me causasse admiração.

Isso em parte se explica, pois as flores das árvores tropicais são geralmente decíduas.

Ainda bem não desabrocharam completamente e já começam a cair.

Os “melastomos”, em particular, geralmente abrem suas flores pela manhã e no dia seguinte estas já estão murchas, e, nos doze meses do ano, as árvores não se carregam mais de flores.

Isso explica também porque os arbustos e árvores tropicais, em florescência, não têm a pompa que era de esperar.

Pelas narrativas feitas por pessoas merecedoras de toda fé, acredito que as florestas do sul dos Estados Unidos apresentem aspecto mais vigoroso e mais vivaz do que as da América tropical.

Humboldt, nos seus *Aspectos da natureza*, faz ver repetidamente o contraste entre as estepes da Tartária e os lhanos do Orenoco.

Os primeiros, na zona temperada, são cheios de viço, produzindo flores de cores vivas, enquanto nos últimos, apesar de trópicos, só se vêem relvas e juncos, e somente algumas poucas e notáveis plantas em florescência.

O Sr. Darwin refere que ao viço das flores, que adornam as planícies de Montevidéu, juntamente com os luxuriantes cardos dos pampas, dificilmente podem igualar-se os campos do Brasil tropical, onde, com algumas exceções, a terra é parda e estéril.

Os incontáveis e belos gerânios e urzes do Cabo não aparecem nos trópicos, e não temos notícia de plantas igualmente viçosas e admiráveis que lhes possam suprir a falta.

O que podemos logo admitir, a respeito da vegetação tropical, é que há nela maior número de espécies e maior variedade de formas do que na das zonas temperadas.

E no meio dessa grande variedade de formas, como racionalmente é de esperar, encontram-se ali as mais admiráveis e as mais vistosas flores, bem como as mais notáveis estruturas de caules e de folhagens.

Mesmo assim, entretanto, nenhuma prova há que demonstre que a proporção de espécies que se carregam de flores de colorido mais vivo, em relação às que se carregam de flores pouco atraentes, seja bem maior nos trópicos do que nas regiões temperadas.

E, com relação aos indivíduos – que é, de resto, o que realça os efeitos da vegetação –, parece mais provável que se encontrem em maiores grupos as espécies de colorido mais vivo e mais beleza paisagística nas plantas das zonas temperadas do que nas regiões tropicais.

Várias são as razões que nos fazem chegar a esta conclusão.

Nos trópicos, em maior proporção, a superfície do solo cobre-se de densas florestas, ou, então, de desertos estéreis.

Em qualquer dos casos, vêem-se ali poucas flores.

São pouco comuns, nos trópicos, as plantas sociais, encontrando-se menos freqüentemente grandes grupos floridos.

Individualmente, certas plantas podem ter grande viço e devem, por isso, ser mais apreciadas; o efeito que produzem, entretanto, não será tão notável como o de menor número de plantas de menos viço, mas agrupando-se em tufos de variegadas cores, como se vêem os-

tentando os prados e bosques das regiões temperadas, de maneira tão admirável.

A mutação de cores no outono e o verde delicado da primavera, são belezas particulares, que não se observam nas regiões tropicais.

Tudo que lá existe não espera estas belezas.

Não se vêem lá os tratos de solo expandindo-se em verdejantes pradarias ou em ricas pastagens, que faltam em absoluto.

Contudo, individualmente, muitos objetos poderão impressionar e causar mesmo espanto, sendo o efeito das paisagens distantes decididamente superior ao das regiões temperadas do mundo.

As sensações de prazer, que experimentamos, quando observamos os objetos naturais, dependem mais das associações de idéias que fazemos sobre a sua utilidade, a sua novidade ou a sua história.

Que é que causa as sensações que sentimos, quando contemplamos um ondulante campo de trigo?

Não é, seguramente, a mera beleza do seu aspecto, da sua paisagem, e, sim, da associação de idéias que fazemos.

É que nós logo o encaramos como uma verdadeira bênção nacional, como um regulador da vida, como um dos mais preciosos produtos do solo.

E tudo isso é que o torna verdadeiramente mais belo à nossa vista.

Assim também sucede nos trópicos, quando vemos as bananeiras com as suas folhas largas, que já são belas por si mesmas, pelo seu aspecto, porém que se tornam duplamente belas, quando pensamos que, em dado tempo, num limitado espaço, elas são capazes de produzir maior quantidade de alimento do que qualquer outra planta.

E isso nós tomamos como padrão da fertilidade do solo dos trópicos, e contemplando as suas largas folhas, reparando que são o produto de seis meses de crescimento, pensamos logo nos seus deliciosíssimos e utilíssimos frutos.

Da mesma maneira, uma lavoura de cana-de-açúcar ou plantação intensiva de algodão produzem em nosso espírito sensações semelhantes.

Pensamos logo nos milhares de viventes, que deles tiram o seu alimento ou as suas vestes.

E assim, em espírito, nós os ornamos de beleza.

As palmeiras são objeto da mesma influência.

Elas, por si, já são elegantes e graciosas, e são quase todas úteis ao homem.

Elas compartilham do esplendor e do calor dos trópicos.

E, por essa forma, adquirem um interesse adicional, outra beleza.

Para o naturalista, nos trópicos, tudo desperta essa espécie de interesse, por uma ou por outra razão.

Se uma planta tem uma forma tropical, ele examina-a com curiosidade, com verdadeiro deleite.

Outra liga-se a uma espécie européia, sua conhecida, e isso é o bastante para atrair toda a sua atenção.

De algumas, as estruturas são-lhe desconhecidas, e eis porque fica ele muito contente, examinando-as com todo o cuidado.

De outras, a localidade é desconhecida, e ele sente grande prazer em determiná-la.

Ali, ele está sempre atento.

Examina vários objetos, um por um, e neles, por várias causas, confunde o seu próprio interesse.

E daí, em razão das sensações produzidas pela beleza, é ele então levado a fazer descrições exageradas da exuberância e do esplendor da vegetação tropical.

O exagero das idéias, que geralmente fazemos a respeito dos trópicos, provém da leitura dos trabalhos de naturalistas, que são em grande número entre os viajantes daquelas regiões.

Se eu cheguei a uma conclusão diferente, não é porque eu seja incapaz de apreciar os esplendores do cenário tropical, porém, sim, porque acredito que eles não são da natureza ou da espécie com que geralmente são pintados.

Os cenários da nossa terra, por sua própria natureza, são insobrepujáveis.

Nada há nos trópicos que se lhes aproxime, nem os cenários dos trópicos são como os que se vêem aqui.

Lá – singulares estruturas de caules e de lianas, folhas gigantes, palmeiras esbeltas e as plantas, individualmente, tendo vistosas flores, são os aspectos característicos.

Aqui – um interminável tapete de verdura com tufos de vistosas flores, dos mais variados matizes, e uma constante variedade de planícies e de florestas, de prados e de bosques, que, mais do que os objetos individualmente, enchem de verdadeiro deleite o espectador.

.....

Capítulo XVI
Observações sobre a Zoologia do Vale do Amazonas

N

a) MAMÍFEROS

ÃO obstante a exuberância da sua vegetação, que pode supor ser capaz de sustentar, direta ou indiretamente, todas as espécies da vida animal, o vale do Amazonas é notadamente pobre de animais de grande porte.

Dos mamíferos, geralmente falando, tem ele menor número, tanto de espécies como de indivíduos, do que qualquer outra parte do globo, de igual extensão, exceto a Austrália.

Três espécies de pequenos veados, que se encontram apenas raramente, são os únicos representantes dos enormes rebanhos das incontáveis espécies de veados, antílopes e búfalos, abundantemente encontrados na África e na Ásia, e de ovelhas e cabras selvagens da Europa e da América do Norte.

Dos elefantes e rinocerontes do Velho Mundo, é o tapir o único representante.

Duas ou três espécies de grandes *felídeos* e dois pequenos porcos selvagens, a capivara e a paca, quase que abrangem toda a caça de grande porte.

E estes são quase sempre encontrados em numero exíguo, espalhando-se sobre uma grande extensão do país, nunca sendo encontrados em bandos numerosos, como sucede com os animais de outras partes do mundo, dos quais são eles os representantes.

Aqueles seres singulares, as preguiças, os tatus e os comedores de formigas (tamanduás), são os mais geralmente distribuídos; mas, mesmo assim, raramente são encontrados, e quase sempre singularmente.

Os pequenos agutis (cutias) são talvez algo um tanto mais abundantes.

Os macacos são quase os únicos animais que ali podem ser encontrados em bandos numerosos, e são os mais abundantes, tanto em espécies, como em indivíduos.

São estes os únicos mamíferos, que emprestam alguma vida àquelas florestas intrincadas, que parecem bem adaptadas para o seu desenvolvimento e aumento.

Encontrei 21 espécies destes animais, alguns dos quais, porém, não tive oportunidade de examinar bem.

Existem várias outras espécies; mas, para conhecê-las, é necessária uma permanência mais demorada, de alguns anos, em cada localidade, para o fim de encontrar todos os seus diferentes grupos.

Apresento abaixo uma lista das espécies e das localidades onde foram encontradas:

- 1) *Mycetes caraya*, Gray – alto rio Amazonas;
- 2) *Mycetes seniculus*, Geoffroy – rio Negro e margem setentrional do Amazonas;
- 3) *Mycetes beelzebub*, British Museum – Pará;
- 4) *Lagothrix humboldtti*, Geoffroy – alto Amazonas e margem ocidental do rio Negro;
- 5) *Ateles paniscus*, Geoffroy – Guiana, margem setentrional do Amazonas e ocidental do rio Negro;
- 6) *Cebus apella*, Erxl. (?) – Amazonas e rio Negro;
- 7) *Cebus gracilis*, Spix – rio Negro e alto Amazonas;
- 8) *Callithrix sciureus*, Geoffroy – em todo o vale do Amazonas;
- 9) *Callithrix torquatus* (*amictus*, Geoffroy) – alto rio Negro;
- 10) *Callithrix personatus*, Geoffroy – margem meridional do Amazonas;
- 11) *Nyctipithecus trivirgatus*, Humboldt – alto rio Negro;
- 12) *Nyctipithecus felinus*, Spix – alto Amazonas;

- 13) *Pithecia irrorata (hirsuta)*, Spix – margem meridional do alto Amazonas;
- 14) *Pithecia*... – norte do alto Amazonas;
- 15) *Brachiurus satanas*, British Museum – Guiana, margem oriental do rio Negro;
- 16) *Brachiurus oakary*, Spix – alto rio Negro;
- 17) *Brachiurus rubicundus*, Isid. – alto Amazonas;
- 18) *Brachiurus*... – margem meridional do alto Amazonas;
- 19) *Jacchus bicolor*, Spix – norte do Amazonas e rio Negro;
- 20) *Jacchus tamarin*, British Museum – Pará;
- 21) *Jacchus* n. s. – alto rio Negro.

Os primeiros sete têm caudas preênses, característica essa que somente se encontra entre os macacos da América.

Os roncadores ou guaribas, que formam o gênero *Myctes*, são os maiores e mais fortes.

Possuem uma glândula cartilaginosa, situada abaixo da garganta, e têm o peito provido de um resistente aparelho muscular, que os ajuda a emitir os seus graves e soturnos urros, como os ruídos feitos por um engenho, quando está funcionando; disso deriva o seu nome, o que faz parecer que muitos deles estejam soltando os seus gritos ao mesmo tempo.

Não é esse, todavia, o caso.

Um macho bem desenvolvido, sozinho, é capaz de fazer tal ruído, que se ouve geralmente à noite ou à aproximação das chuvas.

A lista abaixo, dos outros maiores mamíferos da região do Amazonas, servirá para confirmar a minha asserção de grande pobreza dessa zona, com relação a tal classe de animais.

Devido à perda das minhas notas e dos espécimens que colecionei, muitos dos nomes, nela incluídos, são duvidosos, achando-se assinalados os mesmos com um ponto de interrogação.

Phyllostoma hastatum – É o morcego comum do Amazonas, e creio ser ele o único que causa tantos danos aos cavalos e reses, sugando-lhes o sangue. Esta espécie de morcegos sugadores ataca também o homem, quando se lhes oferece oportunidade. Parecem muito numerosos no interior. Não habitam as casas, como fazem muitos morcegos frugí-

voros, mas nelas penetram, quando estão imersas na escuridão da noite, passando através de qualquer abertura, que encontrem. Atacam geralmente a ponta do dedo grande do pé ou outra parte qualquer do corpo, que esteja exposta. Eu próprio, por duas vezes, por eles fui sugado: — a primeira vez, no dedo do pé; a outra, na ponta do nariz, nada tendo sentido, em qualquer dos casos, e só acordando depois de acabada a sugação. De que maneira efetuam essa operação, é fato inteiramente desconhecido. A ferida, por eles feita, nesse ato, é uma pequena cavidade, redonda, de onde brota o sangue, sendo a hemorragia, assim provocada, muito difícil de se estancar. Dificilmente se poderá acreditar que isso provenha de uma picada, porquanto faria o paciente despertar. É mais provável que seja levado a efeito por meio de uma contínua e suave arranhadura, com os seus pontegudos dentes, abrindo a pouco a pouco a pele, ou por meio de uma trituração, com a ponta da língua, até que consiga o morcego o seu desejo. Meu irmão era freqüentemente sugado por eles, e a sua opinião era a de que o morcego lhe applicava um dos longos caninos e, daí, voando continuamente em roda, tendo o dente como centro, ia este agindo e penetrando como verruma, conseguindo, assim, fazer um pequeno furo; ele acordou diversas vezes, quando o morcego ainda estava agindo; porém este logo fugia, e a sua impressão era a de que a operação fora realizada pela maneira anteriormente descrita. Muitas pessoas são de preferência perseguidas pelos morcegos. Um mulato velho, de Guia, no alto do rio Negro, era por eles sugado, quase todas as noites, e, ainda mesmo que freqüentemente dormisse no mesmo quarto com meia dúzia de outras pessoas, era sempre o preferido dentre as demais do grupo. De uma feita, apareceu-nos ele em lastimável estado, dizendo que estava crente de que os a morcegos queriam dar-lhe cabo da pele, pois, tendo enrolado os pés e as mãos com um cobertor, mesmo assim haviam eles arranjado um jeito de atacá-lo, descendo pelas franjas da rede e sugando-lhe justamente a parte mais importante para a sua pessoa, picando-a através de um buraco das calças! Ante tal catástrofe, não nos foi possível conter o riso; para ele, porém, o caso nada tinha de engraçado. O Sr. Brandão, de Manaqueri, informou-me que tinha em casa uma rapariga índia, que era muito perseguida pelos morcegos, os quais a sugavam constantemente; por

fim, estava ela tão enfraquecida, em consequência da contínua perda de sangue, que ele chegou a recear pela sua vida, se os morcegos continuassem os seus ataques, e viu-se obrigado a mandá-la embora dali, para outro lugar onde tais hematófagos não fossem tão abundantes. A ferida, feita por eles, é muito difícil de curar, principalmente no local do costume – o dedo grande do pé, pois geralmente impede o uso do calçado, por um ou dois dias. A conclusão a que se chega, após a primeira vez, pela curiosidade somente da experiência, é que ser picado por um morcego é coisa muito desagradável. Eles raramente penetram em cômodos iluminados, e, por essa razão, costuma-se geralmente conservar uma lâmpada acesa durante toda a noite, nos quartos de dormir.

Tapirus americanus – É comum em todo o Amazonas, mas em parte alguma abundante. Alimenta-se de folhas e de um grande número de frutos de diferentes espécies, causando às vezes grandes danos às plantações de mandioca dos índios, quando lhes penetra nas roças. A carne é muito estimada; é considerada muito saudável; e dizem mesmo que serve de remédio para a cura de febres. É um animal muito tímido e muito arisco, vagando principalmente à noite. Quando os índios lhe descobrem o local preferido para a alimentação, armam um estrado, entre duas árvores, cerca de oito pés acima do solo, e aí estacionam, logo após o escurecer, armados de espingarda ou de arco e flechas, para esperá-lo. Embora seja o tapir um animal muito pesado, pisa tão sutilmente como um gato, percebendo-se-lhe a aproximação simplesmente pelo leve deslocamento dos ramos e galhos, em que ele esbarra. O mais leve ruído, ou qualquer cheiro que perceba, é o bastante para alarmá-lo, e, por isso, quando o índio está à espera dele, permanece imóvel, como se estivesse morto, durante muitas horas, até que o animal se aproxime o bastante para ser atirado, exceto quando este, farejando o seu inimigo, dispara logo, em direção contrária. Eu acompanhei os índios nessas expedições, porém sempre sem êxito algum.

Coassus nemorivagus e *Coassus rufus* – São pequenos veados, de pêlos brancos e vermelhos, das florestas, e encontram-se em todas as partes do Amazonas. Têm chifres em galho, porém não grandes.

Mazama campestris? – O “veado galheiro”^{160-a} ou veado do rio Branco, é provavelmente desta espécie. Tem pequenos chifres em galho e habita os campos abertos, nunca sendo encontrado na espessura da floresta.

Dicotyles taiacu – É o “porco-do-mato”, chamado pelos índios *taititu*.

Dicotyles labiatus – A espécie maior é esta, chamada pelos índios *taiacu*. Parece que há ainda uma terceira espécie, do mesmo tamanho que a última.

Arctopithecus flaccidus? (*ai*, na língua geral) – Preguiça real. É a preguiça grande.

Bradypus torquatus (*ai*, na língua geral) – Esta e outras espécies de preguiça não são incomuns. Alimentam-se somente de folhas, preferindo as das *Cecrópias*. São muito perseguidas pelos gaviões-reais e também pelos índios, que as comem.

Myrmecophaga jubata (*tamanduá-açu*, “o grande comedor de formigas”, na língua geral) – Este animal é raramente encontrado, mas é largamente distribuído. Quando está chovendo, suspende a longa cauda, espalhando-a sobre o corpo, ao longo das costas, e permanece imóvel. Os índios, quando o encontram, sacodem as folhas dos ramos, imitando o ruído da chuva quando está caindo, e o animal estende logo, ao longo do corpo, a sua longa cauda, aproveitando então os selvagens essa oportunidade para matá-lo, dando-lhe, com um pau, uma forte pancada na cabeça. Alimenta-se das grandes térmitas ou “formigas-brancas”, revolvendo, com as poderosas garras, a terra e madeira apodrecida, onde elas moram. Os índios asseguram, positivamente, que ele é capaz de lutar e matar jaguar, abraçando-o e apertando-o com suas enormes unhas, até que ambos acabam vencendo um ao outro. Dizem também que estes animais são todos fêmeas, acreditando que o seu macho é o “curupira” ou demônio das florestas. A curiosa organização do animal, provavelmente, é que os leva a esse erro. Vive somente em terra.

Tamandua tetradactylus? – É o pequeno comedor de formigas, de cauda preênsil. Vive somente nas árvores, alimentando-se de térmitas

160-a No original, “veado galera”.

que encontra nas mesmas. Não faz abrigo e dorme nas forquilhas das árvores, ficando com a cabeça escondida embaixo do corpo.

Cyclothurus didactylus (*tamanduá* na língua geral) – É o pequeno comedor de formigas, de pêlo sedoso. Esta espécie vive também nas árvores e é algo um tanto abundante. Há ainda outra espécie menor, de pêlo tão alvo como algodão. É raro e nunca o encontrei.

Priodonta gigas? – Tatu-açu (na língua geral). É o tatu grande, algo um tanto raro.

Tatusia septemcinctus? – Tatu-açu (na língua geral). Esta e outras espécies menores são muito comuns no Amazonas; mas raramente são encontradas, exceto quando caçadas com cães. Todas essas espécies se comem; a carne é muito branca e delicada.

Didelphis... – (Gambá, mucura, na língua geral). Encontram-se várias espécies. Frequentam as vizinhanças das casas e atacam as galinhas. Os filhotes são transportados em uma bolsa abdominal, como os cangurus, tendo caudas preênsais, que se enroscam à da mãe.

Hydrochoerus capybara – (Capybara na língua geral). Este animal é encontrado ao longo de todas as margens dos rios. Alimenta-se de ervas, e procura a água, na qual mergulha, quando perseguido. A sua carne não é considerada muito boa, sendo, entretanto, comida, mesmo assim.

Coelogenis paca – Paca (na língua geral). Este animal é geralmente abundante. É noturno e muito estimado, por causa de sua carne, que é a melhor que se encontra na região: muito gorda, delicada e tenra.

Dasyprocta nigricans, Natterer – Cutia Preta. Cutia (na língua geral). Esta espécie é encontrada no rio Negro.

Dasyprocta punctata? – Cutia amarela. Esta é, provavelmente, a espécie comum do Amazonas.

Dasyprocta agouti? – Cutiuya (na língua geral). É uma espécie menor, largamente distribuída. Como-se-lhe a carne, mas é algo um tanto seca e sem gosto.

Cercolabes prehensilis – É o porco espinho brasileiro. É um animal raro. Os índios comem-lhe a carne.

Echimys? – Há vários destes curiosos animais, espertos como ratos, que são encontrados no alto rio Negro.

Cercoleptes caudivolvus – É o potto.¹⁶¹ Trata-se de um animal noturno, que habita as margens do alto Amazonas.

Nasua olivacea? – Quati. Há duas espécies, o “quati” e o “quati mundé”¹⁶² dos índios, que se encontram no Amazonas.

Lontra Brasiliensis? – Lontra brasileira. É abundante no rio Negro.

Galera barbara – Irara (na língua geral). Dentes: seis incisivos, dois caninos e quatro molares em cada maxila. É um curioso animal, um tanto aliado aos ursos. Vive nas árvores e alimenta-se de mel. Daí é que provém o seu nome indígena: de *irá*, “mel”, na língua geral.

Vulpes...? – É um cão selvagem, ou raposa, das florestas, e anda em pequenas matilhas. Domestica-se facilmente; mas só se encontra muito raramente.

Leopardus concolor – Saçurana (na língua geral). É o puma. Saçurana quer dizer, no tupi, “veado dissimulado”, por causa da cor que tem esse animal.

Leopardus onça – Jaguar, jaguarité, na língua geral. “O cão grande”, eis o significado de *jaguarité*.¹⁶³

Loeopardus onça, variedade *nigra* – Jaguar negro, jaguarité pixuna (na língua geral). É o “tigre” dos espanhóis.¹⁶⁴

Leopardus pictus e *Leopardus griseus* – Onça pintada. *Maracajá* (língua geral).¹⁶⁵ O jaguar ou onça muito se aproxima, pela força e destreza, do tigre da Índia. Anualmente, muitas pessoas são mortas ou feridas por este animal. Quando podem obter alimento por outra maneira, raramente atacam o homem. Os índios asseguram, contudo, que espera o homem para atacá-lo, surgindo-lhe, repentinamente à frente, e a poucos pés de distância; se a pessoa recua, então é atacada. Os caçadores, por vezes, quando apanhados assim, frente a frente, matam-na a facão. Os índios também a matam e para isso colocam a ponta de uma lâmina velha de faca na ponta da flecha. E dizem que não se deve envergar muito o arco, porque, do con-

161 É provável que este autor tenha confundido esse *Cercoleptes caudivolvus*, a que atribui o nome de *boto* (“potto”), com o *sotalia brasiliensis*, a propósito do qual nos utilizamos das informações do erudito e competente José Veríssimo.

162 No original “Coati mundi”.

163 *Jaguarité* ou *jaguareté* quer dizer “cão verdadeiro, forte”, e não “cão grande”.

164 *Tigre* é vocábulo usado tanto pelos espanhóis, quanto pelos portugueses.

165 *Maracajá* é nome que se aplica ao “gato-do-mato”.

trário, a flecha atravessará o animal e não lhe causará tanto dano, como quando fica entranhada no corpo. Pela mesma razão, quando atiram neles com espingarda, costumam empregar uns cilindros de chumbo, com a superfície bem áspera, em vez de balas, para fazer uma ferida maior em torno ao ponto atingido e se atravessar o corpo do animal. Ouvei contar o caso de um jaguar que entrou em casa de um índio e o atacou, quando este se achava deitado na rede. A onça, dizem os índios, é o animal mais astuto da floresta. Imita perfeitamente os piados e berros de quase todos os pássaros e animais, a fim de atraí-los para perto de si. Costuma pescar nos rios, batendo com a cauda na água, imitando assim a queda de frutos, e, quando o peixe se aproxima, fisga-o com as agudas garras. Pega e come a tartaruga, tendo eu mesmo encontrado alguns cascos dos animais que haviam sido devorados por elas, que, com as poderosas garras, lhes arrancaram a carne e outras partes mais, deixando-os completamente limpos. O próprio peixe-boi é atacado pelo jaguar, no elemento daquele; e uma testemunha ocular de tal fato assegurou-me que, tendo ficado à espreita, para esse propósito, pôde observar ainda uma onça carregar para a praia o enorme animal, que devia ter o peso igual ao de um boi. Um rapaz português, negociante, contou-me que viu (o que também mais outras pessoas já me haviam dito, pois isso tem acontecido várias vezes) uma onça devorar, vivo ainda, um enorme jacaré, do qual ia arrancando e comendo pedaços da carne da cauda. Às vezes, a onça se afastava uma jarda ou duas, e, quando o jacaré fazia qualquer movimento para locomover-se em direção ao rio, saltava sobre ele e pegava de novo a comer-lhe a cauda. Enquanto estava assim a devorá-lo, o jacaré permanecia perfeitamente imóvel. De uma feita, estivemos observando um gato brincar com uma lagartixa, e ambos comportavam-se de maneira idêntica, esta tentando locomover-se, quando ele, por uns instantes, a deixava, mas daí pulava sobre ela e de novo a agarrava. Assegurou-me o referido informante que viu o jaguar proceder da mesma maneira com o jacaré. A onça é inimiga fidal dos cães, e mata-os de preferência a qualquer outro animal. Quando uma qualquer comete depredações, é coisa comum amarrar-se um cão a uma árvore, à noite, o qual, com o seu latido, atrai a onça, que vem logo agarrá-lo. Nessa ocasião, a pessoa, que está à espera do jaguar, bem escondida no local, só assim é que consegue atirar nele. É crença geral, entre os índios e habitantes brancos do Brasil, que a onça tem o poder de fascinar os outros animais. Contam-se muitas histórias a esse res-

peito, e que comprovam isso. Dentre elas, uma pessoa me informou que já havia visto uma onça, ao pé de uma alta árvore, atentamente olhando para cima; no topo da árvore, estava uma guariba (ou macaco roncador), que olhava sempre para a onça, enquanto, muito agitada e pulando de um lado para outro, soltava os urros mais lastimosos. A onça, embaixo, permanecia imóvel, e o macaco, pulando de galho em galho, mas cada vez vindo mais para baixo e sempre soltando urros, veio descendo, até que, afinal, caiu perto da onça, que o agarrou e devorou. Muitos casos dessa espécie são relatados por pessoas que chegaram a presenciá-los. Se são exagerados ou imaginários, isso é difícil de decidir-se. A crença a esse respeito, por parte de pessoas que têm conhecimento dos hábitos do animal, é geral.

Varietades – Dos tigres-gatos, menores, há várias espécies, porém, tendo perdido a minha coleção de peles, eu não posso descrevê-los. Considera-se o puma muito menos feroz do que o jaguar, e, por isso, é muito pouco temido pelos habitantes. Há muitas variedades de jaguar, que os índios distinguem por diferentes nomes. A variedade negra é mais rara do que as outras, e acredita-se, em geral, que é inteiramente distinta. Em alguns lugares, é desconhecida, enquanto em outros ela é tão abundante, quanto a pintada.

Roedores – Os pequenos roedores – esquilos, ratos etc. –, em grande número, completam a lista dos mamíferos terrestres do vale do Amazonas.

Cetáceos – Nas águas do Amazonas, até mesmo perto da base dos Andes, habitam várias espécies de legítimos *cetáceos*, dos quais, contudo, só conseguimos muito poucas informações. Duas (se não mais) espécies de delfins são comuns por toda parte do Amazonas e em quase todos os seus tributários. São encontrados para cima das quedas do rio Negro, no Caciquiare e no alto Orenoco. O seu tamanho e a sua cor variam; dois deles, porém, têm nomes indígenas distintos: o *piraiawara* (“peixe-cão”) e o *tucuxi*.¹⁶⁶ Refere d’Orbigny que os habitantes da Bolívia os matam para extrair-lhes o óleo. No baixo Amazonas e no rio Negro, raramente são apanhados, e eu não pude obter nenhum espécime deles. A

166 Stradelli (ob cit., pág.132) admite três variedades de *boto*, às quais dá os nomes seguintes: *pirá-iauara*, o vermelho grande; *oiara*, o róseo menor; e *tucuxi*, o cinzento intermédio e também o mais comum. *Pirá-iauara* (não *piraiowara*) quer realmente dizer “peixe-cachorro”.

espécie descrita por d'Orbigny é provavelmente distinta, porquanto a por ele mencionada tem vinte pés de comprimento, enquanto os espécimes que eu mesmo vi nenhum excedia de seis ou sete pés. Encontram-se também os cetáceos herbívoros no Amazonas e são chamados de *peixe-boi* pelos brasileiros e de *iuarauá* pelos índios. Todavia ainda não se verificou se o peixe-boi do Amazonas é o mesmo *Manatus* das Índias ocidentais e das costas da Guiana, ou se é uma espécie distinta. Todas as descrições do *Manatus americanus* dão-no como tendo em média de 12 a 15 pés de comprimento, alcançando algumas vezes 20 pés. Os do Amazonas parecem ter somente 7 ou 8. De 5 ou 6 espécimes, que eu vi, nenhum excedia desse tamanho. O tenente Smyth viu um no alto Ucaiáli, com o mesmo tamanho que o último referido, e Condamine igualmente descreve um, que ele viu também, e que não era maior. Os habitantes do Amazonas dão notícia de três espécies, que aceitam sejam distintas, sendo uma a maior e outra menor do que a espécie comum, que delas difere também, tanto pela estrutura de cada cauda e das barbatanas, como pela cor. A espécie das Índias Ocidentais é sempre descrita como tendo unhas aparentes nas extremidades das barbatanas, ou membros dianteiros. Isso eu nunca observei nas espécies do Amazonas. Todavia, tendo cortado as extremidades das barbatanas, para tirar os ossos inteiros, eu deveria tê-las visto, se fossem tão proeminentes como geralmente são descritas. O tenente Smyth nem as menciona, e dificilmente ter-lhe-ia passado despercebido tão singular caráter externo. Estou, por conseguinte, inclinado a pensar que o Amazonas possui uma ou duas espécies distintas. Tendo eu reparado cuidadosamente a pele e o esqueleto de um bonito macho (os quais, de resto se perderam na minha volta), não posso fazer uma descrição deste animal tão minuciosamente, como poderia por outro modo fazê-lo; visto, porém, conservar algumas notas, referentes aos espécimes macho e fêmea, ainda acrescento aqui o seguinte:

Manatus do Amazonas (*peixe-boi*) dos portugueses; *vaca-marina* dos espanhóis; *iauarauá*,¹⁶⁷ na língua geral dos índios do Brasil. As fêmeas têm duas maminhas, cada qual junto à base de cada barbatana dianteira. O focinho é embotado, carnoso e coberto de numerosos pêlos, bastante

167 O autor escreve *juarouá*; mas o correto, como se pode ver em Stradelli (ob. cit. pág. 285), é *iauarauá*.

duros. As ventas estão na parte superior do focinho e têm a forma de meia lua. Os beiços são grossos, carnosos e eriçados, e a língua é áspera. A pele é cor de chumbo, com alguns poucos pigmentos de um branco-marmóreo na barriga. Outras têm todo o lombo e as partes dianteiras do corpo cor de creme, e algumas manchas do mesmo colorido na parte inferior, da cauda. A pele é inteiramente lisa, tendo o aspecto de borracha, com a espessura de uma polegada nas costas e cerca de um quarto de polegada na barriga. Os pêlos são curtos e muito espalhados, ficando cerca de uma polegada distantes uns dos outros. Por baixo da pele, encontra-se uma camada de banha, de uma polegada ou mais de espessura que envolve todas as partes do corpo. Derretendo-se essa banha, cada animal fornece de 5 a 10 galões de óleo. O comprimento total dos animais bem desenvolvidos é de 7 pés. Os seus intestinos são muito volumosos. Os pulmões têm 2 pés de comprimento e de 6 a 7 polegadas de largura. Quando cheios de ar, muito se parecem com uma câmara de ar Macintosh. As costelas são aproximadamente semicirculares, arqueando-se para trás da espinha e formando, assim, uma concavidade ou quilha interior. Nas costas, encontra-se uma grande camada de carne. Os ossos são excessivamente duros e pesados e dificilmente se consegue quebrá-los. O estreme assemelha-se ao dos cavalos. O peixe-boi alimenta-se de ervas das margens dos rios e dos lagos. É capturado quer com arpão, quer com rede, colocando-se esta última na entrada de algum lago, onde ele vai à noite, para alimentar-se. Embora os seus órgãos visuais sejam muito diminutos e tendo também diminutas cavidades para orelhas, percebe e pressente com grande agudeza. Para capturá-lo, pois, é preciso maior cuidado e muita precaução. E dizem os pescadores que não há outros animais que possam ouvir, ver e sentir melhor do que o peixe-boi. Quando capturado em rede, é morto a pancadas, batendo-se-lhe nas ventas com um pedaço de pau. O índio, então, enche de água a canoa, e, fazendo esta mergulhar sob o corpo do peixe-boi, leva-o, assim, em direção à praia. Daí, rumo para casa, com uma carta que requer uma dúzia de homens para arrastá-la na praia. A sua carne é muito boa, e, tanto por esta, como pelo seu óleo, o animal é muito estimado e procurado. Ele sobe a maior parte dos tributários do Amazonas; não passa, entretanto, para cima das cachoeiras e os rápidos.

b) PÁSSAROS

Os pássaros do vale do Amazonas são tão numerosos e notáveis, que não me é possível senão mencionar aqui apenas alguns dos mais interessantes e dos mais belos, tão-somente para dar uma ligeira e geral idéia da ornitologia daquela região.

Entre as aves de rapina, as mais notáveis são: o urubu-rei (*Sarcorhamphus papa*) e o gavião-real (*Thrasaetos harpya*), encontrando-se ambos em todo o baixo Amazonas.

Há também uma grande variedade de falcões, milhafres e mochos, provavelmente entre 20 e 30 espécies, que se encontram nas circunvizinhanças do Pará.

As duas lindas águias – o *Spizaëtus ornatus* e o *Morphnus guianensis* – habitam o alto Amazonas.

Na ordem dos trepadores, de menor porte, os tiranos, de penas amarelas no peito, atraem logo a nossa atenção, vendo-se pousados nas árvores secas dos campos abertos.

Nas florestas, ouvem-se os curiosos ruídos dos picanços (*Thamnophilinae*) bem como os repetidos e altissonantes gritos do grande sabiá “papa-moscas” (*Lipangus simplex*), que tem uma plumagem de cor cinzenta.

A curiosa tânagra (*Calospiza tatáó*),¹⁶⁸ pequenino pássaro, de lindíssima plumagem de sete cores, e uma espécie não menos bela do que esta, de plumagem escarlate escura (*Rhamphocelis nigrogularis*), não se encontram senão quando alcançamos o rio Negro e o alto Amazonas.

As cotingas constituem uma das mais esplêndidas famílias de pássaros. No Amazonas, encontram-se algumas das mais lindas das suas espécies, tais como: *Cotinga cayana*, *Cotinga coerulea*, *Phoenicurus carnifex* e *militaris*, que se encontram no Pará; *Cotinga pompadoura* e *Phoenicurus nigrogularis*, no alto Amazonas e no rio Negro.

Os verdelhões, de ninhos suspensos, espécie de *Cassicus*, são numerosos, e, pela plumagem de cor amarela, vermelha e preta, e pelos

168 É o *tangará*, segundo assegura Martius, ob. cit., pág. 480.

curiosos ninhos, em forma de pêndulo, constituem um dos mais notáveis característicos da ornitologia da zona.

Os picanços, os papa-moscas, os lindos jacamares e trogônidas, de plumagem de cores muito vivas, e brilhantes como metal, são numerosíssimos, tanto em espécies, como em indivíduos.

Mas, de todas as famílias de pássaros, que habitam esta região, os papagaios e os tucanos são talvez os mais característicos. São abundantes, tanto em espécies, como em indivíduos, e vêem-se muito mais freqüentemente do que quaisquer outros pássaros.

Do Pará ao rio Negro, encontrei 16 espécies de tucanos.

Destes, o mais curioso é o *Pteroglossus Beaubarnasii*, ou “araçari de crista anelada”, cuja lustrosa crista de anéis pretos, córneos, existe somente entre esses pássaros.

De papagaios e periquitos, encontrei, no mínimo, 30 espécies distintas, variando em tamanho, desde o pequeno *Psittaculus passerinus*, pouco maior que um pardal, até às magníficas araras vermelhas.

Quando se sobe o Amazonas, vêem-se grandes bandos de papagaios todas as manhãs ou todas as tardes, cruzando o rio, em procura dos seus pontos de alimentação ou de pouso.

Todavia, sejam quantos forem, voam somente e sempre aos pares, como fazem também as araras, ao passo que os ruidosos e pequeninos periquitos se reúnem em bandos, indiscriminadamente, e voam de árvore em árvore, com uma rapidez que poucos pássaros podem ultrapassar.

Bem que os beija-flores pertençam quase inteiramente à América tropical, são mais abundantes nos lugares montanhosos e al-candorados; os das florestas niveladas do Amazonas são comparativamente pouco dignos de nota.

O número total de espécies, que encontrei no baixo Amazonas e no rio Negro, não excede de 20, e delas poucas são as notáveis.

O belo e pequeno *Lophornis Gouldi*, que raramente se encontra no Pará, e o magnificente *Topaza pyra*, que não é comum no alto rio Ne-

gro, são, contudo, exceções, e não admitem comparação com quaisquer outras espécies desta família.

Provavelmente, no mundo, nenhuma região contém maior variedade de pássaros do que o vale do Amazonas.

Embora eu não tenha colecionado assiduamente, obtive para cima de 500 espécies, número bem maior do que as que se encontram em toda a Europa; e não hesito em dizer que qualquer colecionador, que se decidir a trabalhar, poderá em 5 ou 10 anos, sozinho, obter umas 1.000 espécies diferentes.

c) RÉPTEIS E PEIXES

Como todas as regiões tropicais, o vale do Amazonas é, na verdade, abundante em espécies de répteis, encontrando-se ali muitos dos de maior tamanho e das mais singulares estruturas.

Os sáurios e os ofídios são particularmente abundantes, e entre estes últimos há várias espécies muito venenosas.

Das serpentes, as mais notáveis são a *Boa* e a *Anaconda*, que chegam a atingir a enorme tamanho.

A primeira habita a terra, e, bem que muitas vezes atinja a um grande tamanho, todavia as narrativas mais autênticas e mais verossímeis de serpentes verdadeiramente monstruosas referem-se à última – a *Eunectes murinus* dos naturalistas –, que vive tanto na água como em terra.

Os índios sabem fazer a distinção genérica desses bichos, denominando o primeiro de *jibóia* e o segundo e *sucuriju*.

Os maiores espécimes que encontrei, não tinham mais do que 15 a 20 pés de comprimento; ouvi, porém, contar casos a respeito de algumas que foram mortas, que, depois de medidas, deram o comprimento de 32 pés.

Têm-se visto espécimes ainda maiores; como, porém, se pode logo avaliar, são muito difíceis de matar ou de capturar, devido à sua tenacidade de vida e aos seus hábitos aquáticos.

É fato indiscutível que podem devorar cavalos e reses; e é crença geral, na região, que elas atingem, algumas vezes, a 60 ou 80 pés de comprimento.¹⁶⁹

São abundantes no Amazonas, e em todos os seus tributários, três ou quatro espécies de jacarés.

Alguns dos jacarés menores são comidos pelos nativos, os quais, a seu turno, por vezes são também devorados pelos maiores.

Em muitas aldeias, algumas pessoas já foram mutiladas por eles, e muitas crianças, quase todos os anos, são por eles devoradas.

Das diferentes espécies desses répteis comem-se os ovos, embora tenham um cheiro fortemente almiscarado.

As maiores espécies (*Jacaré nigra*) alcançam o comprimento de 15 pés, mais raramente de 20 pés.

Os mais interessantes e mais úteis dos répteis do Amazonas, são, contudo, as tartarugas de água doce, as quais pertencem a várias espécies, fornecendo todas um abundante e salutar alimento.

169 Como poucos europeus é que têm visto estas enormes serpentes, sendo verdade existirem algumas de tão extraordinário tamanho, que são capazes de engolir um boi ou um cavalo (no que dificilmente se acredita), aqui acrescento a seguinte narrativa de autoria de um competente observador e cientista, o bem conhecido, viajante e botânico, dr. Gardner. Em seu livro "Travels in Brazil", à pág. 356, diz ele:

"Nos brejos deste vale, na província de Goiás, perto de Arraias, encontra-se a *Boa constrictor*, que chega, por vezes, a atingir grande tamanho. Não é rara, pois, que em toda esta província, e principalmente nos matos das beiradas de lagos, brejos e córregos, é comumente encontrada. Algumas vezes, chega a atingir o enorme comprimento de 40 pés. A maior, que eu mesmo vi, era dessa categoria, porém, não estava viva. Algumas semanas antes de nossa chegada ao Sapé, o cavalo de sela do Sr. Lagoriva, que havia sido posto perto da casa a pastar, não houve possibilidade de ser encontrado, embora para isso houvesse sido feito um rigoroso e cuidadoso campeio em toda aquela fazenda. Pouco depois, um vaqueiro, quando ia passando junto ao mato da margem de um córrego, viu uma enorme *Boa* suspensa na forquilha de uma árvore, que pendia sobre as águas. Ela estava morta; mas, evidentemente, para ali fora arrastada ainda viva por uma recente inundação, e, achando-se em estado inerte, não pôde desembaraçar-se da forquilha, antes de baixarem as águas. Ela dali fora retirada e arrastada para o campo, por dois cavalos, verificando-se então que media 37 pés de comprimento. Abrindo-se-lhe os intestinos encontraram-se-lhe no ventre os ossos de um cavalo, algo um tanto partidos e já estando semiputrefeita a carne. Os ossos da cabeça nada haviam sofrido. Por essas circunstâncias, concluímos que a *Boa* havia engolido o cavalo inteiro." (*Nota do autor.*)

Dos seus ovos prepara-se excelente óleo.

A maior e mais abundante é a grande tartaruga do Amazonas, ou a *jurará* dos índios.¹⁷⁰

Atinge ao comprimento de 3 pés e tem o casco oval, um tanto achatado, de cor escura e inteiramente liso.

É encontrada abundantemente em todas as águas do Amazonas, e na maior parte dos lugares é o alimento comum dos habitantes.

No mês de setembro, logo que os bancos de areia começam a ficar descobertos, as fêmeas ali depositam os ovos, fazendo buracos na areia, de considerável profundidade, cobrindo-os em seguida e alisando-os cuidadosamente, empregando todos os meios para comprimir a areia; e ainda caminham de través várias vezes, sobre o local, em várias direções, para o propósito de dissimulá-los.

Em algumas praias, depositam-nos em tal número, que aqueles lugares quase são uma só massa de ovos abaixo da superfície.

Os índios vão colhê-los ali, para fazer óleo.

Enchem as suas canoas com os ovos que, em seguida, dentro da própria canoa, são quebrados e misturados a um só tempo.

O óleo sobrenada, e, em seguida, é escumado e cozido, sendo guardado, depois dessa operação, a fim de ser usado para a iluminação ou culinariamente.

Destroem-se assim, anualmente, milhões de ovos.

Em consequência dessa devastação, estão-se tornando cada vez mais raras as tartarugas grandes do Amazonas.

Nas praias mais extensas, chega-se a produzir dois mil potes de óleo por ano. Cada pote contém 5 galões, e são necessários cerca de 2.500 ovos para cada pote, o que dá a cifra de 5.000.000 de ovos destruídos em uma só localidade.

Dos que escapam, só uma diminuta porção é que consegue vingar e alcançar a maturidade.

170 Segundo Stradelli (ob. cit., pág. 336), da grande tartaruga amazônica só a fêmea é que tem a denominação de *iurará*, pois ao macho dão os indígenas o nome de *capitari*.

Quando as tartarugas novas saem dos ovos e correm para a água, já lhes estão à espreita muitos inimigos.

Os grandes jacarés abrem as enormes mandíbulas e engolem-nas às centenas.

Os jaguares da floresta vão esperá-las ali e com elas se alimentam.

As águias e outras aves de rapina, gaviões e martins-pescadores da região florestal, ali ficam aguardando o seu repasto.

E, quando chegam a escapar de todos esses inimigos seus, há ainda muitos peixes vorazes, que as agarram no rio.

Os índios apanham as tartarugas adultas, quer com anzol, quer com rede ou a flechadas.

O último é o método mais engenhoso, exigindo, porém, grande perícia e muita habilidade.

A tartaruga nunca expõe o dorso do casco acima da água, somente vindo à tona para respirar, o que faz estirando as ventas, quase que imperceptivelmente, acima da superfície.

O índio, porém, graças a seu penetrante e perspicaz olhar lobriga-a, mesmo assim, a uma considerável distância.

Distendendo o arco, despede, então, uma flecha que, se fosse atirada obliquamente, resvalaria pelo casco liso e achatado, e não produziria nenhum efeito; por isso, ele atira para o ar, mas com tão precisa certeza, que a flecha vai cair aproximadamente em direção vertical sobre a concha, na qual penetra, permanecendo firmemente fincada nas costas da tartaruga.

A ponta ou farpa é somente ajustada, ficando quase solta da flecha, porém é presa a esta por intermédio de um longo e fino cordel, cuidadosamente enrolado em volta dela.

A tartaruga mergulha, e as duas peças separam-se, ficando a flecha servindo de flutuador, que o índio apanha, e, pelo cordel que a prende, puxa a presa para a canoa.

Quase todas as tartarugas vendidas nas cidades são apanhadas por essa maneira, podendo-se ver no casco a pequena cavidade quadrada e vertical da ponta da flecha.

Além da grande tartaruga (*Podocnemis expansa*), há várias outras espécies menores, também muito estimadas para a alimentação.

A tracajá (*Emys tracaxa*, Spix) e o cabeçudo (*Emys macrocephala*, Spix)¹⁷¹ foram descritos pelos naturalistas franceses Dumeril e Bibron, como uma só espécie, sob o nome de *Peltocephalus tracaxa*.

Elas são porém, inteiramente distintas, e, embora os seus caracteres não sejam talvez fáceis de distinguir, não podem nunca ser confundidas por qualquer pessoa que as tenha examinado ainda vivas.

São encontradas em diferente localidades.

A tracajá é abundante no Amazonas, no Orenoco e no Guaviare, por terem todos estes rios águas claras; é muito rara no rio Negro.

O cabeçudo é muito abundante no rio Negro e no Atabapo, porém não é encontrado no Guaviare ou no Amazonas, parecendo que o seu *habitat* se acha confinado aos rios de águas escuras.

Obtive 10 espécies distintas de tartarugas de rios, ou *Chélidas*, e há ainda duas ou três espécies de tartarugas terrestres, que habitam a região adjacente.

Como é de esperar, há no maior rio do globo uma correspondente abundância e variedade de peixes. Constituem eles a principal alimentação animal dos índios, e em todo e qualquer tempo são sempre abundantes e mais fáceis de obter do que os pássaros ou a caça da floresta.

Durante minha residência no rio Negro, cuidadosamente desenhei e escrevi todas as espécies que se me depararam ali.

E na ocasião em que eu regressava dali, ainda estavam aparecendo outras espécies, quase que diariamente.

Os peixes de barbatanas moles são muito mais numerosos e compreendem algumas das melhores espécies de alimento.

Dos *Sciluridas*, eu obtive 51 espécies; dos *Serrasalmus*, 24; dos *Chalceus*, 25; dos *Gymnotus*, 10; e dos peixes de espinhas e de barbatanas (*Acanthopterygia*), 42.

171 O autor escreve sempre *tracaxa*; mas o nome verdadeiro é *tracajá* ou *tracaiá*, como se vê em Stradelli, ob. cit., pág. 336; o “cabeçudo”, segundo esse mesmo escritor, é chamado *muçua* no tupi amazônico.

De todas as espécies de peixes que encontrei, 205 são exclusivamente do rio Negro, e estas, disso estou certo, são uma pequena porção das que existem ali.

Sendo ele um rio de águas escuras, a maior parte dos seus peixes são diferentes dos que se encontram no Amazonas.

De fato, em todos os riachos e em diferentes partes do mesmo rio, encontram-se espécies distintas.

A maior parte das que habitam o alto rio Negro não são encontradas perto da sua barra, havendo muitas outras espécies, igualmente desconhecidas, nas águas mais claras, mais escuras e provavelmente mais frias, dos seus mais altos e mais remotos tributários.

Pelo número de espécies novas, constantemente encontradas em todas as localidades e em todo cesto de pescador, podemos estimar que, no mínimo, 500 espécies existam no rio Negro e nos seus tributários.

É impossível calcular, com qualquer aproximação de rigor, o número de espécies de todo o vale do Amazonas.

d) INSETOS

Para descrever as incontáveis tribos de insetos que enxameiam nas frondosas florestas do Amazonas, são necessários muitos volumes.

Em nenhuma outra parte do mundo há mais variedade e mais beleza, e em parte alguma, senão lá, encontram-se espécies maiores ou de cores mais vivas e mais brilhantes.

Vêm-se ali os extraordinários “escaravelhos-arlequins”, os gigantescos *Prioni* e *Dynastes*.

Estes, porém, constituem exceção no tocante à grande massa de *Coleópteros*, que, embora contando imenso número de variedades, são, contudo de diminuto tamanho e de colorido pouco brilhante, oferecendo assim notável contraste em relação às espécies da África tropical, da Índia e da Austrália, que são geralmente esplêndidas e de grandes tamanhos.

Nas outras ordens, aplica-se-lhes bem a mesma regra, exceto quanto à dos *Hymenópteros*, que conta numerosas espécies gigantescas e notáveis.

É na estimada ordem os *Lepidópteros*, ou borboletas, que as florestas do Amazonas, em verdade, não têm rivais, quer consideremos a infinita variedade, quer o grande tamanho, quer, finalmente, os esplêndidos coloridos das espécies, que se encontram ali.

Desse grupo de insetos, a parte mais rica do mundo é a América do Sul; e o Amazonas parece ser o território mais fecundo da América do Sul.

Esse continente distingue-se de qualquer outro, por contar a mais extensa e a mais peculiar família das *Helicônidas*, das quais somente uma única espécie é que se encontra, quer na Europa, Ásia e África, quer na América do Norte (excetuado o México).

Outra família, mais numerosa ainda, de borboletas pequenas, porém lindas e de colorido bizarro, as *Erycinideas*, é também quase que só peculiar ao Amazonas.

Desse grupo, poucas espécies somente se encontram na Ásia e na África.

Dessas famílias, o Amazonas é particularmente rico de ambas, as quais lhe são peculiares, de modo que podemos considerá-lo como o quartel-general dos *Lepidópteros* da América do Sul.

O próprio Pará, pela variedade das suas espécies, talvez seja a melhor localidade para a *Lepidópteros diurna*.

Seiscentas espécies distintas podem obter-se em uma excursão, de um dia somente, pela cidade.

Em Santarém, tive aumentada a minha coleção para 700; em Barra, para 800; e eu teria trazido 900, se as minhas coleções houvessem aqui chegado em perfeita segurança.

O Sr. Bates, que tem dedicado a sua atenção quase exclusivamente aos insetos, diz que já obteve até agora 1.200 espécies, coleção verdadeiramente maravilhosa, que uma pessoa pode fazer em uma região onde não há qualquer variação de clima ou de aspectos físicos e onde em parte alguma o território se eleva a mais de 500 pés acima do nível do mar.

e) DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS ANIMAIS

Não há nenhum outro ramo da história natural mais interessante e mais instrutivo do que o estado da distribuição geográfica dos animais.

É bem sabido que regiões, as quais possuem clima e solo muito semelhantes, podem diferir quase completamente quanto às suas produções da vida animal.

Assim, por exemplo, acontece com relação à Europa e à América do Norte, que quase não têm um animal comum a ambas, na zona temperada.

A América do Sul oferece o mesmo contraste com a costa fronteira da África, enquanto a Austrália difere quase inteiramente, em suas produções, dos lugares, sob o mesmo paralelo de latitude meridional, da África e da América do Sul.

Em todos esses casos, há uma vasta extensão de mar separando todas essas regiões, e poucos são os animais que poderão atravessá-la.

Deste modo, supõe-se que as produções animais foram originariamente distintas, e não puderam misturar-se em consequência dessa separação.

Em cada uma das referidas zonas, encontram-se rincões menores que oferecem uma divergência muito bem assinalada, porém isso parece depender mais das condições climáticas.

De modo geral vê-se, desde logo, que as regiões tropicais da África e da América têm animais distintos em cada uma delas.

Com relação aos animais de qualquer região, em suas menores particularidades, verificamos que eles se subdividem ainda em grupos menores, locais, e que quase todos os lugares possuem animais que lhes são peculiares, os quais não se encontram em qualquer outra parte.

Assim, as grandes cadeias de montanhas podem, às vezes, separar regiões que possuem as mais distintas séries de animais.

Os montes rochosos separam dois distritos zoológicos distintos: a Califórnia e o Oregon, de um lado, possuem plantas, pássaros

e insetos, que não se encontram em parte alguma da América do Norte, a leste da referida cadeia de montanhas.

Deve haver, entretanto, ainda muitas outras espécies de delimitações que, além dessas, independentemente do clima, determinam a ordem dos animais.

Em lugares que não distam mais do que 50 milhas um do outro, há muitas vezes algumas espécies de insetos e de pássaros que se encontram num e não se encontram no outro.

Por conseguinte, deve haver outra sorte de delimitação, que determina a ordem de cada espécie; deve haver alguma outra particularidade externa, que demarque a linha que cada uma não deve ultrapassar.

Essas delimitações nem sempre constituem barreira ao movimento do animal, embora muitos pássaros se confinem em uma região onde nada há que os impeça de voar para outra direção qualquer, como é o caso do nosso rouxinol, o qual é inteiramente desconhecido em alguns dos condados ocidentais da Inglaterra.

Os rios, geralmente, não determinam a distribuição das espécies, porque, quando pequenos, poucos são os animais que os possam atravessar; mas, com os rios muito grandes, o caso já é diferente, e esses podem, como é lícito presumir, determinar o espaço de muitos animais de diversas ordens.

Com relação ao Amazonas e seus maiores tributários, verifiquei ser esse o caso, e aqui menciono alguns fatos que o comprovam.

Na margem setentrional do Amazonas e a leste do rio Negro, encontram-se as três seguintes espécies de macacos:

Ateles paniscus, *Brachiurus satanas* e *Jacchus bicolor*. Chega-se a encontrá-los até junto das margens do rio Negro e do Amazonas, mas nunca nas margens opostas ou fronteiras de qualquer deles.

Não posso assegurar se algum deles já tem sido encontrado em qualquer outra parte da América do Sul, a não ser em Caiena e nas outras Guianas e na parte oriental da Venezuela, região essa que é limitada, ao sul e a oeste, pelo Amazonas e pelo rio Negro.

A espécie *Pithécia* (número 14 de minha lista) encontra-se na margem oeste do rio Negro, na extensão de várias milhas, da sua barra para cima até ao rio Curicuriari, mas nunca na sua margem oriental.

Tão pouco é ela conhecida na margem meridional do Amazonas, onde é substituída por outra espécie, sua aliada, o *Pithecus irrorata* (*P. hirsuta*, de Spix), o qual, embora abundantemente encontrado ali, não se vê na margem setentrional.

Esses fatos são, assim o penso, suficientes para comprovar que aqueles rios acidentalmente delimitam as ordens de algumas espécies.

Nos casos ora referidos, a evidência é bastante satisfatória.

Os macacos são animais muita bem conhecidos dos caçadores nativos, tanto assim que são caçados para servir de alimento, e todos os lugares por eles freqüentados são devidamente procurados.

Assim sendo, as localidades que separam as diferentes espécies são, por vezes, assunto das conversações dos caçadores, que, a respeito disso, transmitem uns aos outros algumas indicações.

Desta sorte, é inteiramente impossível que uma espécie qualquer bem conhecida possa existir em um determinado rincão e ser ignorada por homens cuja vida se passa nas selvas, quase que ocupados em conhecer bem os habitats daqueles usufrutuários da floresta.

À margem meridional do baixo Amazonas, nas vizinhanças do Pará, encontram-se os dois macacos *Mycetes beelzebub* e *Jacchus tamarin*, que não atravessam aquele rio para a sua margem oposta, para o norte.

Nunca ouvi dizer que macaco nadasse em qualquer rio

Deste modo, tal espécie de delimitação pode ser encarada como melhor definida, nesses casos, do que com outros quadrúpedes, a maior parte dos quais procuram prontamente os rios.

Mais para as cabeceiras, os rios, ao que parece, não constituem delimitação de espécies distintas; mas, mesmo assim, as que se encontram ali, embora possam atravessar para ambos os lados os rios, por vezes não se estendem para baixo, em direção à barra.

Assim, no alto rio Negro e seus tributários, encontram-se o *Callithrix torquatus*, o *Nyctipithecus trivirgatus* e o *Jacchus* (número 21), nenhum dos quais habita o baixo rio Negro ou o Amazonas.

Eles, provavelmente, estão confinados aos terrenos graníticos, que se estendem da Guiana, através das cabeceiras do rio Negro, em direção aos Andes.

Entre os pássaros, era de esperar que não se pudessem encontrar muitas provas de rios que lhes delimitem o espaço.

Todavia, há um notável exemplo de três espécies delimitadas pelos rios, isto é, as três espécies do gênero *Psophia*, que são a *P. crepitans* (Linn.), a *P. viridis* (Spix) e a *P. leucoptera* (Spix).

A espécie *P. crepitans* é o jacamim comum da Guiana. Encontra-se por todo o interior do território, além das cabeceiras do rio Negro e do Orenoco, em direção aos Andes, e em direção ao Amazonas, tanto na margem ocidental como oriental do rio Negro, nunca, porém, sendo encontrado na margem meridional do Amazonas.

O *P. viridis* encontra-se nas florestas do Pará, em Vila-Nova, na margem meridional do Amazonas, e pelo rio Madeira acima, onde é avistado em Borba, na sua margem oriental.

O *P. leucoptera*, uma das espécies mais bonitas, de penas brancas no dorso, encontra-se também na margem meridional do Amazonas, em São-Paulo, Ega, Coari, e em frente à Barra do Rio Negro, mas nunca na margem oriental do Madeira, onde começa a espécie que tem plumagem verde nas costas.¹⁷²

Todos esses pássaros são muito estimados pelos brasileiros, e todas as três espécies domesticam-se e podem ser vistas assim, em Barra, para onde são levadas pelos comerciantes, que as adquirem nos lugares onde elas são encontradas.

Habitam as florestas densas e voam muito dificilmente.

Assim sendo, vemos a razão por que os rios podem tão rigorosamente delimitar-lhes as espécies, as quais, disseminando-se em todas as direções, poderiam, de outro modo, misturar-se.

É provável que, se as duas espécies brasileiras se estendem até às cabeceiras do Madeira, possam ser ainda encontradas habitando a mesma região.

Dos pássaros menores e insetos, que, sem dúvida, poderão proporcionar muitos fatos interessantes, comprovativos do que acabo de alegar, nada posso dizer, porquanto as minhas grandes coleções de

172 Sobre esses *jacamins*, leia-se o que diz Goeldi (ob. cit., pág. 502-506), que se refere à distribuição dos mesmos, acima exposta por Wallace, e ainda explica a razão do nome *trumpeter*, dado pelos naturalistas ingleses ao *Psophia crepitans*.

espécimes do rio Negro e do alto Amazonas, todas de muita utilidade para os meus estudos, se perderam na viagem de volta à pátria.

De resto, em uma questão como esta, a exata determinação das espécies é tudo.

Das duas lindas borboletas, *Callithea saphira* e *Callithea Leprieuri* – que foram originariamente encontradas, a primeira no Brasil e a segunda nas Guianas – capturei espécimes nas margens opostas do Amazonas, a poucas milhas de distância uma da outra, nenhuma delas, porém, sendo encontrada em ambas as margens do referido rio.

O Sr. Bates, depois disso, descobriu outras espécies, às quais deu nomes, e que foram por ele encontradas na margem meridional do Amazonas.

E uma quarta espécie, distinta de qualquer uma dessas, foi por mim encontrada bem acima, em um dos tributários de noroeste do rio Negro.

É provável, pois, que espécies distintas desse gênero habitem praias opostas do Amazonas.

O “galo-da-serra”, *Rupicola crocea*, é, por outro lado, um novo exemplo, por ser uma ave que tem a sua sede definida por uma formação geológica e pelo aspecto físico da região.

O seu habitat estende-se em uma linha infletida ao longo do centro do distrito montanhoso das Guianas, através das cabeceiras do rio Negro e do Orenoco, em direção aos Andes.

Assim sendo, tal espaço está circunscrito inteiramente pela formação granítica, e justamente na parte onde aparecem os numerosos picos e rochedos, nos quais os pássaros fazem seus ninhos.

Se ele atualmente alcança os Andes, ou ocorre no mesmo território do seu aliado, o *Rupicola peruviana* é coisa que não se sabe.

Segundo informações pessoais, que obtive nos lugares por ele habitados, parece comprovar-se que é adstrito ao estreito trato que referi, entre as latitudes de 1° Sul e 6° Norte, estendendo-se das montanhas de Caiena até aos Andes, ao sul de Bogotá.

Há outra ave que parece também confinar-se à formação geológica.

O papagaio comum, *Psittacus festivus*, de plumagem vermelha no dorso, encontra-se em todo o baixo Amazonas; porém, subindo-se o rio Negro, acha-se-lhe o limite do movimento a nordeste de Santa Isabel, justamente onde termina a região das aluviões e começa a do granito.

Ele é avistado pelo Japurá acima; não passa, entretanto, o Uaupés, que tem a sua bacia em terreno granítico.

A bonita arara azul (*Ara hyacinthina*) habita os lindes da região montanhosa do sul do Amazonas, desde o litoral até provavelmente ao rio Madeira.

Para baixo de Santarém, é comumente encontrada, até nas margens do Amazonas; mas, segundo dizem, nunca atravessa esse rio.

Nos mais remotos e mais altos tributários do Tocantins, do Xingu e do Tapajós, é onde ela tem os seus quartéis-mestres

Posso ainda citar aqui outro exemplo de um pássaro que não atravessa o Amazonas: é o lindo *araçari* de crista anelada (*Pteroglossus Beaubarnasi*), que se encontra na margem meridional do alto Amazonas, em frente ao rio Negro, em Coari e Ega, e que nunca se encontra na margem setentrional.

O jacamar da Guiana (*Galbula viridis*), de plumagem verde, aparece ao longo de toda a margem setentrional do Amazonas, porém não é encontrado na margem meridional, onde é substituído pelo *Galbula cyanocollis* e *Galbula maculicauda* os quais se encontram nos arredores do Pará.¹⁷³

173 Sobre os nossos galbúlidas ou “cavadeiras”, leia-se o que diz Goeldi (ob. cit., págs. 172-175), que ainda cita o *Jacamerops grandis* e vários gálbulas (*ruficauda*, *chalconcephala*, *leucogaster*, *paradises* e *inornata*) da região amazônica.

.....

Capítulo XVII
Aborígenes do Vale do Amazonas

COMPARANDO as narrativas feitas por outros viajantes com as minhas próprias observações, os índios do vale do Amazonas parecem ser, a muitos respeito, tanto física como intelectualmente, superiores aos de outras tribos do Sul do Brasil e de mais outras partes da América do Sul.

Assemelham-se muito exatamente às nobres e inteligentes raças que habitam as pradarias ocidentais da América do Norte.

Este meu ponto de vista é plenamente confirmado pelo príncipe Adalberto da Prússia, que foi o primeiro que viu e estudou os índios incivilizados do Sul do Brasil e, em seguida, os do Amazonas, e registra a sua surpresa e mesmo admiração pela grande superioridade destes últimos sobre aqueles, não só pelo vigor físico e pela beleza do corpo, mas também pela nobreza das disposições de caráter.

Eu mesmo tive oportunidade, várias vezes, de observar os aborígenes do interior, em localidades onde ainda conservam todos os seus primitivos e característicos hábitos.

Os índios verdadeiramente incivilizados têm sido pouco vistos pelos viajantes, e somente podem ser ainda encontrados em tal estado, indo-se muito além das zonas habitadas pelos brancos, e fora das ordinárias rotas comerciais.

Nas vizinhanças da civilização, o índio muito perde dos seus costumes característicos; troca os seus modos de vida e os de sua casa, os seus hábitos, a sua língua; torna-se imbuído de preconceitos da civilização; e adota as práticas e ritos da religião católica romana.

Nesta situação, torna-se um ser diferente do legítimo representante das florestas, sendo mesmo para temer, quando a sua civilização não vai além disto, que ele se converta num degradado ou num degenerado.

E é neste estado somente que ele tem sido encontrado – pela maior parte dos viajantes do Brasil –, nas margens do Amazonas, na Venezuela e no Peru.

Não me recordo de uma simples circunstância, em minhas viagens, que me causasse tanta admiração e tanta surpresa, ou que satisfizesse tanto a todas as minhas expectativas, com o meu primeiro contato com os legítimos habitantes incivilizados do rio Uaupés.

Embora eu já estivesse, desde três anos, na região, e já houvesse visto índios de todos os tipos e de todos os matizes, quanto a sua cor, e em todos os graus de civilização, senti, então, pela primeira vez, que estava, de fato, num meio algo desconhecido, ficando verdadeiramente estupefacto, como nunca me havia sucedido, como se eu houvesse sido instantaneamente transportado para um país distante e desconhecido.

Os índios do Amazonas subdividem-se em inúmeras tribos e nações, tendo todas elas línguas e costumes característicos, e muitas delas distintos caracteres físicos.

Todos os índios, que se encontram agora no Pará e nas regiões próximas do baixo Amazonas, já se tornaram, há tempos, civilizados; perderam a sua própria língua e falam o português, sendo geralmente conhecidos pelo nome de “tapuias”, que é aplicado a todos os índios, e que parece uma corruptela de “tupis”, nome esse dado aos nativos dos distritos da orla marítima, nas primeiras fases do povoamento do país.

Esses índios são baixos, robustos e bem-feitos de corpo.

Aprendem prontamente, e bem, vários ofícios, sendo, em geral, pacíficos, inofensivos e de bom natural.

Constituem, na sua maioria, as tripulações das canoas que fazem comércio com o Pará.

Um dos seus principais característicos é a sua pequena estatura, que se observa mais do que em qualquer outras tribos que cheguei a conhecer.

Antes de prosseguir, mencionarei os principais característicos dos índios do Amazonas, dos quais várias outras tribos se diferenciam apenas ligeiramente.

Eles têm a pele parda ou cor de cobre, de vários matizes, por vezes muito perto da suave cor do cedro de Honduras; cabelos lisos e pretos, como azeviche, muito espessos e nunca anelados; olhos pretos, e muito pouca ou nenhuma barba.

Com relação às suas feições, é impossível dar quaisquer característicos gerais.

Em alguns, o rosto é amplo e um tanto achatado, porém nunca lhes vi uma obliquidade fora do comum nos olhos, nem tampouco ossos salientes na face.

Em muitos deles, de ambos os sexos, existe a mais perfeita regularidade de feições, e inúmeros há que somente pela cor diferem de um bem parecido europeu.

Os seus tipos são geralmente soberbos e eu nunca tive tanto prazer em contemplar tão lindos exemplares de estatuária, como são os destas vivas ilustrações de beleza da espécie humana.

O desenvolvimento de seu tórax é tal, que acredito nunca tenha existido entre os mais bem conformados europeus, pondo à mostra uma esplêndida série de ondulações convexas, sem uma cavidade sequer em qualquer parte do corpo.

Nas margens dos rios Guamá, Capim e Acará, pouco acima do Pará, existem algumas tribos, nativas dali, mas a respeito das quais pouco posso dizer.

Nos territórios do alto Tocantins e do alto Araguaia, há numerosas tribos de índios bem conformados, alguns dos quais tive ocasião de observar no Pará, onde eles aportam, em canoas procedentes daquelas regiões.

Muitos têm as orelhas extraordinariamente alongadas e caídas sobre os ombros, isso provavelmente por motivo de pesos suspensos nos lóbulos.

No rio Xingu, há muitas tribos nativas, algumas das quais foram visitadas pelo príncipe Adalberto.

No rio seguinte, o Tapajós, habitam os *mundurucus*, que se espalham sobre boa extensão do interior, nos territórios dos rios Madeira e Purus; formam numerosas tribos, e muitas delas estão civilizadas.

Os *muras*,¹⁷⁴ outra das tribos mais populosas, já estão em parte civilizados, nas proximidades das barras dos rios Madeira e Negro; mas, no interior e no alto Purus, muitos ainda conservam a sua primitiva ferocidade e o seu estado selvagem.

Ao longo das margens dos principais rios do Amazonas, Solimões, Madeira e rio Negro, habitam índios de várias raças, em estado semicivilizado, os quais já perderam muito dos seus costumes e idiomas primitivos.

Os traços destas particularidades, contudo, ainda podem ser encontrados nas pinturas de vasos manufaturados em Breves, nas bonitas cuias de Monte-Alegre, nas cabaças de Ega, sempre pintados com motivos geométricos.

Começando perto de Santarém e estendendo-se entre todos os índios semicivilizados do Amazonas, do rio Negro e de outros rios, a língua geral, ou língua geralmente falada pelos índios, é empregada, e, perto das vilas e cidades mais povoadas, é usada indiscriminadamente com a língua portuguesa.

Mais para diante, é a única língua conhecida; e, mais para o interior, é falada em comum com a língua nativa de cada tribo a que os seus habitantes pertencem.

Assim, no baixo Amazonas, todos os índios sabem falar tanto o português, como a língua geral.

No Solimões e no rio Negro, a língua geral é a única ali falada.

No interior, nos lagos e nos tributários do Solimões, as línguas *mura* e *juri* são de uso comum com a língua geral, como meio de comunicação com os negociantes.

Perto das cabeceiras do rio Negro, na Venezuela, as línguas *baré* e *baniva* são as usadas entre os índios.

174 No original, *maras*; mas deve ser erro tipográfico.

A língua geral é o tupi, uma língua indígena, já encontrada no país pelos jesuítas, e por estes modificada e adaptada para uso entre todas as tribos abrangidas pelas suas missões. Ela agora espalha-se por todo o interior do Brasil, estendendo-se mesmo para o Peru e a Venezuela, como também para a Bolívia e o Paraguai, e serve como meio de comunicação entre brasileiros e índios.

É uma língua simples e eufônica, que muitas vezes é a preferida pelos europeus, que a aprendem facilmente e dela fazem uso.

Conheci um francês, que esteve vinte anos no Solimões e que só conversava com sua esposa e seus filhos na língua geral, e sabia falar com maior facilidade esta última do que mesmo o francês ou o português.

Vi, por vezes, filhos de negociantes portugueses, os quais eram incapazes de falar qualquer outra língua.

Agora, prosseguirei na enumeração de várias tribos, que se conservam ainda em toda a sua integridade nativa entre as florestas intrincadas, e não pisadas pelos civilizados, do Purus, Branco, Japurá, Uaupés e Içana, e perto das cabeceiras do rio Negro.

Como estou mais familiarizado com os índios do rio Uaupés, farei um relato de tudo que sei a respeito deles, indicando também as particularidades em que as outras nações diferem deles.

As tribos que habitam o Uaupés, tão longe quanto os negociantes têm podido alcançar, e das quais obtive algumas informações, são as seguintes:

NO RIO PRINCIPAL:

- 1) *Queianás*, em São-Joaquim;
- 2) *Tarianas*, nas proximidades de São-Jerônimo;
- 3) *Ananás*, abaixo de Jaurité;
- 4) *Cobéus*, perto da cachoeira de Caruru;
- 5) *Piraiuru* (“bocas-de-peixe”);
- 6) *Puçás* (“redes”);
- 7) *Carapanás* (um mosquito), cachoeira de Jurupari;
- 8) *Tapiras* (“antas”);

- 9) *Uaracus* (um peixe), acima de Juquira-Paraná;
- 10) *Coídias*;
- 11) *Tocandiras* (umas formigas);
- 12) *Jacamis* (os pássaros “cavadeiras”)
- 13) *Miritis* (palmeiras Mauritia), Bacate-Paraná;
- 14) *Omáuas*.

NO RIO TIGUIÉ:

- 15) *Macunás*;
- 16) *Taiaçus* (“porcos-do-mato”);
- 17) *Tijucós* (“barros”).;

NO JAPU-PARANÁ:

- 18) *Arapaços* (“pica-paus”).

NO RIO APAPORIS:

- 19) *Tucanos*;
- 20) *Uacarás* (“garças”);
- 21) *Pirás* (“peixes”);
- 22) *Deçanas*.

NO RIO QUIRIRI:

- 23) *Ipecas* (“patos”);
- 24) *Gis* (“machados”);
- 25) *Cauas* (“vespas”).

NO RIO CODAIARI:

- 26) *Corocorós* (“colhereiros”, uns íbis verdes);
- 27) *Bauúnas*;
- 28) *Tatus*.¹⁷⁵

175 Fizemos algumas retificações nas grafias desses nomes tribais, duas das quais merecem ser explicadas. Uma é *tocandira*, escrita *tucunaera* pelo autor; como se trata de uma formiga notável pela sua aplicação a certo costume dos índios, remetemos o leitor ao que diz Stradelli, ob. cit., págs. 678/679. A outra, grafada pelo autor *coúa*, é *cáua*, como também se pode ver em Stradelli, pág. 405.

NO CANICI-PARANÁ:

29) *Tanimbuca* (“cinzas”).¹⁷⁶

NO JUQUIRA-PARANÁ:

30) *Mucuras* (“gambás”).

Quase todas essas tribos têm algumas particularidades de linguagem ou de costumes, todas se submetem ao nome geral de “uaupés” e distinguem-se, como um só grupo, dos habitantes de outros rios.

Daí o ser chamada aquela caudal de “rio dos Uaupés”, bem que o seu nome próprio seja Uacaiairi, e é sempre assim denominado pelos índios.

Os *uaupés* são um tanto altos, 5 pés e 9 a 10 polegadas, não sendo uma altura incomum, e são muito fortes e bem conformados.

Seu cabelo é preto como azeviche, liso, e somente se torna grisalho na extrema velhice.

Os homens não cortam o cabelo; deixam-no pender na frente em longa trança, prendendo-a em roda com cordas ou deixando-a cair no meio do dorso, muitas vezes até às coxas.

A cabeleira das mulheres cai-lhes solta sobre as espáduas e é cortada com um moderado comprimento.

Os homens têm muito pouca barba, e mesmo esta pouca eles arrancam, puxando os fios.

Homens e mulheres, todos arrancam também as sobrancelhas e pêlos dos sovacos e das partes genitais.

A cor da pele é de um vivo vermelho-pardo, uniforme e luzente.

São povos que se dedicam à agricultura, tendo residências fixas, e cultivam vários produtos da lavoura, tais como: mandioca (*Jatropha manihot*), cana-de-açúcar (*saccharum officinarum*), batata-doce (*Convolvulus batatas*), cará, inhame (*Dioscorea speciosa*), palmeira *pupunha* (*Gulielma speciosa*), cocura (um fruto como uva), abacaxis (*Ananassa sativa*), milho (*Zea mays*), urucu

176 O autor escreve *tenimbuca*, mas o correto é *tanimbuca* ou *tanimuca*, como se pôde ver em Stradelli, ob. cit., pág. 140

ou arnoto (*Bixa Orellana*), bananas (*Musa speciosa*), abios (*Lucuma caimito*), cajueiro (*Anacardium occidentale*), ingás (*Inga speciosa*), pimenta (*capsicum speciosum*), tabaco (*Nicotiana rabacum*) e plantas para tintas e cordoalhas.

Todos, mesmo nos mais remotos distritos, já usam machados e facas de ferro, embora os machados de pedra, que primitivamente usavam, possam ainda ser encontrados entre eles.

Os homens abatem as árvores e arbustos da floresta, os quais, após ficarem alguns meses para secar, são, em seguida, queimados; aí é que fazem o mandiocal, serviço realizado pelas mulheres, as quais plantam conjuntamente pequenas torneiras de cana, batata-doce e várias frutas.

As mulheres também arrancam a mandioca e dela preparam o pão (bolo), que é o seu principal alimento. As raízes são trazidas da roça para casa, em grandes cestos, chamados *aturás*, feitos de cipó e somente fabricados por estas tribos.

As raízes da mandioca, em seguida, são lavadas e descascadas, sendo esta última operação feita com os dentes, depois do que são raladas, em grandes raladores de madeira, de cerca de três pés de comprimento e um de largura, meio côncavos e cobertos com toda a sua superfície por aguçados pedaços de quartzo, que são inseridos em diagonal, num padrão regular.

Estes ralos são artigo de comércio em todo o alto Amazonas, pois são mais baratos do que os de cobre, usados em outras partes do Brasil.

A polpa é colocada a escorrer em uma grande peneira, feita da casca de uma planta aquática.

Depois, é posta dentro de um comprido cilindro elástico, feito da casca externa de uma trepadeira (palmeira), uma espécie de *Desmoncus*.

Enche-se este cilindro com a sua polpa, meio seca, sendo ele em seguida dependurado em uma trave, entre dois postes, e é estirado por intermédio de uma alavanca, colocada na extremidade mais afastada, na qual a mulher se assenta, fazendo pressão para baixo, e assim se espreme o resto do líquido.

Estes cilindros, chamados “tipitis”, constituem também um considerável comércio, e os portugueses e brasileiros, aliás, ainda não introduziram um substituto qualquer para essa rude prensa indígena.

A polpa transforma-se em massa compacta, seca, que se quebra, separando-se em seguida os pedaços duros e as suas fibras.

Torra-se depois em grandes fornos chatos, que têm de 4 a 6 pés de diâmetro, sendo a sua borda inclinada, e de 6 pés de altura.

Tais fornos são feitos de argila misturada com as cinzas da casca de uma árvore chamada “caripé”, e são suportados por paredes de barro, de cerca de 2 pés de altura, tendo uma larga abertura, em um dos lados, pela qual se faz o fogo com achas de lenha.

Os bolos de mandioca ou *beijus*, assim preparados, são doces e agradáveis ao paladar.

Geralmente, as índias deixam as raízes ficar de molho na água, durante alguns dias, e assim estas amolecem e fermentam, ficando com um gosto azedo, muito apreciado pelos nativos, porém que os europeus, entretanto, não acham lá tão agradável.

Estes bolos comem-se diariamente, enquanto frescos, pois, quando a sua massa esfria, tornam-se duros e muito menos agradáveis ao paladar.

As mulheres têm sempre muitos encargos de que dar conta, porquanto, de 2 em 2 dias pelo menos, elas têm de ir à roça, situada algumas vezes dali a uma ou duas milhas, para arrancar as raízes.

Diariamente, todavia, ralam-nas, preparando a massa e cozendo o pão.

Este constitui a parte principal da sua alimentação e muitas vezes passam dias seguidos sem comer qualquer outra coisa, especialmente quando os homens estão ocupados nos serviços de derrubada de mato, nas florestas.

Na maior parte do ano, contudo, os homens vão diariamente pescar.

Em tais ocasiões, levam sempre uma boa provisão de seu alimento favorito.

As carnes de caça, geralmente, só se comem de quando em quando.

Dão preferência à do jabuti ou tartaruga terrestre, à dos macacos, inhambus (*Tynamus*), tucanos e as dos animais das espécies menores do “porco-do-mato” (*Dicotyles torquatus*).

Não comem o grande “porco-do-mato” (*Dicotyles lobiatatus*), nem a anta (*Tapirus americanus*), nem o mutum de rabo branco (*Crax globicera*).

Comem grande quantidade de pimenta, de preferência umas pequenas, que são de um ardor excessivo.

Quando não há peixe, costumam ferventar várias libras dessas pimentas, em um pouco de água, e no ardente molho, assim preparado, molham então o pão.

Do sumo venenoso, que sai da raiz da mandioca, quando fermentado e fervido, preparam-se vários molhos e bebidas, de bom gosto e de peculiar sabor, que eles muito apreciam.

Quando fabricam o pão, usam ainda outro processo, que não se nota nas tribos vizinhas.

É o de extrair a pura tapioca da mandioca, que misturam com a polpa ordinária, formando assim um bolo muito bom.

Apreciam muito as bananas, comendo-as como fruto ou fazendo delas um mingau, sendo para isso as frutas cozidas ou assadas, batendo-se em seguida a sua polpa, até que esta fique bem mole.

Torna-se a banana, desse modo, um alimento muito apreciado.

Dos frutos das palmeiras *bacaba*, *pataná* e *açaí* (*Enocarpus bacaba*, *Enocarpus pataná*, *Euterpe oleracea*) e outras espécies suas aliadas, fabricam várias bebidas, muito nutritivas e muito saudáveis.

Além destes, comem ainda e muito apreciam as batatas-doces, inhames, milho cozido e muitos frutos da floresta, dos quais e da raiz da mandioca fazem bebidas fermentadas, que têm o nome geral de *caxiri*.

O que se faz da raiz da mandioca é o mais agradável e tem um gosto muito parecido com o da boa cerveja de mesa.

Em suas danças e festas, consome-se imensa quantidade de *caxiri* e, ao que parece, esta bebida não lhes faz mal algum.

Nessas ocasiões, usam também uma preparação muitíssimo excitante, que se faz da raiz de uma planta trepadeira, chamada *capi*, e cuja maneira de usar descrevi em meu diário,¹⁷⁷ fl. 187.

177 O autor manda ver a pág. 205 do original (2ª edição), a qual corresponde à pág. 381 desta tradução.

As principais armas para a guerra e para a caça, usadas por estes índios, são os arcos e flechas, zarabatanas, lanças, clavas, e também pequenas redes de mão, varas e linhas para pegar peixes.

Os arcos são de madeiras de diferentes espécies, muito duras e muito flexíveis, sendo muito bem-feitos e tendo de 5 a 6 pés de comprimento.

O cordão do arco faz-se quer da fibra da folha da palmeira tucum (*Astrocaryum vulgare*), quer da casca interna da árvore chamada *tururi*.

As flechas são de várias espécies, tendo de 5 a 7 pés de comprimento.

A vareta é feita da haste da flor da cana-flecha (*Gynerium sacccharinus*).

As setas de guerra ou *curubis*, feitas de madeira duríssima, são cuidadosamente apontadas, e algumas tribos colocam o ferrão da arraia, o qual untam de veneno, tendo ainda dois ou três entalhes, para o propósito de fazer uma grande cicatriz.

As flechas para matar peixes já são providas, quase sempre, de pontas de ferro, que são vendidas pelos negociantes; mas muitas tribos ainda usam pontas feita de ossos de macaco, com uma farpa para fisgar o peixe.

As pontas de ferro abrem-se para os lados, tendo as extremidades recurvadas e formando uma fisga.

Essas pontas são firmemente presas à vareta por cordéis, sendo estes untados de piche.

As setas leves destinam-se a matar pássaros e outras pequenas caças e somente essas flechas é que são providas de penas na base.

As penas, geralmente empregadas nessas setas, são as das asas de araras.

Pelo modo de colocá-las nas varetas, o índico mostra o seu conhecimento do princípio que se aplica aos canos de rifles, que são fendidos internamente, em espiral.

Colocam-se três penas na base da flecha, em espiral, de modo a formar como que um pequeno parafuso.

Isto tem como principal efeito fazer a flecha revolver-se no seu curso para a frente e, nesse movimento, sem dúvida a tendência é fazê-la conservar uma trajetória retilínea.

A maneira pela qual as zarabatanas e pequenas setas são feitas, bem como os seus empregos, já o descrevi em meu diário.¹⁷⁸

As pequenas redes de mão, para pegar peixes, são de duas espécies: uma pequena rede circular, anelada, como uma rede de bordo; e outra mais larga, que se desdobra entre duas varas, tal qual a rede usada pelos entomologistas.

Estas redes são muito empregadas nos rápidos, entre os rochedos, e nos redemoinhos, e com elas se apanham muitos peixes.

Os índios costumam pescar também com varas e linhas providas de anzóis, consumindo-se grandes quantidades destes últimos.

Provavelmente, nunca menos de 100.000 anzóis são vendidos anualmente no rio Uaupés.

Ali, todavia ainda se encontram muitos anzóis feitos pelos próprios índios, engenhosamente, de espinhos de palmeira.

Por muitas outras maneiras, ainda conseguem pegar peixes.

Uma delas é por meio de um pequeno cone, feito de taquara ou de vime, chamado *matapi*, que se coloca na entrada de um córrego, nos igapós.

A extremidade mais larga é inteiramente aberta, e, assim, à primeira vista, parece impossível que possa apanhar-se peixe com um tal dispositivo.

Todavia, apanham-se com ele grandes quantidades.

Os peixes nele penetram, e, não encontrando espaço suficiente para fazer a volta e não podendo nadar para trás ficam retidos ali.

Por vezes, encontram-se nesses *matapis* três ou quatro peixes que ficam espremidos, apertados como cunhas, nas extremidades destas pequenas armadilhas, e com as escamas e peles da cabeça dilaceradas, em conseqüência de suas vãs tentativas para passar para adiante.

178 O autor manda ver a pág. 147 do original (2ª edição), a qual corresponde às págs. 270-271 desta tradução.

Há ainda alguns outros *matapis*, que são maiores, porém cilíndricos, com uma entrada cônica reversa (como as nossas ratoeiras de arame), a qual impede a volta do peixe.

Estes fazem-se de tamanhos relativamente muito grandes, e colocam-se nos córregos da floresta e de canais estreitos, entre os rochedos, onde o peixe, ao tentar passar para cima, neles penetram e ficam retidos.

A melhor maneira, entretanto, de pegar peixes, é a que tem sido geralmente adotada pelos próprios europeus, na região, e que é a dos *cacuris*¹⁷⁹ ou tapumes para apanhar peixes.

São de preferência empregados na época das cheias, na ocasião justamente em que o peixe escasseia.

São construídos nas margens dos rios, por meio de fortes esteios de madeira, que são firmemente fincados, por ocasião da baixa máxima das águas, quando o local está completamente em seco.

Nesses postes prende-se, ao alto, uma guarda feita de achas de caules, fechadas de palmeiras, formando um ângulo de entrada, tendo no seu vértice uma estreita passagem.

O peixe quase sempre viaja contra a correnteza, mas procura, de preferência, os lugares onde esta é mais fraca.

Os peixes encaminham-se por entre as duas alas laterais, em direção ao dique, passando pela estreita abertura, no qual então ficam retidos, não encontrando mais caminho por onde possam sair.

Dali são tirados por diversos modos, quer mergulhando-se no dique para pegá-los à mão, quer pescando-os com uma *piçá* (pequena rede), quer fisingando-os com uma faca ou canivete.

Nesses *cacuris*, apanham-se todas as espécies de peixes, grandes ou pequenos, bem como as grandes e pequenas tartarugas de rios.

O índio, antes de entrar em um *cacuri*, geralmente o examina bem primeiro, com uma vara, para verificar se ali não se encontra algum peixe elétrico.

Nesse caso, este é o primeiro a tirar-se, o que se faz com uma rede.

179 *Cacuri* é o verdadeiro nome vulgar, como já vimos; mas o autor escreve *cacoarie*.

As piranhas, que são uma das espécies de *Serrasalmo*, são também algo um tanto perigosas.

Vi certa ocasião um indiozinho voltar de um *cacuri* com um dos dedos decepado por um desses peixes.

O *jirau*,¹⁸⁰ todavia, é empregado em maior escala do que o *cacuri*.

Este outro processo de pegar peixes é usado, de preferência, nos locais encachoeirados, e muito se parece com as armadilhas de pegar enguias, que se colocam nos moinhos e açudes da Inglaterra.

O *jirau* não é mais do que uma peneira de madeira, do feitio de uma grade, que se coloca no meio de uma cachoeira, de modo a receber toda a água que dela cai, nela batendo com muita força e passando através dela.

Todos os peixes que são trazidos pela forte correnteza ficam retidos nessa grade, onde são apanhados em seguida.

Às vezes, são apanhados em tão grande número, que servem de alimento para uma aldeia inteira.

Em muitas quedas do Uaupés, constroem-se esses *jiraus*, e, para esse fim, os habitantes reúnem-se num esforço mútuo para construí-los.

Enormes vigas, então, têm de ser cravadas em todas as fendas dos rochedos, firmemente, para poderem resistir à forte correnteza das águas, que se despenham com grande força da montante da queda.

Os peixes, que não são comidos na ocasião, colocam-se em uma pequena plataforma,¹⁸¹ feita de varas, sobre o fogo, e ali ficam até se tornarem completamente secos e enegrecidos pela fumaça.

Por essa maneira podem eles conservar-se em perfeitas condições, durante muito tempo, e são, por isso mesmo, aproveitados para viagens.

Os viajantes sempre os compram, embora seja um alimento muito insosso, devido à falta do sal.

180 O autor grafa *geraú*. O *jirau* é o mesmo que *pari*.

181 *Moquém*, que Teodoro Sampaio (ob. cit., pág. 249) descreve como “gradeado de madeira, sobre brasas, para assar a carne”.

Estes índios dão pouca estima ao sal, o que não sucede com os de várias outras tribos.

De preferência, aceitam anzóis e colares, em pagamento de quaisquer artigos, que vós deles comprardes.

As pimentas, mais do que o sal propriamente, agradam-lhes muito mais.

Dos frutos das palmeiras *inajá* (*Maximiliana regia*) e *jará* (*Leopoldina major*) e também do *caruru* (uma espécie de *Lacis*, comumente encontrada nos rochedos das cachoeiras), fazem uma qualidade de farinha, que tem sabor salino, e com a qual preparam os alimentos.

Todas as tribos do Uaupés constroem as moradas obedecendo a um determinado plano, que é deles o característico.

As suas casas são o domicílio comum de numerosas famílias, algumas vezes de toda uma tribo.

Em plano, a casa é um paralelogramo, com um semicírculo em uma das extremidades.

As dimensões de uma, que vi em Juarité, eram de 150 pés de comprimento por 75 de largura e cerca de 3 de altura.

Esta casa comportava cerca de doze famílias, aproximadamente uns cem indivíduos.

Nos tempos de festas e de danças, pode ela abrigar de 300 a 400 pessoas.

O telhado ou cobertura é suportado por bonitas e esbeltas colunas cilíndricas, de troncos de árvores muito lisos e muitos retos.

No meio da casa, no sentido longitudinal, há um espaço livre, de cerca de 20 pés de largura.

Aos lados, estão os pequenos cômodos ou repartições colmados com folhas de palmeira, dividindo-se em quartos, para separar as diversas famílias.

No corredor central, vêem-se, de cada lado, os grandes fornos de fazer farinha e as gigantescas panelas para o preparo do *caxiri*.

Na parte do centro fica um espaço livre onde as crianças brincam e onde também se realizam as danças.

Nos quartos das moradas particulares, guardam-se os utensílios domésticos, armas e ornatos de penas, pertencentes aos que os habitam.

Na construção destas casas, os índios demonstram o seu capricho e a sua habilidade, o que lhes dá grande trabalho.

As vigas principais, bem como as traves, caibros e mais outras peças de madeira, são muito retilíneas e com dimensões proporcionais aos esforços que cada um tem de suportar.

E todo este arcabouço é amarrado com tiras de cipós.

Tudo, porém, fica tão bem amarrado e de um modo tão engenhoso, que causa admiração a um marinheiro.

A cobertura da casa faz-se com folhas de numerosas espécies de palmeiras, muito bem adaptadas para esse propósito, ficando dispostas firmemente e com muita regularidade.

As paredes laterais da casa são muito baixas e feitas também de folhas de palmeiras, mas são tão espessas e com as folhas tão bem unidas umas às outras, que nem flecha nem bala nelas podem penetrar.

Na parte central da casa, na aba do telhado, vê-se uma grande abertura, à maneira de uma porta, de cerca de 6 pés de largura e de 8 a 10 pés de altura.

A porta é uma esteira de suficiente largura, que fica presa somente no topo.

Durante o dia, é suportada por uma vara, deixando assim a entrada livre.

À noite, tira-se a vara, e ela então se abaixa, fechando a entrada.

Na extremidade semicircular, existe uma porta menor, cuja entrada é privativa do *tuxana* ou chefe, a quem esta parte da habitação pertence exclusivamente.

A parte mais baixa da aba da cobertura, de cada lado da entrada, cobre-se com grossas cascas de árvores, que ficam colocadas verticalmente ali.

Acima delas, vêm-se, pendidas e flutuando, folhas de palmeiras, que são colocadas soltas, e por entre as quais circula a fumaça, que se desprende de todos os fogões da habitação.

Em algumas casas, as abas da cobertura são adornadas de curiosos desenhos feitos de várias cores, com motivos simétricos, como as que se observam na cachoeira de *Caruru*.

O seu mobiliário consiste principalmente em maqueiras ou redes, que são trançadas de cordões, feitos das fibras das folhas da *Mauritia flexuosa*.

São redes abertas, de cordões, que se trançam, cruzando-se uns com os outros, em intervalos de um pé.

Os punhos, em cada extremidade, têm uma corda, que aperta esses cordões e passa em torno deles, sendo por intermédio deles que as redes podem ser estendidas e ficar suspensas.

Os índios *naupés* fazem grandes quantidades de cordões e de cordas, não só dessas fibras, mas também de muitas outras mais.

Eles enrolam os cordões e cordas com grande rapidez, passando-os em torno do peito ou das coxas.

Em suas casas, encontra-se sempre um grande sortimento de potes, bilhas, panelas e outros utensílios domésticos, feitos de barro.

Esses utensílios são de tamanhos variados.

São fabricados de argila, tirada dos leitos dos rios ou dos córregos.

Fazem ainda grandes quantidades de pequenos cestos, chamados *balaios*, que são muito estimados e procurados pelos habitantes mais de baixo do rio, constituindo um comércio considerável.

Os *tarianas* e *tucanos*, duas tribos que habitam o curso inferior do rio, fazem uns pequenos bancos, de uma peça inteiriça de madeira.

Esses assentos são envernizados e ornados de bonitos desenhos, feitos com o maior capricho.

Gastam-se muitos dias no fabrico de tais escabelos, que são em seguida trocados por uns poucos de anzóis.

Fazem as suas canoas de troncos inteiriços de árvores, os quais são cavados, deixando-se transversalmente os assentos, que são entalhados e servem para travar a canoa.

Na parte do fundo, essas canoas são muito grossas, a fim de resistirem ao uso e estragos, a que estão sujeitas, na sua passagem e arastação sobre os rápidos e rochedos.

Os remos são de cerca de três pés de comprimento, tendo a respectiva pá um formato oval.

São feitos de uma só peça de madeira.

Estes índios libertam-se dos estorvos de vestuário, tanto quanto é possível conhecer-se.

Os homens usam somente uma pequena peça de *tururi*, que lhes passa por entre as pernas, e prende-se a uma corda, que lhes cinge a cintura.

Mesmo esse costume, as mulheres o dispensam totalmente, não se cobrindo com qualquer coisa que exista.

Vivem em nudez completa, e isso é generalizadíssimo. Entre os índios uaupés não se abandonam tais costumes.

Parece que entre eles a pintura é considerada como um suficiente vestuário; e, por isso, nunca estão sem ela, em parte alguma do corpo.

Nos seus festivais, principalmente, é que elas então exibem a sua verdadeira arte, ornando o corpo com desenhos variados.

As cores vermelha, amarela e preta são as preferidas e geralmente as mais usadas por elas.

Fazem tais pintura em padrões regulares, muito parecidos com os dos desenhos com que ornamentam os seus bancos, canoas e outras peças de mobiliário.

Esparzem na cabeça o sumo de uma árvore, de cor azul, muito viva e muito forte, deixando-o escorrer em filetes pelas costas.

Na face e na fronte, fazem, com tinta vermelha, umas manchas redondas.

O uso dos ornatos e outras ninharias mais, é quase que exclusivamente dos homens.

As mulheres têm apenas uma pulseira, não usando colares no pescoço, nem pentes no cabelo.

Além do bracelete, usam apenas uma liga, abaixo dos joelhos, que conservam sempre bem justa, bem apertada, isso desde a infância, para o propósito de entumecer a barriga das pernas, o que consideram uma grande beleza.

Em seus festivais, quando dançam, as mulheres põem então uma pequena “tanga”, ou avental, feito de contas, dispostas em padrões regulares, com muito gosto e muito capricho.

Essa tanga tem cerca de seis polegadas quadradas; em outras ocasiões, nunca é usada, tanto que, acabada a festa, as mulheres logo a tiram.

Os homens, entretanto, conservam o cabelo cuidadosamente penteado, repartindo-o para os lados, e atam-no à frente, numa trança.

Nos rapazes, o cabelo é conservado comprido fazendo-se-lhes longas tranças, que lhes caem sobre as costas.

No alto da cabeça, invariavelmente, prega-se-lhes um pente, o que lhes dá um aspecto muito efeminado.

Com os seus enormes colares e braceletes de contas e a cuidadosa extirpação das barbas, ainda mais se acentuam esta aparência.

Tomando em consideração tal circunstância, sou decididamente de opinião que a lenda das *amazonas* foi criada, assim, pelos primeiros viajantes que os viram, e pelo aspecto efeminado desses guerreiros.

Sou levado a ter essa opinião pelas primeiras impressões que eu mesmo recebi, pois foi somente depois de um exame mais detido que reconheci serem homens.

Com as partes dianteiras do corpo, especialmente o peito, cobertas pelos escudos – pois é assim que eles sempre os usam –, estou convencido de que qualquer pessoa, que desse modo os vir pela primeira vez, acreditará que são mulheres.

Resta-nos, por isso mesmo, supor simplesmente que índios, possuindo costumes semelhantes aos desses que agora vivem no rio

Uaupés, habitavam as regiões onde dizem que as amazonas foram vistas pela primeira vez.

E temos assim uma explicação muito racional daquilo que tanto tem confundido os geógrafos.

A única objeção a esta explicação é que dizem existir entre os aborígenes essa tradição, a propósito de uma nação de “mulheres sem marido”.

Dessa tradição, contudo, não consegui obter qualquer vestígio, e, assim, posso imaginar facilmente que isso se criou simplesmente pelas sugestões e perguntas dos próprios europeus.

Quando a lenda das amazonas primitivamente se espalhou, tornou-se de resto objeto de indagação de outros viajantes, não só para verificá-la, como possivelmente para obter esclarecimentos sobre a existência de tais mulheres guerreiras.

Ora, os índios, por isso mesmo, devem ter sido esmagados com perguntas e sugestões nesse sentido, e, pensando que os homens brancos deveriam saber melhor do que eles próprios, transmitiram a seus descendentes e a suas famílias idéia da existência de uma tal nação, em alguma outra região do país, bem distante dali.

Outros viajantes, que vieram posteriormente, encontraram então os traços dessa idéia entre os índios e tomaram isso como prova da existência das amazonas.

Assim, em vez de ser, na verdade, o efeito, a princípio, de um mero equívoco, criou-se tal lenda, que se espalhou entre eles, não se sabe como, pelos viajantes que os precederam, procurando obter então esclarecimento do assunto.

Em minhas comunicações e perguntas, entre os índios, sobre vários assuntos, sempre tive a maior precaução de evitar que chegassem a conclusões erradas.

Estes índios estão sempre prontos para afirmar que vós podeis acreditar naquilo que eles vêem, e, quando não compreendem as vossas perguntas, sem hesitar respondem:

“Sim”.

Por essa maneira, foi como obtive muitas informações, que eu presumia fossem muito seguras; porém, depois disso, outras pessoas,

que conheciam os índios e eram mais familiarizadas com os fatos relatados, me asseguraram que eram completamente falsas.

Tais observações, todavia, só se aplicam aos índios de tribos quase incivilizadas, e que não compreendem claramente qualquer língua, por intermédio da qual vós podeis comunicar-vos com eles.

Sempre confiei, por isso mesmo, mais nas informações que se podem obter por intermédio dos índios que falam ou entendem bem o português; e acredito que é somente por intermédio destes últimos que se poderão obter muitas e melhores informações, dignas de crédito.

Este não é o caso que se dá com as tribos selvagens, que são absolutamente incapazes de compreender qualquer encadeamento de frases na língua, por intermédio da qual se lhes dirige a palavra.

Acredito, portanto, em vista das razões que expendi, que a história das amazonas não passa de uma lenda, a qual deve ser colocada entre outras tais, como as que dizem respeito aos selvagens “homens-macacos”, aos quais Humboldt faz referência, e cuja tradição também ali encontrei, ao *curupira* ou demônio das florestas, e ao *carbúnculo*, do alto Amazonas e do Peru.

E de todas estas superstições não tivemos até aqui elucidações tão satisfatórias, como presumo a que foi dada a respeito das amazonas guerreiras.

Voltemos, porém, aos índios *uaupés*, para falar algo ainda sobre os seus trajes.

Nas suas vestes costumárias, encontramos ainda alguns outros ornatos, além dos já referidos.

Em roda da cabeça, usam eles uma faixa enfeitada de penas da cauda dos papagaios, e, além disso, usam ainda a pedra cilíndrica, de quartzo, que eu já descrevi em meu diário.¹⁸²

Essa pedra, colocam-na habitualmente ao peito, ficando suspensa de um colar de contas de sementes pretas.

182 O autor manda ver a pág. 191 do seu livro (ed. de 1889), a qual corresponde à pág. 354 desta tradução.

Nas suas danças, ou festivais, ornem-se ainda com um traje complicado, enfeitado de penas na cabeça, na cintura, nos braços e nas pernas,¹⁸³ como eu já referi minuciosamente.¹⁸⁴

Passemos, agora, a descrever algumas particularidades, que se lhes ligam ao nascimento, casamento e morte.

As mulheres, geralmente, dão à luz em casa, embora algumas vezes isso possa suceder também na floresta.

Quando se dá um nascimento, da casa onde o mesmo ocorre retira-se para o terreiro tudo que nela se encontra, mesmo as panelas, potes, arcos, flechas até ao dia seguinte.

A mãe, em seguida, com a criança nos braços, vai para o rio, onde se banha, bem como a criança.

A parturiente, em geral, permanece em repouso na rede, não fazendo durante quatro dias qualquer espécie de trabalho.

A criança, principalmente se for menina, é submetida a um regime especial de alimentação.

Não se lhe permite alimentar-se de carne de caça, nem de peixe, exceto os das espécies menores e que têm muitas espinhas.

Ela é alimentada principalmente com bolos de mandioca e frutas.

As moças, aos primeiros sinais da puberdade, têm que submeter-se a uma prova.

Primeiramente, desde um mês antes da sua realização, ficam separadas, como que reclusas em casa, sendo-lhes permitido alimentar-se somente de pequena quantidade de pão de mandioca e de água.

Vencido esse prazo, reúnem-se ali, num dia designado, os parentes e amigos dos pais, que são para isso convidados, trazendo cada um deles uns pedaços de cipós (uma trepadeira flexível).

A menina é, então, trazida para fora da casa, perfeitamente nua, para o meio do grupo, que se acha no terreiro fronteiro à habitação.

183 Esses interessantíssimos trajes, muito parecidos com uma fantasia carnavalesca, com todos os ornatos descritos por Wallace, encontram-se em nosso Museu Nacional, onde podem ser vistos na seção de Etnografia.

184 O autor manda ver a pág. 202 do seu livro (ed. de 1889), a qual corresponde à pág. 358-359 desta tradução.

Cada um dos presentes, nessa ocasião, é obrigado a dar-lhe, com o cipó, 5 ou 6 fortes chicotadas, no peito e nas costas, de través, até que ela caia prostrada, sem sentidos, acontecendo disso resultar-lhe por vezes a morte; se, entretanto, ela recobra o ânimo, ainda se lhe repete a operação, umas quatro ou cinco vezes, com intervalos de seis horas.

Considera-se uma grande ofensa aos pais, quando as pancadas não são dadas com muita força.

Durante essa prova, preparam-se, em enormes panelas, todas as espécies de carne e de peixe.

A seguir, os presentes molham nelas os cipós, onde são dados, logo após, à menina, para esta os lamber.

Daí por diante, ela poderá comer de tudo que desejar.

E, desde esse momento, é então considerada mulher.

Ela, assim, está apta para o casamento.

Os rapazes, por sua vez, têm também que ser submetidos a uma prova idêntica; esta, porém, não é tão severa. Com semelhante prova, ficam iniciados na virilidade, e desde aí se lhes permite conhecer a música do *jurupari*, de que já fiz uma descrição em meu diário.

Estes índios fazem tatuagens, mas em pequena escala; para isso, praticam, ao longo dos braços, uma fileira de picadas, de formato circular.

Os *tucanos* distinguem-se das demais tribos, por três linhas azuis e verticais, que riscam no lábio superior, em lugar dos bigodes.

Os índios desta tribo furam o lábio inferior, através de cujas cavidades passam os seus pingentes, formados de três fileiras de contas brancas.

Todas as tribos furam as orelhas e passam, através dos buracos, pequenas varas de gramíneas, ornadas de penas.

Só os *cobeús* é que dilatam grandemente essas cavidades, através das quais se pode fazer passar uma rolha de garrafa, do tipo comum; colocam nelas, geralmente um batoque de madeira; nos dias de festa, porém, inserem, em lugar do mesmo, um feixe de pequenas setas.

Os homens, por via de regra, têm apenas uma mulher.

Não há, porém, para isso, um limite especial, pois muitos deles têm duas ou três.

Alguns chefes têm mesmo ainda mais.

Em seus casamentos, não há propriamente nenhuma cerimônia. A única particularidade que há, nesse sentido, é o costume de arrebatarse à força a moça, ou então, fazer-se uma demonstração de que assim se pode fazer, mesmo quando ela e os pais estão de perfeito acordo com o casamento.

Na maioria dos casos, não se casam com parentes ou mesmo com os vizinhos mais próximos, dando preferência aos que moram mais longe, e até aos de outras tribos.

Quando um rapaz deseja obter em casamento a filha de outro índio, seu pai envia a este último um mensageiro, para participar-lhe que ele, em companhia do filho, pretende fazer-lhe uma visita.

O pai da moça então resolve o caso.

Se for de seu agrado, inicia desde logo os preparativos para uma festa, que costuma durar dois e às vezes três dias; aí, então, chega o grupo do noivo e arrebatase a noiva, que é levada para a canoa do esposo.

Se nenhuma tentativa se faz para frustrar-se o plano considera-se a moça, daí por diante, como casada.

Em algumas tribos, como a dos *uacarás*, os moços têm de submeter-se a uma prova, que consiste na demonstração de sua habilidade para atirar de arco e flecha.

Se o rapaz não acertar no alvo, a moça o recusa, pois que ele assim demonstra ser incapaz de atirar em peixes ou de caçar para o sustento da família.

Os seus mortos são quase sempre sepultados nas próprias casas, com braceletes, bolsas de fumo e outras bugigangas mais.

Os enterramentos fazem-se no mesmo dia do falecimento.

Os pais e os parentes do morto ficam em contínuo pranto, lamentando-se sobre o cadáver, desde a hora do desenlace até ao momento do enterro.

Poucos dias depois, prepara-se uma grande quantidade de *caxiri*, e convidam-se, então, todos os parentes e amigos do morto a com-

parecer, para lamentar-lhe o falecimento e clamar pela sua memória, dançando-se e cantando-se nessa ocasião.

Em algumas das maiores casas, há, às vezes, mais de cem sepulturas; e, quando as casas se tornam pequenas e já estão muito cheias, fazem-se, então, as sepulturas fora.

Os *tarianas* e *tucanos*, bem como algumas outras tribos, cerca de um mês após o funeral desenterram o cadáver, que já está em adiantadíssimo estado de decomposição, e põem-no em uma grande panela ou forno, sobre o fogo, até que se lhe extingam as partes moles, o que se faz com o fétido mais horrível, ficando, por fim, apenas os ossos carbonizados, que são imediatamente triturados e reduzidos a pó.

Este pó, em seguida, é colocado em vários cochos¹⁸⁵ (cubas ou tinas, feitas de madeira) enormes, cheios de *caxiri*.

O grupo presente, então, bebe o *caxiri*, até acabar-se a última gota.

Eles crêem, assim procedendo, que as virtudes do morto se transmitem a todos os que ingeriram esta bebida.

No Uaupés, somente os *cobeús* é que são verdadeiramente canibais.

Eles comem os de outras tribos, aos quais matam em batalha.

Para obter carne humana, ainda fresca, fazem mesmo guerra com esse único propósito.

Quando a carne ultrapassa o que podem comer de uma vez, secam-na e enfumaçam-na ao fogo, e assim pode ela ficar guardada por muito tempo.

Eles queimam as cabeças dos mortos e bebem-lhes as cinzas, com *caxiri*, da mesma maneira que já foi descrita acima.

Cada tribo e cada “maloca” (como são chamadas as suas casas), têm o seu chefe, ou “tuxaua”, o qual dispõe de autoridade limitada, que se resume em fazer a guerra, preparar os festivais, reparar a maloca e conservar a aldeia.

185 No original, “conchés”, mas basta a explicação interparentética, dada pelo próprio autor, para que se veja que se trata de cochos.

É ele também o intermediário entre os negociantes dos rios, aos quais fornece os homens necessários para o prosseguimento de suas viagens.

A sucessão desses chefes é estritamente hereditária, na linha masculina, ou transferida da mulher ao marido, que pode ser um estrangeiro.

O chefe legítimo, hereditário, nunca é substituído, seja embora estúpido, tolo ou covarde, quanto possa ser.

Os *naupés* têm muito poucas leis.

A sua norma principal consiste na mais estrita represália e desagravos, olho por olho, dente por dente.

Um assassinato é punido por idêntica maneira, pela mesma arma e pela mesma forma, com que foi cometido.

Têm eles numerosos *pajés*, uma espécie de sacerdotes, que correspondem aos “homens-dos-remédios” dos selvícolas norte-americanos.

Esses *pajés*, em razão dos seus poderes, são muito respeitados e tidos em alta conta.

Curam todas as doenças, por meio de invocações e de fortes sopros, que aplicam sobre a parte a ser curada, como também por intermédio de algumas resmungações que cantam, fazendo ao mesmo tempo os seus encantamentos.

Aqueles índios acreditam também que os seus *pajés* têm poder para matar os inimigos, fazer ou desfazer as chuvas, destruir cães e caça, fazer os peixes deixar os rios, e afligi-los a eles mesmos, com várias doenças.

São sempre muito consultados e gozam de muito crédito.

Em geral, são bem remunerados pelos seus serviços.

Um índio, quase sempre, dá tudo que tem a um *pajé*, quando vai consultá-lo, na ocasião em que se sente ameaçado de um perigo qualquer, real ou imaginário.

Parece que dificilmente acreditam que a morte seja natural

Imputam-na sempre quer a um envenenamento direto, quer ao sortilégio de algum inimigo.

Neste último caso, procuram vingar-se; e isso, geralmente, é levado a efeito por meio de envenenamentos, para os quais têm diversas preparações de tóxicos os mais mortíferos e mais terríveis, pelos seus efeitos.

Esses venenos são dados em algum festival, numa cuia de *ca-xiri*, que é o melhor modo para derramar-se sempre uma grande dose, sendo assim certo que toda a dose será tomada.

Um dos venenos comumente usados é o de um tóxico, terrível pelos seus efeitos, e que provoca o apodrecimento da língua, da garganta, bem como dos intestinos, que caem aos pedaços

Desta maneira, o envenenado tem de sofrer muito, durante alguns dias, que passa em tremenda agonia.

Em tal caso, este homicídio, de resto, por sua vez será vingado.

E, assim, talvez seja visado, sem razão, outro grupo.

E uma longa sucessão de homicídios poderá então resultar de mera suspeita, sem fundamento, pelo primeiro motivo.

Não posso dar os devidos esclarecimentos sobre se têm eles uma crença qualquer, que possa considerar-se como sendo religião.

Ao que parece, não têm uma idéia bem definida de um deus.

Quando se lhes pergunta sobre quem eles julgam que fez os rios, as florestas e o céu, respondem que não sabem.

Por vezes, replicam que supõem que foi *Tupana*,¹⁸⁶ expressão que parece corresponder ao vocábulo “Deus”, a respeito do qual, porém, nada sabem.

Têm uma idéia melhor definida de um “espírito-mau”, o *jurupari*, ou demônio, a quem receiam e, por isso, procuram os seus *pajés*, para fazer-lhes propiciações.

Quando tropeja, dizem que o *jurupari* está com fome e segundo as suas idéias a respeito de morte natural pensam que o *jurupari* os quer matar.

186 No original, “Tupânau”; mas no tupi amazônico o correto é *Tupana*, como se pode ver em Stradelli, ob. cit., pág. 684.

Quando há eclipse, acreditam que aquele “espírito-mau” está matando a lua, e, então, fazem toda espécie de barulho que podem para afugentá-lo.¹⁸⁷

Uma das suas mais singulares superstições é a que diz respeito aos seus instrumentos de música, os quais usam em seus festivais e denominam de “música do *jurupari*”.

Tais instrumentos consistem em oito (ou às vezes doze) tubos ou trombetas, feitos de bambu ou dos caules ocos de palmeiras, alguns com formato mesmo de trombeta, feitos de casca de árvore e com bocais feitos de argila e de folhas.

Cada par de instrumentos dá uma nota diferente, e, quando tocados conjuntamente, produzem música algum tanto agradável, por vezes parecendo como que um conjunto de clarinetas e de baixos.

Esses instrumentos, contudo, são conservados em tal mistério, que mulher alguma, em tempo algum, pode vê-los, sob pena de morte.

Ficam sempre guardados em um *igarapé*, em local bem seguro, a certa distância da maloca, e de onde são trazidos nas ocasiões apropriadas.

Quando se lhes percebe a aproximação, todas as mulheres retiram-se imediatamente para a floresta ou para alguma choupana vizinha, que eles geralmente já têm, ali perto, para esse propósito, e onde se escondem, até que se acabe a cerimônia.

Depois desta, os instrumentos são de novo levados para o local onde costumam ficar guardados, e as mulheres, então, saem dos seus esconderijos.

187 A propósito de semelhante crendice, eis o que escreveu José Veríssimo, na “Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro” (tomo L, págs. 351-352):

“De envolta com uma inteira carência de conhecimento do sistema solar, eles têm a crença astrológica, aliás partilhada por todos os povos no estado teológico, da influência, poderosa e direta, da lua sobre as coisas terrestres. Durante o eclipse deste astro, em 23 de agosto de 1877, o povo da capital do Pará fez um barulho enorme com latas velhas, foguetes, gritos, bombas, e até tiros de espingarda, *para afugentar ou matar o bicho, que queira comer a lua*, como explicavam semelhante cena.” E em nota: “Em Campinas (São Paulo), deu-se o mesmo fato, segundo li num jornal.”

Basta supor-se que uma mulher os viu, quer acidentalmente, quer intencionalmente, para que inexoravelmente seja punida com a morte, cuja exceção se faz, geralmente, por meio de envenenamento.

E, nesse transe, um pai não hesitará em sacrificar a filha, ou o marido a mulher.

Com relação às mulheres, têm eles ainda muitos outros preconceitos.

Assim, acreditam que, se uma mulher, durante a gravidez, comer carne, outro animal qualquer sofrerá as conseqüências disso: se for animal doméstico, ou ave amansada, morrerá; se for um cão, ficará inutilizado para caçadas.

Acreditam, ainda, que mesmo o homem pode ficar, depois disso, incapaz de matar qualquer espécie de caça.

Certa feita, um índio, que era um dos meus caçadores, apanhou um lindo “galho-da-serra”, ainda vivo, e entregou-o à sua mulher, para que esta tratasse da ave.

A pobre mulher, para isso, foi obrigada a passar a pão de mandioca e a frutas, tendo que abster-se totalmente de todos os alimentos de origem animal, pimenta e sal, os quais, segundo se acredita, são a causa da morte do pássaro.

Não obstante todas essas precauções, o pássaro veio a morrer.

A pobre mulher, contudo, tomou uma formidável tunda do marido, o qual julgou que ela não fora capaz de fazer a necessária abstinência dos alimentos proibidos.

Muitas dessas esquisitas práticas e superstições são conservadas com muita tenacidade, até mesmo pelos índios que se dizem civilizados e cristãos, e muitas delas têm sido adotadas pelos europeus, residentes naquela região.

Há no rio Negro portugueses, que receiam o poder dos *pajés* índios e que piamente acreditam e abraçam todas as superstições indígenas a respeito de mulheres.

O rio Uaupés é o canal por onde as manufaturas européias acham o seu escoadouro para as extensas e desconhecidas regiões entre o rio Guaviare, de um lado, e o Japurá, do outro lado.

Cerca de mil libras de mercadorias entram anualmente no Uaupés, sendo a maior parte dessas manufaturas machados, foices, facas, anzóis, farpas ou pontas de ferro para setas, sal, espelhos, colares e alguns tecidos de algodão.

Os artigos, dados em troca, são: salsaparrilha, resina, farinha, cordas, redes, bancos, cestos, ornatos de penas e outras curiosidades mais, todas indígenas.

De todos esses artigos, o produto mais valioso é a salsaparrilha que é um dos mais exportados.

Grandes quantidades de artigos de fabricação européia são trocadas, pelos próprios índios, com os dois distritos mais remotos, pela salsaparrilha, que depois entregam aos negociantes.

E, por esse meio, inúmeras tribos, entre as quais jamais se perdeu nenhum homem civilizado, são bem supridas de mercadorias de ferro, e assim exportam o produto do seu trabalho para os mercados europeus.

Com o fito de dar uma idéia do estado da indústria e das artes entre aqueles povos, acrescento aqui uma lista dos objetos que colecionei, quando entre eles, para ilustrar as suas maneiras, costumes e graus de civilização, objetos que infortunadamente se perderam todos, na minha viagem de volta para casa.

LISTA DOS ARTIGOS MANUFATURADOS PELOS ÍNDIOS DO RIO UAUPÉS

MÓVEIS E UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS

1) Redes ou maqueiras, de fibras de palmeira, de materiais, cores e texturas diversas.

2) Pequenos assentos de madeira (banco), de vários tamanhos, pintados e envernizados (estampa XV, *d*).

3) Cestos achatados de cascas trançadas em padrões regulares e de várias cores.

4) Cestos mais fundos, chamados “aturás” (estampa XIV, *d*).

5) Cabaças e outras vasilhas, de vários formatos e de vários tamanhos.

6) Bilhas de água ou pote de barro envernizado.

7) Panelas de barro para cozinha.

ARTIGOS USADOS NO PREPARO DO PÃO DE MANDIOCA

8) Raladores de mandioca, feitos de fragmentos de quartzo, embutidos na madeira (estampa XIV, *a*).

9) Tipitis, ou prensas cilíndricas e elásticas, de vime.

10) Peneiras para coar a polpa.

11) Fornos para cozer o pão de mandioca e a farinha (estampa XIV, *b*).

12) Abanos trançados, para avivar o fogo e virar os bolos de farinha.

ARMAS USADAS NA GUERRA, NA PESCA E NA CAÇA

13) Arcos, de várias madeiras e de diferentes tamanhos.

14) Aljavas de curubis ou flechas envenenadas para a guerra.

15) Flechas com farpas de osso de macaco.

16) Flechas com farpas de ferro, para matar peixes.

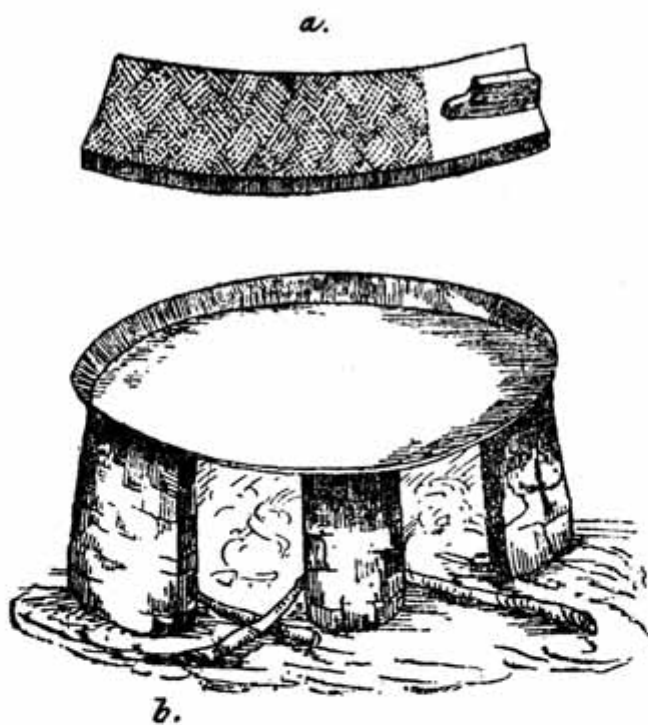
17) Zarabatanas ou tubos de sopro, de 8 a 14 pés de comprimento.

18) Aljavas ou carcazes, de taquara ou de madeira, para guardar flechas envenenadas.

19) Pequenos potes e cabaças para guardar o *curari* ou veneno *ururi*.

20) Grandes clavas, esculpidas, de madeira duríssima.

21) Lanças esculpidas e com ornatos de penas.



Estampa XIV – Objetos e utensílios domésticos, feitos pelos índios:
a) ralador de mandioca; b) forno; c) tacuruba; d) cesta

- 22) Grandes escudos, de formato circular, trabalhados em taquara.
- 23) Grandes escudos, cobertos de couro de anta.
- 24) Redes para a pesca (*puçás*);¹⁸⁸
- 25) Varas e linhas para a pesca.
- 26) Anzóis, feitos de espinhos de palmeira.
- 27) Pequenas armadilhas de taquara, para apanhar peixes (*matapis*).

INSTRUMENTOS MUSICAIS

- 28) Um pequeno tambor.
- 29) Oito grandes trombetas, para a música do *jurupari*.
- 30) Diversos pífanos e flautas de caniço.
- 31) Flautas, feitas de osso de veado.
- 31-a) Assobios feitos de crânios de veado.
- 32) Instrumentos de percussão, feitos de cascos de jabuti e de cágado.

ORNATOS , VESTUÁRIOS E MISCELÂNEA

- 33) Cerca de 20 diferentes peças, que compõem os ornatos de penas para a cabeça.
- 34) Pentas de madeira, feitos do cerne de palmeira, ornados de penas.
- 35) Colares, feitos de sementes diversas e contas.
- 36) Pedras de quartzo, do feitio de cilindros, providos de furos.
- 37) Brincos de cobre e batoques de madeira, para os furos das orelhas.
- 38) Braceletes de penas, de sementes e de contas.
- 39) Cinturões, ornados de dentes de onça.
- 40) Cordões e cordas, feitos da fibra de *caroá*, de mistura com pêlos de macaco e de onça, tornando-os assim moles e flexíveis, e que

188 O autor prefere a grafia *pisás*; mas a rede destinada à pesca, como se pode ver em Stradelli (ob. cit., pág. 623), é *pusá*, ou melhor, puçá.

são usados para prender o cabelo e para vários outros propósitos, em diferentes ornatos.

41) Aventais ou tangas, pintados e trançados com a casca interna de uma árvore.

42) Tangas de contas, para as mulheres.

43) Chocalhos e ornatos de penas, para as pernas.

44) Liga de *caroá*, fortemente trançadas.

45) Cabaças e caixas, esculpidas, com uns pigmentos de cor vermelha, tirada do *carajuru*.

46) Compridas vestes, traçadas de cascas de árvore e devidamente preparadas.

47) Enormes *forquilhas* de madeira, esculpidas para prender cigarros (estampa XV, b).

48) Enormes cigarros, usados especialmente nos festivais.

49) Espatos da palmeira buçu (*Mainicaria saccifera*), usados para guardar ornatos de penas, etc.

50) Esteiras quadradas.

51) Canjirões de barro, pintados, utilizados para a distribuição do *capi*, nos festivais.

52) Pequenos potes, para guardar pimentas secas.

53) Chocalhos (*maracás*), usados nas danças, feitos de cabaças, esculpidas e ornamentadas de penas, tendo no interior pedrinhas (estampa XIV, c).

54) Trajes pintados, feitos de cascas trançadas (*tururi*).

55) Cordões e novelos, feitos de diversas fibras e grossuras diversas.

56) Cestos de formato de garrafas, para guardar os seus petiscos de formiga.

57) Estojos de bambu, esculpidos, para guardar iscas, feitas com os ovos tirados dos ninhos de formigas.

58) Pequenas canoas, feitas de troncos de árvore.

59) Remos usados para o manejo das ditas canoas.

60) Ferramentas ou entalhadeiras triangulares, para a manufatura dos pequenos assentos (bancos).

61) Pilão e a respectiva mão, usados para triturar pimenta e tabaco.

62) Bolsas ou sacos, traçados de cascas ou de cortiça, para guardar sumaúma, paina da *Bombax* e setas de zarabatana.

63) Arcas trançadas de folhas de palmeira, para guardar os ornatos de penas.

64) Machados de pedra, que eram usados antes da introdução dos machados de ferro.

65) Cilindros de argila, para suporte de panelas e outros utensílios de cozinha (estampa XIV, c).¹⁸⁹

Os índios do rio Içana são relativamente pouco numerosos, em comparação com os do rio Uaupés.

Além disso, aquele rio não é tão largo e tão abundante de peixes, como este último.

As tribos do rio Içana têm os nomes seguintes:

Banivas ou *manivas* (“mandiocas”);

Ariquenas;

Cencis (“estrelas”);¹⁹⁰

Quatis (*Nasua coatimundi*);

Juruparis (“demônios”);

Ipecas (“patos”);

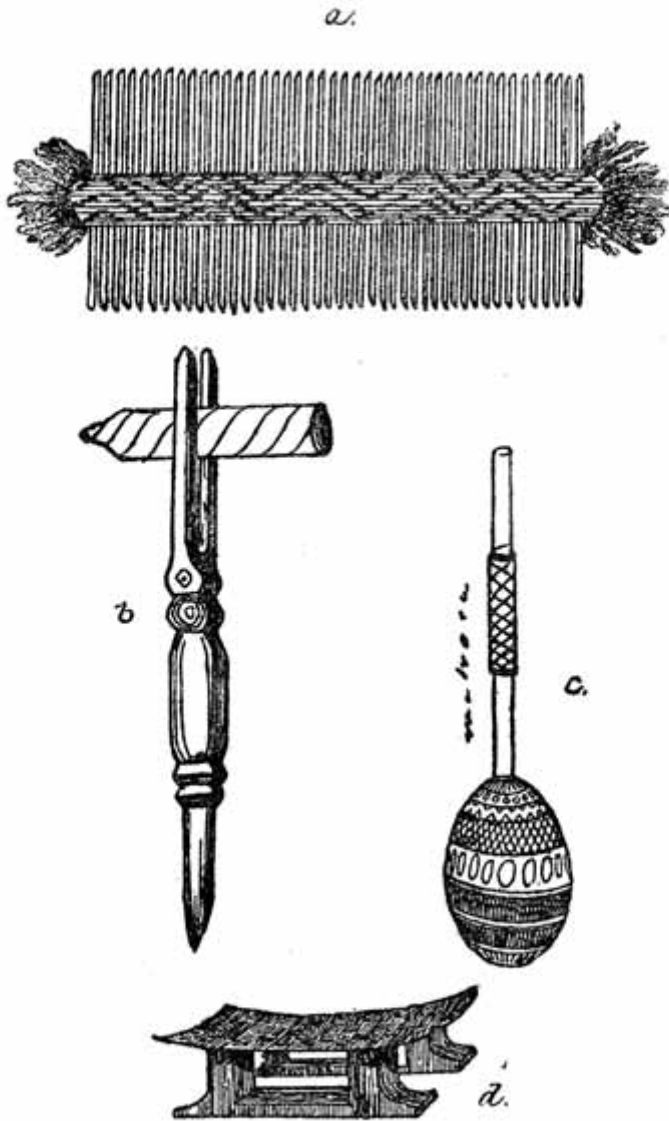
Papunauás (nome de um rio, que é tributário do Guaviare e que tem as suas cabeceiras muito próximas do rio Içana).

Estas tribos muito se assemelham em todos os seus costumes, diferindo das do Uaupés somente pelas línguas que falam.

Todavia, consideradas em seu conjunto, oferecem sensíveis traços que as diferenciam das do rio Uaupés.

189 Os objetos de números 1, 2, 3, 9, 13, 14, 16, 17, 18, 21, 34, 36, 41, 47, 49 e 63, desta lista, foram enviados para casa, por intermédio de seu amigo R. Spruce, Esq., e podem ser vistos no interessantíssimo Museu dos Reais Jardins Botânicos de Kew (*Nota do autor*).

190 No original, *cinçi* (sic). *Cencis*, que é a forma correta (veja-se Stradelli, ob. cit., pág. 415), não quer dizer “estrelas”, e, sim, designa a constelação das Plêiades. *Cenci* é também o nome da mãe do *jurupari*.



Estampa XV – Artefatos e utensílios dos índios:
a) pente; b) cigarreira; c) maracá; d) assento (banco)

Eles muito se parecem, pela sua estatura e pelo seu aspecto; porém não costumam arrancar os pêlos do corpo e das faces; têm mais barba; cortam o cabelo com uma faca, e, em falta desta, com uma graminea muito áspera e muito dura.

Assim sendo, a ausência das tranças constitui um notável característico distintivo, no seu aspecto.

Quanto aos trajes, há também alguma diferença: as mulheres usam sempre uma tanga curta, de *tururi*, em vez de andarem completamente nus, como sucede entre os índios do Uaupés.

Além desse hábito, usam também mais colares e mais braceletes, enquanto os homens se adornam menos e não fazem tanto uso de ornatos de penas e de outras decorações, em seus festivais.

Cada família vive em casa separada, que é pequena, de formato quadrado, tendo, porém, portas e janelas.

As casas ficam grupadas próximas, constituindo o seu conjunto pequenas aldeias, que distam bem umas das outras.

Os índios do Içana fazem pequenos cestos achatados, como os dos Uaupés; porém não fabricam assentos, nem *aturás*, nem usam a pedra branca cilíndrica, que os outros tanto estimam.

Casam com uma, duas, três mulheres, preferindo parentas: casam-se primos com primas, tios com sobrinhas, sobrinhos com tias, de modo que, em uma aldeia, são todos aparentados uns com os outros.

Os homens são mais guerreiros e mais morosos em suas disposições do que os do Uaupés, por quem são muito temidos.

Eles enterram os mortos nas próprias casas; ficam, porém, em prolongadas lamentações, e não fazem festa em ocasiões tais.

Dizem que os índios do Içana não são tão numerosos, nem proliferam tão rapidamente como os do Uaupés.

Isso talvez seja devido aos seus casamentos consangüíneos, ao passo que estes últimos índios preferem estranhos para o matrimônio.

Os *ariquenas* movem guerra às outras tribos, para o propósito de fazer prisioneiros, de que se alimentam, como fazem os *cobeús*.

Em suas superstições e idéias religiosas, muito se parecem com os do Uaupés.

Os *macás* constituem uma das tribos de índios mais inferiores e mais incivilizados do vale do Amazonas.

Habitam as florestas e serras próximas aos rio Marié, Curi-curiari e Urubaxi, e levam uma vida errante, não tendo casas, nem lugares fixos para domicílio.

De resto, não usam sequer vestuários.

Pouco empregam ou quase não têm ferramentas metálicas, utilizando-se das presas do “porco-do-mato” para raspar e fazer os seus arcos e flechas.

Estas são untadas com um veneno terribilíssimo.

Dormem, à noite, sobre um feixe de palhas de palmeira, ou põem por cima umas poucas folhas, para fazer um rancho, se estiver chovendo, ou, algumas vezes, fazem uma rude rede de cipós, de que se utilizam, contudo, somente uma vez.

Alimentam-se da carne de pássaros de todas as espécies, e de toda sorte de frutos silvestres.

Os *macás*, por vezes, atacam as casas dos outros índios situadas em lugares solitários, e trucidam todos os habitantes delas.

Com esse proceder, têm até despovoado aquela região, originando-se daí a mudança de vários aldeamentos.

Todas as outras tribos de índios os capturam e conservam como escravos; e, em muitas aldeias, vêem-se alguns deles nessas condições.

Distinguem-se, desde logo, das tribos que os cercam, por causa do cabelo encrespado e quase anelado, e por serem um tanto magros, descarnados e de membros malconformados.

Estou, contudo, inclinado a pensar que este último caráter é, em parte, devido ao seu modo de vida e às fadigas e exposição às intempéries, que suportam.

Alguns, que eu vi em casa dos negociantes, eram tão bem conformados e tão perfeitos, como quaisquer outros de outras tribos.

Os *coretus* são uma tribo que habita a região próxima ao rio Apaporis, entre o Japurá e o Uaupés.

Encontrei alguns índios desta tribo no rio Negro, e a única peculiaridade, que neles observei, era que as maçãs do rosto eram um tanto mais proeminentes do que geralmente se vêem.

Deles e de um índio *içana*, que os tinha visitado, obtive algumas informações a respeito dos seus costumes.

Usam cabelo longo, como os do Uaupés, e, como as deste, as suas mulheres andam completamente nuas.

Pintam o corpo, porém não fazem tatuagens.

As suas casas são grandes e circulares, com paredes de folhas de palmeira e com uma alta cobertura, armada em formato cônico (como algumas cobertas de chaminés) em sua parte superior, de modo poder a fumaça escapar-se, transpondo-a aos saltos, sem permitir a entrada da chuva.

Não vagueiam pelos arredores, residindo em pequenas aldeias permanentes, governadas por um chefe.

Dizem que têm vida longa e são muito pacíficas, nunca querelando ou fazendo guerra com as outras tribos.

Os homens têm apenas uma mulher.

Não há entre eles *pajés* ou sacerdotes.

Eles não têm nenhuma idéia de um ser supremo.

Cultivam mandioca, milho e alguns frutos, alimentando-se mais de caça do que mesmo de peixes.

Entre eles ainda não esteve nenhum homem civilizado.

Desta sorte, desconhecem certos usos, como o do sal, e de ferramentas de ferro têm apenas um escasso sortimento.

Obtêm o fogo por fricção de pedaços de madeira.

Dizem também que ainda diferem da maior parte das outras tribos, por não fazerem uso de bebidas intoxicantes.

A sua língua é cheia de sons duros e aspirados, aliando-se, algum tanto, à dos *tucanos* e *cobeús*, entre os *uaupés*.

No curso inferior do Japurá, residem os *uaenambeus*, ou índios beija-flores.¹⁹¹

191 Beija-flor, no tupi amazônico, tem as formas *inami*, *inambi*, *uainumã* e *uainambi*. Veja-se Stradelli, ob. cit., pág. 127.

Encontrei alguns deles no rio Negro e obtive algumas informações quanto aos seus costumes e à sua língua.

Em certas particularidades, estes índios muito se parecem com os da tribo anteriormente referida, particularmente no que diz respeito às suas moradas, que são circulares, à sua alimentação e ao seu modo de vida.

Como aqueles, trançam as fibras das folhas da palmeira *tucum* (*Astrocaryum vulgare*), para tecerem as suas redes, enquanto os índios *uanpés* e *içanas* usam sempre, para esse mesmo propósito, a folha da palmeira *miriti* (*Mauritia flexuosa*).

Distinguem-se ainda de outras tribos, por uma pequena marca azul, que fazem no lábio superior.

Os homens têm de uma a quatro mulheres.

As mulheres cobrem-se sempre com um pequeno avental, trançado de cascas de árvore.

Intimamente aliados a estes, vêm em seguida os *juris*, do Solimões, entre o Içá e o Japurá.

Alguns deles têm emigrado para o rio Negro, onde se tornaram em parte civilizados, fixando-se ali.

Eles ainda se notabilizam pelo costume de fazer tatuagens, em forma de círculo (não em quadrado, como se vê na gravura do livro do dr. Prichard) em torno da boca, ficando assim muito perfeitamente parecidos com os sagüis de boca negra (*Callithrix sciurens*).

Por este motivo é que são chamados comumente de *juripixunas* (“juris-negros”), ou, pelos brasileiros, “bocas-pretas” (*bocas negras*).¹⁹²

Desta singularidade, em consequência têm surgido erros e confusões a respeito deles.

Em alguns mapas, encontramos a nota “Juris, negros de cabelo anelado.”

Eles pelo contrário são índios puros e têm o cabelo liso.

São ótimos trabalhadores, não só no manejo de canoas, mas também em misteres agrícolas.

192 “Bocapreitos”, no original.

São os índios mais hábeis e mais peritos no uso da zarabatana ou tubo de assopro.

Próximos a estes índios estão os *miranbas*, que são canibais.

Em seguida, vêm os *ximanas* e *cauxanas*, que trucidam todos os seus primogênitos.

Entre o alto Amazonas, o Guaviare e os Andes, de fato, existe uma região tão extensa, como a Inglaterra, cujos habitantes são ainda inteiramente incivilizados e desconhecidos.

Na margem meridional do Amazonas, existe também, entre os rios Madeira e Ucaiáli, estirando-se em direção aos Andes do Peru e da Bolívia, um trato de terreno muito maior, coberto de desconhecidas florestas virgens, e que não é habitado ainda por um único homem civilizado.

Ali residem numerosas tribos da nativa raça americana, conhecidas somente pelas informações das tribos vizinhas, e que fazem a comunicação e comércio entre elas e os negociantes dos grandes rios.

Um dos rios mais conhecidos e melhor freqüentados desse grande trato de terras é o Purus, cuja barra fica a curta distância acima do rio Negro e cujas cabeceiras não se alcançam senão com três meses de viagem.

Dos índios que se encontram nas margens daquele rio, conseguiu também obter algumas informações.

Cinco são as tribos ali conhecidas dos negociantes:

1) Os *muras*, que ficam a sessenta dias de viagem rio acima, desde a sua barra;

2) Os *purupurus*, trinta dias de viagem também, rio acima;

3) Os *catauxis*, na mesma zona dos *purupurus*, porém que estão localizados nos *igarapés* e lagos do interior;

4) Os *jamamaris*, no interior da margem ocidental;

5) Os *jubiris*, nas margens dos rios acima dos *purupurus*.

Os *muras* são uma raça um tanto robusta, têm muito mais barba, em relação a outros índios, e o seu cabelo ligeiramente crespo e on-deado.

Primitivamente, andavam todos nus; agora, porém, os homens já vestem calças e camisas, e as mulheres usam aventais.

As suas casas grupam-se muito próximas umas das outras, em pequenas aldeias, e não são mais do que uma simples cobertura de folhas de palmeiras, suportada por esteios

Muito raramente eles se dão ao trabalho de construir quaisquer paredes.

Não trançam redes.

Para dormir, deitam-se sobre cômodos de cascas de uma árvore chamada “embira”.¹⁹³

Os mais civilizados, entretanto, já compram dos negociantes as redes feitas por índios de outras tribos.

Excepcionalmente, fazem algumas vezes pequenas plantações de mandioca; mas, em geral, alimentam-se de frutos silvestres, bem como da carne de peixe e de caça.

O seu alimento é quase que inteiramente fornecido pelos rios, pois o principal é a carne do *Manatus* ou peixe-boi, que é tão boa como a carne de vaca; comem também tartarugas e peixes de várias espécies, que se encontram abundantemente ali.

E, levando assim a sua vida, os negociantes costumam dizer que não há gente que passe melhor do que os *muras*, por causa desse modo de existência.

Por isso mesmo, não precisam de zarabatanas, as quais não sabem fazer.

Todavia, constroem boas canoas e têm uma grande variedade de arcos e flechas.

Presentemente já cortam o cabelo.

Os índios mais velhos ainda conservam os buracos do lábio inferior, onde prendem uma tabuinha.

Este costume, porém, já está desaparecendo entre eles.

Cada homem tem duas ou três mulheres.

Não há cerimônia especial nos seus casamentos.

193 No original, “invira”. Stradelli (ob. cit., pág. 441) admite as duas formas *embyra* e *envira*; preferimos a primeira, *embira*, por ser mais usual.

Enterram os mortos, algumas vezes, nas próprias casas; mais comumente, porém, sepultam-nos fora; e todos os objetos pertencentes ao morto são postos em sua cova.

As mulheres usam cintas e braceletes de contas.

Os homens enfileiram em cordões as sementes da árvore de borracha, que amarram nas pernas, quando dançam.

Cada aldeia tem o seu *tuxana*.

A sucessão é hereditária, porém os poderes do chefe são muito limitados.

Eles têm *pajés*, aos quais dão muito crédito; têm medo deles e julgam mesmo que são muito sábios.

Pelos seus serviços, tais sacerdotes são bem remunerados, recebendo boas recompensas.

Estes índios, primitivamente, foram muito guerreiros, e chegaram mesmo a fazer ataques aos europeus.

Atualmente, entretanto, são muito mansos e pacíficos. De todos os índios, são estes os mais hábeis para matar tartarugas e peixes, e também para pegar o peixe-boi.

Entre eles, ainda se conserva e se fala a sua própria e primitiva língua; mas compreendem a língua geral.

Os negociantes brancos deles adquirem salsaparrilha, óleo de ovos de tartaruga e de peixe-boi, castanhas, estopa feita da casca da castanheira mais tenra (*Bertholletia excelsa*), e que é largamente empregada na calafetação de canoas.

Em troca desses produtos, recebem tecidos de algodão, arpões, farpas, anzóis, contas, facas e facões.

A tribo que se segue é a dos *purupurus*; estes índios são, em muitos respeitos, de costumes peculiares e diferem notavelmente em seus hábitos das demais tribos que temos descrito até aqui.

Denominam-se *pamouris*, porém os brasileiros os chamam sempre de *purupurus*.

Este vocábulo aplica-se também a uma determinada doença, da qual quase todos os índios desta tribo são afligidos.

Tal doença consiste no aparecimento de umas manchas e pústulas, que se espalham por todas as partes do corpo, e que são de uma cor esbranquiçada ou amarela, ou, então, mais ou menos negra, de tamanhos e formas irregulares, e tendo um aspecto muito desagradável.

Quando ainda jovens, a sua pele é clara; porém, quando se tornam mais crescidos, a pele fica-lhes mais ou menos manchada.

Outros índios, de outras tribos, são também atacados por essa doença; e, quando afligidos pela dita moléstia, diz-se que eles têm o *purupuru*.

Não se sabe se a doença é assim denominada pelos índios que mais são atacados por ela, ou se os índios é que são assim apelidados, por causa da moléstia.

Dizem alguns que a palavra é portuguesa.

Quanto a isso, entretanto parece que há um engano.

Os *purupurus*, homens e mulheres, vivem completamente nus.

As suas casas são construídas rudimentarmente.

Em geral, são semicilíndricas, como as dos nossos ciganos, mas tão pequenas, que podem armar-se nos bancos de areia ou transportar-se facilmente, em suas canoas, em qualquer ocasião que desejarem mudar-se ou mover-se para outro lugar.

As suas canoas, por sua vez, são também de construção muito rudimentar, tendo o fundo chato e os lados perpendiculares: uma simples caixa quadrada.

Estas canoas diferem completamente das que são usadas e feitas por todos os outros índios.

Mas o que mais os distingue dos outros índios, entretanto, é que não usam nem zarabatanas, nem arcos, nem flechas.

Em sua substituição, têm um instrumento chamado “palheta”, que é uma peça de madeira, com uma saliência na extremidade, para segurar a seta, a parte mediana da qual é mantida pela mão unida com a superfície da “palheta”.

A seta é então arremetida, como se fosse por uma funda.

Eles têm surpreendente destreza no manejo dessa arma.

Matam caça e pássaros facilmente, atirando por essa maneira as suas setas.

Cultivam poucos frutos, sendo os principais inhames e bananas.

Raramente cultivam a mandioca.

Para cozinhar os alimentos, fazem panelas de barro.

Em suas choças, dormem sobre areia das praias; não tecem redes, nem vestuário de espécie alguma.

Não fazem também uso do fogo em suas cabanas, que são pequenas demais.

Aquecem-se à noite, dormindo aglomerados. Fazem muitos furos; no lábio superior, no septo nasal e nas orelhas.

Por ocasião de festividades, inserem nesses buracos pedaços de madeira, de seis a oito polegadas de comprimento; mas, em outras ocasiões, colocam pedaços menores a fim de conservá-los abertos.

Na estação das águas, quando as praias e margens dos rios estão todas inundadas, constroem jangadas ou balsas de troncos de árvore, que são amarrados uns aos outros com cipós.

Nessas jangadas, então, erigem as suas choças. Ali moram, até que as águas baixem de novo, quando então encaminham as suas balsas para a primeira praia arenosa que lhes aparecer.

Pouco se lhes sabe dos costumes, vida doméstica e superstições.

Os homens têm cada qual uma mulher.

Os seus mortos são enterrados nas praias arenosas.

Não se sabe se eles têm *pajés*.

Poucas famílias somente é que vivem juntas, em pequenas aldeias nômades, tendo cada uma delas o seu *tuxana*.

Às vezes, fazem festivais e danças.

Nessas ocasiões, preparam bebidas intoxicantes, de frutos das selvas.

Divertem-se com rudes instrumentos musicais, feitos de caniço e de ossos.

Não fazem uso do sal, e em suas transações preferem receber anzóis, facas, colares e farinha, em troca de salsaparrilha e de óleo de tartaruga, que vendem aos comerciantes.

A curiosa doença, a que estes selvagens estão sujeitos, não lhes será causada pelo hábito de dormir, constantemente nus, sobre a areia, em vez de o fazerem em redes limpas, arejadas e confortáveis, como as que são geralmente usadas por quase todas as outras tribos de índios desta parte da América do Sul?

Os *catanixis*, bem que seus vizinhos imediatos, são muito diferentes dos *purupurus*.

Possuem moradas permanentes, cultivam mandioca, dormem em redes e têm a pele clara.

Vivem nus, como aqueles outros, mas não furam o nariz, os lábios e as orelhas.

Colocam uns anéis, trançados de cabelo, nos braços e nas pernas.

Usam arcos e flechas, bem como zarabatanas, e fazem a *ervadura* ou veneno *ururi*.

As canoas são feitas de cascas de árvores, tiradas inteiras dos troncos.

Alimentam-se principalmente da caça da floresta, anta, macacos e aves das maiores.

São, contudo, canibais, pois matam e comem os índios de outras tribos, que possam encontrar e vencer.

Preservam a carne, enfumaçando-a e secando-a.

O Sr. Domingos, um negociante português do alto Purus, informou-me que, de uma feita, se encontrou com um grupo destes índios, os quais lhe apalpam a barriga e as costelas, como um carnicheiro faria a um carneiro, e conversaram muito uns com os outros, dando a perceber que ele estava gordo e bom para ser comido.

Dos *jamamaris*, não tenho informações seguras; sabe-se, contudo, que muito se parecem com os *purupurus*, por causa de seus hábitos e pelo seu modo de vida.

Como estes últimos, têm os corpos manchados e mosqueados, embora isso não seja em tão grande extensão.

Na região entre os rios Tapajós e Madeira, no labirinto formado pelos lagos e canais da grande ilha de Tupinambarana,¹⁹⁴ moram os índios *mundurucus*, que são os mais guerreiros da Amazônia. Constituem, assim o creio, a única nação perfeitamente tatuada da América do Sul: as suas tatuagens estendem-se-lhes por todo o corpo; fazem-nas, picando a pele com a ponta de um espinho da palmeira *pupunha*, esfregando nelas, em seguida, a fuligem de breu queimado, a qual produz uma indelével tinta de cor azulada.

Constroem as cabanas com paredes de barro, em aldeias regulares.

Em cada aldeia, há uma grande casa, que serve de quartel ou de fortaleza, onde todos os homens passam a noite, armados de arco e flecha, prontos para qualquer emergência, em caso de alarme.

Tal casa tem em derredor, pelo lado de dentro, cabeças secas dos inimigos que abateram.

Enfumaçam e secam as cabeças, preservando-as, de modo que elas guardam, do modo mais perfeito possível, as feições e os cabelos.

Fazem guerra, todos os anos, à tribo vizinha, os *parintintins*,¹⁹⁵ para tomar-lhes as mulheres e as crianças, que são conservadas como escravas.

Preservam somente as cabeças dos homens.

Fazem boas canoas e tecem boas redes.

Vivem principalmente da caça, porém são muito dados à agricultura, fazem farinha em grande quantidade e plantam muitas árvores frutíferas.

Cada homem tem a sua mulher e cada aldeia o seu chefe.

O cravo, ou noz-moscada silvestre, e a farinha que fabricam, constituem os principais artigos do seu comércio.

Em troca das mesmas, recebem tecidos de algodão, ferramentas, sal, colares, etc.

194 No original, “island of the tupinambaranos”. Como, porém, se pode ler em “Amazonia” (pág. 257), de Lino de Macedo, a ilha é *Tupinambarana*, só se empregando o plural para o curso de água, o qual é chamado “rio Tupinambaranas”.

195 O autor grafa *parentintins*. A propósito desses índios, veja-se “A pacificação dos parintintins” (Rio, 1825), de Joaquim Gondim.

No rio Branco, há também numerosas tribos, e dizem que em algumas se pratica a circuncisão.

Outras tribos, perto das cabeceiras do Tapajós, fazem as meninas submeter-se à mesma cruel prova, que já descrevi, e que é comum aos índios *uaupés* e *içanas*.

Na margem setentrional do rio Negro, há ainda muitas tribos incivilizadas, e, além disso, muito pouco conhecidas.

Na margem meridional, os *manaus* eram primitivamente constituídos em uma nação muito numerosa.

Parece ter sido dessa tribo que se originaram várias lendas de imaginárias riquezas, logo após a descoberta da América.

Atualmente, estão todos civilizados, e o seu sangue acha-se mesclado com o de algumas das principais famílias do Pará.

Dizem que ainda se conserva a sua língua, sendo falada pelas pessoas mais idosas.

Não tive, entretanto, a fortuna de encontrar qualquer um que soubesse compreendê-la.

Um dos fatos mais singulares, que se ligam a esses índios do Amazonas, é a semelhança que existe entre os seus costumes e os de outras nações muito remotas.

A zarabatana, ou tubo de assopro, reaparece no *sumpitan* de Bornéu, e as grandes casas dos *uaupés* muito se parecem com as dos *dyaks*, da mesma região; por outro lado, muitos cestos pequenos e vários outros artefatos de bambu, feitos pelos nativos de Bornéu e Nova-Guiné, são tão parecidos, não só pelo formato, como também pela manufatura, com os do Amazonas, que fazem crer sejam pertencentes a tribos vizinhas.

Assim também os *mundurucus*, como os *dyaks*, cortam as cabeças dos inimigos, secam-nas na fumaça, conservando-lhes com igual cuidado a pele e os cabelos, e dependuram-nas em derredor de suas cabanas.

Na Austrália, também é empregada a seta de arremesso. Encontra-se em um dos remotos tributários do Amazonas uma tribo de índios, a qual difere de todas as outras que lhe são vizinhas. Pois nessa tribo o arco é substituído por outra arma, que somente se vê em outra

afastadíssima região da terra, entre outros indígenas que, por sua vez, dela diferem em todos os seus característicos físicos.

É necessário, portanto, obter maior cópia de informações sobre tal assunto, antes que se possa aventurar a decidir se tais semelhanças denotam quaisquer remotas ligações entre tais nações ou se serão apenas meras coincidências ocidentais, oriundas das mesmas necessidades, e atuando sobre povos sujeitos às mesmas condições climáticas, ou que, então, igualmente, ainda se encontram em um estado inferior de civilização.

Este aspecto oferece outro interesse para largas especulações por parte do etnógrafo.

A principal feição do caráter pessoal dos índios desta parte da América do Sul está no seu alto grau de desconfiança, na sua timidez ou na sua frieza, que demonstram em todas as suas ações.

É isso que os faz aparentar aquela calma nas suas reflexões, aqueles seus longos rodeios, antes de entrarem em um assunto qualquer, porém sobre o qual desejam falar.

Desta sorte, vão palestrando meia hora sobre diferentes tópicos, antes que toquem propriamente no assunto de que desejam tratar.

Devido a esses sentimentos, eles, quando contrariados nos seus propósitos, preferem ir-se embora, em vez de queixar-se; nunca, entretanto, se recusam a responder a que se lhes pergunta, ainda mesmo que sejam incapazes para isso ou não desejem fazê-lo.

É essa mesma esquisitice que faz com que os homens nunca dêem demonstração de qualquer sentimento, quer num encontro, quer numa separação.

Grande, contudo, é a afeição que têm pelos filhos, dos quais nunca se apartam; e ninguém consegue induzi-los a isto, ainda mesmo que seja para um tempo muito curto.

Difícilmente querelam entre si; são capazes das mais árduas tarefas; e submetem-se de boa vontade à autoridade.

São engenhosos e hábeis trabalhadores; e prontamente adotam todos os costumes da vida civilizada, que venham a ser introduzidos entre eles.

Por meio de uma educação adequada e de uma boa orientação, poderão eles, talvez, transformar-se numa comunidade pacífica e civilizada.

Essa transformação, todavia, talvez nunca venha a dar-se.

É que eles se acham expostos à influência do menosprezo da sociedade brasileira, e, por muitos anos ainda provavelmente, ficarão reduzidos às mesmas condições dos outros índios semicivilizados da região.

E estes últimos, ao que parece, perderam os bons predicados da sua vida selvagem e ganharam, em troca, somente os vícios da civilização.

.....

Apêndice
sobre as inscrições do Amazonas

COMO intimamente ligadas aos idiomas dessas tribos, faremos ainda algumas ligeiras referências às inscrições, nome dado geralmente aos curiosos desenhos, feitos sobre os rochedos que se encontram em todo o vale do Amazonas.

Eu as vi, pela primeira vez, nas serras de Monte-Alegre, e estas acham-se descritas em meu diário.¹⁹⁶

Estas diferem de todas as outras que vi depois, porque são pintadas, raspando-se uma substância de cor vermelha sobre a rocha, e não entalhadas, como a maior parte das outras que se me depararam mais tarde.

Acham-se localizadas a considerável distância de qualquer rio e estão desenhadas bem no alto dos rochedos.

As outras, encontrei-as nos baixios do Amazonas, esculpidas em rochedos que são atingidos pelas águas, por ocasião das cheias, pouco abaixo da pequena povoação de Serpa. Estas inscrições eram, pela maior parte, representações de efigies humanas, rudemente entalhadas sobre a rocha dura, e já estavam apagadas e enegrecidas pelos depósitos de limo das águas do Amazonas, como sucede também com as que se encontram no Orenoco.

196 O autor manda ver a pág. 104 da 2ª edição das suas “Travels on the Amazon and rio Negro”, a qual corresponde à pág. 183 desta tradução.

De outra feita, encontrei-as na barra do rio Branco, em um rochedo que forma pequena ilha no meio do rio; vêem-se nelas inúmeras representações de figuras humanas e de animais, de tamanho regular, esculpidas em duríssima rocha de granito.

Perto de Santa-Isabel, de São-José e de Castanheiro, há mais algumas dessas inscrições, tendo eu visto mais outras no alto rio Negro, na Venezuela.

Fiz de todas elas cuidadosas cópias, que, infelizmente, se perderam.

No rio Uaupés, também tais figuras são muito numerosas, e só destas foi que consegui salvar os esquemas.

Elas são rudes representações de utensílios domésticos, canoas, animais e corpos humanos, bem como círculos, quadrados e outras formas geométricas regulares.

Todas são entalhadas em duríssimas rochas de granito.

Algumas estão acima e outras abaixo do nível das mais altas cheias; muitas acham-se cobertas de líquens, mas, mesmo assim, ainda são bem visíveis (estampas XVI e XVII).

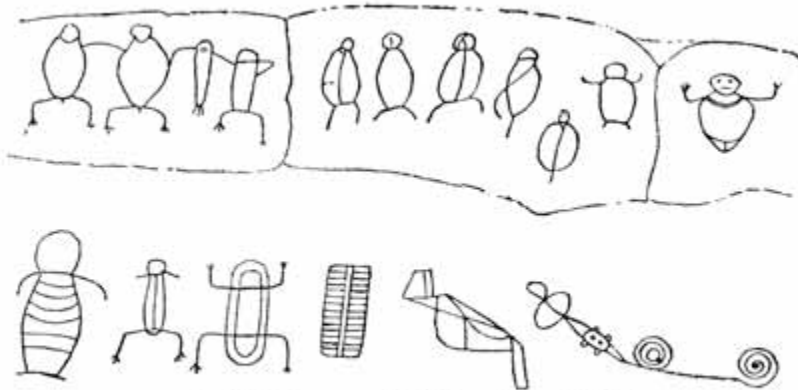
Se elas têm um significado qualquer para aqueles que as executaram, ou se são simplesmente as primeiras tentativas de uma arte rudimentar, criada somente pela fantasia, ninguém o sabe, e agora é impossível desvendá-lo.

É fora de dúvida, contudo, que são bem antigas, e não foram executadas pelas atuais gerações de índios.

Mesmo entre as tribos mais incivilizadas, onde tais inscrições também se encontram, os índios não têm qualquer lembrança da origem delas, e, quando perguntados sobre esse assunto, dizem que não sabem, ou que supõem que foram os espíritos que as fizeram.

Muitos negociantes portugueses e brasileiros insistem em dizer que elas são obras da natureza, ou, melhor, empregando as suas próprias palavras: “Deus as fez.” E, ante qualquer objeção que se lhes faça, eles triunfalmente perguntam: “E Deus não era capaz de fazê-las?”

Na verdade, eles, na sua maioria, são incapazes de fazer qualquer distinção entre tais inscrições e os legítimos traços e veios naturais, que freqüentemente se encontram nos rochedos.



Estampa XVI – Inscrições indígenas em rochedos de granito, no rio Uaupés

Viagens pelo Amazonas e Rio Negro, de Alfred Russel
Wallace, foi composto em Garamond, corpo 12, e impresso em
papel vergê areia 85g/m², nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial
de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se
de imprimir em setembro de 2004, de acordo com o programa
editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do
Senado Federal.